



Narrativas de *Regionalidade*

Itinerários de um pensamento projectual em Arquitectura
na contemporaneidade portuguesa

Doutoramento em Arquitectura

Especialidade de Teoria e Prática do Projecto

Nuno Miguel Pereira Coelho da Silva Seabra

Orientação científica

Doutor Jorge Manuel Fava Spencer,

Professor Associado da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa;

Doutor Ricardo do Canto Moniz Zúquete,

Professor Associado da Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

Constituição do Júri

Presidente:

Doutor Fernando José Carneiro Moreira da Silva,

Professor Catedrático, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Vogais:

Doutor Jorge Manuel Fava Spencer,

Professor Associado, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa;

Doutor João Paulo Vergueiro Monteiro de Sá Cardielos,

Professor Auxiliar, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra;

Doutor Michel Toussaint Alves Pereira,

Professor Auxiliar, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa;

Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias,

Professor Auxiliar, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa;

Doutora Marta Lalandia Prista,

Investigadora no Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Especialista.

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor

Documento definitivo

Julho, 2015



Narrativas de *Regionalidade*

Itinerários de um pensamento projectual em
Arquitectura na contemporaneidade portuguesa

Doutoramento em Arquitectura

Especialidade de Teoria e Prática do Projecto

Nuno Miguel Pereira Coelho da Silva Seabra

Orientação científica

Doutor Jorge Manuel Fava Spencer,

Professor Associado da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa;

Doutor Ricardo do Canto Moniz Zúquete,

Professor Associado da Faculdade de Arquitectura e Artes
da Universidade Lusíada de Lisboa.

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor

Documento definitivo

Julho, 2015



Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT): Bolsa de Doutoramento SFRH/BD/66167/2009, sendo desenvolvido no Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD) na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Resumo e palavras-chave

A presente investigação visa analisar a singularidade de um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa. Perante o crescente fenómeno da Globalização, torna-se evidente, numa produção arquitectónica recente, uma tendência para a dissolução de referências particulares (*e.g.*, históricas, culturais, locais, regionais) em prol de valores universais. Contudo, reconhece-se um pensamento projectual que se institui numa mediação entre o particular e o universal. Própria de um sincretismo, a condição resultante dessa mediação, aqui nomeada como *Regionalidade*, será determinada a partir de um modelo de observação construído a partir da teoria-crítica resultante do Regionalismo Crítico em diferentes itinerários. Em tempos distintos, mas complementares – um longo e outro recente –, a investigação propõe uma narrativa que advém, num primeiro itinerário, da clarificação da teoria-crítica do modelo de observação considerado e, num segundo, por meio da aplicação desse modelo à contemporaneidade portuguesa, em particular à Arquitectura doméstica, da identificação de relatos próprios de *Regionalidade*. Desvelados, coligidos e subsequentemente integrados historiograficamente, esses relatos ajustarão uma narrativa acerca do lastro, da vitalidade e da oportunidade na actualidade de *Regionalidade* como chave de interpretação para um pensamento projectual português em Arquitectura.

Regionalidade – Região – Regionalismo – Particular-Universal – Regionalismo Crítico – Pensamento projectual – Identidade projectual – Arquitectura portuguesa

Abstract and keywords

This research aims to examine the uniqueness of Portuguese contemporary architectural design thinking. Faced with the growing phenomenon of Globalisation, a trend for the dissolution of particular references – specifically the historical, cultural, local and regional references – in support of universal values becomes evident in a recent architectural production. However, the recognition of architectural design thinking singularity persists. Itself a syncretism – a mediation between the particular and the universal –, here named Regionality, will be detailed through an observation model built from the critical theory of Critical Regionalism in different itineraries. In two distinct but complementary moments, one in a distant and the other in a more recent time, this research proposes a narrative through, firstly, an itinerary of clarifying the critical theory observation model, and, in a second itinerary, the applicability of the observation model to contemporaneity, particularly in the field of portuguese domestic architecture, thus highlighting chronicles of Regionality. Unveiled, collected and subsequently historiographically integrated, these chronicles will set a narrative about the foundation, the vitality and present opportunity of Regionality as the key to interpret design thinking, specifically for a Portuguese architecture.

Regionality – Region – Regionalism – Particular-Universal – Critical Regionalism – Architectural Design Thinking – Design Thinking identity – Portuguese Architecture

À Alice.
Ao Balthazar.

Agradecimentos

A realização do presente trabalho só foi possível graças à colaboração de pessoas e de entidades a quem não posso deixar de manifestar o meu profundo reconhecimento.

Ao Professor Doutor Arquitecto Jorge Manuel Fava Spencer e ao Professor Doutor Arquitecto Ricardo José do Canto Moniz Zúquete, pelo facto de terem aceiteado a orientação científica desta investigação, pelo acompanhamento do seu desenvolvimento, pelo rigor das observações, pelos conselhos e, sobretudo, pela palavra amiga e sempre motivadora ao longo destes últimos anos.

A Alexander Tzonis, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, Anthony Alfonsi, António Leal, João Leal, Luiz Cunha, Kenneth Frampton, Manuel Mendes, Nuno Teotónio Pereira e Sérgio Fernandez pela disponibilidade em discutir os temas desta investigação.

Aos meus colegas docentes da Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa e aos meus colegas do Curso de Doutoramento da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, em particular ao João Miguel Duarte, à Paula Torgal e ao Carlos Bártolo que partilharam quase diariamente as angústias e as alegrias deste trabalho. À Rosa Rodrigues pela revisão final do texto deste documento.

Aos ‘meus’ alunos: os que acompanharam directamente este percurso contínuo formativo; a todos os outros que acompanharam gradualmente, ano lectivo após ano lectivo, a efectivação da hipótese aqui considerada. Dedico esta investigação a todos vós.

Às instituições depositárias dos espólios e dos arquivos de Arquitectos.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) pelo financiamento através da Bolsa de Doutoramento SFRH/BD/66167/2009.

À Márcia Patrícia Ferreira da Silva, mãe dos meus filhos, pelo apoio, partilha e, nomeadamente, compreensão que sempre demonstrou em todos os dias deste longo processo de investigação.

À minha família presente e não presente. Sem ordem de importância, aos meus pais, avós e irmão, pelo apoio e motivação incondicional para levar este projecto à sua concretização.

Por fim, mas sempre em primeiro lugar, ao Balthazar e à Alice, meus filhos (e também desta investigação – nascidos no decorrer do seu desenvolvimento) pela paciência diariamente sentida, na espera do retorno a casa – depois de mais um dia passado a “desenhar o livro”¹ –, para poderem brincar com o pai.

A todos o meu profundo agradecimento.

¹ Expressão utilizada pelo Balthazar no sentido de ilustrar o processo da redacção final da investigação.

Índice

Resumo e palavras-chave.....	iii
<i>Abstract and keywords</i>	iv
Agradecimentos.....	vii
Índice de ilustrações: imagens, figuras e diagramas.....	xi
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos.....	xv
Introdução.....	19
Tema e pergunta de partida.....	19
Problema, hipóteses e objectivos.....	26
Metodologia.....	28
Apresentação temática por capítulos.....	30
Critérios normativos.....	34
Parte I.....	37
Da Região.....	37
Considerações prévias.....	39
1. Região, <i>Regionalidade</i> e Regionalismo.....	40
1.1. Região.....	40
1.2. <i>Regionalidade</i>	54
1.3. Regionalismo.....	59
Conclusões parciais.....	73
Parte II.....	75
Por um modelo teórico-crítico.....	75
Considerações prévias.....	77
1. Regionalismo: um modelo teórico-crítico de observação.....	79
1.1. Da “grelha” e do “itinerário”.....	79
1.2. Do Universal e do Particular: por um sincretismo.....	101
1.3. Da “Civilização Universal” e das “Culturas Nacionais”.....	117
1.4. A “Resistência da Forma-do-Lugar”.....	126
2. Da operatividade da teoria-crítica.....	143
2.1. A instrumentalidade da Forma-do-Lugar.....	143
2.2. Familiar e estranho: da desfamiliarização.....	149
Conclusões parciais.....	157
Parte III.....	159
Itinerários de <i>Regionalidade</i>	159
Considerações prévias.....	161
1. Uma <i>Regionalidade</i> latente?.....	165
1.1. Antecedentes: o de ‘lá de fora’ e o de ‘cá de dentro’.....	165

1.2. “Typo” português ou por uma Casa Portuguesa.....	176
2. Por uma <i>Regionalidade</i>	209
2.1. Da invenção da Arquitectura portuguesa (?).....	209
2.2. Da “síntese” ou da afirmação de uma condição de <i>Regionalidade</i>	235
Conclusões parciais.....	250
Considerações finais.....	253
Ainda uma <i>Regionalidade</i> ?	253
Bibliografia e outros recursos.....	265
Espólios e arquivos.....	265
Artigos, ensaios e monografias internacionais.....	265
Artigos, ensaios e monografias nacionais.....	280
Catálogos.....	307
Dicionários.....	309
Dissertações.....	309
Recursos electrónicos.....	311
Índice onomástico.....	317
Anexo.....	323
Entrevistas.....	323
a. Álvaro Siza Vieira.....	327
b. Luiz Cunha.....	335
c. Carlos Duarte.....	341
d. Kenneth Frampton	359

Índice de ilustrações: imagens, figuras e diagramas

Ilustração 1	- ALOFSIN, Anthony, LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Die Frage des Regionalismus. In: ANDRITZKY, Michael, BURCKHARDT, Lucius, HOFFMANN, Ot (eds.) - <i>Für eine andere Architektur: Bauen mit der Natur und in der Region</i> , vol. 1. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1981, pp. 121-134 (artigo cortesia de Alexander Tzonis)	81
Ilustração 2	- <i>Architecture in Greece</i> , n.º 15, 1981 (capa)	83
Ilustração 3	- Axonometria do Museu de Chios (1965). LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. In: <i>Architecture in Greece</i> , n.º 15, 1981, p. 167.....	86
Ilustração 4	- Planta geral do percurso pedestre do Monte Philopappos (1954-1957), adjacente à Acrópole de Atenas. © Benaki Museum - Neohellenic Architecture Archives ANA_67_55_38	91
	Disponível em: http://tinyurl.com/mrxlumc Acesso: 21 Fev. 2012.	
Ilustração 5	- Aris Constantinidis. Casa em Anavyssos, Grécia (1962-1964). LEATHERBARROW, David - <i>Uncommon Ground: Architecture, technology and topography</i> . Cambridge: The MIT Press, 2000, p. 215.....	93
Ilustração 6	- <i>The New Yorker</i> , 23, 10 de Outubro de 1947 (capa)	105
Ilustração 7	- <i>What Is Happening to Modern Architecture? A Symposium at the Museum of Modern Art</i> . In: The Bulletin of the New York Museum of Modern Art, vol. XV, nº. 3 (Spring), 1948 (capa, p. 1)	114
Ilustração 8	- PAPADAKIS, Andrea C. (editor), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - Modern architecture and the critical present. In: <i>A.D. Architectural Design</i> , volume 52, mês 7/8, 1982 (capa)	118
Ilustração 9	- Obras de A. Siza Vieira. In: PAPADAKIS, Andrea C. (editor), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - Modern architecture and the critical present. In: <i>A.D., Architectural Design</i> , volume 52, mês 7/8, 1982, p. 80	123
Ilustração 10	- Igreja de Bagsværd (1968-1976), Copenhaga de Jørn Utzon. Estudos: cortes longitudinais	130
	Disponível em (respectivamente): http://www.utzon-archives.aau.dk/drawings/bagsvaerd-kirke/BKI_0009_0001_00.png.html http://www.utzon-archives.aau.dk/drawings/bagsvaerd-kirke/BAGSVAERD+KIRKE_D15_001.png.html	

Ilustração 11	- FIGUEIREDO, José de - <i>PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE PARIS</i> . Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1901 (capa)	177
Ilustração 12	- NEVES, Henrique das - A Cava de Viriato. Notícia Descritiva e Crítico-Histórica: com um appendice a proposito dos Moinhos do Pintor, subsídio para a questão da existência de Grão Vasco. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana, 1893 (capa)	180
Ilustração 13	- PEIXOTO, Rocha - A casa portuguesa, terceira parte. In: <i>Serões. Revista mensal ilustrada</i> , vol. 1, n.º 3, 2.ª Série, Set. 1905, p. 319	189
Ilustração 14	- IGNOTUS - Casa do Ex. ^{mo} Sr. Manoel OTTOLINI no Bairro Herédia (Estrada de Bemfica). In: <i>A Architectura Portuguesa</i> , ano VI, n.º 11, Nov. de 1913, p. 41.....	194
Ilustração 15	- LINO, Raul - <i>A nossa casa. Apointamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples</i> . Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, 1918, pp. 32-33	199
Ilustração 16	- <i>Arquitectura</i> , Ano III/Vol. II, n.º 17, Nov. de 1929 (capa)	200
Ilustração 17	- LINO, Raul – A Casa Portuguesa. In: <i>Ilustração</i> , Ano I, n.º 1, Lisboa 1929, p. 24	203
Ilustração 18	- LINO, Raul - <i>A Casa Portuguesa. Edição do Comissariado-Geral da Exposição de Sevilha</i> . Lisboa: Imprensa Nacional, 1929, pp. 8-9	204
Ilustração 19	- LINO, Raul [1933] - <i>Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples</i> . 8ª edição. Lisboa: Edições Cotovia, 1992 (capa)...	205
Ilustração 20	- [SNI] - <i>Aldeias Portuguesas na Exposição do Mundo Português</i> . Guia Oficial. Lisboa: [Edições do SNI], 1940 (capa e páginas interiores – Trás-os-Montes e Algarve)	215
	Disponível em: http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/05/exposicao-do-mundo-portugues-3.html Acesso em: 14 Abr. 2012.	
Ilustração 21	- LOPES, Carlos da Silva - A tradição na Arquitectura e o ambiente regional: Os três estilos, pobre, mediano e rico, característicos da nossa casa solarenga, em cujo pitoresco sóbrio e em cuja austera simplicidade deve inspirar-se o moderno. In: <i>ALEO. Boletim das Edições Gama</i> , n.º. 5, Série IV, Ano IV, Lisboa Out. de 1945, pp. 8-9 (esq.) e [TÁVORA, Fernando Luís / F.L.] - O Problema da Casa Portuguesa. In: <i>ALEO. Boletim das Edições Gama</i> , n.º 5, série IV, ano IV, Lisboa 10 de Nov. de 1945, p. 10 (dir.)	222
Ilustração 22	- Manuscrito de Fernando Távora para “O Problema da Casa Portuguesa” de 1947. TÁVORA, Fernando (1947). In: MENDES, Manuel (coord. editorial) - <i>Fernando Távora, Minha Casa. Uma porta pode ser um romance</i> . Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva. Faculdade de Arquitectura. Reitoria Universidade do Porto, 2013, pp. [J] 12-20.....	223
Ilustração 23	- OLIVEIRA, Arantes e, TAÍNHA, Manuel - <i>Carta dirigida a Fernando Távora acerca da conclusão do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal</i> . Lisboa, 2 de Mar. 1962. FIMS_FT_05002 - Arquivo Fernando Távora © Fundação Instituto Marques da Silva	228

Ilustração 24	- “Formas do Habitat Rural - Norte de Bragança. Contribuição para a estrutura da comunidade” Arnaldo Araújo, CODA n.º 158, p. 39 (1957). FAUP/CDUA/AE/CODA/158.39 © Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) ...	229
Ilustração 25	- “ <i>Habitat rural. Nouvelle communauté agricole</i> ”. Painéis da participação portuguesa no CIAM X, 1956. FAUP/CDUA/VL/CIAM X/-1,-2,-3,-4 © Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP)	230
Ilustração 26	- TÁVORA, Fernando - Casa em Ofir. In: <i>Arquitectura</i> , 3ª série, n.º. 59, jul. de 1957, p.p 10-11	232
Ilustração 27	- Casa de Fão, Ofir (1956-1957). Estudos. FIMS_FT_0040-pd0004; FIMS_FT_0040-pd0007; FIMS_FT_0040-pd0018 - Arquivo Fernando Távora © Fundação Instituto Marques da Silva	234
Ilustração 28	- DONAT, John - <i>World Architecture One</i> . Londres: Studio Books, 1964 (capa)....	236
Ilustração 29	- Revista <i>Arquitectura</i> , 3ª Série, n.º 71, Jul. 1961 (capa)	237
Ilustração 30	- Zona destinada ao novo bairro – ‘caminhos de pé posto’ (1977). Arquivo Álvaro Siza (cf. SEABRA, Nuno Miguel - <i>Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza</i> . Dissertação de Mestrado em Teoria de Arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2006, p. 34)	240
Ilustração 31	- Eixos. Diagrama síntese (N. Miguel Seabra, cf. SEABRA, Nuno Miguel - <i>Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza</i> . Dissertação de Mestrado em Teoria de Arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2006, p. 51)	242
Ilustração 32	- Tipologia A (1ª fase) – Casa evolutiva – tipologias T1, T2, T3, T4 e T5. Agosto de 1977. Tipologia B (1ª fase) – Casa evolutiva – tipologias T1, T2, T3, T4 e T5. Agosto de 1977; Tipologia A (1ª fase) – Casa evolutiva – modelo tridimensional 1977. Arquivo Álvaro Siza (cf. SEABRA, Nuno Miguel - <i>Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza</i> . Dissertação de Mestrado em Teoria de Arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2006, pp. 100-102)	244
Ilustração 33	- O peaduto ou conduta na actualidade. Fotografia de N. Miguel Seabra	245
Ilustração 34	- O Bairro da Malagueira na actualidade. Fotografia de N. Miguel Seabra.....	246
Ilustração 35	- Diagrama síntese: Forma-do-Lugar e desfamiliarização – Bairro da Malagueira (N. Miguel Seabra, 2014)	247
Ilustração 36	- Bak Gordon Arquitectos: em cima, Casa em Boliqueime (2000-2002). Fotografia de FG+SG / Fernando Guerra; em baixo, Casa em Quelfes (2003-2007) Fotografia de Leonardo Finotti. Arquivo Bak Gordon Arquitectos.....	248

- Ilustração 37 - Aires Mateus e Associados: em cima, Casa na Areia, Comporta (2008-2010). Fotografias de Nelson Garrido. Disponível em: <http://www.casasnaareia.com> (imagens de divulgação – Press Kit) Acesso em: 20 Out. 2014; em baixo, Casa do Tempo, Montemor-o-Novo (2012-2014). Fotografias de Nelson Garrido. Disponível em: <http://www.casanotempo.com> (imagens de divulgação – Press Kit) Acesso em: 20 Out. 2014..... 249

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

cit. – citado;

CIAM – Congr s Internationale d’Architecture Moderne;

C. M. – Câmara Municipal;

CHE – Cooperativa de Habitação Econ mica;

CCHE – Cooperativa de Construi  o e Habitação Econ mica;

CODA – Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto;

coord. – coordenação;

dir. – director;

dirs. – directores;

DGSU – Direcção-Geral dos Serviços de Urbaniza  o;

ed. – editor;

eds. – editores;

e.g. – *exempli gratia*;

et al. – *et aliae*;

etc. – *et c tera*;

FFH – Fundo de Fomento da Habitação;

ICAT – Iniciativas Culturais Arte Técnica;

i.e. – *id est*;

loc. cit. – *locus citatum*;

MoMA – *Museum of Modern Art*;

MRAR - Movimento de Renovação da Arte Religiosa;

org. – organização;

op. cit. – *opus citatum*;

p. – página;

pp. – páginas;

ODAM – Organização dos Arquitectos Modernos;

SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local;

s./d. – sem data de edição;

s./p. – sem numeração de página;

SNA - Sindicato Nacional de Arquitectos;

SPN – Secretariado de Propaganda Nacional;

SNI – Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (vulgarmente nomeado por Secretariado Nacional da Informação);

vol. – volume;

vols. – volumes.

“O universal é o local sem paredes.”²

“O problema do “regionalismo” raramente é visualizado de sua perspectiva correta.

Introduzo o termo “regionalismo” propositadamente, por causa das associações que pode eliciar.

Acho que, para a maioria das pessoas, isso significa a idéia de algum pequeno grupo de descontentes locais conduzindo uma agitação política que, por não ser formidável, é considerada cômica – pois qualquer movimento que é supostamente uma causa perdida sempre desperta o ridículo.”³

“Mas esse não é o processo português.

O processo português foi o de pôr argamassa na pedra, juntá-la como hoje se faz também com o tijolo.

É outra forma de síntese. (...)

Mas eu suponho que a coisa fundamental de Portugal não é esse trabalho de síntese, não é esse trabalho de juntar pedras até construir um edifício. É uma capacidade de já ver feito o edifício que devia haver e fazer os outros todos como uma tentativa provisória para se chegar a esse edifício. (...)

Assim não acho que se possa dizer que o português tem capacidade de síntese. Ele tem sobretudo a capacidade de achar que todas as sínteses são imperfeitas e, portanto, está sempre nadando, pairando acima de tudo aquilo que já é sintético.

Acho que isso se devia realmente cultivar em todo o ensino, em toda a cultura portuguesa, essa capacidade de ver o geral em lugar de se discutir apenas o particular e de saber como é que se deve fazer (...).”⁴

2 TORGA, Miguel [1955] - *Traço de União*. 2ª edição. Coimbra, Coimbra Editora, 1969, p. 69.

3 ELIOT, T. S. [1948] - *Notas para uma definição de cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998, p. 70.

4 SILVA, Agostinho da - *Vida Conversável*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1994, p. 17.

Introdução

Tema e pergunta de partida

“Este carácter genérico da arquitectura portuguesa pode verificar-se, pelo menos até ao século XVIII, na forma como entende e se adapta ao terreno, bem como no uso equilibrado dos meios disponíveis para a construção, na aspiração permanente em assegurar a continuidade passado presente, adequando os modelos do passado a novas situações ou transformando-os, em contacto com outros, num processo sem soluções de continuidade, apropriando-se e reinterpretando, ainda, formas locais e ancestrais de cultura. Como consequência, uma arquitectura tantas vezes arcaizante, estruturalmente conservadora, sempre de compromisso.”⁵

A presente dissertação de Doutoramento tem como tema a investigação da condição singular de um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa. O compromisso pelo estudo dessa singularidade, nomeada aqui de *Regionalidade* – presente desde os tempos da formação académica – decorre, antes de mais, da suspeição da possível especificidade de um pensar e de um fazer português em Arquitectura. Consequentemente, essa suspeita foi intensificada e o seu interesse aprofundado com a docência das Unidades Curriculares de Arquitectura 1 e de Projecto desde 1998⁶. De igual modo, a investigação de Mestrado em Teoria de Arquitectura concluída em 2006⁷ consolidou esse interesse correlacionando-o com as ‘mecânicas’ peculiares do pensamento e do processo projectual em Arquitectura, propedêuticas à prática docente e profissional.

A organização da vida no espaço pertence ao âmbito disciplinar da Arquitectura que, enquanto manifestação e representação da vida, resulta do confronto com a ‘realidade’ que, assim, lhe é arremessada numa prolixidade capaz de aclarar caminhos de projecto. É, pois, nesse confronto que se detecta a oportunidade para investigar um pensamento e um processo projectual. Trata-se de um diálogo permanente com a especificidade dessa ‘realidade’, que a transforma e a refigura por meio da mundividência que este propicia.

“Partiu da ideia apontada na primeira visita, porque considera [o arquitecto] que não se projecta somando bocados de informação, e que esta serve, se aplicada a uma ideia, para

5 COSTA, Alexandre Alves - Algumas hipóteses para uma caracterização da Arquitectura Portuguesa e do interesse da sua relação com o património construído no mundo. In: COSTA, Alexandre Alves - *Textos Datados*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 28-29.

6 Na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

7 SEABRA, Nuno Miguel - *Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza*. Dissertação de Mestrado em Teoria de Arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2006.

a corrigir e a definir. E que a ideia está no “sítio”, mais do que na cabeça de cada um, para quem souber ver, e por isso pode e deve surgir ao primeiro olhar; outros olhares se irão sobrepondo, e o que nasce simples e linear se vai tornando complexo e próximo do real – verdadeiramente simples.”⁸

Expressões como “determinado pelo sítio” e “esclarecido pelo lugar” reflectem o reconhecimento de uma determinada produção recente de Arquitectura, onde também se inclui a portuguesa. Tal reconhecimento evidenciou-se gradualmente na Teoria e na Crítica internacional especializada, nomeadamente a partir do final da Segunda Guerra Mundial, com o questionamento das conjunturas modernistas então dominantes. A redescoberta de temas como o sítio, o lugar e a Região⁹ patenteia um olhar renovado acerca da importância conceptual da ‘realidade’¹⁰ para o pensamento projectual. Apesar das suas especificidades e diferenças, essas definições podem ser sintetizadas e englobadas em Região que, enquanto unidade espacial, entremeia de modo escalar outras entidades espaciais, entre as quais, o nacional, o local e, actualmente, o global. Entendida como unidade mediadora de outras, Região engloba igualmente um incessante processo dialéctico, sobretudo entre o particular e o universal, matricial às hipóteses colocadas nesta investigação. E apesar de, ainda hoje, serem temas recorrentes na Teoria e na Crítica especializada, a existência e a pertinência de um pensamento projectual português alicerçado numa relação com o sítio, com o lugar ou com a Região continua por clarificar. Contudo, ressalve-se o facto de esse pensamento projectual ser um de entre vários, inscrito numa rede complexa própria da Modernidade portuguesa.

Não obstante o anterior reconhecimento, hoje em dia também se torna evidente que “[a] realidade parece ter escapado à arquitectura, e a arquitectura desertado a realidade.”¹¹ No mundo da celeridade, da massificação, da virtualização, da abstracção e da complexidade, a Arquitectura disputa práxis diversas e, paradoxalmente, enfrenta um silêncio cada vez mais ruidoso, no diálogo que estabelece com a ‘realidade’ desse mundo e, consequentemente, com o contexto em

8 VIEIRA, Álvaro Siza - Um arquitecto foi chamado. In: MURO, Carles (ed.) - *Álvaro Siza. Escrits. Aula d'Arquitectura 07*. Barcelona: Edicions Universitat Politècnica de Catalunya (UPC), 1995, p. 17.

9 Optou-se por destacar Região e, entre outros conceitos primeiros à investigação, Regionalismo dos demais presentes no texto pelo uso de letra maiúscula na sua grafia.

10 O uso de aspas altas singulares pretende, de ora em diante, atribuir aos vocábulos real e realidade os seus demais constituintes, ou seja, o vasto conjunto de factores que os definem. Não se pretende salientar um possível sentido metafórico ou figurado de tais vocábulos, mas sim salientar que os seus constituintes culturais, sociais, económicos e físicos, entre outros, são interpretações e representações de uma ideia de realidade necessárias – no confronto efectivo com esses constituintes – ao estabelecimento de um pensamento projectual em Arquitectura.

11 FREITAG, Michel [1992] - *Arquitectura e Sociedade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004, p. 12.

que se edifica. De facto, sobretudo desde o início dos anos noventa do século passado, tem-se verificado mundialmente um incremento significativo na construção de edifícios sem aparente vínculo com uma ‘realidade’ onde se instituem. Nesse tipo de Arquitectura, o contexto não constitui um factor de legitimação nem de inspiração, pois tal Arquitectura estabelece-se em função do que existe no seu interior, instituído pelo seu programa.¹² Nesse sentido, numa produção arquitectónica recente é enfatizado um habitar global, abstractizado e mediático num mundo aparentemente funcional, numa progressiva dissolução das referências à particularidade de uma ‘realidade’, verificando-se uma tendência para a aculturação, para a artificialização e para a objectualização.¹³ Ora, essa produção arquitectónica, onde também se inclui a portuguesa, por procurar uma aceitação imediata, não reflexiva de uma ‘realidade’, tende a perder referências, quer históricas e culturais, quer o seu ‘carácter’ local ou regional, em detrimento de valores aceites como universais, hoje vulgarmente ditos de globais. É diante desse esforço populista de mediatização da Arquitectura, em que os modelos seguem cada vez mais ‘modas’ e os procedimentos são cada vez menos instrumentais¹⁴ – instituindo possivelmente uma mudança de paradigma na Arquitectura Portuguesa, nomeadamente no que se refere à sua produção e recepção crítica¹⁵ – que genericamente se enquadra a motivação que espoletou esta investigação.

Porém, constata-se igualmente um incremento discursivo nos últimos anos em torno de conceitos como o das identidades ou das autenticidades das culturas locais, regionais ou mesmo nacionais que, *grosso modo*, instituem-se como contra-resposta multidisciplinar face ao dito habitat global, consequência do vasto processo de Globalização. Todavia, essa necessidade de afirmação identitária é distinta das verificáveis noutros períodos históricos. Apesar de possuírem traços comuns, divergem das suas antecessoras, principalmente por serem conciliadoras e não despóticas. Por outras palavras, essas afirmações não impõem o particular ou o local

12 IBELINGS, Hans – *Supermodernismo. Arquitectura en la era de la Globalización*. Barcelona: Gustavo Gili, 1998, p.88.

13 FREITAG, Michel [1992] - *Arquitectura e Sociedade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004, p. 11.

14 MENDES, Manuel [1986] - Exposição Nacional de Arquitectura. In: FIGUEIRA, Jorge, et al. (eds.) - *Antologia 1981-2004, JA-Jornal Arquitectos*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004, p. 56.

15 GADANHO, Pedro (ed. e coord.) - *Habitar Portugal 2006 / 2008*. Lisboa: Caleidoscópio, 2009, p. 28.

Acerca do estado actual da crítica de Arquitectura considere-se, em síntese, o artigo de RAMOS, Rui J. G. - A formulação da descontinuidade na crítica de arquitectura contemporânea ou a transitoriedade da tradição. In: AAVV - *Actas dos Encontros do CEAA/7: APROPRIAÇÕES DO MOVIMENTO MODERNO*, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques, 23 a 25 de Jun., 2011. Porto: CEAA-Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2011, pp. 258-278.

face ao global ou ao universal, ambicionando, antes, um equilíbrio entre ambos de modo a firmar a sua singularidade e a instituir um estar híbrido, hoje gradualmente conhecido como *glocal*¹⁶. Constata-se, assim, que expressões como *glocal* (associado ao contexto de “*Think Globally and Act Locally*”), *place branding*¹⁷ ou *regionality*¹⁸ (entre outras) certificam uma condição de singularidade transdisciplinar que começa gradualmente a firmar a sua vitalidade perante os demais desafios da presente sociedade¹⁹. E, disso, não é alheia a práxis da Arquitectura.

A formulação dos pressupostos, antes sumariamente expostos, conduziu às perguntas de partida que orientam em traços gerais a presente investigação, nomeadamente: qual a relevância da ‘realidade’ para o estabelecimento do pensamento projectual em Arquitectura e, consequentemente, qual a sua contribuição para a compreensão de um pensamento e processo projectual contemporâneo²⁰ português? E, diante das demais solicitações globalizantes actuais, será ainda possível – assumindo a anterior oportunidade – afirmar uma identidade projectual²¹, inscrita numa narrativa de *Regionalidade* em Arquitectura?

16 Termo composto entre global e local. Embora com usos multidisciplinares, leia-se, em traços gerais, *glocal* como globalização localizada ou *locus* da globalização. Acerca da origem e da evolução de *glocal* ou de *glocalização* veja-se, entre outros: KHONDKER, Habibul Haque - Glocalization as Globalization: Evolution of a Sociological Concept. In: *Bangladesh e-Journal of Sociology*. Vol. 1, n.º. 2, Jul., 2004. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20051210071702/http://www.bangladeshsociology.org/Habib%20-%20Glocalization.htm>. Acesso em: 25 Abr. 2012.

17 “Place branding refers to branding and building brand equity (Aaker 2001; Aaker and Joachimsthaler 2000; Riezebos 1994) in relation to national, regional and/or local (or city) identity. Brand equity is built through: brand loyalty; name awareness; perceived quality; brand associations in addition to perceived quality; and other proprietary brand assets – trademarks, channel relationships. Place branding can be used to mobilize value-adding partnerships and networks among public and private actors in order to build a coherent product offering (which includes tourism, trade, temporary employment and investment opportunities), communicated in the right way in order to guarantee the emotion-laden place experience that consumers are seeking (bridging the identity, image and experience gaps). In other words, a place brand is a representation of identity, building a favourable internal (with those who deliver the experience) and external (with visitors) image (leading to brand satisfaction and loyalty; name awareness; perceived quality; and other favourable brand associations as listed above).” GOVERS, Robert, GO, Frank - *Place Branding: Glocal, Virtual and Physical Identities, Constructed, Imagined and Experienced*. Londres: Palgrave Macmillan, 2009, pp. 16-17.

18 *Regionality* é um termo de usos diferenciados associado a temáticas muito diversas e igualmente abrangentes. Por ora, e como exemplo dos seus usos, considere-se actualmente a sua importância junto dos consumidores de produtos agrícolas – produtos alimentícios, vinícolas, entre outros – ditos de “regionais”, associados a meios de produção sustentáveis, biológicos, ecológicos ou advindos do “comércio justo” que, enquanto sinónimo de qualidade, “marca certificada”, afirmam uma desejada sustentabilidade (e.g., económica, ecológica, social e cultural).

19 Entre muitos outros, destaque-se a vitalidade dessa condição face aos desafios económicos, sociais e, remetendo também para a Arquitectura, os (continuamente debatidos) desafios relativos à sua sustentabilidade em termos ecológicos, por exemplo.

20 Nesta investigação, o termo contemporâneo é considerado como um tempo distante e igualmente como um tempo próximo ou actual. Por outras palavras, optou-se por usar contemporâneo referente aos ditos dois tempos, necessários à verificação das hipóteses em estudo.

21 Tradução do autor. No original: “*Project identity*”. Cf. CASTELLS, Manuel [1997] - *The power of identity: Second edition with a new preface*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010, p. 26.

Se perspectivadas num tempo mais longo, as anteriores questões ganham outros contornos. As investigações historiográficas de George Kubler (1912-1996)²² ou, entre outros autores, de Alexandre Alves Costa (1939-)²³ auxiliam a precisar que

“[a] arquitectura portuguesa, resultando de um processo empírico que dificilmente se distancia do senso comum, foi sendo coincidente com os interesses operativos do sistema, convicta e coerente, contraditória e ambígua quanto ele. A lógica da sua continuidade está, sobretudo, no manuseamento da diversidade das linguagens, no carácter temporário e local dos consensos, no sentido permanente da eficácia e nunca no objectivo único da persistência de um idêntico nacional.”²⁴

E, nesse sentido, constata Alves Costa²⁵, a Arquitectura Portuguesa é marcada por um cruzamento de culturas, ou seja, por um fenómeno de aculturação, na forma como os modelos são interpretados e adaptados à ‘realidade’.²⁶ A evidenciação desses “valores permanentes da arquitectura portuguesa”²⁷ auxilia – na continuidade do afirmado – a deslindar uma singularidade que, decorrente desse processo investigativo, firmou-se matricial às hipóteses equacionadas pela presente dissertação: o incessante processo dialéctico entre o particular e o universal ou, por outras palavras (como adiante se aferirá), entre o de ‘lá de fora’ e o de ‘cá de dentro’.

Portanto, a verificação de uma expressão da Arquitectura contemporânea em Portugal instituída por uma correlação com a especificidade de uma ‘realidade’ e, nomeadamente, pelo dito processo dialéctico entre o particular e o universal inerente a Região, evidenciou o problema de reconhecer onde e quando essa expressão se manifestou. E, se verificado esse reconhecimento, importa igualmente averiguar acerca de qual a sua pertinência num passado e, consequentemente, qual a sua vitalidade numa actualidade. Todavia, internacionalmente esse reconhecimento ocorrera desde a década de oitenta do século passado, tendo sido integrado num conjunto de práticas internacionais associadas a um Regionalismo intitulado de Crítico. Dos autores ou obras que evidenciaram essa singularidade, destaque-se o

22 KUBLER, George [1972] - *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes. 1521-1706*. Lisboa: Vega, 1988.

23 Considere-se a antologia de alguns dos seus textos: COSTA, Alexandre Alves - *Textos Datados*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007.

24 COSTA, Alexandre Alves – A propósito de um percurso. In: FERNANDEZ, Sergio [1985] - *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1988, p. 4.

25 COSTA, Alexandre Alves - *Arquitectura do Porto*. In: COSTA, Alexandre Alves - *Textos Datados*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007, p. 230.

26 Ibidem, loc. cit.

27 COSTA, Alexandre Alves - Valores Permanentes da Arquitectura Portuguesa. In: *Vértice. Revista de Cultura e Arte*, nº.19 Out., II Série, 1989, pp. 109-111.

particular impacto da segunda edição (revista em 1985) da hoje célebre obra “*Modern Architecture: A Critical History*”²⁸ de Kenneth Frampton (1930-). Na continuidade do ensaio “*Isms of Contemporary Architecture*”²⁹ e no âmbito do tema *Modern Architecture and the Critical Present*, Frampton confirma o advento de um novo ‘-ismo’ – o Regionalismo. Embora advertindo que os -ismos em questão são apenas categorias críticas e, como tal, só são úteis como indicadores de um conjunto de vicissitudes ideológicas em que as expressões contemporâneas arquitectónicas emergiram, Frampton agrupa um considerável conjunto de autores e obras distintas realizadas à data nesse ‘novo’ Regionalismo. Na sequência dos contributos prévios de Liane Lefaivre (1949-) e de Alexander Tzonis (1937-), Frampton apelida, igualmente, esse novo Regionalismo de Crítico. Ao destacar a prática de Álvaro Siza Vieira (1933-), associada à Escola do Porto como uma das eminentes desse novo Regionalismo, o autor enceta o que hoje se pode confirmar como um dos mais ricos debates teórico-críticos recentes no campo disciplinar da Arquitectura em Portugal.

“O percurso de Álvaro Siza, sendo dominante no panorama da arquitectura portuguesa, não é solitário nem por si exclusivamente aberto. A sua obra e o seu método veiculam o que de mais perene e invariável tem a nossa tradição arquitectónica.”³⁰ Assim considerado, as afirmações de Alexandre Alves Costa são – se confrontadas com a possibilidade antes referida por Frampton – oportunas ao evidenciar-se que

“[a] sua [(de Álvaro Siza Vieira)] capacidade espontânea para qualificar os elementos do sítio, o seu processo empírico informado simultaneamente pela memória e assimilação/domesticação dos modelos e pela presença permanente do próprio passado, o seu experimentalismo sem ruptura e em serena continuidade, uma rigorosa vontade de clareza tipológica e tendência para uma leitura volumétrica simples e depurada, integram-no nas linhas dominantes da nossa arquitectura, sendo ainda a sua conseguida vontade de síntese volumétrica, uma das suas, não muito frequentes entre nós, expressões de coerência formal.”³¹

O então crescente reconhecimento de Siza e dos demais arquitectos associados ao dito -ismo e a ligação à autoridade teórica-crítica de Frampton capitalizou a

28 FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. Londres: Thames & Hudson, 1980.

29 FRAMPTON, Kenneth - *Isms of Contemporary Architecture*. In: PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - *Modern architecture and the critical present*. In: *A.D., Architectural Design*, vol. 52, mês 7/8, 1982, pp. 60-83.

30 COSTA, Alexandre Alves - *Arquitectura do Porto*. In: COSTA, Alexandre Alves - *Textos Dados*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007, p. 234 (citação a partir do seu texto “Siza Vieira: um mundos em duplicidade” publicado em *O Jornal Ilustrado*, Dez. 1986).

31 Ibidem, loc. cit.

vitalidade de Regionalismo Crítico como uma possibilidade a considerar intradisciplina de Arquitectura em tempos ditos de Pós-Modernos. Porém, tal possibilidade revelou-se rapidamente muito controversa, verificando-se que alguns dos arquitectos visados a possam ter rejeitado, o que indeclinavelmente viria a acontecer em relação a qualquer ideia que se relacionasse com algum tipo de classificação³². Apesar de se ter *quasi*-institucionalizado, pertencente inclusive hoje ao léxico comum da Arquitectura³³, a carreira do Regionalismo Crítico, em Portugal, junto da crítica escrita foi diminuta³⁴, revelando-se ainda hoje muito estigmatizado (assim como a maior parte dos seus ‘antecessores’³⁵) resultante de constantes ataques e defesas, teses e antíteses, quezílias e diatribes, doxas e tantos outros mal-entendidos que por ora não interessa aqui aprofundar. Porém, “a noção de Frampton permanece totalmente, enquanto utilíssima ideia clarificadora no campo crítico. Assim o erro que fundamenta aquela rejeição estará não na noção em si, enquanto ferramenta, mas de facto na sua aplicação ou na sua interpretação inconsiderada.”³⁶ Independentemente das demais polémicas e concordando com Pedro Vieira de Almeida (1933-2011), intui-se que o Regionalismo Crítico, enquanto conjunto de etapas e procedimentos críticos é apto à verificação³⁷ da hipotética identidade projectual de um pensamento arquitectónico em Portugal. Assim considerado, a partir da (re)interpretação desse conjunto de etapas e procedimentos críticos torna-se possível construir um modelo de observação apto a interpretar e a testar as hipóteses consideradas nesta investigação. No entanto, a efectividade desse modelo advindo do Regionalismo Crítico reclamou a necessidade de uma ‘redução’ ou ‘excursão’ histórica a fim de, como adiante se verificará, libertar tal Regionalismo das

32 ALMEIDA, Pedro Vieira de - Regionalismo Crítico, Internacionalismo Crítico. In: ALMEIDA, Pedro Vieira de - *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, p. 83.

33 Muito devido, nomeadamente na década de 90 do século passado, à exposição mediática de Siza Vieira e à associação de outros arquitectos notáveis da Escola do Porto – Fernando Távora (1923-2005) e Eduardo Souto de Moura (1952-).

34 Por ora, destaquem-se as breves referências de Manuel Mendes (1949-), Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) e, mais recentemente, Jorge Figueira (1965-), Nuno Grande (1966-) e Pedro Gadanho (1968-).

35 Cf. Parte I. Da Região, ponto 1.3. Regionalismo.

36 “Uma ferramenta não é, não pode ser, uma simples gaveta de arquivo e, seja em que campo for, a sua bondade e pertinência dependem sempre da utilização que lhe é dada.” De facto, “[m]uito questionável será querer entender o regionalismo crítico, enquanto categoria para classificar autores tendo em vista a comodidade e simplificação de enquadramento.” Mas, sem dúvida, que “[n]o campo interpretativo-crítico, creio que a ideia de Frampton se constituiu inegavelmente como uma sólida contribuição.” Ibidem, loc. cit., p. 83.

37 Mais tarde, como adiante se verificará, a referida intuição reviu-se em: “[q]ualquer tentativa de precisar hoje a noção de “portuguesismo” terá de levar em consideração as reflexões que nos inícios da década de 1980 vieram recuperar a actualidade do “regionalismo” como conceito crítico operativo em termos internacionais.” MARTINS, João Paulo - Portuguesismo: Nacionalismos e Regionalismos na Acção da DGEMN. Complexidade e Algumas Contradições na Arquitectura Portuguesa. In: AAVV - *Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Caminhos do Património 1929-1999*. Lisboa: DGEMN e Livros Horizonte, 1999, p. 115. Grifos no original.

ambiguidades que derivam dos seus diferentes significados na “*long dure*”³⁸ do passado circunscrito, em particular, à contemporaneidade portuguesa.

Como corolário, e retomando o início da introdução, amparado por um modelo teórico-crítico próprio de um Regionalismo particular – desvinculando-o de *-ismos* e, reiterando o já afirmado, das demais polémicas e doxas a ele facilmente associadas – propõe-se verificar a oportunidade de *Regionalidade* como chave de interpretação para, estabelecendo uma narrativa dos seus relatos – em itinerários síntese, alicerçados num tempo longo mas dirigidos a um recente –, enquadrar a possibilidade de uma condição, própria de um pensamento projectual em Arquitectura, sustentável capaz de “prolongar o projecto inacabado da modernidade, enraizando-o numa interpretação crítica e criativa da história e do lugar, afirmando aí a sua individualidade”³⁹, na actualidade. Assim, através da apropriação matricial dos seus constituintes e instituindo-se como uma variável dependente⁴⁰, *Regionalidade* poderá mapear com a precisão desejada uma pertinente condição singular de um pensamento projectual em Arquitectura. Refira-se, ainda, que a oportunidade de *Regionalidade* deverá ser apreciada como parte dependente de um conjunto de investigações multidisciplinares devidamente referenciadas ao longo desta dissertação.

Problema, hipóteses e objectivos

Considerando que “projectar, planejar, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por caprichos da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem”⁴¹, a oportunidade de investigar a condição singular própria de um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade

38 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Critical Regionalism. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, p. 4. Grifos no original.

39 COSTA, Alexandre Alves [1990] - Reconhecer e dizer. In: COSTA, Alexandre Alves - *Textos Datados*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007, p. 93.

40 Entenda-se variável dependente como a variável que a problemática em estudo pretende avaliar. Essa variável depende de uma outra: a variável independente, ou seja, a variável que integra um conjunto de condições em consideração no estudo em questão.

41 TÁVORA, Fernando [1962] - *Da Organização do Espaço*. 3ª edição. Porto, FAUP Publicações, 1996, p. 74.

portuguesa justifica a formulação do problema a investigar. De um modo geral, o problema a encarar pela investigação será o seguinte: compreender a operatividade da ‘realidade’ para a constituição do pensamento projectual do arquitecto. Subsequentemente, e de um modo mais específico, a investigação deverá ainda encarar o problema complementar: avaliar e compreender o potencial da ‘realidade’, a partir da compreensão do seu processo dialéctico entre o particular e o universal, no processo projectual de uma produção arquitectónica contemporânea em Portugal e, assim, firmar uma condição singular a partir de uma narrativa aqui nomeada de *Regionalidade*. Em dois tempos distintos, mas complementares, face aos problemas considerados a investigação requereu, num primeiro momento a clarificação da teoria-crítica do modelo de observação considerado e dos seus demais constituintes e, num segundo momento, da aplicabilidade do modelo de observação à contemporaneidade portuguesa. Consequentemente, formularam-se as seguintes hipóteses: (1) a ‘realidade’ elucida a constituição do processo de projecto em Arquitectura; (2) persiste na contemporaneidade portuguesa, um pensamento projectual correlativo da ‘realidade’ passível de estabelecer uma práxis identitária reconhecível enquanto *Regionalidade*.

Na sequência do afirmado, a investigação tem como objectivo geral investigar a vitalidade, a sustentabilidade e a actualidade de um pensamento projectual em Arquitectura instituído na leitura crítica de uma ‘realidade’. Subsequente ao objectivo geral, identificaram-se os objectivos específicos, estruturados em três grupos complementares:

1. Compreender o alcance da ‘realidade’, considerando sobretudo a sua condição dialéctica entre o particular e o universal, na constituição do pensamento projectual em Arquitectura:

- 1.1. Precisar a operatividade do particular e do universal, e as suas correlações, enquanto matéria de projecto em Arquitectura;

- 1.2. Identificar e precisar os constituintes reveladores de *Regionalidade* no pensamento projectual em Arquitectura;

2. Reconhecer a oportunidade do contributo da teoria-crítica de um Regionalismo para a evidenciação de um pensamento projectual arquitectónico português:

2.1. Averiguar a génese e as consequências de Regionalismo no pensamento projectual em Arquitectura numa contemporaneidade;

2.2. Analisar a pertinência de Regionalismo Crítico, nomeadamente enquanto modelo teórico-crítico de observação, num tempo recente em Arquitectura;

3. Avaliar a oportunidade, as consequências e a permanência de uma condição singular de um pensamento projectual de Arquitectura em Portugal:

3.1. Entender, clarificar e circunscrever as principais circunstâncias num tempo longo em Portugal premonitórias de uma condição latente de *Regionalidade*;

3.2. Averiguar a possibilidade na actualidade de *Regionalidade* para a Arquitectura portuguesa.

Face ao exposto, não são de descurar os factores de risco intrínsecos à investigação. Em primeiro lugar, a necessidade de precisar a génese da singularidade de um pensamento projectual determinou uma incursão crítica multidisciplinar lida numa temporalidade extensa. Em segundo lugar, o preconceito e suas demais controvérsias (ainda bem vincadas) acerca dos temas tratados pela investigação – em particular acerca do Regionalismo Crítico associado a uma expressão da Arquitectura portuguesa. A permanente consciência do aqui exposto foi, em grande parte, responsável pelo desenho metodológico e estrutural, que passamos a apresentar.

Metodologia

O domínio da investigação é transdisciplinar e posiciona-se no cruzamento entre a História, a Teoria e a Crítica de Arquitectura. Na tentativa de evidenciar uma Teoria do Projecto, a investigação centra-se na construção de um modelo teórico-crítico de observação erigido a partir de contributos multidisciplinares. De carácter teórico-empírico, a investigação estabelece-se no método hipotético-dedutivo, isto é, formula hipóteses para esclarecer o problema considerado. As hipóteses serão testadas por meio do referido modelo de observação, permitindo determinar a sua validade. Pelo facto de se ancorar na interpretação de fenómenos culturais, sociais e físicos de uma ‘realidade’, atribuindo-lhes uma significação, a abordagem ao problema definido pela investigação será maioritariamente qualitativa. Desse modo,

os dados são coligidos a partir de um sistema de relações holístico, fechado a conjecturas ou casualidades externas das circunstâncias em observação. Note-se, igualmente, pelo facto das origens da investigação qualitativa se encontrarem nas Ciências Sociais, esta metodologia, a par da metodologia histórica-interpretativa, intenta descrever e interpretar sinteticamente os demais fenómenos pertencentes a um vasto e complexo domínio. Ambas as estratégias metodológicas consideram os fenómenos em estudo relevantes e integrantes de um processo (sempre) holístico⁴². Assim, considerando que as metodologias de investigação qualitativa e a histórica-interpretativa são contíguas, reforça-se a permeabilidade dos seus limites verificando-se que os aspectos de uma podem potencializar as características da outra⁴³. Portanto, tendo como objectivo conferir ao trabalho maior rigor e objectividade, procurou-se combinar ambas as estratégias, de modo a melhor potenciar os temas e os demais argumentos em estudo.

Perante o exposto, podemos considerar que a base metodológica desta investigação é híbrida. A primeira linha, de âmbito teórico-crítico, estrutura a investigação de modo diacrónico através da leitura e interpretação de fontes teóricas e da revisão da bibliografia activa e passiva⁴⁴ – possibilitando enquadrar e sintetizar criticamente o tema em estudo e assim contribuir para a sua clarificação. Nesse sentido, a utilização da metodologia histórica-interpretativa visa comprovar empiricamente argumentos de um passado distante e de outro mais recente. A segunda linha metodológica estrutura a investigação de modo sincrónico através da aplicação do modelo teórico-crítico de observação às hipóteses colocadas. A hibridez da estratégia metodológica – eminentemente qualitativa – evidencia o carácter do pensamento projectual em Arquitectura. A implementação de um desenho metodológico misto⁴⁵ pressupõe uma criteriosa concordância na aplicabilidade das diferentes estratégias que deverão ser seleccionadas de acordo com as diferentes etapas que suportam o trabalho: análise, interpretação e crítica⁴⁶.

42 GROAT, Linda, WANG, David - *Architectural Research Methods*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, Inc., 2002, pp. 179-180.

43 Nesse sentido, considere-se: “For example, historical research may advantageously incorporate a focus on the social impact of particular buildings, styles, or city forms. Likewise, studies of contemporary environments may profit from analyses of historical archives and physical artifacts.” Ibidem, loc. cit.

44 Note-se que o Estado da Arte encontra-se integrado no texto da investigação. Para um aprofundamento do Estado da Arte, considere-se a investigação presente no documento aprovado das Provas de Aferição Científica referente à presente tese de Doutoramento.

45 Tradução nossa. No original: “Mixed-Methodology Design”. Ibidem, p. 368.

46 Ibidem, loc. cit.

Portanto, essa união intenta assegurar os benefícios das diferentes estratégias perante as suas possíveis fragilidades.⁴⁷ Reitere-se que as estratégias metodológicas adoptadas neste trabalho são, antes de mais, reflexo das inquietações pessoais e profissionais que espoletaram esta investigação. Revêem-se, em geral, na práxis projectual em Arquitectura e, em particular, na exacta medida em que essa se constitui como processo de reflexão e acção⁴⁸ e, consequentemente, síntese.

Os resultados obtidos serão combinados com outros instrumentos investigativos qualitativos pautáveis com as hipóteses em estudo, nomeadamente, a entrevista semiestruturada⁴⁹, na tentativa de obter esclarecimentos complementares a fim de realizar um contraponto com os restantes dados obtidos.

Apresentação temática por capítulos

A estrutura da investigação é bipartida em dois grandes momentos. No primeiro grande momento, que também se divide em duas partes, precisam-se os conceitos e os procedimentos primeiros à investigação. A primeira parte, intitulada “Parte I. Da Região” examina e coloca em diálogo interdisciplinar permanente três conceitos: Região, *Regionalidade* e Regionalismo. Numa gradual aproximação à disciplina da Arquitectura, destaca-se o itinerário historiográfico, sobretudo internacional, relativo a Regionalismo. Com o intuito de o enquadrar num tempo longo, efectua-se uma reflexão complementar direccionada a um tempo recente acerca da vitalidade de Região e, em particular, de *Regionalidade*. A segunda parte, denominada “Parte II. Por um modelo teórico-crítico” determina os procedimentos operantes do modelo de observação considerado na investigação. Para tal, por ser instituído a partir da teoria-crítica de Regionalismo Crítico, enquadra-se primeiramente a intrincada trama teórica e crítica desse Regionalismo a partir dos seus autores seminais. Sequentemente, fixam-se os instrumentos – e a estratégia crítica – aptos a deslindar os constituintes que, ao serem coligidos e subsequentemente integrados no segundo grande momento

47 “Increasingly, researchers in many fields, including architecture, are advocating a more integrative approach to research whereby multiple methods from diverse traditions are incorporated in one study. Because each method of conducting research brings with it particular strengths and weaknesses (...), many researchers believe that combining methods provides appropriate checks against the weak points in each, while simultaneously enabling the benefits to complement each other. A term frequently used to describe the principle of combining strengths and neutralizing weaknesses is triangulation. (...) In general, researchers advocate triangulation to address issues of research validity (or credibility in the naturalistic paradigm) and/or objectivity (or confirmability in the naturalistic paradigm).” Ibidem, p. 361.

48 Cf. Schön, Donald - *Educating the reflective practitioner*. São Francisco, Jossey-Bass, 1987.

49 Cf. Anexo. Entrevistas.

da investigação, ajustarão uma narrativa acerca do lastro, da vitalidade e da oportunidade de *Regionalidade* enquanto condição de um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa.

No segundo grande momento, na “Parte III. Itinerários de *Regionalidade*” estabelecem-se os itinerários críticos que visam a verificação das hipóteses em estudo. Nos dois primeiros capítulos é realizada uma incursão histórica a um tempo distante a fim de reclamar as causas possíveis de uma *Regionalidade*. Evidenciada pela lente do Regionalismo, a excursão, encetada na transição do século XIX para o XX, percorre episódios e autores vitais para o enquadramento crítico da gradual instituição de uma condição singular de um pensamento projectual em Arquitectura. Cientes das distintas circunstâncias históricas na temporalidade considerada, refira-se, desde já, que a interpretação desse tempo longo revela uma considerável e complexa narrativa multidisciplinar e interdisciplinar – uma vasta e complexa urdidura circunstancial de ordem variada: ideológica, política, social e cultural, entre muitas outras. Por isso, sem perder de vista a disciplina da Arquitectura, o itinerário dirige gradualmente o foco na tentativa de erigir uma narrativa síntese dos relatos próprios da disciplina, apta a declarar a possibilidade de uma *Regionalidade* latente (?). Portanto, a pesquisa de relatos primeiros à afirmação subsequente dessa condição de *Regionalidade* esclareceu e cintou um primeiro intervalo temporal. O período compreendido entre os anos finisseculares e os meados da década de quarenta do século passado revelou-se fundamental à instituição de um modo particular de pensar e fazer Arquitectura (e não só) que no caso português firmarão os constituintes matriciais – e o processo a eles intrínseco – de *Regionalidade*. Para tal feito, Regionalismo constitui-se o guia diante da profundidade de campo do referido processo. Assim considerado e circunscrita, em traços gerais, na sua base pela dialéctica particular-universal, a narrativa, na particularidade da Arquitectura portuguesa no intervalo temporal considerado, erige-se circunstancialmente entre tensões do que nos é ‘familiar’ e do que nos é ‘estranho’ – consequente da demanda de um momento particular da nossa história, em muito enquadrado pelo debate ou movimento da Casa Portuguesa. Como resposta ao estabelecimento de uma Arquitectura de cariz universal, declara-se o particular como via inevitável à instituição de valores nacionais, posteriormente nacionalistas. Num estreito processo

de ressemantização desses particularismos em nacionalismos, firmado numa simulação remota e melancólica da (re)invenção das tradições, emerge uma “falsa Arquitectura”⁵⁰. Promotora de um estilo pitoresco, numa hegemonia de cariz morfotipológica, essa expressão da Arquitectura resulta de um processo estático de ‘familiarização’ construído por agentes eruditos, ancorado em algo supostamente familiar, ou seja, facilmente reconhecível. Nesse sentido, importa referir que será privilegiado o campo da Arquitectura doméstica, nomeadamente o da habitação unifamiliar, na sua expressão directa e indirecta, aqui entendida como a expressão primeira na qual se precisa a problemática em estudo. Directamente no sentido da projectada e da construída; indirectamente no sentido da simbolicamente pensada e narrada, instituída e (re)construída multidisciplinarmente. Em suma, reiterando o já afirmado, será do enredo de acções, relações e sentidos que emergirão manifestações ou práticas que ao serem devidamente sintetizadas ajustarão, a partir da segunda metade do século XX, uma narrativa de *Regionalidade*.

A afirmação “Por uma *Regionalidade*” enquadra os dois capítulos seguintes singularizando o ano de 1945 como charneira de rebatimento, rotação e, consequentemente, de convergência. Com o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) institui-se um novo cenário geopolítico internacional. A demanda, firmada nas décadas anteriores, em prol de uma identidade nacional enfraquece e a retórica e acção do Estado Novo (1933-1974) em Portugal altera-se. No entanto, por um lado, ainda sobre a égide do movimento da Casa Portuguesa e próprio das ideologias de vocação totalitária, permanecem as afirmações anacrónicas de nacionalismo estabelecidas, ainda que sumariamente, pela descontextualização da objectificação escalar de traços supostamente identificáveis de um povo, de uma cultura vernacular de raiz regional de carácter rural para uma outra, nacional de carácter cosmopolita. Por outro lado, espoletado em grande parte como resposta de recusa dessa tentativa cristalizada de construção identitária de uma Arquitectura Portuguesa dita de ‘autêntica’, evidencia-se a pertinência de um renovado olhar para a capacidade catalisadora da cultura vernacular regional (nas suas diversas expressões), da história e da tradição, capazes de produzir diálogos profícuos para o

50 TÁVORA, Fernando - O Problema da Casa Portuguesa. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, n.º 5, série IV, ano IV. Lisboa 10 de Nov. de 1945, p. 10.

estabelecimento de uma “Arquitectura integrada”⁵¹. Na construção gradual desse contra-discurso, retoma-se a vitalidade patente nos primeiros anos do século XX do diálogo da Arquitectura com outras disciplinas, entre as quais, a Antropologia, a Etnografia e a Geografia⁵². Mas, de todas as circunstâncias, a que marca indelevelmente o ano de 1945 para a presente investigação é a publicação de um breve texto de um jovem arquitecto português. Fernando Távora (1923-2005) publica, em resposta a um artigo de um historiador⁵³, “O Problema da Casa Portuguesa”⁵⁴ que encetou, em definitivo no campo disciplinar da Arquitectura, uma outra condição, instituída pela efectiva mediação entre o particular e o universal. Desses anos – em particular o verificável nas décadas de cinquenta e de sessenta, vitais ao esclarecimento das hipóteses aqui consideradas –, é fundamental referir, ainda que por ora resumidamente, o impacto do 1º Congresso Nacional de Arquitectura e, mais tarde, o incontornável Inquérito à Arquitectura Popular (1955-1961)⁵⁵. A par de outros acontecimentos e de outras figuras relevantes na cena arquitectónica nacional de então, refira-se também um outro texto de Fernando Távora que a presente investigação assume igualmente como seminal. Datado de 5 de Maio de 1957, pertença do projecto de uma moradia para o Dr. Fernando Ribeiro da Silva em Ofir, Távora reconhece que “tentou-se aqui um composto de muitos factores”⁵⁶ firmando um pensamento projectual singular estabelecido num renovado diálogo com uma ‘realidade’. Esse “composto” reforça uma continuidade e uma condição latente antes precisada. Composto, integrado, inclusivo, reflexivo ou, e ainda, híbrido, o pensamento projectual – instituído sincreticamente num ininterrupto diálogo entre tradição e inovação, entre particular e universal – patenteado por Távora arroga-se, assim, como um manifesto para a afirmação de

51 PORTAS, Nuno - Arquitectura Integrada? In: *Jornal de Letras e Artes*. Ano II, n.º 84 (8 de Maio), 1963, p.8-9, 15.

52 Destaque-se, por ora, a importância para, entre outros, o “Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal” dos itinerários por Portugal continental de Orlando Ribeiro (1911-1997) que em 1945 passam a livro – RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Coimbra Editora, 1945 –, o Inquérito à Habitação Rural e as pesquisas conduzidas pelo antropólogo Ernesto Veiga de Oliveira (1910-1990). No campo da Arquitectura, destaque-se igualmente a publicação internacional em 1945 de “*Verso un'architettura organica*” de Bruno Zevi (1918-2000) – ZEVI, Bruno - *Verso un'architettura organica*. Turim: Einaudi, 1945 – que deixará marcas profundas nas novas gerações de arquitectos portugueses.

53 LOPES, Carlos da Silva - A tradição na Arquitectura e o ambiente regional: Os três estilos, pobre, mediano e rico, característicos da nossa casa solarenga, em cujo pitoresco sóbrio e em cuja austera simplicidade deve inspirar-se o moderno. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, n.º 5, Série IV, Ano IV, Out. de 1945, pp. 8-9.

54 Artigo publicado originalmente no Semanário *ALEO* em 10 de Novembro de 1945 assinado por F.L. – TÁVORA, Fernando - O Problema da Casa Portuguesa. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, n.º 5, série IV, ano IV. Lisboa 10 de Nov. de 1945, p. 10, e posteriormente ampliado em 1947, inaugurando os *Cadernos de Arquitectura*, com um total de 16 páginas, das quais 12 são escritas. Cf. TÁVORA, Fernando - *O problema da casa portuguesa*. Cadernos de Arquitectura n.º 1. Lisboa: Editorial Organizações, Lda., 1947.

55 AAVV - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1961.

56 TÁVORA, Fernando - Casa em Ofir. In: *Arquitectura*, 3ª série, n.º 59, Jul. de 1957, p. 11.

uma *Regionalidade*. Como corolário, e percorrido outro itinerário ou excursão histórica – evidenciando as décadas de sessenta e de setenta como fundamentais à consolidação de uma *Regionalidade* –, a investigação finda no advento da década de oitenta do século passado com a já referida identificação internacional da singularidade de um pensamento projectual nacional. Retoma-se o modelo teórico-crítico de observação, ou seja, o Regionalismo Crítico, afirmando-o em definitivo para a verificação da vitalidade e da oportunidade de *Regionalidade* enquanto síntese verificável no talvez último grande empreendimento de casas de habitação e não só à data realizado. O retorno⁵⁷ ao Bairro da Malagueira (1977-) em Évora de Álvaro Siza Vieira permite enquadrar os itinerários – antes percorridos – sintetizando-os e, consequentemente, traçar respostas possíveis às hipóteses colocadas.

Novamente, na transição de séculos, a conclusão retoma a introdução, isto é, sintetiza de modos distintos respostas às hipóteses colocadas pelo desvelar de uma nova hipótese: Ainda uma *Regionalidade*?

Por fim, refira-se que na tentativa de facilitar a leitura optou-se por não fragmentar em demasia as antes descritas partes e seus capítulos. Do mesmo modo, utilizou-se por vezes a nota de rodapé para desenvolver resumidamente temas complementares aos tratados no corpo de texto principal da investigação.

Critérios normativos

O trabalho de investigação que aqui se apresenta em forma de dissertação de Doutoramento inscreve-se no Curso de Doutoramento em Arquitectura, na especialidade de Teoria e Prática de Projecto, da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, iniciado em Outubro de 2008. A investigação está integrada no Centro de Investigação Arquitectura, Urbanismo e Design (CIAUD), da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, tendo obtido em 2009 uma Bolsa de Investigação para Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

⁵⁷ Cf. SEABRA, Nuno Miguel - *Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza*. Dissertação de Mestrado em Teoria de Arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2006.

Neste trabalho seguiu-se a Norma Portuguesa 405 - Informação e Documentação: Referências Bibliográficas (NP405) do Instituto Português da Qualidade para a elaboração das citações e de referências bibliográficas. As citações de transcrição aparecem entre aspas altas duplas e a sua referência segue o sistema citações em nota de rodapé – ou sistema citação-nota – onde os números inseridos no texto em expoente remetem para as notas que são apresentadas de acordo com a ordem em que aparecem no texto.

Para não sobrecarregar o texto principal, depois de feita uma citação e respectiva referência, se na mesma página se volta a citar a mesma obra e o mesmo autor utiliza-se a expressão “*ibidem*”, seguida do respectivo número de página. Caso se trate de uma citação da mesma página utiliza-se a expressão “*loc. cit.*” (*locus citatum*). Contudo, ao voltar a fazer uma citação, numa outra página, mesmo que se trate de uma citação do mesmo autor, obra e localização, volta-se a fazer a referência completa. Caso se trate de um autor que tem apenas uma única obra referenciada no texto, e quando a referência já tenha sido feita, pode-se utilizar a expressão “*op. cit.*” (*opus citatum*).

Todas as referências cujo original é em língua estrangeira foram traduzidas para português pelo autor e inseridas no corpo do texto principal estando devidamente referenciadas em nota de rodapé. As citações no corpo de texto principal que excedam cinco linhas são colocadas em destaque, separadas do texto principal. As citações que não excedam cinco linhas são integradas no corpo de texto principal devidamente referenciadas.

Nos títulos de capítulos e dos subcapítulos utilizou-se o tipo de letra *Times New Roman* de caixa 16. No corpo de texto principal utilizou-se o tipo de letra *Times New Roman* de caixa 12,5. Nas citações no corpo de texto principal em destaque utilizou-se o tipo de letra *Times New Roman* de caixa 11,5. Nas notas de rodapé utilizou-se o tipo de letra *Times New Roman* de caixa 8,5. Nas legendas das ilustrações utilizou-se o tipo de letra *Times New Roman* de caixa 8. Por fim, na Bibliografia e outros recursos e nas entrevistas em Anexo utilizou-se o tipo de letra *Times New Roman* de caixa 11,5.

As palavras estrangeiras estão em itálico, no mesmo tipo e corpo de letra do texto em que estão inseridas, a não ser quando se trata de citações, aparecendo entre

aspas. Os nomes próprios são apresentados na grafia original, no mesmo tipo e corpo de letra do restante texto em que estão inseridos. Os nomes de lugares, cidades ou países aparecem na grafia original ou traduzida com tipo e corpo de letra idênticos ao texto em que se inserem. Quando se pretende salientar o sentido metafórico ou figurado da utilização de palavras ou expressões, as mesmas são colocadas entre aspas inglesas ou aspas altas singulares. Esse tipo de aspas é também empregue quando se pretende identificar um determinado termo. As palavras ou expressões que se pretendem evidenciar são escritas a negrito, estando sempre sinalizadas como “grifos nossos”. Na íntegra, esta dissertação de Doutoramento está escrita de acordo com as normas de ortografia anteriores ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Parte I **Da Região**

Considerações prévias

As expressões *Região*, *Regionalidade* e Regionalismo encerram inúmeros significados e, com eles, alguns equívocos. A problemática aqui encetada visa explicar o significado desses conceitos que consideramos basilares ao enquadramento do objecto de estudo da investigação. Inicialmente, será realizado um caminho retrospectivo da evolução, sistematização e consequente clarificação das referidas expressões que, embora se alicercem na Geografia, serão gradualmente afinadas pela contaminação directa e indirecta da Antropologia, da Sociologia e da Literatura. A incursão por outras disciplinas tornou-se inevitável pois, apesar de serem instrumentos operativos ao pensamento projectual, não foram detectadas – à excepção de Regionalismo – de modo estruturado e congruente no domínio da Arquitectura o uso de tais expressões. Portanto, estabelece-se um diálogo com investigações produzidas em diferentes áreas do conhecimento no sentido de recolher a informação desejada para um reposicionamento específico no âmbito disciplinar da Arquitectura, com especial incidência no modo como esse posicionamento é pensado e comunicado no contexto da Arquitectura portuguesa contemporânea.

Evidencie-se, desde já, que, diante da intrincada trama teórica-crítica relativa às ditas expressões, nomeadamente *Região* e Regionalismo, será necessário identificar chaves de leitura que facilitem a clarificação da problemática proposta. A meia distância, no caminho traçado entre *Região* e Regionalismo, propor-se-á *Regionalidade* que permitirá reposicionar gradualmente esta temática num debate específico e intradisciplinar da Arquitectura.

1. Região, *Regionalidade* e Regionalismo

1.1. Região

“A região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem.”⁵⁸

“Uma grande região olha para o futuro.

É aí, nessa região, que se dá o nascimento de um novo desenvolvimento na governação [formado intra-região e não por pessoas/entidades exteriores a ela], uma renovada expressão na arquitectura e na arte, uma volta revolucionária na tecnologia, uma inesperada mudança na filosofia económica.”⁵⁹

Região é um conceito complexo, polissémico, multidisciplinar⁶⁰, interdisciplinar, *quasi*-transdisciplinar e extremamente abrangente que aporta questões, leituras e usos distintos. E, apesar de ser um dos temas centrais da disciplina de Geografia, o seu uso entre os geógrafos⁶¹ não é linear; é, sobretudo, plural e configurável. Enquanto conceito intelectualmente fabricado, Região corrobora diferentes perspectivas teóricas e críticas advindas de diferentes paradigmas do pensamento geográfico. Provisoriamente, considere-se que Região é uma grande área com limites determinados por um conjunto de critérios culturais e naturais. Nesse conjunto encontram-se os determinantes físicos, que dizem respeito aos aspectos climáticos e à forma topográfica, e os determinantes culturais, que se referem a modos de vida distintos, padrões de uso e organização da terra, intercâmbios

58 SANTOS, Milton - Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. In: *Revista Território*, Ano IV, nº. 6, Janeiro/Junho de 1999, Rio de Janeiro: UFRJ/Garamond, p. 16.

59 HARRIS, Harwell Hamilton – Regionalism. In: *North Carolina Architect, January-February*. North Carolina American Institute of Architects (AIA), 1978, p. 11. Tradução nossa. No original: “A great region looks to the future. It is to such a region one traces the birth of a new development in self-government, a fresh expression in building and art, a revolutionary turn in technology, an unexpected change in economic philosophy.”

60 Com diferenças particularizáveis em diversas áreas sociais – e.g., Sociologia, Antropologia, Filosofia e Ciência Política –, é na Geografia que o conceito de Região cultiva um maior destaque e uma vital importância para a sua disciplina. Contudo, conforme já afirmado, mesmo no campo disciplinar da Geografia, interpelar e circunscrever o conceito de Região não é algo directo ou linear. Veja-se a sua definição no âmbito da Filosofia: “REGIÃO (ai. *Region*). 1. Termo empregado por Husserl para indicar “a unidade superior e completa de género, à qual pertence um concreto”, ou seja, “a totalidade ideal de todos os indivíduos possíveis de uma essência concreta” (*Ideen*, I, § 16). P. ex., “todo objeto empírico concreto insere-se, com sua essência material, num género material superior, numa R. cie objetos empíricos” (*Ibid.*, § 9). A natureza é uma região desse tipo (*Ibid.*, § 10). Correspondentemente, Husserl fala de uma “ontologia regional”, referente às estruturas de determinada região.” Cf. ABBAGNANO, Nicola [1971] - *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 840.

61 “A nível teórico podemos reconhecer, nas últimas décadas, a amplitude da questão: regionalismos, identidades regionais e/ou regiões são ou foram abordados tanto pela Ciência Política (desde o legado de Gramsci e a questão meridional italiana como questão regional), pela Economia regional (como nos trabalhos de Perroux, Boudeville, Richardson e Isnard), pela Sociologia (vide trabalhos de Bourdieu e Giddens), pela Antropologia e pela História regional. Isto sem falar em áreas ligadas às ciências naturais, onde começam a surgir conceitos como o de “bio-região”, numa correspondência entre “identidade biofísica e cultural” (McGINNIS et al., 1999). (...) Gilbert (1988) afirma enfaticamente: (...) os geógrafos estão redescobrimdo o estudo do específico. (...) a geografia está começando a ver aqueles sistemas e estruturas [aos quais estava inteiramente dedicada] como localizações e a reexaminar a especificidade dos lugares. (...) Esse interesse renovado pelo específico faz ressurgir alguns dos conceitos dos estudos regionais e pode assim ser interpretado como um retorno à corologia. Entretanto, devemos considerar (...) que a geografia regional praticada desde a metade da década de 1970 é uma nova geografia regional. (p. 208)”. HAESBAERT, Rogério - Região, diversidade territorial e globalização. In: *GEOgraphia - Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, ano I, nº. 1, Niterói, 1999, pp. 16-17. Grifos no original.

financeiros, uso da inflexão da linguagem (dialecto) e materiais utilizados na construção de diferentes ‘estilos’ de Arquitectura.⁶² Entendidos em conjunto ou individualmente, esses determinantes podem demarcar o limite ou o ponto central através dos quais uma Região é delimitada.⁶³ Contudo, saliente-se a complexidade na sua delimitação deve-se, em grande parte, aos inúmeros e distintos elementos que a definem – entre os quais se encontram os de ordem natural, física, social, política e cultural. E, reiterando a dita complexidade na delimitação de Região, esses elementos, de ordem material e imaterial, são trabalhados e apresentados de diferentes formas, em função de outros aspectos, tais como, em função de ideologias e de metodologias.

No campo disciplinar da Geografia, considera-se que a formulação científica do conceito e da categoria de Região verificou-se, sobretudo, no século XIX. Assim, atente-se concisamente que⁶⁴:

- Na linha da Geografia Tradicional destacam-se dois conceitos: a Região natural e a Região geográfica;

- Na Nova Geografia, Geografia Quantitativa ou Geografia Teorética – estabelecida enquanto corrente a partir de meados da década de 1950 – pelo uso de técnicas estatísticas – como o desvio-padrão, o coeficiente de variação e a análise de agrupamento – Região (ou regiões) é fundamentada estatisticamente, isolada de qualquer análise empírica prévia, sendo a selecção desses critérios definida pelos propósitos do investigador;

- Na vertente Humanística-Cultural da Geografia – instituída como corrente a partir de 1960 e firmada na década seguinte – Região fundamenta-se num discurso de cariz fenomenológico que valoriza a história e evidencia os valores socioculturais. Assim, o conceito de Região depende de uma cultura ou de uma representação colectiva, assumindo uma nova interpretação – ou seja, pode considerar-se um elemento constitutivo de uma identidade enquanto consequência de um conjunto de percepções vividas e estabelecidas relacionalmente a partir de

62 Ibidem, loc. cit.

63 Ibidem, loc. cit.

64 Para aprofundar este resumo acerca de Região ao longo da história do pensamento geográfico veja-se, entre outros:

CARVALHO, Gisélia - Região: a evolução de uma categoria de análise da geografia. In: *Boletim Goiano de Geografia. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/Geografia*, vol. 22, nº 01, jan./jun. 2002, pp. 135-153. CORRÊA, Roberto Lobato - Região e organização espacial. São Paulo: Ática, 2003. Constate-se, ainda, que a vertente Humanística-Cultural é a que mais se aproxima da disciplina da Arquitectura. Esse reconhecimento é verificável, por exemplo, pela sua inclusão, enquanto Unidade Curricular autónoma, em diversas licenciaturas de Arquitectura em Portugal.

apreensões, valorações, decisões, aspectos socioculturais e comportamentos colectivos, entre outros;

- Na Geografia Crítica – baseada no materialismo histórico e na dialéctica marxista, estabelecida enquanto corrente entre 1970 e 1980 – Região é considerada, *grosso modo*, como uma entidade concreta que resulta de múltiplas determinações (*e.g.*, desigualdades estabelecidas pelos fluxos socioeconómicos, políticos, externos e internos) que se caracterizam por uma natureza já transformada a partir de heranças culturais e materiais e por uma determinada estrutura social, económica e política.

Recapitulando – corroborando o antes exposto – , verifica-se também que, tal como todos os conceitos oriundos da linguagem comum, a noção de Região é muito imprecisa.⁶⁵

“**região** *s.f.* (a1438 cf. AGG) **1** vasta extensão de terreno **2** grande extensão de terreno ou território dotado de características que o distinguem dos demais **2.1** território cuja extensão é determinada seja por uma unidade administrativa ou económica, seja pela similitude do relevo, do clima, da vegetação, seja pela origem comum dos povos que o habitam **3** grande extensão de um país ou de uma superfície terrestre (...) © ETIM lat. *Regio,ōnis*’ direcção, linha recta; caminho direito, frequentado’, de *regere*’ dirigir, guiar, conduzir, reger, governar’; (...)”⁶⁶

Em traços gerais e na sequência das anteriores anotações, podemos definir Região como unidade aglutinadora de um conjunto de particularidades reconhecíveis e representativas de uma ‘realidade’. Assim, Região, enquanto extensão e unidade espacial ‘média’ de limites variados⁶⁷, entremeia de modo escalar duas outras entidades: o ‘nacional’ e o ‘local’⁶⁸ (e, actualmente, também o ‘global’). De acordo com o Dicionário de Geografia⁶⁹, o vocábulo Região afirma-se como um dos mais utilizados pelos geógrafos, mas também por profissionais de outras áreas o que promove definições e significados distintos. Entre outros usos, é muitas vezes utilizado para designar aspectos diferentes do mesmo espaço, o que corrobora ainda

65 RONCAYOLO, Marcel - Região. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997. p. 161.

66 ‘Região’ em HOUAISS, António, VILLAR, Mauro de Sales, FRANCO, Francisco - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002 (6 vols.), p. 3129. Grifos no original.

67 Conforme anteriormente referido, Região, tema tradicionalmente central para a disciplina da Geografia, tem vindo a ser, ao longo dos últimos séculos, discutido, aprofundado e, por vezes, categorizado por diferentes autores. Ciclicamente discutido, o debate em torno do conceito de Região, aliado, entre outros, ao de Regionalização, recrudescer ganhou contemporaneamente um novo ímpeto diante o fenómeno da Globalização. O referido ímpeto destaca-se, sobretudo, na produção académica produzida por investigadores de múltiplas nacionalidades em torno da vitalidade de região na actualidade. Dessas investigações, refira-se, entre outras, os estudos contemporâneos de Milton Santos para o aprofundamento do potencial crítico para o conceito de região. Cf. SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 1996.

68 Cf. BAUD, Pascal et al. [1997] - *Dicionário de Geografia*. Lisboa: Edições Plátano, 1999, pp. 309-316.

69 Ibidem, p. 309.

mais a disparidade nos seus usos⁷⁰. De facto, “[o] estudo precedente dos lugares vividos e dos espaços sociais deve permitir precisar a ou as definições que se podem dar da palavra «região». A alternativa, há que lembrá-lo, opõe definições de alcance muito geral, mas que permanecem sempre vagas, e concepções muito mais exigentes nas suas precisões, mas tais que a maior parte dos casos parece escapar à regra.”⁷¹ No entanto, a noção de Região pode designar entidades geográficas de dimensão muito variável que resultam da delimitação de um espaço que depende de um ou vários critérios.⁷² Portanto, os autores anteriormente citados advertem para uma constante polissemia no uso do conceito de Região, que deriva das diferenças e semelhanças com outros termos, aparentemente próximos e igualmente imprecisos, tais como: ‘área’, ‘zona’, ‘província’ e ‘distrito’⁷³. Desse modo, verifica-se que a facilidade do uso e adjectivação do vocábulo Região depende em grande parte das características dominantes ou de uma localização espacial singular. No entanto, e de todas essas aproximações a uma precisão possível da terminologia de Região, interessa destacar a noção de ‘malhas do espaço’ enquanto divisões do território que se organizam em função da sua dimensão⁷⁴ e se caracterizam pela existência de um critério dominante. Reiterando o já dito, “o que marca a trajetória do conceito de “região” é uma grande polissemia, a começar pela grande amplitude que a noção adquire no senso comum. Essa polissemia e/ou ambiguidade do termo região fica muito clara nas próprias definições reconhecidas por grandes dicionários.”⁷⁵ Mas,

70 Em síntese, os mesmos autores (BAUD, et al., 1997, pp. 315-316) consideram que existem quatro grandes tipos de regiões (classificação estabelecida em função do seu traço de unidade dominante e da sua maior ou menor coesão): ‘regiões-paisagem’ ou ‘regiões naturais’, caracterizadas pela “enorme homogeneidade de paisagem, devido a uma actividade humana quase exclusiva ou devido a um elemento natural muito sentido pelos seus habitantes” (ibidem, p. 315); ‘regiões urbanas’, caracterizadas principalmente por, apesar de poderem ser igualmente ‘regiões-paisagem’, terem “dimensão inferior a uma megalópole, não são polarizadas por um centro dominante” (ibidem, loc. cit.); ‘regiões históricas’, caracterizadas principalmente por “apresentar [em] paisagens muito diversas e a sua unidade resulta de uma história comum (...) [estas regiões [podem] ter ou não um centro, uma cidade, a antiga capital, que polariza o espaço” (ibidem, pp. 315-316); ‘regiões polarizadas’, caracterizadas principalmente pela “complementaridade, a interdependência e a hierarquização. Os limites regionais nem sempre são nítidos, diminuindo a atracção da cidade com a distância. Este tipo de região tem uma dimensão muito variável” (ibidem, p. 316).

71 FRÉMONT, Armand [1976] - *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980, p. 167.

72 A referida definição geral é reforçada pela leitura histórica sumariamente enunciada pelos autores do já referido Dicionário: “[o] termo região é muito antigo, tendo sido muito utilizado na Roma antiga, a qual se encontrava dividida em catorze «regiões», isto é, em catorze bairros dirigidos por um curador. O termo tem, pois, desde a sua origem, o significado de uma divisão territorial. Pressupõe, ainda, a existência de uma autoridade, um «centro de poder», à frente da região. Este sentido da palavra região encontra-se durante toda a Idade Média, quer para designar o espaço envolvente da cidade, quer, de forma mais vaga, para designar uma vasta área.” BAUD, Pascal et al. (1997) - *Dicionário de Geografia*. Lisboa: Edições Plátano, 1999, p. 309.

73 No campo disciplinar da Arquitectura, essa questão é igualmente verificável no caso de, entre outras expressões, sítio, lugar e contexto. Crê-se que, dependendo da precisão do objecto em estudo, Região, ou como adiante se verificará, *Regionalidade*, poderá ser a expressão agregadora desses demais conceitos.

74 Ibidem, p. 313.

75 “A polissemia com que o termo se revestiu torna-se muito evidente a partir de concepções extremamente amplas como a de “esfera de domínio de algo” ou de “espaço ocupado por alguma coisa.” Op. Cit., pp. 2-3.

Rogério Haesbaert⁷⁶ constata que Região é um conceito central e integrador que, durante um período temporal, definiu o próprio ‘objecto’, ou mesmo um método, para o estudo da Geografia. Essas imprecisões, ou mesmo ambiguidades, intrínseca a Região é também notada por Marcel Roncayolo (1926-), que refere que o conceito tanto pode ser aplicado a um parcela de um Estado ou nação, como a um aglomerado de Estados ou nações, que se aproximam pelas suas características económicas, políticas ou culturais, bem como pela sua situação geográfica.⁷⁷ No âmbito disciplinar da Geografia, torna-se oportuno verificar os pressupostos teóricos e as suas categorizações, que diferem de acordo com os paradigmas disciplinares vigentes, em torno do conceito de Região. Entre os vários autores que se debruçaram acerca deste tema é importante destacar: Paul Vidal de la Blache (1845-1918), Marcel Roncayolo (1926-), Richard Hartshorne (1899-1992), Milton Santos (1926-2001) Armand Frémont (1933-) e, no campo disciplinar da Filosofia e da Sociologia, Pierre Bourdieu (1930-2002).

Álvaro Domingues⁷⁸ relembra que “Vidal de la Blache (1845-1918) é frequentemente apontado como o pai espiritual da Geografia Regional Francesa e responsável pela ruptura entre, por um lado a geografia positivista alemã [e], por outro, a geografia descritiva francesa largamente dominante até meados do séc. XIX”⁷⁹. Instituída como Geografia Regional⁸⁰, a proposta de Vidal de la Blache, ao considerar o papel determinante do Homem como um dos elementos fundamentais para a configuração das regiões, é então uma ruptura nos termos em que nos é “apresentada em função do enquadramento teórico e metodológico (pela negação do determinismo natural e pela importância da história) e à escala da construção do objecto científico definido agora não a um nível geral, a terra, o Universo, mas sim a um nível regional (corológico).”⁸¹ Nesses termos, o autor alerta para a necessidade

76 HAESBAERT, Rogério - *Região: trajetos e perspectivas*. Primeira Jornada de Economia Regional Comparada, FEE-RS, Porto Alegre, 4.10.2005, p. 2. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/e4-11.pdf>. Acesso em 25 de Outubro de 2011.

77 RONCAYOLO, Marcel - Região. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997, p. 161.

78 DOMIGUES, Álvaro - A geografia regional «vidaliana». Enquadramento teórico-metodológico e ideológico. (Relatório apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto como prova de aptidão pedagógica para passagem a assistente). In: *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, I Série, Vol. I, Porto. 1985, pp. 113-134.

79 Op. Cit., p. 117.

80 “A obra, com enorme repercussão, que funda a análise regional é o Quadro da Geografia de França, de Vidal de La Blache, em 1903. Descrevendo uma série de «áreas», afirma, também, que as diferenças regionais estão associadas a diferenças de ordem natural, essencialmente morfológicas.” BAUD, Pascal et al. (1997) - *Dicionário de Geografia*. Lisboa: Edições Plátano, 1999, p. 314.

81 DOMIGUES, Álvaro - A geografia regional «vidaliana». Enquadramento teórico-metodológico e ideológico. (Relatório apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto como prova de aptidão pedagógica para passagem a assistente). In: *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, I Série, Vol. I, Porto. 1985, p. 117.

de se considerar a Região como uma ‘realidade’ que é fruto da acção e, consequentemente, da transformação do Homem sobre o meio físico-natural e não como algo de cariz descritivo, erudito ou mesmo ‘abstracto’ que se impõe pela matriz naturalista. A referida ‘realidade’ pode ser encarada como um palimpsesto, veiculador do acumular das inúmeras práticas do Homem sobre o meio físico-natural⁸². Nesse contexto, o meio físico-natural deixa de ser um mero condicionador das práticas humanas – um modo de vida ou uma morfologia social para a Sociologia e para a Antropologia – e passa a assumir-se como parte integrante de um vasto processo secular, manifestado particularmente por uma História. A importância do contributo de Vidal de la Blache para o ‘real’ entendimento de Região revela uma Geografia estabelecida em torno da descrição das paisagens, onde se justapõem os seus traços físicos e humanos. “O relevo não se pode compreender sem a geologia, os aglomerados humanos sem a história ou até a pré-história: o agenciar original dos espaços terrestres só se clarifica plenamente à luz dos tempos.”⁸³ O contributo de Vidal de la Blache para o ‘real’ entendimento de Região é ainda hoje reconhecível no – entre outras investigações – estudo de Roncayolo referente às diferentes definições instituídas para Região na disciplina de Geografia. Roncayolo reforça a importância da referida justaposição ao reiterar que Região – dividindo-a em: Região natural, Região étnica, Região económica e Região política – é somente uma noção histórica que se molda de acordo com as situações, os debates e os conflitos que caracterizam uma época e um lugar.⁸⁴ Resumindo, o contributo da Geografia Regional de Vidal de la Blache verifica-se, sobretudo, na culturalização influenciada pelos quadrantes históricos e espirituais por, *grosso modo*, englobar dois níveis principais de investigação, o geral (a Terra) e o local (a Região). A meia distância entre ambos níveis, institui-se um modelo que possibilita a descrição das relações intrincadas entre o Homem e o meio que o envolve.⁸⁵ Nesse sentido, na tentativa de encontrar critérios ‘pragmáticos’ para definir a identidade de uma Região, fruto da particularidade de factores ambientais que a afectam – a

82 Acerca da relação e influência do físico-natural para a afirmação do conceito de região, destaque-se igualmente os contributos dos geógrafos alemães Karl Ritter (1779-1859) e de Alfred Hettner (1859-1941).

83 RIBEIRO, Orlando - *Mediterrâneo: Ambiente e Tradição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1968, p. 649 apud DOMIGUES, Álvaro - A geografia regional «vidaliana». Enquadramento teórico-metodológico e ideológico. (Relatório apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto como prova de aptidão pedagógica para passagem a assistente). In: *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, I Série, Vol. I, Porto. 1985, p. 123.

84 RONCAYOLO, Marcel - Região. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997. p. 187.

85 Ibidem, p. 125.

“personalidade geográfica” das paisagens rurais (ou “*paysages*”) e regiões – Vidal de la Blache cruzou, entre outros, os conceitos de meio ambiente e a respectiva maneira como as pessoas nele vivem (“*genres de Vie*”)⁸⁶. Por outras palavras, enquanto “entidade concreta” tal noção de Região possibilita acrescentar aos demais constituintes da natureza – caracterizadores da unidade e da individualidade – a presença do homem e assim, através da continuidade processual histórica na relação dialéctica entre o Homem e o meio físico-natural, constituir o “espaço físico vivido”⁸⁷. Em suma, os contributos de Vidal de la Blache deixaram marcas indeléveis⁸⁸ ao reforçar a vitalidade de Região como categoria-chave para a apreensão da ‘realidade’. Portanto, “o modelo de Geografia Vidaliano que resultou e se impôs foi o da Geografia Regional de base naturalista, fundamentado na descrição das paisagens como epifenómenos das relações homem/meio”⁸⁹. E tal Geografia Regional, por transpôr inúmeras vezes o âmbito académico, conquistou gradualmente uma aplicabilidade pragmática, direccionada para a ‘realidade’ ideológico-social da época e para as exigências que a mesma continha.⁹⁰

Na continuidade do anteriormente exposto, e na tentativa de circunscrever o conceito de Região na actualidade, considere-se o relevante contributo de Pierre Bourdieu⁹¹. Em 1980, alude:

86 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012, p. 99. Liane Lefaivre e Alexander Tzonis, ao recordarem a influência germânica – em muito alinhada com os desenvolvimentos do conceito de *Heimat* – nos trabalhos de Paul Vidal de la Blache. E que: “Trying to overcome the bias of environmental determinism, dominant as we have seen since the time of Hippocrates and Vitruvius, Paul Vidal de la Blache created the pregnant concept of ‘possibilism’, the potential of a region to bring about a certain behavior, which unfortunately he left unexploited in his work.” Ibidem, loc. cit. Refira-se, ainda, a importância de *Heimat*. Embora não existindo uma definição simples e directa dessa expressão *Heimat*, entenda-se vulgarmente *Heimat* como um sentimento próprio de ‘pertença’, de estar em ‘casa’ – *Heimatgefühle, das Heimatliche*. Por outras palavras, um sentimento em muito enraizado num recorte espacial e social, lugar ou Região, com uma identidade cultural própria. Por ora e em traços gerais, poder-se-á afirmar que *Heimat* define a identidade, carácter, mentalidade, atitude e visão de uma ‘Região’ nas pessoas que a habitam. Lefaivre e Tzonis, como adiante se verificará, estabeleceram relações directas no âmbito de um Regionalismo em Arquitectura com a apropriação de *Heimat* no Nacional-Socialismo na Alemanha do início do séc. XX.

87 Cf. FRÉMONT, Armand [1976] - *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.

88 Ainda hoje, a Geografia Regional de Vidal de la Blache alimenta controvérsias no seio da Geografia. A título de exemplo, Richard Hartshorne no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, rebate os argumentos de Vidal de la Blache, alertando que região é, sobretudo, uma criação intelectual e não uma entidade física auto-evidente (cf. HARTSHORNE, Richard, *Perspective on the Nature of Geography*. Chicago: Rand McNally & Company, 1959). Afirme-se, desde já, que será no rescaldo imediato e tardio do pós-Segunda Guerra Mundial, que interessará problematizar Região e, em particular *Regionalidade*, alinhado com a temporalidade considerada num dos itinerários propostos nesta investigação.

89 DOMIGUES, Álvaro - A geografia regional «vidaliana». Enquadramento teórico-metodológico e ideológico. (Relatório apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto como prova de aptidão pedagógica para passagem a assistente). In: *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, 1 Série, Vol. I, Porto. 1985, p. 126.

90 Ibidem, p. 134.

91 De formação académica em Filosofia, Pierre Bourdieu desenvolveu trabalhos seminais nos campos da Antropologia e da Sociologia. Desses, destaquem-se os contributos para o estabelecimento de uma Sociologia Reflexiva e na redefinição contemporânea do conceito de *habitus*. Acerca desses temas, e por ordem do referido, veja-se: BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève, Droz, 1972; BOURDIEU, Pierre e Wacquant, Loïc. *Réponses : pour une anthropologie réflexive*, Paris, Éditions du Seuil, 1992. Relativamente ao conceito de *habitus* no encontro das Ciências Sociais e a Arquitectura, considere-se, ainda, a investigação de MARTINS, João Paulo - *Os espaços e as práticas. Arquitectura e ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento. Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2006.

“[a] etimologia da palavra região (*regio*), tal como a descreve Emile Benveniste, conduz ao princípio da di-visão, acto mágico, quer dizer, propriamente social, de *diacrisis* que introduz por *decreto* uma descontinuidade decisória na continuidade natural (...). *Regere fines*, o acto que consiste em «traçar as fronteiras em linhas rectas», em separar «o interior do exterior, o reino do sagrado do reino do profano, o território nacional do território estrangeiro», é um acto *religioso* realizado pela personagem investida da mais alta autoridade, o *rex*, encarregado de *regere sacra*, de fixar as regras que trazem à existência aquilo por elas prescrito, de falar com autoridade, de pré-dizer no sentido de chamar ao ser, por um dizer executório, o que se diz, de fazer sobrevir o porvir enunciado. A *regio* e as suas fronteiras (*fines*) não passam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz *fines*), em impor a definição (outro sentido de *finis*) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio de di-visão legítima do mundo social. Este acto de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, o qual, por estar ritmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia”.⁹²

Retenha-se o “princípio da di-visão” notado por Bourdieu. Evidenciado na origem etimológica de Região e ancorado no “mundo social”, esse “princípio” aponta para um “recorte espacial”⁹³ em múltiplas escalas. Consequentemente, esse “recorte” evidencia a singularidade dentro de uma diversidade, ou seja, a “di-visão” revaloriza o particular numa “visão” sempre holística patenteada pela relação entre o particular e o universal, o específico e o geral, a unidade e a diversidade. Esse compromisso relacional entre escalas distintas de espaço institui uma dinâmica própria que, entre homogeneidades e heterogeneidades – e as demais solicitações de um ‘tempo’ – (re)afina o conceito de Região. Assim, deduz-se que o “recorte espacial” é sempre uma representação de uma ‘realidade’ que se ajusta através de um processo dinâmico de fluxos em constante movimento – de convergência e de divergência entre factores (ou acções) externos e internos⁹⁴. E, a síntese resultante da dinâmica entre esses factores (ou acções)⁹⁵, de onde emerge Região, permite verificar que, por um lado, os factores externos exercem continuamente uma ascendência activa na Região, apesar de nem sempre integrarem os seus interesses; por outro lado, os factores (entendidos tal-qualmente como forças) internas, exercem geralmente uma

92 BOURDIEU, Pierre [1980] - A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: *O poder simbólico* (tradução de Fernando Tomaz). Difel, Lisboa, 1989, pp. 113-114. Grifos no original.

93 HAESBAERT, Rogério - *Região: trajetos e perspectivas*. Primeira Jornada de Economia Regional Comparada, FEE-RS, Porto Alegre, 4.10.2005, p. 4. Disponível em: <http://www.fee.tcche.br/sitefee/download/jornadas/2/e4-11.pdf>. Acesso em: 25 de Outubro de 2011.

94 BRITO, Thiago - A metamorfose do conceito de região: leituras de Milton Santos. In: *GEOgraphia - Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, vol. 10, nº. 20, Niterói, 2008, p. 80. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/268>. Acesso em: 28 Out. 2012.

95 Ibidem, loc. cit.

função oposta à anterior, mesmo que essa a oposição não seja explícita.⁹⁶ Assim, para compreender o conceito de Região “é preciso entender como ocorre a *internalização* dos processos externos, tendo em conta o que nela preexiste à chegada do externo, ou seja, sua história. Volta-se, então, para o jogo de relações entre o externo e o interno, ou seja, o conjunto de relações que fará com que um mesmo processo mundial de produção tenha diferentes resultados conforme cada lugar ou região.”⁹⁷ Nesse sentido, se considerados como sendo sempre relacionais e integrados, os factores endógenos e exógenos – constitutivos do “recorte espacial” –, (re)posicionam novamente a relação dialéctica entre o Homem e o meio (físico-natural), possibilitando assim uma noção de Região enquanto “espaço vivido”⁹⁸. Portanto, o entendimento da profundidade e, consequentemente, da complexidade de tal “espaço vivido” dos seus demais factores endógenos – por exemplo, o entendimento das realidades regionais em todas as suas componentes administrativas, históricas, ecológicas, económicas e, entre outras, sociológicas – e exógenos funda, para além das demais e intrincadas construções intelectuais, um “espaço vivido” que, observado, apreendido, sentido, invalidado, recusado e moldado pelos homens que projectam neles as suas imagens⁹⁹, redefine Região. Por outras palavras, a redescoberta da Região advém da forma como o Homem a vê.¹⁰⁰

Em síntese, o “espaço vivido” em toda a sua complexidade estatui conceptualmente Região enquanto veículo de interpretação reflexivo de uma ‘realidade’. Desse modo, o “espaço vivido” comporta uma rede de fluxos¹⁰¹ que afirma um sistema holístico particular em constante mudança, agregando sincreticamente os factores da relação directa e indirecta entre o Homem e o (seu)

96 Ibidem, loc. cit.

97 Ibidem, loc. cit.

98 FRÉMONT, Armand [1976] - *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980, p. 17.

99 Ibidem, loc. cit.

100 Ibidem, loc. cit.

101 Na esteira de Santos, Brito conclui: “Em outras palavras, para compreendê-la é preciso entender como ocorre a *internalização* dos processos externos, tendo em conta o que nela preexiste à chegada do externo, ou seja, sua história. Volta-se, então, para o jogo de relações entre o externo e o interno, ou seja, o conjunto de relações que fará com que um mesmo processo mundial de produção tenha diferentes resultados conforme cada lugar ou região (SANTOS, 1988). A dinâmica da região é o produto de uma síntese desses dois conjuntos de fatores, externos e internos, em constante movimento de convergência e divergência. Os fatores externos exercem sempre influência ativa na região. Mas eles nem sempre coadunam com seus interesses. Por isso, as forças internas, quase sempre, desempenham uma função de oposição aos fatores externos, mesmo que a oposição não seja explícita. Quanto à sua conformação histórica, cada região é resultado da combinação incessante de variáveis distintamente datadas, de vários tempos da divisão internacional do trabalho. Os tempos, de acordo com os lugares, tornam-se diferenciados uns dos outros devido às exigências da demanda externa e da própria lógica interna existente em cada região. O processo de transformação da realidade regional, diante das demandas externas, ocorre não só nas relações mais comuns das regiões, mas também em seus processos mais complexos”. BRITO, Thiago - *A metamorfose do conceito de região: leituras de Milton Santos*. In: *GEOgraphia - Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, vol. 10, nº. 20, Niterói, 2008, p. 80.

espaço. Consta-se assim, uma visão integrada¹⁰² de Região resultante dessa interacção (ou dinâmica) peculiar. Reitere-se que a dita visão integrada subsidia o reconhecimento dos fluxos endógenos e exógenos da especificidade de cada Região, permitindo estabelecer um sistema de relações holístico em continuidade. Assim, se entendida como “espaço vivido”, Região manifesta, entre outras, práticas socioculturais, valorizadas pela história e transmissoras de uma identidade simultaneamente colectiva e individual. Por outras palavras, tal “espaço vivido” recoloca o foco no campo cultural, ou seja, uma noção de Região reflexiva de um conjunto de percepções vividas e estabelecidas a partir de apreensões, valorações, decisões e comportamentos colectivos¹⁰³. Evidencia-se, desse modo, a importância de Região como um conjunto singular de relações culturais entre um grupo e determinados lugares¹⁰⁴ e, por isso, um elemento constitutivo de uma identidade (*e.g.*, social, espacial). Para compreender essas relações é preciso enfatizar que a mesma gera um sistema de conexões particular que une os homens ao seu território. Retomando o contributo de Bourdieu, “[o] discurso regionalista [acerca de Região] é um discurso *performativo*, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a *região* assim delimitada – e, como tal, desconhecida – contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora.”¹⁰⁵

O supracitado discurso, emerge como um produto circunstancial de lutas simbólicas entre diferentes grupos e classes sociais que configura actos, práticas e objectivos que fazem ver e crer, e que se dão a conhecer e a serem reconhecidos como Região¹⁰⁶. Na prossecução dessa visão integrada (mormente de cariz humanístico-cultural¹⁰⁷), infira-se agora que Região, para além das suas demais e

102 Segundo vários autores, persistem, afecto ao campo disciplinar da Geografia, *grosso modo*, actualmente três grandes linhas estruturantes ou paradigmas de pensamento que se reflectem no modo como se investigam todos os conceitos e, designadamente, a “Região”. Falamos da “Nova Geografia”, da “Geografia Radical ou Crítica” e uma tendência ou visão “Humanística-Cultural”.

103 BEZZI, Meri L. - *Região: uma (re)visão historiográfica, da gênese aos novos paradigmas*. Santa Maria, RS: Editora Universidade Federal de Santa Maria, 2004, p. 207.

104 Ibidem, p. 183.

105 BOURDIEU, Pierre [1980]. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: *O poder simbólico* (tradução de Fernando Tomaz). Difel, Lisboa, 1989, p. 116. Grifos no original.

106 Cf. Ibidem, pp. 107-132. A questão colocada por Bourdieu é muito pertinente para o entendimento, mormente, dos estigmas, e não só, associados a Regionalismo – quando comparado, em conformidade com Bourdieu, com o Nacionalismo (*vide* Parte I. da Região, ponto 1.3). Sem esquecer as questões do “capital simbólico” em Bourdieu, interessa, por ora e na sequência do proposto por Frémont, reter o seu contributo da dinâmica performativa discursiva intrínseca à problematização de Região. Ou seja, a dinâmica dos referidos discursos constroem representações de ‘realidade’ que eles designam – ao invés de “espaços vividos”, tornam-se “espaços pensados”.

107 Conforme anteriormente citado, a tendência ou visão humanístico-cultural na geografia surgiu em grande parte na década de setenta do séc. XX, em paralelo com o aparecimento da Geografia Radical ou Crítica – corrente fundamentada no materialismo histórico e dialéctico. A Fenomenologia está na base dessa tendência. Em síntese, tal tendência prioriza a percepção do espaço –

complexas concepções e categorizações é, sobretudo, um “recorte vivo”¹⁰⁸ consequente da dinâmica própria do referido sistema de relações espaciais integrado e dos demais processos sociais próprios de uma contínua construção, num determinado tempo¹⁰⁹. O movimento contínuo dessa construção declara uma totalidade, isto é, os fluxos decorrentes da dinâmica própria do sistema de relações espaciais estabelecem uma relação dialéctica, que a totalidade comporta, entre o singular e o universal. Portanto, Região, enquanto espaço de fluxos constantes, terá que ser reflectida, em particular na actualidade, entre a acção homogeneizadora inerente aos fluxos do processo da Globalização e, concomitantemente, entre os permanentes fluxos de reconstrução da heterogeneidade inerente às singularidades desses recortes espaciais (regiões). Ao assumir a vitalidade da dialéctica do universal e do particular, Milton Santos entende Região enquanto diversidade (regional) consequente de um processo dinâmico de totalidade entre universalismos e particularismos, recuperando a vitalidade dos “recortes espaciais” vividos, estabelecidos na relação contínua entre pares complementares – o Homem e o seu espaço. A intensidade e a constância desses fluxos reforçam, conforme antes referido, uma visão integrada que auxiliará ao reconhecimento das especificidades de cada Região e, simultaneamente, que elas estão interligadas umas às outras no movimento da totalidade¹¹⁰. “É o retorno à dialéctica da totalidade que se expande e se fragmenta, que incorpora não somente a produção em seu sentido restrito, mas também as criações humanas calcadas na ‘realidade’ de cada lugar e do mundo. A

a percepção advinda das experiências vividas é uma etapa metodológica relevante para o conhecimento. É por intermédio do “espaço vivido” que o indivíduo é arremessado numa ‘realidade’. Entre outros, veja-se: BUTTIMER, Anne - *Geography, humanism, and global concern*. In: *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 80, nº. 1. Oxford: Taylor & Francis, Ltd. Março, 1990, pp. 1-33.

108 Cf. HAESBAERT, Rogério, Região, diversidade territorial e globalização. In: *GEOgraphia - Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, ano I, nº. 1, Niterói, 1999, pp. 15-39. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/4/3>. Acesso em: 28 Outubro de 2012. Brito (2008, p.84) recorda que “Haesbaert chama a atenção para o entendimento da região como uma manifestação espacial de um *recorte vivo*: ela não pode se perder na visão de um objeto autossuficiente a ser descoberto (La Blache), nem, tampouco, ser considerada um recorte espacial *a priori*, definido pelo pesquisador conforme seus objetivos e critérios (Hartshorne). A região não deve ser vista apenas como uma ideia, um conceito, mas como uma realidade, uma construção humana. Se o conceito nunca esgota as possibilidades do mundo, muito menos o substitui, ele, porém, participa dessa realidade à medida que sua elaboração acaba sempre interferindo na leitura do pesquisador e em sua ação sobre o mundo.” A Região, enquanto espaço de fluxos constantes, terá que ser reflectida na actualidade entre a acção homogeneizadora inerente aos fluxos do processo da Universalização e, concomitantemente, entre os permanentes fluxos de reconstrução da heterogeneidade inerente às singularidades desses recortes espaciais (regionais).

109 “A região e o espaço são pares dialéticos do movimento da totalidade. A região e o lugar somente fazem sentido no contexto da totalidade, mas o espaço somente faz sentido em suas particularidades. Esse enfoque centrado na categoria de totalidade não diminui, nem desvaloriza, o conceito de região; segundo Milton Santos – apenas faz transparecer a dialéctica entre esses conceitos, que são realidades inseparáveis, pois um depende do outro para sua explicação e para a realização de práticas sociais.” BRITO, Thiago. A metamorfose do conceito de região: leituras de Milton Santos. In: *GEOgraphia - Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, vol. 10, nº. 20, Niterói, 2008, p. 101. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/268>. Acesso em: 28 Out. 2012.

110 Ibidem, p. 86.

totalidade é sempre um movimento que se expande e se contrai num eterno devir.”¹¹¹ Porém, diante tal totalidade persistem elementos fundamentais desse conteúdo sócio espacial, tais como o aspecto distintivo de uma cultura e de uma identidade enquanto ‘produto’ de Região. Portanto, actualmente, a reflexão acerca de Região envolve a compreensão da produção e da circulação de objectos no seu espaço, mas também a criação de entraves, desejos e vontades que dizem respeito às necessidades específicas de cada lugar e que por sua vez podem estar relacionadas com as necessidades de outros lugares.¹¹² Compreender os conceitos de produção e reprodução social engrandece a reflexão acerca de Região e a forma como ela se liga ao mundo, através destes dois processos. Desse modo, Região produz e cria as suas singularidades a partir das suas especificidades, nomeadamente, as históricas e as culturais.

Fruto desses fluxos ininterruptos, convergentes e divergentes, Região torna-se um ‘produto híbrido’, ou seja, é simultaneamente, objecto de uma razão global e local que convivem de forma dialéctica.¹¹³ A partir da noção da totalidade, e da relação dialéctica que esta comporta entre o singular e o universal, firma-se a importância da reflexão acerca do conceito de Região para o entendimento de uma ‘realidade’, evidenciada pelos processos que influenciam de forma directa e indirecta a sua conformação e, conseqüentemente, as dimensões da sua conceptualização. Na prossecução do anterior enfoque, constate-se que “um caminho mais complexo, para o entendimento da região não simplesmente como um “fato” (em sua existência efetiva) nem como um mero “artifício” (enquanto recurso teórico, analítico) ou como instrumento normativo, de ação (visando a intervenção política, via planejamento).”¹¹⁴ Contudo, apesar da aparente complexidade, o caminho proposto por Haesbaert corrobora, por um lado, a inquirição aqui problematizada acerca de Região e, por outro, antecipa uma conseqüente condição de Região, que se crê operativa¹¹⁵. Assim, Região é tratada como um “arte-fato” (doravante denominado

111 Ibidem, p. 101.

112 Ibidem, p. 86.

113 SANTOS, Milton [1996] - *A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 273.

114 HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. In: *Antares, Letras e Humanidades, Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul*, nº. 3 - Jan/Jun 2010, p. 7. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/416/360>. Acesso em: 23 Out. 2012.

115 Cf. Parte I. Da Região, ponto 1.2 *Regionalidade*.

‘artefacto’), concebido através da imbricação entre fato e artifício¹¹⁶. Nesse sentido, rompe com a dualidade existente entre posições estritamente realistas e idealistas e, de igual modo, de natureza ideal-simbólica enquanto construção teórica que representa o “espaço vivido” de forma analítica e material-funcional, nas práticas económico-políticas com que as classes sociais edificam o seu espaço de forma distinta e diversificada.¹¹⁷

Portanto, o “arte-fato também permite indicar que o regional é abordado ao mesmo tempo como criação, auto-fazer-se (“arte”) e como construção já produzida e articulada (“fato”).”¹¹⁸ A condição agora convocada¹¹⁹ fixa a possibilidade, nos termos de Haesbaert, de Região, *per se*, ser igualmente produto e produtora, causa e consequência, das demais dinâmicas de diversos sistemas de relações. Conducente dessa dupla condição, sempre concomitante, Região¹²⁰ colige, ao mesmo tempo que os cria, artefactos – um perceptível manifesto distintivo, entre outros, na particularidade de uma expressão da Arquitectura. Intensifica-se, assim, um processo que, estabelecido na simultaneidade desse duplo sentido, reforça uma “medi-ação”, ou seja, como “ “meio-ação” (tanto “meio para a ação” quanto “meio/contexto e ação”) e não apenas uma forma de interpretar, mas também de criar”¹²¹ um vasto e complexo acervo cultural. A natureza especial desse lugar tem algo a ver com e o porquê do que lá nasceu, pois existe uma combinação de elementos especiais que sobrevivem e se desenvolvem porque são protegidos e cuidados numa Região e não num lugar indefinido.¹²² Nesses termos, o afirmado por

116 Ibidem, loc. cit.

117 Ibidem, loc. cit.

118 Ibidem, loc. cit.

119 “A palavra “arte” vem do latim *ars*, que significa talento, saber-fazer, e que inicialmente estava associada com técnica, ou seja, ao que é do domínio humano, social, ao *artificial*. “Artefato”, mais literalmente, significa “o que é feito com arte”, um produto da cultura. Embora diga respeito, em primeiro lugar, a um “objeto manufaturado, peça” (segundo o dicionário Novo Aurélio), “aparelhagem, equipamento” (segundo o Dicionário Houaiss de Sinónimos e Antónimos), numa perspectiva material, pode ser lido também, mais abstratamente, como “mecanismo, dispositivo” – ou seja, encontra-se no cruzamento entre a concretude de um “fato” e a abstração de um “artifício” ou instrumento de análise.” Ibidem, p.13.

120 “Assim, sintetizando, a partir da discussão da região como arte-fato, nossa proposta se pauta em algumas questões fundamentais, notadamente: - a região como produto-produtora das dinâmicas concomitantes de globalização e fragmentação, em suas distintas combinações e intensidades, o que significa trabalhar a extensão e a força das principais redes de coesão ou, como preferimos, de *articulação* regional, o que implica identificar também, por outro lado, o nível de desarticulação e/ou de fragmentação de espaços dentro do espaço regional em sentido mais amplo; - a região construída através da atuação de diferentes sujeitos sociais (genericamente: o Estado, as empresas, as instituições de poder não-estatais e os distintos grupos sócio-culturais e classes económico-políticas) em suas lógicas espaciais zonal e reticular, acrescentando-se ainda a “i-lógica” dos aglomerados resultante principalmente de processos de exclusão e/ou precarização sócio-espacial (...), cuja consideração é hoje, cada vez mais, imprescindível. - a região como produto-produtora dos processos de diferenciação espacial, tanto no sentido das diferenças de grau (ou desigualdades) quanto das diferenças de tipo ou de natureza (diferença em sentido estrito), tanto das diferenças discretas quanto das diferenças contínuas (...).” Ibidem, pp 7-8.

121 Ibidem, p. 16. Grifos no original.

122 HARRIS, Harwell Hamilton – Regionalism. In: *North Carolina Architect, January-February*. North Carolina American Institute of Architects (AIA), 1978, p. 10.

Hamilton Harris (1903-1990) corrobora que Região é algo que se distingue por ser imediato e tangível, pelo que o nosso relacionamento com a mesma liberta-nos a mente de um conjunto de abstracções, globalidades e irrealidades, porque nela os nossos pensamentos são únicos. Além disso, na Região é tudo menor do que no mundo exterior e o padrão é mais simples e acessível, porém é necessário que alguém arrisque a experimentá-lo e a manipulá-lo.¹²³

De todos os desdobramentos teórico-críticos que concorrem para uma clarificação de Região, retenha-se a possibilidade de a mesma comportar uma competência generativa que inculca e constitui matrizes reconhecíveis em continuidade, a partir de dinâmicas espaço-temporais “vivas” e dos demais processos sociais a elas inerentes. É assim desvendado um palimpsesto escrito que declara uma competência capaz de narrar uma unidade aglutinadora de particularidades reconhecíveis e representativas de uma ‘realidade’ nas suas múltiplas significações. Assim, Região é “[u]m lugar cheio de vitalidades de uma mistura de inteligências, ambições, imaginações, liberdades, recursos naturais e circunstâncias fortuitas. E, num lugar como este [ou Região] algo nascerá – algo acontecerá. A criação é sempre um acontecimento.”¹²⁴ Perante o exposto, podemos afirmar que Região difunde e fomenta a criação de ideias, requerendo sempre um discernimento peculiar para não caírem no vazio.¹²⁵ Em Arquitectura, afirma Harris, qualquer ideia tem que ser especificada, localizada e ‘encaixada’ no interior de Região para que possa ser construída, pelo que mais importantes que os seus limites são os seus recursos, nomeadamente: mentes livres, imaginação, participação no futuro, energia, clima, topografia e os materiais adequados com que se tem de construir.¹²⁶ E, esses elementos são fundamentais para que qualquer tipo de Regionalismo seja preservado em Arquitectura.¹²⁷

Todavia, note-se que “o que é entendido como uma região é, realmente, uma regionalidade.”¹²⁸ Adoptando a oportunidade anteriormente apreciada, importa agora

123 Ibidem, loc. cit.

124 Tradução nossa. No original: “It is a place rich in a mixture of minds, ambitions, imaginations, freedoms, natural resources, and fortuitous circumstances. In such a place something will be born--something will happen. Creation is always a happening. Ibidem, p. 11.

125 HARRIS, Harwell H. – Regionalism and Nationalism in Architecture. In: RANSOM, Harry H. (ed.) - *Texas Quarterly*, vol. 1, Fevereiro. Austin: The University of Texas Press, 1958, p. 124.

126 Ibidem, loc. cit.

127 Ibidem, loc. cit.

128 POZENATO, José Clemente - *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Educs – Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2003, p. 4. Disponível em: http://www.uces.br/site/midia/arquivos/artigo_pozenato.pdf. Acesso em: 19 Out. 2012.

reposicionar a reflexão, estabilizando-a e patenteando uma oportuna chave de leitura para a problematização em causa.

1.2. *Regionalidade*

“E quanto àquilo que denominamos “regionalidade”? Comentamos inicialmente que a regionalidade estaria ligada, de forma genérica, à propriedade ou qualidade de “ser” regional. Mas “ser”, aqui, não no sentido ontológico de um “fato” regional bem definido e auto-evidente. A regionalidade envolveria a criação concomitante da “realidade” e das representações regionais, sem que elas possam ser dissociadas ou que uma se coloque, a priori, sob o comando da outra – o imaginário e a construção simbólica moldando o vivido regional e a vivência e produção concretas da região, por sua vez, alimentando suas configurações simbólicas.”¹²⁹

A palavra *Regionalidade* não consta do léxico da língua portuguesa, pelo que ao longo deste trabalho será adoptada a sua variante brasileira. Como se verifica em diversos trabalhos académicos, o termo Região encontra-se particularmente alinhado com o conceito de *Regionalidade*, nomeadamente no âmbito da literatura dita de regional¹³⁰. Propõe-se, então, *Regionalidade* como substantivo abstracto derivado por um morfema sufixal preso a partir do adjetivo regional: regional + *idade*¹³¹. Apesar de se desconhecer de forma precisa a sua origem etimológica, verifica-se que *Regionalidade* (e.g., *Regionality*, *Regionalidad*) é um termo que se associa e abrange temáticas muito diversas. Nesse sentido, tem vindo a ganhar um crescente destaque enquanto um importante conceito em debates relacionados com a vitalidade actual de Região, em particular no que se refere à dupla condição de produto-produtora diante um mundo dito globalizado. É, desde já, importante salientar que os temas que gravitam em redor de *Regionalidade* se afirmam, em grande parte, no pós Segunda Guerra Mundial. Perante o exposto, constata-se que na actualidade o termo é geralmente utilizado enquanto marca distintiva e reveladora de diversidades diante a homogeneidade (e.g., socioeconómicas) consequente do processo de Globalização. Note-se que usualmente *Regionalidade* surge de forma contínua, mediadora e integrada – nunca em ruptura – nos processos

129 HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. In: *Antares, Letras e Humanidades, Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul*, nº. 3 - Jan/Jun 2010, p.8. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/416/360>. Acesso em: 23 Out. 2012.

130 Sobre a literatura dita de regional, nomeadamente, de origem Brasileira, veja-se, entre outros: COELHO, Jacinto do Prado (direcção) [1960] - *Dicionário de Literatura portuguesa, brasileira, galega e estilística literária*. 3ª edição. Porto: Edição Livraria Figueirinhas, 1978 (5 vols.).

131 Considera-se *-idade* como um sufixo originário dos sufixos latinos *-itas*, *-itatis*. Portanto, *-idade*, afixando-se a adjetivos, forma substantivos abstractos que designam “modo de ser”, “qualidade”, “condição”, “estado” ou “propriedade”.

homogeneizadores anteriormente referidos. Essa mediação verifica-se por exemplo no antigo conflito entre centro e periferia, assumindo-se como um conceito que se posiciona a meio caminho e que desempenha um papel idêntico em ambas as partes. Em países do ‘centro’, *Regionalidade* auferir de uma posição de destaque em quase todos os campos da sociedade, nomeadamente junto dos consumidores de produtos agrícolas ‘regionais’ associados a meios de produção sustentáveis, biológicos, ecológicos e de comércio justo. Os países vulgarmente associados à ‘periferia’ usam sobretudo *Regionalidade* para reclamar uma identidade ou autenticidade em termos qualitativos e distintivos dos seus produtos – de “origem certificada”, economicamente e culturalmente – na complexa rede global. Portanto, verifica-se que *Regionalidade* coloca o ‘centro’ e ‘periferia’ ao mesmo nível, o que permite a inclusão e não a exclusão das heterogeneidades regionais (particular) num debate agonístico de afirmação dentro de uma homogeneidade (global/universal). Assim, é pertinente destacar algumas constantes transversais presentes no uso de *Regionalidade*, do sector primário (e.g., produtos alimentícios, vinicultura) ao terciário (e.g., serviços integrados ou inclusivos) ou mesmo do campo da Literatura ao da Antropologia, a saber: qualidade, ‘marca certificada’, propriedade, modo particular de ser, sustentabilidade (económica, social, cultural e ecológica), economia local/regional, diversidade (particular) na totalidade (universal).

Em traços gerais e na esteira do discutido acerca de Região, entenda-se *Regionalidade* como carácter, “propriedade ou qualidade de “ser” regional. A *Regionalidade* envolveria a criação concomitante da “realidade” e das representações regionais.¹³² Recupera-se a visão integrada de Região pelo reconhecimento dos fluxos endógenos e exógenos a ela intrínsecos, ou seja, um sistema holístico particular em constante mudança. O resultado observável dos constituintes dessa rede de fluxos, particularizados pelos elementos de uma cultura regional, retracts o contexto de Região que se faz a partir de um modo de ser, igualmente, dessa Região.¹³³

132 HAESBAERT, Rogério - Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. In: *Antares, Letras e Humanidades, Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul*, nº. 3 - Jan/Jun 2010, p. 8. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/416/360>. Acesso em: 23 Out. 2012.

133 Ibidem, loc. cit. Advirta-se, desde já, que a enunciação de *Regionalidade* será fundamental para precisar a problematização relativa a Regionalismo, vocábulo igualmente polissémico e difuso nos seus demais usos, na sequência do verificado sobre Região – vide Parte I. Da Região, ponto 1.3.

Para uma melhor compreensão do conceito de *Regionalidade* é necessário atender às manifestações de uma determinada ‘realidade’ (regional), isto é, à totalidade dos constituintes de ordem material e imaterial, identitários de Região e instruídos diacronicamente, em continuidade. Em simultâneo, os produtos e produtores – constituintes, ou ‘artefactos’¹³⁴ nos termos de Haesbaert, são a expressão cognoscível ou tangível de uma construção própria de Região. São tangíveis no sentido da sua concretude e mensurabilidade, ou seja, pela possibilidade de serem operantes na construção de uma expressão cultural concebida enquanto conteúdo e tudo o que dela emerge como produto e produção, tais como, a Literatura, a Música, a Gastronomia e, em particular, a Arquitectura. Contíguos do conceito de “traço cultural”¹³⁵, os constituintes de *Regionalidade* devem ser considerados como corolário da relação dialéctica que a totalidade comporta entre o particular e o universal. Mas, o acesso a esses constituintes não é algo imediato. Contudo, só através desses constituintes é possível evidenciar os processos que influenciam directamente a conformação e as dimensões da conceptualização de Região. Tais processos são sempre relacionais e dependentes de uma tessitura culturalmente identificável pelo “feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade como de distância”¹³⁶, ou seja, pelos “traços” de uma *Regionalidade*. Esses “traços” reforçam a noção que Região que “é, ao mesmo tempo, objecto de uma razão global [universal] e de uma razão local [particular], convivendo dialecticamente.”¹³⁷ Mas, *Regionalidade*, assim entendida, enfrenta um aparente paradoxo: pela sua totalidade, será *Regionalidade* também Universalidade¹³⁸? A resposta é evidente, pois *Regionalidade* e Universalidade são

134 Ibidem, p.13.

135 Os traços culturais são uma marca distintiva de uma cultura. Sinopticamente, mormente para a Antropologia, são os elementos mais simples da Cultura ou as unidades de uma cultura. São, portanto, elementos visíveis ou cognoscíveis a partir da prática cultural apta a fornecerem uma identidade ao grupo que a pratica – são apontadores em uma identidade específica. Os traços culturais apenas se podem definir dentro de uma cultura específica e, por isso, dela são indissociáveis. Note-se que, na esteira das considerações acerca Região, diante da dinâmica própria de Cultura, os traços não são permanentes – ou seja, uns desaparecem, outros surgem, em continuidade. Acerca deste tema veja-se: CUCHE, Denis [1996] - *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. 3ª edição Lisboa: Fim de Século Editora, 2006.

136 POZENATO, José Clemente - *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Educus – Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2003, p. 157.

137 SANTOS, Milton [1996] - *A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 273.

138 Leia-se ‘Universalidade’ como carácter do que é universal e, principalmente, como totalidade. Adverte-se que, por ser constantemente confundido com Global (Globalização), o termo universal aqui utilizado encontra-se alinhado com as questões de âmbito cultural. Considere-se, a título de exemplo, as considerações de Jean Baudrillard: “*Globalisation and universality are not equivalent terms; in fact they could be considered to mutually exclude one another. Globalisation pertains to techniques, the market, tourism, information. Universality pertains to values, human rights, freedoms, culture, democracy. Globalisation seems to be irreversible, the universal on the other hand appears to be almost an endangered species.*” Disponível em: <http://www.egs.edu/faculty/jean-baudrillard/articles/the-global-and-the-universal/>. Acesso em: 12 Out. 2012.

conceitos (dialecticamente) indissociáveis. O reconhecimento desse paradoxo é fundamental ao entendimento tanto de *Regionalidade* como de Universalidade. A diversidade na totalidade evidencia-se através da interpretação do particular intra-rede de fluxos, que se estabelece simultaneamente em proximidade e em distância, num processo dialéctico. Esse processo contínuo é responsável por declarar traços culturais estabelecidos na particularidade dos recortes espaciais vividos (regiões) e por inscrevê-los numa totalidade, subsequente de um reconhecimento colectivo. Reforça-se, assim, que *Regionalidade* é o resultado da tensão dialéctica dessa dinâmica performativa – das lutas simbólicas, nos termos de Bourdieu – entre o particular e a sua expressão total. Desse modo, “é viável caracterizar uma possível dimensão mais universal do regional, entendendo-se o universal como uma categoria que remete ao supralocal, a algo que transborda o contexto em que surgiu, não como algo universalmente válido.”¹³⁹ Assim, reconhece-se que “isso se dá de forma metonímica, pois o particular leva ao universal, e a parte se apresenta como imagem do todo”.¹⁴⁰

No entanto, importa precisar a capacidade operante de *Regionalidade*, que se alcança através da apreensão dos seus constituintes, sendo para tal necessário identificar manifestações ou práticas da mesma. Verifica-se, então, que “[d]entro da tessitura de acções, relações e sentidos, podemos pensar também na possibilidade de apreender práticas de regionalidade, em moldes análogos àqueles que Michel de Certeau (1925-1986) chama de “práticas de espaço”¹⁴¹. Portanto, “[t]al como nos relatos de espaço, *os relatos de regionalidade* não são transposições da Região (ou do regional) para a linguagem. Antes, eles são co-produtores de regionalidades, na medida em que se constituem de sentidos partilhados [e] reciprocamente referidos.”¹⁴² Neste âmbito, Santos reforça a dupla condição – produtos e produtores – dos constituintes de *Regionalidade*, advertindo que as “[p]ráticas de regionalidade não constituem conjuntos de objectos passíveis de serem pensados fora de seus

139 FAÉ, Geneviève - Regionalidade em Simões Lopes Neto: fortuna crítica. In: *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), s. 2, ano 8, nº. 8, 2011, p. 10. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3691>. Acesso em: 19 Out. 2012.

140 Ibidem, loc. cit.

141 SANTOS, Rafael José dos. - Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. In: *Antares, Letras e Humanidades, Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul*, nº2, jul-dez 2009, p. 16. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/399/328>. Acesso em: 23 Out. 2012.

142 Ibidem, loc. cit.

contextos particulares de significação.”¹⁴³ De facto, os relatos não podem “ser abstraídos dos contextos culturais – dos quais eles são constituintes e nos quais eles são constituídos.”¹⁴⁴ E, nesse sentido, os “[r]elatos e práticas de regionalidade (...) [constituem] a densidade cultural a ser apreendida e interpretada. *Relatos de regionalidade são chaves de interpretação.*”¹⁴⁵ Esses relatos são perspectivados como uma “Região praticada”¹⁴⁶ no sentido em que alguém (o relator e o leitor) a determina e, consequentemente, é determinante na identificação dos seus constituintes. Essa questão é exemplificada por Santos através de uma prática espacial específica¹⁴⁷ que permite a apreensão e a interpretação contínua de manifestações ou de práticas de *Regionalidade* que, em simultâneo, sintetizam e fazem emergir matricialmente os seus constituintes. Estes relatos aproximam-se e retomam a perspectiva de Pierre Bourdieu na questão da dinâmica processual de uma construção regional enquanto “discurso performativo”, que constrói e institucionaliza a ‘realidade’ que de modo constante determina.

Reflectir acerca de *Regionalidade* e as suas manifestações ou práticas implica, antes de mais, considerar o receptáculo que ela determina. As representações de uma determinada ‘realidade’ são identificáveis pela reflexividade dos seus relatos que se manifestam no ‘discurso’ ou narrativa em estudo. No campo da Literatura¹⁴⁸, esse discurso é estabelecido num processo crítico permanente que oscila de uma *Regionalidade* vivida para uma pensada e vice-versa. Esse procedimento possibilita a estabilização de uma narrativa crítica capaz de realizar a destrição entre o vivido e o pensado – os constituintes operantes de *Regionalidade* – afirmando, assim, o carácter singular das suas expressões. O processo crítico, entre o vivido e o pensado, erige sínteses (relatos) que, ao serem coligidos e subsequentemente integrados, ajustarão uma narrativa, de *Regionalidade*.

O anterior reconhecimento facilita a extrapolação da dinâmica de *Regionalidade* para o campo disciplinar da Arquitectura e para o seu processo de pensamento

143 Ibidem, loc. cit.

144 Ibidem, loc. cit.

145 Ibidem, loc. cit. Grifo nosso.

146 Ibidem, p. 17.

147 “Pode-se pensar da mesma forma a arquitetura, (...) que, mesmo com mudanças nos padrões de construção na região de colonização italiana da Serra Gaúcha, mantém-se a tradição das cozinhas espaçosas, e que isso remete a uma concepção desse espaço como lugar de convivência: “mais próximo ao doméstico, mais próximo do comer, mais íntimo”, o que leva aos significados da cozinha e da comida como práticas de regionalidade. Poderíamos pensar também no papel que desempenham as churrasqueiras nas casas e apartamentos gaúchos: práticas de espaço, práticas de regionalidade.” Ibidem, loc. cit.

148 SANTOS, Rafael José dos - Regionalidade, literatura e pensamento social. In: *Cenários*. Porto Alegre, vol. 1, nº. 3, 1º semestre, 2011, p. 5. Disponível em: <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/viewFile/320/201>. Acesso em: 23 Out. 2012.

projectual. A oportunidade de *Regionalidade* permite, também, circunscrever a competência operativa da ‘realidade’ no tempo do processo de projecto, ou seja, uma acção de devolução e de autoconfrontação¹⁴⁹ sempre crítica, progressiva e plasmada num modo de (re)apropriação sincrético de uma ‘realidade’. Entre as demais imprecisões e conotações próprias de Região e de Regionalismo, o enfoque acerca da *Regionalidade* potenciará a problematização pretendida pela investigação, precisando-a como uma chave de interpretação determinante, na contemporaneidade e actualidade portuguesa. No entanto, ressalve-se que “[p]or sua proximidade semântica, estes três¹⁵⁰ termos podem ser facilmente confundidos. Em especial, isto tem acontecido com as palavras regionalidade e regionalismo.”¹⁵¹

1.3. Regionalismo

“Regionalismo não é um conceito imutável. Nenhuma Região, natural ou cultural, é estável.”¹⁵²

“Regionalismo é um estado de espírito, pessoas cosmopolitas e imaginativas, e um olhar para o futuro.”¹⁵³

Genericamente, do mesmo modo que Região, constata-se que Regionalismo é um vocábulo abrangente e, em muito, difuso nos seus demais usos. Sempre dependente das considerações em estudo, a sua circunscrição é ainda mais complexa se comparada com a de Região.

“**Regionalismo 1** carácter de qualquer obra (música, literatura, teatro, etc.) que se baseia em ou reflecte ou expressa costumes ou tradições regionais **2** tendência a considerar só os interesses particulares da região em que se habita **3** doutrina política e social que favorece interesses regionais **4** LING palavra ou locução (dialectismo vocabular) ou acepção (dialectismo semântico) privativa de determinada região dentro do território onde se fala a língua **4.1** LIT carácter do texto literário que se baseia em costumes e tradições regionais, e que tem como uma das suas características o uso de linguagens locais ◉ETIM *regional* + *ismo*.”¹⁵⁴

149 Da reflexividade ou da prática reflexiva, cf. SCHÖN, D. - *Educating the Reflective Practitioner*. São Francisco: Jossey-Bass, 1987 e GIDDENS, A., BECK, U., LASH, S. [1994] - *Modernização reflexiva*. São Paulo: UNESP, 1995.

150 *Regionalidade*, Regionalismo e Regionalização.

151 POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Educs – Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2003, p. 7. Disponível em: http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/artigo_pozenato.pdf. Acesso em: 19 Out. 2012.

152 Tradução nossa. No original: “Regionalism is not a fixed concept. No region, whether natural or cultural, is stable.” FRANKFURTER, Felix apud CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 16.

153 Tradução nossa. No original: “Regionalism is a state of mind, a cosmopolitan and imaginative people, and an eye to the future.” HARRIS, Harwell H. – Regionalism. In: *North Carolina Architect*, January-February 1978, p. 10.

154 ‘Regionalismo’ em HOUAISS, António, VILLAR, Mauro de Sales, FRANCO, Francisco - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002 (6 vols.), p. 3130. Grifos no original.

Exercitado em diversas áreas disciplinares, o Regionalismo remete, sobretudo, para a elocução de uma doutrina colectiva alicerçada em expressões identitárias de uma Região. Comummente reconhecível pelo seu sotaque político-ideológico é, quase sempre, um conceito polémico. Através de uma desconstrução historiográfica, é facilmente identificável, nos seus variados usos, a omnipresença de uma carga semântica específica, mormente pejorativa. Sob o viés do Regionalismo facilmente (re)incidem inúmeras tipificações, taxonomias ou imprecisões, determinando, *a priori*, (pre)conceitos e estereótipos, por vezes contraditórios, que nutriram, e ainda hoje nutrem, inúmeras quezílias e consideráveis diatribes¹⁵⁵.

“O problema do “regionalismo” raramente é visualizado de sua perspectiva correta. Introduzo o termo “regionalismo” propositadamente, por causa das associações que pode eliciar.”¹⁵⁶ Eliot refere assertivamente que “para a maioria das pessoas, isso [(o Regionalismo)] significa a idéia de algum pequeno grupo de descontentes locais conduzindo uma agitação política que, por não ser formidável, é considerada cômica”. De facto, os adeptos do Regionalismo “são energeticamente combatidos e ridicularizados no seio de seu próprio povo, o observador de fora sente que não há razão para levá-los a sério. Eles às vezes elaboram mal o seu próprio caso. Inclina-se a formular a solução inteiramente em termos políticos; e ao mesmo tempo agitados por motivos mais profundos do que os políticos, seus programas podem ser patentemente impraticáveis.”¹⁵⁷

Apesar das suas diversas manifestações, o Regionalismo é, usualmente, considerado uma ‘teoria’ que sustém uma ‘resistência’ às demais formas económicas, sociais, culturais e políticos de sistemas hegemónicos, universais, globais ou outras expressões que diminuam as vitalidades regionais ou locais.¹⁵⁸ Contudo, ao invés dessa suposta ‘resistência’, o Regionalismo estimula¹⁵⁹ uma sistémica peculiar alicerçada histórico-culturalmente em fenómenos concretos de uma Região, sempre correlacionandos com os fenómenos congéneres exteriores. De um modo geral, o debate em torno do Regionalismo, enquanto construção de cunho

155 Por isso, conforme adiante se verificará, é imprescindível precisar o tema em debate, sobretudo a partir da oportunidade de *Regionalidade*, a fim de não se incorrer em critérios pouco precisos e, principalmente, em taxionomias, por vezes, gratuitas.

156 ELIOT, T. S. [1948] - *Notas para uma definição de cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998, p. 70.

157 Ibidem, loc. cit.

158 Cf. CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 20.

159 Alinhado com o verificado sobre Região. Vide Parte I. Da Região, ponto 1.1. Região.

simbólico¹⁶⁰, programático e ideológico, transporta em si outros temas igualmente complexos, entre os quais: Autenticidade, Identidade, Cultura, Tradição, História e Modernidade. Nesse debate, o Regionalismo é por norma, dicotomicamente, dependente de outros *-ismos*¹⁶¹ referentes a termos opostos, estabelecido em pares dialécticos, tais como: Nacional-Regional; Universal-Particular; Global-Local; Rural-Urbano; Centro-Periferia. Consequente da abrangência de tais debates e do anteriormente descrito, as definições possíveis de Regionalismo apontam para uma infinidade de outras significações, de contornos igualmente diversos e imprecisos. Corroborando essa abrangência, mas na tentativa de o circunscrever para além de um categorema do senso comum, verifica-se que o Regionalismo poderá ser compreendido como um conceito, uma estratégia, uma técnica, uma ferramenta metodológica, uma ideologia, uma atitude e um modo de pensar¹⁶².

Face ao exposto, aproximando a problematização do campo disciplinar da Arquitectura, interessa desde já asseverar a possibilidade de o Regionalismo ser uma ferramenta metodológica consequente de um modo de pensar. Atente-se, ainda, que a Sociologia, a Antropologia e a Filosofia (em particular, a Fenomenologia e a Teoria Crítica) por problematizarem os efeitos da modernização e da modernidade, da Globalização e do impacto do desenvolvimento tecnológico nos indivíduos na sociedade, são as disciplinas que mais influenciam os discursos regionalistas em Arquitectura. No entanto, tais disciplinas diferem da Arquitectura nomeadamente devido à correlação com uma prática¹⁶³. Urge, portanto, a necessidade de cintar e precisar uma metodologia competente no uso da referida ferramenta, que se ambiciona operativa aplicada à disciplina da Arquitectura. Todavia, tal empreendimento encontra-se à partida comprometido, devido à largueza dos seus limites teóricos e, principalmente, devido à carga pejorativa dos demais preconceitos a ele associados que em muito compromete a desejada eficácia para o vocábulo Regionalismo. Sem diminuir tais factos, crê-se que a solução para efectivar e

160 “O regionalismo (como o nacionalismo) é apenas um caso particular de lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer colectivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto económicas como simbólicas.” BOURDIEU, Pierre [1980] - A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: *O poder simbólico* (tradução de Fernando Tomaz). Lisboa: Difel, 1989, p. 124.

161 Entre outros, o Nacionalismo, o Provincialismo e o Cosmopolitismo.

162 Um “modo de pensar” no sentido em que o “Regionalism is voluntary; alongside being self-conscious, it is a choice made by a practitioner (planner, architect, or politician) among alternatives, including competing theories of regionalism.” Cf. CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition* Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 20.

163 Ibidem, p. 18.

potenciar essa discussão passará por reposicionar o enfoque e estabelecer um renovado aporte teórico-crítico que enquadre e explicita a sua vitalidade numa actualidade enquanto tema arquitectónico. Esse enfoque alicerçar-se-á numa ‘realidade’, numa prática ‘concreta’ em continuidade. Note-se que não se pretende declinar o termo Regionalismo, mas sim precisar a sua eficácia enquanto ferramenta de observação baseada numa ‘realidade’, isto é, na possibilidade de criticamente identificar, desvendar e precisar a autoridade de uma narrativa de *Regionalidade*.

A sistematização de investigações acerca dos desenvolvimentos históricos relacionáveis a Regionalismo, principalmente na especialidade da disciplina de Arquitectura, tem sido, desde sempre, inconstante e pouco afirmada¹⁶⁴. Reitere-se que, contemporaneamente, enquanto tema arquitectónico o Regionalismo esteve “envolto em complexas construções teóricas desenvolvidas à distância, em centros metropolitanos de produção cultural, e muitas vezes enredado, por consequência, em narrativas deslocadas do desenvolvimento concreto, *in situ*, das práticas que deram origem a esses mesmos modelos teóricos.”¹⁶⁵ De facto, “os processos designados sob o termo-chapéu Regionalismo remetem para escalas muito variadas – enquanto *fazer arquitectónico* de um país ou área *vis-à-vis* as correntes internacionais, mas também enquanto diferenciação regional no interior de determinado contexto nacional, para dar apenas dois dos exemplos mais óbvios.”¹⁶⁶ Assim, na órbita de Regionalismo gravitam outras expressões ou debates, nomeadamente: “determinado pelo sítio”¹⁶⁷, “esclarecido pelo lugar”¹⁶⁸, “relacionado com o contexto”, “projectar

164 Para além dos contributos de Lefaivre e de Tzonis, só recentemente é que Vincent B. Canizaro coligiu os principais ensaios relativos ao séc. XX e início do XXI sobre Regionalismo e Arquitectura. Cf., como já referido, CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition* Princeton: Princeton Architectural Press, 2007.

165 AGAREZ, Ricardo, MOTA, Nelson - *Regionalism redivivus: um outro olhar sobre um tema persistente*. In: *Arte Capital – Magazine Online*, 2012.10.29. Disponível em: http://www.artecapital.net/arq_des-90--regionalism-redivivus-um-outro-olhar-sobre-um-tema-persistente. Acesso em: 01 Nov. 2012.

166 Ibidem, loc. cit. Grifos no original.

167 Entenda-se sítio como realidade física em que a arquitectura construirá o lugar. Por outras palavras, o sítio está a montante ou *a priori* do projecto arquitectónico e, subsequentemente, do objecto arquitectónico. Para um melhor entendimento do conceito de sítio na praxis arquitectónica veja-se, entre outras investigações: HIPÓLITO, Fernando - *Atmosferas. El Sitio y el Proyecto de Arquitectura: 5 Obras en Portugal, Lectura Según una Teoría de la Sensibilidad*. Tese de Doutoramento [texto policopiado]. Barcelona: Escuela Técnica Superior d’Arquitectura de Barcelona, 2003.

168 A dualidade sítio-lugar encontra no texto de Martin Heidegger “*Bauen, Wohnen, Denken*” (“Construir, Habitar, Pensar”) uma simples explicação. Heidegger atribui à ponte o papel mediador entre sítio e lugar: “[o] lugar não está simplesmente dado antes da ponte. Sem dúvida, antes da ponte existir, existem ao longo do rio muitas posições que podem ser ocupadas por alguma coisa. Dentre essas muitas posições, uma ponte se tornar um lugar e, isso, através da ponte. A ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar. A ponte é uma coisa.” HEIDEGGER, Martin - *Bauen, Wohnen, Denken*. In: *Ensaio e Conferências* (tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 133. Refira-se, ainda, sobre este assunto, a investigação de CASEY, Edward S. - *The Fate of Place*. Califórnia: University of California Press, 1998 e, na particularidade da contemporaneidade arquitectónica portuguesa, a investigação de SILVA, Maria T. M. Madeira da - *O Lugar arquitectónico: um modelo teórico de interpretação*. Tese de Doutoramento em Arquitectura [texto policopiado]. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Departamento de Arquitectura e Urbanismo, 2008.

com a envolvente” que entre outras expressões reflectem o reconhecimento de uma determinada produção recente da Arquitectura, onde também se inclui a portuguesa. Apesar das suas especificidades e diferenças, entende-se que tais expressões podem ser facilmente coligidas como partes integrantes de regionalismos, pelo que deverão ser reposicionadas sobre a égide de *Regionalidade* enquanto agente privilegiado da relação entre ‘realidade’, celebrada pela dialéctica permanente entre o particular e o universal, e o pensamento projectual. Esse reposicionamento auxiliará a precisar que o Regionalismo, apesar de vulgarmente incompreendido e negligenciado, é reconhecível enquanto um conjunto de práticas e de teorias fundamentais e centrais à prática da disciplina da Arquitectura. Esse discurso promove a ligação com um local ou Região e dá resposta às necessidades da vida regional, sem desconsiderar as preocupações e possibilidades globais. Nesse sentido, em Arquitectura o Regionalismo tem o compromisso de nos reinserir, crítica e confortavelmente, na ‘realidade’ e pluralidade dos nossos lugares.¹⁶⁹

Na profunda investigação historiográfica¹⁷⁰ de Lefaivre e de Tzonis, o Regionalismo é encarado como um amplo fenómeno histórico, que na evidenciação da sua emergência e evolução de significados, ambos autores identificam as suas variantes ao longo do tempo.¹⁷¹ Vincent Canizaro (1964-) acrescenta¹⁷²: o Regionalismo pode ser encarado como um conjunto específico da Teoria e Crítica de Arquitectura, que persiste em muitos dos movimentos históricos, nomeadamente, no Romantismo, no Eclectismo, no Revivalismo, no Modernismo e, consequentemente, no Pós-Modernismo¹⁷³. As considerações de Canizaro reiteram as de Alan

169 CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition* Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 12.

170 Revista e aprofundada em diversas publicações de ambos autores. Destaque-se o último trabalho recentemente publicado onde se incluem os seguintes capítulos: *The Regional and the Classical Imperial; The first Regionalist Building-Manifesto; A Flat Archipelago of Gaden-Vilas; 'Consult the Genius of the Place in All'; From the Decorated Farm to the Rise of Nationalist Regionalism; From Regions to Nation; Gothic Communalism and Nationalist Regionalism; Homelands, World Fairs, Living-Spaces, and the Regional Cottage; International Style versus Regionalism; Regionalism Rising; Regionalism Redefined; Regionalism Now*. LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012.

171 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*. Munique: Prestel Verlag, 2003, p. 11.

172 Na recentemente publicada antologia de contributos teórico-críticos dedicados ao tema do Regionalismo em Arquitectura; cf. CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition* Princeton: Princeton Architectural Press, 2007. Note-se que este trabalho evidencia essencialmente os contributos providos da América do Norte e, por isso, para um entendimento profundo do tema em questão e sua pertinência histórica, dever-se-á igualmente considerar a investigação realizada durante décadas por Lefaivre e Tzonis; cf. LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012 e, entre outros, os contributos de: COLQUHOUN, Alan - Regionalism and Technology. In: *Casabella. Rivista internazionale di architettura*, n.º. 491, Maio de 1983, pp. 24–25; COLQUHOUN, Alan - The concept of Regionalism. In: NALBANTOGLU, Gülsüm, WONG, Chong Thai (eds.) - *Postcolonial Space(s)*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1997, pp. 13–23.

173 Ibidem, p. 12.

Colquhoun (1921-2012) que, na “Crítica ao Regionalismo”¹⁷⁴, estabelece contemporaneamente cinco grandes temas que se interligam: Regionalismo; Romântico Historicista; Regionalismo e Eclectismo; Regionalismo e Nacionalismo; Regionalismo e as *avant-gardes* de 1920; Regionalismo e Capitalismo tardio¹⁷⁵. Aludindo à polissemia anteriormente detectada, verifica-se que o Regionalismo serviu de discurso ou de contra-discurso aos referidos movimentos, reforçando a faceta dialéctica a ele intrínseca. E, esse inquérito estabelecido historiograficamente, revela que o Regionalismo emergiu, não como tendência instituída através de uma mimetização acrítica e estatizante de um ‘passado’, mas, quase sempre, como um processo contínuo criativo (diferenciador por se associar à diversidade própria de Região) numa dinâmica dialéctica singular com outro processo histórico, aparentemente antagónico, dito universal e na actualidade, vulgarmente denominado global.

Recapitulando, considera-se que gravitam em torno de Regionalismo, entendido como uma ampla construção teórica e crítica, outras (de escala menor) igualmente integradas e inclusivas, tais como: do sítio e do lugar, do contexto, da paisagem e do desenho urbano, sempre aliadas a outras disciplinas preocupadas com o fenómeno espacial¹⁷⁶. Evidencie-se que ao contrário do processo de análise e descrição que visa a manutenção de uma posição neutra, a prática do Regionalismo é, geralmente, polémica e a sua teoria é, por vezes, prescritiva. Mas, e também, o Regionalismo pode instituir-se na Teoria Crítica, com o objectivo de aplicar a análise crítica àquilo que necessita de ser feito, a partir de uma perspectiva prática.¹⁷⁷

Importa reiterar que o discurso acerca do Regionalismo é sustentado por questões complexas (tais como, autenticidade, cultura, tradição e identidade) que fomentam tensões próprias de conjuntos de estruturas dialécticas que suportam e unem a diversidade desse discurso. Em síntese, Canizaro salienta as seguintes oposições dialécticas complementares¹⁷⁸:

174 COLQUHOUN, Alan - Critique of Regionalism. In: *Casabella. Rivista internazionale di architettura*, nº. 630/631, Janeiro/Fevereiro de 1996, pp. 50-55.

175 Tradução nossa. No original: “Regionalism, Romantic Historicism; Regionalism and Eclecticism; Regionalism and Nationalism; Regionalism and the 1920s Avant-gardes; Regionalism and Late Capitalism”. Ibidem, loc. cit.

176 CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism. Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 18.

177 Ibidem, loc. cit.

178 Ibidem, pp. 21-23.

- Resistência e Resposta: resistência deverá ser aqui entendida como resposta a preocupações e necessidades integradas, locais ou regionais, diante de outras, centralizadas ou genéricas. Note-se que, mais uma vez, nos termos de Lefaivre e de Tzonis¹⁷⁹ a resposta é de “baixo para cima” reforçando que a expressão arquitectónica é sempre alicerçada (no sentido literal) e, desse modo, integrada numa ‘realidade’ concreta;
- Imitação e Invenção: no âmago desta oposição dialéctica está a necessidade de estabelecer vínculos relacionais entre as pessoas e o espaço ou Região que habitam. A imitação, em muito verificável em alguns Regionalismos de índole ideológica-política, sobretudo em movimentos nacionalistas ou historicistas do final do século XIX e início do século passado, procura uma autenticidade por uma ressignificação estatizante e imediata de aspectos formais e decorativos. Contrariamente, o Regionalismo entendido como inovação procura nos precedentes ou constituintes de uma ‘realidade’ (aqui entendidos como constituintes de *Regionalidade*) para, numa atitude crítica, criar algo diferente em termos integrados e, sempre, em continuidade. Sincreticamente, essa acção crítica é integrada e estabelecida para invocar de forma subtil uma Região determinando, assim, uma *Regionalidade*;
- Tradição e Inovação: reforça o ponto anterior e é possivelmente o par dialéctico mais constante e o controverso, no discurso de Regionalismo. Controverso por ser vulgar e erroneamente associado a supostos Regionalismos ‘contrafeitos’ ou a ‘Regionalismos Nacionalistas’. *Grosso modo*, a tradição pode ser encarada como o resultado de um processo cultural dinâmico e em continuidade. Criticamente considerada, a tradição é formada pela dinâmica que se funda num passado, num presente e, conseqüentemente, informadora de um futuro, particularmente evidenciada na Arquitectura Portuguesa contemporânea na qual se centra esta investigação.

Precisando as considerações anteriores e de acordo com a revisão da literatura detectaram-se dois grandes tipos de discurso associados ao Regionalismo em Arquitectura: um é conseqüente de um movimento descendente e o outro de um

¹⁷⁹ Cf., entre outros textos: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012.

movimento ascendente. Aparentemente idênticos e unidos na exaltação de Região são em muito diferentes. O primeiro é historicamente dominante e estabelece-se de cima para baixo; de modo nacional ou universal (aqui entendido como geral, centralizado, estandardizado) e alicerçado em Região como por exemplo: os Regionalismos de carácter absolutista, celebrados pelos Romantismos, Nacionalismos, Historicismos e por outros movimentos idênticos. Esses Regionalismos encontram-se usual e genericamente, associados a teses identitárias de índole ideológica-política. O segundo é estabelecido de baixo para cima; de modo local e regional, mas também fundamentado em Região. Integrado e inclusivo, estabelece-se reflexivamente no particular e consequentemente perspectiva-se no universal. Embora num passado muito recente – a partir dos meados do século passado – esse discurso “vivido” é em muito confundido com o anterior, pelo que, ainda hoje, carece de afirmação. Talvez por ter sido rotulado como (e ainda) Regionalismo (Crítico), essa afirmação passará por clarificar a sua dinâmica teórica-crítica peculiar – é disso exemplo o facto de que os seus principais estudiosos, eventualmente ao aperceberem-se dessa confusão, tentaram renomeá-lo recentemente de “Realismo”¹⁸⁰. No entanto, crê-se que a sua afirmação passará por reposicionar o enfoque em *Regionalidade*. Com o intuito de enquadrar esses dois grandes tipos de Regionalismo, importa historiograficamente, no campo disciplinar da Arquitectura, declará-los resumidamente.

É hoje, quase, consensual que o Homem, pelo menos desde os tempos remotos da Antiguidade Clássica, desenvolveu e exportou – na particularidade da Arquitectura – ‘tipos’ e ‘estilos’ estandardizados que, com intuitos variados, favoreceram a expansão e colonização mundial – entre outras coisas – de estados e de instituições, ou seja, a promoção de casas (longe de casa). Essa exportação revelou-se como um ‘globalismo’ de identidades regionais concretas, isto é, se forem consideradas como “picos e vales”¹⁸¹ (no sentido da sua diversidade). As particularidades próprias dessas identidades, ao serem exportadas instituíram, globalmente uma repetição que sem diferença ‘terraplenaram’ arquitectonicamente, de forma gradual, o mundo de então. Em traços gerais, esse procedimento tornou-se conhecido como

180 Cf., entre outros textos: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*. Munique: Prestel Verlag, 2003, p. 10.

181 Cf. Ibidem, loc. cit.

Universalização e, actualmente, como Globalização. Por outro lado, também desde a Antiguidade que a Arquitectura tem um papel determinante na promoção de uma atitude aparentemente contrária à anterior, ou seja, promoveu em simultâneo o Globalismo e o Regionalismo.¹⁸² O reconhecimento das potencialidades culturais de um modo universal, potenciaram, ao mesmo tempo, o particular o que promoveu identidades, diferenças e diversidade numa repetição universal¹⁸³.

Como preâmbulo do seguinte resumo do Estado da Arte acerca de Regionalismo na particularidade da disciplina da Arquitectura, retenha-se desde já que, de todos os períodos históricos, foi no século XX que o ‘conflito’ dialéctico entre universal e particular ganhou indiscutivelmente um maior destaque. Detectou-se que remontam¹⁸⁴ a “*De Architectura Libri Dessem*” (circa 32-22 a.C.) os primeiros discursos acerca da relevância de Região para o estabelecimento da prática arquitectónica. “A escolha do lugar para uma certa construção, como para uma cidade, tinha valor proeminente no mundo clássico.”¹⁸⁵ Vitruvius teoriza acerca da relação directa da prática arquitectónica com a especificidade de uma ‘realidade’ regional, quer cultural (*e.g.*, aspectos sociais, políticos), quer física (*e.g.*, ventos, exposição solar). Ao alertar para as diferenças dos edifícios em diferentes contextos geográficos e culturais, o autor pretende salvaguardar especialmente as questões de salubridade. No seu Livro I, capítulo IV e V adverte: “[n]o que respeita às cidades, serão estes os princípios. Em primeiro lugar, a eleição de um lugar o mais saudável possível. Este será alto e não nebuloso, sem geadas e voltado para um quadrante que não seja nem quente nem frio, mas temperado”¹⁸⁶. Depois de classificar os tipos e descrever as dissemelhanças dos edifícios, Vitruvius fundamenta a discussão na comparação dos “tipos gerais” de edifícios (*genera aedificiorum*) com os que pertencem a uma Região (*regionum*) evidenciando uma diversidade que resulta de

182 Lefaivre e Tzonis optaram por Regionalismo em função das diversas investigações de cariz historiográfico por eles realizadas. Segundo os autores, o termo que melhor se ajusta a essa leitura histórica é Regionalismo. Considere-se, mais uma vez, a recente publicação de ambos autores em *ibidem*, loc. cit.

183 Acerca da particularidade dessa dinâmica dialéctica considere-se a investigação de Lefaivre e de Tzonis citada nas anteriores notas de rodapé e, igualmente, as investigações de Kenneth. Frampton citadas ao longo desta investigação.

184 De um modo evidente e sistematizado. Por exemplo, Canizaro menciona, ainda, os exemplos da via comercial do Império Persa, o *Oikoumene* ou Região inhabitada conhecida (ou assim perspectivada) do mundo clássico Greco-Romano e o sistema de vias de comunicação romana. Lefaivre e Tzonis (LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012, pp. 3-10), como adiante será referido, remetem para, entre outros, o Tratado *Dos Ares, Águas e Lugares* de Hipócrates (460 a.C. - 370 a.C.) escrito em 400 a.C. que trata, em termos gerais, da relação entre o homem e o meio ambiente.

185 ROSSI, Aldo - *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001, p. 151.

186 POLLIO, Marcus Vitruvius [circa 32-22 a.C.] - *De Architectura Libri Decem. Tratado de arquitectura*. Lisboa: IST Press (tradução do Latim por Manuel Justino Maciel), 2006, p. 41.

diferentes características “ordenados pela Natureza” (de Região). Em síntese, a variedade dos edifícios depende do “ambiente físico” (*nature rerum*) das regiões¹⁸⁷. É de particular interesse que, além de questões de Arquitectura, Vitruvius discute também as implicações políticas de um mundo dividido em regiões de qualidade desigual. Assim, se as condições climáticas e físicas influenciam os edifícios, também elas moldam os seres humanos. Acrescenta, ainda, que tal como as condições físicas extremas do Norte ditam edifícios com coberturas fortemente inclinadas e as condições físicas do Sul apontam para coberturas quase planas, também moldam os tipos de pessoas tanto ao nível constituição física como no comportamento¹⁸⁸. No entanto, Lefaivre e Tzonis referem que aproximadamente mil anos depois de Vitruvius, o regional em Arquitectura tornou-se um termo complexo. Tal complexidade advém da afirmação à data de uma Arquitectura regionalista *versus* uma Arquitectura Regional. O que distingue estes dois tipos de Arquitectura é que a primeira incorpora elementos regionais, no processo projectual, como um meio para se adaptar às condições locais e também para criticar uma ordem arquitectónica que reclama uma aplicação universal. O Regionalismo desde as suas primeiras manifestações que expressa o desejo de se libertar de uma tipologia imposta *a priori* por um poder percebido como estranho e ilegítimo.¹⁸⁹ Assim, especifique-se o uso do adjectivo regionalista¹⁹⁰ como reacção ou resposta (do particular) contra o que ‘vem de fora’, ou seja, o universal.

187 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012, pp. 3-10.

188 E, ainda, que “there is a ‘temperate’ environment that produces temperate architecture and temperate people. This is the environment Romans inhabit and the architecture they build. The temperate environment is superior to the extreme ones, and so it is with the temperate buildings and people. The temperate architecture and people are more balanced, reflecting the balanced environmental characteristics of the region they inhabit. Again elements of this theory are to be found in *The Histories of Herodotus*, where he argues that the climate of Greece is ‘ideal’ being temperate, in contrast to the very cold climate of Scythia and the very hot one of Egypt. Similarly, the Hippocratic treatise claimed that Europeans are more industrious than Asians, owing to the temperate climate of their region. (...) From these observations, Vitruvius draws a political conclusion arguing that because of their temperate region the Romans have special courage and strength and for this reason they can overcome the deficiencies of the people of the northern or southern regions, presumably Germans and Africans. Romans are allocated this ‘excellent and temperate region in order to rule the world’ (*terrarium imperii*). (...) The architectural implications of this environmental-political theory were that, by Nature, Roman (‘classical’) architecture must be applied globally. It is obvious that Vitruvius’s reasoning was inconsistent. On the one hand, from nature (*naturae deducta*) and on the basis of rationality (*disciplinae rationes*), it asserted that buildings, like people, are adapted to the environment of their regions, resulting in regional variety and diversity; on the other, it supported the political, ‘imperial’, universal normative doctrine that Roman (‘classical’) buildings, like the ruling Romans, ought to be imposed in a region without being adapted to its regional conditions, thereby creating a standard classical, global world. History might have helped Vitruvius to understand that even classical Greco-Roman architecture was not universal and that its buildings were the result of regional adaptations. History occupies a small place in the *De Re Architectura* and it is frequently impressionistic even by the standards of its time.” Ibidem, loc. cit.

189 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Critical Regionalism. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings* [Janeiro de 1989]. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, p. 5.

190 Complemente-se a anterior citação com as afirmações presentes em LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *The Emergence of Modern Architecture. A Documentary History, from 1000 to 1800*. Londres: Routledge, 2004, pp. 23-24.

É somente a partir do Renascimento que se detectam, ainda que breves, discursos acerca da pertinência de Região para o estabelecimento da prática arquitectónica.¹⁹¹ Contudo, o estabelecimento definitivo desses discursos ocorre apenas no período do Romantismo. A proliferação mundial de movimentos nacionalistas, o apelo bucólico à tradição e a nostalgia historicista, contaminaram o discurso arquitectónico de então, vincando a sua prática¹⁹². O Regionalismo foi frequentemente associado a questões de índole ideológica-política, vulgarmente nomeadas de nacionalistas, que se propagaram, *grosso modo*, até meados do século XX.

Um inquérito acerca o Regionalismo arquitectónico revela um conjunto heterogéneo de motivações e prescrições de um discurso teórico-crítico¹⁹³ no século XX¹⁹⁴. A partir, nomeadamente da segunda metade do século XX verifica-se a estabilização desses temas na Teoria e na Crítica da Arquitectura. Entre o questionamento do *The International Style* e dos nacionalismos – sobretudo europeus – instituídos, fundam-se reflexões acerca da relação da prática com a ‘realidade’, estabelecendo inevitavelmente inúmeras posições ou (renovados) discursos ‘regionalistas’, embora nenhum deles dominante. Essa heterogeneidade do discurso corrobora a noção de que não existe apenas um Regionalismo, mas sim tantos quantas as regiões¹⁹⁵. De facto, “[i]sto pode sugerir que a variedade de posições regionalistas fazem parte da atitude pluralista considerada endémica para a teoria pós-moderna, onde não há uma visão singular considerada dominante.”¹⁹⁶ Internacionalmente, na dianteira dessas reflexões, encontra-se, entre outros contributos, o conjunto de palestras proferidas no *Alabama College* em Abril de

191 CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition* Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 16.

192 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander – Chapter 1: Tropical Critical Regionalism: Introductory Comments. In: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander, STAGNO, Bruno (editores) - *Tropical Architecture: Critical Regionalism in the Age of Globalization*. Londres: Wiley-Academy, 2001, p. 5.

193 Ibidem, loc cit., p. 16.

194 Colquhoun enquadra Regionalismo no séc. XX a partir de duas perspectivas: “The twentieth-century avant-garde can always be viewed from one of two perspectives: either as having inherited the principles of the Enlightenment, or as emerging from the tradition of the Enlightenment's great enemy, romanticism. One can hardly avoid noticing the presence of these contradictory strands: on the one hand the promotion of rationalism, universalism, and identity: on the other a recurrent enthusiasm for nominalism, empiricism, intuition, and difference. (...) What was the nature of this conflict? To answer this question it is necessary to go back to the eighteenth century and the beginnings of romanticism and historicism. To answer this question it is necessary to go back to the eighteenth century and the beginnings of romanticism and historicism. It was then that Europeans started to notice the existence of ancient cultures that were neither antique nor Biblical. At the same time they began to be interested in their own pasts – in the vernaculars that had existed before the revival of antiquity in the Renaissance. One of the most significant results of this process was the creation of an alternative model for humanistic culture, one that made a sharp distinction between the study of nature and that of human history. (...) Elaborate genealogies were invented to support the new sentiment of nationhood.” COLQUHOUN, Alan - The concept of Regionalism. In: NALBANTOGLU, Gülsüm, WONG, Chong Thai (eds.) - *Postcolonial Space(s)*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1997, pp. 13-23.

195 Ibidem, p. 17.

196 Tradução nossa. No original: “This may suggest that the variety of regionalist positions are part of the pluralistic attitude considered endemic to postmodern theory, where no singular view is taken to be dominant.” Ibidem, loc. cit.

1941 – uma revisão dos temas da condição regional (*versus* uma condição universal) de uma Arquitectura – publicadas pelo nome de “*Excerpts from The South in Architecture*”¹⁹⁷ de Lewis Mumford (1895-1990). Envolvido no crescente debate em torno do fenómeno de Universalização¹⁹⁸, Mumford assevera que o Regionalismo sugere uma cura para muitas das doenças de hoje¹⁹⁹. O referido texto de Mumford (1941) será o precursor, em conjunto com outros do mesmo autor, do mais divulgado e documentado discurso acerca do Regionalismo até à data. Assim, na revisão²⁰⁰ dos paradigmas vigentes, ocorrida sobretudo nas décadas de cinquenta e sessenta do século XX, confrontava-se uma Arquitectura de cariz modernista (universal) com uma outra aparentemente de cariz vernacular ou regional (particular) afirmando-se, assim, o segundo tipo anteriormente considerado de Regionalismo. Isto, é particularmente evidente na ‘realidade’ portuguesa de então, destacado pelo famoso debate conhecido por Casa Portuguesa²⁰¹.

Quase duas décadas mais tarde surge o Regionalismo Crítico – uma via teórica-crítica que, reformulada inúmeras vezes por esses e outros autores, mediou e fomentou alguns dos momentos mais interessantes e polémicos²⁰² da crítica ao cenário Pós-Moderno, no final do século XX. O texto “*The Grid and the Pathway: An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis*”²⁰³ (1981) de Liane Lefaivre e de Alexander Tzonis funda um lugar de debate que, mais tarde, será mediatizado por Kenneth Frampton em particular com a difusão mundial do seu

197 MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture: The Dancy Lectures, Alabama College*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1941.

198 Sobre o fenómeno da Universalização veja-se, entre outros títulos: RICOEUR, Paul - *Civilisation universelle et cultures nationales*. In: *Esprit - DE L'ASSISTANCE A LA SOLIDARITE*, n.º 10, Outubro, 1961, pp. 439-453.

199 MUMFORD, Lewis apud CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism. Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 16.

200 É curioso verificar que destacados autores vulgarmente associados a outros ‘-ismos’ contribuíram igualmente no debate sobre a vitalidade de Região e de Regionalismos. A título de exemplo, veja-se: NEUTRA, Richard J. - *Regionalism in Architecture*. In: *PLUS 2: Orientations of contemporary architecture – the architectural forum*. Filadélfia: Fevereiro de 1939, pp. 22-23; STIRLING, James - *Regionalism and Modern Architecture*. In: *Architects Year Book 7*. Londres: RIBA, 1957 pp. 62-68; GIEDION, Sigfried - *The New Regionalism* [1954]. In: *Architecture, you and me: the diary of a development*. Michigan: Harvard University Press, 1958, pp. 138-151; ALEXANDER, Christopher, ISHIKAWA, Sara, SILVERSTEIN, Murray - *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1977.

201 Cf. Parte III. Itinerários de *Regionalidade*, ponto 3.2. ‘Typo’ português ou por uma ‘Casa Portuguesa’

202 Saliente-se que: “As opposed to the process of analysis and description, which attempts to remain somewhat neutral, practice is virtually always polemical and its theorization, prescriptive. Regionalism may borrow the critique established in critical theory, but it does so from the perspective of practice, that is, with the aim of applying critical analysis to a situation to focus what needs to be done. As such, regionalism, whether in planning or architecture, may be thought of, in part, as the practical application of the social sciences-a sort of rough synthesis of allied disciplines.” Ibidem, p. 18.

203 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis*. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, pp.164-178. Note-se, desde já, que o anterior texto surge na esteira de LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander, ALFONSI, Anthony - *Der Frage des Regionalismus*. In: M. Andritzky, L. Burchardt, and O. Hoffmann (eds), *Für eine andere Architektur*, Vol. 1. Frankfurt: Fischer, 1981, pp. 121-134.

texto seminal “*Modern Architecture, a Critical History*”²⁰⁴. Ressalve-se desde já, que “[o] atributo “crítico” revelou-se então instrumental como forma de sanear o Regionalismo da sua carga literal e ecléctica e o reabilitar nas narrativas históricas e na prática arquitectónica do tempo Pós-Moderno. Uma grande fracção desta narrativa continua a fazer parte do nosso discurso cultural contemporâneo.”²⁰⁵ Independentemente das categorizações, das leituras espontâneas sobre práticas isoladas, ou de autor, interessa discernir a oportunidade da formulação do discurso do Regionalismo Crítico de Lefavre e de Tzonis. A competência do dispositivo crítico por eles proposto – enquanto instrumento de medição e de interpretação (alinhado, entre outras, com as reflexões de Kenneth Frampton) – possibilitará circunscrever, em geral, a abrangente e controversa discussão acerca do Regionalismo. Em particular, o posicionamento da discussão acerca do potencial operativo de Região para evidenciar e provocar uma narrativa de uma *Regionalidade*, na particularidade de uma práxis arquitectónica contemporânea em Portugal. E, desse modo, auxiliar na afirmação do aqui considerado segundo tipo de discurso de Regionalismo, para além da facilidade determinada *a priori* das inúmeras tipificações, taxonomias, imprecisões, preconceitos ou estereótipos e as suas consideráveis polémicas, em muito herdadas do outro discurso. Assim, o Regionalismo é uma espécie de meta-teoria apenas com aplicação e significado regional, o que se deve à falta de clareza com que é entendido e praticado e também às tensões intrínsecas à sua estrutura dialéctica. O Regionalismo nunca é uma teoria ou prática isolada, mas sim um meio através do qual as tensões, *e.g.*, global e local, modernidade e tradição, são resolvidas.²⁰⁶

Sintetizando, da complexa relação entre Região e Regionalismo, considere-se que o segundo é essencialmente um estado de espírito que pode ser suscitado pela pobreza, isolamento e pelas tradições ‘resistentes’.²⁰⁷ De facto, conforme afirma H. Harris, todos estes factores dão origem a proporções insuficientes, ignorância,

204 Considere-se, em particular, a segunda edição de 1985, revista e ampliada da primeira de 1980. Cf. FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição. Londres: Thames & Hudson, 1985.

205 AGAREZ, Ricardo, MOTA, Nelson - *Regionalism redivivus: um outro olhar sobre um tema persistente*. In: *Arte Capital – Magazine Online*, 2012.10.29. Disponível em: http://www.artecapital.net/arq_des-90--regionalism-redivivus-um-outro-olhar-sobre-um-tema-persistente. Acesso em: 01 Nov. 2012.

206 CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism. Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 16.

207 HARRIS, Harwell H. – Regionalism and Nationalism in Architecture. In: RANSOM, Harry H. (ed.) - *Texas Quarterly*, vol. 1, Fevereiro. Austin: The University of Texas Press, 1958, pp. 115-124.

favorecimento no desenvolvimento de regiões, restrição da selecção dos materiais de construção provenientes da Região e padrões de vida ancorados num passado desaparecido.²⁰⁸ Este Regionalismo é anti-cosmopolita e anti-progressista, preocupando-se mais em preservar o dialecto obscuro do que em expressar uma ideia e ter orgulho da sua exclusividade.²⁰⁹ Contudo, um orgulho exagerado da Região – “Regionalismo de Restrição”²¹⁰ – promove a ignorância e a inferioridade, mas gradualmente começa a ser destruído. Em oposição, o “Regionalismo de Libertação”²¹¹ apresenta uma Região em perfeita sintonia com o pensamento contemporâneo emergente. “Para exprimir arquitectonicamente esse Regionalismo é necessário que haja um edifício – preferencialmente, um conjunto considerável de edifícios – ao mesmo tempo. Só assim é que tal expressão pode ser genérica, suficientemente variada, suficientemente forte para capturar a imaginação das pessoas e proporcionar um clima amigável, o suficiente para que uma nova escola de *design* se possa desenvolver.”²¹² Nesse contexto, uma Arquitectura de excelência deve “expressar a diversidade, a liberdade, expansividade, e o amor pelo mundo físico, que são o produto do melhor Regionalismo – o Regionalismo de Libertação. Ao mesmo tempo, deve fornecer uma imagem dessas qualidades às pessoas que acreditam que a expressividade deles mesmos e da sua nação os une numa singular expressão nacional.”²¹³

208 Ibidem, loc. cit.

209 Ibidem, loc. cit.

210 Ibidem, loc. cit.

211 Ibidem, loc. cit.

212 Tradução nossa. No original: “To express this regionalism architecturally it is necessary that there be building-preferably a lot of building-at one time. Only so can the expression be sufficiently general, sufficiently varied, sufficiently forceful to capture people's imaginations and provide a friendly climate long enough for a new school of design to develop.” Ibidem, loc. cit.

213 Tradução nossa. No original: “For an architecture to be really great it must express the variety, freedom, expansiveness, and love of the physical world that are the product of the best regionalism - the regionalism of liberation. At the same time it must provide an image of those qualities the people want to believe expressive of themselves and their nation and that unite them in a great national expression.” Ibidem, loc. cit.

Conclusões parciais

Retomando o início deste capítulo, verifica-se que interpelar e circunscrever Região não é algo linear ou directo e no caso do Regionalismo, essa problemática ganha contornos ainda mais complexos. Da disparidade multidisciplinar e suas intrincadas teorizações, às conotações pejorativas e preconceituosas nos seus usos urge, numa aproximação que se ambiciona operativa para a disciplina da Arquitectura: reposicionar e cintar a sua problematização. Para tal empreendimento, propõe-se reposicionar o enfoque em *Regionalidade*.

Enquanto chave de interpretação, na singularidade contemporânea de um pensamento projectual português em Arquitectura, a oportunidade de *Regionalidade* será patenteada pelo estabelecimento de uma narrativa síntese dos seus relatos, que amparados por um modelo teórico-crítico próprio de um Regionalismo particular, farão emergir os seus constituintes. Assim, *Regionalidade* fornece, uma variável dependente²¹⁴ que, ao comprovar um padrão possível na apropriação matricial dos seus constituintes, poderá mapear com a precisão desejada a sua pertinência na identificação de uma condição única de uma práxis arquitectónica.

Insista-se que *Regionalidade* é correlativa de Região e de Regionalismo, e vice-versa. Nessa mútua dependência, o Regionalismo deverá ser entendido como uma abordagem ou metodologia que possibilita a averiguação de narrativas de *Regionalidade*. Portanto, o Regionalismo ganha um renovado destaque, não como uma variedade ou estilo (entre outras imprecisões), mas como um modo de pensar ou de problematizar acerca duma expressão da Arquitectura. Assim, amparado pela oportunidade de *Regionalidade*, o Regionalismo afasta-se em definitivo das classificações estritas de algo provincianismo e pitoresco, entre muitas outras conotações pejorativas e demais preconceitos. Então, o Regionalismo patenteia a particularidade dentro de uma totalidade definida, ou seja, possui características de individualidade e de universalidade, no sentido dialéctico dessas categorias. Particular e universal complementam-se em Regionalismo e, assim entendido, torna-se essencial para apreender uma *Regionalidade*.

214 Cf. Introdução. Tema e questão de partida.

Advirta-se, ainda, que as anteriores afirmações só poderão ser consideradas numa circunstância temporal precisa, ou seja, a reflexão acerca de Região, *Regionalidade* e Regionalismo presente neste capítulo apenas pode ser considerada numa contemporaneidade e, em continuidade, numa actualidade. A delimitação desse arco temporal será, em seguida, precisada. Esta questão assume vital importância pois, na sequência do afirmado, interessa celebrar o movimento estabelecido de baixo para cima, integrado e inclusivo à prática de Arquitectura. É igualmente corolário desse movimento, a selecção do vocábulo de *Regionalidade* – vinca-se matricialmente em Região e erige-se, fruto de uma dinâmica singular ascendente. Embora dialecticamente dependente de Universalidade, essa dinâmica²¹⁵, é basilar para o estabelecimento de uma possível narrativa de *Regionalidade*.

O processo agora sintetizado, corroborará a afirmação de que o Regionalismo – através de uma atitude crítica ponderada – tem potencial para permanecer na história humana, tanto individual como colectiva. Devido à sua forte sintonia quer com a constância quer com a mudança do ambiente regional, o Regionalismo poderá ser entendido como prática arquitectónica progressista e de “alta *performance*”²¹⁶. Desse modo, além de possibilitar a compreensão acerca de onde, como e com quem se vive, também deverá instigar para as questões do clima local e as suas modificações. Deverá, ainda, possibilitar a compreensão do ‘aqui’ e a sua ligação ao ‘acolá’ a nível ecológico, económico e social.²¹⁷

Assim, *Regionalidade* permitirá, ao agregar a vitalidade de Região e seus discursos ou Regionalismos, enquadrar a possibilidade de uma possível “identidade projectual”²¹⁸ sustentável e capaz de “prolongar o projecto inacabado da modernidade, enraizando-o numa interpretação crítica e criativa da história e do lugar, afirmando a sua individualidade”²¹⁹ na actualidade.

215 Facilmente verificável, nos já referidos, discursos do Romantismo, do(s) Nacionalismo(s), do *The International Style* e, entre outros, actualmente numa prática de arquitectura dita de ‘Global’.

216 CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism. Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 12.

217 Ibidem, loc. cit.

218 De modo dialéctico, Manuel Castells propõe três formas de identidade: *legitimizing identity*; *resistance identity* e *project identity*. Esta última, aqui apropriada para o português como “identidade projectual”. CASTELLS, Manuel [1997] - *The power of identity: Second edition with a new preface*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010, p. 26.

219 COSTA, Alexandre Alves [1990] - Reconhecer e dizer. In: COSTA, Alexandre Alves - *Textos Dados*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007, p. 93.

Parte II

Por um modelo teórico-crítico

Considerações prévias

Na sequência dos capítulos anteriores, o modelo teórico-crítico de observação proposto para testar a hipótese acerca do lastro, da vitalidade e da oportunidade de *Regionalidade* para um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa estabelece-se, sobretudo, a partir de uma (re)interpretação do recente discurso (teórico-crítico) acerca do Regionalismo. Assim, considere-se que “[q]ualquer tentativa de precisar hoje a noção de "portuguesismo" terá de levar em consideração as reflexões que nos inícios da década de 1980 vieram recuperar a actualidade do "regionalismo" como conceito crítico operativo em termos internacionais.”²²⁰ E, nesse sentido “[o] "regionalismo" assim entendido deve contudo distinguir-se da arquitectura "puramente regional", aquela que utiliza os elementos e materiais de uma forma tradicional automática e inclusivamente ritual ou, por outras palavras, o vernáculo tal como foi produzido espontaneamente pela interacção combinada do clima, cultura, mito e artesanal.”²²¹

Conhecido como Crítico, importa, com o intuito de o afirmar como base para o modelo de observação, recuperar, clarificar e sintetizar os fundamentos desse Regionalismo. Crê-se que esse Regionalismo é operativo e permite testar a possibilidade de uma latência consequente da permanência de uma expressão arquitectónica portuguesa singular contemporânea numa actualidade. Assim,

“[a]tentemos ainda no facto de uma das componentes determinantes da expressão de regionalismo estar ligada ao modo como as formas construídas se relacionam num "território concreto". Trata-se dos laços estabelecidos entre a arquitectura e um particular contexto físico com a sua diversidade e a complexidade, com as condições ambientais específicas que lhe são impostas pela topografia, pelo clima e pelas matérias-primas disponíveis. Desta ligação à Geografia decorre uma objectividade e uma estabilidade que são apenas aparentes. Na realidade a "memória e experiência colectivas" que promovem esse enraizamento específico ao território remetem-nos para o mundo da Cultura, cuja complexidade só poderá ser correctamente avaliada com o recurso aos instrumentos e métodos das ciências humanas – a História, a Antropologia, a Sociologia.”²²²

220 MARTINS, João Paulo - Portuguesismo: Nacionalismos e Regionalismos na Acção da DGEMN. Complexidade e Algumas Contradições na Arquitectura Portuguesa. In: AAVV - *Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Caminhos do Património 1929-1999*. Lisboa: DGEMN e Livros Horizonte, 1999, pp.115-116. Note-se que o autor, no final da citação, refere directamente o trabalho de LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - El regionalismo crítico y la arquitectura española actual. In: *A&V Monografías*, n.º3, Madrid, 1986, pp. 4-19.

221 Ibidem, loc. cit. Note-se que o autor, no final da citação, refere directamente o trabalho de LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - El regionalismo crítico y la arquitectura española actual. In: *A&V Monografías*, n.º3, Madrid, 1986, pp. 4-19.

222 Ibidem, p. 116.

Portanto, importa questionar o que, em síntese, é a teoria-crítica em Arquitectura nomeada por Regionalismo Crítico? E, de que modo, é que dos (por vezes intrincados) discursos teóricos-críticos desse Regionalismo se poderão extrair instrumentos críticos capazes de testar a hipótese supracitada?

1. Regionalismo: um modelo teórico-crítico de observação

1.1. Da “grelha” e do “itinerário”

“Nestas novas estruturas o universal e o regional, o racional e o vital, reuniram-se originando uma síntese magistral. Em princípio, em linhas gerais, o problema da forma moderna foi resolvido, ou pelo menos encontra-se no caminho da solução. O que restou foi transformar uma realização individual numa regra social.”²²³

Em 26 de Maio de 1980, Anthony Alofsin (1949-) concluiu a sua tese final de licenciatura orientada pelo professor Alexander Tzonis na *School of Design* da Universidade de Harvard. Nesse trabalho, Alofsin forjou o conceito *Constructive Regionalism*, argumentando originalmente²²⁴ num texto com o mesmo nome, que o Regionalismo Construtivo deverá permitir dar resposta às cores locais, materiais e costumes, no sentido de estreitar as tradições e transformá-las. Assim, deverá ter uma forte relação com o seu contexto, independentemente de serem paisagens rurais ou urbanas.²²⁵ A promoção dos ofícios tradicionais força os limites da tecnologia e permite dialogar com o particular e procurar o universal.

A proposta de Alofsin aspirava, então, ser construtiva, não só no sentido tectónico, mas, em particular, no sentido de criar um diálogo profícuo entre cultura, Arquitectura e o seu contexto ou ambiente envolvente. Influenciado pelo Regionalismo particular latente na obra teórica-crítica de Lewis Mumford²²⁶ e na prática do arquitecto William Wilson Wurster (1895-1973), uma das chaves de leitura para o conceito “construtivo” de Alofsin é, *grosso modo*, a reconciliação e, consequente, harmonia entre paradoxos. Aparentemente antagónicos (e, para muitos, inconciliáveis), Alofsin propõe uma expressão da Arquitectura capaz de combinar construtivamente qualidades do particular e do universal. De facto, ao serem inquiridos, o particular e o universal revelam dicotomicamente uma

223 Tradução nossa. No original: “In these new structures the universal and the regional, the rational and the vital, came together in a masterly synthesis. In principle, in outline, the problem of modern form was solved, or at least well on the way to solution. What remained was to turn an individual achievement into a social rule.” MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture. The Dancy Lectures, Alabama College, 1941*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1941, p. 130.

224 A passagem citada pertence ao texto original e nunca publicado de Alofsin datado, conforme anteriormente referido, de 1980. O referido texto, revisto em 2005, foi publicado pela primeira vez em CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition* Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, pp. 369-373. Para além do referenciado, note-se que, durante esta investigação, ocorreram diversos contactos directos com o autor sobre o ‘*Constructive Regionalism*’ tendo sido por ele facultado uma cópia do texto (revisto em 2005) similar ao publicado por Canizaro em 2007.

225 ALOFSIN, Anthony - *Constructive Regionalism*. In: CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition* Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 372.

226 Cf., entre outros textos: MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture. The Dancy Lectures, Alabama College, 1941*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1941; MUMFORD, Lewis - *The Architecture of the Bay Region, Domestic Architecture of the San Francisco Bay Region* (catálogo de exposição). São Francisco: San Francisco Museum of Art, 1949, s.p.

afinidade considerável numa profundidade de campo transdisciplinar. Em vez de repelir o particular do universal e vice-versa, o Regionalismo Construtivo ambiciona qualidades universais (avanços da técnica e da tecnologia aplicada à construção), mas nega um “Estilo Universal”²²⁷. Para Alofsin, a imposição de um estilo ou de uma hegemonia visual universal é contrária ao Regionalismo Construtivo²²⁸, pelo que afirma que o mesmo deverá exaltar os saberes tradicionais locais ou regionais da arte de construir e, ao mesmo tempo, as qualidades das novas tecnologias aplicadas à construção. Só através da combinação do saber tradicional e as qualidades particulares da tecnologia hodierna, é que se poderão alcançar novos graus de síntese em Arquitectura.²²⁹ Desse modo, o Regionalismo Construtivo constituir-se-á como um pensamento projectual holístico capaz de, pela síntese, afirmar um renovado diálogo erigido sincreticamente entre tradições e modernismos. Nesse contexto, Alofsin refere que o Regionalismo Construtivo não deve apenas cingir-se à cor e ao detalhe natural, por ser necessário desencorajar os hedonismos culturais e estimular a criação de laços pessoais que proporcionem orgulho e que se distingam através da sua produção particular. Quando bem-sucedido, o Regionalismo Crítico saúda o individual e o seu contexto social, reforçando essas qualidades, no sentido de demarcar uma Arquitectura com autonomia e vida cultural própria.²³⁰ Assim, Alofsin conclui que “[p]ara além do aparente paradoxo, um Regionalismo Construtivo providenciará um ideal, uma direcção embebida de optimismo. Edifícios cómodos com proporções adequadas para uso humano e fachadas que são faces da tradição arquitectónica e vida local incentivarão não só a união de pessoas, mas também, elevarão a Arquitectura como um produto nobre da cultura.”²³¹

Na linha do pensamento de Mumford, Alofsin propõe um equilíbrio entre expressões arquitectónicas particulares (locais ou regionais) e universais;

227 ALOFSIN, Anthony - *Constructive Regionalism*. In: CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 372.

228 Ibidem, loc. cit.

229 Ibidem, loc. cit.

230 Ibidem, loc. cit.

231 Tradução nossa. No original: “Despite paradox a constructive regionalism would provide an ideal, a direction imbued with optimism. Commodious buildings with proportions appropriate to human use and facades that are faces of architectural tradition and local life will encourage not only the bonding of people, but also elevate architecture into an ennobling product of culture.” Ibidem, p. 373.

Ilustração 1 - *Fur eine andere Architektur: Bauen mit der Natur und in der Region*, vol. 1. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1981, pp. 121-134.

Überflusses zu überleben. Auch diejenigen kommen zu Wort, die als die »wahren Denkmalfleger« Neues mit Altem verbinden wollen, die nicht für bloße Konservierung, sondern für Erhaltung und Weiterentwicklung des historischen Erbes eintreten, dabei immer das Vorhandene respektierend, ohne es blindlings zu kopieren.

Die Beispiele aus England und Dänemark zeigen, daß man regional-inspiriert auch bauen kann, ohne die historische Substanz wie ein Musterbuch für den Bauzeichner zu benutzen. Das heißt, es kann auch ein neuer Regionalismus – ohne direktes Vorbild – entstehen, assoziativ angepaßt an Landschaft, Klima, Topographie und örtliche Bau- und Handwerkstraditionen.

Je länger wir uns mit dem Thema beschäftigen, desto deutlicher wurde, daß die strenge Klassifizierung und »Schubladisierung« der verschiedenen architektonischen Ansätze und Strömungen heute mit großer Vorsicht zu betrachten ist. Gerade das Thema Regionalismus offenbart eine Fülle von Querbezügen zu den beiden anderen Kapiteln dieses Buches über Partizipation beim Bauen und Öko-Architektur, die feststehend gar nicht zu trennen sind. G. Blomseyer weist darauf hin, daß es in England seit Anfang dieses Jahrhunderts bereits regional-bezogene Planungsansätze gibt, die den Partizipationsgedanken in den Mittelpunkt stellen; selbst die Frage, ob der Internationale Baustil der zwanziger Jahre, wie er in den Bauten Le Corbusiers beispielhaft verkörpert wird, nicht vielfältige regionale Anregungen – zum Beispiel aus den Mittelmeerskulturen – aufgenommen und dann nur später »internationalisiert« hat, ist nicht abwegig.

Alexander Tzonis, Liane Lefaivre,
Anthony Alofsin

Die Frage des Regionalismus

Für Lewis Mumford

Regionalismus in der Architektur bedeutet Unterschiedliches für unterschiedliche Leute, trotzdem können wir als eine allgemeine Definition sagen, daß es die bewußte Aufnahme spezieller und lokaler Designeterminanten meint im Gegensatz zu allgemeingültigen und universellen Normen. In diesem Aufsatz soll ein Überblick über die Entwicklung des Regionalismus gegeben werden und eine Prüfung seiner heutigen Bedeutung.

Die Wurzeln

Als eine sich selbst reflektierende Architekturbewegung kann Regionalismus zurückverfolgt werden bis zu den anti-vitruvianischen, gegen den Neuplatonismus gerichteten, antikklassischen Tendenzen, die allmählich gegen Ende der Renaissance entstanden. In ihnen finden wir erstmals eine klare Mißbilligung des Uniformierten und des Repetitiven, zusammen mit einer Vorliebe für das Einmalige und das Abweichende im Verein mit der Idee unverwechselbarer Lokalitäten. In dieser Entwicklung ist die englische pittoreske Bewegung der klassische Vorläufer des Regionalismus.

Das Pittoreske befand sich in Auseinandersetzung mit den unveränderlichen Regeln des formalen Gartentstils, die ohne Rücksicht auf den Standort und dessen Topographie angewendet wurden. Die malerische Bewegung verlangte, daß jeder Garten seine Besonderheit und die Besonderheit seiner Lage ausdrücken sollte, um den Geist oder – in den Worten von Alexander Pope – »the Genius of the Place« einzufangen. Diese frühen Regionalisten sahen ihren Ansatz als typisch für »lokale« Leute. William Maure beschränkt bindig in seiner Geschichte über die malerische Bewegung (geschrieben 1790) über den regionalistischen Ansatz, daß die Malerischen »jeder Idee eine lokale Ausprägung geben.

Die Gründe für diese frühe regionalistische Haltung sind komplex und

consequentemente, dessa reconciliação perspectivar-se-á simbioticamente um novo caminho para a crítica e para a produção arquitectónica. Curiosamente, o pouco conhecido texto – que hoje poderá ser considerado como um *quasi*-manifesto – de Alofsin, de fácil leitura e compreensão, foi o precursor de tantos outros, de leituras problemáticas e pouco compreendidas, próprias de uma teoria-crítica intitulada de Regionalismo Crítico, primeiramente instituída por Lefaivre e por Tzonis²³². Saliente-se igualmente que, uma leitura retrospectiva atenta da intricada e, por vezes problemática, da produção escrita associada ao Regionalismo Crítico, revela indubitavelmente proposições presentes no texto de Alofsin que serão primeiros e constantes para o citado Regionalismo Crítico. Reitere-se, nomeadamente, a simbiose entre paradoxos, estabelecidos de modo sincrético e que permitem partir do particular e procurar o universal²³³.

Meses mais tarde, o texto 'construtivo' de Alofsin foi integrado num ensaio em co-autoria de Liane Lefaivre e de Alexander Tzonis, intitulado de "A questão do Regionalismo". O dito ensaio foi traduzido por Lucius Burckhardt (1925-2003) para a língua alemã e publicado, em 1981, sob o título de "*Die Frage des Regionalismus*" na antologia "*Fur eine andere Architektur: Bauen mit der Natur und in der Region*"²³⁴ (Ilustração 1). No entanto, sem esquecer o papel do seu

232 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, pp. 164-178.

233 ALOFSIN, Anthony - *Constructive Regionalism*. In: CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 372.

234 ALOFSIN, Anthony, LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Die Frage des Regionalismus. In: ANDRITZKY, Michael, BURCKHARDT, Lucius, HOFFMANN, Ot (eds.) - *Fur eine andere Architektur: Bauen mit der Natur und in der Region*, vol. 1. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1981, pp. 121-134. Note-se que, à data, apenas foi publicado o ensaio traduzido para alemão; o original, em língua inglesa, continua por publicar.

aluno (e mais tarde Assistente) na formação de ideias seminais acerca do tema que deu origem a esse ensaio, precisa Tzonis²³⁵, emerge de um convite de Burckhardt, ainda em 1978. Burckhardt aspirava a contribuição de Tzonis para uma leitura acerca da contribuição de um grupo de jovens arquitectos alemães que, na resposta ou revisão pós-modernista do *The International Style*, propunha uma expressão arquitectónica alicerçada nas necessidades e potencialidades locais ou regionais. O seu propósito era poder contribuir para uma qualidade ambiental a longo prazo²³⁶, o que actualmente é vulgarmente apelidado de Arquitectura ‘sustentável’. Implícito no convite de Burckhardt estava a recuperação de um ‘conceito’ aparentemente distante, das demais discussões e debates, no âmbito disciplinar da Arquitectura de então. No entanto, e após uma investigação cuidada em conjunto com Lefaivre, Tzonis facilmente apreendeu a possível contiguidade entre valores aparentemente antagónicos e a sua pertinência para o debate disciplinar; os de âmbito ‘universal’, tais como a produção em massa ou a industrialização e, os de âmbito ‘particular’, próprios da referida procura de uma sustentabilidade local ou regional. Consequente dessa investigação, os trabalhos de Lewis Mumford, principalmente os da década de trinta e quarenta do século passado, evidenciaram-se, à semelhança do anteriormente verificado no texto de Alofsin²³⁷. Essa evidenciação ou possibilidade de um diálogo efectivo entre o particular e o universal em Arquitectura – facilmente verificável nas inúmeras obras de Mumford – é pertinente, por exemplo, nas palestras tituladas “*The South in Architecture*”²³⁸ no *Alabama College* em Abril de 1941. Mumford chama a atenção para um erro que deve ser evitado, nomeadamente, quando se identifica o regional como algo auto-suficiente ou totalmente isolado. Estudos sociológicos defendem a inexistência de uma cultura humana que se tenha isolado total e simultaneamente no tempo e no

235 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*. Munique: Prestel Verlag, 2003, p. 6.

236 Ibidem, loc. cit.

237 Tzonis precisa que em 1970 em Harvard teve a oportunidade de discutir com Lewis Mumford os seus pontos de vista acerca da relação entre a Arquitectura Moderna e o Regionalismo baseados em trabalhos seus (cf., entre outros artigos de Tzonis no adiante referido periódico: TZONIS, Alexander – Commentary. In: *Le Carré Bleu. Feuille internationale d'architecture*, Paris, nº 3, 1970, p. 3) relativos ao arquitecto alemão e israelita Artur Glikson (1911-1966). Ibidem, loc. cit. Sobre Arthur Glikson e sua importância no âmbito da discussão sobre Regionalismo e Arquitectura, veja-se, entre outros: GLIKSON, Arthur - *Regional planning and development*. Leiden: A. W. Sijthoff, 1955; GLIKSON, Arthur - *Physical regional planning*. Jerusalém: Ketter Publishing House, 1970; GLIKSON, Arthur, MUMFORD, Lewis (ed.) - *The Ecological Basis of Planning*. Haia: Martinus Nijhoff, 1971.

238 MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture. The Dancy Lectures, Alabama College, 1941*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1941.

Ilustração 2 - *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981 (capa).



espaço. Referem, ainda, que o mais próximo desta condição é algo extremamente primitivo e com fraca capacidade de auto-desenvolvimento, porque qualquer que seja a cultura regional tem sempre um lado universal.²³⁹ Nesse sentido, Mumford evidência que seria bastante proveitoso que sempre que usássemos a palavra regional não nos esquecêssemos de lhe aditar, ainda, que mentalmente a ideia de universal. Esta cultura regional encontra-se cada vez mais aberta a influências que chegam de culturas provenientes de outras partes do mundo. E, ainda que separada de Região, no espaço, no tempo (ou em ambos), é importante não esquecer o contacto e o intercâmbio permanente entre a cena local e o extenso mundo que está para além dela.²⁴⁰ Para que os recursos locais sejam potenciados no seu expoente máximo, muitas das vezes, temos que procurar a ajuda de pessoas, ideias ou métodos técnicos provenientes de outros locais.²⁴¹

Como corolário de ambos os textos, “*Constructive Regionalism*” e “*Die Frage des Regionalismus*”, e das referidas investigações acerca do Regionalismo apoiadas na crítica de Mumford, Tzonis, ainda em 1981, publica um outro ensaio que marcou indelevelmente a teoria e a crítica contemporânea de Arquitectura. Com co-autoria de Liane Lefaivre, o texto “*The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena*

239 Ibidem, pp. 30-31.

240 Ibidem, loc. cit.

241 Ibidem, loc. cit.

to a History of the Culture of Modern Greek Architecture”²⁴² (Ilustração 2), ambos os autores retomam as suas investigações sobre Regionalismo através da análise de cariz historiográfica e da práxis arquitectónica grega a ele associado, ao longo dos séculos, e em particular, do recente trabalho dos arquitectos Dimitris e Susana Antonakakis do *Atelier 66*²⁴³.

Num breve prelúdio, Lefaivre e Tzonis constatarem o que, anos mais tarde, será por eles historiograficamente aprofundado e autenticado²⁴⁴. Durante os últimos dois séculos e meio, o Regionalismo dominou a Arquitectura em quase todos os países, através de uma expressão que dá primazia às características arquitectónicas particulares, locais ou regionais, em desprezo das mais abstractas ou universais.²⁴⁵ Durante a temporalidade considerada pelos autores, esse Regionalismo associou-se, por um lado, a movimentos renovadores na procura de uma autenticidade pela demanda identitária capaz de firmar novas unidades; e por outro lado, a movimentos que o utilizaram como um poderoso instrumento de repressão e de chauvinismo que, em vez de unir, tiveram o intuito de firmar enclaves pela exaltação das diferenciações socioculturais e políticas por “detrás de muros de preconceitos e de intolerâncias”²⁴⁶. Desse modo, Lefaivre e Tzonis advertem que é impreterível que, quando se use o termo Regionalismo aplicado a uma obra de Arquitectura, se precise qual o contexto histórico, sociocultural e político em que essa obra se inscreve²⁴⁷. Diante da sumária precisão, os autores posicionam o trabalho de Dimitris e de Susana Antonakakis como um proeminente exemplo de Regionalismo, próprio de um contexto social e histórico específico, o do “Movimento Regionalista Grego”, assim denominado por ambos

242 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, pp.164-178.

243 Gabinete de Arquitectura formado em 1965 aquando da parceria de Dimitris e de Susana Antonakakis com Eleni Goussi-Desylla. Sobre o Atelier 66, veja-se: FRAMPTON, Kenneth (ed.) - *Atelier 66 : the architecture of Dimitris and Susana Antonakakis*. Nova Iorque: Rizzoli, 1985. Destaque-se, no âmbito deste capítulo: “From the standpoint of critical regionalism this undertaking has to be regarded as exemplary, not only because the underlying rationality of the work has been so sensitively and consistently inflected in terms of light, climate, materials, tectonics, and topography, but also because it has always been collectively conceived; it has consciously cultivated its own roots, as it were, in order to arrive at its expressive form.” FRAMPTON, Kenneth - Greek Regionalism and the Modern Project: A Collective Endeavour. In: FRAMPTON, Kenneth (ed.) - *Atelier 66 : the architecture of Dimitris and Susana Antonakakis*. Nova Iorque: Rizzoli, 1985, p. 5.

244 Entre outros, cf. LEFAIVRE Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of Regionalism in the Age of Globalization. Peaks and Valleys in the Flat World*. Abingdon: Routledge, 2012.

245 Ibidem, loc. cit., p. 164.

246 Ibidem, loc. cit.

247 Ibidem, loc. cit.

autores.²⁴⁸ Nesse sentido, determinado o campo de análise, Lefaivre e Tzonis destacam desde cedo dois grandes padrões arquitectónicos distintivos, frequentemente perceptíveis através de uma leitura holística, da obra dos Antonakakis: a “grelha” – a disciplina que por ela é imposta a todos os elementos arquitectónicos no espaço – e o “itinerário” – a localização de elementos do lugar em relação a um movimento²⁴⁹. Além das suas características formais, ambos os padrões têm de ser precisados dentro do contexto social e histórico em que emergiram, ou seja, no contexto do desenvolvimento do Movimento Regionalista Grego²⁵⁰. Reiterando a leitura historiográfica, os autores dividem sumariamente esse movimento em duas grandes fases. Numa primeira fase, com origens fora da Grécia, as características principais desse Regionalismo que advém do século XVIII como oposição a uma pretensa uniformização, regularização e regimentação oriundas do Renascimento e dos neoplatonismos, neovitruvionismos e neoclassicismos do século XVII na procura de uma validação arquitectónica universal. O seu carácter distintivo, particular, único e variável (conforme as mutáveis condicionantes regionais), coincide com o advento dos movimentos nacionalistas, anti-absolutistas e liberais. As citadas características são intensificadas numa segunda fase, denominada de “Regionalismo Historicista.”²⁵¹ Esse movimento possuiu a sua maior expressão no final do século XVIII, na particularidade da Grécia, após a Guerra da Independência (1821-1829). Advertindo para a oposição do Regionalismo historicista grego, face aos do mesmo período noutros países, Lefaivre e Tzonis²⁵² recordam que, fora da Grécia os ideais associados ao Regionalismo se inscreviam explicitamente na demanda de uma autenticidade, que se alicerçava na exaltação de hábitos locais e regionais, no sentido de afirmar a vitalidade de uma condição particular e a total independência de condições universais. No entanto, na Grécia recupera-se o encantamento pelas ordens clássicas, enquanto afirmação e

248 Ibidem, pp. 164-165.

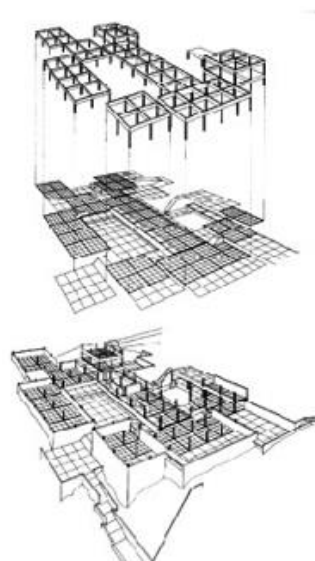
249 Tradução nossa. No original: “the *grid* – the discipline which is imposed on every space element – and the *pathway* – the location of place elements in relation to a movement.” Ibidem, p. 164. Grifos no original.

250 Ibidem, p. 164.

251 Ibidem, p. 166.

252 Ibidem, loc. cit.

Ilustração 3 - Axonometria do Museu de Chios (1965).



sublimação de valores autóctones, exclusivos dessa região. Paradoxalmente, as referências acerca das ordens clássicas advêm, em grande parte, de interpretações produzidas por estudiosos estrangeiros²⁵³ e, intensificam o dito paradoxo, constituindo-se como parte de um discurso universal de uniformização, regularização e regimentação, estabelecer-se como um neoclassicismo. No entanto, Lefaivre e Tzonis argumentam que esse Regionalismo historicista de expressão neoclássica celebra igualmente uma utopia para a ‘realidade’ grega. O engrandecimento das ordens clássicas promove regras meticulosas para a correcta composição de elementos arquitectónicos que, extrapolados, podem representar colectivamente um paradigma de harmonia social particular. Desse modo, refutam o abstracto ou universal e afirmam uma Região concreta e a sua ‘realidade’ própria ao apreenderem a iconografia neoclássica como propriedade dessa Região²⁵⁴. Considere-se, assim, o exemplo da matriz ortogonal, o respeito pelo ângulo recto e a exaltação da coluna, que denunciam a latente utopia grega, que se alicerça nas memórias de outros tempos, ditos de clássicos. Essas preocupações ecoam numa expressão arquitectónica grega recente, em particular no Museu Arqueológico de Chios (1965) dos arquitectos Dimitris e Susana Antonakakis em parceria com Eleni Goussi-Desylla. Para Lefaivre e Tzonis, o Museu de Chios (Ilustração 3), deve influências aos trabalhos do arquitecto Aris

253 Ordens clássicas segundo interpretações de, entre outros, Palladio, Durand ou Semper, advertem os autores. Ibidem, loc. cit.

254 Ibidem, loc. cit.

Constantinidis²⁵⁵ (1913-1993) e procura o rigor das ordens clássicas que se estruturam a partir de um “padrão em grelha”²⁵⁶ que, enquanto malha ortogonal, se desmaterializa quando se funde com a topografia existente. A grelha base do Museu de Chios constitui-se como uma evocação subliminar dos elementos neoclássicos perceptíveis pela disciplina que essa grelha-padrão organiza nos demais elementos do projecto no espaço²⁵⁷. De facto, o padrão em grelha em Chios é estrutura e ao mesmo tempo estruturante; por um lado ordena o espaço e estabelece-se como sistema estrutural – sistema de vigas e pilares – perceptível de conformação desse espaço; por outro, simultaneamente, hierarquiza o espaço em termos de uso, privacidade e de microclima.²⁵⁸ No entanto, os autores questionam: será que o padrão em grelha de Chios (igualmente perceptível em outros trabalhos dos Antonakakis) poderá ser considerado como um elemento formal próprio de uma Região específica? Não será essa grelha-padrão – enquanto regra de composição formal – primeiro às Arquitecturas monovolumétricas do Mediterrâneo, geratrizes de todas as matrizes neoclássicas? Sem responderem directamente às suas inquirições, Lefaivre e Tzonis afiançam que, mais do que os aspectos formais e espaciais, e outros da prática projectual a grelha-padrão projecta-se na reflexão de aspectos locais, sociais, ambientais e funcionais, que se assumem tacitamente como uma expressão distintiva de uma Região. Como remate da breve especulação crítica acerca do Museu de Chios, os autores declaram um terceiro tipo ou fase sequente dos outros dois Regionalismos, em particular do Regionalismo historicista. Desse novo Regionalismo emerge o segundo padrão arquitectónico distintivo, complementar

255 Utiliza-se a mesma grafia conforme artigo de Lefaivre e de Tzonis. Note-se, no entanto, que por vezes, o nome Constantinidis é grafado como Konstantinidis. Refira-se, também, que Lefaivre e Tzonis afirmam que são igualmente óbvias influências de Mies Van der Rohe. Ibidem, p. 167. Saliente-se, ainda, a pertinência, no âmbito do artigo de Lefaivre e de Tzonis, a referência ao legado de Aris Constantinidis. Figura singular da Arquitectura contemporânea grega, destaque-se o interesse de Constantinidis sobre a Arquitectura anónima grega expresso, entre outras publicações subordinadas a esse mesmo tema, no livro de 1975 intitulado de “Στοιχεία αυτογνωσίας - Για μια αληθινή αρχιτεκτονική” (*Elements of Self-knowledge: Towards a true architecture*) onde Constantinidis desvela a vitalidade da tradição arquitectónica grega para a afirmação da sua Arquitectura, num tempo presente. A concordância entre um passado e um presente é, igualmente, chave-de-leitura da sua obra arquitectónica. Dessa obra, destaque-se a Casa de Férias para K. Papapanayotou em Ática (1961-1962), o Hotel Xenia em Poros (1961-1964) e o Museu de Arqueologia, Ioannina (1965-1966). Sobre o percurso de Constantinidis veja-se: COFANO, Paola, KONSTANTINIDIS, Dimitri (editores) - *Aris Konstantinidis: 1913-1993*. Milão: Electa, 2010.

256 Tradução nossa. No original: “grid pattern”. Lefaivre e Tzonis consideram a “grid pattern” como uma das “basic pattern” presente nos trabalhos dos Antonakakis. LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *The Grid and the Pathway*. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, pp. 169-170.

257 Ibidem, p. 170.

258 Ibidem, loc. cit.

ao padrão em grelha, da obra dos Antonakakis: o ‘percurso’. Esse novo tipo de Regionalismo é apelidado de “*Critical Regionalism*”²⁵⁹.

Pela primeira vez, a expressão Regionalismo Crítico ressoa na teoria e na crítica, o que irá marcar indelevelmente a disciplina da Arquitectura contemporânea. Contudo, Lefaivre e Tzonis advertem que o Regionalismo Crítico também deriva da exaltação do particular e do local e que em nada se assemelha à primeira fase de Regionalismo que antes consideraram. Por se referenciar a um contexto histórico, social, político e cultural diferente do da primeira fase, o Regionalismo Crítico refuta o despótico Estado-Providência e os efeitos da custódia do modernismo²⁶⁰. Ambos os autores precisam que, no início do século XX, o Estado-Providência se disseminou pelas mais avançadas democracias industrializadas como resultado de um processo económico, social, político e cultural de modernização. Desse processo emergiu, *grosso modo*, uma Arquitectura proeminentemente constituída em prol de um ideal de normas universais. Lefaivre e Tzonis manifestam que essa Arquitectura modernista²⁶¹,

259 Ibidem, p. 171.

260 Ibidem, p. 172.

261 Tornou-se corrente na Teoria, Crítica e na Historiografia da Arquitectura contemporânea, em particular na escrita em português, o uso de expressões como Modernidade, Moderno ou Modernismo. No entanto, é facilmente verificável o carácter pouco preciso do uso dessas expressões, em grande parte do substantivo modernismo e do adjetivo moderno. Sumariamente, precise-se que Modernidade é um termo amplo e complexo apropriado por diferentes disciplinas do saber. Modernidade engloba questões próprias dos tempos modernos, revelada por uma dinâmica entre avanços e recuos, possibilidades e contradições – como uma nova situação histórica, com antecedentes próximos e remotos. Moderno, conforme subentendido anteriormente, remete-se temporalmente para o presente, recente ou hodierno. Modernismo, enquanto conjunto de reacções de vária índole, é talvez o mais usado no campo disciplinar da Arquitectura, diferencia-se dos restantes por ser uma designação comum a diversos movimentos no campo da arte, da literatura, da música, etc., emergidos apenas, *grosso modo*, nos anos finisseculares de oitocentos. Sobre este assunto, veja-se, entre outros: FRIEDMAN, Susan - Definitional excursus: the meanings of modern/modernity/modernism. In: *Modernism/Modernity. Revista da Modernist Studies Association*, vol. 8, nº. 3 (Setembro). Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001, pp. 493-513; JAMESON, Fredric - *A Singular Modernity: Essay on the Ontology of the Present*. Londres: Verso, 2002. No âmbito da investigação usar-se-á modernismo como contradistincção de tradição alinhado com as seguintes afirmações de León Krier (1946-): “At present, lack of clarity in vocabulary, a confusion of terms, and the widespread use of strictly meaningless professional jargon stand in the way of clear architectural and environmental thinking. To help clarify that muddle is one of my goals. The terminology used here is in itself sometimes an object of disagreements, for which reason I feel obliged to explain the main notions and concepts. (...) I use the terms Traditional and Tradition in contradistinction to Modernist and Modernism; not in contradistinction to Modernity. At present, artists, historians, critics and the public endemically confuse the terms modern and modernist. This is absolutely central. Modern merely indicates time and period, whereas modernist has unequivocal ideological connotations. When historians write of “The Modern Movement” they clearly mean “The Modernist Movements” as opposed to “Traditional Movements”. Traditional and modern; tradition and modernity, are therefore not contradictory notions. One can be a modern person of tradition. Traditional (artisan) cultures are concerned with the production of OBJECTS for long-term USE. Modernist (industrial) cultures by contrast are concerned with the production of OBJECTS for short-term CONSUMPTION. These produce very different worlds for us to inherit or to live in. In such antagonistic or complementary philosophies, INVENTION, INNOVATION, and DISCOVERY have a different status and meaning. There is, of course, the claim that in a traditional culture you can’t have innovation. But this statement is simply not true; it’s mere slander. In traditional cultures, INVENTION, INNOVATION, and DISCOVERY are a means to improve handed-down and time-honored systems of thinking, planning, building, representation, communication, etc. ... in the Arts, philosophy, town-building, language, sciences, industries, agriculture, etc. They are a means to an end, namely to conceive, realize and maintain a solid, lasting, comfortable and beautiful human world. That is the goal. Fundamental aesthetic and ethical principles are considered to be of universal value, transcending time and space, climates and civilizations. This is where the controversy lies. In traditional cultures, industrial rationale and methods are in a subservient role. They are subordinate to larger themes, to larger concerns. In modernist cultures, INVENTION, INNOVATION, and DISCOVERY are ends in themselves. It is claimed that constantly changing socio-economic and political conditions necessarily revolutionize all concepts. It is further claimed that there are no universal ethical and

(continua)

comummente conhecida por *The International Style*²⁶², rompeu com as qualidades humanísticas das campanhas arquitectónicas do século XIX, afirmando-se à data – recorrendo a expressões de Lewis Mumford²⁶³ – como uma maneira dogmática, estéril, restritiva, despótica e imperial de projectar em Arquitectura, ou seja, uma Arquitectura que padece de enfermidades semelhantes às que o do Modernismo acusou a do Academicismo no final do século XIX. No entanto, aplicado à realidade grega, o estabelecimento e desenvolvimento do Regionalismo Crítico não foi um processo directo, mas sim um processo problemático e cheio de contradições como se pode verificar noutras realidades diferentes da grega nomeadamente na portuguesa contemporânea. Segundo os autores, isto deve-se principalmente, à facilidade com que se confunde ‘nostalgia’ (no sentido de tradição) com ‘progresso’²⁶⁴. O processo crítico, fundamental ao entendimento e reconhecimento desse Regionalismo é comummente esquecido e, em consequência, o Regionalismo é considerado como um escape, uma utopia sentimentalista ancorada num retorno a um passado arquitectónico²⁶⁵. Quando aplicada ao Portugal contemporâneo essa Arquitectura que aparenta ser autêntica e conotada de regionalista advém, ainda que sumariamente, da descontextualização da objectificação escalar de traços supostamente identificáveis de um povo, isto é, de uma cultura popular de raiz local ou regional de carácter rural para uma outra, nacional de carácter cosmopolita. Um estreito processo triádico de descontextualização, recontextualização e, novamente, de contextualização, ou seja, de ressemantização, desses particularismos em nacionalismos. Um processo estático de familiarização construído por agentes

aesthetic categories, and hence traditional values are but accumulations of life-impending and regressive straight jackets. In modernist cultures industrial rationale and methods tend towards dominating all aspects of life; education, culture, recreation, all polity and politic.” KRIER, Léon - *TRADITION -- MODERNITY -- MODERNISM: some necessary explanations*. Grifos no original. Disponível em: <http://zakuski.utsa.edu/krier/tradition.html>. Acesso em: 28 Out. 2012. Complemente-se reconhecendo que Jürgen Habermas (1929-) nos artigo “*Modern and Postmodern Architecture*” estendeu o termo “Moderno” em três substantivos distintos: “Modernização”, que envolve o progresso industrial e científico, a reorganização e racionalização da produção e administração, e o surgimento de um mercado de massas; “Modernismo”, que é a resposta estética cultural para à anterior referida evolução; “Modernidade”, que é o projecto verificável desde o séc. XVIII, de cariz Iluminista, com o intuito de desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e o direito universal e a arte autónoma de acordo com sua lógica interna.” Cf. HAYS, Michael - Introduction for Jürgen Habermas. In: HAYS, Michael (ed.) - *Architecture Theory Since 1968*. Nova Iorque: MIT Press, 2000, p. 412.

262 Cf. nota 398.

263 Lefaivre e Tzonis atribuem as expressões “dogmática”, “estéril”, “restritiva”, “despótica” e “imperial” a Mumford referenciando as seguintes publicações: MUMFORD, Lewis - *The Sky Line. Status Quo*. In: *The New Yorker*, 23 (10 de Outubro), 1947, pp. 104-110; AAVV - *What Is Happening to Modern Architecture? A Symposium at the Museum of Modern Art*. In: *The Bulletin of the New York Museum of Modern Art*, vol. XV, n.º 3 (Spring), 1948.

264 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture*. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, p. 176.

265 Ibidem, loc. cit.

eruditos, ancorado em algo supostamente ‘familiar’ e facilmente reconhecível. Retomando a discussão de Lefaivre e Tzonis, advirta-se que o Regionalismo Crítico pode muito facilmente sucumbir e ser absorvido e confundido com o Regionalismo ‘familiar’. Para os autores, o trabalho do arquitecto Dimitris Pikionis (1887-1968)²⁶⁶ reflecte essas dificuldades e contradições²⁶⁷. Recordado como o primeiro membro do *Team X* por Aldo van Eyck (1918-1999)²⁶⁸ e considerado por Mumford²⁶⁹ como um dos melhores exemplos europeus do novo Regionalismo, Pikionis fixou uma expressão de Arquitectura singular na Grécia de então. Comparável com outros arquitectos europeus dessa época²⁷⁰ – tais como, José Antonio Cordech (1913-1984) em Espanha e Fernando Távora (1923-

266 Sobre a vitalidade da obra de Pikionis no âmbito de Regionalismo em Arquitectura, veja-se, dos mesmos autores LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Dimitris Pikionis. Regionaliste des années 50. In: *Le Moniteur Architecture*. Architecture – Mouvement – Continuité (AMC), n.º. 99, Junho-julho de 1999, pp. 60-69; TZONIS, Alexander - Pikionis and Transvisibility. In: *Thresholds*, vol. 19, 1999, pp. 15-21. Ambos autores referenciam constantemente Pikionis nas suas publicações sobre o referido âmbito; como exemplo, cf. LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012, pp. 173-174. Note-se, ainda, a título de curiosidade que Tzonis teve um contacto regular com Pikionis – durante a carreira de docente deste último e após se ter reformado do ensino de Arquitectura da *National Technical University of Athens*. Destaque-se, igualmente, nesse mesmo âmbito, os escritos de Kenneth Frampton (1930-): ‘Pikionis’ importance today derives from what one might call his ontotopographical sensibility that is, from his feeling for the interaction of the being with the glyptic form of the site (...) It is this almost ecological insistence on the interdependency of culture and nature which gives Pikionis’ work a critical edge that is as relevant today as it was thirty years ago. For it repudiates our habitual fixation on the freestanding technical and/or aesthetic object, not to mention our destructive, Promethean attitude towards nature that once was beneficial but now is assuming the ominous dimensions of a tragic legacy.’ FRAMPTON, Kenneth - For Dimitris Pikionis. In: JOHNSTON, Pamela (ed.) - *Dimitris Pikionis, architect 1887-1968: a sentimental topography* [Catálogo de exposição com o mesmo nome na *Architectural Association*, de 6 Junho a 4 Julho de 1989]. Londres: Architectural Association, 1989, p. 9.

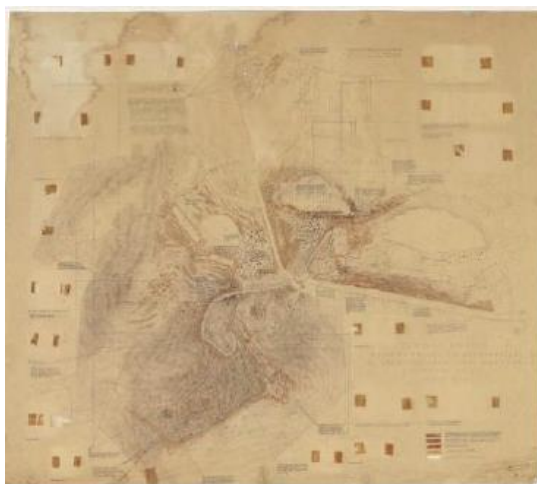
267 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. In: *Architecture in Greece*, n.º. 15, 1981, p. 176.

268 Ibidem, loc. cit.

269 Mumford serve-se do percurso pedestre do Monte Philopappos de Pikionis para essa classificação em *The City in History: Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects*. Para além de Pikionis, Mumford apenas cita dois outros arquitectos contemporâneos – Jacob Berend Bakema (1914-1981) e Johannes Hendrik van der Broek (1898-1978) na “Graphic Section One, Plates 10-12”. Cf., entre outras edições da mesma obra, MUMFORD, Lewis - *The City in History: Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & World, 1961, p. 79.

270 “In his efforts for a socially sensible approach to architecture, Pikionis was not alone. His idiom might have been made up of local stone and lime, of shrubs typical of the Attica region, but his message was the same as that of a younger post-war generation of architects. This was despite the fact that, in contrast to Pikionis, they were involved in building much larger and technologically more complex projects. We are referring to Louis Kahn’s work during the 1950s and early 60s, to the young generation of architects of the 1950s such as Ernesto Rogers and James Stirling, and to the members of Team Ten, in particular Aldo van Eyck, Peter and Alison Smithson, Bakema, and Shadrach Woods. Much like Pikionis, they all turned their backs to aesthetic qualities of architecture to focus on movement and human interaction. To quote Shadrach Woods – one of the most lucid spokesmen of his generation – they proposed, much like Pikionis, that “the approach [to architecture could] no longer be only visual.” What Woods intended was “the creation of environment at every scale of human association” appropriate for a “society...entirely new... a completely open, non-hierarchical co-operative in which we all share on a basis of total participation and complete confidence.” This was the web, or “stem,” a kind of frame within which “function can be articulated,” a mechanism of interaction to sustain human community.” TZONIS, Alexander - Pikionis and Transvisibility. In: *Thresholds*, vol. 19, 1999, p. 19.

Ilustração 4 – Planta geral do percurso pedestre do Monte Philopappos (1954-1957), adjacente à Acrópole de Atenas.



2005) em Portugal – o pensamento e prática projectual de Pikionis²⁷¹ destacou-se por uma sensibilidade singular diante os elementos de uma geografia física, dos processos e materiais construtivos e de um contexto histórico, social e cultural muito particular do Mediterrâneo face à demanda de uma Arquitectura de cariz universal ainda dominante nos primeiros anos da segunda metade do século XX. Metaforicamente, Tzonis ilustra esse pensamento e prática projectual como uma “Arquitectura invisível”²⁷² porque, por um lado, resiste ao idolatrar do ‘objecto’ pelo Modernismo e, por outro – nega a anterior –, estabelece e recria ‘invisivelmente’ laços profundos entre uma comunidade e uma Arquitectura de movimento, de encontro e de diálogo entre objectos e paisagem e, acima de tudo, um diálogo entre humanos²⁷³. Dividindo a Arquitectura, (edifícios enquanto ‘objectos’) de então, num conflito entre a do “espectáculo” e a do “invisível”, o autor afirma que o percurso pedestre do Monte Philopappos de Pikionis (Ilustração 4) ofereceu um sistema holístico efectivo, na relação dos edifícios, da paisagem e da memória de um passado histórico, revelado pela síntese, pela inclusão²⁷⁴. Em suma, diante do problema de como atribuir a uma forma física (ou ‘objecto arquitectónico’) uma relação dialéctica genuína com um contexto

271 Em particular, a referente ao projecto do percurso pedestre do Monte Philopappos (1954-1957). Considere-se, sobre a vitalidade de ‘topografia’ na sua obra, o ensaio originalmente publicado em 1935 na *Trito Mati (The third eye) Magazine*, Atenas, Grécia. Sobre o referido ensaio, cf. JOHNSTON, Pamela (ed.) - *Dimitris Pikionis, architect 1887-1968: a sentimental topography* [Catálogo de exposição com o mesmo nome na *Architectural Association*, de 6 Junho a 4 Julho de 1989]. Londres: Architectural Association, 1989.

272 Ou, usando as palavras utilizadas pelos autores, “desmaterializada”. Ibidem, pp. 17, 20-21.

273 “To summarize his approach, one might quote the philosopher Martin Buber; he rejected “a relationship to an idol” and instead he decided “to confront a ‘You;’” he opted for “the ‘You’ rather than an object.”” This “invisibility” of buildings, of course, is only metaphorical. Buildings are unavoidably visible, inescapably material objects. To quote Buber once more: “Every ‘You’ in the world is doomed by its very nature to become a thing.” Ibidem, p. 21.

274 Ibidem, p. 17.

local ou regional, Pikionis desenvolveu uma abordagem, quer crítica, quer criativa, capaz de o solucionar. Uma abordagem topográfica, diferente da dominante no panorama da prática arquitectónica do pós Segunda Guerra Mundial, que tece laços invisíveis entre Arquitectura e a comunidade humana em desprezo da idolatria visual do mero objecto²⁷⁵.

Reiterando o citado, e prosseguindo a análise particular do percurso pedestre do Monte Philopappos, Pikionis funda um itinerário, ou uma topografia ‘culturalmente sensível’, dissidente do programa seguido pelos epígonos do Movimento Moderno. Segundo Lefaivre e Tzonis²⁷⁶, a exaltação técnica e formal presente no *The International Style* propõe uma Arquitectura “re-humanizada”²⁷⁷ que resulta de um método empírico próximo da Arqueologia e de uma identificação criteriosa de elementos concretos de uma Arquitectura particular, historicamente identificável e que se relaciona com uma Região. A pesquisa do local é o requisito para se atingir o real e o concreto, assim como, uma Arquitectura re-humanizada²⁷⁸ e é disso exemplo, o percurso²⁷⁹ do Monte Philopappos. Esse percurso, tal como acontece na obra de Aris Constantinidis (1913-1993)²⁸⁰ (Ilustração 5), é um “objecto cultural”²⁸¹ porque integra outra interpretação acerca da Arquitectura contemporânea, da vida e da sociedade. É um depoimento moral empedernido de passagens e de lugares, que funcionam como “contentores de vida”²⁸² que mesmo quando estão vazios têm uma voz. É um protesto contra a aniquilação da comunidade, da desagregação das associações humanas e da dissipação do contacto humano, concluem ambos os autores.²⁸³

275 Ibidem, p. 21.

276 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, p. 176.

277 Ibidem, loc. cit.

278 Ibidem, loc. cit.

279 Tradução nossa. No original: “path”. Ibidem, loc. cit.

280 A título de exemplo, destaque-se o livro sobre a arquitectura contemporânea anónima grega: CONSTANTINIDIS, Aris - *Elements for Self-knowledge: Towards a True Architectur*: Konstantinidis, 1975.

281 Ibidem, loc. cit.

282 Ibidem, loc. cit.

283 Tradução nossa. No original: “As in the work of A. Constantinidis, it is a cultural object; it carries with it a commentary about contemporary architecture, life, society. It is a moral statement that this petrified stream of passages and places, these “vessels of life” carry; even when empty, they have a voice. It is a protest against the destruction of community, the splitting of human associations, the dissolution of human contact.” Ibidem, loc. cit.

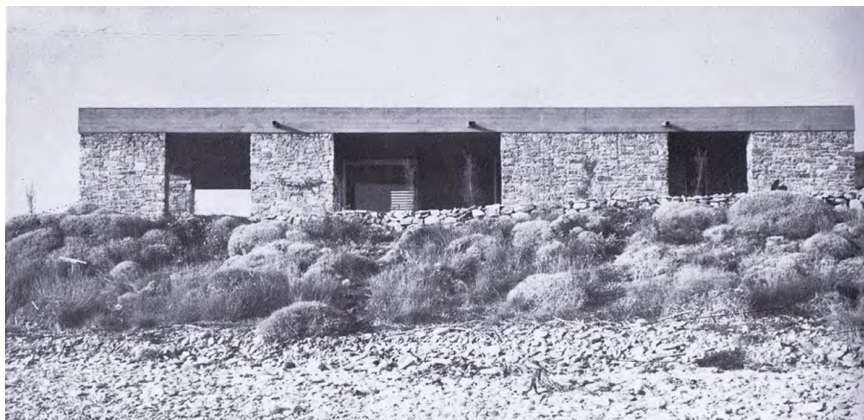


Ilustração 5 – Aris Constantinidis. Casa em Anavyssos, Grécia (1962-1964).

O padrão do percurso²⁸⁴, em diante entendido como “itinerário”²⁸⁵, emerge nas obras dos Antonakakis – considerado por Lefaivre e Tzonis como uma versão abreviada do presente no Monte Philopappos de Pikionis – como uma miniatura que preserva os ideais e os princípios organizacionais dessa paisagem, mas aplicados (Monte Philopappos) à escala de uma casa, de um apartamento e, mesmo, de um quarto²⁸⁶. Lefaivre e Tzonis asseveram que a obra citada – o “itinerário” – jamais é um princípio organizacional de cariz abstracto ou uma rede de conexões através da qual as pessoas fluem. É, pelo contrário e à semelhança do trabalho de Pikionis, uma rede de componentes, que incluem: portas, degraus e passagens, retirados de lugares concretos vividos pelas pessoas e que pertencem a uma história e vida social comuns, como os que encontramos na Arquitectura popular²⁸⁷ local ou regional²⁸⁸. Assim entendido, esse itinerário é a matriz a partir da qual os lugares se instituem e, à semelhança da “grelha”, pode controlar aspectos do microclima e ser um catalisador para estabelecer uma comunidade e, consequentemente, uma vida social²⁸⁹. Sempre em continuidade com um tempo e com um lugar, o “itinerário”, em conjunto com a “grelha”, celebra um

284 Tradução nossa. No original: “The pathway pattern”. Ibidem, loc. cit.

285 Enquanto percurso e, igualmente, enquanto narrativa (crítica) desse percurso.

286 Os autores ilustram a sua afirmação com diagramas sobre o referido padrão no desenho da Casa em Spata (1974) em Ática dos Antonakakis. Note-se, ainda, que: “Thus it brings to mind the saying of Alberti - once more quoted by a Team X member - that a house and a city have an equivalent structure. Indeed, the pattern comes very close to the search by the members of Team X (14) for an architecture that grows out of movement and meeting, a search which leads to the development of the elements of “stem” and “infrastructure”, and to Chermayeff’s [referência dos autores a: CHERMAYEFF, Serge, ALEXANDER, Christopher - *Community and privacy: toward a new architecture of humanism*. Nova Iorque: Doubleday Books, 1963] conception of the building as a set of hierarchies, of separation and mixing, target points and exchange knots. (...) These were all critical efforts directed against ailing modernism, in an attempt to sustain the humanistic spirit of modern architecture.” Ibidem, pp. 176-178.

287 Leia-se popular como vernacular.

288 Ibidem, p. 178.

289 Ibidem, loc. cit.

compromisso com a Arquitectura, entendida enquanto objecto cultural num contexto social²⁹⁰.

Em tom de conclusão, os autores advertem que o Regionalismo latente nas obras dos Antonakakis difere do verificável nas obras de Pikionis e de Constantinidis, distanciando-se de um mero retorno nostálgico ou historicista; aludem que o Regionalismo latente nos trabalhos dos Antonakakis é idêntico ao de Mumford²⁹¹. Constata-se, assim, que dos padrões considerados nas obras dos Antonakakis emerge uma nova tipologia de construção que se distancia das inúmeras (erigidas à data) que clamam por serem objectivas, racionais e, aparentemente, de valor universal. E, portanto, ambos os padrões – a “grelha” e o “itinerário” –, aproximam-se reflexivamente de uma condição histórica particular e instrumentalizados por uma acção crítica constante. Essa tipologia “por não rejeitar o contexto histórico e social, aproxima-se ao que poderemos chamar de uma **tipologia “realista”**,”²⁹² mas, segundo os autores, o Regionalismo essa tipologia tem as suas limitações. Diante um outro ‘padrão’ mais ‘familiar’, ou seja, um Regionalismo populista ainda enraizado na Arquitectura Grega, a ‘terceira via’ de Regionalismo crítico ou “realista”, tarda em ser declarado e compreendido²⁹³. Além dessas limitações “o **Regionalismo Crítico é uma ponte em que qualquer Arquitectura humanista do futuro terá que passar**, mesmo que o percurso possa ir numa direcção completamente diferente. É, assim, **uma ponte com um significado ímpar**, não só para a Arquitectura Grega mas **para toda a Arquitectura contemporânea em geral**.”²⁹⁴ Embora de um modo impreciso, Lefaivre e Tzonis cunham uma interpretação que, deixará marcas indeléveis, ainda hoje bem perceptíveis, na Teoria e na Crítica de Arquitectura particular e universal. Inesperadamente e apesar de projectada numa e para uma ‘realidade’ particular ou regional, a teoria-crítica desse Regionalismo (Crítico) extravasará, rapidamente, as fronteiras dessa ‘periferia’ e, num golpe *quasi-*

290 Ibidem, loc. cit.

291 Ibidem, loc. cit.

292 Tradução nossa. No original: “The typology at hand, therefore, has not rejected a historical and social context; it approaches to some extent what may be called a “realistic” typology.” Ibidem, loc. cit. Grifos nossos.

293 Ibidem, loc. cit.

294 Tradução nossa. No original: “critical regionalism is a bridge over which any humanistic architecture of the future must pass, even if the path may lead to a completely different direction. We should be grateful that the work of the Antonakakis has contributed considerably in constructing this bridge. It is of a unique significance not only to Greek architecture but also to contemporary architecture in general.” Ibidem, loc. cit. Grifos nossos.

mediático promovido primeiramente por Kenneth Frampton, tornar-se-á elementar na discussão Teórica e Crítica da disciplina da Arquitectura das últimas décadas do século XX. Note-se que, essa ‘inversão’ na produção teórica-crítica, do particular (‘periferia’) para o universal (‘centro’)²⁹⁵ é circunstancialmente justificável.

Sequente do texto “*The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture*”²⁹⁶, Lefavre e Tzonis aprofundaram em outras publicações²⁹⁷ a sua teoria-crítica concernente a Regionalismo. Dessas publicações, destaque-se a pouco divulgada comunicação proferida no primeiro Colóquio Internacional²⁹⁸ dedicado a esse tema:

“[n]os últimos dez anos, desde que o termo foi introduzido, Regionalismo Crítico emergiu como uma das mais visíveis tendências na Arquitectura contemporânea mundial. No entanto, para muitas pessoas, a adequação do Regionalismo Crítico permanece questionável. Porquê falar sobre Regionalismo hoje, quando a prática da Arquitectura é mais global do que em qualquer momento histórico anterior, quando a mobilidade dos utilizadores dos edifícios e variedade nas suas origens e interesses atingiu níveis sem precedentes?”²⁹⁹

295 Refira-se, desde já, que uma das críticas correntes feitas ao Regionalismo Crítico, para além das diversas construções teóricas complexas, é a que fora desenvolvido em “em centros metropolitanos de produção cultural, e muitas vezes enredado, por consequência, em narrativas deslocadas do desenvolvimento concreto, in situ, das práticas que deram origem a esses mesmos modelos teóricos. (...) uma visão construída e imposta a partir do centro (do core dos lugares de decisão do capitalismo ocidental)”. AGAREZ, Ricardo, MOTA, Nelson - Regionalism redivivus: um outro olhar sobre um tema persistente. In: *Arte Capital – Magazine Online*, 2012.10.29. Disponível em: http://www.artecapital.net/arq_des-90--regionalism-redivivus-um-outro-olhar-sobre-um-tema-persistente. Acesso em: 01 Nov. 2012. No entanto, na sua génese, conforme anteriormente verificado, tal argumento não é totalmente correcto.

296 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture*. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, pp.164-178.

297 Entre outras, considere-se as seguintes publicações: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander, STAGNO, Bruno (editores)- *Tropical Architecture: Critical Regionalism in the Age of Globalization*. Londres: Wiley-Academy, 2001, LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*. Munique: Prestel Verlag, 2003 e LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012.

298 O primeiro Colóquio Internacional dedicado ao Regionalismo Crítico organizado por Marvin Malecha e por Spyros Amourgis ocorreu em Janeiro de 1989 em Pomona no College of Environmental Design, California State Polytechnic University. Segundo Canizaro – cf. CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 156 –, um dos seus objectivos foi a discussão de alternativas para a disciplina da Arquitectura face ao triunfante Pós-Modernismo promovido por Charles Jencks e na Bienal de Veneza em 1980. Nos dois anos seguintes a esse primeiro Colóquio, realizaram-se outros – Delft, Holanda e em Milão, Itália – que, na leitura de Canizaro, reitaram e promoveram uma Arquitectura de resistência ao referido Pós-Modernismo. Note-se, ainda, que o registo das variadas comunicações do Colóquio de Pomona – entre as quais, destaque-se as Lefavre e de Tzonis e a de Frampton – foi publicado em 1991 tornando-se vulgarmente conhecido junto dos investigadores do tema como “*Pomona Proceedings*”. Cf. LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Critical Regionalism. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, pp. 3-23. Refira-se, ainda, que este texto foi publicado, quase na íntegra, pelos autores noutros suportes e com outros títulos; por exemplo, LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Why Critical Regionalism Today? In: *A+U, Architecture and Urbanism*, n.º 236, Tóquio, Maio 1990, pp. 23-33 e LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Critical Regionalism. In: DE HAAN, Jasper, SPEAKS, Michael (editores) *The Critical Landscape*. Roterdão: OIO Publishers, 1996, pp. 126-148.

299 Tradução nossa.

Ainda hoje muito pertinente, a questão citada assume-se como catalisador para a exposição, de ambos os autores, acerca do Regionalismo, pelo que se torna necessário investigar a “natureza” desse interesse. Nesse sentido, afirmam que: “[e]le investiga o seu carácter crítico único ao contrário dos chauvinistas, atávicos sentimentais, atitudes alucinogénicas do regionalismo do passado recente e identifica o contexto dentro do qual o regionalismo ressurgiu hoje.”³⁰⁰

O cariz historiográfico da investigação assegura a pertinência do tema para a disciplina da Arquitectura, validando-o cientificamente³⁰¹. “A fim de explorar esses aspectos [sobre Regionalismo], desenvolvemos a nossa interpretação de Regionalismo Crítico dentro de um vasto “horizonte” histórico em conformidade com a expressão de Husserl.”³⁰² Portanto, a ‘redução’ ou a “excursão”³⁰³ histórica permite “libertar Regionalismo das suas actuais ambiguidades pelo traçar os seus diferentes significados na *long dure* do seu passado.”³⁰⁴ E, retenha-se, “[s]e algo emerge dessa perspetivação, é a capacidade própria de Regionalismo se redefinir continuamente. A sua mais recente etapa, a “crítica”, declara a referida capacidade singular de mudança e de inovação.”³⁰⁵ Lefavre e Tzonis expõem – pela primeira vez de um modo sistemático e através da referida redução ou excursão histórica – em cinco momentos históricos o progresso de Regionalismo: o Pitoresco, o Romântico, o *Heimat* Nazi, o Comercial e o

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Critical Regionalism. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, p. 3.

300 Tradução nossa. No original: “It investigates its unique critical character as opposed to the chauvinistic, atavistic, sentimental, hallucinationist attitudes of regionalism of the recent past and identifies the context within which regionalism has re-emerged today.” Ibidem, loc. cit.

301 Diante as demais polémicas em torno de Regionalismo Crítico (em particular, as consequentes da teoria-crítica de Frampton), investigação historiográfica de Tzonis (desenvolvida e aprofundada com Lefavre) sobre o fenómeno Regionalismo ao longo dos séculos firmou, por um lado, cientificamente a pertinência disciplinar de Regionalismo e, consequentemente, por outro, firmou a oportunidade e a vitalidade de Regionalismo Crítico numa contemporaneidade.

302 Tradução nossa. No original: “To explore these points, we have placed our interpretation of critical regionalism within a very broad historical “horizon” to borrow Husserl’s expression.” LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism*. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, p. 4.

303 Ibidem, loc. cit. Acerca da referida redução histórica acerca de Regionalismo cf. Parte I. Da Região, ponto 1.3. Regionalismo (refira-se, igualmente, que esta investigação socorre-se de uma estratégia idêntica expressa no capítulos seguintes. Nesse sentido, completando-o o referido ponto 1.3., considere-se que: “This brief historic excursus has helped to show that in its long history regionalism has been associated with different political and cultural agendas, now republican, now absolutist, now republican once more, now totalitarian now anti-totalitarian. It has been associated with equally diverse stylistic expressions, now classical, now gothic, now deriving its form from the natural genius loci. It has been associated with different movements, the Picturesque, romanticism, post romanticism. It has been used to place people behind walls of intolerance, and to free them from oppression, to enforce domination and to criticize it, to sell commodities and to reject a fake culture based on consumerism. What emerges from this longue dure perspective is that regionalism has no single purpose, no single canon, no single meaning.” Ibidem, p. 21. Grifos nossos.

304 Tradução nossa. No original: “This historical excursus might help us to free regionalism from its current ambiguities to some extent by pointing out the different meanings it has assumed during the ‘long dure’ of its past.” Ibidem, p. 4. Grifos no original.

305 Tradução nossa. No original: “If anything emerges from this perspective, it is the capacity of regionalism to keep redefining itself. Its most recent, “critical” phase testifies to its continuing capacity for change and innovation.” Ibidem, loc. cit.

Crítico³⁰⁶. Sem aprofundar esses momentos, importa, no entanto, desatacar os três últimos. Por um lado, esse conjunto posiciona contemporaneamente a discussão acerca do Regionalismo e auxilia a precisar historiograficamente a problemática tratada por esta investigação na particularidade portuguesa; por outro, tal conjunto revela de modo preciso a emergência de um outro Regionalismo, ou seja, o Crítico. Constate-se, também, que a construção da narrativa teórica-crítica de Lefaivre e de Tzonis evidencia-se menos intrincada da utilizada por Frampton, o que possibilita uma franca explicação desse Regionalismo ‘recente’.

Em tom de síntese, a investigação historiográfica dos autores demonstra que:

“Regionalismo, de facto, pode ser visto como uma espécie de "novelo", para usar a expressão de Wittgenstein. O que caracteriza esse fio, como qualquer outro, é que ele não requer que todas as fibras sejam do mesmo tamanho que a totalidade do seu comprimento. Eles "surgem" e depois "desaparecem" na tecelagem. Esse elemento de, por muitas vezes, descontinuidade radical, não manteve o regionalismo de ser um fio cultural particularmente resistente no último meio século. Mas, então, como Wittgenstein observou: "a corda consiste em fibras, mas não recebe a sua força a partir de qualquer fibra, que o atravessa de um lado para o outro, mas do facto de que há um grande número de fibras sobrepostas.””³⁰⁷

Ainda segundo Lefaivre e Tzonis, o Regionalismo Crítico é a extensão mais recente do longo fio da meada própria do Regionalismo, mas advertem, que tal fio não possui particularmente uma “textura suave”³⁰⁸. No entanto, na continuidade da metáfora sugerida por Wittgenstein (1889-1951), os autores acusam as polémicas de então (ainda hoje evidentes) em torno do por eles cunhado Regionalismo. Mas, existe “algo problemático com o entrelaçamento das fibras desse fio. Com a afirmação de Regionalismo Crítico, o Regionalismo parece estar absorto numa crise que – sem dúvida uma das mais graves crises da sua não imperturbável história – lança incertezas sobre a sua própria razão de ser,

306 Os cinco são decompostos num total de nove momentos: Arquitectura Regional; Regionalista *versus* Regional; Regionalismo Pitoresco; Regionalismo Romântico; Depois das Regiões; Arquitectura Moderna e Normas Universais; Regionalismo Comercial; Nazi *Heimat*; Lewis Mumford e o Regionalismo Crítico. Tradução nossa. No original: Regional Architecture; Regionalist versus Regional; Picturesque Regionalism; Romantic Regionalism; After the Regions; Modern Architecture and e Universal Norms; Commercial Regionalism; Nazi Heimat; Lewis Mumford and Critical Regionalism. Ibidem, pp. 4-23.

307 Tradução nossa. No original: “Regionalism, in fact, can be seen as a kind of "thread," to borrow the expression from Wittgenstein. What characterizes this thread, as any other thread, is that it does not require that all the fibers run through its entire length. They "crop up" then "disappear" in the weaving. This element of often radical discontinuity has not kept regionalism from being a particularly resilient cultural thread in the last half century. But then as Wittgenstein observed, "the rope consists of fibers, but it does not get its strength from any fiber which runs through it from one end to the other, but from the fact that there is a vast number of fibers overlapping.”” Ibidem, p. 21. Os autores citam WITTGENSTEIN, Ludwig - *The Blue and Brown Books*. Oxford: Basil Blackwell, 1958, p.87.

308 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander – Critical Regionalism. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, p. 21.

questionando-se, tornando-se *estranho*.³⁰⁹ Constatase, assim, que a solução para o esclarecimento de tais polémicas passa pela excursão histórica no sentido de aferir as diferenças entre Regionalismo Crítico e as restantes fases de Regionalismo de um passado, quer nos seus objectivos, quer nas suas técnicas.³¹⁰ É importante clarificar que o Regionalismo Crítico não comporta qualquer tipo de léxico universal tal como o Clássico, o Pitoresco ou o movimento *De Stijl*.³¹¹ E, de igual modo, no outro extremo, o Regionalismo Crítico não apoia nenhuma emancipação de um grupo regional singular nem instiga qualquer tipo de acção entre diferentes grupos regionais.³¹² Assim, e

“[p]elo contrário, como a expressão de Arquitectura da *Neue Sachlichkeit*, [a expressão possível de Regionalismo Crítico] convoca [matricialmente os] atributos próprios do eventual contexto em que se erigem seus edifícios ou, por outras palavras, os atributos, para a instituição do processo projectual, derivam do regional, restrições circunscritas que produziram lugares e representações colectivas. Kenneth Frampton – o crítico que, mais do que qualquer outro, cujos escritos nos últimos dez anos ajudaram a elevar e difundir a questão do Regionalismo Crítico –, afirmou de modo preciso que “a estratégia fundamental do regionalismo crítico é a de mediar o impacto da civilização universal com, indirectamente, elementos das peculiaridades de um determinado lugar...”³¹³

Reforçando o papel mediador de Regionalismo Crítico, Lefaivre e Tzonis, referenciando-se a uma investigação acerca da recente Arquitectura Espanhola³¹⁴, reforçam – em linha com as preposições de Kenneth Frampton – a vitalidade de uma expressão arquitectónica que pode encontrar inspiração matricial nas qualidades e na variedade da luz local, na expressividade da topografia local ou

309 Tradução nossa. No original: “There is something uneasy about the entwining of its fibers. With Critical Regionalism, regionalism seems to be undergoing a crisis, arguably one of the most serious crises in its not untroubled history, casting doubt on its own *raison d’être*, questioning itself, making itself *strange*.” Ibidem, pp. 21-22. Grifos no original.

310 Tradução nossa. No original: “This historical excursus has, we hope, helped us see how different Critical Regionalism is from the other phases of regionalism in the past both in its aims and in its techniques.” Ibidem, p. 22.

311 Ibidem, loc. cit.

312 Ibidem, loc. cit.

313 Tradução nossa. No original: “Rather, as with the *Neue Sachlichkeit* architecture, it draws such attributes from the occasional context within which it erects its buildings, in other words design attributes are derived from the regional, circumscribed constraints which have produced places and collective representations. As Kenneth Frampton, the critic whose writings have helped raise and spread the issue of Critical Regionalism more than any other in the last ten years, has made the point very clearly, ‘the fundamental strategy of Critical Regionalism is to mediate the impact of universal civilization with elements indirectly from the peculiarities of a particular place...’” Ibidem, loc. cit.

314 Os autores desenvolveram e aprofundaram investigações sobre a expressão de uma Arquitectura Espanhola contemporânea – referente a um projecto de investigação específico. O resultado desse projecto de investigação encontra-se publicado em diversos artigos e, curiosamente por ser muito raro (senão inédito), em entrevistas cedidas ao periódico espanhol *El País* (cf. Bibliografia: entre outros, LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - El regionalismo crítico y la arquitectura española actual. In: *A&V Monografías*, n.º3, Madrid, 1986, pp. 4-19; os resultados desse projecto encontram-se, igualmente, em forma de capítulo na mais recente publicação em livor de ambos autores - LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012). Note-se, desde já, embora ambos autores nunca se debruçaram sobre a Arquitectura portuguesa, o enredo crítico do seu Regionalismo verificado à referida expressão espanhola pode facilmente ser comparado e verificado com a realidade portuguesa na mesma temporalidade – tema igualmente discutido com Tzonis via correio electrónico e videoconferência.

numa peculiaridade estrutural ou tectónica³¹⁵. O resultado de tal investigação revelou constituintes permanentes numa expressão arquitectónica, entre os quais: a pureza prismática de cores vivas sem juntas nos elementos de fachada de tijolos, os pátios (*manzanas*) e os mirantes, os painéis de granito da Galiza. Estes elementos regionais foram aglutinados com a formação histórica dos lugares através de um processo de selecção, tipificação e desfamiliarização em novos projectos³¹⁶.

Retomando a origem da noção de Regionalismo Crítico, ambos os autores referem que um dos objectivos desse conceito foi de chamar a atenção para a aproximação de vários arquitectos na Europa, que trabalhavam na direcção de uma alternativa ao Pós-Modernismo, a tendência dominante nesse período.³¹⁷ Mas, essa observação levou rapidamente a uma outra, pois Lefaivre e Tzonis constataram que tal como os seus antecessores modernistas, a maioria dos edifícios pós-modernistas continuaram a ditar descendentemente as fórmulas redutivas e universais sobre os que os utilizam.³¹⁸ Tal constatação foi uma das principais razões, que no final da década de setenta do século passado, os levou a identificar práticas de Arquitectura que reflexivamente emergiam das especificidades de uma situação particular. Por isso, asseveram, a importância de prover um quadro teórico-crítico para a sua apresentação.³¹⁹ Essa construção teórica-crítica ambicionava, por um lado, destacar-se do intrincado debate entre Modernismo e Pós-Modernismo e, por outro, resgatar o debate “Moderno-Anti-Moderno” por ser mais pertinente e imperativo pelo seu significado a longo prazo. Por isso, “[s]ituando-o dentro da história, decidimos usar o termo

315 Ibidem, loc. cit.

316 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander – Critical Regionalism. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, p. 22.

317 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*.

Munich: Prestel Verlag, 2003, p. 10. Sobre a relação entre Modernismo e Pós-Modernismo, os autores asseveram que: “Postmodernism, as its name suggests, aspired to succeed modernism whose ideals and norms were seen as responsible for the numerous failures that characterized most reconstruction and urban renewal projects realized since World War II. Having pledged to bring architecture out of a state of stagnation and disrepute due to the reductive, technocratic, and bureaucratic dogmas of modernism as well as its indifference - if not hostility towards history and culture - postmodernism enjoyed a meteoric rise. However, within a decade it became clear that most postmodernist buildings, apart from their superficial features, were qualitatively not much different from their predecessors. With few exceptions - museum buildings, such as the National Gallery in London and private houses in the United States, such as those by Robert Stern--the re-introduction of historical knowledge and cultural issues to design was merely skin-deep.” Ibidem, loc. cit.

318 Ibidem, loc. cit.

319 Ibidem, loc. cit.

Regionalismo.”³²⁰ Todavia, é importante referir que o Regionalismo não era o conceito ao qual os arquitectos se referiam.³²¹

Impera precisar que o Regionalismo Crítico “[e]ra um dispositivo conceptual que escolhemos como uma ferramenta de análise. A fim de tornar o argumento mais preciso e explícito, combinámos o conceito de Regionalismo com o conceito kantiano de crítico. Essa combinação intentou distinguir o uso do conceito de Regionalismo do sentimental, preconceituoso e irracional usado por gerações anteriores.”³²² Porém, mesmo perante tal assertividade, os autores reconhecem que “[a]dicionalmente, queríamos sublinhar a presença nessa tendência arquitectónica do "teste da crítica" (Kant), a responsabilidade de definir as origens e as limitações das ferramentas do pensamento que se usa. Apesar da nossa advertência acerca do objectivo de aplicar o conceito de Regionalismo, foi repetidamente mal-entendido.”³²³ E consequente de tal mal-entendido – em muito devido às diversas, e nem sempre correctas, interpretações de outros da enredada teoria-crítica de Frampton – paradoxalmente, “[n]a realidade, passou a significar o oposto. Ao invés de ser usado criticamente mesmo quando foi usado em conjunto com esse termo - foi transportado de volta para uma perspectiva obsoleta, chauvinista.”³²⁴ Por isso, reforçando o já afirmado no capítulo dedicado ao Regionalismo, ambos autores propõem

“[a] fim de clarificar essa questão, **sugerimos ainda publicamente que o conceito de Regionalismo deveria ser abandonado e substituído por Realismo**, apagando a parte do meio de re-'gion'-alismo. Realismo tornou-se apropriado em reflectir um compromisso com a exploração da identidade do particular (de cada caso), e não para as generalidades de doutrinas. No entanto, o conceito de Regionalismo continua connosco e é hoje ainda mais proeminente enquanto termo. A razão para isso tem a ver com o conflito omnipresente em todos os campos – incluindo o da Arquitectura – entre a globalização e a intervenção internacional, por um lado, e identidade local e o desejo de insularidade étnica, por outro.”³²⁵

320 Tradução nossa. No original: “Situating it within history, we decided to make use of the term regionalism.” Ibidem, loc. cit.

321 Ibidem, loc. cit.

322 Tradução nossa. No original: “It was a conceptual device that we chose to use as a tool of analysis. To make the argument more accurate and explicit we combined the concept of regionalism with the Kantian concept critical. The link was intended to distinguish the use of the concept of regionalism, from its sentimental, prejudiced and irrational use by previous generations.” Ibidem, loc. cit. Grifos nossos.

323 Tradução nossa. No original: “In addition, we wanted to underline the presence in this architectural tendency of "the test of criticism" (Kant), the responsibility to define the origins and constraints of the tools of the thinking that one uses. Despite our warning regarding the objective to employ the concept of regionalism, it was repeatedly misused.” Ibidem, loc. cit.

324 Tradução nossa. No original: “In reality, it came to mean the opposite. Rather than being used critically even when it was used together with that term - it was transported back to its obsolete, chauvinistic outlook.” Ibidem, loc. cit. Grifos nossos.

325 Tradução nossa. No original: “To clarify the issue, we even publicly suggested that the concept of regionalism should be abandoned and replaced by realism, hereby erasing the middle part of re-'gion'-alism. Realism was very appropriate in

(continua)

Como remate, com a ambição de contribuir para uma clarificação acerca o Regionalismo Crítico – em particular, a sua relação com o pensamento e prática contemporânea e actual de Arquitectura – Lefaivre e Tzonis referem que qualquer arquitecto competente pode identificar, decompor e recompor os elementos regionais no projecto, pois são tarefas – operações³²⁶ – que fazem parte das competências universais de todos os arquitectos e não apenas dos arquitectos locais. Os autores defendem que o Regionalismo Crítico é uma reacção aos problemas globais mais urgentes – os da anomia e os da atopia – que se verificam nos países mais desenvolvidos e não apenas uma expressão de identidade das denominadas regiões ‘periféricas.’³²⁷ Então, “[n]essa reacção, Regionalismo Crítico reaparece como complementar e não contraditório em relação a tendências de alta tecnologia, em relação a uma economia e a uma cultura ainda mais global.”³²⁸ E, desse modo, “[a] busca da comunidade no lugar, que parece ser a principal força motriz de Regionalismo Crítico, torna-o num dos movimentos mais intrigantes em Arquitectura num mundo cada vez mais globalizado.”³²⁹

1.2. Do Universal e do Particular: por um sincretismo

“Por isso, o *The International Style* não pode ser um estereótipo mecânico: ele não pode assumir uma forma que foi muito bem adaptada ao ambiente geográfico e social de Birmingham e aplicá-la, sem modificação em Bombaim; (...) Para evitar esse tipo de automatismo, o arquitecto deve estar completamente em casa na sua arte, ser completamente o mestre de suas possibilidades, muito bem fortificado com a ajuda das indústrias de construção e da cooperação de seus colegas de trabalho e dos artesãos, para que ele [o arquitecto] possa dar a maior parte de sua atenção às questões que estão fora da província imediata da construção, aos elementos

reflecting a commitment to the exploration of the identity of the particular (of each case), rather than to the generalities of doctrines. However, the concept of regionalism is still with us and even more prominent as a term today. The reason for this has to do with the ubiquitous conflict in all fields - including architecture - between globalization and international intervention, on the one hand, and local identity and the desire for ethnic insularity, on the other.” Ibidem, loc. cit. Grifos nossos.

326 Sobre as referidas operações críticas cf. Parte II. Por um modelo teórico-crítico, ponto 2.2. Familiar e estranho: da “desfamiliarização”.

327 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander – Critical Regionalism. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, p. 22.

328 Tradução nossa. No original: “In this reaction, Critical Regionalism reappears as complementary rather than contradictory in relation to trends towards higher technology, in relation to a more global economy and culture.” Ibidem, p. 23.

329 Tradução nossa. No original: “The pursuit of community in place which seems to be the main driving force of Critical Regionalism makes it one of the most intriguing movements in architecture in an increasingly globalized world.” Ibidem, loc. cit.

geográficos e económicos, sociais e políticos e psicológicos que estão ligadas à concepção e execução de seu projecto.”³³⁰

No seguimento do ponto anterior, importa evidenciar a importância de Lewis Mumford para o estabelecimento da construção teórica-crítica encetada por Alofsin, Lefaivre e por Tzonis. Diante uma vasta e muito rica produção teórica e crítica, traçar um itinerário claro acerca dos temas tratados por Mumford ao longo da sua vida não é uma acção imediata. É disso exemplo as suas considerações, por vezes intrincadas, acerca do Regionalismo. De todos os temas trabalhados por Mumford – a máquina, a cidade, a Região, a comunidade e a civilização – Região assume-se como o meio vital através do qual se pode atingir um fim, dissertar sobre “o problema humano mais geral”.³³¹

A vitalidade de Região e de regional ressoa em “*Sticks and Stones. A Study of American Architecture and Civilisation*,”³³² publicado em 1924. Perante a proliferação em massa, nos Estados Unidos da América, de uma Arquitectura inspirada, em grande parte, no academicismo próprio do espírito “imperial”³³³ das *Beaux-Arts*, Mumford alerta para a ausência de relações efectivas dessa expressão arquitectónica com as necessidades concretas de uma ‘realidade’ local ou regional. Afirma, ainda, que a grande maioria das casas modernas não são moldadas para locais e ocupantes definidos, mas são construídas para um mercado incógnito.³³⁴ O autor constatou que para se construir bem em qualquer escala é necessário desenvolver uma capacidade de planeamento regional, que relacione a cidade e o campo através de um novo padrão, do qual derivou a criação cega do industrial e o pioneiro territorial.³³⁵ Perante tal constatação, a alternativa proposta por Mumford é a da necessidade de uma “Arquitectura Regional” – através de uma profunda percepção das realidades locais e regionais,

330 Tradução nossa. No original: “Hence the international style cannot be a mechanical stereotype : it cannot take a form that was beautifully adapted to the geographic and social environment of Birmingham and apply it, without modification to Bombay; (...) To avoid that sort of automatism the architect must be so completely at home in his art, so thoroughly the master of its possibilities, so well fortified by the aid of the building industries and the cooperation of his fellow workers and craftsmen, that he can give the better part of his attention to matters that lie outside the immediate province of building to the geographic and economic, social and political and psychological elements that are bound up with the conception and execution of his design.” MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture. The Dancy Lectures, Alabama College, 1941*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1941, p. 138. Grifos nossos.

331 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - LEWIS MUMFORD'S REGIONALISM. In: *Design Book Review*, nº. 19, Inverno de 1991, pp. 20-25. Disponível em: <http://www.tzonis.com/dks/dks/publications/online/publications/1991-d...> Acesso em: 10 Jun. 2012.

332 MUMFORD, Lewis - *Sticks and Stones. A Study of American Architecture and Civilisation*. Nova Iorque: Boni and Liveright, 1924.

333 Cf., entre outras partes do texto, o capítulo “VI. THE IMPERIAL FAÇADE”. Ibidem, p. 123-151.

334 Ibidem, pp. 183-184.

335 Ibidem, p. 206.

conquistada através de um efectivo Planeamento Regional³³⁶. Anos mais tarde, em 1931³³⁷, Mumford retoma essa necessidade ao sintetizar duas grandes linhas (ou movimentos) na Arquitectura americana de então. O enfoque é agora, para além do espírito “imperial”, o das vicissitudes da era da máquina para a expressão da Arquitectura.

“Esse facto, mudou tanto o problema como as perspectivas da Arquitectura. Um outro, patente no trabalho de Richardson, Sullivan e Wright, intenta uma arquitectura aberta a novas formas de expressão; formas que compreendem, não apenas a evolução da era máquina, mas, em particular, o uso da própria terra, os hábitos humanos, os desejos humanos, as instituições humanas”³³⁸. E, conclui Mumford, estes são os pólos do espírito moderno na Arquitectura de hoje³³⁹. O reconhecimento de Frank Lloyd Wright (1867-1959)³⁴⁰ em particular, das casas conhecidas como as do “estilo *Prairie* e *Oak Park*” exemplifica uma possível consonância entre o particular e o universal. O trabalho de Wright incorpora duas qualidades essenciais: um sentido de lugar e um sentimento pelo uso dos materiais. Apesar de ter sido pioneiro e se ter deleitado com o uso dos métodos modernos de construção e de técnicas mecânicas, a sua Arquitectura não é uma mera adaptação passiva à idade da máquina. Alicerçada na ‘realidade’, a Arquitectura de Wright é um complemento essencial para todas as suas inovações técnicas.³⁴¹

336 Cf. notas 375 e 376.

337 MUMFORD, Lewis - *The Brown Decades. A Study of the Arts in America, 1865-1895*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1931.

338 Tradução nossa. No original: “This has changed both the problem and the outlook of architecture. The other movement, typified by the work of Richardson, Sullivan, and Wright, has been a conscious orientation of architecture toward new forms of expression, forms which comprehended, not merely the automatic developments of the mechanical age, but the role of the land itself, human habits, human desires, human institutions.” Ibidem, pp. 165-166.

339 Ibidem, pp. 165-166.

340 “Wright took the fashionable American house of the early nineties, with its high-pitched roof and spindly chimneys, its numerous dormer windows and its crazy turrets and towers, and brought this wild, shambling, pseudo-romantic creation, half Pegasus and half spavined selling plater, down to earth. (...) Emphasized by the fashionable architect, Wright was showing his respect for the actual landscape and the actual problems of his day and locality. Out of the ground, into the sun, has been the emblem of his work (...) No architecture can be efficient in the total situation which forgets the essential character of our humanity: human impulses cannot be flouted without their taking revenge in unexpected places. Frank Lloyd Wright's strong sense of human needs is a necessary complement to technical innovations.” Ibidem, pp. 167-169. A Arquitectura de Frank Lloyd Wright é, nesse âmbito, referenciada por Mumford, como exemplo de que a Arquitectura nunca deverá ser imposta, deverá antes crescer organicamente a partir seu contexto natural. Mumford reconhece essa condição em particular nas casas de Wright, onde se enfatiza o uso de materiais regionais directamente relacionados com cada contexto, variando de caso para caso. Tal como Wright, Mumford rejeitou a imposição de um único ‘estilo’ em favor de uma variedade de estilos correlacionados com as características particulares de uma Região e, mormente, das diversas necessidades das pessoas que vivem nessa Região. Assim, para Mumford a Arquitectura de Wright expressa equilíbrio, variedade e reflexividade. No entanto, reconhece Mumford, o desafio é o de, na sequência das casas unifamiliares de Wright, conseguir-se aplicar os mesmos princípios à habitação colectiva. Sobre estas questões e sobre a relação entre Mumford e Wright, veja-se: PFEIFFER, Bruce B., WOJTOWICZ, Robert (editores) - *Frank Lloyd Wright & Lewis Mumford: Thirty Years of Correspondence*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2001.

341 Ibidem, pp. 168-169.

Com o objectivo de melhor entender o impacto da máquina nas formas culturais da civilização ocidental³⁴², em “*Technics and Civilization*” (1934) Mumford esboça uma breve historiografia acerca do Regionalismo enquanto um amplo fenómeno cultural. Balizando esse fenómeno do século XVIII à actualidade, Mumford precisa o impacto e influência de Regionalismo não só em Arquitectura mas, também, em Literatura e Filosofia. *Grosso modo*, distingue duas vertentes desse Regionalismo: no capítulo “*Compensations and Reversions*”³⁴³, sub-capítulo “*The Cult of the Past*”³⁴⁴, identifica a primeira vertente associada a uma exaltação cega de um passado, um “Regionalismo revivalista histórico.”³⁴⁵ Essa vertente, uma antecedente expressão de Regionalismo, é complementada por outra que deriva da primeira. No subcapítulo seguinte, intitulado de “*The Return to Nature*”³⁴⁶, Mumford reconhece esse ‘apelo à natureza’ – entendido como um conjunto de singularidades geográficas, económicas e sociais – como um processo (na particularidade do seu país) de conjugação entre uma ‘natureza’, o seu passado e os avanços proporcionados pela máquina. Será essa vertente de Regionalismo que impele Mumford a desprezar a primeira e a afirmar em “*The South in Architecture*”³⁴⁷ (1941) – a partir dos trabalhos de Henry Hobson Richardson (1838-1886) – a possibilidade de um Regionalismo, firmado sincreticamente entre o particular e o universal como se de uma nova teoria se tratasse.

342 Cf. “Objectives” in MUMFORD, Lewis - *Technics and Civilization*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co., 1934, p. 3.

343 Ibidem, pp. 268-320.

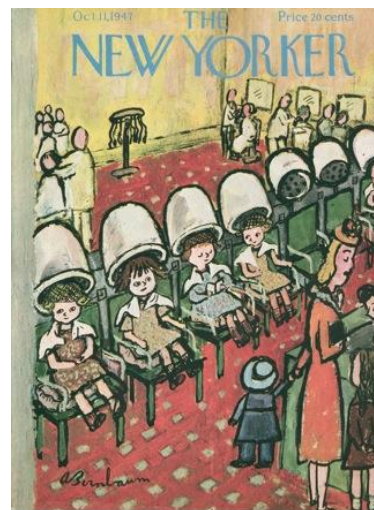
344 Ibidem, pp. 288-295

345 Ibidem, p. 295.

346 Ibidem, pp. 295-299.

347 MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture*. The Dancy Lectures, Alabama College, 1941. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1941.

Ilustração 6 - *The New Yorker*, 23, 10 de Outubro de 1947 (capa).



Numa breve crónica, intitulada de “*Status Quo*”, na sua coluna “*The Sky line*” pertença do periódico “*The New Yorker*”³⁴⁸ (Ilustração 6), Lewis Mumford, em 1947, afirma que o Regionalismo e o Modernismo arquitectónico não são necessariamente atitudes opostas. O autor defende que o Regionalismo poderá ser entendido como uma forma nativa, genuína e humana de Modernismo e, nesse sentido, um verdadeiro estilo universal, muito para além do *The International Style*³⁴⁹ da década de trinta do século passado, por permitir adaptações e modificações regionais. É disso exemplo o “estilo *Bay Region*”³⁵⁰ – assim apelidado por Mumford – que se caracteriza por uma especial sensibilidade face à topografia, ao clima e aos modos de vida dessa Região. Dois anos depois, o autor refere, que esse ‘estilo’ absorve os modelos universais da ciência e da máquina,

348 Entre 1931 e 1963, Lewis Mumford escreveu com regularidade no periódico *The New Yorker* sobre Arquitectura, na coluna intitulada de “*Sky Line*” e, ocasionalmente, sobre Arte, na coluna intitulada de “*The Art Galleries*”. “*Sky Line*”, espaço privilegiado para a crítica de Arquitectura americana, serviu para Mumford expressar, entre outras questões, as suas preocupações sobre os desenvolvimentos do modernismo europeu. Resumidamente, para Mumford essa expressão arquitectónica promovera, entre outras questões, uma estética anti-humanista pelo desprezo das expressões regionais ou locais afirmando, em prol de soluções não inclusivas, uma expressão de carácter universalizante. De todos os artigos, destaque-se o intitulado de “*Status Quo*” (10 de Outubro de 1947) que, na continuidade de artigos anteriores, provocou a primeira reavaliação da Exposição *Modern Architecture - International Exhibition* realizada no MoMA em 1932, da qual emanara a expressão *The International Style*. De facto, reconheceu Mumford anos mais tarde, o ‘*Bay Region style*’ arremessado no artigo “*Status Quo*” provocou um enorme e sentido tumulto no campo disciplinar, mormente, americano. Para além do Arquivo *New Yorker*, cf. WOJTOWICZ, Robert (ed.) - *Sidewalk Critic: Lewis Mumford's Writings on New York*. Princeton: Princeton Architectural Press, 1998.

349 Na esteira de afirmações de outros autores, tais como, Hugh S. Morrison (1893 – 1970) que em 1940 declarou que o *The International Style* já era passado e que, num futuro próximo, afirmar-se-iam variados modernismos regionais. Cf. MORRISON, Hugh S. - After the International Style – What? In: *The Architectural Forum* 72, n.º 4, Maio, 1940, pp. 345-347. Ou, a identificação de práticas emergentes na Arquitectura Americana, entre outros, o caso de William Wurster, na Exposição *Tomorrow's Small House: Models and Plans* no MOMA entre 29 de Maio e 30 de Setembro de 1945 organizada por Elizabeth B. Mock (1911-1998). Cf. MOCK, Elizabeth B. (Curador) - TOMORROW'S SMALL HOUSE: MODELS AND PLANS. In: *The Bulletin of the New York Museum of Modern Art*, Vol. XII, n.º 5 (Spring), 1945, pp. 3-19.

350 ‘Estilo’, ‘Escola’ ou ‘Arquitectura’, como por vezes é referenciado nos textos de Mumford e de outros autores. No texto original de 1947, o termo utilizado por Mumford é o de “*Bay Region style*” – cf. “that native and humane form of modernism which one might call the Bay Region style”. MUMFORD, Lewis - *The Sky Line. Status Quo*. In: *The New Yorker*, 23 (10 de Outubro), 1947, p. 110.

no sentido de possibilitar uma conciliação com os desejos e necessidades humanas e as propriedades específicas da natureza (*e.g.*, clima, topografia, vegetação).³⁵¹ E, assim, a expressão arquitectónica da *Bay Region* não só pertence à região como a transcende, ou seja, abarca e transcende a máquina. Nesse âmbito, além de não ignorar as necessidades particulares, costumes e condições, também as transpõe para uma forma civilizacional comum.³⁵² Mumford afirma, ainda, que essa leitura de Regionalismo apenas se tornou possível porque o Modernismo arquitectónico na Europa e nos Estados Unidos da América amadureceu, deixando de ser um adolescente com os seus dogmatismos assertivos e atitudes quixotescas ou pretensiosas³⁵³. O Regionalismo da *Bay Region* assume-se como uma expressão do Modernismo arquitectónico mais ponderada do que a proposta pelo *The International Style*, o que, em grande parte, se deve ao impacto das reflexões de Mumford junto da comunidade de arquitectos de então.

As considerações expressas por Mumford, em 1947, retomam outras, igualmente seminais, acerca da possibilidade de um reavivado Regionalismo. De facto, em termos gerais, Região é um objecto de investigação essencial para o autor questionar um conjunto de temas pertinentes em torno de Arquitectura, tais como: a cidade moderna e o seu futuro; o impacto da máquina sobre o indivíduo, sobre as comunidades e sobre a civilização. Retomando as suas palestras “*The South in Architecture*”³⁵⁴ no *Alabama College*, em Abril de 1941, Mumford resgata a ideia de Regionalismo em Arquitectura, através de um processo crítico, e não só. Assim, alicerçado numa leitura de cariz historiográfico alude ao

351 MUMFORD, Lewis - The Architecture of the Bay Region. In: AAVV, *Domestic Architecture of the San Francisco Bay Region. The San Francisco Museum of Art* (catálogo de exposição): São Francisco: The San Francisco Museum of Art, 1949, s./p.

352 Ibidem, loc. cit.

353 Síntese nossa. No original: “So I don't propose to join the solemn gentlemen who, aware of this natural reaction against a sterile and abstract modernism, are predicting a return to the graceful stereotypes of the eighteenth century. Rather, I look for the continued spread, to every part of our country, of that native and humane form of modernism which one might call the Bay Region style, a free yet unobtrusive expression of the terrain, the climate, and the way of life on the Coast. That style took root about fifty years ago in Berkeley, California, in the early work of John Galen Howard and Maybeck, and by now, on the Coast, it is simply taken for granted; no one out there is foolish enough to imagine that there is any other proper way of building in our time. The style is actually a product of the meeting of Oriental and Occidental architectural traditions, and it is far more truly a universal style than the so-called international style of the nineteen-thirties, since it permits regional adaptations and modifications. Some of the best examples of this at once native and universal tradition are being built in New England. The change that is now going on in both Europe and America means only that modern architecture is past its adolescent period, with its quixotic purities, its awkward self-consciousness, its assertive dogmatism. The good young architects today are familiar enough with the machine and its products and processes to take them for granted, and so they are ready to relax and enjoy themselves a little. That will be better for all of us.” MUMFORD, Lewis - The Sky Line. *Status Quo*. In: *The New Yorker*, 23 (10 de Outubro), 1947, p. 110.

354 MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture. The Dancy Lectures, Alabama College, 1941*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1941.

Regionalismo da segunda metade do século XIX e início do XX como ponto de partida para um outro – adaptando-o ao presente – íntimo das questões sociais, económicas e ambientais, sobretudo da América. Por um lado, o autor liberta o Regionalismo dos elementos de cariz chauvinista; e por outro, das expressões ‘tradicionais’ e pitorescas próprias do período Romântico. A referida precisão assegura que, presentemente, o Regionalismo não promove em absoluto o “telúrico”, o “primitivo”, o local ou a Região como uma “entidade auto-suficiente” ou “auto-contida”³⁵⁵. Nesse sentido, Mumford refere a pertinência da passagem de gerações, pois só assim é possível criar um produto regional e novas formas arquitectónicas. Estamos numa fase inicial, em que o conhecimento sobre nós e sobre o nosso meio ambiente é insuficiente para criar uma Arquitectura regional.³⁵⁶ E, nesse sentido, **“O regionalismo não é uma questão de usar o mais disponível material local, ou de cópia; (...) Formas regionais são aquelas que melhor atendem às condições de vida actuais e são as que maior sucesso obtêm na tentativa das pessoas se sentirem em casa, no seu ambiente: as formas não se limitam a utilizar o solo, procuram reflectir as condições actuais da cultura na região.”**³⁵⁷ Note-se, que, circunstância de uma época particular – diante uma civilização gradualmente dominada pela técnica e pela máquina e, entre outros acontecimentos, diante do período recessivo entre guerras³⁵⁸ – e na esteira das propostas do seu mentor Patrick Geddes (1854-1932)³⁵⁹, o

355 Ibidem, loc. cit., pp. 30-31.

356 Ibidem, p. 30.

357 Tradução nossa. No original: “Regionalism is not a matter of using the most available local material, or of copying; (...) Regional forms are those which most closely meet the actual conditions of life and which most fully succeed in making a people feel at home in their environment: they do not merely utilize the soil but they reflect the current conditions of culture in the region.” Ibidem, loc. cit. Grifos nossos.

358 O período entre guerras, em particular os efeitos da Grande Depressão da década de 30 do século passado na América e Europa, do séc. passado provocou questionamentos sobre a vitalidade da máquina e, consequentemente, da sua contaminação na sociedade de então – Mumford, obviamente, não foi imune a tais questões. Destaque-se, ainda, o impacto dos progressos do Nacional Socialismo e, consequentemente, do Regime Nazi de Adolf Hitler (1889-1945) em outros textos de Mumford, mormente referente a Regionalismo, sobre as questões do *Heimat*. Sobre *Heimat* cf. nota 119.

359 Embora seja um dos seus principais mentores, refira-se, igualmente, para além de Geddes, a importância de John Ruskin (1819-1900), William Morris (1834-1896) e William Lethaby (1857-1931); a influência destes autores possibilitou a Mumford uma ampla leitura sobre as possibilidades de Regionalismo intra-Modernidade. A aproximação holística sobre a evolução e desenvolvimento social (baseado, entre outras, nas suas proposições sobre Região e cidade) de Geddes, em particular, forneceu pistas concretas sobre a possibilidade de uma sociedade equilibrada entre o universal da máquina e o particular da cultura local ou regional. Sobre a relação entre Mumford e Geddes, veja-se: MUMFORD, Lewis, GEDDES, Patrick - *Lewis Mumford and Patrick Geddes: the correspondence* (NOVAK, Frank G., editor). Nova Iorque: Routledge, 1995. Sumariamente, refira-se a influência dos trabalhos de Herbert Spencer (1820-1903) e de Frederic Le Play (1806-1882) em Geddes (e, obviamente, em Mumford), mormente em questões socio-geográficas e para o desenvolvimento das suas teorias sobre o Planeamento Regional. É disso o exemplo mais conhecido a tríade “*Lieu, Travail, Famille*” de Le Play referente às unidades principais da sociedade que foram reapropriadas por Geddes em “*Notation of Life*” (GEDDES, Patrick – THE CHARTING OF LIFE. In: *The Sociological Review*, Vol. 19, Janeiro, pp. 40-63, 1927), substituindo “Família” por “Folclore”; ou seja, a unificação de “Lugar, Trabalho, Folclore” como um todo vivido – cf., entre outros títulos: GEDDES, Patrick - *Cities in evolution: an introduction to the town planning movement and to the study of civics*. Londres: Williams & Norgate, 1915; WELTER, Volker M. - *Biopolis. Patrick Geddes and the City of Life*. Cambridge: MIT

(continua)

Regionalismo de Mumford encerra uma ‘ideologia social’ que não se pode descurar. Acompanhado pelas propostas da Sociogeografia³⁶⁰, verifica-se que na base desse Regionalismo encontra-se o ensejo de reformar o ambiente construído na possibilidade de lidar com os inúmeros factores que moldavam esse tempo peculiar. Para Mumford, um equilíbrio de forças dominantes, mormente entre tradição e inovação, poderiam firmar uma civilização moderna. Esse equilíbrio pretendia afirmar uma alternativa, sobretudo, diante do impacto destrutivo que o desenvolvimento da máquina e da técnica tiveram sobre o ambiente natural e construído. Assim, a via do Regionalismo promoveria e robusteceria, estabilidade e sustentabilidade para novas possibilidades civilizacionais. No entanto, Mumford, apesar de inquietado³⁶¹ com a rápida evolução moderna da sociedade diante da máquina – que tantas vezes demonstrara ser arruinadora para essa sociedade –, rejeita peremptoriamente qualquer filiação ou retorno a anteriores formas de Regionalismo de base historicista que recusem esses avanços

Press, 2002, pp. 31-32. Destaque-se, igualmente, para o entendimento da ideia cidade-região (“*region-city*”) de Geddes o complexo modelo titulado de ‘secção do vale’ (“*The valley section*”) desenvolvido a partir dos seus planos para os Jardins Zoológicos de Edimburgo em 1919. Nessa secção longitudinal de um vale (contido entre montanhas, o curso de um rio e o seu estuário plano), Geddes, inspirado nas paisagens de Edimburgo, ilustra as interações entre a Biogeografia, a Geomorfologia e os sistemas humanos a fim de demonstrar de que maneira é que as “ocupações naturais” do homem – o mineiro, o lenhador, o caçador, o pastor, o agricultor, o jardineiro e o pescador – são consequência da Geografia física e, nesse sentido, determinam as matrizes do estabelecimento humano. Através desse modelo, Geddes pretendeu clarificar as complexas interações e correlações entre os homens e o contexto físico e, assim, afirmar a necessidade de um Planeamento Regional (no desenvolvimento urbano, por exemplo) capaz de ser sensível e harmonioso, sempre reflexivo, com as condições locais ou regionais. Para um aprofundamento destes temas, considere-se, a título de exemplo, STEPHEN, Walter, et al - *THINK GLOBAL, ACT LOCAL The Life and Legacy of Patrick Geddes*. Edimburgo: Luath Press, 2004. Por fim, refira-se ainda, a influência de Geddes para, entre outros, as reflexões do *Team X* (entre outros membros, Jaap Bakema, Georges Candilis, Aldo van Eyck, Giancarlo De Carlo, Alison e Peter Smithson) verificável, entre outros, nos encontros do *Congrès internationaux d'architecture moderne* (CIAM) do pós-segunda Grande Guerra, mormente o em 1951 e o em 1956. Destaque-se o diagrama do “*Doorn Manifesto*” desenvolvido no encontro da *Team X* na cidade holandesa de Doorn entre 29 e 31 de janeiro de 1954, mais tarde desenhado pelos Smithsons literalmente baseado na secção desenhada (“*The valley section*”) de Geddes – pela primeira vez publicado em CROSBY, Theo (Ed.) - *Alison e Peter Smithson. Studies of Association, Identity, Patterns of Growth, Cluster, Mobility*. In: *Uppercase 3*. Londres: Whitefriars Press, 1960; LEWIS, John (ed.) - *Urban structuring: studies of Alison & Peter Smithson*. Londres: Studio Vista, 1967, p. 19 (revisão e ampliação da *Uppercase 3* de 1960); e SMITHSON, Alison M. (ed.), - *Team 10 Primer*. Cambridge: MIT Press, [1962] 1974. Sobre a referida influência, considere-se ainda: WELTER, Volker M. - CIAM, Team X, and the Influence of Patrick Geddes. Five Annotations. In: *The English Crucible - CIAM Team 10, the English context*. (Papers from a report on the expert meeting, Faculty of Architecture, TU Delft, November 5th 2001). Disponível em: <http://www.team10online.org/research/papers/delft1/welter.pdf>. Acesso em: 01 Out. 2011.

360 Sumariamente, Geddes integra conceitos da Sociologia em Geografia, e vice-versa, numa abordagem de cariz regional.

Vide método do Inquérito Regional e Planeamento Regional em Geddes: entre outros, cf. GEDDES, Patrick - *Cities in evolution: an introduction to the town planning movement and to the study of civics*. Londres: Williams & Norgate, 1915.

361 A inquietação referente aos efeitos da máquina na sociedade de então é, por vezes, perceptível nos primeiros escritos de Mumford – por exemplo, na primeira edição de “*Sticks and Stones. A Study of American Architecture and Civilisation*” de 1924 (posteriormente revista em 1955) – ainda muito influenciados por Ruskin, Morris e Geddes. Essas inquietações foram gradualmente maturadas e, conseqüentemente, atenuadas durante as décadas seguintes devido ao crescente fascínio de Mumford sobre as possibilidades de reconciliação do seu Regionalismo com sociedade moderna da máquina de então. Nesse sentido, é disso exemplo, as várias revisões que Mumford efectuou a esses seus escritos; entre outros, compare-se a introdução da edição revista em 1955 com o original de 1924 do título antes citado. Cf. MUMFORD, Lewis – *Sticks and Stones. A Study of American Architecture and Civilisation*. Nova Iorque: Boni and Liveright, 1924 e MUMFORD, Lewis – *Sticks and Stones. A Study of American Architecture and Civilisation*. Nova Iorque: Dover Publications, 1955. Assim, considere-se, sobre o impacto civilizacional da máquina, técnica e da tecnologia, a série de publicações intitulada “*Renewal of Life*”. Cf. MUMFORD, Lewis - *Technics and Civilization*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co., 1934; MUMFORD, Lewis - *The Culture of Cities*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co., 1938; MUMFORD, Lewis - *The Condition of Man*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co., 1944; MUMFORD, Lewis - *The Conduct of Life*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co., 1951.

modernos ou que não estejam efectivamente adaptados às reais necessidades de uma Região. Desse modo, insiste que por mais universalizadas³⁶² que sejam as civilizações modernas, a participação activa de Região persiste na constituição ininterrupta das sociedades que se clarifica através da formação e afirmação dos traços culturais de uma sociedade particular. Sem esse entendimento, numa afirmação absolutista ou homogeneizadora de uma condição universal, a civilização moderna tornar-se-ia insustentável nas suas demais estruturas sociais, económicas e culturais. Ainda, no que diz respeito à ambicionada sustentabilidade civilizacional, Mumford, perseguindo as propostas de Geddes, considerou que Região não é uma construção erudita estruturada em idealismos, mas sim, em factos concretos próprios de uma Geografia Física. Reiterando o anteriormente citado, uma Região geográfica é uma entidade natural fundada num clima, num ambiente natural, numa estrutura social e numa cultura enraizada comum; e são estes os factos primordiais à existência humana e, como tal, matriciais para o desenvolvimento social, económico e técnico³⁶³. Em termos gerais e em primeiro lugar, o novo ambiente construído (ou a Arquitectura), deve ancorar-se no local e estabelecer um diálogo reflexivo com esse meio físico circundante, a fim de matricialmente afirmar as bases para uma renovação das civilizações humanas. Desse modo, Mumford reitera que tal como as nossas necessidades sociais, também, o clima requer formas de construção flexíveis. Contudo, devido à falta de conhecimento da ‘realidade’ regional ou devido ao constante uso da máquina, cometem-se erros que podem desencadear autênticos desastres naturais, tais como a implementação em massa de sistemas de ar-condicionado.³⁶⁴ Constata-se, assim, que os edifícios que predominam em

362 Leia-se aqui, igualmente ‘globalizado’. Extrapolando a condição de uma civilização universal para os dias de hoje, as afirmações de Mumford posicionam-se contra a homogeneidade dos produtos globais versus os das culturas regionais ou locais – no sentido de, ao transcenderem uma realidade ‘geográfica’, desvalorizarem as particularidades regionais. Essa posição poderá igualmente ser extrapolada, para questões sobre a hegemonia dos mercados, capitalismo, etc. e suas influências no pensamento e prática de Arquitectura. No entanto, por não serem directamente da disciplina da Arquitectura, não se aprofundarão por ora.

363 “The environment does not act directly upon man: it acts rather by conditioning the kinds of work and activity that are possible in a region.” MUMFORD, Lewis - Regionalism and Irregionalism. In: *The Sociological Review*, Vol. 19, Outubro, 1927, p. 285. Veja-se, igualmente, a sequência deste texto, sobre em particular os ensinamentos de Geddes e da ‘Regional City’: MUMFORD, Lewis - The Theory and Practice of Regionalism. In: *The Sociological Review*, Vol. 20, Janeiro, 1928, pp. 18-33 e MUMFORD, Lewis - The Theory and Practice of Regionalism (continued). In: *The Sociological Review*, Vol. 20, Abril, 1928, pp. 131-141.

364 MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture. The Dancy Lectures, Alabama College, 1941*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1941, p. 27.

qualquer região são o reflexo da descoberta social e da auto-consciência dessa ‘realidade’.

Esse primeiro diálogo é possível, em grande parte, pela unidade e síntese realista propiciada pelo método do Inquérito Regional de Geddes, pois só, assim, é possível obter um conhecimento detalhado acerca das condições e recursos naturais e humanos de Região enquanto matriz para o ambiente construído³⁶⁵. Mumford reconheceu, que de facto, o método holístico de Geddes faculta um conhecimento efectivo acerca de Região, devido à eficácia proporcionada pela síntese de dados concretos para a edificação de um ambiente construído³⁶⁶. Em suma, verificamos que a função do geógrafo e do sociólogo é reconhecer holisticamente Região e a função do projectista regional é projectar e desenvolver uma relação harmoniosa com as outras regiões.³⁶⁷ Perante o exposto, podemos concluir que o objectivo primeiro do Regionalismo é o viver dentro e pela Região de modo a potenciar e elevar ao máximo a promoção de uma cultura adequada.³⁶⁸

Na sequência do afirmado, precise-se que a Arquitectura é a “casa do Homem”³⁶⁹, ou seja, a “Arquitectura, devidamente apreendida, é civilização.”³⁷⁰ E civilização é sociedade humanizada.³⁷¹ Portanto, para Mumford, Arquitectura e civilização são integralmente relacionáveis e, por isso, pertença de uma circunstância histórica, concomitante entre particularidades e universalidades afirmadas num presente. O autor assume a Arquitectura como uma manifestação externa do carácter de uma sociedade e de uma civilização, pelo que não procura romper com um tempo hodierno, mas sim estabelecer pontes contínuas entre um passado e um presente na possibilidade de afirmar um caminho futuro. E, essa

365 Cf. MUMFORD, Lewis - *The Story of Utopias*. Nova Iorque: Boni and Liveright, 1922.

366 Cf. Ibidem, p. 281.

367 MUMFORD, Lewis - Regionalism and Irregionalism. In: *The Sociological Review*, Vol. 19, Outubro, 1927, p. 279.

Reforce-se: a consciência socioeconómica, cúmplice da geográfica, vincam, *grosso modo*, o pensamento sobre Região de Mumford. Para alguns autores, Mumford em linha com as propostas do seu mentor Geddes, firma igualmente uma preocupação de cariz ecológica consequente das considerações sobre Região; cf. LUCCARELLI, Mark - *Lewis Mumford and the Ecological Region: The Politics of Planning*. Nova Iorque: Guilford Press, 1995.

368 Ibidem, loc. cit.

369 MUMFORD, Lewis, DAVEM, Jeanne M. (ed.) - *Architecture as a home for man: essays for Architectural Record*. Nova Iorque: Architectural Record Books, 1975.

370 Tradução nossa. No original: “Architecture, properly understood, is civilization itself.” Mumford cita W. R. Lethaby nas primeiras páginas de: MUMFORD, Lewis – *Sticks and Stones. A Study of American Architecture and Civilisation*. Nova Iorque: Boni and Liveright, 1924, s./p.

371 Tradução nossa. No original: “What is civilization? It is the humanization of man in society.” Mumford citando Matthew Arnold nas primeiras páginas de: *Sticks and Stones. A Study of American Architecture and Civilisation*. Ibidem, loc. cit.

construção de pontes ou de continuidades é o grande encargo atribuído pelo autor à Arquitectura³⁷².

A singular construção teórica-crítica de Mumford acerca de Regionalismo, amadurecida ao longo da sua extensa obra escrita, determina um possível desfecho e, ao mesmo tempo, um possível ponto de partida para o estabelecimento de um pensamento projectual em Arquitectura. Diante dos incontornáveis avanços da sociedade da máquina, na afirmação da civilização universal³⁷³, o autor antevê a possibilidade de um pensamento projectual em Arquitectura negociado sincreticamente entre o particular e o universal. Essa antevisão evidencia-se, em particular, no já referido conjunto de palestras publicadas com o nome “*The South in Architecture. The Dancy Lectures*”³⁷⁴, no *Alabama College*, em Abril de 1941, dirigidas a uma audiência composta principalmente por jovens cadetes do exército americano destacados para a frente europeia da Segunda Grande Guerra. Ao eleger o tema da Arquitectura, em particular o estado da Arquitectura americana de então, Mumford precisa o processo da anteriormente referida negociação. Neste contexto, defende a existência de dois elementos principais em Arquitectura e em todas as expressões estéticas e culturais:

“[u]m desses elementos é o particular ou local, as capacidades específicas e circunstanciais da adaptação humana, reflexo de um povo, de um solo e de um conjunto de instituições económicas e políticas. Chame-se a esse conjunto, o elemento regional entendido, evidentemente, muito para além das suas características geográficas. O outro elemento é o universal: este elemento extravasa limites e fronteiras; une num vínculo comum pessoas das mais diversas raças e temperamentos; transcende o local, o limitado, o parcial. (...)”³⁷⁵ Sem a existência desse elemento universal, que geralmente atinge o seu expoente máximo na religião, a humanidade viveria ainda no nível primário dos impulsos imediatos, sensações,

372 Esse encargo, sempre direccionado para a realidade americana de então, servia, como anteriormente dito, como possibilidade para o planeamento de futuras cidades primeiramente projectadas de acordo com as premissas de um tempo moderno e as particulares dessas regiões – entre outras, sociogeográficas e culturais.

373 Expressão mais tarde utilizada por Paul Ricoeur (1913-2005) e, conforme adiante se verificará, em muito associada à comum leitura de Regionalismo Crítico. Cf. RICOEUR, Paul - *Civilisation universelle et cultures nationales*. In: *Esprit - De L'assistance a la Solidarite*, nº 10, Outubro, 1961, pp. 439-453.

374 MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture. The Dancy Lectures, Alabama College, 1941*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1941.

375 Mumford ilustra esta questão ao afirmar que: “This universal element is what makes it possible for us to read Homer today, and to feel as sympathetic toward Odysseus as we do to a contemporary refugee who is buffeted from one country to another, or to enjoy the encounter of Nausicaa and Homer's battered hero, with perhaps even a little greater relish than one does the latest situation between a Hollywood actress and her male counterpart in a current motion picture.” Ibidem, loc. cit., p. 52.

hábitos; e, assim, haveria um abismo profundo e intransponível entre os povos da terra.”³⁷⁶

A anterior citação reforça que as convenções de um passado ou os precedentes historicistas, quando não são integrados nas reais necessidades de Região jamais deverão ser constituintes de uma expressão da Arquitectura e o mesmo se aplica ao uso acrítico de materiais locais. Mumford rejeita a via pitoresca, nostálgica ou sentimental expressável morfotipologicamente em Arquitectura. Neste particular, e apesar de próximas, é importante que não se confunda de um modo literal o apelo ‘regional’ com questões que estão continuamente presentes no debate disciplinar da Arquitectura e que, nos dias de hoje, são associadas a correntes filosóficas contemporâneas³⁷⁷, nomeadamente: o extenso debate acerca da noção de sítio *versus* lugar. Consciente da necessidade de uma ‘forma regional’³⁷⁸ que melhor atendessem às demais vicissitudes e progressos da sociedade actual e que se edificasse de forma ascendente do particular, equilibrada e perspectivada reflexivamente pelo e ao universal, Mumford estava ciente das suas possíveis fragilidades³⁷⁹. A fraqueza de dividir o “Regionalismo revivalista histórico”³⁸⁰ em duas grandes vertentes³⁸¹, reside no facto de não se conhecer a reacção do contexto exterior, ou seja, é uma tentativa de abrigo contra as incursões buliçosas do mundo externo, o que se traduz numa aversão do que é, em vez de impulsionar o que poderia ser.³⁸² A dita fraqueza resume, em parte, a antítese primeira ao real entendimento da tese do Regionalismo de Mumford, ainda hoje bem presente. Essa estigmatização advém, em muito, do facto do Regionalista sentimental ver o passado como algo irrevogável. Assim o seu impulso é para corrigir algo que, anteriormente considerou definitivo, ao invés de continuar a experienciá-lo com a

376 Tradução nossa. No original: “Now there are two elements in every architecture, indeed in every esthetic or cultural expression. One of them is the local, the time-bound, that which adapts itself to special human capacities and circumstances, that belongs to a particular people and a particular soil and a particular set of economic and political institutions. Let us call this the regional element, though one must of course include in this term far more than the purely geographic characteristics. The other element is the universal: this element passes over boundaries and frontiers; it unites in a common bond people of the most diverse races and temperaments; it transcends the local, the limited, the partial. (...) Without the existence of that universal element, which usually reaches its highest and widest expression in religion, mankind would still live only at the brute level of immediate impulses, sensations, habits; and there would be a deep unbridgeable gulf between the peoples of the earth. Ibidem, loc. cit. Grifos nossos.

377 Tais como a Fenomenologia e o Existencialismo.

378 Ou seja, ‘formas ou ambientes construídos.

379 De igual modo, expressaram Lefàivre e Tzonis quase 3 décadas depois no seminal contributo sobre Regionalismo Crítico.

Cf. capítulo anterior e LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture*. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, pp. 164-178.

380 Ibidem, p. 295.

381 Cf. MUMFORD, Lewis - *Technics and Civilization*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co., 1934.

382 Ibidem, pp. 292-293.

manutenção dos hábitos originais, que na verdade eram apenas uma tendência de um país específico. As formas regionais de Arquitectura eram edificadas de acordo com o mais oportuno e apropriado, para um período de desenvolvimento cultural e técnico específico. A manutenção desses costumes, hábitos e interesses regionais funcionava com uma espécie de fuga à ‘realidade’, o que dava ao Regionalismo uma conotação anti-histórica e anti-orgânica, o que parecia refutar que algo de valioso dele poderia advir.³⁸³

Tal como se previa, as considerações de Mumford acerca do Regionalismo, em particular as do artigo “*Satus Quo*”, tornaram-se rapidamente como as mais controversas e, simultaneamente, as mais fascinantes da sua carreira³⁸⁴. Sem precedentes, o autor proclama uma leitura inédita para a expressão Regionalismo e as suas demais conotações em Arquitectura. Por um lado, Mumford quebra com a doxa de que o Regionalismo se opõe incondicionalmente ao universal; por outro, esse **Regionalismo depende de um compromisso celebrado com o universal, ou seja, um constante processo de negociação entre o particular ou regional**³⁸⁵. Em suma, o autor acreditava que o **Regionalismo é sinónimo de Modernismo** e, nesse sentido, **não se opõe directamente, como vulgarmente é entendido, ao estabelecimento de uma cultura universal**³⁸⁶. Esse processo de negociação coerente, sempre constante e em continuidade com um passado e um presente, capaz de afirmar um compromisso estável entre o particular e o universal é o alicerce primordial do proposto por Mumford. No entanto, ainda hoje esse alicerce é, por muitos, pouco conhecido e, por isso, continuamente mal interpretado. Desse modo, verifica-se que todas as culturas regionais têm necessariamente traços universais, ou seja, as culturas regionais estão obviamente receptivas às demais influências de um ‘legado universal’, procedente de outros lugares e das suas culturas. Portanto, para se captar em pleno os recursos locais

383 Ibidem, pp. 292-293.

384 LEFAIVRE, Liane - Critical Regionalism: A Facet of Modern Architecture since 1945. In: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*. Munique: Prestel Verlag, 2003, p. 25.

385 Grifos nossos.

386 No seguimento do capítulo anterior, recorde-se ‘Universalidade’ como carácter do que é Universal e, principalmente, como totalidade. Adverte-se que, por ser constantemente confundido com Global e (Globalização), que Universal, aqui utilizado, encontra-se alinhado as questões de âmbito cultural. Considere-se, a título de exemplo, as considerações de Jean Baudrillard: “Globalisation and universality are not equivalent terms; in fact they could be considered to mutually exclude one another. Globalisation pertains to techniques, the market, tourism, information. Universality pertains to values, human rights, freedoms, culture, democracy. Globalisation seems to be irreversible, the universal on the other hand appears to be almost an endangered species.” Disponível em: <http://www.egs.edu/faculty/jean-baudrillard/articles/the-global-and-the-universal/> Acesso em: 12 Out. 2012.

Ilustração 7 - *What Is Happening to Modern Architecture?*
A Symposium at the Museum of Modern Art. In: *The Bulletin of the New York Museum of Modern Art*, vol. XV, nº. 3 (Spring), 1948 (capa, p. 1).



ou regionais, inevitavelmente, tem que se incitar um diálogo permanente entre técnicas e recursos provindos doutras regiões.

Consequentemente, o artigo do “*The New Yorker*” obteve um considerável impacto junto da comunidade de arquitectos, em particular, junto de distintos membros ligados ao Movimento Moderno e, em grande parte, associados à formulação da expressão “*The International Style*”³⁸⁷. De facto, como precisa Lefaivre, o artigo de Mumford “tocara num nervo”³⁸⁸ no bem estabelecido *status quo*³⁸⁹ arquitectónico Americano e Europeu. Assim, passados poucos meses da publicação do artigo de Mumford, o director do *Museum of Modern Art* de Nova Iorque (MoMA), Alfred H. Barr Jr. (1902-1981), em conjunto com Henry-Russell Hitchcock (1903-1987), organizaram um simpósio público para, entre outros temas, discutirem o referido artigo de Mumford. O resultado foi o Simpósio “*What is happening to Modern Architecture?*” (Ilustração 7). Assim, na noite de 11 de Fevereiro de 1948, num painel constituído, entre outros, por Alfred H. Barr Jr., Henry-Russell Hitchcock, Walter Gropius (1883-1969), George Nelson (1908-1986), Ralph T. Walker (1889-1973), Christopher Tunnard (1910-1979),

387 Exposição inaugurada em 9 de Fevereiro de 1932 (decorrida entre 10 e 23 de Março) *Museum of Modern Art* de Nova Iorque (MoMA) por Henry-Russell Hitchcock e Philip Johnson (curadores, com colaboração de Lewis Mumford) intitulada de *Modern Architecture - International Exhibition*. Cf. HITCHCOCK, Henry-Russell, JOHNSON, Philip - *Modern Architecture International Exhibition*, New York Feb. 10 To March 23 (catálogo da exposição). Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1932; HITCHCOCK, Henry-Russell, JOHNSON, Philip - *The International Style: Architecture since 1922*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1932.

388 LEFAIVRE, Liane - Critical Regionalism: A Facet of Modern Architecture since 1945. In: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*. Munique: Prestel Verlag, 2003, p. 26.

389 Referindo-se, mormente, aos ‘actores’ principais do *The International Style*. Reitere-se, como curiosidade, que Mumford auxiliara Hitchcock e Johnson a organizar a Exposição do MoMA. Cf. a penúltima nota.

Frederick Gutheim (1908-1993), Marcel Breuer (1902-1981), Peter Blake (1920-2006), Gerhard Kallmann (1915-2012), Talbot Hamlin (1889-1956), Carl Koch (1912-1998) e Lewis Mumford, como moderador de uma das sessões, colocaram-se em discussão dois pontos de vista, que apesar de não terem sido os pontos originalmente planeados, dominaram a discussão. Era esperado que o diálogo oscilasse entre os criadores do termo "Estilo Internacional" e os defensores ingleses do denominado "Novo Empirismo" juntamente com o seu equivalente norte-americano, o novo humanismo da escola "*Bay Region*".³⁹⁰

O aceso, e muito interessante, debate a partir das comunicações dos referidos participantes revelou, nesse contexto de ‘conflito’ com o “*The International Style*”, a referida fraqueza ou facilidade na criação de doxas pela deficiente interpretação do Regionalismo – como oposição incondicional ao internacional ou universal – de Mumford. Essas interpretações revêm-se na comunicação de Gropius que afirma que no referido artigo ressoa um sentimentalismo nacional chauvinista³⁹¹ quando caracteriza o Regionalismo da *Bay Region*. Este discurso surge no seguimento de uma breve análise acerca do universal, o internacional e suas relações regionais na sociedade de então, quando Mumford defende o ‘funcionalismo’ da Escola Bauhaus como algo aberto e não dogmático e afirma que o “*The International Style*” possuiu um carácter regional sempre desenvolvido em função das condições da envolvente. Entre os exemplos de obras de Frank Lloyd Wright e de Alvar Aalto (1898-1976) em contraste com outras de Le Corbusier (1887-1965), a oposição do *The International Style* ao Regionalismo da *Bay Region* afirmada por Gropius foi reiterada, mas a maioria dos participantes não o fez de forma tão veemente. Como resposta, Mumford questiona: o que é de facto o estilo ou escola *Bay Region*³⁹²? A resposta à sua pergunta renova o por si afirmado no artigo do *The New Yorker*:

“[a]penas um exemplo de uma forma de arquitectura moderna que passou a existir com o nosso crescimento e que é tão nativa que as pessoas, quando solicitam um edifício, não perguntam por ele em qualquer estilo. Esse é o estado saudável que devemos ter em todas as partes do mundo. Para mim, isso é uma amostra de internacionalismo, não uma amostra de localismo e de um esforço limitado. Qualquer

390 AAVV - What Is Happening to Modern Architecture? A Symposium at the Museum of Modern Art. In: *The Bulletin of the New York Museum of Modern Art*, vol. XV, nº. 3 (Spring), 1948, p. 4.

391 Ibidem, p 12.

392 Ibidem, p 18.

esforço local, se vale alguma coisa, vale a pena reproduzir-se em qualquer lugar; e qualquer fórmula universal que valha alguma coisa deve ser sempre susceptível de ser trazida para casa - caso contrário, ela não tem verdadeira universalidade.”³⁹³

Mumford ironiza acerca das considerações de Gropius: “[I]er qualquer forma de chauvinismo [no Regionalismo da *Bay Region*] parece-me sublimemente cómico. Por isso, não posso considerar essas afirmações sérias, confesso.”³⁹⁴ De facto, o que Mumford questiona novamente é: o que está a acontecer à Arquitectura Moderna? O autor refere que – como é óbvio – muitas coisas estão a acontecer e mais ainda se assomarão, mas em tom de advertência, conclui que convém não esquecer que muitas coisas têm sido esquecidas pelo formulário ainda vigente³⁹⁵.

Em suma, o marcante episódio agora referido ilustra bem uma estigmatização latente, no uso contemporâneo das proposições referentes ao Regionalismo. Entre constantes ataques e defesas, teses e antíteses, quezílias e diatribes, doxas e tantos outros mal-entendidos, ainda hoje bem presentes, o facto é que a tese de Mumford teve eco principalmente numa nova linhagem de arquitectos americanos, então distantes das fórmulas modernistas (quase) estanques desenvolvidas pelas anteriores gerações. Poder-se-á afirmar que, a partir da década de trinta do século passado, a ‘americanização’ do *The International Style* – no contexto temporal das afirmações de Mumford – revela uma efectiva maturação, patenteando uma expressão arquitectónica mais ‘humanizada’ e responsiva às condições físicas, sociais, económicas e culturais locais e regionais. E, essa maturação, será de igual forma perceptível na reconstrução da Europa do pós-guerra e, consequentemente – embora não estabelecido por correlação directa – em Portugal.

O pensamento acerca de Região e de Regionalismo de Mumford oferece uma alternativa teórica-crítica para lidar com as vicissitudes de um modernismo em muito centralizado e universalizado. Com origem no ‘centro’, a alternativa emerge de dentro do núcleo desse modernismo e, de modo inédito, negocia para além desse centro. É, sem dúvida, uma continuidade e não, como assim entendem

393 Tradução nossa. No original: “Nothing but an example of a form of modern architecture which came into existence with our growth and which is so native that people, when they ask for a building, do not ask for it in any style. That is the healthy state that we should have in every part of the world. To me, that is a sample of internationalism, not a sample of localism and limited effort. Any local effort, if worth anything, is worth reproducing elsewhere; and any universal formula that is worth anything must always be susceptible of being brought home - otherwise it lacks true universality.” Ibidem, p. 18.

394 Tradução nossa. No original: “To read into that any form of chauvinism seems to me sublimely funny. I cannot take it very seriously, I confess.” Ibidem, p. 19.

395 Ibidem, p. 19.

alguns autores, uma ruptura. Nesse sentido, espelha uma Modernidade, uma negociação constante verificável por um – ainda em curso – apto processo agonístico ³⁹⁶, igualmente, a precisar de um pensamento projectual na contemporaneidade e actualidade portuguesa. Em suma, recuperando as afirmações de Hamilton Harris, a proposta de Mumford é a segunda entre os dois tipos de Regionalismo que se opõem: o “Regionalismo de restrição” e o “Regionalismo de libertação”³⁹⁷. O tipo de Regionalismo firmado por Mumford na Modernidade – “Regionalismo de libertação” – permite que as novas estruturas arquitectónicas, que abarcam o universal e o particular, o racional e o vital, se fundam numa síntese perfeita. Em linhas gerais, o problema da forma moderna aparenta ter sido solucionado ou pelo menos encontra-se num trilho favorável para a solução. Apenas faltava transformar uma prática individual numa regra social.³⁹⁸

1.3. Da “Civilização Universal” e das “Culturas Nacionais”

Aquando da publicação do texto “*The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture*” ³⁹⁹ de Liane Lefaivre e de Alexander Tzonis, Kenneth Frampton, a convite da Revista “*Architectural Design*”, coordena e edita, em conjunto com Andrea Constantine Papadakis (1938-2008), o volume 52 referente aos meses de Julho e Agosto de 1982 (Ilustração 8). Para além de Frampton, participam na edição Alan Colquhoun, Rafael Moneo (1937-), Manfredo Tafuri (1935-1994) e Bruno Zevi (1918-2000) com breves ensaios concernentes do tema “*Modern Architecture and the Critical*

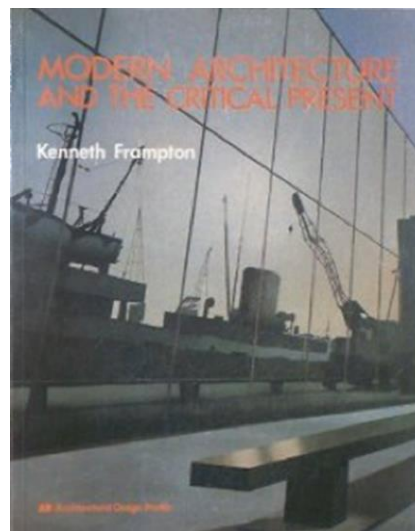
396 Cf. FRAMPTON, Kenneth - Towards An Agonistic Architecture. In: *Domus*, nº. 972, Setembro. Milão: Editoriale Domus, 2013, pp. 3-8.

397 A proposta de Harris sintetiza historicamente Regionalismo dividindo-o em dois grandes tipos: o da “restrição”, associado, entre outros, a movimentos identitários e nacionalistas e o da “libertação”, associado à reflexividade, variedade e, entre outros aspectos, às particularidades físicas de uma realidade vivida. Cf. HARRIS, Harwell H. – Regionalism and Nationalism in Architecture. In: RANSOM, Harry H. (ed.) - *Texas Quarterly*, vol. 1, Fevereiro. Austin: The University of Texas Press, 1958, pp. 115-124.

398 MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture. The Dancy Lectures, Alabama College, 1941*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1941, p. 130.

399 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture*. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, pp.164-178.

Ilustração 8 - *A.D. Architectural Design*, volume 52, mês 7/8, 1982 (capa).



Present”⁴⁰⁰. Segundo Frampton, a referida edição resulta na introdução⁴⁰¹ de um conjunto de ensaios desenvolvidos nos últimos cinco anos (à data da edição), perseverado e dando continuidade de partes das suas proposições presentes no hoje célebre “*Modern Architecture: A Critical History*”⁴⁰² publicado pela primeira vez dois anos antes.

No ensaio “*Isms of Contemporary Architecture*”⁴⁰³, Frampton começa por advertir que é, claramente, ingénuo apresentar o progresso arquitectónico actual em termos de *-ismos*.⁴⁰⁴ No entanto, consciente desse facto, declara que uma parte considerável da produção arquitectónica contemporânea pode ser agrupada em quatro grandes *-ismos*: o produtivismo, o racionalismo, o estruturalismo e o populismo⁴⁰⁵. Todavia, reitera que os *-ismos* em questão são somente categorias críticas e, como tal, só são úteis como indicadores de um conjunto de vicissitudes ideológicas em que essas expressões arquitectónicas emergiram. Enfatiza, ainda, que não são termos ou categorias enunciadas pelos próprios arquitectos, pelo que cada categoria deve ser criteriosa e especificamente definida, porque por vezes, termos semelhantes são usados em contextos diferentes e para diferentes fins.⁴⁰⁶

400 PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - *Modern architecture and the critical present*. In: *A.D., Architectural Design*, vol. 52, mês 7/8, 1982.

401 Ibidem, p. 4.

402 FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. Londres: Thames & Hudson, 1980.

403 FRAMPTON, Kenneth - *Isms of Contemporary Architecture*. In: PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - *Modern architecture and the critical present*. In: *A.D., Architectural Design*, vol. 52, mês 7/8, 1982, pp. 60-83.

404 Ibidem, p. 61.

405 Adiante no seu texto, Frampton adiciona o prefixo ‘neo’ a Produtivismo e a Racionalismo, “in order to distinguish them from earlier pioneer movements bearing the same name.” Ibidem, loc. cit.

406 Ibidem, loc. cit.

Embora a citada nota de Frampton seja muito clara, não deixa de ser curioso que – pelo menos aparentemente – caiu em esquecimento com alguma rapidez. A tentativa teórica-crítica de tentar compreender e dar um sentido à produção arquitectónica contemporânea pelo uso de uma linguagem tendencialmente taxionómica (inerente, também, das suas raízes anglo-saxónicas) levou rapidamente a uma incompreensão e, conseqüentemente, ao não reconhecimento da maior parte dos arquitectos visados nos seus textos⁴⁰⁷. Retomando os *-ismos*, Frampton introduz um quinto na sua taxionomia: Regionalismo, advertindo que, também, essa categoria – agora identificável – pode ser desacreditada por ser facilmente mal conotada ou mesmo ideologicamente estigmatizada⁴⁰⁸. No entanto, confirma que a categoria Regionalismo consegue agrupar um considerável conjunto de obras realizadas, à data, em condições marginais⁴⁰⁹ mas, ainda assim, distintas. Desse modo, o Regionalismo, no sentido em que essa Arquitectura aparenta estabelecer-se em continuidade, expressa uma relação de intimidade entre o arquitecto e a circunscrita sociedade que a obra serve⁴¹⁰. O termo regional não visa evidenciar o vernacular – uma vez produzido espontaneamente pela interacção combinada de clima, cultura e arte – mas sim para identificar as ‘escolas’ regionais que se propõem a representar e a servir determinados constituintes.⁴¹¹ O primeiro parágrafo do quinto *-ismo* associa, desde logo, uma pronúncia ideológica patente em Regionalismo e que não depende apenas da prosperidade local mas, também, de um forte sentido de identidade, ou seja, obedece a uma relação explícita ou implícita que ocorre entre o sistema político e a profissão de Arquitectura. Nesse contexto, a sua procedência deriva de um sentimento anti-centrista que aspira por uma independência económica, cultural e política.⁴¹²

No seguimento da citação anterior, importa clarificar que Frampton alude a traços comuns, normalmente associados a expressões passadas e não, como por

407 Frampton acusa o peso desse lastro em grande parte da sua extensa e rica carreira teórica-crítica, mormente, sobre o destaque dado à sua concepção de Regionalismo Crítico. Tema discutido na entrevista a Kenneth Frampton realizada na *Graduate School of Architecture, Planning and Preservation, Avery 403, Columbia University*, Nova Iorque em 29 de Abril de 2013.

408 Ibidem, loc. cit.

409 Frampton usa o termo “marginal” no sentido serem de fora dos grandes centros de produção intelectual, ou seja, provenientes de países vulgarmente intitulados de periféricos.

410 Ibidem, loc. cit.

411 Ibidem, p. 77.

412 Ibidem, loc. cit., p. 77.

vezes é apreendido, enquanto particularidades de um ‘novo’ Regionalismo. Somente mais tarde, em outros textos e na sequência dos contributos prévios de Lefaivre e de Tzonis, o apelidará de Regionalismo Crítico. Portanto, ao partir dessa recapitulação, Frampton socorre-se de Paul Ricoeur (1913-2005)⁴¹³ para sintetizar, não as anteriores expressões de Regionalismo, mas, na continuidade dessas, uma emergente. Em poucas, mas densas palavras, o autor declara o ascendente, anteriormente verificado, matricial a um renovado Regionalismo.

“O filósofo Paul Ricoeur⁴¹⁴ avançou a tese que uma ‘cultura mundial’ híbrida só será possível através de uma fertilização cruzada entre, por um lado, cultura e, por outro, civilização universal. Esta preposição paradoxal, que cultura regional tem de ser igualmente uma forma de cultura mundial, baseia-se na noção de o desenvolvimento [ou progresso] se transformará a base da cultura [local ou regional] enraizada. (...) Ricoeur sugere que, em última análise, tudo dependerá da capacidade da cultura enraizada recriar sua própria tradição ao apropriar influências externas pertencentes ao nível da cultura e ao da civilização.”⁴¹⁵

Embora diferente, ressoa nas palavras de Frampton uma aproximação a um renovado Regionalismo⁴¹⁶ que reside na possibilidade do mesmo se expressar

413 Frampton cita a edição traduzida do original RICOEUR, Paul - *Civilisation universelle et cultures nationales*. In: *Esprit - De L'assistance a la Solidarite*, nº 10, Outubro, 1961, pp. 439-453. Ou seja, RICOEUR, Paul - *Universal Civilization and National Cultures. History and Truth*. Evanston: Northwestern University Press, 1965. Sobre a vitalidade de Ricoeur para o seu Regionalismo, Frampton afirma mais tarde (entre outras afirmações idênticas presentes noutros textos): “Apart from indicating its presence in contemporary practice, the prime ground for my theoretical elaboration of Critical Regionalism derives from Paul Ricoeur and above all, from his essay of 1961 entitled ‘Universal Civilization and National Cultures’. I am indebted to Ricoeur not only because this distinction between civilization and culture is fundamental to any clear understanding of our present situation, but also because it affords the oppositional structure from which the rest of my argument follows. In my view, the constituent elements of architecture are to be seen as being determined by the way in which such oppositions are mediated through form. For Ricoeur, universal civilization means universal technology, and he sees this as being inseparable from the long-term liberative aims of modernization. As he points out, no developing country is able to forgo for long the benefits of universal civilization. On the other hand, he remains acutely aware of the fragility of the local culture; of its tendency to crumble in the face of a totally alien technology and the implicitly antithetical, often positivistic values that this often brings in its wake.” FRAMPTON, Kenneth - *Place-Form and Cultural Identity*. In: Thakara, John (ed.) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, p. 58. A título de curiosidade, na entrevista cedida no âmbito desta investigação, Frampton precisa que o texto de Ricoeur lhe foi sugerido por Dalapor Vesley no início da década de oitenta.

414 Ibidem, loc. cit.

415 Tradução nossa. No original: “The philosopher Paul Ricoeur has advanced the thesis that a hybrid ‘world culture’ will only come into being through a crossfertilisation between culture on the one hand and universal civilisation on the other. This paradoxical proposition, that regional culture must also be a form of world culture, is predicated on the notion that development *in se* will transform the basis of rooted culture. (...) Ricoeur implies that everything will depend in the last analysis on the capacity of rooted culture to recreate its own tradition while appropriating foreign influences at the level of both culture and civilisation.” FRAMPTON, Kenneth - *Isms of Contemporary Architecture*. In: PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - *Modern architecture and the critical present*. In: *A.D., Architectural Design*, vol. 52, mês 7/8, 1982, p. 77. Grifos no original.

416 Frampton admite em 1986 que: “My interest in that which I was to perceive as sporadic, marginal, regionally based pockets of resistance in the field of architectural culture arose out of the recognition of the power of Anglo-American hegemony in the field of so-called postmodern architecture, ideologically recognized and polemicized as such in Charles Jencks’ highly influential book, *The Language of Post-Modern Architecture* (1977), a book which interestingly enough, from my point of view, had some 400 illustrations, most of which were photographs distributed at the rate of one shot per building. A few years later, Arthur Drexler, curator of architecture at the Museum of Modern Art, staged an exhibition entitled ‘Transformations’ which, in effect, repeated the same operation, namely purporting to be a critical survey of the transformation suffered by modern architecture over the previous fifteen to twenty years, that is to say, since the mid-60s. This featured some 500 photographic images, also distributed at the rate of one shot per building. Clearly the method was a popular success with the public... Finally, and this is the last formative event which I shall mention, 1980 was the year of the Venice Biennale in which an architectural section curated by Paolo Portoghesi was mounted under the singularly demagogic, if ironic, title ‘The Presence of the Past, the End of Prohibition’, an event whose then unstated ideological *parti pris* caused me to resign from the advisory commission at the planning stage. The commission incidentally included three

(continua)

sincreticamente a partir de pares dialécticos contraditórios, entre os quais: particular-universal e tradição-progresso. A diferença reside principalmente – embora ainda aqui não de forma explícita – na predisposição ideológica ou geopolítica⁴¹⁷ nas palavras de Frederic Jameson (1934-), das proposições associadas a esse Regionalismo⁴¹⁸. E, remata Frampton, que o processo desconstrutivo e de reassimilação enunciado por Ricoeur é impuro no seu significado.⁴¹⁹ Em específico, reitera a necessária acção sincrética proposta por Ricoeur e, direccionando essa acção para a disciplina da Arquitectura, afirma:

“[i]sto [essa acção] é muito evidente, por exemplo, nas reinterpretações da morfologia de Alvar Aalto por Álvaro Siza Vieira, onde as abordagens de ‘colagem’ de Aalto encontram-se mediadas pelas tipologias normativas dos trabalhos da *Tendenza* italiana. Assim, é importante discriminar entre Regionalismo e a evocação de um sentimental ou irónico vernacular; um vernáculo que foi recentemente afirmado como uma encarnação atrasada de uma cultura popular pós-moderna.”⁴²⁰

Pela primeira vez, no âmbito dos seus escritos acerca do Regionalismo, Frampton identifica processos projectuais particulares estabelecidos por processos impuros que, na sequência do afirmado, expressam um sincretismo próprio. Ao destacar a prática de Álvaro Siza Vieira, o autor enceta o que hoje se pode confirmar como um dos mais ricos debates teórico-críticos no campo disciplinar em Portugal. Quando Frampton identifica Siza Vieira inscreve a possibilidade de uma “hibridez inclusiva”⁴²¹ de um pensamento projectual que poderá ser própria de uma expressão arquitectónica portuguesa. Portanto, para justificar o sumário reconhecimento desse processo projectual como distintivo de

American architectural critics, that is, if you consider Robert Stern as an architectural critic, apart from myself, if I am to be considered as an American... This exhibition, as you will no doubt recall, later provoked Habermas to formulate his Adorno prize address of that year under the title 'Modernity An Incomplete Project', which actually begins the collection, *Postmodern Culture*.” FRAMPTON, Kenneth - Some Reflections on Postmodernism and Architecture. In APPIGNANESI, Lisa [1986] (ed.) – *Postmodernism. ICA documents*. Londres: Free Association Books, 1989, pp. 75-76.

417 Diferentes, por exemplo, das de Lefavre e de Tzonis de cariz mormente historiográfico – acentuadas em publicações recentes, tais como LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012.

418 JAMESON, Fredric - *The Seed of Time*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1994, pp. 202-203. Cf. igualmente, BERGERS, Gerard (ed.) - *Context and Modernity. A Post-Seminar Reading*. Delft: Stylos, 1991 (*proceedings* referentes ao *Delft International Working Seminar on Critical Regionalism* ocorrido entre 12 a 15 de Junho de 1990 na Faculdade de Arquitectura de Universidade de Delft, Holanda, no qual participaram, entre outros, Jameson, Frampton, Lefavre e Tzonis); JAMESON, Fredric - The Constraints of Postmodernism (Extract). In LEACH, Neil (ed.) - *Rethinking Architecture: A Reader in Cultural Theory*, Londres e Nova Iorque: Routledge, 1997, pp. 234-242.

419 FRAMPTON, Kenneth - *Isms of Contemporary Architecture*. In: PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - *Modern architecture and the critical present*. In: *A.D., Architectural Design*, vol. 52, mês 7/8, 1982, p. 77.

420 Tradução nossa. No original: “This much is evident, for example, in Alvaro Siza y Viera's reinterpretation of Aalto's morphology, where Aalto's 'collagist' approach to building finds itself mediated by normative typologies drawn from the work of the Italian *Tendenza*. Thus, it is important to discriminate at the outset between Regionalism and the evocation of a sentimental or ironic 'vernacular'; a vernacular which has been recently asserted as the overdue incarnation of a popular Post-Modern culture.” Ibidem, p. 77.

421 Cf. CANCLINI, García N. - *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Cidade do México: Grijalbo, 1989.

Regionalismo, é necessário identificar e qualificar os factores que distinguem Regionalismo de Populismo.

Segundo Frampton, o confronto do Regionalismo com o Populismo estabelece-se como um simulacro comunicativo ou instrumental que facilmente se identifica sem provocar qualquer percepção crítica da ‘realidade’ em que se constitui.⁴²² Essa acção crítica, própria de Regionalismo, reforça-o como uma expressão dialéctica. Nesse particular, usa e simultaneamente desconstrói valores universais do Modernismo que se conjugam implícita ou explicitamente com as expressões superiores de uma cultura regional que determina uma síntese⁴²³. Se essa síntese dialéctica for simulada – recorrendo, por exemplo, a historicismos superficiais – a expressão resultante é apenas uma “iconografia consumista disfarçada de cultura.”⁴²⁴

Contíguo das proposições previamente inquiridas de Mumford, Alfonsin, Lefaivre e de Tzonis, Frampton refere que, tal como já as havia definido, as práticas de Regionalismo, progridem fortuitamente entre as culturas que inesperadamente unem a Europa e a América.⁴²⁵ E que “[e]ssas manifestações periféricas podem ser caracterizadas, a partir de Abraham Moles, como interstícios de liberdade. A sua existência é a prova que o modelo do centro hegemónico cercado por dependentes satélites é uma inadequada descrição das nossas possibilidades culturais.”⁴²⁶ Evidencia-se, assim, um movimento de rotação, já em curso desde os finais da década de sessenta do século passado⁴²⁷ – hoje incontornável – em que periferia ou semi-periferia⁴²⁸, se transforma gradualmente em centro e vice-versa.

422 FRAMPTON, Kenneth - *Isms of Contemporary Architecture*. In: PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - *Modern architecture and the critical present*. In: *A.D., Architectural Design*, vol. 52, mês 7/8, 1982, p. 77.

423 Ibidem, loc. cit.

424 Tradução nossa. No original: “(...) can only result in consumerist iconography masquerading as culture.” Ibidem, loc. cit.

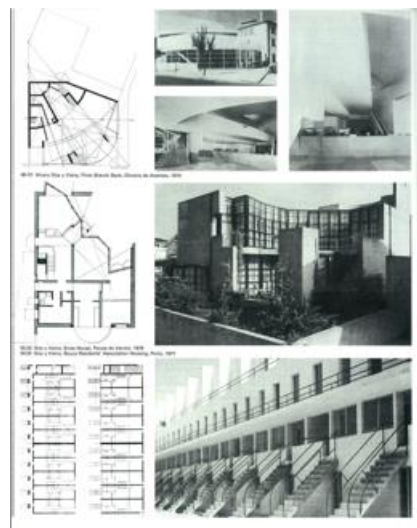
425 Ibidem, loc. cit.

426 Tradução nossa. No original: “These borderline manifestations may be characterised, after Abraham Moles, as the interstices of freedom. Their existence is proof that the model of the hegemonic centre surrounded by dependent satellites is an inadequate description of our cultural possibilities.” Ibidem, p. 77.

427 Entre outros, no campo disciplinar da Antropologia e da Sociologia, cf. CANCLINI, García N. - *Las culturas populares en el capitalismo*. Cidade do México: Nueva Imagen, 1982; CANCLINI, García N. - *Cultura transnacional y cultura popular*. In: CANCLINI, García N., RONCAGLIOLO, R. (editors) - *Cultura transnacional y culturas populares*. Lima: IPAL, 1988, pp. 19-69; CANCLINI, García N. - *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Cidade do México: Grijalbo, 1989.

428 No caso de Portugal, veja-se os escritos de Boaventura Sousa Santos, tais como: SANTOS, Boaventura de Souza - *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*. In: *Tempo Social. Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo*, n.º 5 (1-2), 1993, pp. 31-52,

Ilustração 9 - Obras de A. Siza Vieira. In: PAPADAKIS, Andrea C. (editor), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - *Modern architecture and the critical present*. In: *A.D., Architectural Design*, volume 52, mês 7/8, 1982, p. 80.



Embora esse movimento seja primeiramente referenciável a desenvolvimentos (de uma sociedade capitalista) circunstanciais de ordem económica, financeira e política⁴²⁹, a práxis de Arquitectura, como apreende Frampton, não lhe é indiferente. Verifica-se, portanto, nessas fissuras culturais uma – retomando Nestór García Canclini (1939-) – “hibridez inclusiva” em continuidade com o seu tempo, própria de uma “Modernidade Periférica”⁴³⁰, sustentável e sempre adaptável em continuidade com uma ‘realidade’ que, segundo Frampton, faculta uma alternativa ao rumo maioritariamente populista da expressão da Arquitectura do centro de então⁴³¹.

Nas páginas seguintes, Frampton traça um breve relato do que chama “falhas” regionais que, ao longo de trinta anos, vão surgindo involuntariamente.⁴³² O autor destaca a experiência recente verificada na região da Catalunha e evidencia a forma heterogénea de Regionalismo pela natureza híbrida da autêntica cultura moderna e regional aí verificável⁴³³. Insistindo na Península Ibérica, retoma a

429 Entre outros, cf. WALLERSTEIN, Immanuel [1975] - *Semi-Peripheral Countries and the Contemporary World Crisis*. In: *Theory and Society*, vol. 3, nº. 4 (Winter), 1976, pp. 461–483; CASTELLS, Manuel - *La question urbaine*. Paris: Maspero, 1972.

430 Cf. CANCLINI, García N. - *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Cidade do México: Grijalbo, 1989.

431 Leia-se populista como uma vertente de uma Arquitectura associada ao Pós-Modernismo. Frampton discute sumariamente esse –ismo no ponto anterior, o Populismo (FRAMPTON, Kenneth - *Isms of Contemporary Architecture*. In: PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - *Modern architecture and the critical present*. In: *A.D., Architectural Design*, vol. 52, mês 7/8, 1982, pp. 73-77), retomando-o em posteriores ensaios.

432 FRAMPTON, Kenneth - *Isms of Contemporary Architecture*. In: PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - *Modern architecture and the critical present*. In: *A.D., Architectural Design*, vol. 52, mês 7/8, 1982, p. 78.

433 Destaca, entre outros, a obra de Josep Antoni Coderch i de Sentmenat (1913-1984) como tipicamente regionalista. Ibidem, loc. cit.

obra de Siza Vieira e apoia-se num dos seus textos⁴³⁴ referindo em particular a obra da Piscina do Parque da Quinta da Conceição⁴³⁵ em Matosinhos (1958-1965) e salienta, com uso a registos de rigor e a fotografias (Ilustração 9), as obras da Filial do Banco Pinto & Sotto Mayor (1971-1974) em Oliveira de Azeméis, a Casa Beires (1973-1976) na Póvoa do Varzim e o Complexo de Habitação (SAAL) da Bouça (1975-1977) no Porto. “Pode-se argumentar que esta hipersensibilidade para com a fluída mas específica natureza da ‘realidade’ torna a obra de Siza mais enraizada do que a da Escola de Barcelona, especialmente como aparece hoje, pois, tomando Aalto como seu principal ponto de partida, ele parece ter fundeado literalmente o seu trabalho literalmente na topografia local, e na minuciosa especificidade do contexto urbano”⁴³⁶. Inscrevendo a obra de Álvaro Siza Vieira na especificidade da Região do Porto, Frampton marca-a pela expressividade ou hipersensibilidade topográfica, táctil e material *versus* uma expressividade visual ou gráfica, ou seja, tal como a Universidade de Jyväskylä (1951;1953-1959) de Aalto, uma expressividade topograficamente concebida e estruturada, já ilustradas nas obras referidas⁴³⁷. Asseverando a abordagem táctil e regionalista⁴³⁸ das obras de Siza, Frampton prossegue a sua análise, coligindo uma criteriosa selecção de obras de Arquitectura oriundas de lugares diversos, tais como: México, Luis Barragán (1902-1988); Suíça, Mário Botta (1943-) e Dinamarca, Jørn Utzon (1918-2008). Em tom de epílogo, Frampton retoma o início do ponto dedicado ao *-ismo* proveniente de Região assegurando que esse e os outros *-ismos* não podem ser lidos como circunstâncias fechadas em si. O autor esclarece, que pelo contrário, todos os *-ismos* da taxionomia proposta se intersectam reciprocamente com a particularidade de que Regionalismo, embora se intersecte com os demais, é sempre correlativo com a cultura de uma Região⁴³⁹. Nesse sentido, realce-se novamente a matriz de Regionalismo:

“Regionalismo é, assim, habilitado para reinterpretar a cultura universal (do qual também faz parte), por ser intrínseca na sua [de Regionalismo] própria matriz. Se

434 VIEIRA, A. Siza - Introdução. In: *A+U, Architecture and Urbanism*, n.º 123, Tóquio, Dez. 1980, p. 69.

435 Note-se que, obviamente, a dita Piscina não é a primeira obra realizada por Álvaro Siza Vieira.

436 Tradução nossa. No original: “It could be argued that this hyper-sensitivity toward the fluid and yet specific nature of reality renders Siza's work more rooted than that of the Barcelona School, particularly as it appears today, for by taking Aalto as his primary point of departure, he seems to have enabled to ground his work literally in local topography, and in the fine-grained specificity of the urban context.” Ibidem, loc. cit., p. 81.

437 Ibidem, loc. cit.

438 Ibidem, p. 82.

439 Ibidem, loc. cit.

qualquer princípio Regionalista pode ser finalmente isolado, é certamente o compromisso com lugar ao invés de espaço; ou, na terminologia heideggeriana, *Raum*, em vez de *spatium in extensio*. Esta ênfase em lugar pode também ser interpretada como obtendo o político *espaço de aparição pública* conforme formulado por Hannah Arendt. Tal implícita conjunção, entre regionalismo cultural e político tem-se raramente contemporaneamente manifestado na Sociedade Ocidental.”⁴⁴⁰

Escudando-se em dois outros filósofos, Frampton conclui que, extrapolando a discussão para outras áreas disciplinares, os últimos processos de conurbação verificáveis universalmente – as novas e densas áreas metropolitanas denominadas pelo autor de “Megalópole universal” – são manifestamente discordantes com a densa diferenciação cultural latente em Regionalismo. *Grosso modo*, pretende reduzir o contexto circundante a quase nada, ou seja, como se apenas se tratasse de mais uma ‘mercadoria’ de troca⁴⁴¹. Com um sotaque geddesiano⁴⁴², Frampton repete que o Regionalismo parece ser a única hipótese para reagir à avidez desses processos de conurbação contemporâneos.⁴⁴³ E, nesse sentido, o preceito primeiro de Regionalismo é a criação de ‘lugar’ e, consequentemente, o seu modelo geral estabelece-se na evidenciação de um enclave, no sentido de uma Região, urbana ou não, que resiste à dita voracidade desses processos próprios da Megalópole, isto é, à perda duma espessura cultural particular, em prol de meros processos de troca universais⁴⁴⁴.

Note-se que a conclusão de Frampton evidencia um sotaque ideológico – em muito alicerçado nas teses sociais de cariz neomarxista, em particular na comumente apelidada Teoria Crítica, desenvolvidas no Instituto para Pesquisa Social da Escola de Frankfurt⁴⁴⁵ – que, em textos subsequentes acerca do Regionalismo, tornar-se-á ainda mais intrincado e, por vezes, contraditório.

440 Tradução nossa. No original: “Regionalism is thus enabled to reinterpret universal culture (of which it is also part) in terms of its own intrinsic base. If any Regionalist principle can be finally isolated, it is surely the commitment to place rather than space; or in Heideggerian terminology, to *raum* rather than *spatium in extensio*. This stress on place may also be construed as affording the political *space of public appearance* as formulated by Hannah Arendt. Such an implicit conjunction between cultural and political Regionalism has rarely manifested itself in recent Western Society.” Ibidem, loc. cit. Grifos nossos.

441 Ibidem, loc. cit.

442 Frampton atribui o termo *Megalopolis* ao geógrafo Jean Gottmann (1915-1994) referenciando a publicação do mesmo autor GOTTMANN, Jean - *Megalopolis*. Cambridge: MIT Press, 1961 em Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 24. No entanto, saliente-se que se devem a Patrick Geddes as proposições pioneiras sobre *Megalopolis*. Cf., entre outros títulos, GEDDES, Patrick - *Cities in evolution: an introduction to the town planning movement and to the study of civics*. Londres: Williams & Norgate, 1915.

443 Ibidem, loc. cit.

444 Ibidem, loc. cit.

445 Conforme afirma em 1895: “Like many others of my generation I have been influenced by a Marxist interpretation of history, although even the most cursory reading of this text will reveal that none of the established methods of Marxist

(continua)

1.4. A “Resistência da Forma-do-Lugar”⁴⁴⁶

Em 1982 ⁴⁴⁷ no texto “*Isms of Contemporary Architecture*” Frampton posiciona o Regionalismo como Crítico. No ano seguinte, esse texto é ligeiramente revisto e surge como “*Prospects for a Critical Regionalism*” na revista “*Perspecta*”.⁴⁴⁸ Ainda nesse ano, é adaptado, resumido em seis pontos e publicado como “*Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*”⁴⁴⁹ como uma *quasi-taxionomia*⁴⁵⁰. Dois anos mais tarde, esses escritos tomam a forma de um novo capítulo na revisão da segunda edição de “*Modern Architecture: A Critical History*”⁴⁵¹. Porém, antes da sua análise, importa retomar o compromisso primeiro de Regionalismo, ou seja, o compromisso com ‘lugar’. A fim de clarificar lugar, destaque-se, desde já, o pensamento de Martin Heidegger (1889-1976) que evidencia um dos aspectos mais interessantes nas construções teórica-críticas de Frampton acerca do Regionalismo⁴⁵².

analysis has been applied. On the other hand, my affinity for the Critical Theory of the Frankfurt School has no doubt coloured my view of the whole period and made me acutely aware of the dark side of the Enlightenment which, in the name of an unreasonable reason, has brought man to a situation where he begins to be as alienated from his own production as from the natural world.” FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição Londres: Thames & Hudson, 1985, p. 9. Destaque-se, de todos os autores associados a essa escola, a influência Jürgen Habermas (1929-) e, em particular, os textos da década de oitenta do séc. passado – tais como, HABERMAS, Jürgen - *Modernity - an Incomplete Project*. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, pp. 3-15 – nos escritos de Frampton. Sobre a Escola de Frankfurt e a Teoria Crítica veja-se ASSOUN, Paul-Laurent - *A escola de Frankfurt*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

446 Título traduzido do ponto “4. *The Resistance of the Place-Form*” de FRAMPTON, Kenneth - *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 24. Note-se o uso do mesmo título recentemente no ponto “4.2 *The Resistance of the Place-form*” em FRAMPTON, Kenneth - *The evolution of 20th century architecture*. Londres: Springer, 2007, pp. 135-146.

447 Entrevista a Kenneth Frampton realizada na *Graduate School of Architecture, Planning and Preservation, Avery 403, Columbia University*, Nova Iorque em 29 de Abril de 2013.

448 As principais diferenças entre o texto original de 1982 e o referenciado – FRAMPTON, Kenneth, - *Prospects for a Critical Regionalism*. In: *Perspecta. The Yale Architecture Journal*, Vol. 20, 1983, pp. 147-162 – são a citação de um trecho da tradução para inglês de *Civilisation universelle et cultures nationales* de Paul Ricoeur e o reconhecimento de Lefavre e Tzonis (1981) como os autores responsáveis pela introdução da expressão Regionalismo Crítico (FRAMPTON, Kenneth, - *Prospects for a Critical Regionalism*. In: *Perspecta. The Yale Architecture Journal*, Vol. 20, 1983, pp. 159-162; verificável, igualmente, no ponto 3. *Critical Regionalism and World Culture* em FRAMPTON, Kenneth - *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 20 e em FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição Londres: Thames & Hudson, 1985, pp. 325-327 aplicado à disciplina da Arquitectura.

449 FRAMPTON, Kenneth - *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, pp. 16-30.

450 Ou, conforme afirma Frampton em 1988, “was then presented in a more didactic form.” FRAMPTON, Kenneth - *Place-Form and Cultural Identity*. In: Thakara, John (ed.) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, p. 58. Note-se, ainda, que os referidos pontos foram ampliados e revistos em publicações posteriores atingindo o número total de dez – FRAMPTON, Kenneth - *Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic*. In: AAVV - *Center, Center for the Study of American Architecture (The University of Texas.) New Regionalism*, vol. 3. Nova Iorque: Rizzoli International Publications, 1987, pp. 20-27.

451 FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição Londres: Thames & Hudson, 1985.

452 Ou seja, a “Forma-do-Lugar”, expressão analisada neste capítulo.

Para além da já mencionada influência da Teoria Crítica, o autor socorre-se igualmente da Fenomenologia originando uma conjugação não muito usual e, para muitos, pouco apropriada⁴⁵³. Acerca dessa conjugação teórica-crítica, Frampton cita uma passagem do livro “*History of Bourgeois Perception*”⁴⁵⁴ de Donald M. Lowe (1928-2009) para definir um possível ponto de encontro⁴⁵⁵ entre ambas:

“[q]uer a Fenomenologia quer o Marxismo são antipositivistas. Os conceitos de ambos derivam da razão do mundo. No entanto, cada um propõe uma ‘razão’ diferente para uma diferente configuração do mundo. O que é a vida do mundo é da Fenomenologia, totalidade é do Marxismo. Fenomenologistas usam o conceito da intencionalidade para descrever a vida no mundo enquanto os marxistas utilizam o conceito da dialéctica para analisar a totalidade. Se a dialéctica é a estrutura da totalidade em transformação, intencionalidade é a subjectivação dessa estrutura dialéctica”⁴⁵⁶

E, de facto, reforçando o anteriormente afirmado,

“[q]uem estiver familiarizado com a minha escrita vai, simultaneamente, detectar a influência de duas linhas diferentes de pensamento crítico que na sua maioria são alemãs – linhas de origem decorrentes de Hegel e de Marx que culminam em Gramsci e na Escola de Frankfurt; e a outra linha, decorrente de Nietzsche e de Husserl, a escola, que engloba na sua gama, quer a fenomenologia quer o existencialismo e se estende até os escritos de Heidegger e de Hannah Arendt.”⁴⁵⁷

Continuando nessa segunda linha e recuperando o título deste capítulo, realce-se a expressão Forma-do-Lugar⁴⁵⁸ como vital ao pensamento de Frampton acerca de Regionalismo, em particular para o entendimento da ‘resistência’ a ela

453 FRAMPTON, Kenneth - Some Reflections on Postmodernism and Architecture. In APPIGNANESI, Lisa [1986] (ed.) – *Postmodernism. ICA documents*. Londres: Free Association Books, 1989, pp. 77-79.

454 LOWE, Donald M. - *History of Bourgeois Perception*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

455 No entanto, para além dessas incursões Fenomenológicas o que ressalta nos escritos de Frampton é, conforme já afirmado, a sua interpretação Marxista da História sustentada em grande parte pelas influências da Escola de Frankfurt e, conforme adiante se verificará, no âmbito da Teoria Política de Hannah Arendt.

456 Tradução nossa. No original: “Both phenomenology and Marxism are anti-positivist. Both derive their concepts of reason from the world. However each proposes a different ‘reason’ for a different world configuration. What the life world is to phenomenology, totality is to Marxism. Phenomenologists use the concept of intentionality to describe the life world, whereas Marxists use the concept of dialectic to analyse totality. If dialectic is the structure of totality in transformation, intentionality is the subjectisation of that dialectical structure.” FRAMPTON, Kenneth - Some Reflections on Postmodernism and Architecture. In APPIGNANESI, Lisa [1986] (ed.) – *Postmodernism. ICA documents*. Londres: Free Association Books, 1989, p. 79.

457 Tradução nossa. No original: “Anyone familiar with my writing will at once detect the influence of two different lines of critical thought which in the main are German in origin—lines stemming from Hegel and Marx and culminating in Gramsci and the Frankfurt School; and another line, stemming from Nietzsche and Husserl, the school which encompasses in its range both phenomenology and existentialism and stretches to the writings of Heidegger and Hannah Arendt.” Ibidem, loc. cit.

458 Optou-se por traduzir o termo *Place-Form* no original por “Forma-do-Lugar”. Note-se que em versões em língua portuguesa de textos de Frampton, tal como FRAMPTON, Kenneth - *História Crítica da Arquitectura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp.381-39, *Place-Form* foi traduzido por “forma do lugar”.

intrínseca que se edifica como uma ‘ponte’ de um pensamento fenomenológico particular⁴⁵⁹.

A ênfase de Frampton acerca do lugar advém principalmente do detrimento de relações efectivas de proximidade com a densidade cultural dos lugares resultantes do sucesso contínuo da Megalópole. Perante este facto, o autor sugere que a solução reside numa posição crítica de “*arrière-garde*” que a prática arquitectónica deverá considerar para a sua sustentabilidade, referindo, ainda, que a mesma tem que ser retirada tanto da optimização da tecnologia avançada, como da constante inclinação de retrocesso para historicismos nostálgicos ou irreflectidamente ornamentais.⁴⁶⁰ No entanto, reforça a necessidade de qualificar o conceito *arrière-garde* de forma a reduzir as críticas conservadoras como o Populismo ou o Regionalismo nostálgico, aos quais tem sido frequentemente relacionado.⁴⁶¹ Antecipando a possível má interpretação dessa posição, Frampton recorre ao ensaio de Lefavre e de Tzonis para reforçar a demarcação de *arrière-garde* do Populismo e desse Regionalismo e, assim, afirmá-la como estratégia pertença de Regionalismo Crítico – e não dos dois grandes movimentos por eles identificados associados com Regionalismo.⁴⁶² Desse modo, posiciona contemporaneamente a sua teoria-crítica entre Populismo e *avant-garde*⁴⁶³

459 Ao aprofundar-se elucubrações sobre, entre outras questões, o detrimento do enraizamento da cultura local ou regional, é facilmente verificável que Fenomenologia oferece soluções notáveis – tais como, a noção de ‘ponte’ nos termos, como adiante se verá, propostos por Martin Heidegger.

460 FRAMPTON, Kenneth - Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 19.

461 Ibidem, loc. cit.

462 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, pp.164-178. Refira-se, neste contexto, o texto de Frampton igualmente sobre o Atelier 66. Intitulado de “Greek Regionalism and the Modern Project: A Collective Endeavour” reitera o discurso de Lefavre e de Tzonis afirmando: “As the title of the Lefavre and Tzonis essay in this volume, “The Grid and the Pathway,” readily suggests, Atelier 66 was to take different things from its regional predecessors-the pathway from Pikionis and the grid from Konstantinidis, although in actuality a certain mutual exchange passed between them. This cross-fertilization has been elaborated on by Dimitris Varangis, who in an unpublished thesis recently wrote “Pikionis’s main concern within the environment of Athens was the reintroduction of the courtyard which had been reduced to a light shaft in all contemporary apartment buildings. Throughout the ages, the courtyard had provided an intermediate space between the life of the interior and that of the public street. In addition; it responded to the peculiar Greek climatic conditions of light and heat, by being cool in summer, but warm in winter. (...) Perhaps the most surprising thing about this twenty-year old practice is the cultivated sense of “collectivity” which has attended its evolution; a phenomenon which is generally uncommon and one which is surely foreign to the traditions of architectural practice in the Anglo-American world. Architects who are also family members, as well as many others have had continuous association with the practice, work together in a variety of ways: as smaller teams, autonomously, or as a larger group. Indeed, since 1978, Atelier 66 has employed virtually the same team, amounting to some fifteen architects. From the standpoint of critical regionalism this undertaking has to be regarded as exemplary, not only because the underlying rationality of the work has been so sensitively and consistently inflected in terms of light, climate, materials, tectonics, and topography, but also because it has always been collectively conceived; it has consciously cultivated its own roots, as it were, in order to arrive at its expressive form.” FRAMPTON, Kenneth (ed.) – *The Architecture of Dimitris and Suzana Antonakakis*. Nova Iorque: Rizzoli Publications, 1985, pp. 4-5.

463 Frampton considera a *avant-garde* como parte inseparável do vasto processo da modernização, em particular na constituição da civilização universal. Verificável em Arte e em Arquitectura, a cultura da *avant-garde* teve competências diferentes, assevera Frampton; contemporaneamente a a cultura da *avant-garde* evoluiu para uma mera mercadoria, perdendo assim, a autonomia verificável em tempos passados, mormente no início do séc. XX. Sobre o sentido de *avant-*

(continua)

propondo – à semelhança dos autores anteriormente considerados – um estar diferenciado entre essas polaridades⁴⁶⁴. Portanto, “[s]ou da opinião que só a *arrière-garde* tem a capacidade de cultivar uma resistente, uma cultura identitária e, ao mesmo tempo, recorrer discretamente à técnica universal.”⁴⁶⁵ A circunstância dessa *arrière-garde* crítica, ao situar-se equidistantemente entre o “mito do progresso iluminista” e o retrocesso reaccionário a formas autênticas ou vernáculas de uma Região, é igualmente resistente por se estabelecer como uma ponte capaz de mediar criticamente o vasto espectro da civilização universal e as particularidades de um lugar⁴⁶⁶. Consequente desse processo de mediação, o Regionalismo Crítico, se apenas entendido como estratégia cultural, é obviamente detentor de traços da cultura mundial e, também, um veículo da civilização universal. No entanto, a mediação a ele intrínseca, faculta-lhe a possibilidade de estabelecer “sínteses autoconscientes”⁴⁶⁷, ou seja, por um lado, por desconstruir o espectro global da cultura mundial; por outro, pelo exercício crítico diante da civilização universal⁴⁶⁸. A fim de ilustrar essa síntese autoconsciente, Frampton recupera a Igreja de Bagsværd (1968-1976) de Jørn Utzon, erigida perto de Copenhaga. A referida obra (Ilustração 10) é um dos exemplos mais utilizados por Frampton e, consequentemente, um dos mais associáveis à sua

garde, considere-se o ponto: “2. The Rise and Fall of the Avant-Garde. The emergence of the avant-garde is inseparable from the modernization of both society and architecture. Over the past century-and-a-half avant-garde culture has assumed different roles, at times facilitating the process of modernization and thereby acting, in part, as a progressive, liberative form, at times being virulently opposed to the positivism of bourgeois culture. By and large, avant-garde architecture has played a positive role with regard to the progressive trajectory of the Enlightenment. (...) The progressive avant-garde emerges in full force, however, soon after the turn of the century with the advent of Futurism. This unequivocal critique of the ancien regime gives rise to the primary positive cultural formations of the 1920s: to Purism, Neoplasticism and Constructivism. These movements are the last occasion on which radical avant-gardism is able to identify itself wholeheartedly with the process of modernization. In the immediate aftermath of World War I “the war to end all wars” the triumphs of science, medicine and industry seemed to confirm the liberative promise of the modern project. In the 1930s, however, the prevailing backwardness and chronic insecurity of the newly urbanized masses, the upheavals caused by war, revolution and economic depression, followed by a sudden and crucial need for psycho-social stability in the face of global political and economic crises, all induce a state of affairs in which the interests of both monopoly and state capitalism are, for the first time in modern history, divorced from the liberative drives of cultural modernization. Universal civilization and world culture cannot be drawn upon to sustain “the myth of the State,” and one reaction-formation succeeds another as the historical avant-garde founders on the rocks of the Spanish Civil War.” FRAMPTON, Kenneth - Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 18.

464 Conforme verificado em Mumford, Lefaivre e Tzonis, Frampton – com contornos teórico-críticos diferentes e, como referido, por vezes muito intrincados – posiciona o seu Regionalismo entre polaridades aparentemente antagónicas. Ou seja, como adiante se verificará, uma via outra, equidistante entre o particular e o universal.

465 Tradução nossa. No original: “It is my contention that only an *arrière-garde* has the capacity to cultivate a resistant, identity-giving culture while at the same time having discreet recourse to universal technique.” FRAMPTON, Kenneth - Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 19. Grifos nossos.

466 Ibidem, p. 20.

467 Ibidem, p. 21.

468 Ibidem, loc. cit.

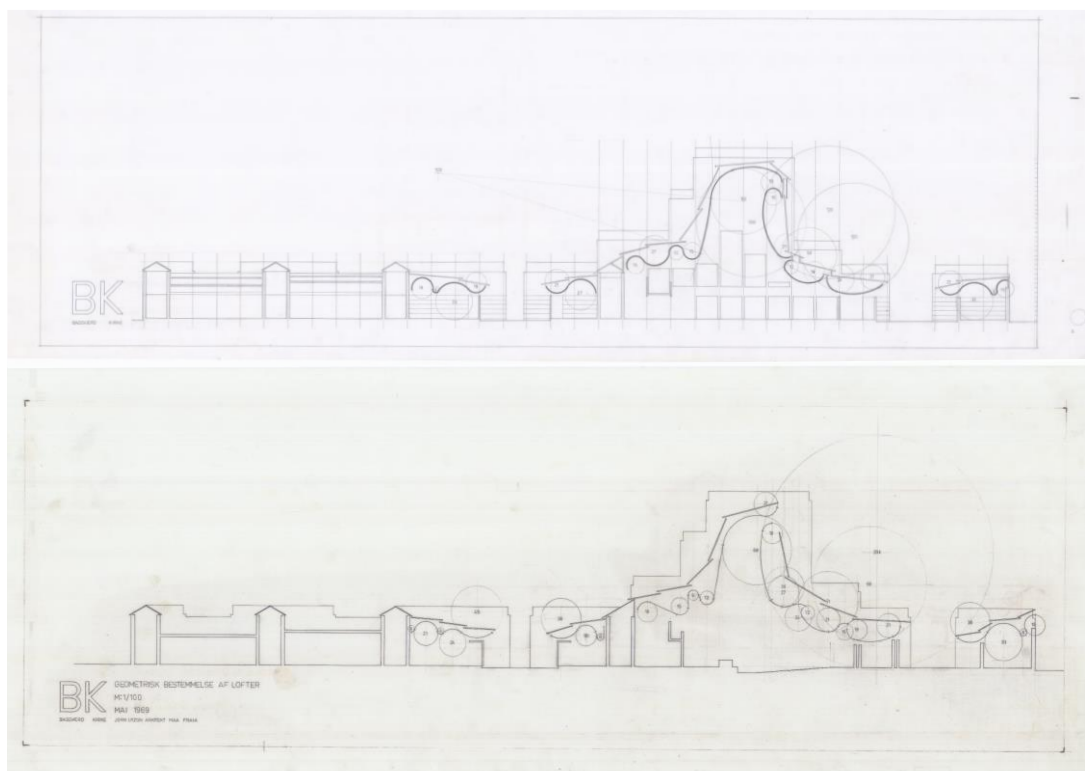


Ilustração 10 - Igreja de Bagsværd (1968-1976), Copenhaga de Jørn Utzon. Estudos: cortes longitudinais.

teoria-crítica.⁴⁶⁹ “[É] um trabalho com uma conotação complexa que deriva de uma conjunção entre a racionalidade da técnica normativa e a irracionalidade da forma idiossincrática.”⁴⁷⁰ E, num tom próximo do texto de Lefaivre e de Tzonis⁴⁷¹, Frampton argumenta: “[n]a medida em que este edifício é organizado, em torno de uma grelha regular e repetitiva, módulos de blocos de betão em primeira instância e, em segunda, unidades de paredes em betão prefabricado, podemos justamente considerar que são resultado da civilização universal. Esse sistema de construção, que compreende, conforme referido, uma estrutura *in situ*

469 A referida obra, em particular o registo de rigor da secção longitudinal, encontra-se presente em quase todos os seus escritos e palestras sobre Regionalismo Crítico. A título de curiosidade, Frampton guarda um modelo tridimensional da Igreja (e de outras obras por ele mencionadas, mormente, na sua célebre “*Modern Architecture: A Critical History*”) elaborada por alunos seus no edifício do seu gabinete na *Graduate School of Architecture, Planning and Preservation*, Avery 403, *Columbia University*, Nova Iorque.

470 Tradução nossa. No original: “(...) a work whose complex meaning stems directly from a revealed conjunction between, on the one hand, the *rationality* of normative technique and, on the other, the *arationality* of idiosyncratic form.” Ibidem, p. 22. Grifos no original.

471 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, pp. 164-178.

de betão armado, tem sido de facto aplicado inúmeras vezes por todo o mundo desenvolvido.”⁴⁷²

Dois anos mais tarde, Frampton retoma a obra de Utzon a fim de aclarar a mecânica da referida síntese. Assevera a síntese como um complexo processo de assimilação e de reinterpretação – sobretudo em termos da ‘forma’⁴⁷³ e técnicas construtivas utilizadas (argumentos reforçados pelo uso do corte longitudinal) – das possibilidades da cultura mundial e, simultaneamente, da civilização universal⁴⁷⁴. Em suma, a estratégia fundamental da condição de resistência, ambicionada pelo Regionalismo Crítico de Frampton, é a mediação do impacto da civilização universal através de elementos derivados indirectamente das peculiaridades de um lugar específico⁴⁷⁵. Nesse sentido, essa mediação depende de uma elevada condição crítica auto-consciente que na procura das peculiaridades de um lugar, considera variados aspectos, entre os quais: “o alcance e a qualidade da luz local, ou em termos da *tectónica*, um modo estrutural peculiar, ou na topografia de um determinado local.”⁴⁷⁶ Portanto, a referida condição de resistência institui-se como o facto que distingue Regionalismo Crítico das simples e acríticas tentativas de formas regionais, aparentemente autênticas, ancoradas num passado distante⁴⁷⁷. Do mesmo modo, essa condição contradiz os esforços demagógicos do Populismo no uso desmesurado de signos instrumentais e comunicativos, ou seja, o dito signo não evoca uma percepção crítica da ‘realidade’ mas atinge uma “táctica de retórica preconcebida, gratificante em termos de Behaviorismo”.⁴⁷⁸ Sempre acompanhado pelas teses da Escola de Frankfurt, Frampton sustenta essa resistência recorrendo a diversos argumentos, quase sempre muito intrincados. Entre outros, considere-se o ponto

472 Tradução nossa. No original: “Inasmuch as this building is organized around a regular grid and is comprised of repetitive, in-fill modules concrete blocks in the first instance and precast concrete wall units in the second we may justly regard it as the outcome of universal civilization. Such a building system, comprising an *in situ* concrete frame with prefabricated concrete in-fill elements, has indeed been applied countless times all over the developed world.” FRAMPTON, Kenneth - Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 22.

473 Distinga-se a noção de *form* da de *shape*. Ou seja, na tradução para a língua portuguesa, *shape* deverá ser entendido como ‘figura’, ‘contorno’ ou ‘configuração’ de algo. A noção de *form* ao incorporar outras dimensões revela-se, primeiramente, como: “‘Forma é a configuração visível do conteúdo” escreveu o pintor Ben Shahn”. ARNHEIM, Rudolf [1954] - *Arte e Percepção Visual, uma Psicologia da Visão Criadora, nova versão* (tradução do inglês por Ivonne Terezinha de Faria), 8.ª edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994, p. 89.

474 FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição Londres: Thames & Hudson, 1985, p. 315.

475 FRAMPTON, Kenneth - Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 21.

476 Tradução nossa. No original: “(...) the range and quality of the local light, or in a *tectonic* derived from a peculiar structural mode, or in the topography of a given site.” Ibidem, loc. cit. Grifos no original.

477 Ibidem, loc. cit.

478 Ibidem, loc. cit.

“3. *Critical Regionalism and World Culture*” descrito no artigo “*Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*”: o Regionalismo Crítico medeia, de forma estratégica, o impacto da civilização universal com elementos que derivam indirectamente das especificidades de um lugar particular.⁴⁷⁹ Essa mediação requer uma forte auto-consciência crítica, porque se inspira em coisas que pertencem à diversidade da luz local ou a uma tectónica que deriva de um contexto particular ou da topografia do local concedido.⁴⁸⁰ Nesses termos, em linha com o pensamento de Paul Ricoeur, Frampton propõe que se atente a uma capacidade de síntese resultante do diálogo contínuo ou “fertilização cruzada”⁴⁸¹ entre a vitalidade das ‘formas’ culturais regionais e as demais influências universais, tanto em termos culturais como civilizacionais⁴⁸². Actualmente, e cada vez mais, os aspectos culturais da região devem ser manifestações particulares inflectidas da cultura mundial⁴⁸³. Portanto, para tal processo existir e as culturas regionais sobreviverem na cultura mundial e vice-versa, torna-se necessário que a Forma-do-Lugar resista diante da homogeneização cultural proposta pela civilização universal – retomando Ricoeur – em que a homogeneização se evidencia em detrimento das singularidades e da heterogeneidade da cultura mundial. Nesses termos, é um procedimento que ‘resiste’ pela interlocução crítica que se institui entre o universal e local ou regional. Mais tarde, Frampton, no segundo ponto do seu sumário acerca das características comuns intrínsecas de Regionalismo enquanto categoria crítica⁴⁸⁴, reitera que o Regionalismo Crítico manifesta-se através de uma Arquitectura conscientemente limitada que, em vez de destacar o edifício enquanto objecto isolado, enfatiza o lugar que se funda pela construção arquitectónica que lá se edifica. Essa Forma-do-Lugar denota a importância do arquitecto identificar as

479 FRAMPTON, Kenneth - *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 21. Grifos no original.

480 Ibidem, loc. cit.

481 Tradução nossa. No original: “cross-fertilization”. FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição Londres: Thames & Hudson, 1985, p. 315.

482 Ibidem, loc. cit.

483 Cf. citação de Frampton sobre as afirmações de Ricoeur - nota 429; considere-se ‘cultura mundial’ no sentido em que “Critical Regionalism as a cultural strategy is as much a bearer of *world culture* as it is a vehicle of *universal civilization*. And while it is obviously misleading to conceive of our inheriting world culture to the same degree as we are all heirs to universal civilization, it is nonetheless evident that since we are, in principle, subject to the impact of both, we have no choice but to take cognizance today of their interaction.” FRAMPTON, Kenneth - *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 21. Grifos no original.

484 FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição Londres: Thames & Hudson, 1985, p. 327.

limitações do seu trabalho, ou seja, reconhecer a altura em que deve parar de construir.⁴⁸⁵ Como justificação dessa “cultura de resistência, ou mais especificamente, no nosso caso, para uma prática crítica de arquitectura, que, sem cair no primitivismo sentimental, poderá resistir à mercantilização universal do mundo moderno”⁴⁸⁶. O traçado teórico-crítico desenhado por Frampton implica que a Arquitectura detenha uma vantagem intrínseca de ser um *métier* especialmente resistente, existindo, assim uma clara propensão para reduzir a Arquitectura a uma forma inconformada de mercadoria⁴⁸⁷. E, nesse sentido, Frampton evidencia a possibilidade de uma “Arquitectura Crítica”:

“essa recalcitrância do *métier vis-a-vis*, a modernização é uma bênção disfarçada, uma vez que fornece a base fundamental a partir da qual se cultiva uma arquitectura “crítica”. Ela oferece, acima de tudo, uma situação híbrida em produção racionalizada (até mesmo a produção parcialmente industrializada) podem ser combinadas com as práticas artesanais consagradas pelo tempo, desde que a escala do investimento seja suficientemente modesta para permitir formas idiossincráticas de disjunção e que a cultura local mantenha a capacidade de avaliar os resultados em termos não exclusivamente económicos.”⁴⁸⁸

Na tentativa de resumir as diligências de Frampton – sobretudo a da resistência e a *arrière-garde* – na especificidade do aparato teórico-crítico do seu Regionalismo Crítico, retome-se, em termos gerais, a situação entre o particular e o universal. Em conformidade com a última citação, desse processo dialéctico emana a possibilidade de uma Arquitectura “cultivada criticamente”, um “híbrido” fruto da conjugação sincrética entre as singularidades do particular e do universal - mediado e negociado continuamente, no caso da Arquitectura, pelo e no pensamento projectual.

Intrínseco ao anteriormente considerado, encontra-se a mencionada ‘ponte’ com um pensamento específico oriundo da Fenomenologia. Relevante para a constituição de Forma-do-Lugar, a incursão de cariz fenomenológica, alicerçada

485 Ibidem, loc. cit.

486 Tradução nossa. No original: “calling for a culture of resistance, or more specifically, in our case, for a critical practice of architecture, which, without falling into sentimental primitivism, would resist the universal commodification of the modern world”. FRAMPTON, Kenneth - Place-Form and Cultural Identity. In: THAKARA, John (ed.) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, pp. 64.

487 FRAMPTON, Kenneth - Place-Form and Cultural Identity. In: THAKARA, John (ed.) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, p. 59. Grifos no original.

488 Tradução nossa. No original: “this recalcitrance of the *métier vis-a-vis* modernization is a blessing in disguise, since it provides the fundamental basis from which to cultivate a 'critical' architecture. It affords, above all, a hybrid situation in which rationalized production (even partially industrialized production) may be combined with time-honoured craft practices, provided that the scale of the investment remains sufficiently modest to permit idiosyncratic forms of disjunction and that the local culture retains a capacity to evaluate the results in terms which are not exclusively economic.” Ibidem, loc. cit. Grifos no original.

nos contributos de Martin Heidegger⁴⁸⁹, reforça a tentativa de Frampton em estabelecer o seu Regionalismo como uma teoria-crítica holística, em totalidade⁴⁹⁰, informada pelas dimensões socioculturais, económicas e políticas. Embora presente em inúmeros textos, em particular nos sucedâneos do “*Isms of Contemporary Architecture*”, é na publicação pouco divulgada datada de 1988⁴⁹¹ que Frampton melhor determina a vitalidade de Forma-do-Lugar e, em particular, a sua correlação com identidade cultural. A Forma-do-Lugar é sobretudo um contentor que agrupa as instâncias físicas e não físicas inerentes da dialéctica vivencial humana com uma envolvente, ou seja, é a síntese consequente do processo de interlocução crítica – inerente da dita “fertilização cruzada” – entre as ‘formas’ particulares, ou culturais regionais, e a(s) ‘forma(s)’ universal. Apreendendo ‘forma’ em traços gerais como – recuperando Arnheim⁴⁹² – a configuração visível de um conteúdo constituído pela síntese – resultante da conjugação sincrética entre as valias do particular e do universal – própria da “acção consciente do Ser”⁴⁹³ num determinado contexto, torna-se igualmente

489 Embora muito referenciado na Teoria e na Crítica de Arquitectura contemporânea, Martin Heidegger é um autor controverso. Um dos principais aspectos dessa controvérsia deve-se à tese da sua militância no Partido Nazi (cf. FARIAS, Victor - Heidegger et le nazisme. Paris: Editions Verdier, 1987). No entanto, sem entrar em discussões de índole política, é de salientar a crítica de Lefavre e de Tzonis – talvez motivada pelas citações de Frampton no âmbito do Regionalismo Crítico – a Heidegger, colocando-o em confronto directo com Lewis Mumford. “But if Mumford and Heidegger are part of the same world, they occupy diametrically opposed positions in it. Heidegger's idea of “the earth,” “the land,” and “home” are inseparably linked with the idea of the Volk, a specific, closed, hierarchical, regimented human group joined by an abstract “Germanness” (Deutschum), concrete ethnic origins, soil (Blut und Boden), and language. In his view, these unique, exclusive bonds (Bodem-ständigkeit) guarantee “unity” (Ganzheit), “supremacy of character,” and other qualities that identify a people as separate and superior. Loosening these bonds brings “decadence” (Verderb), “alienation,” and “internal disintegration” (Zersetzung). Mumford's “regionalism” has its ideological roots in anarchism, more specifically in Henry David Thoreau's Walden and Peter Kropotkin's ideas about “spatial power” decentralization, a process that was indifferent to ethnic spatial differentiation. Mumford inherited these latter ideas from his mentor Patrick Geddes, who had met Kropotkin in 1886. Mumford's regionalism, like Thoreau's, Geddes's or Kropotkin's could not be less connected to the idea of a prohibiting enclave, racial, national, or social. In *The South in Architecture*, originally delivered as a series of lectures to cadets who were about to leave for the front in World War II, Mumford was conscious of the importance of regionalism in Nazi Germany, with its “deification of Heimat,” and eager to distinguish his own regionalism from it. (...) Apart from moral and political stances there are also basic methodological issues that oppose Mumford and Heidegger. Heidegger's discourse is opaque and rhetorical, dependent on an exalted tone rather than evidence. (...) In addition, Heidegger's contemptuous dismissal of “housing” (*Building Dwelling Thinking*) as not even “worthy of questioning and of thought” is grounded in a deeply anti-modernist attitude. Behind it stands a condemnation of both modern technology and – as Pierre Bourdieu has remarked – of the welfare state, in fact the very idea of social democracy. Heidegger's problem is not with the placing of human priorities below those of machine efficiency, nor with the inertia of bureaucratic practices and centralization, but with the very existence of modern technology and modern social programs that are degraded, plebeian, lax, and opposed to the heroic essence of Heimat and Volk. Far from anti-modernist, Mumford believes (and makes clear from the very start) that regionalism in architecture is a necessary part of modernism. One of Mumford's complaints about the International Style is that even in matters of style it is not “modern” enough: he alludes obliquely to the International Style in *The South in Architecture*, “today there are hundreds of buildings ...that still lack the essential style of the present age.” LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - LEWIS MUMFORD'S REGIONALISM. In: *Design Book Review*, n.º. 19, Inverno de 1991, pp. 20-25. Disponível em: [http://www.tzonis.com/dks/dks/publications/online publications/1991-d...](http://www.tzonis.com/dks/dks/publications/online%20publications/1991-d...) Acesso em: 10 Jun. 2012.

490 Reitere-se, que a ambição de agregar em totalidade essas dimensões revelou-se como um dos impedimentos, possivelmente o principal, ao verdadeiro entendimento intra-disciplina da Arquitectura do seu Regionalismo Crítico.

491 FRAMPTON, Kenneth - Place-Form and Cultural Identity. In: THAKARA, John (ed.) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, pp. 51-66.

492 Cf. nota 474.

493 HEIDEGGER, Martin [1951] - Bauen, Wohnen, Denken (Construir, Habitar, Pensar). In: *Ensaio e Conferências* (tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis: Editora Vozes, 2002, pp. 131-135.

necessário apreender como ‘lugar’. Para tal, considere-se a palestra de Martin Heidegger – conforme verificado, inúmeras vezes citado por Frampton, em particular, acerca da noção de ‘lugar’ – intitulada de “*Bauen, Wohnen, Denken*” (1951)⁴⁹⁴.

Heidegger atribui o papel mediador entre ‘sítio’ e ‘lugar’ metaforicamente a uma ponte. É através da ponte, ou seja, pela referida “acção consciente do Ser”, que o sítio se transforma em lugar.

“A ponte pende “com leveza e força” sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente a outra. Pela ponte, um lado se separa do outro. As margens também não se estendem ao longo do rio como traçados indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte traz para o rio as dimensões do terreno retraídas em cada margem. A ponte coloca numa vizinhança recíproca a margem e o terreno. A ponte reúne integrando a terra como paisagem em torno do rio. (...) A seu modo, a ponte reúne integrando a terra e o céu, os divinos e os mortais junto a si. (...) A ponte é, sem dúvida, uma coisa com características próprias (...) A ponte reúne integrando a quaternidade⁴⁹⁵, mas reúne integrando no modo de propiciar à quaternidade estância e circunstância. A partir dessa circunstância determinam-se os lugares e os caminhos pelos quais se arruma, se dá espaço a um espaço.”⁴⁹⁶

Segundo Heidegger, o ‘lugar’ é pertença do “fazer único dos humanos”⁴⁹⁷. Assim, a Arquitectura – a ‘ponte’ heideggeriana – constrói lugares pelos metadiálogos que estabelece com a totalidade de um contexto ou com uma ‘realidade’. O autor afirma que “[o] lugar não está simplesmente dado antes da ponte. Sem dúvida, antes da ponte existir, existem ao longo do rio muitas

494 Palestra a um grupo de eminentes Arquitectos e Filósofos conferida em cinco de Agosto de 1951 como parte de *Darmstädter Gespräch II* (Simpósio Darmstadt) no tópico “*Mensch und Raum*” (Homem e Espaço). A primeira publicação foi no ano de 1952, intitulada de *Darmstadt: Neue Darmstädter Verlagsanstalt*. A versão, em língua portuguesa, utilizada nesta investigação, é a: *Ensaio e Conferências*, Petrópolis, Editora Vozes, 2002, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, pp. 125-141.

495 Para Martin Heidegger, a Quaternidade constitui-se por: Terra e Céu, Divinos e Mortais. “Os quatro: terra e céu, os divinos e os mortais, pertencem um ao outro numa unidade originária. A terra é o sustento de todo gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra concentra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na flora e na fauna. Dizendo terra, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro. O céu é o percurso em abobadas do sol, o curso em transformações da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações dos anos e suas viradas, luz e crepúsculo do dia, escuridão e claridade da noite, a suavidade é o rigor dos climas, rasgo de nuvens e profundidade azul do éter. Dizendo céu, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro. Os deuses são os mensageiros que acenam a divindade. Do domínio sagrado desses manifesta-se o Deus em sua actualidade ou se retrai em sua dissimulação. Se dermos nome aos deuses, já incluímos os outros três, mas não consideramos a simplicidade dos quatro. Os mortais são os homens. Chamam-se mortais porque podem morrer. Morrer diz: ser capaz da morte como morte. Somente o homem morre e, na verdade, somente ele morre continuamente, ao menos enquanto permanecer sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses. Nomeando os mortais, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro. Chamamos de quaternidade essa simplicidade. Em habitando, os mortais são na quaternidade. O traço fundamental do Habitar é, porém, resguardar. Os mortais habitam resguardando a quaternidade em sua essência. De maneira correspondente, o resguardo inerente ao habitar tem quatro faces.” Ibidem, pp. 129 e 130.

496 HEIDEGGER, Martin [1951] - *Bauen, Wohnen, Denken* (Construir, Habitar, Pensar). In: *Ensaio e Conferências* (tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis: Editora Vozes, 2002, pp. 131-135.

497 Ibidem, p. 137.

posições que podem ser ocupadas por alguma coisa. Dentre essas muitas posições, uma pode se tornar um lugar e, isso, através da ponte. A ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar. A ponte é uma coisa.”⁴⁹⁸ A ponte heideggeriana presta-se, igualmente, ao entendimento e ao estabelecimento da referida Forma-do-Lugar. Enquanto ponte, é então, uma forma que, por um lado, colige as instâncias próximas de uma ‘realidade’; e por outro, transforma-a em síntese dessa ‘realidade’, ou seja em lugar. Nesse duplo sentido, na particularidade da Arquitectura a Forma-do-Lugar antevê e encaminha o pensamento projectual e, expressando-se de forma reflexiva na obra construída. Frampton relembra que “[c]ontra a definição do Latim, ou melhor, contra o conceito abstracto antigo do espaço como um *continuum* mais ou menos infinito de componentes ou figuras espaciais uniformemente subdivididas – que ele nomeia de *spatium* e de *extensio* – Heidegger opõe a palavra alemã para o espaço (ou lugar), que é o termo *Raum*”⁴⁹⁹ e “assevera que a essência fenomenológica de um espaço/lugar depende do *concreto*, claramente definido o seu limite/fronteira, pois, como ele coloca. O limite/fronteira não é onde em que algo pára, mas, como os gregos⁵⁰⁰ reconheceram, o limite/fronteira é a partir do qual que algo começa a estar-presente”⁵⁰¹. Frampton reforça a importância da ‘concretude’, definida pela citada natureza do limite da Forma-do-Lugar

“com vista à manutenção de uma *densidade e ressonância expressivas* numa arquitectura de resistência (uma densidade cultural que, em condições de hoje poderia ser considerado potencialmente libertador em si, uma vez que se abre ao usuário *experiências* múltiplas), a provisão de uma Forma-do-Lugar é igualmente essencial para a prática crítica, na medida em que uma arquitectura resistente, num sentido institucional, é necessariamente dependente de um domínio claramente definido.”⁵⁰²

498 Ibidem, p. 133.

499 Tradução nossa. No original: “Against the Latin or, rather, the antique *abstract* concept of space as a more or less endless continuum of evenly subdivided spatial components or integers – what he terms *spatium* and *extensio* – Heidegger opposes the German word for space (or, rather, place), which is the term *Raum*.” FRAMPTON, Kenneth - Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 25. Afirmações próximas das já citadas, cf. FRAMPTON, Kenneth - Isms of Contemporary Architecture. In: PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (editor convidado) - Modern architecture and the critical present. In: *A.D., Architectural Design*, vol. 52, mês 7/8, 1982, p. 82.

500 Mais tarde Frampton precisa o termo limite/fronteira utilizado pelos gregos como *peras* (πέρας) - cf. FRAMPTON, Kenneth - Place-Form and Cultural Identity. In: THAKARA, John (ed.) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, p. 57.

501 Tradução nossa. No original: “Heidegger argues that the phenomenological essence of such a space/place depends upon the *concrete*, clearly defined nature of its boundary, for, as he puts it, “A boundary is not that at which something stops, but, as the Greeks recognized, the boundary is that from which something begins its presencing.” Ibidem, loc. cit. Grifos no original.

502 Tradução nossa. No original: “addresses itself mainly to the maintenance of an *expressive density and resonance* in an architecture of resistance (a cultural density which under today's conditions could be said to be potentially liberative in and of itself since it opens the user to manifold *experiences*) the provision of a place-form is equally essential to critical practice,

(continua)

Reforçando os argumentos de Frampton, reconheça-se ainda a importância do habitar heideggeriano para a instituição efectiva da Forma-do-Lugar. Em *Bauen, Wohnen, Denken*, Heidegger enquadra admiravelmente a relação entre construir (*Bauen*) e habitar (*Wohnen*) como poética – o fazer único dos humanos⁵⁰³ –, consolidado pelo pensar (*Denken*) e nas suas palavras, questione-se:

“1. O que é habitar?

2. Em que medida pertence ao habitar um construir?

(...) Em oposição ao cultivo, construir diz edificar. Ambos os modos de construir – construir como cultivar, em latim, *colere*, cultura, e construir como edificar construções, *aedificare* – estão contidos no sentido próprio de *bauen*, isto é, no habitar. No sentido de habitar, ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra, construir permanece, para a experiência quotidiana do homem, aquilo que desde sempre é, como a linguagem diz de forma tão bela, "habitual". Isso esclarece porque acontece um construir por detrás dos múltiplos modos de habitar, por detrás das actividades de cultivo e edificação. Essas actividades acabam apropriando-se com exclusividade do termo *bauen* (construir) e com isso da própria coisa nele designada.”⁵⁰⁴

Retenha-se que habitar enquanto construir é compreendido da mesma forma que cultivar é crescer, ou seja, construir no sentido de edificar⁵⁰⁵. A noção de ‘cultivo’ é em duplo sentido, facilmente relacionado com a importância que Frampton outorga ao “limite/fronteira” para o estabelecimento da Forma-do-Lugar com vista à referida manutenção de uma “densidade e ressonância expressivas”. Conforme referido, “Heidegger mostra que, etimologicamente, o gerúndio alemão de *construir* está intimamente ligado com as formas arcaicas de *Ser*, *cultivar* e de *habitar*, e continua afirmando que a condição do “habitar” e portanto, em última instância do “Ser”, só pode ocorrer num domínio que está claramente limitado.”⁵⁰⁶ Nesses termos, concordando com Heidegger, a Forma-do-Lugar propugna esse ‘cultivo’ ontológico como escopo para uma Arquitectura reflexiva de um contexto cultural e fisicamente (de)limitado em contraste com a

inasmuch as a resistant architecture, in an institutional sense, is necessarily dependent on a clearly defined domain.”

Ibidem, loc. cit. Grifos no original.

503 HEIDEGGER, Martin [1951] - *Bauen, Wohnen, Denken* (Construir, Habitar, Pensar). In: *Ensaio e Conferências* (tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 140.

504 Ibidem, pp. 125-128.

505 Ibidem, p. 126.

506 Tradução nossa. No original: “Heidegger shows that etymologically the German gerund *building* is closely linked with the archaic forms of *being*, *cultivating* and *dwelling*, and goes on to state that the condition of “dwelling” and hence ultimately of “being” can only take place in a domain that is clearly bounded.” FRAMPTON, Kenneth - *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, p. 25. Grifos no original.

‘indiferenciação’ ou homogeneização anunciada da Megalópole. Subsequente do pensamento expresso na seminal palestra “*Bauen, Wohnen, Denken*” de Martin Heidegger, Frampton recorre ainda a Hannah Arendt (1906-1975), em particular à obra “*The Human Condition*” (1958)⁵⁰⁷, para igualmente advogar a condição de resistência da Forma-do-Lugar numa contemporaneidade:

“[a] Forma-do-Lugar limitada, na sua aparência pública, é também essencialmente próxima ao que Hannah Arendt afirmou como “o espaço da aparência humana”, que desde a evolução do poder legítimo tem sido prejudicada pela existência da “*polis*” e pelas comparáveis formas institucionais e físicas. Enquanto a vida política da *polis* grega não avançou directamente da presença física e da representação da cidade-estado, apresentou em contraste com a Megalópole os atributos cantonais da densidade urbana.”⁵⁰⁸

O exercício teórico-crítico de Frampton concernente à resistência da Forma-do-Lugar fortalece-se através de manifestações culturais limítrofes ou intersticiais, na periferia do denominado mundo desenvolvido, ao invés dos grandes centros de poder cultural e comunicacional, tais como Nova Iorque, Londres e Paris, exemplifica Frampton⁵⁰⁹. Esses nós periféricos têm capacidade para suportar múltiplas e complexas camadas no que diz respeito à cultura arquitectónica.⁵¹⁰ Nessas regiões intersticiais, verifica-se, segundo Frampton, um estar próspero que resulta da mediação e de negociação contínua entre civilização universal e cultura local ou regional⁵¹¹. É uma expressão contemporânea auto-consciente vincada numa ‘realidade’ particular – ao convocar os seus constituintes matriciais, tais como, os de natureza topográfica e tectónica⁵¹² – que,

507 ARENDT, Hannah - *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press, 1958. Frampton cita: “The only indispensable material factor in the generation of power is the living together of people. Only where men live so close together that the potentialities for action are always present will power remain with them and the foundation of cities, which as city states have remained paradigmatic for all Western political organization is therefore the most important material prerequisite for power.” Ibidem, loc. cit., p. 25.

508 Tradução nossa. No original: “The bounded place-form, in its public mode, is also essential to what Hannah Arendt has termed “the space of human appearance,” since the evolution of legitimate power has always been predicated upon the existence of the “polis” and upon comparable units of institutional and physical form. While the political life of the Greek polis did not stem directly from the physical presence and representation of the city-state, it displayed in contrast to the Megalopolis the cantonal attributes of urban density.” Ibidem, loc. cit., p. 25.

509 FRAMPTON, Kenneth - *Place-Form and Cultural Identity*. In: Thakara, John (ed.) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, p. 57.

510 Ibidem, loc. cit.

511 Ibidem, loc. cit.

512 É comum encontrar o uso do vocábulo ‘tectónica’ nos ensaios de Frampton directamente ou indirectamente associados ao Regionalismo Crítico. O porquê do seu uso, em nada consensual entre diversos investigadores, poderá ser aprofundado em FRAMPTON, Kenneth - *Rappel à l’ordre: The Case for the Tectonic*. In: *A.D., Architectural Design*, vol. 60, n.º 3, 1990, pp.19-25; FRAMPTON, Kenneth - *Studies in Tectonic Culture*. Cambridge: MIT Press, 1995; BARATA, André M. (tradução), BARATA, Paulo M. (prefácio), FRAMPTON, Kenneth - *Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses; Matosinhos: Contemporânea Editora, 1998. No entanto, considere-se, em sumariamente, tectónica como pertença de uma poética da construção própria da Arquitectura: “I have elected to address the issue of tectonic form for a number of reasons, not least of which is the current tendency to reduce architecture to scenography. This reaction arises in response to the universal triumph of Robert Venturi’s decorated shed;”

mantendo-se continuamente comprometida com o processo de modernização, é capaz de qualificar a “civilização consumista” através de uma “cultura do lugar” conscientemente cultivada⁵¹³. Consequentemente, nesses pontos nodais verifica-se a possibilidade de um Regionalismo cultivado auto-conscientemente e com capacidade para dar continuidade a uma Arquitectura de resistência sem cair no sentimentalismo ou na falsa eternização das debilitadas formas modernas colocadas ao serviço de um desenvolvimento optimizado e vazias de historicismo.⁵¹⁴ Infere-se que, subjacente às considerações de resistência da Forma-do-Lugar, Frampton propugna, assim como outros seus pares de então⁵¹⁵, por um projecto de lugar na proposição da sua ‘construção’. Esse ‘construir’, na sequência da tese de Heidegger, ambiciona uma totalidade, patenteada na Forma-do-Lugar sempre em continuidade, que entre outros engloba: o natural, o artificial, o particular, o universal, a história e a cultura que se convertem holisticamente num projecto de lugar revelado pela expressividade própria da Arquitectura.

Não obstante as diversas tentativas de Frampton em precisar a condição de resistência, a sua proposição tornou-se (igualmente) controversa e ambígua⁵¹⁶. Na tentativa de clarificar a tese de Regionalismo Crítico, verifica-se que ao longo das últimas décadas as revistas e as demais diligências de Frampton tornam-se, por vezes, paradoxais, muito intrincadas e, consequentemente, problemáticas, ao invés do que era pretendido. A título de exemplo⁵¹⁷, consequente da evidenciação dos

513 Frampton destaca Zurique, Lugano, Udine, Atenas, Veneza, Porto, Helsinquia, Estocolmo, Copenhaga, Madrid, Barcelona, Amsterdam, Nova Deli ou Cidade do México como exemplos onde se podem verificar expressões de Arquitectura erigidas na “cultura do lugar”. Ibidem, loc. cit., p. 57.

514 Ibidem, loc. cit.

515 Entre outros autores, destaquem-se os contributos (citados em escritos de Frampton) de Vittorio Gregotti (1927-), Mario Botta (1943-) e Christian Norberg-Schulz (1926-2000). Do último autor, cf.: NORBERG-SCHULZ, Christian - *Existence, Space & Architecture*. London: Studio Vista, 1971; NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci. Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Rizzoli, 1980; NORBERG-SCHULZ, Christian - *Towards an Authentic Architecture*. In: PORTOGHESI, Paolo, et al. - *The Presence of the Past: The First International Exhibition of Architecture - Venice Biennale*. Londres: Academy Editions, 1980, pp. 21-29.

516 Conforme já afirmado, a recepção da tese do Regionalismo Crítico de Frampton foi amplamente controversa. Sobre a crítica da retórica dessa tese, em particular sobre a questão da resistência e da periferia, considere-se EGGNER, Keith - *Placing Resistance: A Critique of Critical Regionalism*. In: *Journal of Architectural Education*, 55, n.º 4, Maio, 2002, pp. 228-237.

517 Cf. ibidem, loc. cit. Porém, reconheça-se que fruto da referida evidenciação e consequente mediatização da tese de Frampton, alguns desses talentos individuais saltaram dessa ‘marginalidade’ e, paradoxalmente, para um ‘estrelato’ sequente dessa marginalidade. Sobre o Regionalismo Crítico enquanto prática marginal, retenha-se: “Critical Regionalism has to be understood as a marginal practice, one which, while it is critical of modernization nonetheless still refuses to abandon the emancipatory and progressive aspects of the modern architectural legacy. At the same time, Critical Regionalism's fragmentary and marginal nature serves to distance it both from normative optimization and from the naive utopianism of the early Modern Movement. In contrast to the line that runs from Haussmann to Le Corbusier, it favours the small rather than the big plan.” FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição Londres: Thames & Hudson, 1985, p. 327.

talentos individuais de Siza Vieira, Barragan e Utzon de “escolas’ regionais”⁵¹⁸, inadvertidamente estigmatizam-nas, nas palavras de Frampton, como práticas arquitectónicas marginais ou periféricas. Obviamente, esse aparente estigma tornou-se inevitável por ser intrínseco da condição de resistência e dos sustentos teórico-críticos da Forma-do-Lugar, ou seja, de toda uma tese (insustentável para alguns) sob a premissa radical de que “o edifício é antes e acima de tudo algo de construído e só posteriormente um discurso abstracto sobre superfície, volume e plano”.⁵¹⁹ E, de facto, o pensamento de Frampton produz nitidamente os limites das suas próprias contradições.⁵²⁰

Do anteriormente afirmado não é indissociável o facto de que, ao longo das últimas décadas, principalmente durante os anos oitenta e noventa do século passado foram feitas inúmeras revisões aos primeiros textos de Frampton, datados de 1982. Publicados na forma de artigos⁵²¹ com títulos diversos, destacam-se, complementando os já referidos, os seguintes: “*Prospects for a Critical Regionalism*” (1983); “*Modern Architecture and Critical Regionalism*” (1983); “*Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*” (1983); “*Some Reflections on Postmodernism*” (1986); “*Ten Points on an Architecture of Regionalism: A Provisional Polemic*” (1987); “*Intimations of Tactility: Excerpts from a Fragmentary Polemic*” (1988); “*Rappel à l’Ordre: The Case for the Tectonic*” (1990). Consequência desse extenso trabalho, refira-se ainda, o incontornável “*Modern Architecture, A Critical History*”, em particular o capítulo “*Critical Regionalism: Modern Architecture and Architectural Identity*” (1985) e, a mais recente epítome consequente desse longo percurso teórico-crítico firmado como “*Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in*

518 Ibidem, p. 314.

519 BARATA, Paulo M. – Prefácio. In: BARATA, André M. (tradução), BARATA, Paulo M. (prefácio), FRAMPTON, Kenneth - *Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses; Matosinhos: Contemporânea Editora, 1998, p. 12. Todavia, Frampton no reconhecimento dessa (e de outras) problemáticas originadas pela sua tese, declara que: “to acknowledge the interstitial existence of such a resistant architecture and to develop a general theory by which to further its aims are two different things. (...) While we may achieve the former, through the exercise of descriptive procedure and critical analysis, the latter demands a more fundamental reappraisal of the limits of the field, from both an ontological and a normative standpoint. It is nothing less than this last which I have attempted in elaborating this theory of ‘place-form and cultural identity’. It is evident that, in its present form, this theoretical schema owes much to the phenomenological and existential traditions in Western thought, and to combine this mode of beholding with a political stance drawn from the critical traditions of the Frankfurt School is contradictory, to say the least.” FRAMPTON, Kenneth - *Place-Form and Cultural Identity*. In: THAKARA, John (ed.) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, p. 64.

520 Ibidem, loc. cit., p. 12.

521 Sobre os artigos referidos, cf. bibliografia. Recentemente, Frampton coligiu alguns desses artigos e outros numa antologia: FRAMPTON, Kenneth - *Labour, Work And Architecture. Collected Essays On Architecture And Design*. Nova Iorque: Phaidon Press Limited, 2002.

Nineteenth and Twentieth Century Architecture” (1995)⁵²². Embora hoje já não seja directamente

“uma estratégia crítica contra os perversos efeitos da "decorated shed" Venturiana, do fenómeno do deconstrutivismo na arquitectura e da crescente mediatização e comercialização da cultura arquitectónica; um discurso que em larga medida remete para preocupações prescritas em intervenções ao longo de mais de uma década, sobre as condições de sobrevivência da arquitectura como disciplina poética e autónoma”⁵²³,

a problemática construção teórica-crítica de Frampton evoluiu e adaptou-se a outros ‘actores’, sequentes dos em debate nas últimas décadas do século XX. É disso exemplo o recente artigo de Setembro de 2013 onde, recuperando as matrizes teóricas e críticas da sua tese sobre Regionalismo e, aparentemente em tom de balanço as resume e reposiciona hodiernamente diante os inevitáveis efeitos (em particular os económicos) próprios do fenómeno da Globalização na práxis de Arquitectura. Este processo alicerça-se numa expressa (auto-)crítica, resultado dos inúmeros debates e demais polémicas originados pela dita tese ao longo das últimas décadas. Nesse sentido, em continuidade com as ditas matrizes, em “*Towards an Agonistic Architecture* Frampton” reitera que gostava de invocar a ideia de que a Arquitectura continua a acentuar a construção de lugar, ancorando-se no particular e na natureza particular da topografia e do clima onde se edifica⁵²⁴ corroborando que o Regionalismo Crítico continua a ser um discurso pertinente diante uma prática de Arquitectura na era da Globalização.

Em tom de resumo, confirma-se que “Kenneth Frampton, bem ao seu estilo, oferece uma perspectiva panóptica, generosa e polémica”⁵²⁵. De facto,

“[t]alvez nenhum autor contemporâneo encontre tanta resistência ao seu pensamento como o próprio mentor de uma “cultura de resistência”. Implicitamente dialéctica, a estrutura crítica de Frampton resulta da articulação entre os aspectos representacionais e ontológicos da arquitectura; uma equação para alguns demasiado lacónica, incapaz de se constituir como alternativa ao just-in-time pós-Ford, para o qual a prática profissional parece inevitavelmente caminhar.”⁵²⁶

522 “Em *Studies in Tectonic Culture*, Frampton constrói talvez um dos últimos "grandes sistemas" de interpretação da história da arquitectura moderna neste final de séc.. Um sistema que pretende rever o descrédito a que durante anos estiveram votados os imperativos físicos da construção no pensamento contemporâneo.” Ibidem, loc. cit., p. 12.

523 Ibidem, loc. cit.

524 Ibidem, loc. cit.

525 BARATA, Paulo M. – Prefácio. In: BARATA, André M. (tradução), BARATA, Paulo M. (prefácio), FRAMPTON, Kenneth - *Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses; Matosinhos: Contemporânea Editora, 1998, p. 13.

526 Ibidem, loc. cit.

E, complementando, recorrendo às palavras do próprio Frampton:

“[a]percebi-me que o sufixo *ismo* pressupõe estilo. Esse final é, portanto, etimologicamente a antítese da síndrome cultural que queria evocar. Eu não quero negar estilo, mas ao mesmo tempo eu não quero dar a entender a sua presença com antecedência. Por esses motivos, optei para o presente título ‘forma-do-lugar e identidade cultural’. É, ainda, necessário acrescentar que o termo resistência tem várias conotações; em primeiro lugar, a resistência do próprio *métier* em todos os seus aspectos intrínsecos: em segundo lugar, a resistência da forma construída diante a força erosiva do tempo (esse aspecto do trabalho que Hannah Arendt caracterizou como a mortalidade individual transcendente) e, por último, mas não menos importante, a proposição de que essa estratégia cultural implica uma certa resistência às forças de dominação, onde quer que elas possam ser encontradas.”⁵²⁷

527 Tradução nossa. No original: “I have come to realize that the suffix *ism* presupposes style. This ending is therefore etymologically antithetical to the cultural syndrome I would like to evoke. I do not want to deny style, but at the same time I do not wish to imply its necessary presence in advance. On these grounds I have opted for the present title ‘place-form and cultural identity’. Secondly, it is necessary to add that the term resistance has a number of connotations; first, the resistance of the *métier* itself in all its intrinsic aspects: secondly the resistance of built form to the erosive force of time (that aspect of work which Hannah Arendt once characterized as transcending individual mortality) and last, but no means least, the proposition that this cultural strategy implies a certain resistance to the forces of domination, wherever they may be found.” FRAMPTON, Kenneth - Place-Form and Cultural Identity. In: Thakara, John (ed.) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, p. 57. Grifos no original.

2. Da operatividade da teoria-crítica

Os anteriores capítulos sintetizaram as duas grandes correntes da teoria-crítica de Regionalismo, apelidado de Crítico. Por um lado, os criadores da referida expressão, Liane Lefaivre e Alexander Tzonis com as suas investigações de cariz historiográfico – alicerçadas principalmente, nos contributos contemporâneos de Lewis Mumford – e, por outro, o aparato próprio do projecto teórico-crítico de Kenneth Frampton. Embora com matrizes diferentes, ambas as correntes são concordantes, *grosso modo*, na exaltação de uma expressão da Arquitectura capaz de mediar dialecticamente as demais questões hodiernas, nomeadamente entre o universal e o particular. Porém, ambas as correntes distinguem-se nos dispositivos instrumentais críticos em que matricialmente erigem as suas teses. Constatase que o termo dialéctica implica, também, uma tensão originada pelo dinamismo próprio do processo entre oposições binárias que, em grande parte, é o aspecto que mais diferencia as duas correntes do referido Regionalismo, em termos da sua operatividade crítica. Característico do projecto teórico-crítico de Frampton, esse processo dialéctico contínuo, começará por ser aqui abordado e terá continuidade no último capítulo. Sequentemente abordar-se-á a técnica de ‘desfamiliarização’ ou ‘estranhamento’⁵²⁸ sugerido por Lefaivre e Tzonis para a efectivação do seu dispositivo conceptual enquanto ferramenta de análise.

Por fim, como síntese de ambas fixar-se-ão os instrumentos aptos a deslindar os constituintes de *Regionalidade*, que ao serem coligidos e subsequentemente integrados, ajustarão uma narrativa acerca da oportunidade da mesma para um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa.

2.1. A instrumentalidade da Forma-do-Lugar

“É por isso que eu concebi a minha teoria de um Regionalismo Crítico como um campo de resistência, e nas passagens que se seguem tentei elaborar essa teoria em termos de *foci* concebida como pontos de oposição. Estes pontos parecem paralelos, em algum grau, com o confronto entre civilização e cultura aludido por Ricoeur.”⁵²⁹

528 Conceito de *Ostranenie* (*Остранение*) – traduzido para a língua portuguesa por ‘desfamiliarização’, ‘estramento’, ‘distanciamento’, entre outros termos – foi definido pelo teórico literário formalista russo Victor Shklovsky (1893-1984) no trabalho “*Iskusstvo kak priem*” (“A Arte como processo”), de 1917. Cf. SHKLOVSKY, Victor - A arte como processo. In: AAVV - *Teoria da Literatura - Textos de Formalistas Russos*, Vol. 1, Lisboa, Edições 70, p. 75, 1999.

529 Tradução nossa. No original: “This is why I have conceived of my theory of a Critical Regionalism as a field of resistance, and in the passages that follow I have attempted to elaborate this theory in terms of *foci* conceived as points of opposition.”

(continua)

Notório desde os seus primeiros textos da década de oitenta do século passado, Frampton estabelece pares dialécticos⁵³⁰ recorrendo, para isso, à seguinte metodologia⁵³¹: o primeiro vocábulo ou expressão de cada par remete, *grosso modo*, para aspectos informados em redor da história e da tradição; o segundo vocábulo ou expressão, oxímoro do anterior, genericamente remete para aspectos equivalentes hodiernos ou ‘modernos’. Nesse sentido, torna-se pertinente fazer o seguinte resumo: Tradição-Moderno; Cultura-Civilização; Lugar-Espaço; Natural-Artificial; Arquitectónico-Cenográfico; Topografia-Tipologia; Táctil-Visual; Mito-Realidade. Porém, advirta-se que os pontos dispostos em pares de oposição e consequente tensão, não devem ser compreendidos como meros pólos com cargas positivas ou negativas, ou seja, a efectividade desses pontos reside na leitura da força de tensão criada pelo *quasi*-processo de justaposição dos referidos vocábulos ou expressões. A ambicionada operatividade – da teoria-crítica à sua praticabilidade e vice-versa – do dito Regionalismo emergirá, em grande parte, dessa justaposição estabelecida pelas séries de pares dialécticos. Segundo a tese de Chao-Ching Fu essas dialécticas podem dividir-se em: “conceptuais” e “tácticas”. As dialécticas conceptuais compreendem o núcleo teórico e quando se juntam com o núcleo ‘prático’ – as dialécticas tácticas – dão origem ao quadro completo que constitui o Regionalismo Crítico.⁵³² Concordando que esse “quadro” patenteia a operatividade da teoria-crítica de Frampton importa, antes de mais, afirmar que das tensões originadas pelo dinamismo particular do processo entre tais dialécticas emergirá a Forma-do-Lugar. Na sequência do observado no capítulo anterior, a Forma-do-Lugar revela-se⁵³³ como expressão

These points seem to parallel, to some degree, the confrontation between civilization and culture alluded to by Ricoeur.”
FRAMPTON, Kenneth - Place-Form and Cultural Identity. In: Thakara, John (ed.) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, p. 57. Grifos no original.

530 Refira-se que a estratégia crítica no uso de pares dialécticos foi igualmente utilizado à data por Pallasmaa no âmbito da relação entre Regionalismo e Arquitectura. Considere-se o artigo – originário de uma palestra organizada pela Revista *Skala* em Copenhaga sobre a tradição nórdica (Março de 1988) – em muito alinhado com as preposições de Lefavre, Tzonis e Frampton: PALLASMAA, Juhani - Tradition and Modernity: The Feasibility of Regional Architecture in PostModern Society. In: *The Architectural Review*, Maio de 1988. Londres: EMAP Publishing Limited, pp. 26-34.

531 Na maior parte dos seus textos, à exceção, por exemplo, do texto: FRAMPTON, Kenneth - Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic. In: AAVV - *Center, Center for the Study of American Architecture (The University of Texas, Austin) New Regionalism*, vol. 3. Nova Iorque: Rizzoli International Publications, 1987, pp. 20-27.

532 FU, Chao-Ching - *REGIONAL HERITAGE AND ARCHITECTURE – a critical regionalist approach to a new architecture for Taiwan*. Ph.D. Thesis Edimburgo: University of Edimburgo, 1990, p. 205. Disponível em: <https://www.era.lib.ed.ac.uk/handle/1842/8372> Acesso em: 23 de Out. 2012.

533 Refira-se que, embora não muito divulgada, a expressão “Forma-do-Lugar” proposta por Frampton foi interpretada de diferentes, mas relativamente próximas, perspectivas. Crê-se que essa diferenciação junto de alguns investigadores deve-se ao facto de, conforme referido, Frampton cruzar diversas disciplinas e diversos autores para a descrever. Da Filosofia, à Teoria Política, cruzando, entre outras disciplinas, com a Geografia, “Forma-do-Lugar” é nesta investigação entendida como, de modo genérico, a matriz para o entendimento do Regionalismo Crítico em Frampton.

síntese que (re)concilia tais dialécticas. ‘Resistente’ e ‘circunscrita’ – entre outras particularidades – a Forma-do-Lugar é, em termos gerais, a síntese resultante do *quasi*-processo de justaposição entre ‘formas’, quer do universal, quer do particular. Em termos específicos, a Forma-do-Lugar é a síntese consequente da dialéctica vivencial humana com uma envolvente do processo de interlocução crítica entre as formas particulares ou culturais (próprias de Região), e as demais hodiernas formas universais. Consequentemente, para além de ser ‘resistente’ e ‘circunscrita’ é, igualmente, ‘maleável’ e ‘não circunscrita’. Em suma, recuperando a taxionomia de Fu, a Forma-do-Lugar é a expressão inteligível do conjunto das dialécticas “conceptuais” e “tácticas” propostas por Frampton. Portanto, se assim entendida, a ‘forma’ da Forma-do-Lugar é sempre distinta. Reforçando a sua condição reflexiva, a Forma-do-Lugar é variável, pois depende primeiramente dos constituintes em consideração de um particular – neste caso, à particularidade de uma Região – e, sequencialmente, depende tal-qualmente dos constituintes actuais de cariz universal. *Grosso modo*, a Forma-do-Lugar apreendida como uma configuração mutável em função da ‘realidade’ a considerar, possibilita um renovado entendimento do aparato teórico-crítico do Regionalismo de Frampton.

Nos denominados “pontos para uma Arquitectura de Resistência”⁵³⁴, originalmente agrupados em seis, Frampton esclarece que o Regionalismo Crítico é orientado por determinadas características comuns. Contudo, no que se refere aos exemplos mencionados na literatura da especialidade – relativamente aos arquitectos e suas obras –, tais características nem sempre estão presentes. Resumindo, essas características podem ser agrupadas da seguinte forma⁵³⁵: (1) Cultura e Civilização; (2) A ascensão e queda do “*Avant-Garde*”; (3) Regionalismo Crítico e Cultura Mundial; (4) A Resistência da Forma-do-Lugar; (5) Cultura *versus* Natureza: Topografia, Contexto, Clima, Luz e Forma-Tectónica; (6) Visual *versus* Táctil⁵³⁶. Ao longo das últimas décadas, principalmente durante os anos oitenta e noventa do século passado, Frampton adicionou outras quatro. Inicialmente – após uma renomeação e revisão –

534 FRAMPTON, Kenneth - Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, pp. 16-30.

535 FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição Londres: Thames & Hudson, 1985, p. 327.

536 Ibidem, loc. cit., pp. 16-30.

corrigiu-as para sete, até alcançar um total de dez⁵³⁷. De todas as revisões dos ditos pares dialécticos, interessa agora recuperar e sintetizar os últimos, datados de 1987. Em “*Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic*”, Frampton refere que lhe aprazia instituir algo, organizado em torno de dez pontos, que pudesse ser denominado de ‘manifesto especulativo’. Esses pontos seriam debatidos amplamente, até conquistar-se qualquer tipo de ‘terreno’ confiável em que a prática de Arquitectura – ainda que de forma marginal – pudesse ser acoissada.⁵³⁸

Dos dez pontos⁵³⁹, evidenciem-se⁵⁴⁰ aqueles que concorrem para a pretendida evidenciação de dispositivos instrumentais críticos directamente relacionáveis com a expressão da Arquitectura. Sem esquecer o aparato teórico-crítico de Frampton, interessa sintetizar e firmar os pontos verificáveis numa prática ou expressão arquitectónica, num pensamento projectual de Arquitectura. Neste sentido, pode afirmar-se que o Regionalismo Crítico é regional quando se foca em elementos característicos de um sítio, nomeadamente, a topografia – vista como uma matriz tridimensional, à qual a estrutura se molda e a variação da luz local que incide sobre essa estrutura.⁵⁴¹ O conceito de “topografia”, enquanto grafia exacta e minuciosa de uma morfologia⁵⁴², comporta as geometrias concretas consideradas de um modo lato. Assim, o conjunto de circunstâncias imposto pelo meio físico natural ou artificial, tais como, o relevo e os limites, comportam – em conformidade com as asserções de Frampton⁵⁴³ – uma dimensão conceptual e pode ser considerada, também uma ‘forma’⁵⁴⁴. A topografia declara

537 Destaque-se, então, os sete pontos em FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição Londres: Thames & Hudson, 1985, p. 327 e os dez pontos em FRAMPTON, Kenneth - *Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic*. In: AAVV - *Center, Center for the Study of American Architecture (The University of Texas, Austin) New Regionalism*, vol. 3. Nova Iorque: Rizzoli International Publications, 1987, pp. 20-27.

538 FRAMPTON, Kenneth [1987] - *Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic*. In: CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 378.

539 Os pontos enunciados por Frampton são: “Point 1: Critical Regionalism and the Vernacular Form”; “Point 2: The Modern Movement”; “Point 3: The Myth and the Reality of the Region”; “Point 4: Information And Experience”; “Point 5: Space/Place”; “Point 6: Typology/Topography”; “Point 7: Architectonic/Scenographic”; “Point 8: Artificial/Natural”; “Point 9: Visual/Tactile”; “Point 10: Post-Modernism and Regionalism: A Summation”. Cf. Ibidem, loc. cit., pp. 20-27.

540 Os restantes pontos (cf. nota de rodapé anterior) são, em grande parte, um resumo do abordado nos capítulos anteriores.

541 Ibidem, loc. cit., p. 327.

542 Em síntese, retenha-se topografia como a descrição – *grapho* (γραφω) – de um sítio, lugar ou, a uma outra escala, Região – *topos* (τόπος). Primeiramente enquanto instância física, refira-se que a noção de topografia aqui considerada incorpora, igualmente, vestígios imateriais, tais como, indícios de ocupações humanas, marcas de acontecimentos históricos – por outras palavras, registos de uma cultura particular.

543 Considere-se, a título de exemplo, o “Point 6: Typology/Topography” em FRAMPTON, Kenneth [1987] - *Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic*. In: CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 382.

544 Cf. capítulo anterior.

uma configuração convencionada de sistemas de relações diversas, entre os quais se incluem: sistemas ou estruturas geomorfológicas, históricas e culturais. Considerando, então, essa dimensão conceptual, a topografia pode ser entendida como suporte, matéria e estrutura comum ao processo projectual em Arquitectura⁵⁴⁵.

Resgatando novamente o ponto quinto “Cultura *Versus* Natureza: Topografia, Contexto, Clima, luz e Forma-Tectónica”⁵⁴⁶, considera-se que o

“Regionalismo Crítico envolve necessariamente uma relação dialéctica mais directa com a natureza do que com o abstracto – as tradições formais possibilitadas pela *avant-garde* da arquitectura moderna. É evidente que a tendência de *tabula rasa* da modernização favorece a utilização otimizada dos equipamentos de movimentação de terra na medida em que algo totalmente plano é considerado como a matriz mais económica sobre a qual se predica a racionalização da construção. Aqui, encontra-se, novamente, em termos concretos, a oposição fundamental entre civilização universal e cultura autóctone. O arrasamento de uma topografia irregular em algo nivelado é claramente um gesto tecnocrático que aspira a uma condição de ‘não-lugar’⁵⁴⁷ absoluto, enquanto que o terraceamento do mesmo lugar, capaz de receber um edifício construído em forma de socacos é um compromisso evidente com o acto de “cultivar” o lugar.”⁵⁴⁸

Nesse sentido:

“[c]laramente tal modo de contemplação e acção aproxima-se novamente da etimologia de Heidegger⁵⁴⁹; ao mesmo tempo, evoca o método aludido pelo arquitecto suíço Mario Botta com a expressão “a construção do sítio”. É possível argumentar que, neste último caso, a cultura específica da região – ou seja, a sua história, num sentido geológico e, igualmente, agrícola – torna-se primeiramente inscrito na forma e, consequentemente, no processo de realização do trabalho. Essa inscrição, que emerge da “justaposição” do edifício no sítio, possui muitos níveis de significado, pois tem a capacidade de incorporar, na forma construída, a pré-história

545 Sobre esse entendimento de topografia, enquanto um dos suportes primeiros ao pensamento projectual em Arquitectura, vejam-se os recentes trabalhos, sobre a relação entre as disciplinas de Arquitectura e de Paisagismo, de David Leatherbarrow. “Topography is the topic (theme, framework, place) they hold in common. It not only grounds forth their contribution to contemporary culture. The task of landscape architecture and architecture, as topographical arts, is to provide the prosaic patterns of our lives with durable dimension and beautiful expression.” LEATHERBARROW, David - *Topographical Stories: Studies in landscape and architecture*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2004, p. 1. Cf. igualmente: LEATHERBARROW, David - *Uncommon Ground: Architecture, technology and topography*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

546 Tradução nossa. No original: “5. Culture Versus Nature: Topography, Context, Climate, Light and Tectonic Form” FRAMPTON, Kenneth - *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*, Washington: Bay Press, 1983, pp. 26-28.

547 Leia-se “nao-lugar” como tradução de *placelessness*. Embora matricialmente idênticos, não se confunda directamente com o conceito de “non-lieux” de Marc Augé; sobre esse conceito, considere-se: AUGÉ, Marc - *Non-lieux, Introduction à une Anthropologie de la Surmodernité*. Paris: La Librairie du XXe Siècle, Seuil, 1992.

548 Tradução nossa. No original: “Critical Regionalism necessarily involves a more directly dialectical relation with nature than the more abstract, formal traditions of modern avant-garde architecture allow. It is self-evident that the *tabula rasa* tendency of modernization favors the optimum use of earth-moving equipment inasmuch as a totally flat datum is regarded as the most economic matrix upon which to predicate the rationalization of construction. Here again, one touches in concrete terms this fundamental opposition between universal civilization and autochthonous culture. The bulldozing of an irregular topography into a flat site is clearly a technocratic gesture which aspires to a condition of absolute *placelessness*, whereas the terracing of the same site to receive the stepped form of a building is an engagement in the act of “cultivating” the site.” Ibidem, loc. cit., p. 26

549 Cf. capítulos anteriores.

do lugar, o seu passado arqueológico, o cultivo posterior e a sua transformação ao longo dos tempos. Através desta estratificação intrasítio as idiossincrasias do lugar encontram a sua expressão, sem cair em sentimentalismos.”⁵⁵⁰

Evidencie-se, igualmente, associando-o com o anterior, um outro ponto de Frampton: “Tipologia/Topografia”⁵⁵¹. O autor afirma que ambos os conceitos, influenciam directamente o pensamento projectual do arquitecto e, consequentemente, o seu resultado, isto é, a obra construída. Tipologia é um conceito que pertence quer a Civilização, quer a Cultura⁵⁵², ou seja, reflecte a evolução cultural dos homens na medida em que eles se confrontam com o sítio e se adaptam ao lugar criado. Na síntese de Frampton, por derivar dos tipos sugeridos pela *École Polytechnique* e pela *École des Beaux-Arts*, a noção de tipologia tornou-se relativamente universal – dominando, igualmente, a expressão arquitectónica do “*The International Style*”. “Eles eram em grelha, em matrizes racionais, capazes de admitir uma ampla gama de programas institucionais e eram aplicáveis a quase qualquer sítio regular.”⁵⁵³ Topografia, por outro lado, é específica do sítio – e a uma outra escala, de Região – por narrar. A aparência física concreta do seu enraizamento, em contraponto com os tipos acolhidos do movimento *Arts and Crafts* foram culturalmente fundamentados na história real e/ou mítica de um lugar específico. Eram complicados, supletivos e programaticamente determinados.⁵⁵⁴ Desse modo, Frampton conclui que a oposição dialéctica entre tipologia e topografia definirá e estabelecerá os aspectos ecológicos, climatológicos e simbólicos intrínsecos à Forma-do-Lugar⁵⁵⁵.

Os dois “pontos” agora analisados são exemplares para a confirmação da tensão originada pelo particular dinamismo resultante do processo dialéctico entre oposições binárias. Pautados em torno de topografia, os ditos pontos carecem

550 Tradução nossa. No original: “Clearly such a mode of beholding and acting brings one close once again to Heidegger’s etymology; at the same time, it evokes the method alluded to by the Swiss architect Mario Botta as “building the site”. It is possible to argue that in this last instance the specific culture of the region – that is to say, its history in both a geological and agricultural sense – becomes inscribed into the form and realization of the work. This inscription, which arises out of “in-laying” the building into the site, has many levels of significance, for it has a capacity to embody, in built form, the prehistory of the place, its archeological past and its subsequent cultivation and transformation across time. Through this layering into the site the idiosyncrasies of place find their expression without falling into sentimentality.” Ibidem, loc. cit.

551 “Point 6: Typology/Topography” em FRAMPTON, Kenneth [1987] - Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic. In: CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 382.

552 Ibidem, loc. cit.

553 Tradução nossa. No original: “They were gridded, rational matrices, capable of admitting a wide range of institutional programs and were applicable to almost any regular site.” Ibidem, loc. cit.

554 Ibidem, loc. cit.

555 Ibidem, loc. cit.

ainda de outros⁵⁵⁶ para completar, em traços gerais, as “dialécticas tácticas”⁵⁵⁷ da teoria-crítica de Frampton. Resumindo, para além de topografia, o autor reconhece igualmente a vitalidade da tradição construtiva de uma Região, nomeadamente, a sua efectividade face às particularidades da luz e das condições climatéricas como premissas passíveis de guiar o processo de projecto. Portanto, entre uma geomorfologia e uma “cultura tectónica”⁵⁵⁸, a tríade topografia, luz e clima torna-se igualmente matricial, reforçando um contínuo procedimento reflexivo e, consequentemente, inclusivo (e nunca impositivo) diante uma ‘realidade’ particular.

Torna-se agora possível declarar que o processo intrínseco das oposições dialécticas propostas por Frampton – do qual emerge a Forma-do-Lugar –, aproxima-se do que *Regionalidade* comporta⁵⁵⁹. De facto, a Forma-do-Lugar declara-se como receptáculo primeiro das manifestações de *Regionalidade* por ser apta a coligir os constituintes operantes consequentes do processo próprio das dialécticas “conceptuais” e “tácticas”⁵⁶⁰. Assim, resultante desse mecanismo instaurado na e pela Forma-do-Lugar, torna-se possível traçar relatos síntese que, ao serem continuamente interpretados, ajustarão uma narrativa das manifestações e das práticas de *Regionalidade*.

2.2. Familiar e estranho: da desfamiliarização

“[A técnica de] Desfamiliarização é primeira à distinção de Regionalismo Crítico de outras formas de Regionalismo, na sua capacidade de criar um renovado, *versus* atávico, sentido de lugar no nosso tempo (...) A aproximação crítica da contemporânea arquitectura regionalista reage contra essa explosão de configurações

556 Dos já descritos, destaquem-se os presentes no texto mais recente de Frampton: *Space/Place, Typology/Topography, Architectonic/Scenographic, Artificial/Natural e Visual/Tactile* (1987, pp.20-27). Cf. FRAMPTON, Kenneth - Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic. In: AAVV - Center, Center for the Study of American Architecture (The University of Texas, Austin) *New Regionalism*, vol. 3. Nova Iorque: Rizzoli International Publications, 1987, pp. 20-27.

557 FU, Chao-Ching - *REGIONAL HERITAGE AND ARCHITECTURE – a critical regionalist approach to a new architecture for Taiwan*. Ph.D. Thesis Edimburgo: University of Edimburgo, 1990, p. 205. Disponível em: <https://www.era.lib.ed.ac.uk/handle/1842/8372> Acesso em: 23 de Out. 2012.

558 Cf., entre outros textos, FRAMPTON, Kenneth [1987] - Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic. In: CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, pp. 382-383.

559 Reitere-se: uma acção de devolução e de autoconfrontação, sempre crítica e progressiva, plasmada num processo de (re)apropriação sincrético de uma realidade. Cf. Parte I. Da Região, ponto 1.2. *Regionalidade*.

560 Ibidem, loc. cit., p. 205.

regionalistas contrafeitas [verificável, por exemplo, no Regionalismo Romântico] pelo uso da desfamiliarização.”⁵⁶¹

No seguimento do inquirido no anterior capítulo, questione-se: de que maneira se declara a Forma-do-Lugar no pensamento e, consequentemente, no processo projectual em Arquitectura? A resposta a tais questões reside, uma vez mais, nas investigações de Lefaivre e de Tzonis. O Regionalismo Crítico interessa-se pela particularidade dos recursos de Região que funcionam com elementos de contacto e como comunidade, nos aspectos que definem a Forma-do-Lugar.⁵⁶² Nesse âmbito, incorpora-os ‘estranhamente’ em vez de o fazer de modo familiar, fazendo-os assomar como desconhecidos, afastados, difíceis e mesmo perturbadores. Suspende o ‘vínculo sentimental’ entre os edifícios e os seus utilizadores, para ‘provocar a consciência’⁵⁶³. Importa, antes de mais, reiterar a diferença entre Regionalismos. Assim, distinga-se o Crítico dos demais, sobretudo entre os de vocação Romântica, pois ao invés dos últimos, o Crítico descola-se do uso de citações acrílicas e, nas palavras de Lefaivre e de Tzonis, “contrafeitas” de entidades supostamente próprias de uma Região. Essa característica, primeira ao Regionalismo Crítico, evidencia-se através da técnica de interpretação modernista *avante-garde* de ‘singularização’, ‘estranhamento’ ou ‘desfamiliarização’⁵⁶⁴. Contrastante com a familiarização – atitude ‘estática’

561 Tradução nossa. No original: “Defamiliarization is at the heart of what distinguishes critical regionalism from other forms of regionalism and its capability to create a renewed versus an atavistic, sense of place in our time (...) The critical approach of contemporary regionalist architecture reacts against this explosion of regionalist counterfeit setting by employing defamiliarization.” LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander – Chapter 1: Tropical Critical Regionalism: Introductory Comments. In: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander, STAGNO, Bruno (editores)- *Tropical Architecture: Critical Regionalism in the Age of Globalization*. Londres: Wiley-Academy, 2001, pp 8-9.

562 Ibidem, loc. cit.

563 Ibidem, loc. cit.

564 Cf. nota 545. Considere-se, no âmbito da disciplina da Arquitectura, o seguinte: “Foregrounding [desfamiliarização ou estranhamento] in architecture comes from the theories of the literary poetics formulated by the Prague School of linguistics of the 1930s and in particular by Jan Mukarovsky, and by the Russian Formalists of the 1920s, especially Victor Shklovsky. According to this theory, the essential feature of a literary text is the transformation of ordinary language into poetic language. “Foregrounding” as translated by Garvin (1964, p. 9) (in the original Czech *aktualisace*), or what Shklovsky called “roughened form,” brings about certain characteristics of a text that make its linguistic organization-phonetic, grammatical, syntactic, semantic-deviate from ordinary use. Thus the poetic identity of a building depends not on its stability, on its function, or on the efficiency of the means of its production but on the way in which all the above have been limited, bent, and subordinated by purely formal requirements. What distinguishes a classical building, as a poetic object from ordinary buildings is there, on the surface, in its formal organization. But beyond this formal veil lies the act of foregrounding through which selected aspects from the reality of a building are recast into formal patterns. The resulting quality of *architecturalness* is not a portrait of reality. **It is its critical reconstruction.** The relation between the formal and the social needs of a work of art are often taken in a mechanistic way. As an example of this, Shklovsky refers to Herbert Spencer’s (1882) comments on rhythm in poetry. Spencer compared the “varying concussions” of the body, which, if they recur “in definite order,” permit the body to adjust better to the “unarranged articulations” the mind receives, which “rhythmically arranged” may permit it to “economize its energies by anticipating the attention required for each syllable.” Here, rhythm is a means of over-coming “friction and inertia” that “deduct from . . . efficiency.” Shklovsky (1965, p. 24) criticizes this simple-minded economicist interpretation of rhythm, which he calls the “groaning together” of the “members of the work crew.” To this naive approach he juxtaposes a theory of form taken from Tolstoy, **where poetry has a much more complex social function, one that acknowledges the presence of conflict in society, the need for social criticism, and the social engagement of poetry as a critical activity. This function of poetry, as of all art, is to counteract the**

(continua)

verificada, por exemplo, no Romantismo, por meio do uso de elementos pitorescos e nostálgicos aparentemente ‘tradicionais’ – a técnica de desfamiliarização, embora inicialmente tenha sido aplicada à Literatura, também se pode aplicar à Arquitectura tal como se pode verificar nos estudos⁵⁶⁵ sobre Arquitectura Clássica⁵⁶⁶, pois apoia o cumprimento a sua função crítica⁵⁶⁷. Mas antes de clarificar tal técnica, considere-se ainda que

“[o] Regionalismo Romântico, apesar da sua postura de confronto, empregou *familiarização*. Por um lado, esse Regionalismo seleccionou elementos regionais vinculados a memórias de eras esquecidas e, por outro, inseriu esses elementos em edifícios novos, construindo cenários para espoletar afinidade e ‘simpatia’ no espectador [sujeito que habita], originando cenas familiares que, embora contrastantes, quase sempre emocionalmente, com a actual arquitectura déspota, tornou a consciência insensível. O lamechas, efusivo, sentimental Regionalismo com sua hiperfamiliarização, imediatamente fácil, excitatório, ‘tal como’ as determinações narcisistas do *Heimat*, teve um ainda maior efeito narcótico – se não mesmo alucinatório – na sua consciencialização.”⁵⁶⁸

Assim, e retomando o Regionalismo oposto ao previamente citado, o Crítico selecciona igualmente elementos regionais. Porém, note-se que esses elementos são seleccionados pelo seu potencial de serem suportes primeiros – físicos ou conceptuais – do contacto humano com uma comunidade⁵⁶⁹. Nomeados por Levaivre e por Tzonis como “reveladores de lugar”⁵⁷⁰, tais elementos são idênticos aos que a Forma-de-Lugar comporta. Nesse sentido, ao invés do seu

destructive impact of everyday social life, of the established social relations. It is to arrest and cleanse that which, in the words of Tolstoy, "devours works, clothes, furniture, one's wife, and the fear of war": the deadening effect of routine and its implacable, almost algebraic predictability. Shklovsky (1965) refers to the entry of March 1, 1897, from Tolstoy's diaries. (...) The foregrounding of certain aspects of a building that one observes in classical architecture can be seen as such necessary deviations from the "normal idiom" to achieve distancing from established social perceptions and practices. Brecht's theory of "estrangement" (in the original German *Verfremdung*) in drama comes to remarkably similar conclusions. "Worldmaking," if we may return for an instant to our first chapter where we referred to Good-man's term, is in this sense strangemaking. (...) In classical architecture the new arrangements and the new compositional wholes that emerge create a poetic world next to the ordinary one. "Catharsis," or cleansing, is the word Aristotle uses to describe this process in a tragedy. The effect of this juxtaposition of the two realms, poetic and ordinary, is purification, which in the modern world has a clear critical purpose as the divinatory one had in archaic culture. The building, as a *temenos*, can be seen as bringing about the same kind of catharsis a tragedy does. **It takes the existing reality and reorganizes it through strangemaking on a higher cognitive level. It provides a new frame in which to understand reality**, with which to "cleanse" away an obsolete one. The means are formal, the effect is cognitive, the purpose moral and social." LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Classical Architecture, The Poetics of Order*. Cambridge: MIT Press, 1986, pp. 278-279. Grifos no original e nossos (negrito).

565 Os autores referem-se à publicação anteriormente citada: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Classical Architecture, The Poetics of Order*. Cambridge: MIT Press, 1986.

566 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Why Critical Regionalism Today? In: *A+U, Architecture and Urbanism*, n.º 236, Tóquio, Maio 1990, p. 30.

567 Ibidem, p. 29.

568 Tradução nossa. No original: "Romantic regionalism, despite its confrontational stance, employed *familiarization*. It selected regional elements linked in memory with forlorn eras and inserted them into new buildings, constructing scenographic setting for arousing affinity and 'sympathy' in the viewer, forming familiarized scenes which, although contrasting, mostly emotionally, with the actual despotic architecture, rendered consciousness insensible. The mawkish, gushing, sentimental regionalism with its over familiarization, immediate easy, titillating, 'as if' narcissistic *Heimat* settings, has had an even more narcotic - if not hallucinatory - effect on consciousness." Ibidem, p. 31. Grifos no original.

569 Ibidem, loc. cit.

570 Tradução do autor. No original: "place-defining". Ibidem, loc. cit.

homónimo Romântico, o Crítico incorpora os ditos elementos ‘estranhamente’ em vez de familiarmente⁵⁷¹. Incorpora-os de um modo peculiar tornando-os distantes, de difícil leitura ou mesmo de um modo perturbante⁵⁷². Portanto, essa acção é, na realidade, uma disrupção com qualquer tipo de laços afectivos entre os edifícios e seus consumidores, ‘de-automatizando’ a percepção e ‘desafiando a consciência’, tal como refere Victor Shklovsky (1893-1984).⁵⁷³ Assim, Lefavre e Tzonis sugerem que

“[p]or isso, através de recursos poéticos adequadamente escolhidos de desfamiliarização, o Regionalismo Crítico possibilita que um edifício possa entrar num diálogo imaginado com o espectador. Estabelece-se um processo árduo de negociação cognitivo em lugar da rendição fantasiada originária da familiarização e da sedução que decorre da hiperfamiliarização. Esse processo leva o espectador a um estado *metacognitivo*, uma democracia de experiências como Jerome Bruner poderia ter chamado, evocando um ‘fórum de mundos possíveis’.”⁵⁷⁴

Aceitando a sua viabilidade para a disciplina da Arquitectura, a desfamiliarização promove uma acção crítica constante que proporciona um efeito cognitivo estético singular no sujeito e na sua relação com um objecto de Arquitectura⁵⁷⁵: “[d]efamiliarização, é um conceito muito próximo com o Verfrenulung [*Verfremdungseffekt*] de Brecht⁵⁷⁶ e, também, com o *xenikon* de Aristóteles, foi inicialmente proposto pelo crítico Russo Victor Shklovsky.”⁵⁷⁷ O procedimento de desfamiliarização promove, em traços gerais, uma distância

571 Ibidem, loc. cit.

572 Ibidem, loc. cit.

573 Ibidem, loc. cit.

574 Tradução nossa. No original: “Hence, through appropriately chosen poetic devices of defamiliarization critical regionalism makes the building appear to enter into an imagined dialogue with the viewer. It sets up a process of hard cognitive negotiation in place of the fantasized surrender that follows from familiarization and the seduction that follows from overfamiliarization. It leads the viewer into a *metacognitive* state, a democracy of experience as Jerome Bruner might have called it, it conjures up a ‘forum of possible worlds.’” Ibidem, loc. cit. Grifos no original.

575 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander – Critical Regionalism. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, p. 21.

576 Desenvolvido pelo dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956), *Verfremdungseffekt* ou *V-Effekt* é uma técnica que visa a representação teatral de uma ilusão para envolver o espectador além da emoção. Assim, o espectador é guiado a perceber os demais aspectos do enredo com um distanciamento, ou estranhamento, de modo a espoletar um julgamento crítico. Por outras palavras, o ‘familiar’ terá que o ser no ‘não-familiar’, ou no estranho, através do racional (em vez do emocional) provocado por um processo gradual de envolvimento. Assim, consequentemente desse processo, o espectador é convidado a questionar reflexivamente, sempre em consequência da acção do enredo. Resumindo, o *V-Effekt* de Brecht é realizado em três passos distintos: no escrever, no encenar e no actuar. Em cada desses passos, os métodos para implementar o *V-Effekt* são distintos. Entre outros, considere-se: distância temporal ou local; sátira; cenários mutáveis; final em aberto. Em suma, o *V-Effekt* evidencia que o mostrado em palco é artificial e representado e que os actores em palco jamais são idênticos às figuras literárias que representam. O contexto onde decorre a cena, embora reconhecível ou familiar, é adulterada ou desfamiliarizada a fim de activar um efeito de estranhamento com o intuito de provocar activamente a consciência no espectador. Consequentemente, o espectador torna-se actor enquanto parte activa na acção teatral, intervindo continuamente e reflexivamente no enredo em representação. Na continuidade do dito e na necessidade de aprofundar-se acerca de *Verfremdungseffekt* ou *V-Effekt* de Bertolt Brecht considere-se a investigação de JAMESON, Fredric - *Brecht and Method*. Nova Iorque: Verso, 1998.

577 Tradução nossa. No original: “Defamiliarization, a concept closely related to Brecht's Verfrenulung but also to Aristotle's *xenikon*, was coined, as we mentioned in the beginning of this article, by the Russian critic Victor Shklovsky.” Ibidem, loc. cit.

crítica entre um objecto e um sujeito, isto é, através desse procedimento, o sujeito, refigura um objecto familiar, reconhecido e facilmente identificável, em algo ‘não familiar’, estranho ou distante e, subsequentemente, dificilmente identificável. Sem aprofundar a teoria-crítica literária de Victor Shklovsky importa, então, aproximar a técnica de desfamiliarização da disciplina da Arquitectura.

A técnica de desfamiliarização não contém nem institui um conjunto fechado de procedimentos. Porém, a partir do seu entendimento crítico poder-se-ão traçar aproximações ou mesmo etapas ao seu estabelecimento, porque a desfamiliarização pode ocorrer em função do uso de estratégias ou procedimentos diversos que, em Arquitectura, são indissociáveis do normal processo de projecto. Assim, e por ser uma técnica relacionável ao Regionalismo Crítico, atende primeiramente ao conjunto de premissas já verificadas dessa teoria-crítica. Nesse sentido, advirta-se que ao invés de Frampton, Lefavre e Tzonis jamais determinaram qualquer tipo de procedimentos, lista, pontos ou mesmo taxinomias para uma Arquitectura dita de Crítica. Porém, no âmbito dos seus estudos acerca do Cânone Clássico, esboçaram três tipos de aproximações ou mesmo etapas⁵⁷⁸ para lidar com hiperfamiliarizada ideia de lugar e, mormente, de casa. Em Arquitectura, antes de se discutir acerca do conceito desfamiliarização é preciso não esquecer de que modo os arquitectos lidam com uma ‘realidade’ em termos do particular e, simultaneamente, do universal. Em “*Classical Architecture, The Poetics of Order*”⁵⁷⁹, Lefavre e Tzonis sugerem⁵⁸⁰ três tipos de aproximações para a aplicação, e sequente revelação, da familiarização e da desfamiliarização. Embora, reconhecendo o risco – e sendo este o tema de um novo estudo – afirmam que existem três aplicações principais de uso parcial do cânone clássico: (1) “Citacionismo” de motivos clássicos, também denominado de classicismo sem regras; (2) “Sincretismo”; e (3) o uso de fragmentos clássicos

578 Embora o âmbito dos estudos seja a Arquitectura Clássica, etapas sugeridas por Lefavre e por Tzonis são facilmente integradas na discussão referente ao Regionalismo Crítico.

579 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Classical Architecture, The Poetics of Order*. Cambridge: MIT Press, 1986.

580 Porém, afirmam: “In a building as in a tragedy, it is difficult to disentangle how much the use of the classical canon leads to strangemaking and how much leads to imitation, to, one is tempted to say, “samemaking,” how much through formalization the building confronts reality and how much it represents it. It is equally difficult to specify the degree to which formalization, generalization, and strangemaking separate the work from the world without concurrently engaging it critically with reality. It all depends on how the work is being used, on our intentions as much as on the structure of the work itself. It is even more difficult to ascertain the interpretations that classical formal patterns might have when applied in ways outside the canon.” Ibidem, p. 279.

de “meta-afirmação arquitectónica”⁵⁸¹. Por um lado, “citacionismo pertence ao “classicismo” de *kitsch*⁵⁸², de produtos de consumo, de propaganda, e de ainda mais ambiciosos objectos culturais, edifícios de “prestígio” e, em várias ocasiões, *alguns* dos chamados edifícios pós-modernistas.”⁵⁸³ De fácil ‘leitura’, o citacionismo, em termos gerais, revela-se pela colagem acrítica de elementos ou motivos decorativos pitorescos ditos de ‘clássicos’ em estruturas arquitectónicas contemporâneas⁵⁸⁴. A (re)utilização de tais elementos por associação e, por vezes, redução, torna os edifícios em meros simulacros de uma ‘realidade’, transformando-a em cenográfica sem qualquer correlação com um espaço e com um tempo⁵⁸⁵. Por isso, asseveram os autores, a ‘realidade’ torna-se hiperfamiliarizada e, com isso, falsamente íntima na relação entre objectos (arquitectónicos) e sujeitos (que os habitam).⁵⁸⁶ Por outro lado, ao invés do anterior, o sincretismo e o uso de fragmentos na meta-afirmação arquitectónica, não estimulam ilusões ou sentimentos nostálgicos.⁵⁸⁷ Porém, ambos podem desencadear sentimentos pessimistas, irónicos, polémicos ou adversos, mas sempre dependentes de uma postura crítica.⁵⁸⁸ Dessa acção, e recuperando o significado etimológico de sincretismo, resulta estranhamento com efeitos *non sequitur*⁵⁸⁹. A meta-afirmação arquitectónica é conseguida pelo uso subtil de

581 Ibidem, loc. cit. Refira-se que essas aplicações, etapas ou aproximações não podem ser lidas como partes isoladas ou distintas entre si mas, enquanto processos de síntese, como partes integrantes e dialogantes de um todo.

582 Os autores usam “*kitsch*” também em sentido pejorativo.

583 Tradução do autor. No original: “(...) citationism belongs the “classicism” of kitsch, of consumer products, of propaganda, and of even more ambitious cultural objects, “prestige” buildings and in several occasions *some* of the so-called post-modernist buildings.” Ibidem, loc. cit. Note-se que, embora presente em diversos ensaios da crítica de Arte, “*citationism*” não é um termo comumente utilizado. E, acentuando o afirmado, por vezes, em vez de “*citationism*” alguns autores usam “*citationality*”. Não obstante tal disparidade, afirma-se que ambos termos remetem, no campo da Literatura, para o uso da citação directa ou indirecta de outros autores ou textos. No campo da Arte e, por vezes, no da Arquitectura, o uso de “*citationism*” ou de “*citationality*” remete para uma ‘cultura’ pós-moderna, em muito associado à citação directa ou indirecta de entidades pertença de outras obras. Nesse sentido, na tentativa de precisar a acção de “*citationism*” ou de “*citationality*” para a língua portuguesa optou-se por associá-la a um outro conceito advindo do campo disciplinar da Literatura. Ou seja, o conceito intertextualidade presta-se à referida precisão por ser, sumariamente, a criação de um texto a partir de outro pré-existente e por, entre outros tipos, compreender a ‘citação’. Assim, correccionado com intertextualidade, optou-se pelo uso de ‘citacionismo’ na língua portuguesa enquanto, *grosso modo*, a acção de citar directamente ou indirectamente algo, reconhecendo que “[t]odo discurso forma parte de una historia de discursos: todo discurso es la continuación de discursos anteriores, la cita explícita o implícita de textos previos. Todo discurso es susceptible, a su vez, de ser injertado en nuevos discursos, de formar parte de una clase de textos, del corpus textual de una cultura. La intertextualidad, junto con la intencionalidad comunicativa, es requisito indispensable del funcionamiento discursivo.” REYES, Graciela - *Polifonia textual: la citación en el relato literario*. Madrid: Gredos, 1984, pp. 42-43. Por fim, refira-se a importância do processo decorrente dessa acção que, conforme adiante verificado, será vital para o entendimento de uma condição latente de uma expressão da Arquitectura portuguesa, em particular, da primeira metade do séc. passado. Por ora, refira-se resumidamente que intrínseco a esse processo de citação encontra-se um outro, um estreito processo triádico de descontextualização, recontextualização e, novamente, de contextualização, ou seja, de ressemantização, de entendimentos do particular (mormente de cariz rural) em nacionais ou, e melhor, nacionalistas.

584 Ibidem, loc. cit.

585 Ibidem, loc. cit.

586 Ibidem, loc. cit.

587 Ibidem, p. 280.

588 Ibidem, loc. cit.

589 Ibidem, loc. cit.

fragmentos conceptuais ou físicos – ambos pertença do local ou de Região – que totalizados e holisticamente integrados no projecto se elevam a (meta)afirmações que provocam um diálogo crítico contínuo entre objecto e sujeito. Esses fragmentos (do particular) podem ser recombinaados com outros (do universal) e assim, por sincretismo, originarem outros ou híbridos. Através de matrizes espaciais particulares, esses fragmentos podem ser transferidos, reapropriados ou reinterpretados no processo de projecto e ao deixarem o seu ‘domínio’ primeiro provocarem, no diálogo entre objecto e sujeito, um efeito de estranhamento. Assim, esses fragmentos conceptuais ou físicos meta-afirmam-se no sentido de uma função de questionamento crítica permanente. Note-se que, complementando a explanação, ambos os autores exemplificam essas aproximações em casos concretos de Arquitectura contemporânea⁵⁹⁰.

Em suma, citacionismo é mais perceptível no eclectismo formal de uma práxis arquitectónica contemporânea, dita de Pós-Moderna⁵⁹¹. Ao ‘citar’ directamente e acriticamente elementos arquitectónicos familiares, a obra de Arquitectura não alcança uma função auto-reflexiva da ‘realidade’ onde se estabelece. O sincretismo e o uso de fragmentos na meta-afirmação arquitectónica são etapas críticas intrínsecas ao procedimento de desfamiliarização. Nestes termos, o sincretismo arroga-se como processo de fusão, troca e de restabelecimento de identidades, que evidenciam a fusão de coisas díspares a favor do que delas é semelhante. É, igualmente, um processo de síntese evidentemente dinâmico, revelado pelo restabelecimento empírico de ‘identidades’ que se tornam mestiças ou híbridas e que resultam do dito processo de fusão. Conclua-se que das três aproximações ou etapas propostas por Lefavre e por Tzonis a que mais se destaca, no âmbito desta investigação, é o sincretismo. Tal distinção deve-se ao facto de que da acção de sincretismo resulta primeiramente uma síntese e,

590 “Examples of the combination of syncretism and metastatement are to be found in early Renaissance works, in Brunelleschi or Alberti, or in late Renaissance works. More recently they can be found in the “neo- classical modernist” buildings, which recall, in their formal organiza- tion and in their “syncretist” or “metastatement” approach, parallel efforts of Stravinsky, Picasso, Andre Gide, and Ezra Pound. Among these let us single out Le Corbusier’s Villa Savoye (1928- 1929) and the buildings of Chandigarh, which apply certain aspects of classical taxis and symmetry while violating others and ignoring altogether the gen- era. The same can be said about Mies van der Rohe’s Crown Hall Commonwealth Apartments, and Seagram Building, where there is a constant shift from the classical to the De Stijl canon. Finally a similar observation can be made for the most intriguing plan of Aldo van Eijk’s orphanage at Ijsbaanpad near Amsterdam, and some buildings of the Italian rationalists of the 1930S, especially the work of Giuseppe Terragni, where the two canons, classical and modernist, are joined in a perfect formal amalgam.” Ibidem, pp. 280-281.

591 Conforme adiante verificado, citacionismo é igualmente intrínseco a uma expressão da Arquitectura portuguesa associada à demanda Nacionalista, em particular, na primeira metade do século XX.

enquanto tal, é determinante ao processo projectual em Arquitectura. Por um lado, o sincretismo convoca a instrumentalidade da Forma-do-Lugar e, por outro, desvenda manifestações e práticas que, ao serem interpretadas, ajustarão uma narrativa de *Regionalidade*. A técnica de desfamiliarização possibilita, então, revelar a efectiva presença e, principalmente, a autoridade da Forma-do-Lugar no processo de projecto. Porém, refira-se que a desfamiliarização não é explicitamente uma técnica ou um método científico. E, no âmbito desta investigação, é um instrumento de interpretação e de medição crítica que por revelar principalmente exercícios de sincretismo intraproceto se torna apta a reconhecer a condição auto-reflexiva própria da singular dialéctica entre particular e universal de uma expressão da Arquitectura portuguesa contemporânea.

Conclusões parciais

“Era [é] um dispositivo conceptual que escolhemos para usar como uma ferramenta de análise. Para tornar o argumento mais preciso e explícito, combinamos o conceito de regionalismo com o conceito crítico kantiano. O dito elo pretendeu distinguir o uso do conceito de regionalismo do uso sentimental, preconceituoso e irracional usado pelas gerações anteriores. O conceito de regionalismo aqui indicado é uma aproximação ao pensamento projectual que prioriza a identidade do particular ao invés de dogmas universais.”⁵⁹²

Independentemente de polémicas, doxas, categorizações, leituras espontâneas acerca de práticas isoladas, marginais, resistentes ou de autor, interessa fixar a oportunidade da formulação da teoria-crítica do Regionalismo Crítico com o intuito de asseverar manifestações e práticas de *Regionalidade* próprias de uma expressão arquitectónica portuguesa contemporânea. O anteriormente analisado não reforça uma receita e muito menos um método de classificação, taxionomia ou estilo, mas reitera o já afirmado, ou seja, um processo com uma dinâmica própria e mutável em função de uma ‘realidade’ particular. É uma negociação constante e em sentido ascendente, de (e entre) uma cultura local ou regional e uma civilização universal, e vice-versa. Então, o Regionalismo Crítico é uma aproximação teórica-crítica que compreende o resultado, e principalmente, os processos próprios a esse resultado. Das demais etapas e procedimentos críticos, interessa reiterar a sua condição poética auto-reflexiva e auto-referente, com mensagens explícitas e com meta-mensagens implícitas matricialmente erigido numa simbiose entre o particular e o universal. Assim resumidamente entendido, na continuidade do analisado nos capítulos anteriores, em tal Regionalismo, liberto da relação mais directa com o Modernismo e Pós-Modernismo, persiste a vitalidade do seu papel mediador numa actualidade⁵⁹³ diante das demais vicissitudes económicas, sociais e culturais do vasto processo de universalização, hoje vulgarmente dito Globalização. Essa mediação

592 Tradução nossa. No original: “It was a conceptual device that we chose to use as a tool of analysis. To make the argument more accurate and explicit we combined the concept of regionalism with the Kantian concept critical. The link was intended to distinguish the use of the concept of regionalism, from its sentimental, prejudiced and irrational use by previous generations. The concept of regionalism here indicated is an approach to design giving priority to the identity of the particular rather than to universal dogmas.” Ibidem, loc. cit. Grifos nossos.

593 Essa vitalidade é corroborada pelas investigações recentes de diversos autores sobre as possibilidades singulares do Regionalismo Crítico face a questões e temas hoje pertinentes como a sustentabilidade nas suas demais vertentes, tais como, a económica, ambiental, energética, social e cultural – veja-se, como exemplo, o Movimento do Bio-Regionalismo e os artigos recentes de autores como Barbara Allen ou Steven More. Cf. CANIZARO, Vincent B. (ed.) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007.

possibilita um renovado estar complementar entre o universal e o particular, facultando caminhos ainda viáveis e muito necessários na actualidade para a disciplina da Arquitectura.

Para justificar a dita possibilidade tornou-se imperativo percorrer o intricado enredo teórico-crítico desse Regionalismo. Nesse sentido, os capítulos desta segunda parte intentaram erigir uma síntese desse Regionalismo nas suas diferentes vertentes, aproximações, estratégias ou mecanismos críticos. Pretendeu, ainda, desfazer alguns dos muitos mal-entendidos referentes a Regionalismo, em particular, o Crítico, no campo disciplinar da Arquitectura.

Em suma, retenha-se a instrumentalidade da Forma-do-Lugar – revelada, em particular, pelos contínuos exercícios de sincretismo próprios da técnica de desfamiliarização – para um pensamento projectual que, ao ser devidamente interpretado, na análise directa das suas consequentes expressões e manifestações arquitectónicas aclararão os constituintes de *Regionalidade*. Esses constituintes, ao serem coligidos e subsequentemente integrados, ajustarão uma narrativa acerca do lastro, da vitalidade e da oportunidade de uma *Regionalidade* na Arquitectura portuguesa contemporânea.

Parte III Itinerários de *Regionalidade*

Considerações prévias

A citação de Ramalho Ortigão (1836-1915) anuncia uma profundidade de campo que, ao ser reflectida e perspectivada de forma interdisciplinar, em função de um plano de foco específico, auxiliará a precisar a circunstância de um pensamento projectual e, conseqüentemente, de uma expressão da Arquitectura portuguesa contemporânea que se crê singular.

“O que constitue a originalidade na architectura de qualquer povo é, como em Portugal, na época manuelina, a subordinação de um systema qualquer de geometria architectural ás condições do clima e da paisagem, á natureza dos materiais empregados, á flora, á fauna, á concepção religiosa, á historia, á poesia, ao temperamento e á psychologia dos artistas, em cada região. Quanto mais intensa for a intervenção d'esses factores mais original será a obra.”⁵⁹⁴

Sem perder de vista o foco (ou hipótese) em estudo, a profundidade de campo revela um intervalo temporal que poderá ter diversas delimitações. A interpretação desse tempo longo revela igualmente uma considerável e complexa narrativa multi e interdisciplinar. Por isso, os itinerários aqui encetados intentarão dirigir gradualmente o foco para o campo disciplinar da Arquitectura e, assim, erigir uma narrativa síntese dos demais relatos que possibilitam develar uma *Regionalidade* latente (?). Portanto, a pesquisa de relatos primeiros à afirmação subsequente dessa condição de *Regionalidade* esclareceu e cintou um primeiro intervalo temporal. O período compreendido entre os anos finisseculares e os meados da década de quarenta do século passado revelou-se fundamental na determinação de um modo particular de pensar e fazer Arquitectura que, no caso português, firmou os constituintes matriciais – e o processo a eles intrínseco – de *Regionalidade*.

Enquanto hipótese pertinente para uma interpretação e problematização na temporalidade considerada, o Regionalismo arroga-se como um possível elemento agregador para observar, revelar e sintetizar uma expressão da Arquitectura. Neste sentido, e na sequência do anteriormente considerado, o Regionalismo possibilita, ainda, agrupar sob a sua égide não só a Arquitectura, mas também outras disciplinas vitais para a compreensão desse tempo. Porém, é importante salientar que o supramencionado Regionalismo não é (ainda) o Crítico

594 ORTIGÃO, Ramalho - *O Culto da Arte em Portugal*. Lisboa: António Maria Pereira (Livreiro-Editor), 1896, p. 147.

nem nenhum dos demais Regionalismos postulados, no mesmo intervalo temporal, sobretudo por Lefaivre e por Tzonis nas suas diversas investigações⁵⁹⁵. Contudo, é cronologicamente contíguo de outros, em particular dos nomeados de “De Regiões a Nação”, “Regionalismo Nacionalista”, “*The International Style versus Regionalismo*” e “Regionalismo Comercial”⁵⁹⁶ com assinaláveis diferenças que derivam da circunstância histórica portuguesa aqui considerada. Mencione-se, ainda – destacando a particularidade portuguesa da primeira metade do século XX –, que sob Regionalismo se reúne uma vasta e complexa “tessitura”⁵⁹⁷ circunstancial de ordem variada, que entre muitas outras inclui a ideológica, política, social, económica e cultural. Portanto, precise-se que em diante importa evidenciar quais os ‘agentes’ e quais os ‘suportes’ envolvidos nessa tessitura complexa, a fim de compreender os seus mecanismos, sempre considerados como ‘productos’ num tempo histórico próprio – correlacionados com as circunstâncias, distintivas à investigação, desse tempo. Note-se, obviamente, que a evidenciação dessa tessitura não aborda a totalidade das demais dimensões de um fragmento temporal, mas apenas uma síntese dos factos significativos para a análise de uma narrativa complexa e multifacetada, na possibilidade dessa síntese ser expressivamente coerente e uniforme. Para tal feito, o modelo de observação anteriormente declarado guiará o processo de selecção dos tempos históricos e da evidenciação dos factos que se crêem significativos enquanto relatos indispensáveis à verificação das hipóteses consideradas por esta investigação.

Advindo de Regionalismo, o modelo de observação constituir-se-á, por um lado, como guia diante da dita profundidade de campo e, por outro, pela sua pertinência, servirá igualmente de filtro teórico-crítico necessário à selecção de relatos vitais à construção de uma narrativa síntese. Reitere-se que os relatos, em

595 Entre outras, cf. LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012.

596 Títulos de capítulos resumidos dos diversos momentos contemporâneos do Regionalismo segundo as investigações de cariz historiográfico de Lefaivre e de Tzonis. Entre outros – embora, como anteriormente referido, com diferentes títulos de edição em edição – veja-se a mais recente de ambos autores: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Nova Iorque: Routledge, 2012. Aceitando esses momentos do Regionalismo, saliente-se que são em grande parte comuns a uma Europa na primeira metade do séc. XX. Por outras palavras, embora seja possível relaciona-los nessa temporalidade com a realidade portuguesa de então, não se detectou uma correlação efectiva.

597 Cf. SANTOS, Rafael José dos - Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. In: *Antares, Letras e Humanidades, Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul*, nº2, jul-dez 2009, p. 16. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/399/328>. Acesso em: 23 Out. 2012.

diante considerados, evidenciam parte da referida profundidade de campo multidisciplinar e interdisciplinar, implícita ou explicitamente, em relação aos fenómenos que se pretende inquirir. Do mesmo modo, o filtro teórico-crítico permite convocar e agregar os diferentes saberes de outras áreas disciplinares, integrando-os sempre no pensamento próprio da Arquitectura – enquanto território amplo de cruzamento desses outros saberes –, a fim de poder tornar a ‘realidade’ em observação inteligível. Portanto, intenta-se uma narrativa síntese, homogénea e operativa referente à problematização da hipótese e suas questões em estudo. Assim considerado e circunscrito, em traços gerais, na sua base pela dialéctica particular-universal, o modelo de observação, atenta à particularidade portuguesa da disciplina da Arquitectura. Ao longo do intervalo temporal em diante considerado, serão enunciadas as circunstâncias em que ocorrem as tensões entre o que nos é ‘familiar’ e do que nos é ‘estranho’. Será privilegiado o campo da Arquitectura doméstica⁵⁹⁸, na sua expressão directa e indirecta. Tal privilégio deve-se, por um lado, a uma vasta produção teórica-crítica e sistematizada nos demais meios de divulgação próprios da disciplina da Arquitectura (e não só), ao longo do século XX; por outro, por ser entendido enquanto expressão primeira na qual se precisa a problemática em estudo – directamente no sentido da projectada e da construída; indirectamente no sentido da simbolicamente pensada e narrada, instituída e (re)construída. Em seguida, procurar-se-ão traçar itinerários dentro de um vasto percurso histórico, em conformidade com a expressão de Husserl,⁵⁹⁹ ou seja, através de uma redução ou excursão histórica. Esse método tem como objectivo evidenciar relatos que, nos seus diversos linguajares disciplinares – ideológicos, políticos, literários, antropológicos, sociológicos, históricos, artísticos e arquitectónicos – serão essenciais à fundamentação e subsequente afirmação implícita ou explicitamente, de uma condição própria de uma expressão da Arquitectura nacional. Reiterando o já afirmado, será da tessitura de acções, relações e sentidos que emergirão manifestações ou práticas que ao serem

598 Esta investigação não pretende aprofundar directamente o tema da casa ou o da habitação portuguesa. No entanto, conforme referido, o modelo de observação traçado pela investigação incidirá sobre a Arquitectura doméstica portuguesa nas suas variadas ‘escalas’ – da habitação unifamiliar, por vezes à multifamiliar e, no seu conjunto, à cidade – no período temporal considerado

599 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Critical Regionalism. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, p. 4.

devidamente sintetizadas ajustarão, em particular a partir da segunda metade do século XX, uma narrativa de *Regionalidade*.

1. Uma *Regionalidade* latente?

1.1. Antecedentes: o de ‘lá de fora’ e o de ‘cá de dentro’

“O desconhecimento do país, e portanto a falta de consciencia nacional, faz que os artistas se inspirem em ideias estrangeiras, no teatro se representem obras traduzidas e com cunho anti-português, os romances sejam por vezes productos hybridos, a linguagem frequentemente uma aravia, como se observa todos os dias nos jornaes, não se oução nas festas públicas as nossas musicas populares, nem nos proprios divertimentos do Entrudo entrem os nossos typos caracteristicos, como antigamente succedia; faz finalmente que todos prefirão sempre ao que é nosso o que vem de fóra, ainda quando este não é melhor.”⁶⁰⁰

Nos anos de transição do século XIX para o século XX – entre complexas tensões, instabilidades e transformações ideológicas, políticas, sociais, económicas e culturais – Portugal celebra-se circunstancialmente, entre avanços e recuos constantes, oposições, revivalismos de cariz histórico e tendências progressistas de movimentos renovadores. Em traços gerais, importa primeiramente desse tempo resgatar o incessante conflito entre o de ‘cá de dentro’ e o “que vem lá de fora”⁶⁰¹. Esse conflito ou negociação incessante, própria da Modernidade em Portugal – e em grande parte da Europa – é, em continuidade, parte integrante de outro mais profundo, herdado de oitocentos: a demanda erudita de uma ‘identidade ou autenticidade’⁶⁰² nacional’ em Arquitectura. O de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’ são os alicerces de um processo ou conflito contínuo, que ao ser apreendido, terá um papel basilar na evidenciação de uma futura *Regionalidade*, uma condição própria de uma expressão da Arquitectura nacional. Sem esquecer essa dicotomia, e de acordo com Pedro Vieira de Almeida⁶⁰³ os vectores “culturalista” e “progressista” são

600 VASCONCELOS, José Leite de - *Historia do museu etnologico português*. Lisboa: Imprensa nacional, 1915, p. 14. Disponível em: <http://www.archive.org/details/historiadomuseue00vasc>. Acesso em: 20 Set. 2012. Note-se que tais “productos hybridos” antecipam, *grosso modo*, uma condição latente considerada nesta investigação como de *Regionalidade*.

601 Veja-se, igualmente, acerca desse conflito: RAMOS, Rui J. G. - Identidade e arquitectura: uma leitura da questão habitacional na primeira metade do século XX português. Aula integrada na unidade curricular Cultura e Habitar do curso de doutoramento do Programa de Doutoramento em Arquitectura, Terceiro Ciclo de Estudos, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (conforme previsto no Decreto-Lei no 239/2007 de 19 de Junho para a atribuição do título académico de agregado no ramo do conhecimento de Arquitectura pela Universidade do Porto), p. 6. Disponível em: <http://tinyurl.com/mb8tt9m>. Acesso em: 28 Jul. 2013.

602 Aliado ao substantivo identidade – usado por alguns investigadores deste período (cf., entre outros, os trabalhos de José Mattoso, José Manuel Sobral e, no campo da Arquitectura, os de Rui Jorge Garcia Ramos) – interessa reforçar autenticidade. Embora próximos, crê-se mais apropriado o uso do substantivo autenticidade para melhor enquadrar o ‘conflito’ em muito determinante desse tempo; ou seja, do conflito entre o de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’ sobressai a procura, implícita ou explícita, duma expressão autêntica portuguesa verificável nas demais disciplinas do saber.

603 Analisado em conjunto com incontornáveis contributos de, entre outros, José-Augusto França, Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira, Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez e de José António Bandeirinha, cf. ALMEIDA, Pedro V. - Modelo

(continua)

reveladores da emergência, permanência e persistência dessa condição que se intui latente.

Circunstancialmente, a negociação contínua entre o de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’ é, *per se*, catalisador de uma ‘resposta’ multidisciplinar passível – por ora – de ser nomeada de ‘regionalista’. Mas, o uso do adjetivo ‘regionalista’ carece novamente de precisão. Recuperando o já afirmado, no que respeita ao campo disciplinar da Arquitectura, os argumentos de Lefaivre e de Tzonis⁶⁰⁴ auxiliam a precisar que o que distingue a expressão ‘regionalista’ da unicamente ‘regional’. Nesse contexto, verifica-se que o primeiro conceito – ‘regionalista’ – incorpora elementos regionais no processo projectual como um meio de se adaptar às condições locais e também para criticar uma ordem arquitectónica que reivindica uma aplicação universal⁶⁰⁵. Portanto, justifica-se o uso de ‘regionalista’ como reacção ou resposta ao de ‘cá de dentro’ (particular), contra o que vem de ‘lá de fora’ (universal) e pela consequente exaltação de uma ‘autenticidade’, que é condição legitimadora de uma identidade nacional. Aparentemente antagónicos, os termos particular e universal, ao serem inquiridos dicotomicamente, revelam uma afinidade considerável numa profundidade de campo multidisciplinar. Dessa afinidade infere-se uma dinâmica processual particular que ao ser investigada, na temporalidade aqui considerada, evidenciará uma matriz, implícita ou explícita, de uma expressão da Arquitectura portuguesa. Contudo, antes de mais, reitere-se e precise-se que a referida dinâmica é resultante de um conjunto sequencial e particular de factos, ou seja, é multidisciplinar e interdisciplinar e, em grande parte, transdisciplinar, com proveniências fora da disciplina da Arquitectura. De difícil precisão, a investigação desse processo evidência limites disciplinares difusos e, por vezes, imprecisos asseverando uma considerável complexidade na sua circunscrição. Na sequência do afirmado nas considerações prévias desta Parte III, é necessário circunscrever esses limites na totalidade da sua estrutura focada através duma lente específica: o Regionalismo. Advirta-se, porém, que

progressista, modelo culturalista. In: ALMEIDA, Pedro V., Fernandes, José M. - *História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna*, vol. XIV. Lisboa: Alfa, 1986, pp. 72-89 e ALMEIDA, Pedro V. - *Apontamentos Para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, pp. 122-124.

604 Cf. Parte I. Da Região, ponto 1.3. Regionalismo e Parte II. Por um modelo teórico-crítico, ponto 1.1. Da “grelha” e do “itinerário”.

605 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Critical Regionalism. In: AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings* [Janeiro de 1989]. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, p. 5.

não é por comodidade de exposição que se usará, por ora, Regionalismo. Em verdade, se observada a partir da disciplina da Arquitectura e em linha com o processo dialéctico determinado pelo binómio particular-universal, entre o de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’, constata-se que da questão da autenticidade emerge, indubitavelmente, o Regionalismo. Quando estimado como uma hipótese pertinente para uma interpretação e problematização na temporalidade considerada, o Regionalismo arroga-se como um possível elemento agregador para observar, revelar e sintetizar uma expressão da Arquitectura. Em tom de resumo, o Regionalismo agrupa sob a sua égide um conjunto de oposições dialécticas complementares que interessa novamente sintetizar: Resistência e Resposta; Imitação e Invenção; Tradição e Inovação. Das três oposições, destaca-se a reiterada atenção – nas várias publicações de cariz variado, da época – no que se refere à dialéctica entre Tradição e Inovação. Portanto, se circunscrito ao âmbito disciplinar da Arquitectura, o Regionalismo opera simultaneamente em duas vertentes. Por um lado, actua sobre dispositivos estruturantes do pensamento e do processo de projecto, tais como as geometrias concretas⁶⁰⁶, o conjunto de condições imposto pelo meio físico natural/artificial e local/regional (*e.g.*, topografia, limites, luz, clima, forma tectónica); por outro, ao ser um instrumento de observação, torna-se estruturador duma narrativa teórica-crítica, constituindo-se como hipótese relevante para uma interpretação dessa prática de projecto.

Todavia, conforme previamente verificado, o uso desse *-ismo* declara, quase de imediato, um vocábulo abrangente de contornos difusos na sua circunscrição. Assim, desvinculando-o de *-ismos* e das demais polémicas a ele facilmente associadas retenha-se, primeiramente, Regionalismo como um discurso de carácter laudatório, acerca de Região. Consequentemente, insistindo no já afirmado e particularmente no domínio da Arquitectura, existem dois grandes tipos de discursos associáveis ao Regionalismo: um é consequente de um movimento descendente e o outro sequente do inverso, ou seja, de um movimento ascendente. Apesar de aparentemente idênticos, são em muito diferentes. O primeiro será evidenciado para a interpretação e problematização da hipótese na

⁶⁰⁶ Anteriormente consideradas como integrantes da “Forma-do-Lugar”.

temporalidade considerada, ou seja, o discurso sobretudo ideológico e político de índole (gradualmente) absolutista, erigido por agentes eruditos num movimento descendente, embora perspectivado e fundamentado em Região. Esse discurso instituiu-se por meio de uma acção de familiarização – através do uso ou da citação acrítica de um conjunto de elementos supostamente ‘tradicionais’ e ‘familiares’ que firmando uma relação (presumidamente) legitimadora de uma identidade nacional – incorporando motivos ‘populares’ que visam uma hiperfamiliarização, isto é, o ‘vulgar’, indicações ‘como se’ e uma técnica publicitária que serve como ferramenta de agregação para regimes totalitários e chauvinistas.⁶⁰⁷ Na continuidade do citado, “[p]or outras palavras, (...) a sensação de ‘um mundo Ser-o-aí’⁶⁰⁸, uma entidade regional falsa [ou simulada], de fácil acesso, que não só não exige um ‘tradutor’, no sentido de Goethe, para ser entendido, mas também não requer nenhum esforço para ser totalmente possuído.”⁶⁰⁹ Assim, por um lado, esse Regionalismo seleccionou componentes regionais que se ligam a antigas recordações; por outro, introduziu esses componentes em novas edificações que espoletam afinidade e ‘simpatia’ nos seus utilizadores, que os vêem como familiares⁶¹⁰. Reforçando o citado, verifica-se que o “sentimental Regionalismo com sua hiperfamiliarização, imediatamente fácil, excitatório, ‘tal como’ as determinações narcisistas do *Heimat*, teve um ainda maior efeito narcótico – se não mesmo alucinatório – na sua consciencialização.”⁶¹¹

Reconhecida a oportunidade de Regionalismo e insistindo na tentativa de o desvincular de *-ismos* e das demais polémicas a ele facilmente agregadas,

607 LEFAIVRE Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*. Nova Iorque: Prestel, 2003, p. 18.

608 Optou-se por traduzir “*being there*” em linha com a tradução possível de *Dasein* para a língua inglesa. Utilizado, principalmente, por Martin Heidegger, *Dasein* ou “Ser-o-aí” (tradução para a língua portuguesa) reforça, *grosso modo*, a condição de ‘existir’ (no sentido ontológico) sublinhada pelos autores. Sobre *Dasein* veja-se, por exemplo, a tradução de *Sein und Zeit* (1927) para o inglês: STAMBAUGH, Joan - *Being and Time: A Translation of Sein Und Zeit*. Nova Iorque: Wiley, John & Sons, Inc., 1996.

609 Tradução nossa. No original: “highly typified folkloristic motifs aiming at over-familiarized, 'vulgar', 'as if' settings, a technique to be adopted by the political populist propaganda and serving as an instrument of cooptation for totalitarian and mostly chauvinistic regimes.” Ibidem, p. 19.

610 LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Why Critical Regionalism Today? In: *A+U, Architecture and Urbanism*, n.º 236, Tóquio, Maio 1990, p. 31. Grifos no original.

611 Tradução nossa. No original: “sentimental regionalism with its overfamiliarization, immediate easy, titillating, 'as if' narcissistic *Heimat* settings, has had an even more narcotic - if not hallucinatory - effect on consciousness.” Ibidem, loc. cit. Grifos no original. Complemente-se a anterior citação com: “A neo-tribal, illusionist and true-to-the-race architecture is called forth, cultivating genuine hysteria of siege and inspiring a delirious taxonomy of identity and exclusion. It came to be known in Germany as *völkisch* or *Heimatarhitektur*, but similar trends emerged at the same time in large parts of the world where totalitarian regimes had taken over.” Ibidem, loc. cit., p. 19.

evidencie-se as três principais aproximações possíveis a ele associadas em Arquitectura. Por serem operantes, essas aproximações ou etapas, são proposições patentes no modelo teórico-crítico de observação e por isso primordiais à interpretação de um pensamento e expressão da Arquitectura portuguesa, a fim de efectivar relatos que, ao serem devidamente epitomados, futurarão narrativas de *Regionalidade*. Nesse sentido, sem esquecer a instrumentalidade primeira da Forma-do-Lugar, a aproximação ou etapa a considerar concernente à acção de familiarização é, sobretudo, o citacionismo. Ressalvando, desde já, que a referida aproximação ou etapa carece de um esclarecimento mais aprofundado na temporalidade aqui considerada⁶¹². O citacionismo revelou-se, em termos gerais, pela citação de entidades ou elementos ornamentais intencionalmente pitorescos ditos de ‘autênticos’. Tal autenticidade advém de uma circunstância histórica peculiar em Portugal que enquanto causa, pré-estabelecerá uma consequência ou uma resposta regionalista que, gradualmente, evoluirá para nacionalista. Resumindo, a (re)utilização de tais elementos supostamente autênticos por associação e, por vezes, por redução, institui simulacros de uma ‘realidade’, transformando-a em cenográfica e hiperfamiliarizada. Com o desígnio de precisar o processo da (hiper)familiarização e o do citacionismo, interessa retomar a negociação incessante entre o de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’ e a consequente resposta multidisciplinar de índole regionalista – e a sua gradual evolução para nacionalista – na exaltação de uma ‘autenticidade’, condição legitimadora de uma identidade nacional. Destacando-o dos demais temas, a questão da ‘autenticidade’, resulta da demanda identitária⁶¹³, que pela sua constância

612 Cf. Parte III. Itinerários de *Regionalidade*, ponto 1.2. ‘Typo’ português ou por uma ‘Casa Portuguesa’.

613 Rui Jorge Garcia Ramos é um dos autores que destaca a hipótese para a interpretação da Arquitectura no período aqui considerado a partir da demanda, própria da Modernidade, de uma identidade portuguesa – até, *grosso modo*, à década de 60 do séc. passado: “Nesta lição pretendo tratar a questão identitária em Arquitectura como reflexão significativa para a releitura da sua história, entre 1900 e 1960, e como roteiro para uma interpretação alargada do séc. XX português.” RAMOS, Rui J. G. - Identidade e arquitectura: uma leitura da questão habitacional na primeira metade do século XX português. Aula integrada na unidade curricular Cultura e Habitar do curso de doutoramento do Programa de Doutoramento em Arquitectura, Terceiro Ciclo de Estudos, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (conforme previsto no Decreto-Lei no 239/2007 de 19 de Junho para a atribuição do título académico de agregado no ramo do conhecimento de Arquitectura pela Universidade do Porto), p. 3. Disponível em: <http://tinyurl.com/mb8tt9m>. Acesso em: 28 Jul. 2013. Entre outros títulos, cf. igualmente a publicação resultante da investigação de Doutoramento: RAMOS, Rui J. G. - *A Casa: arquitectura e projecto domestico na primeira metade século XX português*. Porto: FAUP Publicações, 2010. No entanto, sem esquecer essa possibilidade, a hipótese aqui colocada intenta acercar a configuração num tempo maior de um pensamento projectual que se crê singular. Por isso, procura-se evidenciar um processo gradual, alicerçando-se em Regionalismo na possibilidade de este ser causa e consequência, ainda numa actualidade, da permanência de uma *Regionalidade* da Arquitectura portuguesa.

interdisciplinar conduziu em grande parte a instituição da resposta⁶¹⁴ de índole regionalista. Não é de descurar, muito pelo contrário, a circunstância ideológica-política de então. Acontecimentos como a celebração do tricentenário da morte de Luís de Camões (10 de Junho de 1880) e o *Ultimatum* ou ‘memorando’ imposto por Inglaterra acerca das, então, colónias de Moçambique e de Angola (11 de Janeiro de 1890) a Portugal, reavivaram sentimentos variados de pendor identitário e gradualmente nacionalista⁶¹⁵. Consequentemente, esses sentimentos identitários, transversais à sociedade erudita de então, favoreceram a celebração da terra, da língua e da história nacionais. Firmados nessa celebração, parte desses intelectuais traçaram gradualmente uma visão idílica do espaço rural regional português como matriz de um Portugal ancestral e autêntico.

Na continuidade do afirmado, numa gradual aproximação da discussão ao campo disciplinar da Arquitectura, interessa compreender que a abordagem portuguesa no século XX necessita aqui duma reflexão acerca da situação dos anos finisseculares, nomeadamente em relação à questão oitocentista dos estilos históricos associados ao passado, que se mantiveram e dominaram a produção arquitectónica no início do novo século.⁶¹⁶ Reiterando o citado, as consequências efectivas dessa herança foram, em grande parte, apenas manifestações de cariz opinativo na discussão, interpretação e orientação acerca de uma expressão de Arquitectura que se ambicionava ‘portuguesa’. Consumadas por intelectuais de diferentes quadrantes da sociedade de então, sobressai o debate fundamentado na instilação de uma Arquitectura estrangeirada destruidora dos genuínos valores nacionais. Neste âmbito, o debate em torno de uma Arquitectura que procura as suas raízes portuguesas torna-se comum e mantêm-se possivelmente até ao final

614 Ou seja, “tratar a questão identitária em arquitectura como reflexão significativa para a releitura da sua história, entre 1900 e 1960, e como roteiro para uma interpretação alargada do séc. XX português.” PEREIRA, Paulo - *2000 anos de arte em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates, 1999, p. 319.

615 “Com efeito, uma determinada consciência nacionalista, própria da geração intelectual de 90, marcada, por um lado, pelo surto patriótico contra o *Ultimatum* e, por outro, por um ensimesmamento tradicionalista, sublinhando os valores das «serras» contra a «cidade», tendia a valorizar, como eminentemente portuguesa, a arte românica, dos primórdios da nacionalidade. No norte do País essa arte multiplicava-se em Sés e em pequenas igrejas que eram estudadas, num movimento cultural incentivado por Joaquim de Vasconcelos, e o «Domus Municipalis» de Bragança fornecia modelo estrutural para usos diversos, ao nível estilístico. Daí se partiu para a questão de definição da «casa portuguesa» que constituiu ponto principal, senão «ponto de honra», de lucubrações ideológicas, históricas, etnográficas e técnicas, que encheram os anos finais de Oitocentos e os inícios de Novecentos.” FRANÇA, José-Augusto [1979] - *A Arte Portuguesa de Oitocentos*. Lisboa: Biblioteca Breve. Instituto de Cultura Portuguesa, 1992, p. 108.

616 E, advirta-se, que “sem focar esta conjuntura, não parece possível entender o percurso da arquitectura moderna portuguesa e as contribuições nacionais para a evolução da história da arquitectura.” TOSTÕES, Ana - *Ecletismo, Revivalismo e a «Casa Portuguesa»*. In: PEREIRA, Paulo (direcção) - *História da Arte Portuguesa*, 3º vol.. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997, p. 507.

de 1960, através de expressões e conteúdos.⁶¹⁷ Patente em diversos periódicos de então, essa “procura fazia-se sobretudo contra uma cíclica ameaça do portuguesismo, mais do que pela preposição unívoca, facto que se traduzia na multiplicidade e sobreposição de respostas e de contra respostas.”⁶¹⁸ A fim de identificar e, possivelmente, sintetizar tal multiplicidade de respostas, torna-se novamente inevitável a incursão, ainda que breve, por outros campos disciplinares. Ao longo do século XX – ainda que observadas com algum distanciamento – a Arquitectura e a Antropologia apresentam alguma similitude, mas na modernidade cada uma das disciplinas se organizou em torno dos fortes fundamentos que as estruturam. Esta estruturação, segundo João Leal (1954-) acaba por se desenvolver paralelamente, sem que os seus praticantes disso tivessem consciência.⁶¹⁹ Retenham-se, então, as respostas e contra respostas, que decorrem em particular das investigações que deram origem à obra “Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional”⁶²⁰, de João Leal. Essa e outras investigações subsequentes sustêm e complementam as investigações próprias da disciplina da Arquitectura, sobretudo os relatos primordiais que evidenciam uma *Regionalidade* latente no intervalo temporal aqui considerado. Resultante do permanente diálogo⁶²¹ interdisciplinar organizado em torno de “grandes motivos estruturantes”, saliente-se que “[u]ma dessas conversas – a mais produtiva – foi, para o caso português, a que teve lugar em torno da arquitectura variavelmente designada de popular, regional, rural tradicional, vernácula, espontânea, sem arquitectos, etc.”⁶²² Portanto, partindo do

617 RAMOS, Rui J. G. - Identidade e arquitectura: uma leitura da questão habitacional na primeira metade do século XX português. Aula integrada na unidade curricular Cultura e Habitar do curso de doutoramento do Programa de Doutoramento em Arquitectura, Terceiro Ciclo de Estudos, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (conforme previsto no Decreto-Lei no 239/2007 de 19 de Junho para a atribuição do título académico de agregado no ramo do conhecimento de Arquitectura pela Universidade do Porto), pp. 16-17. Disponível em: <http://tinyurl.com/mb8tt9m>. Acesso em: 28 Jul. 2013.

618 Ibidem, p. 17.

619 LEAL, João [2009] - Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. In: *Joelho n.º 2 – Revista de cultura arquitectónica (série II) – Intersecções: Antropologia e Arquitectura*. Coimbra: E/D/Arq. Coimbra, Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2011, p. 69.

620 LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

621 “Tendo mantido um diálogo - que desconheciam - ao longo de grande parte do século XX, a antropologia e a arquitectura - vistas agora mais de perto e mais de dentro - conversaram não só imaginariamente mas, em muitos casos, sentaram-se à mesa e conversaram de facto, isto é interessaram-se pelas mesmas coisas, trocaram pontos de vista, deixaram-se influenciar uma pela outra.” Ibidem, loc. cit., pp. 69-70.

622 E, nesse sentido, “[o] resultado mais conhecido dessa conversa é o Inquérito à Arquitectura Popular, de que resultou a publicação no início dos anos 1960 do livro *Arquitectura Popular em Portugal* (1980 [1961]). Mas não é o único. Já antes, as discussões em torno da Casa Portuguesa tinham mobilizado arquitectos, historiadores de arte e antropólogos.” Ibidem, p. 70.

campo da Antropologia – nomeadamente da então emergente Etnografia⁶²³ – por um lado, em Portugal, nas décadas finais de oitocentos e nas primeiras de novecentos, assiste-se à “descoberta dos registos local e regional. Com essa descoberta, passa-se a conferir maior ênfase às particularidades regionais portuguesas, designadamente das que derivam da própria variedade de ambientes naturais.”⁶²⁴ Por outro lado, quase em simultâneo, e divergindo da concepção anterior, começa a afirmar-se de forma conclusiva – com a Implantação da República (1910) – que o local e o regional não são um meio para constatar a diversidade da cultura ‘popular’ portuguesa, tal como sucedia anteriormente.⁶²⁵ Assim, as premências vacilantes e desmultiplicadas dos recursos do povo

623 Resumidamente – a partir da leitura de LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000 – refira-se que a constituição e desenvolvimento inicial da etnografia e da antropologia em Portugal firmou-se nas década de 70 e de 80 de oitocentos pelas investigações de, nomeadamente, Francisco Adolfo Coelho (1847-1919), Joaquim Teófilo Fernandes Braga (1843-1924), Zophimo José Consiglieri Pedroso Gomes da Silva (1851-1910), José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo (1858-1941) e António Augusto da Rocha Peixoto (1866 -1909) originalmente consumadas em, grande parte, estudos da literatura e das tradições populares. Longe de um contacto directo com a efectiva realidade portuguesa, as primeiras abordagens revelavam um Portugal etnicamente indiviso. Consequentemente, na década final do século XIX, esse Portugal ‘uno’ é questionado pelo contacto efectivo e directo com as populações, centrando-se, segundo João Leal, no estudo evolutivo das tecnologias tradicionais, da cultura material e das diferentes formas de vida. “Na viragem do século, em confronto com a imagem unitária e homogeneizadora da cultura popular prevalecente nos anos 1870 e 1880, triunfa uma concepção relativamente mais complexa de Portugal como somatório de diversidades. Como vimos, esse período é caracterizado pela descoberta dos registos local e regional. Com essa descoberta, passa-se a conferir maior ênfase às particularidades regionais portuguesas, designadamente das que derivam da própria variedade de ambientes naturais. As recolhas e estudos de Rocha Peixoto, por exemplo, incidem não apenas sobre uma multiplicidade de objectos, mas cobrem também uma diversidade grande de contextos locais: Póvoa do Varzim, Gerês, Trás-os-Montes, Ribeira minhota, etc. O que a multiplicidade desses contextos locais põe em relevo é justamente a diversidade do país e das principais expressões da sua cultura popular. Nesse sentido, cada um dos textos de Rocha Peixoto é uma espécie de reconhecimento tácito dessa diversidade que, por vezes, assume mesmo expressões mais claras. Falando por exemplo da habitação popular portuguesa (...), Rocha Peixoto (...) assume de forma explícita a sua diversidade etnográfica, rejeitando, nessa medida, a possibilidade de se falar de um modelo único de casa portuguesa. Este reconhecimento, tanto implícito como explícito, da diversidade do país não se articula entretanto como uma tentativa sistematizada de pensar essa diversidade. Isto é: a diversidade da cultura portuguesa é descoberta mas não é ainda pensada enquanto tal de uma forma sistemática.” (ibidem, pp. 55-56). Porém, adverte Leal, esses sinais de um Portugal regionalmente diversificado, serão mais tarde expressos segundo um ponto de vista pessimista, sensíveis ao tema da decadência nacional em virtude da crise política de então: “Tanto Adolfo Coelho como Rocha Peixoto, de facto, foram particularmente sensíveis ao tema da decadência nacional. O retrato negativizado que ambos traçaram de certos aspectos da cultura popular portuguesa reflecte aliás a ideia segundo a qual a própria cultura popular estaria já irremediavelmente afectada pelo declínio geral do país. Estas ideias ecoam de forma clara nos programas antropológicos e etnográficos escritos por Adolfo Coelho nos anos 1890 (...) ou emprestam ainda um tom pessimista à sua reflexão sobre a pedagogia popular portuguesa (...). Mas é nalguns textos de Rocha Peixoto - como no conhecido «O Cruel e Triste Fado» (1897) ou ainda em «A Casa Portuguesa» (...) [1904]) - que o tema da decadência nacional como característica constitutiva da própria cultura popular portuguesa ganha um tom particularmente acerbo (...). Centrada em torno do tema da decadência nacional, a antropologia portuguesa da época configura-se nessa medida não já como uma antropologia de construção da nação, mas como uma antropologia de problematização e interrogação da nação, à luz das teses decadendistas.” (ibidem, p. 56). Já no séc. XX, com a implantação da República recupera-se a esperança na renovação do país: “[a] implantação da República é de facto encarada pela esmagadora maioria dos intelectuais como uma nova oportunidade para a nação portuguesa, em que todas as energias se deveriam concentrar no renascimento pátrio. Em consequência, todo o período coincidente com as décadas de 1910 e 1920 é um período de intenso patriotismo, que (...) conhece uma intensificação sem precedentes do trabalho de invenção de tradições identitárias ligadas à nação. Assiste-se à multiplicação de revistas culturais com designações e projectos nacionalistas. Teixeira de Pascoaes e o saudosismo impõem-se como referências centrais na cena intelectual portuguesa. São dados passos decisivos no sentido da criação de uma arte nacional.” (ibidem, p. 57). Destaque-se a recolha e análise de elementos da cultura popular, em particular os elementos relacionados com as artes populares, por Vergílio Correia (1888-1994) e por Luís Chaves (1888-1975) – ambos colaboradores de Leite de Vasconcelos –, revelados ao grande público em pequenos e precisos textos, predominantemente descritivos e bem ilustrados, conforme adiante será analisado. Portanto, e como conclusão do anteriormente referido, retenha-se que “[o] regionalismo, encarado como um preliminar indispensável ao verdadeiro patriotismo, conhece um desenvolvimento sem precedentes e a província afirma-se como uma espécie de pequena pátria, cujo amor implementa o amor à grande pátria.” (ibidem, loc. cit.).

624 Ibidem, loc. cit., p. 55.

625 Ibidem, p. 57.

começam a apresentar-se através de retratos típicos, que à sua maneira patenteiam a nacionalidade.⁶²⁶ Das duas circunstâncias, o que importa salientar é a afirmação do local e do regional, tanto no campo disciplinar da Antropologia e da Etnografia, como nas demais disciplinas, consequência do debate entre o de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’. Aparentemente idênticas, unidas na exaltação do local e da Região, as duas circunstâncias são matricialmente divergentes. Cientes que os limites efectivos dessa divergência são de difícil precisão, importa todavia fixar que a primeira é o proémio de uma condição instituída, perspectivada e fundamentada em Região num sentido ascendente. E embora seja um modo de atestar etnograficamente um país enquanto somatório de diversidades (regionais), essa circunstância declara, de forma implícita, uma condição integrada e inclusiva, instituída reflexivamente nesse particular. A segunda – circunstancialmente dependente da Implantação da República – embora igualmente instituída, perspectivada e fundamentada em Região será rapidamente apropriada por movimentos de cariz ideológico-político absolutistas ou nacionalistas, grassada mais tarde pelo regime autoritário auto-intitulado de Estado Novo. Assim, em concordância com as investigações de Leal, “o período coincidente com as décadas de 1910 e 1920 é um período de intenso patriotismo, [que] conhece uma intensificação sem precedentes do trabalho de invenção de tradições identitárias ligadas à nação.”⁶²⁷ Conforme adiante anotado⁶²⁸, a demanda identitária lastrou de forma transversal a cena intelectual de então, expressa nas demais publicações de cariz variado – igualmente bem presente nos periódicos de Arquitectura – e assim se foram dando os primeiros passos decisivos para a criação de uma arte nacional.⁶²⁹ Neste sentido, “[o] regionalismo⁶³⁰, encarado como um preliminar indispensável ao verdadeiro patriotismo, conhece um desenvolvimento sem precedentes e a província [Região] afirma-se como uma espécie de pequena pátria, cujo amor implementa o amor à grande pátria.”⁶³¹ Consequentemente, sobretudo entre as décadas de 1930 a 1970, começa a consolidar-se a indiferença face à diversidade do país, passando

626 Ibidem, loc. cit.

627 Ibidem, p. 57.

628 Cf. Parte III. Itinerários de *Regionalidade*, ponto 1.2 ‘Typo’ português ou por uma ‘Casa Portuguesa’.

629 Ibidem, loc. cit.

630 No seguimento do afirmado, enquanto uma resposta regionalista.

631 Ibidem, loc. cit.

as escalas regional e nacional a ser vistas de forma equivalente.⁶³² Assim, “[p]ostulada inicialmente pela antropologia da viragem do século [a primeira circunstância, nos termos anteriormente utilizados], a diversidade da cultura popular portuguesa é agora objecto de uma reflexão que procura dar conta das suas grandes linhas de força.”⁶³³

Reforce-se, ainda, os grandes contrastes sociais⁶³⁴ entre a miséria de uma considerável classe rural e a prosperidade de uma circunscrita classe aristocrata e burguesa. O considerável atraso relativamente aos restantes países europeus, a crítica ideológica-política produzida pelas elites intelectuais direccionada às demais instituições de uma monarquia extenuada e – salvo certas zonas de Lisboa – a acentuada ruralidade predominam em todo o território continental nacional. Nesse pano de fundo, firmam-se vocações identitárias articuladas em função do local, da Região e, conseqüentemente, da Nação, realçando-se então os diversos empreendimentos “para demonstrar que «Portugal não é um País pequeno», que a culpa da decadência residia no abandono da tradição e o regresso a esta libertaria de novo todas as energias adormecidas.”⁶³⁵ Integrado, implícita ou

632 Porém, refira-se, desde já, que, provavelmente como contra resposta a essa indiferença à diversidade regional, décadas mais tarde – na viragem para a segunda metade do séc. XX, mais precisamente – a importância das investigações desenvolvidas por Jorge Dias e seus colaboradores que irão redescobrir a diversidade regional, na tentativa de proceder à sua sistematização. Cf. *ibidem*, loc. cit.

633 *Ibidem*, loc. cit. Em tom de síntese, considere-se a seguinte citação facilmente extrapolável para a Arquitectura: “De formas diferentes, estes sucessivos momentos do processo de desenvolvimento histórico da etnografia portuguesa confrontam-nos pois com esse traço verdadeiramente estrutural da disciplina que é a sua articulação com exercícios de imaginação etnográfica da nação conduzidos a partir da cultura popular. Nessa sua fixação na temática da identidade nacional, a etnografia e a antropologia não estão sós. De facto, como mostraram Eduardo Lourenço (1978) e, mais recentemente, Rui Ramos (1994), outras disciplinas e modalidades discursivas, da literatura à pintura, da filosofia – especialmente a chamada filosofia portuguesa – ao ensaísmo, fizeram de Portugal e da identidade portuguesa o seu tema reiterado de reflexão ao longo destes últimos 150 anos. Nesse sentido, ao mesmo tempo que (...) a opção da antropologia portuguesa pela tematização da identidade nacional deve ser interpretada por referência ao quadro comparativo do desenvolvimento da disciplina antropológica na Europa, deve também ser pensada no âmbito dessa orientação preferencial da cultura portuguesa para o seu auto-questionamento. No fundo, ao privilegiarem Portugal como objecto de estudo, ao concentrarem-se no vínculo entre cultura popular e identidade nacional, os etnólogos portugueses não fizeram mais do que replicar no interior do seu espaço disciplinar próprio, uma tendência mais geral da cultura portuguesa.” *Ibidem*, pp. 59-60.

634 Acerca os contrastes sociais no Portugal do início do séc. XX veja-se, entre outros, MÓNICA, Maria Filomena - *A Queda da Monarquia: Portugal na Viragem do Século*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

635 MATTOSO, José [1998] - *A Identidade Nacional*. 4ª edição. Lisboa: Fundação Mário Soares/Gradiva, 2008, p. 94. Reforçando a multidisciplinaridade dessas vocações no Portugal erudito de então, anote-se igualmente o papel central do movimento artístico e literário conhecido por Saudosismo (cf. entre outros, BOTELHO, Afonso - *Da Saudade ao Saudosismo*. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990). De facto, “[o] Saudosismo e o Naturalismo destacam-se por entre os possíveis pontos de ancoragem deste passado português. Parecem ter sido os fundamentos de um espírito simbolista presente ao longo desta longa travessia que, indelevelmente, deixou as suas marcas na expressão artística e arquitectónica da primeira metade do século XX. A herança do espírito de oitocentos, simbolista e de algum modo decadente, no seu lirismo sentimental, no seu romantismo e no seu naturalismo tardio são parte integrante das características das mentalidades artística e arquitectónica do Portugal dos primeiros decénios do século XX.” (GALVÃO, Andreia - *A Caminho da Modernidade: a travessia portuguesa*, ou o caso da obra de Jorge Segurado como exemplo de complexidade e contradição (1920-1940). Tese de doutoramento [texto policopiado]. Lisboa: Universidade Lusitana de Lisboa, 2003, p. 47). Aparentemente ofuscada pelo cosmopolitismo e pelas demais influências estrangeiras de então, a evidênciação da singularidade do ‘Ser português’ imperava. Nesse processo de evidênciação destaca-se Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos (1877-1952) – vulgarmente conhecido pelo seu pseudónimo literário, Teixeira de Pascoaes – como figura incontornável. “Poeta, escritor, ensaísta, Pascoaes é também o chefe de fila de um movimento literário conhecido por «saudosismo» que se desenvolveu a partir de 1912, como um movimento artístico e literário de reacção contra o cosmopolitismo. Centrado na revista *A Águia* e caracterizado inicialmente por uma grande abrangência, o

(continua)

explicitamente, numa prática multidisciplinar e, igualmente, no seu discurso interdisciplinar, sob Regionalismo⁶³⁶, na exaltação do local e de Região como resposta e contra resposta, sobretudo de índole ideológica-política – regionalista e sequentemente nacionalista – circunstanciam-se matricialmente invariáveis para a afirmação de uma condição peculiar de uma expressão da Arquitectura nacional. Nesse sentido e retomando o início deste capítulo, importa em seguida, evidenciar os relatos síntese (e suas consequências), da incessante negociação entre o de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’ para a disciplina da Arquitectura. Concludentemente, dessa negociação – ou, concisamente, da dialéctica particular-universal – determinar-se-ão gradualmente os constituintes de uma narrativa de *Regionalidade*.

movimento liderado por Pascoaes insere-se no quadro mais geral das tendências nacionalistas que se desenvolviam na vida portuguesa desde os anos 90 do século XIX e que se acentuaram com a implantação da República (...), encarada como uma ocasião única para a regeneração do país. (...) É neste quadro genérico que Pascoaes irá propor a saudade como tema estruturador central do carácter nacional português. (...) com Pascoaes era a primeira vez que alguém considerava a saudade não apenas como *um tema* especificamente português, mas como *o tema* português por excelência, no quadro de um empreendimento de cariz declarada e resolutamente nacionalista com repercussões importantes na vida cultural portuguesa. Propondo a saudade com núcleo estruturador da alma portuguesa, Pascoaes irá reestruturar profundamente o modo como a temática da psicologia étnica portuguesa era até então vista. Assim, e em contraste com a dispersão até então prevalecente, parece gerar-se um consenso sobre a melhor maneira de caracterizar a psicologia étnica portuguesa.” (LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 91. Grifos no original.) Um dos principais dinamizadores da sociedade portuense Renascença Portuguesa – destaque-se a sua “prosa didáctica”, ou a “Arte de ser Português”, de 1915 e, mormente, as suas contribuições no periódico “A Águia: revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica”, editado na cidade do Porto entre 1 de Dez. de 1910 a Jun. de 1932 (sobre a Renascença Portuguesa veja-se, entre outros: FRANÇA, José-Augusto - *Os Anos Vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992; GOMES, Pinharanda - *A “Renascença Portuguesa” – Teixeira Rego*. Biblioteca Breve, vol. 87. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984; SANTOS, Alfredo R. - *A Renascença Portuguesa: um Movimento Cultural Portuense*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 1990) –, Pascoaes difundiu o saudosismo que, “no sentido estrito, é uma atitude perante a vida que, segundo Pascoaes e muitos outros, constitui feição típica da literatura portuguesa, tanto culta como popular, logo traço definidor da «alma nacional».” (COELHO, Jacinto do Prado (direcção) [1960] - *Dicionário de Literatura portuguesa, brasileira, galega e estilística literária*. Porto: Edição Livraria Figueirinhas, 5 volumes, 3ª edição, 1978, p. 1005-1006). Conclua-se, evidenciando, sucintamente, o aparecimento nesse mesmo período do Integralismo Lusitano como, para alguns autores, reacção – mas, *grosso modo*, com o mesmo ideário nacionalista – ao saudosismo da Renascença Portuguesa. Ambos ‘movimentos’ estão indelevelmente relacionados com a exaltação nacionalista verificada, em particular, nas décadas seguintes. Remonta a 1913 o aparecimento da expressão Integralismo Lusitano empregue por Luís de Almeida Braga (1886-1970) na revista “Alma Portuguesa” que, um ano mais tarde, será tema primeiro da revista “Nação Portuguesa” (1914-1938), particularmente a partir de 1922 na sua 2ª série (editada pela Sociedade Integralista e igualmente denominada de “Revista de Cultura Nacionalista”). Em síntese, em termos ideológico-políticos o Integralismo Lusitano teve, em traços gerais, como ideário a restauração de uma monarquia tradicional, católica e orgânica numa crítica sistematizada à recente implantação da República em Portugal. Sobre a influência deste movimento veja-se: ASCENSÃO, Leão R. - *O Integralismo Lusitano*. Lisboa: Edições Gama, 1943; QUINTAS, José M. - *Filhos de Ramires: As origens do Integralismo Lusitano*. Lisboa: Editorial Nova Ática, Lisboa, 2004. Sobre a revista “Nação Portuguesa”, veja-se, entre outros, BARREIRA, Cecília - Três nótulas sobre o integralismo lusitano: evolução, descontinuidade, ideologia, nas páginas da «Nação Portuguesa», 1914-26. In: *Análise Social – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, vol. XVIII (72/73/74), 1982, pp. 1421-1429; CORDEIRO, José M. - Nação Portuguesa (1914-1916) – Que Integralismo Lusitano? In: ANDRADE, Luís (direcção) - *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. 26, 2009, pp. 139-154.

636 Recorrendo novamente a Harwell Harris, Regionalismo considerado, em síntese, nos primeiros pontos da Parte III como “Regionalismo de Restrição”, mais tarde – cf. ponto 1.4. O Pós-Segunda Grande Guerra: por uma *Regionalidade* – ‘convertido’ em “Regionalismo de Libertação”. Sobre os dois ‘tipos’ de Regionalismo veja-se: HARRIS, Harwell H. – Regionalism and Nationalism in Architecture. In: RANSOM, Harry H. (ed.) - *Texas Quarterly*, vol. 1, Fevereiro. Austin: The University of Texas Press, 1958, pp. 115-124.

1.2. “Typo” português ou por uma Casa Portuguesa

“Aos grandes artistas portugueses, António Teixeira Lopes e Columbano Bordallo”⁶³⁷, assim dedicou José de Figueiredo (1872-1937) o seu livro acerca da participação portuguesa na Exposição Universal de 1900, em Paris. Nas páginas seguintes, no âmbito da especialidade dos “typos architectonicos (...) da nossa representação em Paris”⁶³⁸, Figueiredo adverte que tal representação devia evidenciar um “edifício que, com a marca do nosso character, affirmasse tambem lá fóra as tradições mais **características da regionalidade** e meio da nossa raça.”⁶³⁹ Nesse sentido, constata que “se nós não temos, realmente, um typo constructivo inteiramente definido, os elementos que mais caracterizam a generalidade dos nossos, são comtudo indiscutivel e accentuadamente românicos”⁶⁴⁰ e, assim, a “futura renascença architectonica portugueza (...) n'elle [românico] tem de inspirar-se grandemente.”⁶⁴¹ A crítica particularizada de José de Figueiredo (Ilustração 11) auxilia a enquadrar o conflito ou negociação que atravessará, com maior ou menor evidência no campo disciplinar da Arquitectura, o século encetado com a grandiosa Exposição de Paris⁶⁴², retomando, assim, o plano de foco específico e o debate multidisciplinar e interdisciplinar entre dois grandes ‘actores’: o de ‘cá de dentro’ (particular) e o de ‘lá de fora’ (universal). Mas, antes de aprofundar o apelo de José de Figueiredo ao estabelecimento de uma “futura renascença architectonica”⁶⁴³ interessa, primeiramente, indagar acerca das “características da regionalidade”⁶⁴⁴.

637 FIGUEIREDO, José de - *Portugal na Exposição de Paris*. Lisboa: Empreza da História de Portugal, 1901, p. 6.

638 Ibidem, pp. 7-8.

639 Ibidem, pp. 9-10. Grifos nossos.

640 Ibidem, loc. cit.

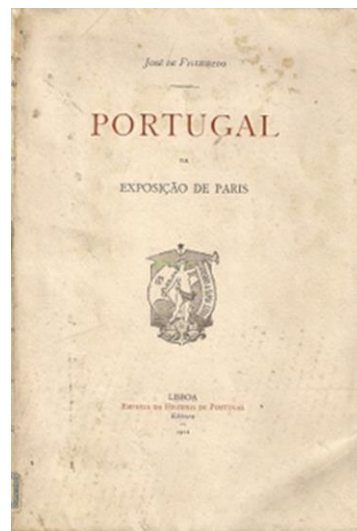
641 Ibidem, loc. cit.

642 Sobre a participação de Portugal nas Exposições Universais de então, veja-se, entre outros: GUERREIRO, António - *Exposições Universais: Paris 1900*. Lisboa: Expo 98, 1995 e SOUTO, Maria H. - *Portugal nas Exposições Universais 1851-1900*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

643 Ibidem, loc. cit.

644 Ibidem, loc. cit.

Ilustração 11 - FIGUEIREDO, José de - *PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE PARIS*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1901 (capa).



O vocábulo *Regionalidade* utilizado por Figueiredo⁶⁴⁵ não deverá ser directamente confundido com o afirmado pela hipótese empreendida nesta investigação. Ressalve-se, porém, que se consideradas como propriedade ou qualidade de ser regional⁶⁴⁶, ambas as *Regionalidades* são contíguas e, por vezes, se comparadas para além das suas circunstâncias históricas próprias, idênticas. Correlacionáveis com as conjunturas já anotadas⁶⁴⁷, constatou-se que a declarada por Figueiredo – e por outros, a partir de argumentos semelhantes – firmou matricialmente os constituintes de uma outra, futurando-a enquanto uma condição própria de uma expressão da Arquitectura portuguesa. É disso um sintoma, destacando-o entre outros, o facto de que a análise das demais fontes, directas e indirectas – nomeadamente os relatos escritos presentes nos demais periódicos (de Arquitectura e não só) de então, relacionáveis com o extenso debate acerca do de ‘cá de dentro’ e do de ‘lá de fora’ – produzidas nos anos finisseculares e nas primeiras décadas do século XX, patenteariam proposições que hoje se podem facilmente associar⁶⁴⁸ à vitalidade da instrumentalidade da Forma-do-Lugar para a instituição de um pensamento projectual. A proposição acerca da vitalidade da Arquitectura passa a adaptar-se às demais condições físicas do local ou da Região (e.g., topografia, luz, clima) e, do mesmo, ao lastro de cultura peculiar de cariz

645 Possivelmente um termo de uma ortografia anterior à reforma de 1911. Sobre a primeira tentativa de simplificação e normalização da escrita da língua portuguesa, comumente conhecida por Reforma Ortográfica de 1911. Cf. *Diário do Governo*, n.º 213, de 12 de Setembro de 1911.

646 Cf. Parte I. Da Região, ponto 1.2. *Regionalidade*.

647 Por exemplo, com as relativas ao campo disciplinar da Antropologia anteriormente verificadas.

648 Em conformidade com o verificado na Parte II. Por um modelo teórico-crítico, ponto 1.4. A “Resistência da Forma-do-Lugar” e ponto 2.1. A instrumentalidade da Forma-do-Lugar.

regional rural, a que recorrentemente chamamos de ‘tradição’. Contudo, as circunstâncias de então, em particular, o ímpeto ideológico-político multidisciplinar e interdisciplinar de índole nacionalista, determinaram que essas proposições instituíssem gradualmente relatos comprometidos com a legitimação da ambicionada identidade nacional. E tudo decorre através da citação acrítica de um conjunto tipificado de certos elementos (intencionalmente pitorescos) ditos de ‘autênticos’, alegadamente ‘tradicionais’ e, conseqüentemente, ‘familiares’. Mas, essas proposições necessitarão, ainda, de algumas décadas de ‘maturação’ para, aquando do gradual esgotamento dos ditos relatos, se afirmarem em definitivo.

Na continuidade do afirmado e realçando a procura de uma ‘familiaridade’ para uma expressão arquitectónica, saliente-se a crítica de Figueiredo acerca da participação portuguesa no evento de 1910:

“[e]m lugar do que se fez, quanto mais interessante não seria – realizado por um artista que tivesse talento e lhe soubesse dar relevo, é claro, – **estylisar uma das nossas casas alpendradas de campo**, com os seus curtos poiaes para flôres, os seus balcões de castanho trabalhados em róca, e as suas, sobretudo, tão características escadas exteriores, cobertas logo desde o primeiro lanço, ou abafadas só no topo com o romper da varanda. (...) **Poder-se-hiam também aproveitar, para ornamento e motivo exterior da fachada**, os nossos **tão pittorescos nichos** que, entalhados nas paredes das casas, ou **constituindo de per si só uma memória, tão espalhados estão pelas nossas cidades e aldeias**. Com tudo isso, poder-se-hia ainda, se a extensão e qualidade do terreno o permitisse, simular-se-lhe d'um lado, ou de todos, cercando-o n'este caso inteiramente, um pequeno muro, baixo, de modo a deixar vêr bem, de fóra, a linha geral da construcção para onde se teria acesso atravez de portões, no genero dos tão **tipicamente alpendrados de telha que é frequente toparem-se**, servindo de portico, **na quasi totalidade das nossas antigas propriedades ruraes**.”⁶⁴⁹

Sem aprofundar a polémica⁶⁵⁰ referente à proposta vencedora de Miguel Ventura Terra (1866-1919), convém igualmente recuperar as palavras do autor da

649 FIGUEIREDO, José de - *Portugal na Exposição de Paris*. Lisboa: Empreza da História de Portugal, 1901, pp. 21-22.

Grifos nossos.

650 Note-se, sumariamente, que a proposta de Ventura Terra reflectiu a sua formação académica, tipicamente francesa, integrada no espírito *Beaux-Arts*. Pedro Vieira de Almeida classifica-a de “progressista” confrontando-a, como será adiante revelado, com a proposta “culturalista” de Raul Lino. Essas duas expressões, conforme já afirmado (embora usando outros termos), serão vitais no contexto problematizado pela investigação. A última irá “[...] representar o outro vector que vai ter repercussões importantes na arquitectura nacional, que é o vector culturalista. Assim, os dois vectores *progressista* e *culturalista* [...] vêm dar origem a duas orientações distintas que, de maneira um tanto artificial e muito em consequência da circunstância política, vão marcar os caminhos bipartidos da arquitectura nacional. [...] Por esta oposição entre Terra e Lino, ou melhor, por esta oposição entre aquilo que eles representam, vem a ter leitura particularmente incisiva na História da Arquitectura Moderna em Portugal, o Concurso Nacional para o Pavilhão Português da Exposição de 1900 em Paris, no qual Lino é batido justamente em proveito da concepção de Ventura Terra. De alguma maneira podemos ver em alguns aspectos desta dupla via que se apresentava aos arquitectos portugueses e ainda que indirectamente formulada, reflexo daquela oposição que se teria definido no pensamento arquitectónico ocidental no final do século XIX, entre os defensores da ideia de *espaço*, noção que valoriza o aspecto de *abstracção*, e os defensores da ideia do *volume*, que valoriza o aspecto de *empatia*. (...) Detendo conseqüentemente uma concepção de espaço absoluto, pré-determinado, que apenas haveria que orientar, Ventura Terra desenvolve uma *arquitectura de composição* na melhor tradição académica *beauxartiana*, em que os materiais se organizavam segundo um *sistema lógico*. Diferentemente se organizará Lino, que desenvolve uma *arquitectura*

(continua)

proposta derrotada que, nas palavras de Figueiredo, “obedecia, contudo, ao princípio de regionalidade que acima defendemos.”⁶⁵¹ Neste contexto “[f]oi um atrevimento apresentar um projecto de pavilhão inspirado em estilos portugueses de várias épocas, combinados numa composição, verosímil e bastante harmoniosa, em que sobressaem reminiscências amouriscadas do nosso Alentejo, que foi o meu primeiro namoro depois do regresso a Portugal. A iniciativa foi arrojada mas o terreno não estava por cá preparado, e mesmo que estivesse!”⁶⁵² Porém, tal atrevimento ou arrojo presente na proposta para participação portuguesa para a Exposição Universal de Paris do, então, jovem arquitecto Raul Lino (1879-1974) assevera instantaneamente um processo metodológico de pensar, de fazer e de habitar a Arquitectura que deixará marcas indeléveis em Portugal. Concisamente, o projecto de Lino, apresentado em 1899 – directamente influenciado pelas investigações do seu mestre Karl Albrecht Haupt⁶⁵³ (1852-1932) – consistiu, sobretudo, numa amálgama de elementos formais e ornamentais arquitectónicos retirados das ilustrações ⁶⁵⁴ da investigação de Doutoramento do seu mestre que desde cedo, revelaram um “[p]ortuguês, estrangeirado na sua formação teórica, comprometido por toda a vida numa luta

de instauração de valores espaciais, onde os materiais se estruturam segundo um *sistema expressivo*. Outra consequência directa desta diferente opção vocabular resulta numa diferente valorização da noção de *espessura* e dos seus valores expressivos próprios, quer resultando do sentido próprio de massa quer das possibilidades de modulação desse material último da arquitectura, que é a luz. (...) Mais racionalizador Ventura Terra, mais romântico Raul Lino.” ALMEIDA, Pedro Vieira de - Ventura Terra. In: ALMEIDA, Pedro Vieira de - *Apontamentos Para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, pp. 122-124. Grifos no original.

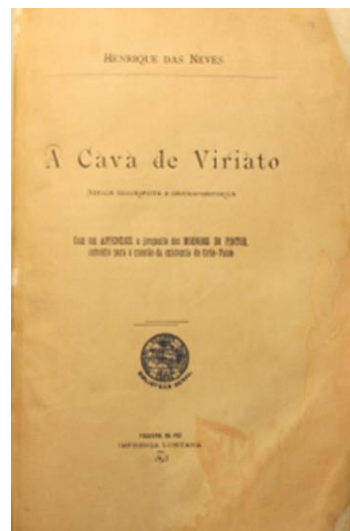
651 FIGUEIREDO, José de - *Portugal na Exposição de Paris*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1901, p. 26.

652 LINO, Raul - Afinal de contas. In: *Diário de Notícias*, 21 de Nov. de 1969, p. 18.

653 Arquitecto de origem alemã, Karl Albrecht Haupt desenvolveu uma investigação de Doutoramento na década de oitenta do séc. XIX sobre a arquitectura portuguesa do período do Renascimento. Intitulada de “*Die Baukunst der Renaissance in Portugal*” a obra de Haupt é ainda hoje uma referência para o estudo da Arquitectura portuguesa desse período. Sobre a referida investigação cf.: HAUPT, K. Albrecht - *Die Baukunst der Renaissance in Portugal von den Emmanuel's dis glucklichen bis zu dem schlusse spanischen herrschaft*, 1º vol.: *Lissabon und Umgegend*. Frankfurt: Henrich Keller, 1890; HAUPT, K. Albrecht - *Die Baukunst der Renaissance in Portugal von den Emmanuel's dis glucklichen bis zu dem schlusse spanischen herrschaft*, 2º vol.: *Das land*. Frankfurt: Henrich Keller, 1895; HAUPT, K. Albrecht - *A Arquitectura da Renascença em Portugal*. Lisboa: J. Rodrigues, 1910; BELCHIOR, Lucília dos Santos - *Karl Albrecht Haupt (1852-1932) e o 'Desenho de Viagem' . O Registo dos Monumentos Nacionais: Compreensão Arquitectónica e Fruição Estética*. Tese de Doutoramento História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3192>. Acesso em: 11 de Agosto 2012. Sobre a longa relação pessoal e profissional entre Haupt e Lino, considere-se que: “A sua contribuição para o desenvolvimento da arquitectura portuguesa foi fundamental também como mestre de um proeminente arquitecto português, Raul Lino. Efectivamente, a formação académica dada por Haupt a Raul Lino iniciou-se nos anos de 1896 e 1897, em Hannover, e prolongou-se até à morte do arquitecto alemão. O relacionamento de ambos estendeu-se para além do académico, pois os arquitectos trabalharam simultaneamente a nível profissional, em projectos para o mesmo cliente, nomeadamente Jorge O' Neill. Lino, pupilo, colega e amigo do arquitecto, descreveu com carinho a sua pessoa e o seu trabalho no artigo e tributo com o seu nome. O arquitecto português valorizou claramente o potencial profissional e académico de Haupt, tornando-se bastante evidente o forte laço de amizade entre ambos.” BELCHIOR, Lucília dos Santos - *Karl Albrecht Haupt (1852-1932) e o 'Desenho de Viagem' . O Registo dos Monumentos Nacionais: Compreensão Arquitectónica e Fruição Estética*. Tese de Doutoramento em História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, p. 160. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3192>. Acesso em: 11 de Agosto 2012.

654 PEREIRA, Michel Toussaint Alves - *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*. Dissertação de Doutoramento em Teoria da Arquitectura. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 2009, p. 191. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/1411>. Acesso em: 4 de Junho 2012.

Ilustração 12 - NEVES, Henrique das - *A Cava de Viriato. Notícia Descritiva e Crítico-Histórica: com um appendice a proposito dos Moinhos do Pintor, subsídio para a questão da existência de Grão Vasco*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana, 1893 (capa).



sem tréguas pela educação do gosto, pela educação das pessoas e das casas do seu país”⁶⁵⁵. Mas, para melhor compreender o ‘compromisso’ de Lino e o seu peculiar percurso intelectual e arquitectónico estabelecido, *grosso modo*, em função do “imaginário nacional [,] em busca de paradigmas de uma identidade arquitectónica a preservar e transmitir aos futuros criadores e ao povo em geral”⁶⁵⁶ é necessário reposicionar novamente a discussão em termos interdisciplinares. Tal reposicionamento permitirá evidenciar a circunstância pela qual Lino é vulgarmente conhecido e da qual será a figura tutelar⁶⁵⁷.

“Parece-nos haver um tipo portuguez, de casa de habitação. Paula e Oliveira, depois d’uma jornada de exploração anthropologica pre-historica a Traz-os-Montes em companhia do sr. Nery Delgado, foi a primeira pessoa a quem ouvimos afirmar tal.

Mais tarde tivemos oportunidade de reconhecer n’aquella provincia o facto a que se referia aquelle nosso amigo, já então prematuramente fallecido.

O característico d’estas construcções é o ser reintrante a parede frontal do ultimo pavimento em relação á parede mestra frontal que vem dos alicerces, dando assim espaço a um balcão largo e desopprimido, abrigado pelo telhado muito saliente, de modo a proteger contra as neves do inverno e os ardores do estio.

Construcções assim vêem-se muitas não sómente em casas antigas do norte do paiz, mas tambem em aï,umas modernas no Porto.

(...)

Será porém esta variante bastante a determinar um tipo? Não estamos habilitados a responder.

Quando no começo desta nota nos referimos á existencia d’um tipo nacional, tínhamos em mente certas habitações que observá-mos na Beira Alta, nos campos e aldeias em volta de Vizeu. Variam é claro, no numero de pavimentos e na disposição

655 RIBEIRO, Irene - Raul Lino – Nacionalismo e Pedagogia. In: *Revista da Faculdade de Letras (ISPA)*, Vol.11,1994, p. 344.
656 Ibidem, loc. cit.

657 LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 112.

d'uma ou outra parte, mas subordinadas em geral a um tipo unico desde a casa solarenga de granito e alvenaria, forte e magestosa até á casinhota de um andar amanhada com troncos, vigas e tabuas.”⁶⁵⁸

Espoletado em 1893⁶⁵⁹ pela afirmação do militar Henrique José das Neves (1841-1915) na primeira nota de rodapé na “Notícia Descritiva e Crítico-Histórica” – referente à fortificação nos arredores de Viseu conhecida como Cava do Viriato (Ilustração 12) –, a possibilidade de existir um “tipo portuguez de casa de habitação” encetou uma das mais singulares, duradouras e, consequentemente, conhecidas polémicas culturais que grassou interdisciplinarmente o Portugal erudito, de então. A possível existência de uma casa característica de Trás-os-Montes, alvitrada pelo arqueólogo e antropólogo Francisco de Paula e Oliveira (1851-1888), leva Henrique das Neves a especular – decorrente da verificação de um conjunto comum de características espaciais formais – que tal “tipo” de casa existia igualmente um pouco por todo o Norte do País, incluindo a cidade do Porto⁶⁶⁰. Consequente da publicação de 1893 – que entretanto cai no

658 NEVES, Henrique das - *A Cava de Viriato. Notícia Descritiva e Crítico-Histórica: com um appendice a proposito dos Moinhos do Pintor, subsidio para a questão da existência de Grão Vasco*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana, 1893, p. 47. “A partir do sólo a parede frontal augmenta d'espessura, até á altura de 1 a 2 metros, e é sobre esta saliencia que corre a varanda do pavimento nobre e d'ella passam os senhores directamente ao interior da habitação. § O pavimento terreo nas casas nobres é para adega, etc., e na face da frente não tem portas nem janellas propriamente ditas, mas sim oculos para entrada do ar e luz; nas de gente remediada tem a porta á frente e aloja os bois, as cavalgaduras e em muitas d'ellas o rico cevado ou a sua fêmea e respecuos récos. § Da balaustrada da varanda erguem-se com largo intervalo, colmnas que apoiam a varanda do 3.º pavimento; não vimos, que nos recorde, nenhuma habitação d'este tipo de mais de tres pavimentos, já rarissimo nos campos em geral; o telhado por fim, de beiraeas bem alongados abre-se como um pavilhão protector. § É possivel, sem duvida, rematar uma casa assim edificada com o balcão usado ainda hoje no Porto, mas tambem não nos recordamos de ver tal aliança; as de balcão alto vimol-as nos centros de população densa, as de varandas nos campos. § N'estas ultimas, a posição da escada não é a mesma em todas: nas casas senhoriaes, apalaçadas, precedidas de terreiro ou pateo aberto, é perpendicular á frente da casa e de inclinação suave; nas casas pobres é aberta n'uma das extremidades da dita saliencia da parede e com esta largura, se ha parede d'alvenaria, e se a casa é toda de madeira, precede do mesmo modo, encostada á frontaria, a varanda que dá entrada para o interior. § As escadas que nos pareceram mais acertadamente colocadas estão encostadas a uma das paredes lateraes e com a inclinação necessaria para attingirem o nivel da varanda n'um dos seus topos, deixando assim desafrontada a fachada. § Esta fôrma de construcção não constituirá um tipo de casa de habitação? § Temos aqui na meza em que estamos escrevendo uns desenhos que gatafunhámos em Vizeu, para fixar na memoria estas construcções. Mas que desenhos, santo Deus ! Não obstante, vél-os é rememorar a convicção que trouxemos de que a casa com balcão ou varanda, conforme a situação, é bem mais agradável e apropriada ao nosso clima variavel do que muitas que por ahi se vêem [alusão aos *Chalets*] para uso particular, dispendiosas. § Infelizmente tambem nos acompanha outra convicção, que não carece de *croquis* para ser lembrada: a de não poder mandar edificar uma casa assim. § É ainda hoje, em todas as manifestações da antiga vida portugueza, uma provincia [Região] muito caracteristica a da Beira Alta. Pesa-nos o não ter podido ir ver Celorico e Trancoso. D'estas vilas historicas diz o fallecido dr. Filipe Simões, no «Relatorio da Exposição da arte ornamental» (*Papeis varios*, etc., publicação posthuma): «Muitas casas de Celorico ainda se conservam com o seu aspecto antigo. Algumas portas e janellas ornamentadas mostram o que era ha 3 ou 4 seculos a architectura civil n'uma villa provinciana.» § § «Trancoso, conserva ainda toda a apparencia ele" uma povoação guerreira da idade media: ruas estreitas e tortuosas, o castello no alto da collina a cerca ameçada guarnecendo a povoação. É para assim dizer uma villa fossil, que representa hoje a idade media, como Herculanium e Pompeia representam a epocha romana. A sua architectura religiosa corresponde á epocha da transicção do estrio romanico para o ogival, etc. etc.» § Vinha aqui tambem muito a proposito as observações do sr. Joaquim de Vasconcellos, sobre este assumpto e na mesma provincia; porém a nota já deixa apontada a nossa ideia, e portanto encerremol-a aqui. (*Pag. 10*).” Ibidem, pp. 47-48. Grifos no original.

659 Mas, para autores como José-Augusto França, com ressonâncias desde o séc. XII. Cf. FRANÇA, José-Augusto - A «Casa Portuguesa» e o «Neo-Românico», no principio de novecentos. In: *Arquitectura*, 3ª Série, n.º 95, Jan.-Fev. 1967, pp. 30-34.

660 LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 110.

esquecimento⁶⁶¹ – Henrique das Neves extrapola a notada possibilidade de existir um tipo português de casa de habitação (e.g., urbanas, rurais⁶⁶²) que transcrita e aprofundada sob a forma de artigo⁶⁶³, ganha rapidamente uma notoriedade considerável. Nesse sentido, expressivamente intitulados de “Casa Portuguesa”, os argumentos de Neves determinaram reacções de variada ordem que mobilizaram “um grupo razoavelmente lato de protagonistas⁶⁶⁴, com posições diversas acerca do assunto.”⁶⁶⁵ A circunstância, sucintamente⁶⁶⁶ verificada, evidencia, desde a sua génese, uma considerável extensão disciplinar que, enquadrada no crescente debate cultural e, em grande parte, ideológico e político da época⁶⁶⁷ encontrou rapidamente terreno fértil para vingar, patenteando um ‘movimento’ comumente apelidado de ‘Casa Portuguesa’. Embora vulgarmente e por vezes de modo irreflectido, associada a questões ideológicas-políticas

661 Ibidem, loc. cit.

662 Termos utilizados por Henrique das Neves em diversos artigos a fim de enquadrar tais construções – cf. nota seguinte.

663 Cf. NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Arte Portuguesa - Revista de archeologia e arte moderna*. Ano I, n.º. 1. Lisboa, 1895, pp. 21-22; NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, 19.º ano, vol. XIX, n.º. 625, 5 de Maio. Lisboa, 1896, p. 102; NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, 19.º ano, vol. XIX, n.º. 626, 15 de Maio. Lisboa, 1896, pp. 109-110; PEREIRA, Gabriel, NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, 19.º ano, vol. XIX, n.º. 629, 15 de Junho. Lisboa, 1896, p. 132; NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Illustrada*, Ano IV, n.º. 157. Lisboa, 1905, pp. 3-4; NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Illustrada*, Ano IV, n.º. 158. Lisboa, 1905, pp. 11-12; NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Illustrada*, Ano IV, n.º. 159. Lisboa, 1905, pp. 18-19; NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Illustrada*, Ano IV, n.º. 160. Lisboa, 1905, pp. 26-27; NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Illustrada*, Ano IV, n.º. 161. Lisboa, 1905, pp. 34-35; NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Illustrada*, Ano IV, n.º. 162. Lisboa, 1905, pp. 42-43; NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Architectura Portuguesa: revista mensal de arte architectural antiga e moderna*, Ano VIII, n.º. 9, Setembro. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1915, pp. 37-38.

664 “Desde os trabalhos pioneiros de José Augusto França (...), que os personagens centrais do movimento [Casa Portuguesa] se encontram razoavelmente identificados. (...) Entre esses protagonistas, destacam-se Rocha Peixoto e João Barreira (1866-1961). São eles de facto os autores de duas das contribuições mais significativas para o «dossier» da casa portuguesa no seu período de desenvolvimento inicial. Rocha Peixoto, pelo seu lado, editou em 1904 o artigo «A Casa Portuguesa» (...) que, até aos trabalhos de Ernesto Veiga de Oliveira e dos seus colaboradores, permanecerá como a mais relevante contribuição etnográfica para o estudo da habitação popular em Portugal. Quanto a João Barreira, historiador de arte, é o autor, em 1909, da primeira grande proposta de abordagem sistemática da casa portuguesa subsequente aos contributos iniciais de Henrique das Neves (...). Para além destes dois autores mais relevantes, o movimento da casa portuguesa mobilizará ainda outras contribuições episódicas, vindas sobretudo do lado da então emergente história da arte. É o que se passará com Gabriel Pereira (1847-1911) (1895) - que teve também um papel central na difusão inicial da nota de rodapé de Henrique das Neves -, com D. José Pessanha, autor de várias contribuições publicadas na revista *A Construção Moderna* (...), e com Joaquim de Vasconcelos, que consagrou ao tema da casa portuguesa uma passagem do seu ensaio «Arte Decorativa Portuguesa» (1909). Simultaneamente ensaístas e literatos como Abel Botelho (1856-1917) (1903), e, sobretudo, Ramalho Ortigão (1836-1915) (...) ou Fialho de Almeida (1857-1911) (...) darão também o seu contributo ao debate, que, no caso destes dois últimos autores, é particularmente importante, dada a projecção e a capacidade de influenciar a opinião intelectual que ambos tinham.” Ibidem, pp. 110-111.

665 Ibidem, loc. cit.

666 A fim de aprofundar este tema, para além das investigações já citadas – em particular a de FRANÇA, José-Augusto - A «Casa Portuguesa» e o «Neo-Românico», no princípio de novecentos. In: *Arquitectura*, 3.ª Série, n.º 95, Jan.-Fev. 1967, pp. 30-34 e a de LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000 –, destaquem-se, igualmente, os contributos de: FIGUEIREDO, Rute - *Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)*. Lisboa, Colibri, 2007; RAMOS, Rui J. G. - *A Casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*. Porto: Faculdade de Arquitectura Universidade do Porto (FAUP) Publicações, 2010.

667 “É neste contexto que aparece necessariamente a polémica da casa portuguesa, fundamentalmente desenvolvida entre etnólogos, críticos de arte ou folhetinistas, académica porque tratou um problema de arquitectura fora da prática disciplinar.” COSTA, Alexandre Alves [1980] - A Problemática, a Polémica e as Propostas da Casa Portuguesa. In: COSTA, Alexandre Alves [1995] - *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. 2.ª edição. Porto: FAUP Publicações, 2007, p. 69.

absolutistas – comumente ligada ao processo de refundação da portugalidade, sobretudo ao advento do Estado Novo – a tese intrínseca à Casa Portuguesa admitiu, em diferentes momentos, variantes que importa averiguar. Essas variantes deram continuidade às circunstâncias já consideradas⁶⁶⁸ e também elas, matriciais a uma futura condição de uma expressão da Arquitectura portuguesa. Resumindo, infere-se da investigação referente ao movimento da Casa Portuguesa uma dupla ambição: por um lado – associado a uma gradual investigação de cariz, mormente, etnográfica – o movimento ambicionou identificar o tipo ‘autêntico’ português de casa de habitação; por outro, o movimento ambicionou eleger e tipificar um conjunto de elementos peculiares (intencionalmente pitorescos) ditos de ‘autênticos’ – tornados, mais tarde, emblemáticos à afirmação nacionalista – do tipo português de casa de habitação. Ambas as ambições, em particular a última, serviram para afirmar no campo da Arquitectura, nos anos finisseculares, o de ‘cá de dentro’⁶⁶⁹ face ao crescente ímpeto de construção de casas de habitação de ‘lá de fora’⁶⁷⁰, vulgarizadas de *Chalets*. Nesse sentido, retenha-se, em síntese, que:

“[a] questão da "casa portuguesa" foi fundamentalmente tratada a nível teórico e extradisciplinarmente, integrada em polémicas mais gerais sobre a arte nacional conduzidas sobretudo no plano ideológico e no campo da literatura, o que não quer dizer que não tenha influenciado significativamente a prática (...) arquitectónica e dos seus conteúdos, em Portugal e até aos nossos dias.”⁶⁷¹

A investigação de João Leal reconhece quatro grandes momentos referentes ao movimento da Casa Portuguesa⁶⁷². Advirta-se, antes de mais, que o “quadro cultural e ideológico mais vasto em que sucessivamente se desenvolve o movimento”⁶⁷³ é variável, assim como as subsequentes interpretações arquitectónicas ao longo desses momentos. Tendo como ponto de partida a anotação de Henrique das Neves, delimitaremos o primeiro grande momento ao

668 Neste e no anterior capítulo.

669 Ou seja, conforme anteriormente afirmado, uma afirmação de índole regionalista que, gradualmente, tornar-se-á, nacionalista.

670 “Os estrangeirismos, ao mesmo tempo que testemunhariam a desnacionalização das classes médias portuguesas, transporiam para Portugal soluções arquitectónicas estranhas ao clima e à paisagem nacionais. Quanto aos revivalismos históricos [tais como o Neo-Manuelino], basear-se-iam numa recusa do presente e num decorativismo historicista (...)”. LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 24.

671 COSTA, Alexandre Alves [1980] - A Problemática, a Polémica e as Propostas da Casa Portuguesa. In: COSTA, Alexandre Alves [1995] - *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 2007, p. 57.

672 Ibidem, loc. cit., pp. 114-122.

673 Ibidem, pp. 122-123.

período que decorre entre 1893 até 1909. Nessa altura, o principal meio para desvelar a eventualidade de uma *Regionalidade* latente – hipótese agora em estudo – foram os debates multidisciplinares *quasi*-sistematizados e outras proposições dispersas em torno da possibilidade de um ideal de Casa Portuguesa. Esses debates, apesar de apreciados e animados, por vezes, fruía de escritos excessivos.⁶⁷⁴ Esse conjunto de argumentos e contra-argumentos, marcados desde sempre por debates bipartidarizados, começou a evidenciar uma “questão central [...] que é repetidamente levantada [...] é a da compatibilidade entre a ideia de casa portuguesa e a diversidade morfológica que a habitação popular [vernacular⁶⁷⁵] apresentaria no país.”⁶⁷⁶ Recuperando o anteriormente afirmado verifica-se que, nesse e noutros momentos, surgem facilmente proposições que se podem associar à vitalidade da instrumentalidade da Forma-do-Lugar, enquanto contra-argumento à tentativa de fixação de um ideal de Casa Portuguesa que se distingue das casas de habitação de origem vernacular. Henrique das Neves, ao admitir que “[q]uando no começo desta nota nos referimos á existencia d'um tipo nacional, tínhamos em mente certas habitações que observá-mos na Beira Alta, nos campos e aldeias em volta de Vizeu”⁶⁷⁷ e que “[c]onstrucções assim vêem-se muitas não sómente em casas antigas do norte do paiz, mas tambem em ai, umas modernas no Porto”⁶⁷⁸, abre caminho e questiona se “[s]erá porém esta variante [notada no norte do país] bastante a determinar um tipo?”⁶⁷⁹ As respostas rapidamente questionam a compatibilidade entre a casa e a diversidade regional das casas

674 Ibidem, p. 114.

675 Embora já utilizados, importa agora esclarecer sucintamente a diferença entre os termos ‘vernacular’ e ‘popular’ – por vezes indiferenciadamente utilizados no campo disciplinar da Arquitectura – no âmbito desta investigação. Partindo do campo da Linguística, considera-se, *grosso modo*, ‘vernacular’ como ‘idioma’ próprio de uma comunidade culturalmente delimitada. Extrapolando tal consideração para o campo da Arquitectura, em particular para o da habitação, considera-se nesta investigação ‘vernacular’ como construções singulares, próprias de uma comunidade culturalmente delimitada (aqui também considerada de local ou Região), aprimoradas ao longo dos tempos (ou seja, por um processo próprio, aqui designado de ‘tradição’) em permanência, em função de diversos agentes e factores, tais como, sociológicos, geográficos, climatéricos. Verifica-se, nesse sentido, uma adequação das construções aos ditos factores na selecção dos materiais empregues, da estrutura espacial e organizacional da habitação, disposição dos vãos, etc. Embora advindo do vernacular, o termo ‘popular’ é, consideravelmente, diferente. Ou seja, resumindo, ‘popular’ é aqui considerado como algo, correccionado com o vernacular, mas ‘manipulado’ por agentes eruditos. O resultado dessa manipulação, ou o popular, é algo que, ao distanciar-se da ‘autenticidade’ e da diversidade (regional, por exemplo) do vernacular, cristaliza-se, tipificando-se. Em suma, tal diferença é facilmente verificável neste momento da investigação em que, na demanda de um tipo de casa de habitação portuguesa, evidencia-se, por um lado, a diversidade vernacular da habitação portuguesa e, por outro lado, a tentativa de tipificação erudita – mormente pela citação de elementos ou motivos decorativos pitorescos ditos de autênticos ou vernaculares – em algo, aqui considerado de popular.

676 Ibidem, loc. cit.

677 NEVES, Henrique das - *A Cava de Viriato. Notícia Descritiva e Crítico-Histórica: com um appendice a proposito dos Moinhos do Pintor, subsídio para a questão da existência de Grão Vasco*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana, 1893, p. 47.

678 Ibidem, loc. cit.

679 Ibidem, loc. cit.

vernaculares de habitação em Portugal. Dessas refutações, ainda que cautelosas⁶⁸⁰, destaque-se a de Gabriel Victor do Monte Pereira (1847-1911):

“E’ concerteza um typo de construcção, diverso do adoptado na região media do paiz, e na meridional.

A casa varia, adapta-se ao clima, e aos costumes do habitante. Estudando a casa portuguesa, devemos marcar a rural e a urbana. A minhota, com o seu eido, differe do casal alemtejano, com seu quintal ou luinchoso : differem no aspecto, no lar e chaminé, pela falta ou pela abundancia da cal, nas varandas, que no sul chegam a ser terraços. Basta a neve, que na região norte do paiz fórma no inverno espessas camadas, para originar differenças de construcção.

Os grandes telhados mui salientes das Casas da Beira são defesas contra a invernia e os nevões. E as condições sociaes, ainda mesmo as circunstancias de segurança pessoal, são origens de variantes.”⁶⁸¹

No mesmo sentido, o artigo “CASA PORTUGUEZA. Renovação na Architectura Nacional” datado de 1902 e da autoria de Emídio de Brito Monteiro (1860-1909), assinado pelo pseudónimo João Sincero⁶⁸², auxilia a perspectivar com outro rigor o debate em torno do tipo de casa de habitação portuguesa. Tendo como objecto de estudo o “Palacio do Ex.^{mo} Sr. Jorge O’Neill, em Cascaes”⁶⁸³, o artigo de Sincero – embora partidário da Casa Portuguesa – revela

680 “vêm de autores que se afirmam entretanto partidários da casa portuguesa. É este nomeadamente o caso de Gabriel Pereira (1895) e D. José Pessanha (1902), que, sem esconderem o seu entusiasmo em relação à casa portuguesa, não deixam de suscitar a questão da compatibilidade entre a casa portuguesa e a diversidade da habitação popular em Portugal.” LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, pp. 114-115.

681 PEREIRA, Gabriel, NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, 19º ano, vol. XIX, nº. 629, 15 de Junho. Lisboa, 1896, p. 132. Grifos nossos. Considere-se, igualmente, o primeiro texto do mesmo autor: PEREIRA, Gabriel - Casa Portuguesa. In: *A Arte Portuguesa*, nº. 1. Lisboa, 1895, pp. 21-22.

682 SINCERO, João - CASA PORTUGUEZA. Renovação na Architectura Nacional. In: *Serões - Revista Mensal Illustrada*, vol. 11, nº. 10, 1.ª Série, Mar. 1902, pp. 209-216.

683 Ibidem, p. 209. “Considera-se a casa de propriedade dos senhores O’Neill (1900), projeto de Francisco Vilaça, em Cascais e M. Gomes, no Estoril, como [os primeiros e à data ainda raros] exemplos desses ensaios [acerca da Casa Portuguesa].” VITERBO, Sousa [1899] - A casa portuguesa: anotações artisticas e archeologicas. In: *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes*. Lisboa: Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. Ano/vol. XII, nº. 12, 5.ª Série, Out.-Dez. 1912, pp. 567. Refira-se, também e igualmente evidenciada por Sincero, a casa de veraneio projetada em 1890 e construída em 1894 pelo primeiro Conde de Arnozo, Bernardo Pinheiro Correia de Melo (1855-1911) em Cascais. Nomeada pelo seu autor de Casa Minhota, nela se reuniam regularmente o grupo Vencidos da Vida, ao qual Eça de Queirós e Ramalho Ortigão pertenciam. Retenham-se os elogios a tal casa de habitação de Ramalho Ortigão: “Tal é a delirante epidemia [de *Chalets*] de que estão combatidos os constructores contemporaneos, que, para ter um indicio nacional da nossa tradição, entre as casas de campo ou de praia construidas em torno de Lisboa nos ultimos vinte annos, temos de ir a Cascaes vêr o typo, unico, da habitação dos condes de Arnozo, tão saudosamente semelhante á casa de nossos avós, com o seu pequeno eirado sobre uma arcaria de meio ponto, a sua porta de alpendre n’um patamar de escada exterior, ao lado do retabulo em azulejo do santo padroeiro da familia, as janellas de peitos guarnecidas de rotulas entre cachorros de pedra, destinados ás varas do estendal, e servindo de misula aos vasos de craveiros e de mangericos, em frente do poço de roldana, no mais doce e tranquillo sorriso d’outr’ora.” ORTIGÃO, Ramalho - *O Culto da Arte em Portugal*. Lisboa: António Maria Pereira (Livreiro-Editor), 1896, pp. 115-116. Por fim, afirma Sincero: “Ninguém, me parece, ao ver a elegancia distincção da vivenda do sr. Jorge O’Neill, e comparando-a mentalmente com a picaresca (e nao pittoresca) chaletizada que se estende de Pedrouços até Cascaes ao longo do caminho de ferro, deixará de se convencer de que o *chalet* é, não só um contra-senso em Portugal, mas ainda muito inferior sob todos os pontos de vista á casa portuguesa quando ella seja feita por um artista. Quanto á sua importancia architectonica, o palacio do sr. O’Neill em Cascaes é sem duvida a obra particular mais valiosa de quantas, do meu conhecimento, se teem construído em Portugal nos ultimos trinta annos. (...). Entre as suas qualidades vê-se que o seu delineador deu o primeiro logar ao caracter genuinamente portuguez dos elementos de decorativos, aproveitando até, como lhe cumpria, os elementos locais. Nao ha ali nenhum elemento ou detalhe de ornamentação ou decoração que não seja copiado ou inspirado na architectura portuguesa. A essa qualidade accresce a perfeita apropriação do edificio ás condições do local e ás necessidades dos seus habitantes, concorrendo a expressao exterior d’essas necessidades para a

(continua)

uma condição futurante que, sem esquecer a circunstância histórica do mesmo, poder-se-á afirmar, em traços gerais, como sendo uma síntese eficaz da hipótese considerada nesta investigação⁶⁸⁴. Essa revelação advém das singulares proposições de Sincero e resultam do confronto por ele estabelecido entre a casa de ‘cá de dentro’ e a de ‘lá de fora’ (o particular e o universal). De facto, “[a] ARCHITECTURA, sendo, – como é –, a mais fiel expressão do viver do homem, só pode resestir um estylo definido e característico nas epocas em que haja unidade d’ideias e sentimentos.”⁶⁸⁵ E, desse modo, “o seculo XIX, que foi por excellencia um seculo de luta, conseguindo emfim ver o triumpho do movimento d’emancipação começado com a Renascença, foi tambem por excellencia um seculo de anarchia intellectual, – assistindo á resurreição de numerosas philosophias, theorias e crenças dos tempos passados, ao apparecimento de muitas outras novas e ao combate de umas contra as outras”⁶⁸⁶. Concisamente, essas numerosas teorias estimularam a emulação de estrangeirismos sem vínculos com a ‘realidade’ nacional, ou seja, “[a] architectura do seculo XIX (...) é uma architectura multiforme, em que se vêem representados todos os estylos dos seculos anteriores e apparece um grande numero de elementos de um estylo novo, que passou ao seculo XX quasi completamente formado.”⁶⁸⁷ Porém, esse “estylo novo” descuro os “factores ordinarios e racionaes de uma obra architectural, – dependentes das condições da paisagem e do clima, das necessidades que ella tem de satisfazer e dos materiaes a empregar”⁶⁸⁸. Reitere-se: “[e] assim (...) se construíram pela primeira vez edificios essencialmente irracionaes, desprezando-se os mais elementares

omamentação geral, como mandam as regras da arte; (...) Tem elle defeitos tambem, é certo; mas são de pouca monta attendendo às suas qualidades.” SINCERO, João - Casa Portuguesa. Renovação na Architectura Nacional. In: *Serões - Revista Mensal Illustrada*, vol. 11, nº. 10, 1.ª Série, Mar. 1902, p. 215-216.

684 Embora temporalmente distante da enunciação de uma Região praticada e da “Forma-do-Lugar” – em particular, da sua vitalidade para o pensamento projectual em Arquitectura –, reitere-se que são proposições como as de Sincero (adiante destacadas a negrito) que firmam matricialmente os constituintes da *Regionalidade*, futurando-a como uma condição própria de uma expressão da Arquitectura portuguesa.

685 Ibidem, p. 209.

686 Ibidem, loc. cit.

687 Ibidem, loc. cit.

688 Ibidem, loc. cit. Revestida de grande actualidade, a citada descuida descrita por João Sincero resulta pelo facto de “juntaram-se varios outros [factores], substituindo aqueles [os anteriormente referidos] muitas vezes e prejudicando-os sempre, e que foram: a influencia do ensino da architectura classica ministrado sem discernimento pelas Academia; a influencia do movimento do Romantismo a favor dos antigos monumentos, que, tendo começado especialmente pelos da epoca ogival, se estendeu aos da architectura byzantina, romanica, etc.; a influencia das viagens baratas e da vulgarisação da architectura dos diversos paizes pelas exposições universaes e pela imprensa; e, finalmente, a influencia da vaidade humana n’estes tempos d’exterioridades e ostentações, em que se fazem fortunas a vapor e em que os escrupulos sobre os meios de as adquirir quasi desapareceram de todo, juntamente com o obsoleto e tradicional *pé de meia* dos nossos avós.” Ibidem, pp. 209-210. Grifos no original.

princípios da arte e do senso commun, (...) pois é vulgar ver em paizes quentes casas imitadas dos paizes frios e viceversa.”⁶⁸⁹ Em linha com as variações regionais da casa de habitação notadas por Gabriel Pereira⁶⁹⁰, e em muito, próximo à desejada afirmação da *Regionalidade* portuguesa declarada por José de Figueiredo,⁶⁹¹ Sincero adverte⁶⁹² que:

“[h]a muito que lá fóra se faz uma activa propaganda em favor dos bons principios e do regresso á architectura tradicional ou regional. **Tendo cada região uma architectura propria, em virtude das suas condições especiaes de clima e modo de vida dos seus habitantes, e sendo de evidente conveniencia saber como fizeram os nossos antepassados para aproveitar d’elles o que fôr razoavel, é claro que para fazer architectura racional todo o architecto deve conhecer a architectura tradicional da regioa em que tiver de trabalhar.** Comprehende-se bem que as casas construidas nas divervas provincias [regiões] de Portugal nos tempos em que o proprietario se preocupava, não com a vaidade de possuir uma casa mais bonita que as dos seus visinhos, mas com a necessidade de ter uma habitação onde vivesse commodamente, **devem patentear caracteres diferentes segundo a differença das regiões,** e ao mesmo tempo similhates em cada região.”⁶⁹³

E, a necessidade da recuperação desses ‘bons princípios’, semelhantes, mas sempre diferentes, não podem descurar que “[o] architecto moderno dispõe de recursos novos, tanto em sciencia como em materiaes. A vida hoje tambem não é a mesma d’outros tempos; e as suas necessidades são, portanto, diversas d’aquellas a que tinham d’attender os nossos antepassados.”⁶⁹⁴ Assim, alinhada com os desenvolvimentos hodiernos, a tradição⁶⁹⁵ (ou, nas palavras de Sincero, a semelhança da diferença das regiões) pode então revelar uma matriz envolvente a partir da qual a “arte de construir” se reifica. Considerando que “o clima, esse é que nao mudou; e d’elle depende essencialmente a forma na architectura”, urge “[o] conhecimento dos typos de construcção das diversas regiões de um paiz (...) [,] hoje (...) considerado em toda a parte tão necessario a um architecto como qualquer outro dos que constituem a arte de construir.”⁶⁹⁶

689 Ibidem, p. 211.

690 PEREIRA, Gabriel - Casa Portuguesa. In: *A Arte Portuguesa*, nº. 1. Lisboa, 1895, pp. 21-22.

691 FIGUEIREDO, José de - *Portugal na Exposição de Paris*. Lisboa: Empreza da História de Portugal, 1901.

692 Advertência que, conforme anteriormente referido, é hoje facilmente associável à vitalidade da “Forma-do-Lugar”.

693 SINCERO, João - CASA PORTUGUEZA. Renovação na Architectura Nacional. In: *Serões - Revista Mensal Illustrada*, vol. 11, nº. 10, 1.ª Série, Mar. 1902, p. 211.

694 Ibidem, loc. cit.

695 Importa destacar que aqui tradição é lida como um lastro sempre em continuidade ou em transformação alinhada com as vicissitudes de um tempo hodierno sem forçosamente ser, como por vezes o é comumente confundida (por exemplo, com o termo tradicionalista, se lido identicamente ao já considerado para o termo regionalista e nacionalista), *quasi* um antídoto contra os desenvolvimentos hodiernos sustentando uma exaltação sincrónica, de ideais e outros valores, de um passado distante.

696 Ibidem, loc. cit. Grifos nossos.

Consequentemente, nos anos seguintes, a polémica acerca da possibilidade de uma Casa Portuguesa, adensa-se. Contrapondo tal possibilidade com o argumento da diversidade tipológica das casas de habitação em Portugal, os artigos de Abel Acácio de Almeida Botelho (1854-1917) e de António Augusto César Octaviano da Rocha Peixoto (1866-1909) evidenciam-se⁶⁹⁷. Abel Botelho numa crónica de 1903 vinca a impossibilidade de se “estabelecer para todo o paiz um typo, já não digo uniforme, mas nem sequer approximado de construcção civil.”⁶⁹⁸ Do mesmo modo, Rocha Peixoto aprofunda o mesmo argumento questionando⁶⁹⁹, a propósito da habitação construída na Rua do Conde (hoje Rua Ricardo Severo) no Porto (1902-1904) pelo seu amigo Ricardo Severo da Fonseca e Costa (1869-1940), “o debil movimento promovido pela aspiração ainda indecisa da nacionalisação do domicilio portuguez.”⁷⁰⁰

“Ha um typo ou typos de habitação nacional, traduzindo materialmente, pelo schema architectonico, pelas disposições geraes da sua traça, pela ordem e ponderação das suas partes e pelos pormenores de decorativos, as faculdades de adaptação regional, os costumes, as occupações e as tendencias do povo que as habita?

697 Note-se que “[e]sboçadas sensivelmente na mesma altura, as críticas de Abel Botelho e Rocha Peixoto parecem ter tido algum impacto. De facto, ambas foram inicialmente publicadas em dois jornais diários de relativo prestígio, sendo posteriormente retomadas em revistas mais especializadas. O artigo de Abel Botelho seria designadamente reeditado na revista *A Construção Moderna* (n.º 92 de 1903). Quanto à contribuição de Rocha Peixoto, será publicada de novo na revista *A Construção Moderna* (n.º 141 de 1904) e, posteriormente, nas revistas *Serões* (Vol. I de 1905) e *A Arquitectura Portuguesa* (Vol. IX, n.º 8 de 1916), nesta última, entretanto, de forma truncada.” LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 115. Grifos no original.

698 BOTELHO, Abel - Chronica: A Casa Portuguesa. In: *O Dia*, 12 de Março, 1903, p. 2.

699 Artigo publicado originalmente sob o título “A casa portugueza” no periódico *O Primeiro* de Janeiro em 1904.

700 PEIXOTO, Rocha - A casa portugueza, primeira parte. In: *Serões. Revista mensal illustrada*, vol. 1, n.º 2, 2.ª Série, Ago. 1905, p. 106.

Ilustração 13 - PEIXOTO, Rocha - A casa portuguesa, terceira parte. In: *Serões. Revista mensal ilustrada*, vol. 1, n.º 3, 2.ª Série, Set. 1905, p. 319.



E representa a nova casa [de Ricardo Severo] um d'esses typos, descriminavel e irreductivel, por entre as vivendas ruraes e urbanas de importação alheia [(alusão aos *Chalets*)], de estylo cosmopolita ou sem estylo, de illogico transporte dos albuns para não importa que região de praia ou de cidade, de serra ou de ribeira, de sol ou de nevoa, de aridez ou de fragrancia?”⁷⁰¹

As incisivas perguntas de Rocha Peixoto constataam a premência de “[u]m julgamento com asserto determina o previo exame ao que já foi denominado a «unidade carcteristica», ou seja o padrão que vivamente exprima e em si resuma o typo ou typos da casa portugeza.”⁷⁰² Nesse sentido, considera que “[a] habitação é a expressão final da convergencia de motivos interdependentes, como sejam a paisagem, a cuja influencia naturalmente se adapta, os recursos geologicos, os accidentes topographicos, as imposições climaticas e as necessidades e circumstancias sociaes e domesticas.”⁷⁰³ De forma sistematizada⁷⁰⁴, Peixoto, contrariando a existência de um único tipo de casa de habitação portuguesa, reitera: “[a] habitação entre nós é, pois, uma consequencia da adaptação ás varias circumstancias naturaes e sociaes que a condicionam - mas isto apenas.”⁷⁰⁵ Portanto, “se não temos uma architectura exclusivamente nossa, nem rural nem urbana, (...) a tradição que radicou numerosos costumes

701 Ibidem, loc. cit.

702 Ibidem, loc. cit.

703 Ibidem, loc. cit.

704 João Leal considera que a investigação de Rocha Peixoto, “até aos trabalhos de Ernesto Veiga de Oliveira e dos seus colaboradores, permanecerá como a mais relevante contribuição etnográfica para o estudo da habitação popular em Portugal.” LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 111.

705 PEIXOTO, Rocha - A casa portuguesa, segunda parte. In: *Serões. Revista mensal ilustrada*, vol. 1, n.º 3, 2.ª Série, Set. 1905, p. 214.

compartilhados por povos affins, igualmente consagrou os typos de casas já descriptas”⁷⁰⁶. Evidenciadas as casas – e não a casa – portuguesas, Peixoto conclui o seu artigo com uma análise detalhada da recente habitação de Ricardo Severo⁷⁰⁷ (Ilustração 13). “Esta casa [de Ricardo Severo], pois, com as suas magnificencias de interior e os confortos facilmente deprehensíveis, constitue um verdadeiro Museu de pormenores e de motivos que resume epochas, estylos e influencias atravez da capacidade e do sentimento nacionaes.”⁷⁰⁸ Portanto, reforçando a sua conclusão, de que “[a] habitação entre nós é, pois, uma consequencia da adaptação ás varias circumstancias naturaes e sociaes que a condicionam”⁷⁰⁹, Peixoto termina, sugerindo que “[d]’est’arte, mais do que em qualquer outra tentativa, ficam patentes os recursos”⁷¹⁰ de que nos é licito dispôr para a edificação d’uma «casa portugueza».”⁷¹¹

Ainda enquadrável no primeiro grande momento da Casa Portuguesa⁷¹², destaquem-se igualmente os artigos dos historiadores João Baptista Barreira Júnior (1866-1961) e de Joaquim António da Fonseca de Vasconcelos (1849-1936) publicados no segundo volume das “Notas sobre Portugal, Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908”⁷¹³. Intitulado de “A Habitação em Portugal”, o artigo de João Barreira conclui, embora constata a diversidade etnográfica e histórica da habitação em Portugal⁷¹⁴, que “[o] que nos últimos tempos se tem querido definir, abstractamente, como constituindo a expressão regionalista da casa portuguesa, é a habitação de escada exterior encostada a uma das fachadas do prédio ou caindo sobre esta perpendicularmente e coberta no patim do alto por um alpendre com tejadilho assente em columnellos dóricos ou

706 Ibidem, loc. cit.

707 Note-se que tendo como pano de fundo “a casa mandada construir pelo seu amigo Ricardo Severo (1869-1940) no Porto - que foi, como vimos, uma das primeiras experiências de adopção do formulário da casa portuguesa como programa estético - o artigo de Rocha Peixoto não hostiliza o projecto. Mas sublinha, com um argumentação etnograficamente muito cerrada, o modo como essa casa só seria portuguesa porque tinha justamente renunciado a reproduzir um modelo único, para operar como uma espécie de *pastiche* de diferentes elementos regionais e históricos, numa espécie de «hibridismo etnológico e arqueológico» (*id.*: 163) que seria a melhor confirmação da impossibilidade de se falar de um estilo nacional de arquitectura. Em resumo, «de modo nenhum» haveria lugar para falar «duma casa ou casas de indefectível estilo nacional» (*id.*: 160).” LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 115.

708 PEIXOTO, Rocha - A casa portugueza, terceira parte. In: *Serões. Revista mensal illustrada*, vol. 1, n.º 4, 2.ª Série, Out. 1905, p. 322.

709 PEIXOTO, Rocha - A casa portugueza, segunda parte. In: *Serões. Revista mensal illustrada*, vol. 1, n.º 3, 2.ª Série, Set. 1905, p. 214.

710 Descritos ao longo da sua investigação acerca da diversidade regional das casas de habitação em Portugal continental.

711 Ibidem, loc. cit., p. 322.

712 Ibidem, loc. cit., pp. 114-122.

713 TEIXEIRA JUDICE, António, ARROYO, António (eds.) - *Notas sobre Portugal, Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908*. Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 1909.

714 Ibidem, loc. cit., p. 116.

jónicos.”⁷¹⁵ Enquadradas por uma estampa do alçado principal da casa de Ricardo Severo, as citadas afirmações retomam as notações de Henrique das Neves, aprofundando-as. “[E]fectivamente, é esta a variedade que, como já dissemos, com maior frequência se encontra nas regiões ruraes mais diversas”⁷¹⁶. E, nesse sentido, complementa: “[é] por certo a que mais se coaduna com a uniformidade do nosso clima, sobretudo nas suas zonas temperadas, e aquella que abrange não só maior numero de exemplares ainda existentes”⁷¹⁷ Refere, ainda, que tal uniformidade se expressa igualmente ao nível do pormenor decorativo, “a pedra de toque de onde irradia a expressão regional da casa portuguesa, pois com elle que lhe imprime character e lhe dá vida nossa.”⁷¹⁸ No artigo seguinte, intitulado “Arte Decorativa Portuguesa”, Joaquim de Vasconcelos, de modo incisivo, contesta os argumentos de Barreira (e de outros) em prol de uma uniformidade da casa de habitação portuguesa. “Fala-se tanto – tem-se falado demais – na criação da *Casa portuguesa*, com decoração própria, original, que já ninguém se entende no meio de tantas receitas e alvitres. **Cada província [região] tem felizmente o seu typo.** Procuraes-os.”⁷¹⁹ E, insistindo no tom incisivo, assevera: “[c]omo pretendeis pois apregoar *uma formula, um padrão unico?* Os mais característicos estão por essas estradas fora; são producto espontâneo popular [vernacular], original, sem a menor intenção de o ser, simples e convincente, porque são sobretudo exemplares económicos, claros e apropriados ao fim pratico.”⁷²⁰

Embora resumida⁷²¹, a anterior selecção de relatos, enquadráveis no animado debate bipartidarizado acerca da Casa Portuguesa, circunstancia invariáveis matriciais à firmação da hipótese colocada neste momento da investigação. Da análise detalhada desses relatos – enquadráveis no primeiro grande momento da Casa Portuguesa – infere-se, antes de mais e comum a ambas partes do debate, a exaltação do local e da Região, retomando os termos propostos pelo modelo

715 BARREIRA, João - A Habitação em Portugal. In: TEIXEIRA JUDICE, António, ARROYO, António (eds.) - *Notas sobre Portugal, Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908*. Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 1909, pp. 176-177.

716 “facto que parece dar garantias sobre a remota origem d’esse typo, accentuando-se que é commum a toda a faixa mediterrânea, como se vê em pontos extremos, no sul de Itália e na Grécia.” Ibidem, p. 177.

717 Ibidem, p. 177.

718 Ibidem, p. 177-178.

719 VASCONCELOS, Joaquim de - Arte Decorativa Portuguesa. In: TEIXEIRA JUDICE, António, ARROYO, António (eds.) - *Notas sobre Portugal, Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908*. Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 1909, p. 185. Grifos nossos.

720 Ibidem, loc. cit. Grifos no original.

721 Refira-se, ainda, na temporalidade considerada, o trabalho de, entre outros autores, D’ ALMEIDA, José Fialho - *Á esquina (Jornal d’um Vagabundo)*. Coimbra: F. França Amado (ed.), 1903 e, complementar ao debate da Casa Portuguesa, MATTA, José Caeiro da - *Habitações Populares. Estudos Económicos e Financeiros III*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1909.

teórico-crítico de observação, ou seja, a elevação da Forma-do-Lugar. Consequentemente, e focando em exclusivo o campo disciplinar da Arquitectura, os resultados advindos dessa exaltação, ou seja, os processos intrínsecos ao pensamento projectual firmado no local e na Região, são essencialmente, construções erigidas através de processos híbridos, de descontextualização, recontextualização e, novamente, de contextualização. Verificável nas construções antes citadas – nas ditas estrangeiradas, ou *Chalets*, e, igualmente, nas ditas portuguesas – evidencia-se, tomando como exemplo a casa de Ricardo Severo, uma hibridez compositiva, formal e espacial, resultante de uma amalgamação entre elementos diversos, referenciáveis, por um lado, ao vernacular (da tradição) e, por outro, obviamente, ao moderno⁷²² (da inovação). Sem aprofundar a hibridez dessas Arquitecturas, retenha-se que desses processos emergirão matricialmente as etapas ou aproximações críticas consideradas pelo dito modelo teórico-crítico de observação, ou seja, o citacionismo e, mais tarde, o sincretismo. Neste contexto, por um lado, será da afirmação de um tipo português de casa de habitação que emergirão acções expressas de citacionismo; e por outro, décadas mais tarde, decorrente da objecção efectiva realizada por arquitectos emergirão acções de sincretismo. Assim considerado, conclua-se o primeiro grande momento da Casa Portuguesa com mais uma citação que expressa, *grosso modo*, as circunstâncias verificáveis nos momentos seguintes, em particular, a consagração desses hibridismos pela mão, da já mencionada, sua figura tutelar.

No último capítulo, dedicado a Raphael Bordalo Pinheiro (1846-1905), da publicação titulada “Á esquina (Jornal d’um Vagabundo)” de 1903, José Valentim Fialho D’Almeida (1857-1911), retoma satiricamente a crítica acerca da participação portuguesa na Exposição Universal de 1900. “A ponto vamos, que em Portugal parece não haver já architectos, mas caixoteiros.”⁷²³ De modo expressivo, constata: “[e]ra bello ver na ultima exposição de Paris os esforços da architectura ingleza para, sobre themas locaes, variar ao infinito os seus typos de casa nacional. (...) Julgareis seja este inquerito aos motivos tradiçõnaes da

⁷²² Cf. nota 282.

⁷²³ D’ ALMEIDA, José Fialho - *Á esquina (Jornal d’um Vagabundo)*. Coimbra: F. França Amado (ed.), 1903, pp. 198.

architectura e decoração da casa inglesa, um caso virgem? Pois em quasi todos os paizes do velho e novo mundo elle está feito.”⁷²⁴ Demarcando-se, fervorosamente, dos demais artistas e eruditos que “ainda em Portugal malprincipia, abandalhados que vamos do mal francez d'importar tudo, até os nomes dos deboches, e os das cadellas de Paris com que baptisamos cá as nossas filhas”⁷²⁵ declara a necessidade de, em continuidade com outros países europeus⁷²⁶, empreender-se num inquérito, “caso de busca e escolha scientificas, para dos elementos simples, componentes, apurar aquelles que num dado povo a tradição e a arte prenderam, vetustamente, ao solo e ao habitante, e com estes crear o projecto da nova habitação, nacionalisada, reintegrada na sua pureza una e genuina.”⁷²⁷ Evidenciando os trabalhos iniciais de inventariação de Henrique das Neves e de Gabriel Pereira, reitera que:

“[p]or ventura[,] a curiosidade desse inquerito traria outros, recoltados no sul e no meio dia, onde ha tanta coiza linda a recolhar (Alemtejo e Algarve sobretudo), é que o inquerito prompto e os albuns cheios, algum architecto de tino um dia tentasse a renacionalisação da casa portugueza, livrando-a da salgahada dos estylos e typos de Paris, que ás vêzes chegam a brigar com as condições do clima, os habitos de vida e a refulgencia da luz meridional: exemplo, o *petit-hotel* coberto d'ardozia onde o morador no verão derrete; exemplo, o caricato chalé de tectos a pino e mansarda em bico, para evitar acumulações de massas de gelo, num paiz onde, coitado, o gelo raro passa de geadas.”⁷²⁸

Com as devidas cautelas, é interessante salientar, que a hipótese arremessada por Fialho D'Almeida prenuncia o que só será consumado por uma “novíssima geração”⁷²⁹ de architectos, décadas mais tarde⁷³⁰. Contudo, a intenção primeira do

724 Ibidem, p. 201.

725 Ibidem, pp. 202-203.

726 Possivelmente, para além do exemplo inglês, uma referência ao então conhecido inquérito “*Enquête sur les conditions de l'habitation en France. Les maisons-types*” (Comité des travaux historiques et scientifiques. Section des sciences économiques et sociales (editor científico), FOVILLE, M. Alfred de (prefácio) - *Enquête sur les conditions de l'habitation en France. Les maisons-types*. Paris: Ernest Leroux (ed.), 1894 (Tomo I), 1899 (Tomo II). Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k753202> Acesso: 21 Out. 2012). Refira-se que esse inquérito foi anteriormente mencionado por Sincero: “Pelo governo francez foi ha tempos ordenado, sob a direcção do *Comité des travaux historiques et scientifiques*, um inquerito sobre as condições da habitação em França, do qual estão publicados já dois volumes (1894-1899). E em 1899 um deputado pedia a criação de escolas regionaes de architectura, porque, dizia elle, «l'art doit s'inspirer àes traditions locales pour arriver à réaliser des ouvres qui portent la marque du génie de la France architecturale». Na recente reforma da Academia de Bellas-Artes de Lisboa vem um artigo, segundo o qual «o governo subsidiará alumnos do curso de architectura para em viagens pelo paiz estudarem monumentos da arte nacional.» Apesar de que os reformadores só pensaram em «monumentos,» como os alumnos verão também as «casas,» nao importa a omissão.” SINCERO, João - CASA PORTUGUEZA. Renovação na Architectura Nacional. In: *Serões - Revista Mensal Illustrada*, vol. 11, n.º 10, 1.ª Série, Mar. 1902, pp. 212-213. Grifos no original.

727 D' ALMEIDA, José Fialho - *Á esquina (Jornal d'um Vagabundo)*. Coimbra: F. França Amado (ed.), 1903, pp. 202-203.

728 Ibidem, pp. 203-204.

729 PORTAS, Nuno - A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal. In: *Arquitectura*, 3ª série, n.º 66, Nov./Dez. 1959, p. 13-14.

730 Ou seja, o Inquérito à Architectura Regional Portuguesa (1955-1961). Refira-se, desde já, sinal de resistência à associação na década de 40 da Casa Portuguesa à ideologia do Estado Novo, a importância do Inquérito à Habitação Rural realizado pelos engenheiros agrónomos – BASTO, Eduardo Alberto Lima, BARROS, Henrique de (eds.) - *Inquérito à Habitação*

(continua)

Ilustração 14 - IGNOTUS - Casa do Ex.^{mo} Sr. Manoel OTTOLINI no Bairro Herédia (Estrada de Bemfica). In: *A Arquitectura Portuguesa*, ano VI, n.º 11, Nov. de 1913, p. 41.



texto de Fialho D'Almeida é, circunstancialmente, em prol da Casa Portuguesa: “a casa portuguesa merecia bem o trabalho de a resuscitarem do desprezo injusto em que cahiu [face à proliferação de *Chalets*], e ser erguida outra vêz, com tradicionaes motivos genuínos, nas mil variantes d'estylisação, desenho e typo, que a phantasia dum artista descobre entre a baiuca alpeadrada do rabuzano beirão, vestido de saragoça, e o palacio portuguez do seculo XVII, de bração carrancudo e janellas duplas nos cunhaes.”⁷³¹ Mas, reconhece:

“[n]enhum architecto té gora tentou renacionalisar a casa portugueza, disse eu? – pois enganei-me, ha um, e novo, o sr. Raul Lino, que fez estudos na Allemanha, com Haupt, architecto illustre a quem se deve o livro erudito, preciso e escrupuloso, sobre a Renascença em portugal, e que ainda ha pouco tornado ao paiz, revêla já na galhardia dum artista amoroso das nobres elegancias, a argucia dum espirito calmo que se impôz retrabalhar a architectura typica da terra, partir e assimilar da tradiçcão, em vêz de ser por Lisbôa, como os outros, simplesmente um lavrador de sementes espurias, um remendão d'estylos luizinhos e manoelsinhos, sirgando a obra bastarda das gerações *artistas* de até agora. Poucos são por ora os trabalhos conhecidos de Raul Lino, mas em todos méche o fito patriotico de, como elle diz, «achar um modo de construir que seja original e moderno, e sobretudo tenha character portuguez».”⁷³²

Porém, antevendo o considerável protagonismo de Lino na continuidade do debate da Casa Portuguesa, Fialho D'Almeida, adverte: “[e]u não sei se na obra do sr. Raul Lino estes agregados se homogenisam já num todo integro, ou por agora não passam, d'aposições pictorescas, mais ou menos proximas, que o artista

Rural. I Volume. A Habitação Rural no Norte de Portugal (Minho, Douro-Litoral, Trás-os-Montes e Alto-Douro). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1943; BARROS, Henrique de (ed.) - *Inquérito à Habitação Rural. II Volume. A Habitação Rural nas Províncias da Beira (Beira Litoral, Beira Alta e Beira Baixa)*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1947. Sobre o Inquérito à Habitação Rural considere-se a investigação de LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

731 D' ALMEIDA, José Fialho - *À esquina (Jornal d'um Vagabundo)*. Coimbra: F. França Amado (ed.), 1903, p. 204.

732 Ibidem, pp. 205-206.

ainda não teve tempo de transformar e fundir em *coiza nova*.”⁷³³ Porém, essa “*coiza nova*” – ou “compostos”, recorrendo novamente a expressão utilizada por D’Almeida⁷³⁴, categóricos – só será, em definitivo, instituída⁷³⁵ pela já referida “novíssima geração” de arquitectos.

O antes animado debate acerca da Casa Portuguesa, num segundo momento – que se prolongará sensivelmente até ao início dos anos vinte⁷³⁶ –, tende a esmorecer. Porém, alguns dos artigos do primeiro momento ganham novamente destaque, sendo reeditados⁷³⁷ em publicações específicas de Arquitectura. De facto, o folhear dos periódicos de Arquitectura desses anos revela que a Casa Portuguesa ganha finalmente relevo junto da classe, tornando-se uma referência incontornável⁷³⁸. “Que não ha a *casa portuguesa*, dizem uns; outros afirmam que sim. § Esta discussão de ha anos bastantes, nuncae hegará a um resultado concreto? § Cada um fica com a sua opinião e não transige. § Poucos, porém, têm procurado provar com factos, a existencia da *casa portuguesa*.”⁷³⁹ Acompanhado por registos de rigor – plantas e alçados – e por registos fotográficos, o artigo de *Ignotus*⁷⁴⁰ em “A Architectura Portuguesa” (Ilustração 14) corrobora o antes dito. Entre muitos outros, a selecção do texto *Ignotus*

733 “Sei porém que o vulto destes lindos compostos me evôca aiosamente ideias d’ancestralidade e patria recuadas, a graça mobil da gente, a esbelteza fidalga dos moimentos, o muito ar e muita luz da minha terra, as lumbradas de sol, as nortadas de Dezembro, a magia das luas passionaes, tudo isto d’envolta com essa procura de mysterio romantico, essa febre de pompa, d’amor e d’aventuras, que nos ficou do arabe, a escaldar no sangue aventureiro. (...) Motivos de sobra para favorecer e animar a todo o transe esta especie de revindicação patriotica nas artes de construir a habitação, que a despeito da pyrronice estrangeira dos nossos architectos de nome, e turbamulta de ricos que lhes ouve os conselhos immoraes, vem emprehendendo a meia dizia d’artistas vingadores da genuidade nacional.” Ibidem, p. 207. Grifos no original.

734 Cf. citação presente na anterior nota.

735 Cf. Parte III. Itinerários de *Regionalidade*, ponto 2. Por uma *Regionalidade*.

736 LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 116.

737 Entre outros, um excerto do texto original de Rocha Peixoto (antes referido) publicado em: PEIXOTO, Rocha - A casa do engenheiro, Ex.mo Sr. Ricardo Severo na Rua do Conde, no Porto. In: *A Architectura Portuguesa*, ano XIX, n.º 8 (Ago), Lisboa 1916, pp. 29-32.

738 “Mas o que avulta é o modo como, a par desses apontamentos mais cépticos, cresce de forma significativa o número de projectos publicados em revistas que, de uma forma ou de outra, se identificam com a casa portuguesa: um total de onze entre 1908 e 1917.” Ibidem, loc. cit., pp. 116-117.

739 “Deixem-nos, pois, dar aqui alguns elementos para o estudo de tão interessante assunto. § Na Beira Baixa, vimos ha dois anos, uma pequena aldeia, quasi no sopé da Serra da Gardunha, conhecida pelo nome de Telhado, em que as casitas, na sua quasi totalidade tem as fachadas construidas com grandes blocos de granito, tendo a escada exterior, dando acesso para uma varanda alpendrada, a toda a largura da fachada. § Na Beira Alta, a pouca distancia de Vizeu, vimos tambem por essa época algumas casas, com janélas sacadas alpendradas, e a escada exterior, apenas com o alpendre sobre a porta de entrada, e sob o patamar da dita escada, a entrada para os baixos da casa. § Outra casa vimos em que o alpendre acompanha a escada desde o seu inicio, seguindo a inclinação da mesma até terminar sobre o portal da entrada. § Vimos outra, em que a essa tem à frente uma ampla galeria colonada, sustentando o alpendre, ou como agora se diz, a cobertura do terraço, e dessa galeria partindo a escada, num dos angulos, até ao solo, contornando a casa para a sua fachada lateral. § No Algarve vimos ha anos casas com os alpendres cupulados, de abobada, em forma de zimborio, sem duvida reminiscencias do domínio saraceno. § Outras, com arcarias, formando pateo interior, abrigando das intemperies; outras ainda, formada a frente do primeiro andar sobre colonatas, deixando por baixo uma arcaria sob a qual se acha o acêso para a parte baixa do predio. § Tudo isto, e muitissimo mais que existe disperso nas nossas provincias, não dará para um estudo consciencioso da *casa portuguesa*?” IGNOTUS - Casa do Ex.mo Sr. Manoel OTTOLINI no Bairro Herédia (Estrada de Bemfica). In: *A Architectura Portuguesa*, ano VI, n.º 11, Nov. de 1913, p. 41. Grifos no original.

740 Após várias tentativas, não foi possível descobrir o verdadeiro nome de *Ignotus* durante a produção desta investigação.

advém por ser, de certo modo, uma síntese – em tom particularmente incisivo – das referências à Casa Portuguesa no seu segundo momento e, igualmente, por revelar, em traços gerais, um conjunto de práticas que se tornariam referências na cena arquitectónica de então. Nesse sentido, *Ignotus* constata que “[o] *problêma da casa portuguesa*”⁷⁴¹ subsiste, “[e]m geral, poucos architectos se teem dedicado a estudar o problêma. Em vez de se reunirem para fazer excursões para vêrem determinados monumentos públicos, sem duvida dignos de admiração, como a Batalha, Convento de Cristo e outros, porque se não congregam para irem em cada ano a uma província, estudar os restos da sua antiquissima architectura particular?”⁷⁴² Portanto, “[n]ão ficariam assim mais habilitados a modiflcar o modo do ser da architectura nacional, eivada dos modelos franceses [, ou *Chalets*], agora que já se desenha uma acentuada tendência em alguns homens de bom gosto para terem as suas residencias com architectura tradicionalista?”⁷⁴³ Destacando a Casa de Ricardo Severo, “uma linda vivenda a que procurou e conseguiu dar reminiscências tradicionalistas inconfundíveis”⁷⁴⁴, *Ignotus* evidencia, entre outros, o architecto Raul Lino, como “os que mais tem procurado reconstituir a casa portugêsa”⁷⁴⁵ na prossecução do mais competente, “[o] distinto colaborador desta revista, o ilustre general sr. Henrique das Neves, abalisado escritor publico, que sobre o assunto de que se trata é magister, pois tem visto muito e tem escrito em diversas revistas bastantes e interessantes cousas sobre o caso.”⁷⁴⁶ E, remata, firmando a capacidade do autor da Casa do Ex.^{mo} Sr.

741 Ibidem, loc. cit. Grifos no original. A título de curiosidade, refira-se que décadas mais tarde, será este o título (aqui por *Ignotus*, ibidem, p. 43. Grifos no original) de uma obra seminal na contra-resposta à Casa Portuguesa. Cf. Parte III.

Itinerários de *Regionalidade*, ponto 2. Por uma *Regionalidade*.

742 Ibidem, p. 41.

743 Ibidem, loc. cit.

744 “§ Esta casa serviu de tēma para acaloradas e interessantes discussões sobre a *casa portugêsa*. § O architecto Teixeira Lopes tem no n.º 7 de 1909 dēsta revista, um belo especimen de architectura tradicionalista, na casa do Ex.mo Sr. Avelino Augusto Correia, em Vila Nova do Gaia. § O architecto sr. Francisco Carlos Parente, tambem tem no n.º 8 de 1908, outro especimen de architectura bastante feliz na casa construida para o Ex.mo Sr. Fernando Formigal de Moraes, na Estefania, em Cintra. § Parece-nos que, neste genero, nada mais tem o sr. Parente. O sr. Teixeira Lopes é que tem muitas casas no mesmo genero, por ēle projectadas, e que, pena é, não tenham ainda visto a luz da publicidade, e, se não receasemos ser indiscretos (vá lá a indiscrição) pediriamos á ilustrada direção desta revista para vēr se obtinha daquēle illustre artista os originaes para aqui serem publicados. § O distinto architecto sr. Alvaro Machado, apesar da sua especial predileção pelo romanico, em que tem trabalhos admirareis, tambem empregou, um pouco de estilisação tradicionalista numa casa projétada para o falecido dr. José de Lacerda no Alto do Estoril, como se pôde vēr no numero de Junho de 1910 dēsta revista. § O não menos distinto architecto, sr. Norte Junior, tambem abandonou por momentos a sua architectura predilēta e especial, e projétou para os dois irmãos, os Ex.mos Srs. Guilherme Nicolau dos Santos e Francisco dos Santos dois tipos de casas com elementos tradicionalistas, na rua julio Diniz, publicadas respetivamente nos numeros de abril e junho de 1912. § Dos demais artistas especialistas em architectura nada nos consta com respeito a terem feito qualquer cousa no género tradicionalista.” Ibidem, pp. 42-43. Grifos no original.

745 Ibidem, loc. cit.

746 “§ Mas, o nosso amigo [Nunes Colares, director da revista], objetou-nos que o ilustre general, sr. Henrique das Neves, está agora muito pouco dado ás letras e ainda com menos vontade de trabalhar, talvez devido ao excessivo frio, e prefere o cavaco do Universal, Martinho, Suisso, etc., á massada de estar a escrever linguados.” Ibidem, pp. 43.

Manoel Ottolini, o constructor (e arquitecto, segundo *Ignotus*) Guilherme Gomes, (18? - ?) pois “soube tirar partido do local, e fez uma arquitectura com motivos decorativos tradicionalistas, que lhe dá honra, aproveitando o aturado estudo feito de trechos architectónicos típicos nacionaes, que mostram a bôa vontade de acertar no que deve sêr a casa portugêsa, aproveitando alguns elementos dispersos pe'as nossas províncias, como os que citámos no principio dêsta notícia, e que tendem a desaparecer na derrocada do tempo.”⁷⁴⁷ É, então, num cenário de consenso aparente⁷⁴⁸ em torno da possível existência de um tipo de casa de habitação português que, o em muito elogiado⁷⁴⁹, Raul Lino publica o seu primeiro grande texto enquadrável na temática da Casa Portuguesa: “A Nossa Casa. Apontamentos sobre o bom gôsto na construção das casas simples.”⁷⁵⁰ Autor de uma extensa obra teórica e prática, a obra de 1918 de Lino declara, fruto das suas viagens, em particular, pelo Alentejo e Norte de África (Marrocos em 1902⁷⁵¹), um interesse considerável pelo Sul e suas expressões architectónicas vernaculares e eruditas. Epigrafada com uma citação de “O culto da arte em Portugal” de Ramalho Ortigão, a publicação de Lino aprofunda e sistematiza considerações em muito alinhadas com, entre outras, as presentes na já distante nota de Henrique

747 Ibidem, pp. 44.

748 Ibidem, p. 117. A título de exemplo do interesse académico pela questão da Casa Portuguesa, em particular acerca da diversidade regional das construções vernaculares de Portugal, considerem-se os trabalhos de alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa de José Leite de Vasconcelos que, publicados na Revista Lusitana sob o título “Casa Portuguesa. Inquerito etnografico” estudam casos da, entre outros, Ilha da Madeira, Leiria, Mirandela, Portalegre, Cartaxo, Figueira da Foz e a casa Minhota. Cf. AAVV - “Casa Portuguesa. Inquerito etnografico”. In: VASCONCELOS, José Leite de (dir.) - *Revista Lusitana. Arquivo de estudos filologicos e etnologicos relativos a Portugal*. Vol. 19, n.º 1-4, Lisboa 1916, pp. 134-161.

749 Para além das referências antes citadas, retenham-se, igualmente, os vários artigos da “A Construção Moderna” consagrados a Raul Lino. Desses artigos, destaque-se o de D. José Maria da Silva Pessanha (1865-1939). “Raul Lino, ao contrario, quando regressou da Alemanha, trazia já o intuito, conhecido e appalaudido de Haupt, — o seu verdadeiro mestre, — de se dedicar, e de reagir, com todo o vigor, com toda a sinceridade, com toda a fé, da sua radiosa juventude, contra a corrente de banalidade e de estrangeirismo, que ha muito nos invadiu e que, todos os dias e em toda a parte, está assignalando a sua passagem pela profusão de casas sem o menor vislumbre d'arte, sem o mais pallido reflexo de qualquer preocupação esthetica, de chalets abastardados, de pseudo-abbadias normandas, de castellinhos feudaes, de edificações do mais incoherente e absurdo ecletismo. (...) Analysou os typos tradicionaes de habitação que se lhe depararam; estudou as recordações historicas da arte que, mais ou menos esquecidas e maltratadas, ainda se encontram por esse Portugal fóra; recolheu impressões da nossa variada paisagem, e, prevendo que a sua actividade teria de exercer-se, de preferencia, em Lisboa e cercanias, dedicou mais atenção ás casas do Alemtejo, por serem as do Norte e as do Algarve menos adaptaveis ao clima da nossa região. Assim preparado, deu-se todo à sua obra, ao seu bello e patriotico emprehendimento, tentando, não a vulgarização dos typos tradicionaes, não a ressurreição da casa dos nossos avós, mas (o que é muito differente) a evolução consciente e systematica d'esses typos, pela conciliação do que, sob o ponto de vista da arte, nelles se lhe afigura mais caracteristico, mais original, mais português, com as exigencias da vida contemporanea, com as indicações da hygiene, com o emprego dos novos materiaes, com os progressos da arte de construir.” PESSANHA, José - Raul Lino. In: *A Construção Moderna*, ano III, n.º 56 Lisboa, 10 Abr. 1902, pp. XIX-XX. A par do artigo antes citado, considere-se ainda: PESSANHA, José - Fachadas de estylisação tradicionalista. Architecto, sr. Raul Lino. In: *A Construção Moderna*, ano IV, n.º 102, 20 Jul. 1903, pp. 139-140.

750 LINO, Raul - *A nossa casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. Lisboa: Edição da Atlantida, 1918.

751 Sobre as viagens de Lino no início de novecentos, veja-se, entre outros: MATOS, Madalena Cunha, RAMOS, Tânia Beisl - Um Encontro, Um Desencontro. Lúcio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos. In: AAVV - *O Moderno já Passado. O Passado no Moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitectura*. Anais do 7o seminário do do.co.mo.mo – Brasil, Porto Alegre: 22 a 24 Outubro, 2007. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/034.pdf>. Acesso em: 7 de Abr. 2012.

das Neves⁷⁵². Os “Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples”, pontualmente ilustrados por perspectivas e registos de rigor em planta de casas de “estylização portuguesa”⁷⁵³ – denominados de exemplos pelo autor (Ilustração 15) –, ambicionam, num tom didáctico e indicam “a forma por que se deve apreciar o valor estético de uma habitação procurando despertar interesse pelos seus vários aspectos.”⁷⁵⁴ Porém, adverte Lino, “[e]ste livrinho não é nem poderia ser um formulário para a criação de belas casas.”⁷⁵⁵ Contudo, o “livrinho” de Lino estatui um conjunto de proposições que facilmente se podem considerar como um guia de como pensar o projecto. Sem aprofundar⁷⁵⁶ tais proposições, evidencie-se as que, presentes nesse suposto método, se revêem na Forma-do-Lugar e na sua vitalidade para a constituição de um pensamento projectual em Arquitectura. “Não se deve porém fazer a planta sem estar escolhido o terreno. Ha muitas cousas a que entender que dependem da situação de um terreno e que influem poderosamente na disposição de uma casa.”⁷⁵⁷ Assim, a “questão muito importante da orientação, que é preciso considerar desde o princípio”⁷⁵⁸ é vital à disposição de uma casa, como por exemplo, o sol e o vento, que são factores sempre a considerar. “Tudo se deve pesar bem atendendo a que as condições climáticas mudam de região para região e as circunstâncias locais são sempre diferentes.”⁷⁵⁹

752 LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 118.

753 Assim denominado em muitas das publicações referentes às construções de Lino, em particular, as da zona de Cascais e Estoril.

754 LINO, Raul - *A nossa casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. Lisboa: Edição da Atlantida, 1918, p. 4

755 Ibidem, loc. cit.

756 Para um aprofundamento das preposições de Lino na referida e noutras obras veja-se: PEREIRA, Michel Toussaint Alves - *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*.

Dissertação de Doutoramento em Teoria da Arquitectura. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 2009, pp. 202-266. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/1411>. Acesso em: 4 de Jun. 2012.

757 Ibidem, pp. 10-11.

758 Ibidem, p. 11.

759 Ibidem, p. 11.

Ilustração 15 - LINO, Raul - *A nossa casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, 1918, pp. 32-33.



A atenção à diversidade das Regiões de Portugal continental e, para além das demais considerações físicas, ter-se-á que ter igualmente em consideração as tradições peculiares dessas regiões: “[n]unca se pergunte em que estilo se vai construir. É lógico que se, construa no estilo da região. É natural que se respeitem tradições locais, que adoptemos processos de mão-de-obra experimentados, que nos sirvamos dos materiais circunjacentes. [E] faz-se isto sem esforço só por que é lógico que assim se proceda.”⁷⁶⁰ Resumidamente citadas, as proposições de Lino no que respeita aos ensinamentos das tradições regionais expressas nas demais construções vernaculares, e não só, ganham a configuração de um formulário estilístico que, marcarão uma renovada atenção à Casa Portuguesa vista simultaneamente como realidade etnográfica e como programa estético⁷⁶¹. Tal formulário que distingue em particular a importância da caracterização formal e compositiva da construção, enumera “alguns traços arquitectónicos que são de todo recomendáveis”⁷⁶² e que aprofundados por Lino em publicações posteriores, marcarão a futura expressão e a mais conhecida da Casa Portuguesa. Os traços advindos de soluções lidas na Arquitectura vernacular e, obviamente, reformuladas pela erudição compositiva do arquitecto, isto é, as “coisas que além serem caras pelo amor da tradição, são belas em absoluto”⁷⁶³ e que Lino evidencia são principalmente: o “alpendre da casa, essa feição caracteristicamente

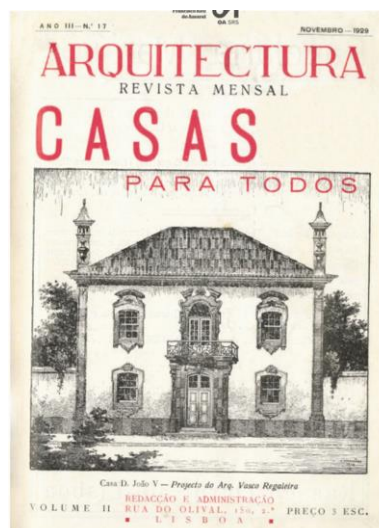
⁷⁶⁰ Ibidem, p. 15.

⁷⁶¹ LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 118.

⁷⁶² LINO, Raul - *A nossa casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. Lisboa: Edição da Atlantida, 1918, p. 17.

⁷⁶³ Ibidem, p. 17.

Ilustração 16 - *Arquitectura*, Ano III/Vol. II,
n.º 17, Nov. de 1929 (capa).



portuguesa”; a caiação, em branco ou a cores, “está para as casas como o fresco tecido de linho para a mesa das refeições, serve aos ricos, serve aos remediados, serve a todos”⁷⁶⁴; a cobertura em “telha de canal ou encanudada”⁷⁶⁵ rematada por um beiral à portuguesa⁷⁶⁶ e complementada com chaminés; o azulejo, que “encantam-nos sempre que os vemos aplicados, quer sejam os de relevo ou mudéjares, os de figuração em azul ou os de padrão – tanto em azul como policromos – e ainda os do género *grotesco* ou de livre ornamentação”⁷⁶⁷; e a escada exterior. O correcto uso desses traços e de materiais baseados numa tradição regional e, consequentemente nacional, possibilitaria a correcta ordenação dos espaços e das fachadas – de acordo com o clima, com os elementos físicos e consequente escolha e disposição no terreno e com os demais hábitos dos moradores – e, desse modo, uma solução que, face ao “desacerto de adoptar certos estrangeirismos [alusão aos *Chalets*]”⁷⁶⁸, exaltaria o ‘autêntico’ carácter⁷⁶⁹ da casa dita de portuguesa.

Os projectos, as obras construídas e as inúmeras publicações dedicadas, implícita ou explicitamente, à Casa Portuguesa confirmam o que Lino⁷⁷⁰ previu

⁷⁶⁴ Ibidem, p. 17.

⁷⁶⁵ Ibidem, p. 22.

⁷⁶⁶ Ibidem, p. 24.

⁷⁶⁷ Ibidem, p. 40. Grifos no original.

⁷⁶⁸ Ibidem, p. 24.

⁷⁶⁹ Considerada exemplar do carácter de casa de habitação que Lino almejava, refira-se da sua autoria a, embora inaugurada em 1914, singular Casa do Cipreste em São Pedro de Sintra e, embora de programa diferente, a denominada Casa Branca ou Casa do Marco (1920) em Azenhas do Mar, Sintra. Sobre estas casas em particular veja-se: MANOEL, Bernardo d'Orey - *Fundamentos da arquitectura em Raul Lino*. Lisboa : Universidade Lusíada, 2012

⁷⁷⁰ “Mas esta campanha que, pela sua tendência, devia levar os artistas a estibarem-se nas boas tradições nacionais, ameaça não passar de um devaneio literário ou de ser apenas a mais recente fase do período e imitações do qual parece não nos

(continua)

anos antes, ou seja, um devaneio ou moda da Arquitectura. Essa inevitabilidade é notória na inventariação de ‘estilos’ patente, sob o título “Casas para todos” (Ilustração 16) na edição de Novembro de 1929 da revista “Arquitectura”. Em “Uma mão-cheia de projectos”⁷⁷¹ a revista publica “projectos de casas concebidos nos mais variados estilos e tendencias architectónicas”⁷⁷², catalogando a “Casa Portuguesa”⁷⁷³ do Architecto Raúl Martins (1892-1934) como uma “Casa de estilo” – em conjunto com a “Casa D. João V” do Architecto Vasco de Moraes Palmeiro Regaleira (1897-1968), a “Casa de Campo” do Architecto Adelino Nunes (1903-1948), a “Casa Regional” e “Casa Rústica” do Architecto Fernando Perfeito de Magalhães e Menezes de Villas-Boas (1880-1958) e a “Casa Tradicional” do Architecto Luís Cristino da Silva (1896-1976) – a par da “Casa Moderna”, ou de “estilização modernista”, do Architecto Carlos Ramos (1897-1969).

Perante uma acentuada multiplicação de casas do ‘estilo’ Casa Portuguesa, o fulgor teórico e crítico verificado nas décadas anteriores quase que desaparece nos anos vinte, delimitando um terceiro momento que se prolongará até aos anos quarenta do século passado⁷⁷⁴. Nesse sentido, a “proliferação de medíocres estilos regionalistas”⁷⁷⁵ admite a possibilidade de que “Raul Lino vem a ser duplamente mal entendido quer pelos que lhe copiam as formas, supondo-as formas-portuguesas, quer por aqueles que supõe esclarecer o sentido das suas preocupações, ajuntando comentários e divagações críticas.”⁷⁷⁶ Consciente que, a par do crescente interesse de uma Arquitectura de traça modernista e de uma dita *Art déco*⁷⁷⁷, a Casa Portuguesa “tinha então caído sob o domínio dos amadores e curiosos avessos a toda a disciplina”⁷⁷⁸, Lino persiste na doutrinação acerca das

queremos desprender.” LINO, Raul - *A nossa casa. Apointamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. Lisboa: Edição da Atlantida, 1918, p. 62.

771 COSTA, Francisco (dir. e ed.) - “Casas para todos”. In: *Arquitectura*, Ano III/Vol. II, n.º 17, Nov. de 1929, p. 15.

772 Ibidem, loc. cit.

773 Ibidem, p. 19.

774 LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 118.

775 PORTAS, Nuno [1970] - Raúl Lino. Uma Interpretação Crítica da sua Obra de Architecto e Doutrinador. In: PORTAS, Nuno - PORTAS, Nuno - *Arquitectura(s) – História e Crítica, Ensino e Profissão*. Porto: FAUP Publicações, 2005, p. 284.

776 ALMEIDA, Pedro Vieira de - Raul Lino, Architecto Moderno. In: *Raul Lino. Exposição Retrospectiva da sua Obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p. 128.

777 PORTAS, Nuno - A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação. In: ZEVI, Bruno [1970] - *História da Arquitetura Moderna*, vol. II, Lisboa: Arcádia, 1978, pp. 687-746.

778 LINO, Raul – Ainda as Casas Portuguesas. In: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, Ano. 1, n.º 4, Lisboa 4 Set. 1941, pp. 9-10. Destaque-se um conjunto de imagens ilustrativas do texto de Lino em se pode ler na legenda, por exemplo: “Ter uma casa simples não é motivo de vergonha para o proprietário. Mas «enfeitá-la» da maneira espantosa, inverosímil, como esta foi - isto devia ser proibido por lei.” Ibidem, p. 8.

valias da sua Casa, aludindo: “[s]e eu fosse pregador, acouselharia calma, moderação, refreamento na fantasia que em hoje se propõe construir casas; se eu fosse ditador iria mais longe: - estabeleceria certos tipos, extremamente simples, de janelas, portas, pilares, etc.; e tornaria padrões obrigatórios por uma lei especial de emergência, enquanto não passase período transitório que atravessamos”⁷⁷⁹. É disso exemplo, os artigos de uma página presentes, entre 1926 e meados de 1929, na revista “Ilustração” (Ilustração 17) onde se “publicará em todos os números uma página dedicada à casa portuguesa, reproduzindo exemplos de interesse, quer de construções antigas, quer de obras recentes. Exteriores e interiores; arquitectura, decoração e mobiliário - tudo o que mereça reproduzir-se será aqui tratado carinhosamente para gôso e estímulo de amadores e, em geral, para satisfação de todos os que tiverem olhos de ver.”⁷⁸⁰ Consequentemente, alguns desses artigos, por vezes com projectos da sua autoria e assinados por “RL”, são repetidos em 1929 na publicação “A Casa Portuguesa”⁷⁸¹ a propósito da representação portuguesa na Exposição Ibero-Americana em Sevilha (Ilustração 18). Ainda sem o tom veemente da penúltima citação⁷⁸² (em verdade, denotando alguma imprecisão e contradição), no primeiro capítulo, “A Casa Portuguesa. Idea Geral”, Lino confessa:

779 LINO, Raul apud LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 119.

780 LINO, Raul – A Casa Portuguesa. In: *Ilustração*, Ano I, n.º 1, Lisboa 1929, p. 24.

781 LINO, Raul - *A Casa Portuguesa. Edição do Commissariado-Geral da Exposição de Sevilha*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1929.

782 Afirmação igualmente presente no seu “Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples” de 1933.

Ilustração 17 - LINO, Raul – A Casa Portuguesa.
In: *Ilustração*, Ano I, n.º 1, Lisboa 1929, p. 24



“[q]uando, ha bons trinta anos, alguns artistas e amadores se lembraram de iniciar um movimento nacionalista para o «reaportuguesamento» da nossa habitação, logo apareceu quem - mal interpretando a idea dos reformadores - preguntasse, inquieto, se existiria ou não um tipo verdadeiro de casa portuguesa.

Evidentemente que, sendo a planta parte essencial de qualquer obra architectónica, se quisermos precisar o tipo completo da habitação portuguesa (ainda que dentro duma só categoria de casas) no que respeita à sua disposição interna, nunca poderemos encontrar o exemplo que constitua êsse tipo ideal. Não temos modelo de casa que se distinga tam absolutamente do de outros países que o pudéssemos caracterizar, como sucede, por exemplo, com a casa romana da antiguidade, de planta bem definida e inconfundível, ou com a casa inglesa que apresenta igualmente particularidades originais no repartir usual das suas divisões.

A nossa casa não se distingue por qualquer disposição geral de planta que seja típica no seu todo, se bem que não lhe falem feições especiais características que só a ela pertencem.

Mas, dada a variedade etnográfica, a diferenciação de climas e paisagem que existe no continente menos é de espantar que não haja um tipo único de casa portuguesa. As condições gerais das províncias do Norte diferem tanto das do Alentejo e Algarve, que, lógicamente, hão-de influir de modo variado na architectura das respectivas regiões.”⁷⁸³

Lino retoma os argumentos manifestados em “A nossa casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples”, aprofundando-os. Estruturado numa investigação de cariz histórico e etnográfico e ilustrada por diversas estampas, o texto de Lino tenta responder “ao problema de determinar as grandes invariantes da architectura portuguesa.”⁷⁸⁴ Todavia, Lino em tom de conclusão, adverte: “[n]ão é, porém, por estas e outras observações semelhantes

783 LINO, Raul - *A Casa Portuguesa*. Edição do Commissariado-Geral da Exposição de Sevilha. Lisboa: Imprensa Nacional, 1929, p. 5.

784 LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 118.

Ilustração 18 - LINO, Raul - *A Casa Portuguesa*. Edição do Commissariado-Geral da Exposição de Sevilha. Lisboa: Imprensa Nacional, 1929, pp. 8-9.



que chegaremos a fixar numa síntese os traços que imprimem às nossas casas aquilo que podemos definir por «sabor português».”⁷⁸⁵ Mas, “[t]emos por certo que a casa portuguesa (até perto de nossos dias), com seus defeitos e qualidades, com suas belezas e deficiências se amoldou em todos tempos admiravelmente à nossa paisagem e à nossa maneira de ser.”⁷⁸⁶ Embora reconhecendo os ensinamentos das tradições regionais, expressas nas demais construções vernaculares, Lino não esquece “[a] feição arquitectónica mais característica, e que se estende de maneira mais generalizada por todo o país, é talvez o nosso alpendre”⁷⁸⁷ e que “[q]uer nas províncias [regiões] do Norte, a construção granítica com sua varanda de madeira; quer no Sul, o branco albornoz da cal deitado por sobre as casas; no litoral ou na serra; no monte e à beira do rio”⁷⁸⁸

Refira-se também, ainda que sumariamente, o terceiro⁷⁸⁹ e o mais conhecido livro de Raul Lino (Ilustração 19) que se enquadra no terceiro grande momento que o autor dedica aos jovens colegas ainda em formação e o qual considera ser um particular guia para o futuro exercício da profissão⁷⁹⁰.

⁷⁸⁵ Ibidem, p. 67.

⁷⁸⁶ Ibidem, loc. cit.

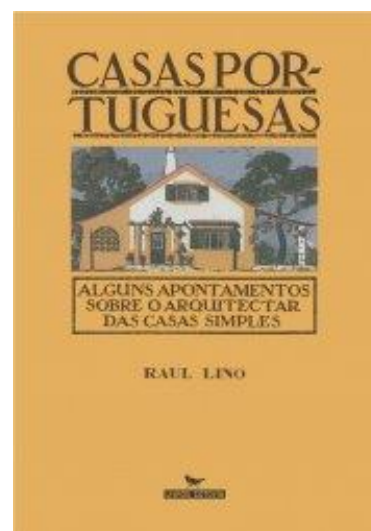
⁷⁸⁷ Ibidem, p. 6.

⁷⁸⁸ Ibidem, p. 67.

⁷⁸⁹ Relembre-se, também, LINO, Raul - *L'évolution de l'architecture domestique au Portugal: Essai*. Lisboa : Institut Francais au Portugal, 1937.

⁷⁹⁰ LINO, Raul [1933] - *Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*. 8ª edição. Lisboa: Edições Cotovia, 1992, p. 11.

Ilustração 19 - LINO, Raul [1933] - *Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*. 8ª edição. Lisboa: Edições Cotovia, 1992 (capa).



De modo mais sistematizado, a “Casa Portuguesa” de Lino institui-se em definitivo a partir dos elementos por ele já tipificados. Em defesa de uma “naturalidade” e de uma harmoniosa integração da casa na paisagem, Lino retoma o já referenciado em 1918, nomeadamente: o alpendre, a caiação, a linha sanqueada do telhado e o uso do azulejo. Composto por cinco partes, das quais se destacam “Economia”, “Entre a economia e a beleza” e “Beleza” que são complementadas com o “Apêndice” e com as “Ilustrações” é possível intuir-se que a “sua crítica ao modelo ou aos modelos da casa portuguesa termina por se dissolver naquilo que o próprio autor ajuda a construir.”⁷⁹¹ Assim, por um lado, lê-se das proposições de Lino uma apologia a uma diversidade regional das casas portuguesas e, por outro em contradição, à fixação de um somatório de elementos arquitectónicos que derivam dessa diversidade e que embora geograficamente catalogados ficcionam de modo redutor, mas muito apelativo, as realidades regionais – sendo disso exemplo as estampas contidas em “Ilustrações”. “Entretanto, apesar destes factos, a sensação que fica é que a Casa Portuguesa já não ocupa na cena arquitectónica e cultural nacional o lugar que tinha ocupado no passado.”⁷⁹² No entanto, o sucesso da publicação de 1933 teve evidentes

791 PEDROSA, Patrícia Santos - *Habitar em Portugal nos anos 1960: ruptura e antecedentes. Um caminho pelo interior do discurso*. Tese de Doutoramento em Projects Arquitectònics [texto policopiado]. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2010, p. 48. E, nesse sentido, Lino “[a]o conceder um rosto gráfico a eventuais respostas – relacionando geografia e vocabulário – o autor encerra a questão do processo e abre portas à criação de um leque de possibilidades que podem servir de modelos a repetições, mais ou menos fragmentárias, mas seguramente esvaziadas de crítica e de dinâmicas projectuais.” Ibidem, p. 51.

792 LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, pp. 120-121.

consequências⁷⁹³, em particular, da predilecção do Estado Novo pela Casa Portuguesa.

Entre outros itinerários possíveis acerca da Arquitectura portuguesa da primeira metade do século passado, salientamos, que os aqui percorridos são primordiais para dar resposta à questão colocada no início da “Parte III: Uma *Regionalidade* latente?” Evidencie-se, antes de mais, a circunstancial exaltação do local e da Região, do ‘cá de dentro’ ou do particular, face às contaminações do de ‘lá de fora’ ou universal. Consequentemente, a resposta multidisciplinar de índole regionalista acentua-se e, enquanto condição legitimadora de uma identidade nacional, firma-se nacionalista. Na continuidade ao verificado no terceiro grande momento, surge um quarto que se estabelece com o advento do Estado Novo e tenderá circunstancialmente a desaparecer no final da década de cinquenta e início da década de sessenta⁷⁹⁴ com a chegada de uma nova geração de arquitectos. As dimensões políticas e culturais que não são previsíveis nos primórdios da Casa Portuguesa estabelecem-se com as prescrições do SNP/SNI⁷⁹⁵. “Entre as ideias que constituem a memória crítica do Estado Novo

793 Porém, a par das demais polémicas, retenha-se a possibilidade de que Lino “valoriza uma postura teórica tão inovadora quanto moderna, baseada no entendimento do sítio, na reinvenção dos materiais tradicionais e na importância da vivência doméstica. (...) Lino soube ver, com profunda sensibilidade, os valores de uma arquitectura meridional ancestral, que não tinha que distinguir o vernáculo do erudito, com um sabor mediterrânico “abençoado pelo uso da cal”, feita de luz e sombra, de espaços de transição, de volumes fraccionados.” TOSTÕES, Ana - Sob o Signo do Inquérito. In: TOSTÕES, Ana (coordenação científica) - *IAPXX - Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006, p. 18. Destaque-se, igualmente, acerca de Lino e uma Arquitectura nacionalista a publicação: RIBEIRO, Irene - *Raul Lino. Pensador Nacionalista da Arquitectura*. Porto: FAUP Publicações, 1994.

794 Nomeadamente com o Inquérito à Arquitectura Regional. Note-se, que a extensão cronológica do movimento ou debate da Casa Portuguesa difere entre autores. No entanto, o início do quarto momento corresponde ao defendido por LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 122.

795 Criado em 25 de Setembro de 1933 (inaugurado oficialmente a 26 do mês seguinte, Cf. Decreto-Lei Nº 23:054, 1933), doze anos mais tarde o SPN passou a denominar-se Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, vulgarmente conhecido por Secretariado Nacional da Informação (SNI). Refira-se que é comum, por se associar à figura de António Ferro, associar-se o SPN ao SNI – optou-se, assim, aqui utilizar a abreviatura SPN/SNI para citar esse organismo em qualquer uma das suas fases. Entre 1945 e 1968 o SNI teve cinco directores: António Ferro entre 1945 e 1949 (note-se que a data é imprecisa; alguns autores mencionam igualmente o ano de 1950); António Eça de Queiroz, interino, em 1950; José Manuel da Costa entre 1950 e 1955; Eduardo Brasão entre 1955 e 1958; César Moreira Baptista entre 1958 e 1968. Em 1968 o SNI transformou-se em Secretaria de Estado da Informação e Turismo (SEIT), cessando as suas actividade em funções até 1974. Fernando Rosas assegura que “[f]oram quatro os pilares principais desse dispositivo policêntrico e multifacetado [SPN/SNI]. Dois deles integravam aquilo a que poderemos chamar o *sistema de enunciação*, isto é, de organização, padronização e divulgação da informação seleccionada, mas também das crenças, dos valores, da cultura, dos artefactos do «espírito» em geral: antes de mais, o SPN, o centro unificador do discurso ideológico para o conjunto do dispositivo, directamente dependente da Presidência do Conselho; mas com função idêntica no campo específico da fixação e difusão da ideologia colonial, tanto na metrópole como nas colónias do «império», encontramos a Agência Geral das Colónias, organismo do Ministério das Colónias [...]. Em ambos os casos se cruzava o exercício de um «poder de influência», o de condicionar e disciplinar as condutas em nome de princípios declarados comuns, com o seu reverso, o exercício de um «poder de injunção», o de, pela ameaça, pela punição e pela censura prévia, proibir e silenciar os comportamentos e valores considerados. Os outros dois pilares eram a espinha dorsal do *sistema de inculcação* ideológica, de organização do consenso e da ordem: o vasto *aparelho da educação nacional*, assente no ministério crismado com esse nome por Carneiro Pacheco em 1936, quando procede à «reforma nacionalista» da velha «instrução pública», e desdobrado pela Mocidade Portuguesa (MP) e pela Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN), da qual dependia a Mocidade Portuguesa Feminina (MPF), e o aparelho corporativo, todo ele, por definição, eivado de um acentuado «espírito de missão», de carácter ideológico-formativo (desde o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência aos grémios, sindicatos nacionais, casas do povo e casas dos pescadores), mas do qual se destacam, no domínio da «educação dos espíritos» e da

(continua)

português, está a de um regime criador de perfis idílicos da nação, encenador do mundo campestre das aldeias, inventor de ranchos folclóricos e de galos de Barcelos.”⁷⁹⁶ Sem por ora as aprofundar, tais encenações encontraram no receituário da Casa Portuguesa um caminho muito fértil para em definitivo fixar uma vasta e complexa acção de familiarização. Recuperando o modelo de observação proposto, a par da gradual multiplicação de reproduções de casas de habitação do ‘estilo’ Casa Portuguesa, é agora possível reiterar que, sem esquecer a instrumentalidade primeira da Forma-do-Lugar, o citacionismo predomina na dita acção de familiarização. Assim, entre as incertezas perceptíveis pela bipartidarização – entre a casa e a diversidade das casas – do debate da Casa Portuguesa nos primeiros anos de novecentos, nomeadamente com o regime do Estado Novo, o citacionismo institui-se, em termos gerais, pela colagem acrítica de entidades ou elementos ornamentais intencionalmente pitorescos ditos de ‘autênticos’.

Em suma, uma Arquitectura nacionalista de base regionalista que reutilizará um conjunto de elementos supostamente autênticos, ‘tradicionais’ e ‘familiares’ por associação ou por redução, e que estabelece simulacros de uma ‘realidade’ e a transforma em cenográfica e hiperfamiliarizada. Desse modo, é fixada uma narrativa (supostamente) legitimadora de uma identidade nacional. Consequente de um movimento descendente construído, instituído e fundamentado na Região fixa-se uma narrativa constituída por “elementos regionais vinculados a memórias de eras esquecidas e que são inseridos em edifícios novos, construindo, assim, cenários para espoletar afinidade e ‘simpatia’ no espectador, originando cenas familiares”⁷⁹⁷. Portanto, tal narrativa face a uma heterogeneidade e a uma diversidade regional, (re)cria um conjunto de símbolos “a partir de um trabalho de selecção de práticas e discursos com uma circulação restrita, local e/ou

«cultura popular», dois organismos principais: a FNAT [Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho], surgida [...] em 1935, e a JCCP [Junta Central das Casas do Povo], superestrutura dirigente das casas do povo criada em 1945 e que filtrava as funções da FNAT para o mundo rural e piscatório.” ROSAS, Fernando - O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. In: *Análise Social – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, vol. XXXV (157), 2001, p. 1041. Grifos no original.

796 ALVES, Vera Marques - “A poesia dos simples”: arte popular e nação no Estado Novo. In: *Etnográfica, Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. 11(1). Lisboa: ISCTE, 2007, pp. 63.

797 Tradução nossa. No original: “regional elements linked in memory with forlorn eras and inserted them into new buildings, constructing scenographic setting for arousing affinity and 'sympathy' in the viewer, forming familiarized scenes”. LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Why Critical Regionalism Today? In: *A+U, Architecture and Urbanism*, n.º 236, Tóquio, Maio 1990, p. 31.

regional, que necessariamente envolve um duplo mecanismo de descontextualização e recontextualização.”⁷⁹⁸

Por consequência, na continuidade da resposta à questão “Uma *Regionalidade* latente?” outra (contra-)resposta será em seguida precisada: “Da invenção da Arquitectura portuguesa (?)”.

⁷⁹⁸ LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 130.

2. Por uma *Regionalidade*

2.1. Da invenção da Arquitectura portuguesa (?)⁷⁹⁹

“Anda por aí triunfante o «estilo modernista» da arte de fazer casas públicas e casas particulares.

Cada época tem sua forma arquitectural. O modelo internacionalizado sofreu sempre adaptações nacionais, que são traduções em vernáculo ou, pelo menos, em linguagem artística de capacidade integrável compreensível. Hoje, o modelo propaga-se. Todos o aceitam e copiam sem tradução. E, caso paradoxal, quando os nacionalismos políticos excluem os internacionalismos, opondo-se a tudo que signifique índole estranha, a arquitectura, a mais íntima e familiar das artes, a mais representativa e social de todas, obedece ao mais estéril internacionalismo.

Com os elementos arquitectónicos da construção regional portuguesa, porque se não há-de criar uma arquitectura modernista bem portuguesa? O problema consiste em combinar as exigências artísticas da época presente e os factores portugueses de expressão humana e geográfica no justo equilíbrio do sentimento actual e da tradição portuguesa, que é a alma dos nossos mortos e dos nossos vivos.

Porque a arquitectura é a arte representativa por excelência, o modelo assim concebido conservaria o cunho português, tradicional, e simbolizaria, criado e empregado hoje, a época de exaltação patriótica dos valores nacionais. Teria o cunho incisivo do pensamento português de hoje, a traduzir o sentimento português de sempre.”⁸⁰⁰

Após “[a]s Décadas Obscuras”⁸⁰¹, em tempos do quarto grande momento da Casa Portuguesa e de “[o] Efémero Modernismo”⁸⁰², as respostas de Nuno Teotónio Pereira (1922-), a par da anterior citação, à pergunta “[q]ue pensa acerca da arquitectura que ultimamente se tem feito em Portugal, e particularmente nas cidades de Lisboa e Porto?” sintetizam, *grosso modo*, os primeiros anos pós-implantação da ditadura do Estado Novo e os de transição para a segunda metade do século passado. Para Teotónio Pereira existem duas grandes “espécies” ou expressões arquitectónicas: “[u]ma, a que pretende ser tradicional, e é geralmente uma mascarada – edifícios com esqueleto de betão armado são vestidos com pináculos, pilastras, volutas, cimalhas, pedras de fecho,

799 Título sugerido pela expressão “Eu sou a arquitectura portuguesa” de Fernando Távora e por “(d)A invenção (e) da Arquitectura (Portuguesa)” de Manuel Mendes em várias publicações referentes à celebração da “Figura Eminente da Universidade do Porto de 2013: Fernando Távora” – cf. <http://figuraeminente.up.pt/2013/>. Das muitas referências à expressão de Távora, refira-se igualmente as investigações recentes de Manuel Mendes acerca da vida e obra de Távora. Por exemplo, entre outros textos, veja-se: MENDES, Manuel - O meu caso. In: BANDEIRINHA, José António (ed.) - *Fernando Távora Modernidade Permanente*. Catálogo da exposição. Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012, p. 66.

800 CHAVES, Luis - A Estilização da Casa Portuguesa. In: *Ocidente. Revista Portuguesa de Cultura*, Vol. V, n.ºs 12 e 13, Abr./Mai. 1939, p. 439.

801 PORTAS, Nuno - A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação. In: ZEVI, Bruno [1970] - *História da Arquitectura Moderna*, vol. II, Lisboa: Arcádia, 1978, pp. 153-170.

802 Ibidem, pp. 171-194.

tudo formas que já nada têm a ver com o nosso tempo. Aí, quase tudo é falso, [é] uma arquitectura de moda; teve (e ainda tem) grande parte dos estímulos e aplausos do público, da autoridade e da crítica”⁸⁰³; a outra, “a que pretende ser, ou passa por ser moderna – é uma arquitectura de compromisso [que] não satisfaz e torna-se antes prejudicial por dar ao público uma imagem errada do que é a arquitectura moderna. Porque desta, da autêntica, da que está na linha da verdadeira tradição, só existem umas dezenas de edifícios na região do Porto e uns casos isolados, muito isolados, em Lisboa.”⁸⁰⁴ Circunstancialmente distinta da verificada nos anos finisseculares, mas dando-lhe continuidade, verifica-se que a negociação entre o de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’ na década de trinta e nos primeiros anos da década de quarenta persiste. Em traços gerais, o de ‘cá de dentro’ é, gradualmente, uma Arquitectura nacionalista de base regionalista exaltada pelo regime autoritário do Estado Novo e o de ‘lá de fora’ é, ainda que momentânea, uma “tentativa de renovar a linguagem arquitectónica, através do modelo internacionalista dos anos vinte, que deixou os seus traços ao longo dos primeiros dez anos do novo regime, coincidindo aliás com a chamada dos arquitectos para a proximidade do Poder.”⁸⁰⁵ Contudo, essa negociação – que antes se afirmou igualmente de ‘conflito’ – esmorecerá rapidamente com o pedido para abandonarem tais vanguardismos internacionais a fim de colaborarem na “«restauração cultural» que o Estado Novo quer empreender num país onde os monumentos do passado jaziam, em ruína e as «virtudes da raça» tinham de ser recordadas...”⁸⁰⁶ Gradualmente, a dita negociação termina com a “conversão que temos tendência a ver como simples operação ao nível da estética, ou do gosto”⁸⁰⁷ dessa linguagem arquitectónica que depende de “aceitar

803 “Porém, terá vida curta, como a tiveram as outras arquitecturas de moda que têm desfeiado este País desde há mais de um século.” PEREIRA, Nuno Teotónio - [Sobre] A Arquitectura Moderna em Portugal. In: *Ler, Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 12, Ano I, Mar. 1953, p. 15. Este breve texto surge no âmbito de um inquérito realizado pelo referido periódico sobre a “A Arquitectura Moderna em Portugal” a quatro arquitectos – Keil do Amaral, Jorge Segurado, Miguel Jacobetty e Teotónio Pereira (no número seguinte – n.º 13, 1953, p. 7 –, publicou-se as respostas às mesmas questões de Inácio Peres Fernandes, Raul Ramalho, Pardal Monteiro e Alberto José Pessoa) – estruturado em quatro perguntas: “1 - Que pensa acerca da arquitectura que ultimamente se tem feito em Portugal, e particularmente nas cidades de Lisboa e Porto?; 2 - Crê na possibilidade e na vantagem de se estabelecer como que um dirigismo de se imporem normas, como meio de dar à nossa arquitectura uma feição mais nobre, ou mais portuguesa ou de melhor gosto?; 3 - Pensa que se os projectos fossem feitos só por arquitectos se evitariam as deficiências que se apontam aos nossos grandes centros urbanos?; 4 - Que soluções preconiza no caso de também reconhecer essas deficiências?” Ibidem, loc. cit.

804 Ibidem, loc. cit.

805 PORTAS, Nuno - A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação. In: ZEVI, Bruno [1970] - *História da Arquitectura Moderna*, vol. II, Lisboa: Arcádia, 1978, p. 177.

806 Ibidem, loc. cit.

807 Ibidem, p. 186. Grifos no original.

ou não a marca nacional contra o internacionalismo nivelador e importado”⁸⁰⁸. Com o termo do “internacionalismo nivelador e importado” institui-se, em definitivo uma vasta e complexa acção de familiarização na expressão de uma Arquitectura⁸⁰⁹ pela citação, ou mesmo pela colagem acrítica, de entidades ou elementos ornamentais intencionalmente pitorescos ditos de ‘autênticos’ alinhados com o receituário da Casa Portuguesa. Somente no ano de 1945 é que, numa declarada contra-resposta a essa familiarização impositiva, emergirá em definitivo no campo disciplinar da Arquitectura uma outra negociação. Essa negociação deixa de ser bipartidarizada, ou seja, deixa de reclamar só o de ‘cá de dentro’ ou só o de ‘lá de fora’ e transforma-se numa contínua negociação (ou dialéctica) entre o particular e o universal. Dos exercícios de citacionismo intrínsecos a uma “falsa Arquitectura”⁸¹⁰ fixam-se, sem rupturas, outros de sincretismo e intraprocissão de projecto⁸¹¹ que estabelecidos auto-reflexivamente revelam uma singular dialéctica entre o particular e o universal.

Se, nos primeiros anos do novo regime, a procura historicista e regionalista sofre uma diminuição e começa a verificar-se um aumento da utilização de modelos internacionais que passam a ser encarados como um ‘estilo moderno’ que se caracteriza pela grandeza e dignidade que incutem nas obras públicas⁸¹², nos anos seguintes a “linguagem nacionalista da Casa Portuguesa e a linguagem nacionalista do regime coincidem.”⁸¹³ Nesta época, a afirmação de um modelo

808 Ibidem, loc. cit. “Era aliás no plano do gosto, ou melhor, do aspecto exterior que, já em 33, pela pena atenta do Lino, se estava a politizar a questão: «o internacionalismo na arquitectura devia ser proibido superiormente se não houvesse já razões de ordem técnica e material para ser condenado» (entrevista ao Diário de Lisboa). Ora a esse internacionalismo era fácil de descobrir-lhe a cor, vindo do Viena, do Weimar, de Moscovo, de Barcelona ou dos panfletos do cidadão do mundo, albergado em França, Le Corbusier, ganhando foros de verdadeira Internacional nas reuniões do CIAM, que se iniciam em 28.” Ibidem, p. 187.

809 E, igualmente, nas demais disciplinas, em particular nas ditas do âmbito artístico.

810 TÁVORA, Fernando - O Problema da Casa Portuguesa. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, n.º 5, série IV, ano IV. Lisboa 10 de Nov. de 1945, p. 10.

811 Pode-se afirmar que se estabelece em definitivo um verdadeiro pensamento projectual, conforme antes referido; enquanto antecipação, o projecto toma-se narrativa do seu processo e, numa crítica constante aos seus mecanismos, incorpora e prolonga uma ‘realidade’. É dessa relação de causa e efeito que se funda uma acção e, consequentemente, uma prática reflexiva, ou seja, uma acção de devolução e de auto-confrontação, sempre crítica e progressiva, plasmada num processo de (re)apropriação sincrético de um contexto específico.

812 TOSTÕES, Ana - Sob o Signo do Inquérito. In: TOSTÕES, Ana (coord. científica) - *IAPXX - Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006, p. 21.

813 LEAL, João [2008] - *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português* (Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008). Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2009, p. 25. “O nacionalismo – com um sentido inicial de renovação da cena arquitectónica portuguesa, e posteriormente, como um sentido retrógrado, de combate ao modernismo, durante o Estado Novo – foi pois um dos elementos estruturantes do programa da Casa Portuguesa. Em qualquer dos casos, a casa popular – com os seus alpendres, as suas chaminés, os seus telhados com beiral, caiada e com os vãos com pedra à vista – seria um símbolo da identidade nacional portuguesa. O nacional era o popular, o popular era o nacional.” Ibidem, p. 26.

nacionalista de feição regionalista⁸¹⁴ advém principalmente da construção de uma cultura popular que se alicerça numa etnografia de base rural, vernacular e regional. Criado em 1933 e dirigido até 1949, por António Joaquim Tavares Ferro (1895-1956), o Secretariado da Propaganda Nacional (SPN/SNI)⁸¹⁵ foi desenvolvido um vasto, intenso e diversificado sistema de propaganda e inculcação ideológica-política autoritária, assente na exaltação da Nação. Segundo Vera Alves, ao longo das décadas de trinta e de quarenta (sobretudo) as acções do SPN/SNI de base folclorista⁸¹⁶ celebraram a construção de um vasto repositório de uma imagem da cultura popular, da arte popular⁸¹⁷ e do povo português⁸¹⁸ – o popular, o povo e a tradição. Entre concursos, espectáculos e palestras sobre música popular, livros e exposições, essas acções reforçaram um complexo processo de selecção, apropriação e de ressemantização de uma cultura dita de popular no intuito de instituir e firmar simbolicamente uma ‘imagem’ do

814 PEREIRA, Nuno Teotónio, FERNANDES, José Manuel - A Arquitectura do Fascismo em Portugal. In: AAVV - *O Fascismo em Portugal : Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1982, p. 546.

815 Criado em 25 de Setembro de 1933 (inaugurado oficialmente a 26 do mês seguinte, Cf. Decreto-Lei Nº 23:054, 1933), doze anos mais tarde o SPN passou a denominar-se Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, vulgarmente conhecido por Secretariado Nacional da Informação (SNI). Refira-se que é comum, por se associar à figura de António Ferro, associar-se o SPN ao SNI – optou-se, assim, aqui utilizar a abreviatura SPN/SNI para citar esse organismo em qualquer uma das suas fases. Entre 1945 e 1968 o SNI teve cinco directores: António Ferro entre 1945 e 1949 (a data é imprecisa pois alguns autores mencionam igualmente o ano de 1950); António Eça de Queiroz, interino, em 1950; José Manuel da Costa entre 1950 e 1955; Eduardo Brásio entre 1955 e 1958; César Moreira Baptista entre 1958 e 1968. Em 1968 o SNI transformou-se em Secretaria de Estado da Informação e Turismo (SEIT), cessando as suas actividade em funções até 1974. Fernando Rosas assegura que “[f]oram quatro os pilares principais desse dispositivo policêntrico e multifacetado [SPN/SNI]. Dois deles integravam aquilo a que poderemos chamar o *sistema de enunciação*, isto é, de organização, padronização e divulgação da informação seleccionada, mas também das crenças, dos valores, da cultura, dos artefactos do «espírito» em geral: antes de mais, o SPN, o centro unificador do discurso ideológico para o conjunto do dispositivo, directamente dependente da Presidência do Conselho; mas com função idêntica no campo específico da fixação e difusão da ideologia colonial, tanto na metrópole como nas colónias do «império», encontramos a Agência Geral das Colónias, organismo do Ministério das Colónias [...]. Em ambos os casos se cruzava o exercício de um «poder de influência», o de condicionar e disciplinar as condutas em nome de princípios declarados comuns, com o seu reverso, o exercício de um «poder de injunção», o de, pela ameaça, pela punição e pela censura prévia, proibir e silenciar os comportamentos e valores considerados. Os outros dois pilares eram a espinha dorsal do *sistema de inculcação* ideológica, de organização do consenso e da ordem: o vasto *aparelho da educação nacional*, assente no ministério crismado com esse nome por Carneiro Pacheco em 1936, quando procede à «reforma nacionalista» da velha «instrução pública», e desdobrado pela Mocidade Portuguesa (MP) e pela Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN), da qual dependia a Mocidade Portuguesa Feminina (MPF), e o aparelho corporativo, todo ele, por definição, eivado de um acentuado «espírito de missão», de carácter ideológico-formativo (desde o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência aos grémios, sindicatos nacionais, casas do povo e casas dos pescadores), mas do qual se destacam, no domínio da «educação dos espíritos» e da «cultura popular», dois organismos principais: a FNAT [Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho], surgida (...) em 1935, e a JCCP [Junta Central das Casas do Povo], superestrutura dirigente das casas do povo criada em 1945 e que filtrava as funções da FNAT para o mundo rural e piscatório.” ROSAS, Fernando - O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. In: *Análise Social – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, vol. XXXV (157), 2001, p. 1041. Grifos no original.

816 ALVES, Vera Marques - “A poesia dos simples”: arte popular e nação no Estado Novo. In: *Etnográfica, Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. 11 (1). Lisboa: ISCTE, 2007, p. 63. Acerca da folclorização enquanto fenómeno cultural da modernidade veja-se: CASTELO-BRANCO, Salwa E., BRANCO, Jorge F. (eds.) - *Vozes do povo: a folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 2003.

817 “A Exposição de Arte Popular organizada em 1936, por exemplo, era anunciada como uma “gigantesca tela policroma” e uma “sinfonia de cor” (*Diário da Manhã*, 4 de Maio de 1936), e as reportagens sobre o centro regional da Exposição do mundo Português de 1940 seguem o mesmo registo, descrevendo os seus pavilhões como “palácios de arte e de bom gosto” e falando de “salas repletas de beleza, ordenadas, em que as maravilhas se sucedem às maravilhas”. Ibidem, loc. cit., p. 72.

818 Ibidem, p. 63.

povo português⁸¹⁹. Assim, perspectivadas e fundamentadas na Região – num movimento erudito descendente – as acções do SPN/SNI apropriaram-se de um conjunto de artefactos de origem rural que pela sublimação das suas virtualidades estéticas se instrumentalizam como uma expressão popular nacionalista⁸²⁰. Nesse sentido, o popular⁸²¹ – aqui considerado como criação e produto cultural do povo rural, de origem simples ou instintiva – evidenciou o “culto generalizado do camponês” desprezando a cultura do povo não rural ou, *grosso modo*, urbano.⁸²² Verifica-se, ainda, que os indícios de miséria⁸²³ e outros de mesma índole⁸²⁴ facilmente verificáveis no Portugal rural de então, tentam transformar o país “numa grande fachada de bom gosto captável ao primeiro olhar”⁸²⁵. A construção de um conceito integrador e unificador de uma cultura popular de raiz nacional-

819 Cf. ROSAS, Fernando - O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. In: *Análise Social* – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, vol. XXXV (157), 2001, pp.1031-1054. Em síntese, considere-se: “[o] SPN vai constituir-se, assim, como o espaço por excelência da *mise en scène* da política e da ideologia do regime, da sua estetização e divulgação massiva, através de um impressionante e tentacular aparelho de agitação que, em poucos anos, actuava sobre as artes plásticas (procurando casar o moderno estético com os valores ruralistas e conservadores do discurso oficial), apostava a fundo nos novos veículos da moderna propaganda — o cinema, a rádio, o cartaz —, promovia prémios literários, lançava o «teatro do povo», reinventava a etnografia e a cultura «populares», criava um turismo oficial como decorrência destas, encenava «festas populares», «cortejos históricos» e o geral das grandes mobilizações do regime. Tudo complementado pela actuação da censura prévia (sob o controlo do SPN a partir de 1940), cobrindo o conjunto das formas de expressão (com a excepção do livro, onde as dificuldades da actuação prévia eram supridas pela repressão a posteriori). Mas, apesar da sua assumida orientação, visando o «espírito», o «gosto», a formação política e ideológica do «público», apesar de omnipresente nas suas intervenções, aliás fortemente agressivas neste período e servidas por uma estética modernista e criativa, o SPN era, sobretudo, um espaço de enunciação e de recriação simbólica das obras e dos valores do governo e do Estado Novo. Um grande e multifacetado dispositivo de divulgação impositiva de tais conteúdos que ele ordenava e trabalhava com esse fim. A «educação» era, naturalmente, um resultado pretendido como fruto da eficácia e da arte do Secretariado e da sua propaganda, mas, de uma forma geral, o SPN não tinha como tarefa a organização da inculcação das suas mensagens. Do enunciado à inculcação passava-se para o campo da «educação nacional» e da organização corporativa.” Ibidem, p. 1043. Grifos no original.

820 “Toda a política que o SNI organiza em torno da arte popular portuguesa, parte de um vasto património de apropriação das tradições demóticas que se desenvolve ao longo do século XIX com as exaltações românticas e nacionalistas do popular muitos aspectos da representação do povo português que encontramos nas práticas e nos discursos etnográficos desenvolvidos pelo Secretariado da Propaganda Nacional relevam dessa herança e de um padrão de aproximação à cultura popular que se foi estabelecendo também no século XX; um padrão no qual é predominante a ideia de que é nos rurais (...) que encontramos a verdadeira essência da pátria. (...) A imagem da cultura popular construída pelo Secretariado (...) releva deste projecto de construção identitária, nas suas várias facetas. A sua eficácia política, vê-lo-emos adiante em traços breves, passará muito pela forma como a mesma vai contribuir para a veiculação de uma ideia de Portugal enquanto país de camponeses-estetas, indo assim ao encontro quer das necessidades de legitimação de um regime nacionalista, conservador e anti-luta de classes – que beneficiava sem dúvida de um modelo espiritual do povo e do retrato pacificado e amorável da nação que tal modelo suscitava – quer do desígnio mais amplo de afirmação de um carácter nacional supostamente único no seio de uma Europa em crescente eferescência nacionalista.” ALVES, Vera Marques - “A poesia dos simples”: arte popular e nação no Estado Novo. In: *Etnográfica, Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. 11 (1). Lisboa: ISCTE, 2007, pp. 70-72.

821 Sobre as origens e usos da cultura popular *vide*, entre outros: BURKE, Peter - *Popular Culture In Early Modern Europe*. Burlington: Ashgate Publishing Co., 1978; SILVA, Augusto Santos - *Tempos Cruzados. Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

822 “as multidões da cidade, as chamadas classes trabalhadoras, tidas como licenciosas, dadas ao crime e às lutas sociais, não são vistas como fazendo parte do povo.” ALVES, Vera Marques - “A poesia dos simples”: arte popular e nação no Estado Novo. In: *Etnográfica, Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. 11 (1). Lisboa: ISCTE, 2007, p. 70.

823 Celebrizando, assim, um retrato idílico da vida rural, pela estetização e embelezamento de materiais da sua cultura. “Trata-se de um quadro geral comum às práticas e aos discursos etnográficos que se encontram associados aos movimentos nacionalistas dos mais diversos contextos e que as iniciativas do SNI reproduzem plenamente.” Ibidem, p. 71.

824 Sobre as condições de vida no Portugal rural das décadas de trinta e quarenta cf., entre outros, ROSAS, Fernando (coord.) - *O Estado Novo (1926-1974)*. In: MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*, vol. VII. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, pp. 48-59.

825 ALVES, Vera Marques - “A poesia dos simples”: arte popular e nação no Estado Novo. In: *Etnográfica, Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. 11 (1). Lisboa: ISCTE, 2007, pp. 71-72.

etnográfica⁸²⁶ originou um discurso propagandístico preciso. Um dos exemplos marcantes desse discurso foi o concurso da “Aldeia mais Portuguesa de Portugal”⁸²⁷, realizado a 7 de Fevereiro de 1938. Apologia do “modelo nacionalista-ruralista-tradicionalista de cultura popular”⁸²⁸ no regulamento do referido concurso, divulgado no periódico ‘Diário da Manhã no dia seguinte, revê-se – conforme evoca Joaquim Pais de Brito – o diploma que instituiu o SNP em que “[u]m dos caminhos prioritários a trilhar, talvez a melhor maneira de o conseguir, seria «desenvolver nos portugueses o culto pela tradição, estimulando o regionalismo nacional.»”⁸²⁹ De facto, um “regionalismo nacional” expressa que “[o] nosso povo português é cioso das belezas da sua terra. [C]onclui-se que em muitos e muitos sítios do país vive gente em perfeito estado de graça nacional, sem ter sofrido influências alheias e nocivas e mantendo, na sua pureza e graça, os costumes tradicionais da sua terra.”⁸³⁰ E, assim, num continuado clima de festa promovido pela máquina bem oleada da propaganda do SNP/SNI, a aldeia de Monsanto⁸³¹ foi generosamente colocada no mapa nacional e internacional⁸³². O supracitado concurso é, então, parte de um todo profundamente estruturado⁸³³ pelo Secretariado de António Ferro do qual a Arquitectura é parte fundamental⁸³⁴.

826 MELO, Daniel - *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais (ICS), 2001, p. 43 (entre outras).

827 Cf. BRITO, Joaquim Pais de - O Estado Novo e a Aldeia mais Portuguesa de Portugal. IN: *O Fascismo em Portugal: Actas do Colóquio Realizado na Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1982, pp. 511-532.

828 Ibidem, p. 375.

829 BRITO, Joaquim Pais de - O Estado Novo e a Aldeia mais Portuguesa de Portugal. IN: *O Fascismo em Portugal: Actas do Colóquio Realizado na Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1982, p. 511.

830 *Diário da Manhã* de 24 de Agosto de 1938 apud BRITO, Joaquim Pais de - O Estado Novo e a Aldeia mais Portuguesa de Portugal. IN: *O Fascismo em Portugal: Actas do Colóquio Realizado na Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1982, p. 514.

831 Cf. [SNI] - *Monsanto*. Lisboa: Edições do SNI, 1947.

832 Entre outras exposições, Brito relembra o ideário do SPN/SNI: “[...]«por enviar a Genebra uma grande embaixada das suas [arte popular] bonecas regionais.» Contudo, «o necessário, o verdadeiramente belo seria transformar Portugal rústico numa constante exposição viva de arte popular. Os bonecos já não nos satisfaziam. Queríamos vê-los mexer, cantar, dançar» - daí o concurso.” Ibidem, p. 530.

833 Um processo que culminará, *grosso modo*, com a inauguração em 1948 do Museu de Arte Popular em Lisboa. A par do referido concurso, refira-se, entre outras iniciativas, as seguintes acções de divulgação do Estado Novo, nacionais e internacionais: Exposição de Arte Popular Portuguesa, Genebra em 1935 – ampliada e novamente exibida em Lisboa em 1936; mostra de arte popular presente no pavilhão português da Exposição Internacional de Paris de 1937 – mais tarde repetida na Feira Mundial de Nova Iorque e na Exposição de São Francisco, em 1939. Cf. ALVES, Vera Marques - Os Etnógrafos Locais e o Secretariado da Propaganda Nacional: Um Estudo de Caso. In: *Etnográfica, Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. I (2). Lisboa: ISCTE, p. 238. Vera Alves recorda, sobre a sucessão de eventos referentes à política etnográfica do SPN/SNI, a publicação, entre outras, de FERRO, António - *Museu de Arte Popular*. Lisboa: Edições SNI, 1948.

834 “A arquitectura acompanhará agora o rumo da política delineada pelo governo de Salazar. A Exposição do Mundo Português constituirá o mais importante marco dessa nova fase. (...) Para a afirmação da linguagem nacionalista agora necessária, o Estado chama os profissionais de maior prestígio e estes colaboram aparentemente sem grandes problemas, até porque, na sua prática anterior, essa foi uma das suas vertentes. O abandono da linguagem moderna corresponderá à identificação de alguns com os valores da ideologia dominante. Outros, como Keil do Amaral, cuja integridade moral e política, e portanto profissional, sempre o situaram entre os que defendiam esclarecidamente a democracia, tentaram o compromisso entre a linguagem oficial, a modernidade e a procura de raízes verdadeiras da arquitectura tradicional portuguesa.” FERNANDEZ, Sergio [1985] - *Percursos. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1988, pp. 28-29.



Ilustração 20 – [SNI] - *Aldeias Portuguesas na Exposição do Mundo Português*. Guia Oficial. Lisboa: [Edições do SNI], 1940 (capa e páginas interiores – Trás-os-Montes e Algarve).

É disso exemplo, a incontornável Exposição do Mundo Português⁸³⁵ de 1940 e, particularmente, a área nomeada de Centro Regional⁸³⁶. Expressivamente cenográfica, patenteando referências ‘familiares’ de cariz historicista e regionalista, a monumentalidade dos pavilhões principais, traçados para a celebração do duplo centenário da Fundação e da Restauração da Nacionalidade (1140 e 1640), é complementada com um parque temático vivo. A área destinada às Aldeias Portuguesas (Ilustração 20), englobadas no Centro Regional, parte da Secção de Etnografia Metropolitana, evidenciava os ‘tipos’ de casas de habitação ditas regionais que, numa reconstituição pedagógica cenográfico-teatral da realidade⁸³⁷. Eram ‘habitadas’ por um conjunto considerável de actores e de figurantes (rigorosamente vestidos com trajes próprios de cada Região, exercendo

835 Sobre a Exposição do Mundo Português veja-se, entre outros: FRANÇA, José-Augusto - 1940: Exposição do Mundo Português. In: *Colóquio Artes*, n.º 45, Jun. 1980, pp. 34-47; Ó, Jorge Ramos do - Modernidade e tradição: algumas reflexões em torno da exposição do Mundo Português. In: PINTO, António Costa, et. al. (org.) - *O Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959*, vol. 2. Lisboa: Estampa, 1987, pp. 177-185; ACCIAIUOLI, Margarida - *Exposições do Estado Novo – 1934-1940*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998; Tamen, Pedro, et al. - *Mário Novais. Exposição do Mundo Português 1940*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998; Ó, Jorge Ramos do - *Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” – 1933-1949 – Ideologia, instituições, agentes e práticas*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999; DAMASCENO, Joana - *Museus para o Povo Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

836 “[O] Centro Regional começa a ser pensado quando, em 1935, o Secretariado cria a Comissão de Etnografia Nacional atribuindo-lhe como função prioritária “a realização de uma exposição nacional de folclore e etnografia na qual figurariam os aspectos mais representativos e característicos de cada província (*Diário Português*, 9/5/1935).” ALVES, Vera Marques - Os Etnógrafos Locais e o Secretariado da Propaganda Nacional: Um Estudo de Caso. In: *Etnográfica, Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. I (2). Lisboa: ISCTE, pp. 238-239. Grifos no original. Refira-se que, igualmente enquadrado na extação regionalista, o Estado Novo adoptou, desde cedo, uma política de ‘regionalização’ do país. Prevista na Constituição de 1933, e efectivado em 1936, Portugal Continental foi dividido em autarquias regionais denominadas de províncias. Baseada nos estudos de Amorim Girão (1895-1960), a divisão traçou onze províncias: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro; Douro Litoral; Beira Litoral; Beira Alta; Beira Baixa; Ribatejo; Estremadura; Alto Alentejo; Baixo Alentejo; Algarve. No entanto, no recinto das Aldeias Portuguesas integrantes da Exposição do Mundo Português existiram treze tipos habitacionais representativos do mesmo número de províncias portuguesas.

837 Reconstituição “desenvolvida sob as indicações dos etnógrafos do S.P.N./S.N.I., embora a responsabilidade do Plano Geral fosse do grande criador de cenários urbanos e pitorescos: Gustavo Matos Sequeira, Director Histórico da Exposição.” GALVÃO, Andreia - *A Caminho da Modernidade: a travessia portuguesa, ou o caso da obra de Jorge Segurado como exemplo de complexidade e contradição (1920-1940)*. Tese de doutoramento [texto policopiado]. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2003, p. 389.

as tarefas do quotidiano rural) que exaltavam a simplicidade dos costumes da vida rural. Enquadradas na “Política do Espírito”⁸³⁸, as acções de citacionismo arquitectónicas – reguladas pelas proposições de Raul Lino acerca da Casa Portuguesa – traçadas por Jorge de Almeida Segurado (1898-1990)⁸³⁹ revelam, uma vez mais, uma hibridez morfotipológica, pitoresca e estereotipada numa aproximação possível a uma ‘realidade’⁸⁴⁰ rural. A experiência cenográfica e mimética regionalista de Segurado das casas integrantes nas Aldeias Portuguesas é temporalmente contígua de uma outra obra emblemática do ideário, ou modelo nacionalista de feição regionalista, do Estado Novo: o Portugal dos Pequenitos em Coimbra. Em 1937, Fernando Baeta Bissaya Barreto Rosa (1886-1974) adjudica a Cassiano Viriato Branco (1897-1970) o projecto para a edificação de um parque lúdico singular⁸⁴¹. Prolongada no tempo⁸⁴², a construção do conjunto de miniaturas do parque lúdico-pedagógico reflectia as aspirações de Bissaya Barreto em instruir a criança acerca da história e cultura de Portugal, de acordo com a ideologia do Estado Novo. Embora “à escala do brinquedo”⁸⁴³, o Portugal dos Pequenitos é um espaço onde, de forma mítica, está representada a Arquitectura de várias regiões do país e também as colónias, que de alguma forma, funcionam como clichés simbólicos.⁸⁴⁴ Quando se percorrem os principais monumentos do país presentes no núcleo da Secção Metropolitana, hoje denominada de Portugal Monumental (ou Área Monumental) e se passa pela zona dedicada a Coimbra, evidencia-se o conjunto de construções da, então, nomeada Aldeia do Minho dos Pequenitos de Santa Clara, actualmente conhecida como

838 Cf., entre outros: Ó, Jorge Ramos do - *Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” – 1933-1949 – Ideologia, instituições, agentes e práticas*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

839 GALVÃO, Andreia - *A Caminho da Modernidade: a travessia portuguesa, ou o caso da obra de Jorge Segurado como exemplo de complexidade e contradição (1920-1940)*. Tese de doutoramento [texto policopiado]. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2003, p. 389.

840 “Os modelos aqui presentes já não constituem abstracções pictóricas da realidade, mas procuram sim, uma aproximação o mais realista possível a esta, apesar do aspecto de ficção a que é sujeita. As regiões eram núcleos de pequenos conjuntos de casas em volta de pequenos espaços abertos, com uma implantação relativamente orgânica.” Ibidem, p. 390. Sobre o papel de Jorge Segurado no desenho das Aldeias Portuguesas integrantes da Exposição do Mundo Português cf. o ponto 7.4.1.2.1 Aldeias Portuguesas – metáforas da realidade. In: GALVÃO, Andreia - *A Caminho da Modernidade: a travessia portuguesa, ou o caso da obra de Jorge Segurado como exemplo de complexidade e contradição (1920-1940)*. Tese de doutoramento [texto policopiado]. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2003, pp. 387-391.

841 Cf. BANDEIRINHA, José António – Os Centenários em Lisboa e os Pequenitos em Coimbra. In: BANDEIRINHA, José António [1993] - *Quinas Vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40*. Porto: FAUP Publicações, 1996, pp. 16-75.

842 Em três grandes fases. Resumidamente, considere-se: entre 1938 e 1940, com a construção do conjunto das casas regionais portuguesas e do núcleo monumental de Coimbra; entre 1941 e 1949, com a construção dos principais monumentos do País; durante a década de 50, com a construção referente às Ilhas dos Açores e da Madeira e os referentes Macau, Timor e Brasil terminando entre 1962 e 1963. Ibidem, p. 52.

843 FERNANDEZ, Sergio [1985] - *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1988, p. 35.

844 Ibidem, loc. cit.

Portugal Metropolitano ou Casas Regionais. Desde sempre o mais visitado pelas crianças, as Casas Regionais, tal como as Aldeias Portuguesas antes referidas, tipificam casas de habitação de Norte a Sul do país. Quase directamente, senão mesmo directamente⁸⁴⁵, tais casas são baseadas nas proposições de Raul Lino acerca da Casa Portuguesa, onde se privilegiam, obviamente, os elementos pitorescos, compositivos e formais, ditos nacionais.

Perante o exposto, constata-se que a ‘nova’ Arquitectura advinda do ideário do Estado Novo ambicionava – nomeadamente em eventos comemorativos – uma leitura acessível e imediata que facilitasse a apreensão dos dogmas oficiais e, simultaneamente, fosse reveladora de uma ampla acção de familiarização. Em síntese, a dita ‘nova’ Arquitectura expressou, por um lado, “para as comemorações, paradas e exposições do regime, uma cenografia claramente fascizante, de colunas imponentes” e, por outro, “para as evocações e reconstituições históricas, o cenário salazarista do país-aldeia”⁸⁴⁶. Assim, entre os anos de 1938 a 1943⁸⁴⁷ a Arquitectura, nomeadamente, a das grandes obras públicas (na sua maior parte destinadas a Lisboa) impulsionada pela política de Duarte José Pacheco (1900-1943), desenvolve e aperfeiçoa ‘modelos’⁸⁴⁸ em muito inculcados pela Política do Espírito de António Ferro. A possibilidade de agrupar os vários modelos em categorias⁸⁴⁹ – modelo nacionalista de feição regional verificável nas Escolas Primárias; modelo nacionalista de raiz historicista verificável nos Liceus; modelo monumentalista verificável nas Universidades e Palácios da Justiça – permite afirmar que o factor comum a todos eles era a supremacia do modelo nacionalista de feição regional. Embora a uma escala diferente, o mesmo se verifica, nas encomendas particulares na zona de Lisboa, nomeadamente nas casas de habitação. A grande concentração das obras

845 Veja-se o estudo comparativo de Bandeirinha entre as estampas de Lino presentes na publicação de 1933 e as construções das Casas Regionais do Portugal dos Pequenitos. BANDEIRINHA, José António – Os Centenários em Lisboa e os Pequenitos em Coimbra. In: BANDEIRINHA, José António [1993] - *Quinas Vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40*. Porto: FAUP Publicações, 1996, pp. 55-57.

846 “Na Exposição do Mundo Português foram estas duas vias sabiamente combinadas, de acordo com os espaços a enquadrar”. PEREIRA, Nuno Teotónio, FERNANDES, José Manuel - A Arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959. In: PINTO, António Costa, et. al. (org.) - *O Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959*. vol. 2. Lisboa: Estampa, 1987, p. 333.

847 PEREIRA, Nuno Teotónio, FERNANDES, José Manuel - A Arquitectura do Fascismo em Portugal. In: AAVV - *O Fascismo em Portugal: Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1982, p. 547.

848 De escolas a Bairros Económicos a, entre outros, Estações de Correios, os modelos agruparam-se por sectores com o propósito de serem construídos por todo o País.

849 Ibidem, 546-547.

emblemáticas do Regime na capital do país comprova que, na época, “Lisboa era uma montra”⁸⁵⁰ e, consequentemente, a Norte – em especial na zona do Porto – o trabalho dos arquitectos advinha principalmente da iniciativa privada. Aparentemente secundária, esta ‘distribuição’ irá marcar indelevelmente o percurso arquitectónico nas décadas seguintes, ou seja, a hoje vulgarizada ‘bipolaridade’ entre Lisboa-Porto. Nos anos seguintes, particularmente entre 1944 e 1948, sistematizam-se os modelos do período anterior que começam a acusar uma decadente política de obras públicas do Estado Novo⁸⁵¹ e um declínio na campanha do bom gosto da Política do Espírito, consequência da saída de António Ferro do Regime. Retomando a realidade da produção arquitectónica da zona do Porto, refira-se que, *grosso modo*, a mesma oscila entre dois “tipos de linguagem”⁸⁵². Segundo Sérgio Fernandez tal produção divide-se, por um lado, num “formulário de raiz modernista”⁸⁵³ e, por outro, numa “expressão de claro compromisso com os valores pretensamente nacionalistas”⁸⁵⁴. O autor acrescenta que “longe da sede do poder e consequentemente em posição secundária”, a zona do Porto não sofre com tanta incidência o peso das iniciativas oficiais, o que origina uma expressão arquitectónica distinta do receituário nacionalista instituído e que se opõe, visivelmente, ao que sucede em Lisboa.

Em suma, percorridos os momentos áureos da afirmação de uma Arquitectura de compromisso, conveniente ao ideário do Regime, torna-se possível afirmar uma considerável e complexa acção de exercícios continuados de citacionismo que, embora com assinaláveis cambiantes, fixou uma igualmente complexa acção de familiarização na expressão de uma Arquitectura nacional. O confronto entre o debate bipartidarizado da Casa Portuguesa e a fixação de uma Arquitectura nacionalista de feição regionalista, bem como entre o vernacular e o popular, permite afirmar que tal acção de familiarização se perspectiva e fundamenta na Região. Este movimento em sentido descendente, fixou matricialmente invariáveis que, na segunda metade do século XX, firmarão uma condição peculiar de um pensamento projectual nacional.

850 Cf. Anexo. Entrevistas.

851 Ibidem, p. 547.

852 FERNANDEZ, Sergio [1985] - *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1988, p. 37.

853 Ibidem, loc. cit.

854 Ibidem, p. 38.

Depois desta reflexão e de tudo o que já foi escrito acerca do tema, importa reconhecer o que é tido como contra-resposta ou resistência⁸⁵⁵ em Arquitectura face ao estreito processo triádico de descontextualização, recontextualização e, novamente, de contextualização. Retome-se, por instantes, a Casa Portuguesa, enquanto exemplo primeiro do referido processo. João Leal reconhece⁸⁵⁶ que, consequente do alinhamento quase em definitivo do debate (ou da ausência de debate nesses anos) das propostas da Casa Portuguesa com as ideologias do Regime, emergem a partir da década de quarenta, alguns sinais de resistência face à dita fixação, resultante da ressemantização de entidades do particular em nacionais, ou melhor, nacionalistas. O já referido Inquérito à Habitação Rural expressa essa resistência que, no âmbito da Arquitectura será comprovada com a realização – coincidente com a inauguração do Museu de Arte Popular⁸⁵⁷ – do 1º Congresso Nacional de Arquitectura em 1948⁸⁵⁸ que apadrinhado pelo Regime integra a “Exposição das Obras Públicas”⁸⁵⁹, particularmente, com as teses apresentadas pela “geração dos novíssimos, radicais e modernos”⁸⁶⁰. Em verdade, essa resistência emerge antes, nomeadamente com os grupos⁸⁶¹ de arquitectos formados pela primeira vez na década de quarenta: em 1946, o ICAT em Lisboa e em 1947, o ODAM no Porto. Do considerável conjunto de arquitectos e de estudantes de Arquitectura, destaquem-se⁸⁶² desde já as figuras de Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral (1910-1975) em Lisboa e a de Fernando Luís

855 Entre outros autores, veja o ponto “3 A Resistência” em PORTAS, Nuno - A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação. In: ZEVI, Bruno [1970] - *História da Arquitectura Moderna*, vol. II, Lisboa: Arcádia, 1978, pp. 195-203.

856 LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 145.

857 Cf., entre outros: ALVES, Vera Marques - «Camponeses Estetas» no Estado Novo: *Arte Popular e Nação na Política Folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional*. Tese de Doutoramento em Antropologia [texto policopiado] Lisboa: Departamento de Antropologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2007 e GALVÃO, Andreia - *A Caminho da Modernidade: a travessia portuguesa, ou o caso da obra de Jorge Segurado como exemplo de complexidade e contradição (1920-1940)*. Tese de doutoramento [texto policopiado]. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2003.

858 Entre outros, tais como, AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, veja-se: RIBEIRO, Ana Isabel - *Arquitectos Portugueses - 90 Anos de Vida Associativa (1863-1953)*. Porto: FAUP Publicações, 2002.

859 Cf. [AAVV] - *Quinze anos de obras públicas: 1932-1947*. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras Públicas, 1949.

860 TOSTÕES, Ana - O Congresso e os “verdes anos” 50. In: AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, p. 11.

861 Sobre os referidos grupos e, igualmente, sobre o MRAR (Lisboa, 1952) veja-se, em particular, o “Capítulo I – Sinais de Contaminação do Pós-Guerra” em TOSTÕES, Ana [1994] - *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1997, pp. 20-47. Sobre o ODAM veja-se: BARBOSA, Cassiano (compilação) - *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos do Porto, 1947-1952*. Porto: Edições ASA, 1972 e ROSA, Edite Maria Figueiredo - *ODAM: Valores Modernos e a Confrontação com a Realidade Produtiva*. Tese de Doutoramento. Barcelona: Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona, 2005. Disponível em: <http://www.tesisenred.net/handle/10803/6819>. Acesso em: 13 de Jun. 2011.

862 Entre muitos outros, tais como, Agostinho Ricca, Alfredo Viana de Lima, João Simões, Veloso Reis Camelo, Paulo de Carvalho Cunha, Adelino Nunes, Hernâni Gandra, Celestino de Castro, Formosinho Sanches e Raúl Chorão Ramalho.

Cardoso de Meneses e Tavares de Távora (1923-2005) no Porto. Ambos os arquitectos, em particular, Fernando Távora, serão fundamentais à afirmação definitiva de um pensamento projectual singular da Arquitectura portuguesa, nas décadas seguintes.

Na maior parte das teses apresentadas ao Congresso verifica-se um diagnóstico da realidade do país e, nomeadamente, a incapacidade que a Arquitectura e o Urbanismo nacionais demonstravam face a tal realidade. É igualmente possível estabelecer dois grandes temas de debate: por um lado, a imposição de um ‘estilo’ nacionalista de feição regionalista e, por outro, a adopção dos princípios estabelecidos na “Carta de Atenas”. A condenação de “certo regionalismo formal” e consequente “cópia ou limitação das formas arquitectónicas do passado, que privam a arquitectura de hoje da sua dignidade e da sua expressão adequada, à época actual, e aos materiais empregados.”⁸⁶³ Ambicionam-se novos “ideais estéticos”⁸⁶⁴ em muito afirmados e debatidos pelas teses dos membros dos grupos ICAT e ODAM. A condenação do dito ‘estilo’ nacionalista de feição regionalista revê-se, entre outras passagens, na incisiva tese “Regionalismo e Tradição”⁸⁶⁵ de Mário Ferreira Bonito (1921-1976) que refere que “Os conceitos de regionalismo e tradição têm vivido da dependência de um critério deformado, rotineiro e unilateral.”⁸⁶⁶ Entre os arquitectos (já com trabalhos para o Regime), saliente-se José Ângelo Cottinelli Telmo (1897-1948) e a sua tese denominada “Arquitectura Nacional - Arquitectura Internacional”⁸⁶⁷. Segundo o autor “[o] portuguesismo da nossa obra de arquitectura não pode continuar a impor-se através da imitação de elementos decorativos do passado nem do falseamento, na aparência, de processos de construir que não sejam os tradicionais”⁸⁶⁸. Apesar da adopção de uma linguagem do Estilo Internacional se verificar nesses e nos anos

863 AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses, Conclusões e Votos do Congresso*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, p. LXII.

864 Defendidos internacionalmente nos CIAM e, entre outros, por Le Corbusier. Destaque-se igualmente o impacto junto dos arquitectos de então do catálogo da Exposição inaugurada em Janeiro de 1943 no MoMA intitulada de “*Brazil Builds Architecture New And Old 1962-1942*”. Cf. GOODWIN, Philip L. - *Brazil Builds Architecture New And Old 1962-1942*. Nova Iorque: The Museum Of Modern Art, 1943.

865 BONITO, Mário [1948] - Regionalismo e Tradição. In: AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses, Conclusões e Votos do Congresso*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 42-53.

866 Ibidem, p. 52.

867 TELMO, Cottinelli - Arquitectura Nacional-Arquitectura Internacional. In: AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses, Conclusões e Votos do Congresso*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 61-65.

868 Ibidem, p. 65.

seguintes em Portugal⁸⁶⁹, é importante salientar que para ser autêntica⁸⁷⁰, deve ser firmada em conjunto com as verdadeiras raízes da Arquitectura portuguesa⁸⁷¹, ou seja, na Arquitectura vernacular e não na sua mistificação – a popular. Antevêem-se, portanto, exercícios de sincretismo⁸⁷² que efectivamente serão o princípio de uma considerável revisão desses internacionalismos (do universal) pela ‘fusão’ com a ‘realidade’ local ou regional (do particular). É disso exemplo seminal os já referidos contributos de Lewis Mumford⁸⁷³ que nos quais em muito se revê a tese de Mário Bonito, de 1948:

“[o] conceito de TRADIÇÃO deve ser tomado no sentido de poder «realizador»: implica a construção em larga escala satisfazendo aos requisitos do amor, da eficiência, da originalidade e da actualidade. O conceito de REGIONALISMO deve ser tomado no sentido de actividade económica e clima da região (e não materiais e riqueza) em perfeita relação com as demais regiões (distribuição inteligente das matérias primas). Implica o uso de novas técnicas e de novas formas cuja finalidade é: sol e luz, pureza construtiva, plástica e estética, integração no lugar (constituição e orografia do terreno).”⁸⁷⁴

Proposições como as de Mário Bonito são, em continuidade com as antes verificadas, as renovadas matrizes⁸⁷⁵ que reafirmarão gradualmente outra expressão de índole regionalista⁸⁷⁶. Assim, ao invés do anterior movimento descendente, estabelece-se um em sentido ascendente de modo local e regional que se perspectiva e fundamenta, igualmente, na Região. Da maturação dessa outra expressão regionalista advirá um pensamento projectual integrado e inclusivo que estabelecido reflexivamente no particular se perspectiva, em simultâneo, no universal.

869 Cf. entre outros: PORTAS, Nuno - A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação. In: ZEVI, Bruno [1970] - *História da Arquitetura Moderna*, vol. II, Lisboa: Arcádia, 1978, p. 687-746; FERNANDEZ, Sergio [1985] - *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1988; TOSTÕES, Ana [1994] - *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1997.

870 Em diante, utilizar-se-á autêntico em vez de ‘autêntico’ – antes associado, nomeadamente, ao ideário da Casa Portuguesa.

871 Cf. o manifesto de Keil do Amaral acerca da necessidade de um inquérito e seus propósitos e metodologias: AMARAL, Francisco Keil do - Uma iniciativa necessária. In: *Arquitectura, Revista de arte e construção*, 2ª série, n.º 14, Abril 1947, pp. 12-13.

872 Cf. Parte II. Por um modelo teórico-crítico ponto 2. Da operatividade da teoria-crítica.

873 Cf. Parte II. Por um modelo teórico-crítico ponto 1.2 Do Universal e do Particular: por um sincretismo.

874 BONITO, Mário [1948] - Regionalismo e Tradição. In: AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, p. 53.

875 Dependentes, obviamente, de uma outra circunstância histórica

876 Recorde-se que se adoptou o termo regionalista como, *grosso modo*, a reacção do particular face à hegemonia do universal.



Ilustração 21 – LOPES, Carlos da Silva - A tradição na Arquitectura e o ambiente regional: Os três estilos, pobre, mediano e rico, característicos da nossa casa solarenga, em cujo pitoresco sóbrio e em cuja austera simplicidade deve inspirar-se o moderno. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, n.º 5, Série IV, Ano IV, Lisboa Out. de 1945, pp. 8-9 (esq.) e [TÁVORA, Fernando Luís / F.L.] - O Problema da Casa Portuguesa. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, n.º 5, série IV, ano IV, Lisboa 10 de Nov. de 1945, p. 10 (dir.).

Embora possam ser considerados tempos de afirmação e de combate⁸⁷⁷, refira-se que as circunstâncias verificadas no final da década de quarenta derivam das anteriores, estabelecendo-se em continuidade, sem grandes rupturas. Com o novo cenário geopolítico internacional, consequente do final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a demanda firmada nas décadas anteriores, em prol de uma identidade nacional enfraquece e a retórica e acção do Estado Novo em Portugal altera-se. Por um lado, ainda sobre a égide da Casa Portuguesa e próprio das ideologias de vocação totalitária, permanecem as afirmações anacrónicas nacionalistas; por outro, renova-se uma aproximação ao realismo (do particular) como modo de complementar o espírito mais abstracto do Estilo Internacional (do universal). Evidencia-se, assim, a pertinência de um renovado olhar para a capacidade catalisadora da cultura vernacular regional (nas suas diversas expressões) e da tradição que sempre aliadas à inovação, efectivarão um pensamento e processo projectual. Mas, dessas circunstâncias, a que agora importa reter é a publicação de um breve texto de um jovem arquitecto português em 1945.

877 TOSTÕES, Ana [1994] - *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1997, pp. 24-32.

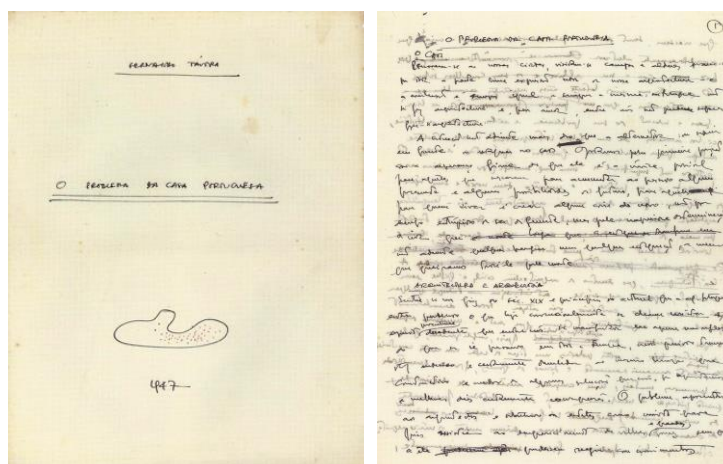


Ilustração 22 - Manuscritos de Fernando Távora para “O Problema da Casa Portuguesa” de 1947.

Na resposta⁸⁷⁸ ao artigo do historiador Carlos da Silva Lopes⁸⁷⁹ designado “A tradição na Arquitectura e o ambiente regional: Os três estilos, pobre, mediano e rico, característicos da nossa casa solarenga, em cujo pitoresco sóbrio e em cuja austera simplicidade deve inspirar-se o moderno”, (Ilustração 21) Távora “assinala com veemência a necessidade de pôr um fim à mentira arquitectónica”⁸⁸⁰. Assinado com as iniciais F.L.⁸⁸¹ e intitulado de “O Problema da Casa Portuguesa”⁸⁸² (Ilustração 22), o autor sintetiza o contexto da Arquitectura nacional da primeira metade do século XX:

“[v]erificou-se nos fins do século XIX e princípios do nosso que a arquitectura portuguesa estava perdendo o que hoje se denomina por carácter. Este aspecto decadente que entre nós se manifestou era um reflexo do que se passava lá fora nesse período tremendo, indeciso e demolidor, ao mesmo tempo que construtivo e criador de algumas soluções que hoje aproveitamos e o futuro certamente consagrará. O problema era gravíssimo e os movimentos de reacção a esse espírito foram, dum modo quasi geral, bastante curtos em duração e pouco profundos em intensidade. Entre nós e no campo que especialmente nos interessa – o da habitação – o problema

878 Veja-se o conjunto de documentos manuscritos de Távora do dito artigo no acervo documental de Fernando Távora presente no Centro de Documentação e Investigação de Cultura Arquitectónica da Fundação Instituto Marques da Silva, Porto.

879 LOPES, Carlos da Silva - A tradição na Arquitectura e o ambiente regional: Os três estilos, pobre, mediano e rico, característicos da nossa casa solarenga, em cujo pitoresco sóbrio e em cuja austera simplicidade deve inspirar-se o moderno. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, nº. 5, Série IV, Ano IV, Lisboa Out. de 1945, pp. 8-9.

880 BANDEIRINHA, José António - Fernando Távora Modernidade Permanente. In: BANDEIRINHA, José António (ed.) - *Fernando Távora Modernidade Permanente*. Catálogo da exposição. Porto: Casa da Arquitectura, 2012, p. 12.

881 Atribuído a Fernando Luís Távora (pai de Fernando Távora) por ser um periódico que ele assinava. Sobre o “ALEO. Boletim das Edições Gama” e sua relação com o Integralismo Lusitano veja-se, entre outros: OLIVEIRA, A. Paulo Dias - Leão Ramos Ascensão e o Integralismo Lusitano. In: *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. 29, 2012. Disponível em: <http://cultura.revues.org/1154>; DOI: 10.4000/cultura.1154. Acesso em: 23 Nov. 2013.

882 [TÁVORA, Fernando Luís / F.L.] - O Problema da Casa Portuguesa. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, nº. 5, série IV, ano IV, Lisboa 10 de Nov. de 1945, p. 10.

julgou-se resolvido por um estudo muito superficial da nossa arquitectura antiga e, na prática, pelo emprego sem nexo de algumas formas dessa mesma arquitectura. Resultou da louvável intenção uma triste realidade.

A casa portuguesa filha desse movimento não introduziu em Portugal qualquer coisa de novo e em qualquer sentido, enquanto lá tora se lançavam as bases da arquitectura moderna nós restringíamos as nossas actividades, procurando criar uma arte independente e de carácter nacional, mas de todo incompatível com o pensar, sentir e viver do mundo que nascia. Era, pode dizer-se, uma arquitectura de arqueólogos e nunca uma arquitectura de arquitectos.”⁸⁸³

Em tom de manifesto, preciso e muito assertivo, Távora a meio do artigo conclui que “[u]m estilo nasce do povo e da terra, com a naturalidade duma flor, e povo e terra encontram-se presentes no estilo que criaram em muitas gerações. Que sentido poderá ter, pois, a vontade de criar numa geração um *estilo português* sem, para tanto, proceder a estudos integrais das nossas necessidades e das nossas condições?”⁸⁸⁴ Assim, a par de estudos nacionais já esboçados por outras disciplinas e de outros no âmbito da Arquitectura internacional⁸⁸⁵, Távora cunha a necessidade do que, anos mais tarde, espoletará um “estudo integral” em forma de inquérito⁸⁸⁶ realizado pelos arquitectos à nossa Arquitectura de raiz vernacular. Intitulando de “Falsa Arquitectura”⁸⁸⁷ à suposta habitação tradicional que, “com o seu pretenso nacionalismo artístico [,] era caracterizada por um determinado número de motivos decorativos”⁸⁸⁸, Távora afirma que “[e]xiste nas «casas portuguesas» - e podemos afirmá-lo sem receio - uma *mentira arquitectónica*, que caracteriza os maus períodos ou os maus artistas e, como mentira que é, todos os maus homens.”⁸⁸⁹ Consequentemente e porque “[t]udo há que refazer – «começando pelo princípio» [os] estudos que se impõem poderão talvez agrupar-se em três ordens: a) Do meio português; b) Da arquitectura portuguesa; c) Da

883 Ibidem, loc. cit.

884 Ibidem, loc. cit. Grifos no original.

885 Entre outros, veja-se: MERCADAL, Fernando García - *La casa popular en España*. Barcelona: Editorial Espasa-Calpe, S.A, 1930; PAGANO, Giuseppe - Documenti di Architettura Rurale. In: *Casabella. Rivista internazionale di architettura*, n.º 95, Nov. 1935, pp. 18-25 e o livro resultante da da exposição “*Funzionalità della casa rurale*” realizada na VI Trienal de Milão em 1936: PAGANO, Giuseppe, GUARNIERO, Daniel - *Architettura Rurale Italiana. Quaderni della Triennale*. Milão: Hoepli, 1936.

886 A par da “iniciativa necessária” de Keil do Amaral. C.f. AMARAL, Francisco Keil do - Uma iniciativa necessária. In: *Arquitectura, Revista de arte e construção*, 2ª série, n.º 14, Abril 1947, pp. 12-13.

887 [TÁVORA, Fernando Luís / F.L.] - O Problema da Casa Portuguesa. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, n.º 5, série IV, ano IV, Lisboa 10 de Nov. de 1945, p. 10.

888 “Daquele apriorismo errado nasceram habitações que não representam mais do que um catálogo de elementos decorativos tirados das velhas casas dos séculos XVII e XVIII, e outros até estranhos à nossa arquitectura civil.” Ibidem, loc. cit.

889 Ibidem, loc. cit. Grifos no original.

arquitectura moderna no mundo.”⁸⁹⁰ Reconhecendo que “de tudo o que seria necessário dizer-se muito pouco ficou dito”, Távora dois anos mais tarde, em 1947 – aquando a inauguração dos “Cadernos de Arquitectura”⁸⁹¹ – revê o seu problema da Casa Portuguesa. Embora publicado num periódico fora do âmbito disciplinar directo da Arquitectura, o manifesto de Távora causou grande impacto junto de alguns arquitectos, entre os quais Nuno Teotónio Pereira. Ao ter conhecimento do ‘problema’ enunciado por F.L. – Fernando Luís Távora – Teotónio Pereira contactou-o a fim de conhecer o autor desse pertinente artigo e, posteriormente, republicado sob a forma de livro.

Em linha com as proposições de Lewis Mumford e de Mário Bonito, Távora encetou, em definitivo, um pensamento projectual alternativo que, na ‘periferia’ e não no ‘centro’, podia lidar com as vicissitudes de um modernismo em muito centralizado e universalizado e com as eventualidades de uma ‘realidade’, ou de um particular. O dito pensamento é o prómio de um mecanismo que, através de exercícios de sincretismo constantes, revelará nos anos seguintes um processo projectual possível de ser apelidado de “realismo”⁸⁹². Assim, entre a via resultante do ideário da Casa Portuguesa e a via resultante do ideário universalista do *The International Style*, emerge uma outra que se vulgarizou de “terceira via”⁸⁹³. Porém, a instituição dessa terceira via ou processo de problematizar o projecto em Arquitectura exigirá ainda, em particular, a efectivação da já referida iniciativa necessária. E, nesse sentido, através do efectivo conhecimento da Arquitectura Moderna em conjunto com a verdadeira Arquitectura vernacular nacional – que “fornecerá grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções”⁸⁹⁴ – é que se poderá corrigir um caminho já

890 Ibidem, loc. cit.

891 Com um total de 16 páginas, das quais 12 são escritas encerrando três capítulos: “Arquitectura e Arqueologia”, “Falsa Arquitectura” e “Para uma Arquitectura Portuguesa de hoje”. Cf. TÁVORA, Fernando - *O problema da casa portuguesa*. Cadernos de Arquitectura n.º 1. Lisboa: Editorial Organizações, Lda., 1947.

892 “Realismo” no sentido utilizado por Lefaivre e Tzonis: “we even publicly suggested that the concept of regionalism should be abandoned and replaced by realism, hereby erasing the middle part of re-'gion'-alism. Realism was very appropriate in reflecting a commitment to the exploration of the identity of the particular (of each case), rather than to the generalities of doctrines.” LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*. Munique: Prestel Verlag, 2003, p. 10. Refira-se, igualmente enquadrável nesse “Realismo” Crítico, a seguinte publicação: GREGOTTI, Vittorio - *L'architettura del realismo critico*. Milão: Feltrinelli, 1966.

893 “Eu propunha uma terceira via que, embora radicada na realidade portuguesa, excluía o folclórico. Na minha opinião as outras duas [a nacionalista e a internacionalista] pecavam por formalismo, o que não resolvia nada.” TÁVORA, Fernando - As raízes e os frutos (entrevista de Lurdes Féria). In: *Diário de Lisboa*, Ano 66, n.º 22101, 3 Jul. 1986, p. 13.

894 TÁVORA, Fernando - *O problema da casa portuguesa*. Cadernos de Arquitectura n.º 1. Lisboa: Editorial Organizações, Lda., 1947, p. 11.

percorrido na possibilidade de se afirmar “uma Arquitectura Portuguesa de hoje”⁸⁹⁵.

A aludida aproximação ao real⁸⁹⁶ revê-se terminantemente nos trabalhos e nos resultados do “Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa”⁸⁹⁷. Após diversos contratempos, nomeadamente de ordem financeira, a 19 de Outubro de 1955 é publicado o Decreto-Lei nº 40.349 que anui que o SNA e o Ministério das Obras Públicas juntem “esforços no sentido da valorização da arquitectura portuguesa, estimulando-a na afirmação do seu vigor e da sua personalidade e apoiando-a no propósito de encontrar um rumo próprio para o seu engrandecimento.”⁸⁹⁸ Curiosamente, o texto do referido Decreto-Lei é, possivelmente, uma outra preconização para a instituição da dita terceira via. Pretende-se, então, que a inquirição à Arquitectura Regional nacional estabeleça o “reconhecimento do carácter evolutivo das soluções arquitectónicas, que tendem naturalmente a adaptar-se à sua época, acompanhando o aperfeiçoamento das técnicas construtivas e a própria evolução dos ideais estéticos.”⁸⁹⁹ E, nesse sentido,

“reconhece-se, ao mesmo tempo, que as novas soluções não deverão deixar de apoiar-se nas tradições da arquitectura nacional, resultantes do condicionalismo peculiar do clima, dos materiais de construção, dos costumes, das condições de vida e dos anseios espirituais da grei, de todos os factores específicos, em suma, que, reflectindo-se naturalmente nas nossas realizações arquitectónicas em épocas sucessivas, lhes conferiram cunho próprio e criaram um sentido para a expressão «arquitectura nacional».”⁹⁰⁰

No contexto do “Inquérito”, a Arquitectura volta a estabelecer um diálogo interdisciplinar com as já suas conhecidas disciplinas, nomeadamente, a Antropologia, a Etnografia, a Geografia e a História. É disso exemplo a importância dos itinerários por Portugal continental de Orlando da Cunha Ribeiro

895 Ibidem, loc. cit.

896 FERNANDEZ, Sergio [1985] - *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1988, pp. 93-172.

897 “O Inquérito organizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos de que resultou o livro *Arquitectura Popular em Portugal* (1961) tinha o título inicial - relativamente pouco conhecido - de *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*. Este título foi certamente adoptado por razões de natureza táctica, uma vez que era essa a designação que o regime reservava ao universo daquilo que, entretanto, os arquitectos do SNA irão rebaptizar - ao escolherem o título para o livro - de *Arquitectura Popular em Portugal*.” LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 19.

898 Ministério das Obras Publicas. Gabinete do Ministro. Decreto-Lei nº 40.349 de 19 de Outubro de 1955. Disponível em: <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1955/10/22700/09030904.pdf>. Acesso em: 23 Nov. 2012. Note-se que o primeiro pedido para a realização do Inquérito ao Ministério das Obras Publicas ocorreu em 1949.

899 Ibidem, loc. cit.

900 Ibidem, loc. cit.

(1911-1997), que em 1945 passaram a livro⁹⁰¹ e as investigações de Ernesto Veiga de Oliveira (1910-1990) no campo da Antropologia e da Etnografia para os trabalhos necessários à efectivação do “Inquérito”⁹⁰². Com Portugal dividido em seis grandes zonas geográficas Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve – cada uma dirigida por um arquitecto mais experiente, o chefe de equipa e a colaboração de dois outros arquitectos ou ainda tirocinantes, os trabalhos de campo tiveram início no final do ano de 1955, tendo sido terminados em 1958. Evidencie-se a presença dos dois grandes impulsionadores do “Inquérito”, Távora⁹⁰³ e, em particular, Keil do Amaral, que chefiaram os trabalhos da “Zona 1 – Minho” e da “Zona 3 – Beiras” respectivamente. Apenas em 1961 é que a selecção de todo trabalho de campo e respectivas conclusões são apresentadas em livro⁹⁰⁴ que, ainda em maquete, tinha sido apresentado ao Presidente do Conselho de Ministros⁹⁰⁵. Intitulado de “Arquitectura Popular em Portugal, a publicação em dois volumes (constituídos a partir de fascículos) do vasto trabalho de recolha e síntese da ainda existente Arquitectura vernacular

901 RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Coimbra Editora, 1945.

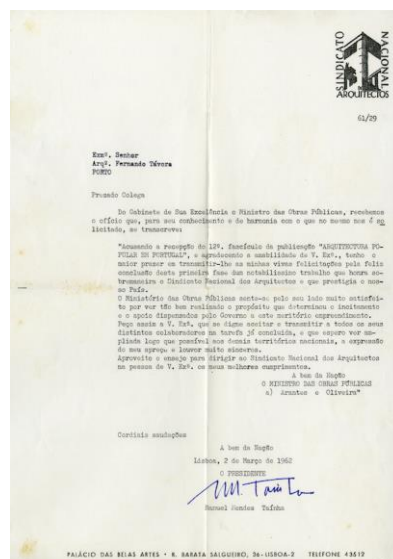
902 Cf., entre outros, o “Capítulo 7 - Veiga de Oliveira e a *Arquitectura tradicional portuguesa*” em LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, pp. 197-223 e, entre muitos outros: GOMES, Varela Paulo - *Quatre Batailles en faveur d’une architecture portugaise*. In: AAVV - *Points de Repère: Architectures du Portugal/Referentiepunten: Bouwen in Portugal, Europalia 91, Portugal*. Bruxelas: Fondation pour L’Architecture, 1991, pp. 21-63; LEAL, João [2008] - *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português* (Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008). Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2009; LEAL, João [2009] - *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*. In: *Joelho n.º 2 – Revista de cultura arquitectónica (série II) – Intersecções: Antropologia e Arquitectura*. Coimbra: E/D/Arq. Coimbra, Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 68-83; OLLERO, Rodrigo - *Letter to Raul Lino. Cultural identity in portuguese architecture. The “inquérito” and the architecture of the protagonists in the 1960’s*. Ph.D. Thesis [texto policopiado]. Salford: School of Construction and Property Management, University of Salford, 2001. Disponível em: <http://usir.salford.ac.uk/2165/> Acesso em: 18 de Agosto 2012. Veja-se igualmente o trabalho desenvolvido por: ALMEIDA, Pedro Vieira de, MAIA, Maria Helena (investigadores responsáveis) - *A “Arquitectura Popular em Portugal”*. *Uma Leitura Crítica*. Grupo de Investigação (FCT: PTDC/AUR-AQI/099063/2008 – COMPETE: FCOMP-01-0124-FEDER-008832). CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo. Disponível em: <http://www.ceaa.pt/a-arquitectura-popular-em-portugal-uma-leitura-critica/>. Acesso em: 18 de Agosto 2012.

903 Refira-se que, a título de curiosidade, igualmente em 1955, Távora é convidado para escrever “A Habitação Portuguesa” possivelmente para a “Coleção Educativa. Série F – Arte Portuguesa” da Campanha Nacional de Educação de Adultos prevista no Plano de Educação Popular do Regime. “A habitação portuguesa. Pequeno manual, copiosamente ilustrado, em que se dê conhecer a casa característica de cada uma das nossas províncias. Deve insistir-se particularmente na habitação humilde ou mediana, mostrando como também a essas construções pode presidir uma ideia de arte e como se podem fazer em obediência aos valores tradicionais. Procurar dar-se simultaneamente um aspecto de doutrinação prática, podo em evidência o mau gosto das construções deslocadas, do uso de materiais e elementos decorativos ou arquitectónicos aberrantes com a fisionomia local. As pequenas sugestões - desenhos de cantarias, balcões, pormenores - poderiam desempenhar uma função útil quando apresentados de forma singela e sugestiva.” Cf. Esteio 3 - “A Habitação Portuguesa”, 1955 em MENDES, Manuel (coord. editorial) - *Fernando Távora, Minha Casa. Uma porta pode ser um romance*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva. Faculdade de Arquitectura. Reitoria Universidade do Porto, 2013, s.p.

904 AAVV - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.

905 Veja-se o interessante testemunho de Távora e de outros participantes sobre a dita apresentação em: LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, pp. 173-175. Veja-se, igualmente, a transcrição da entrevista de Távora cedida a Leal sobre o Inquérito – “Fernando Távora sobre o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. Entrevista por João Leal” em MENDES, Manuel (coord. editorial) - *Fernando Távora, Minha Casa. Uma porta pode ser um romance*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva. Faculdade de Arquitectura. Reitoria Universidade do Porto, 2013, s.p. .

Ilustração 23 – OLIVEIRA, Arantes e, TAÍNHA, Manuel – Carta dirigida a Fernando Távora acerca de conclusão do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. Lisboa, 2 de Mar. 1962.



vernacular das regiões de Portugal continental torna-se imediatamente um sucesso e uma referência indispensável⁹⁰⁸ particularmente, para as novas gerações de arquitectos. E, —[a]cusando a recepção do 12º fascículo da publicação "ARQUITECTURA POPULAR EM PORTUGAL" (...) tenho o maior prazer em transmitir-lhe as minhas vivas felicitações pela feliz conclusão desta primeira faseum notabilíssimo trabalho que honra sobremaneira o Sindicato Nacional dos Arquitectos e que prestigia o nosso País”⁹⁰⁶, que “espero [numa segunda fase⁹⁰⁷] ver ampliada logo que possível aos demais territórios nacionais” (Ilustração 23). A carta assinada por Eduardo de Arantes e Oliveira (1907-1982) – Ministro das Obras Públicas – e que Manuel Mendes Távina (1922-1012) – Presidente do SNA – transcreve e envia a Fernando Távora, finda simbolicamente o vasto trabalho realizado pelos arquitectos que, na exaltação das autênticas Casas Portuguesas, deixou marcas indeléveis, ainda hoje bem presentes.

Retomando o impacto do “Inquérito” nas novas gerações de arquitectos de então, refira-se, como exemplo, os CODA⁹⁰⁸ de Octávio Lixa Filgueiras (1922-

906 OLIVEIRA, Arantes e, TAÍNHA, Manuel - *Carta dirigida a Fernando Távora acerca da conclusão do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa, 2 de Mar. 1962. FIMS_FT_05002 - Arquivo Fernando Távora © Fundação Instituto Marques da Silva.

907 Que, entretanto, não foi realizada pelo SNA e pelo Ministério das Obras Públicas nos mesmos moldes que a “1ª fase”.

908 Sobre os CODA veja-se, entre outros: FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral Santos - *A escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de escola*. Tese doutoramento em Arquitectura, Área de conhecimento em Teoria e Projecto. [texto policopiado]. Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2011 e MONIZ, Gonçalo Canto - *O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas Artes em Portugal (1931-69)*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18438/1/GCM-V1-20120301.pdf>. Acesso em: 23de Jun. 2012.

Ilustração 24 – “Formas do Habitat Rural - Norte de Bragança. Contribuição para a estrutura da comunidade”. Arnaldo Araújo, CODA n.º 158, p. 39 (1957).



1996), “Urbanismo: um Tema Rural” (1954) de Arnaldo Araújo (1925-1982), “Formas do Habitat Rural - Norte de Bragança. Contribuição para a estrutura da comunidade” (1957 – Ilustração 24) de José Joaquim Dias (1932- ?), “Recuperação de Aldeias, Espinhosela, Bragança” (1963) e “Recuperação de Aldeias - equipamento colectivo. Rio de Onor, Bragança” (1964) de Sérgio Fernandez (1937-) que evidenciam a renovada relação da Arquitectura com o meio português rural e regional, em particular nas décadas de cinquenta e sessenta. Assim, assiste-se em Arquitectura⁹⁰⁹, à gradual conceptualização de Região enquanto veículo de interpretação reflexivo de uma ‘realidade’ ou “espaço vivido” que, por comportar uma rede de fluxos própria, agrega sincreticamente factores da relação directa e indirecta entre o Homem e o (seu) espaço. Um exemplo dessa visão integrada de Região, entre a dimensão do particular e a do universal, é o trabalho da participação portuguesa no X Congresso do CIAM, realizado em Agosto de 1956, na cidade costeira de Dubrovnic, ainda durante o período inicial da investigação de campo, respeitante ao “Inquérito”.

909 Cf. Parte I. Da Região, ponto 1.1.1. Região.



Ilustração 25 – “Habitat rural. Nouvelle communauté agricole”. Painéis da participação portuguesa no no CIAM X, 1956.

A delegação portuguesa foi constituída pelos arquitectos Fernando Távora⁹¹⁰ e Alfredo Evangelista Viana de Lima (1913-1991) que apresentaram os seus recentes projectos, Mercado de Santa Maria da Feira (1953-1959) e o Complexo Hospitalar de Bragança (1957-1972), respectivamente. Em conjunto com Távora e Viana de Lima, Octávio Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo, Carlos Alberto Carvalho Dias (1929-) e Alberto Neves (19?-) apresentaram a grelha “*Habitat rural. Nouvelle communauté agricole*” (Ilustração 25) que já em tempos de crítica e revisão da ortodoxia Moderna (exaltada em CIAM anteriores), celebravam as formas autênticas de vida como inspiração da Arquitectura⁹¹¹ reflexo das singularidades referentes às comunidades agrícolas rurais do nordeste transmontano. Sintetizando, é agora possível retomar à condição de Região como “arte-facto”⁹¹² que entendida como produto e produtora, simultaneamente, colige e cria artefactos. Desse modo, impulsiona um processo projectual característico e

910 Sobre a importância da participação de Fernando Távora nos CIAM (VIII em Hoddesdon 1951, IX CIAM em Aix-en-Provence 1953 e no X em Dubrovnik, 1956), veja-se, entre outros TÁVORA, Fernando - Conversaciones en Oporto. In: *Arquitectura - Revista do Colegio Oficial dos Arquitectos de Madrid*, n.º 261, Jul/Ago. 1986, pp. 22-28; TOSTÕES, Ana [1994] - *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1997 e BANDEIRINHA, José António (ed.) - *Fernando Távora Modernidade Permanente*. Catálogo da exposição. Porto: CASA DA ARQUITECTURA, 2012.

911 TOSTÕES, Ana [1994] - *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1997, p. 165.

912 Cf. Parte I. Da Região, ponto 1.1. Região.

inteligível numa expressão da Arquitectura, ou seja, esse processo revê-se na resistência da Forma-do-Lugar pela capacidade de mediar o impacto da ‘Cultura Universal’ através da integração directa do particular nesse universal.

A experiência inédita do “Inquérito” e das demais circunstâncias que nele gravitam e igualmente cessam, assume-se porventura como um ‘grau zero’ – no sentido de conclusão e, simultaneamente, de ponto de partida – no já referido e duradouro debate acerca de uma Arquitectura dita de ‘portuguesa’ ao encerrar uma tentativa comum para expressar a segunda modernidade em termos realistas, ou seja, em contexto, em espacialidade e em modo de vida⁹¹³. Consequentemente, o testemunho de Távora que “projetar, planejar, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por caprichos da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem”⁹¹⁴, reforça a instituição em definitivo de uma condição singular de um pensamento projectual português. Portanto, interessa agora evidenciar como síntese do itinerário antes percorrido o, aqui assumido, texto-manifesto de Fernando Távora como sintoma da vitalidade dos exercícios de sincretismo, intraproceto de projecto que, estabelecidos auto-reflexivamente, revelam a singular dialéctica entre o particular e o universal característica da dita condição.

O breve escrito de Távora, de 5 de Maio de 1957, apenso da publicação do conhecido projecto de uma moradia para o Dr. Fernando Ribeiro da Silva em Fão, Ofir (Ilustração 26), na revista “Arquitectura” de Julho do mesmo ano, antevê e precisa uma revisão metodológica distinta, um processo projectual instituído sincreticamente pelo diálogo entre tradição e inovação, entre o particular e o universal. “[C]ontra o caso infelizmente normal entre nós de realizar misturas de

913 PORTAS, Nuno - Das casas às pessoas e vice-versa. In: TAVARES, André, BANDEIRA, Pedro (eds.) - *Só nós e Santa Tecla*. Porto: Dafne, 2008, p. 55.

914 TÁVORA, Fernando [1962] - *Da Organização do Espaço*. 3ª edição. Porto, FAUP Publicações, 1996, p. 74.



Ilustração 26 – TÁVORA, Fernando - Casa em Ofir. In: *Arquitectura*, 3a série, no. 59, jul. de 1957, p.p 10-11.

apenas alguns factores”⁹¹⁵, Távora reconhece que “tentou-se aqui um composto de muitos factores, de valor variável, é certo, mas todos, todos de considerar”⁹¹⁶.

“Uma das mais elementares noções de química ensina-nos qual a diferença entre um composto e uma mistura e tal noção parece-nos perfeitamente aplicável, na sua essência, ao caso particular de um edifício. Em verdade, há edifícios que são compostos e edifícios que são misturas (para não falar já nos edifícios que são mixórdias...) e no caso presente desta habitação construída no pinhal de Ofir, procuramos, exactamente, que ela resultasse um verdadeiro composto”⁹¹⁷.

Enquanto instrumento, este procedimento crítico ou “composto”, evidencia a autoridade do processo e, em consequência, da síntese no estabelecimento de um pensamento projectual. Um processo de projecto instituído pelo diálogo reflexivo e sem ruptura, fundado num resumo eficaz da ‘realidade’ e nos demais acontecimentos culturais, históricos, sociais e físicos ⁹¹⁸, numa continuidade

915 TÁVORA, Fernando - Casa em Ofir. In: *Arquitectura*, 3ª série, nº. 59, jul. de 1957, p. 11.

916 Ibidem, loc. cit.

917 Ibidem, loc. cit.

918 “[O] terreno tem a sua forma, a sua vegetação, a sua constituição; no Verão sopra ali o enervante vento Norte, no Inverno o castigador Sudoeste; perto, em Esposende e Fão, há construções com um tónus muito próprio; do outro lado do rio; não longe; há granito e xisto; a mão-de-obra não é especializada; o Arquitecto tem a sua formação cultural, plástica e humana (para ele, por exemplo, a sua casa não é apenas um edifício), conhece o sentido de termos como organicismo, funcionalismo, neo-empirismo, cubismo, etc., e, paralelamente, sente por todas as manifestações da arquitectura espontânea do seu País um amor sem limites que já vem de muito longe; o terreno proporciona encantadores pontos de vista sobre o

(continua)

permanente entre um passado e um presente, que constrói reflexivamente uma narrativa composta e permanentemente integrada. Composto, integrado, inclusivo, reflexivo e, ainda, híbrido, o pensamento projectual patenteado por Távora desvenda pistas para a compreensão de uma especificidade na maneira que este processo assevera continuidades, sem recusar os temas do universal, da inclusão da história e da gestão meditativa da diversidade das tradições do particular, alinhada com as demais conjunturas do universal, nacionais e internacionais. E, concludentemente, “[f]oi deixando falar tudo e todos, num magnífico e inesquecível diálogo, tentando um verdadeiro composto, que chegámos a esta realização. Quanto ao seu valor intrínseco, o futuro, o grande juiz, dirá alguma coisa; quanto ao princípio adoptado, não se nos oferece a menor dúvida de que ele é o único a seguir para que as nossas obras atinjam, pela sua individualidade, valor universal.”⁹¹⁹

Cávado, sobre Esposende; na construção devem ainda ser resolvidos mil e um pequenos (às vezes enormes) problemas de insolação, isolamento térmico e acústico, iluminação artificial, etc., etc. E nunca mais acabaria a enunciação dos factores considerados, uns, como vimos, exteriores ao Arquitecto, outros pertencentes à sua formação ou à sua própria personalidade.” Ibidem, loc. cit.

919 Ibidem, loc. cit. Sobre a importância “matricial” da Casa de Ofir, veja-se: FARIAS, Hugo José - *La Casa : Experimento y matriz : La Casa de Ofir (1958), de Fernando Távora, y la Casa de Vila Viçosa (1962), de Nuno Portas y Nuno Teotónio Pereira, en el proceso de revisión crítica de la arquitectura moderna en Portugal*. Tese de Doutoramento em Arquitectura. Madrid: E.T.S. Arquitectura. Universidad Politécnica de Madrid, 2011. Disponível em: <http://oa.upm.es/10428/>. Acesso em: 4 de Jun. 2012.

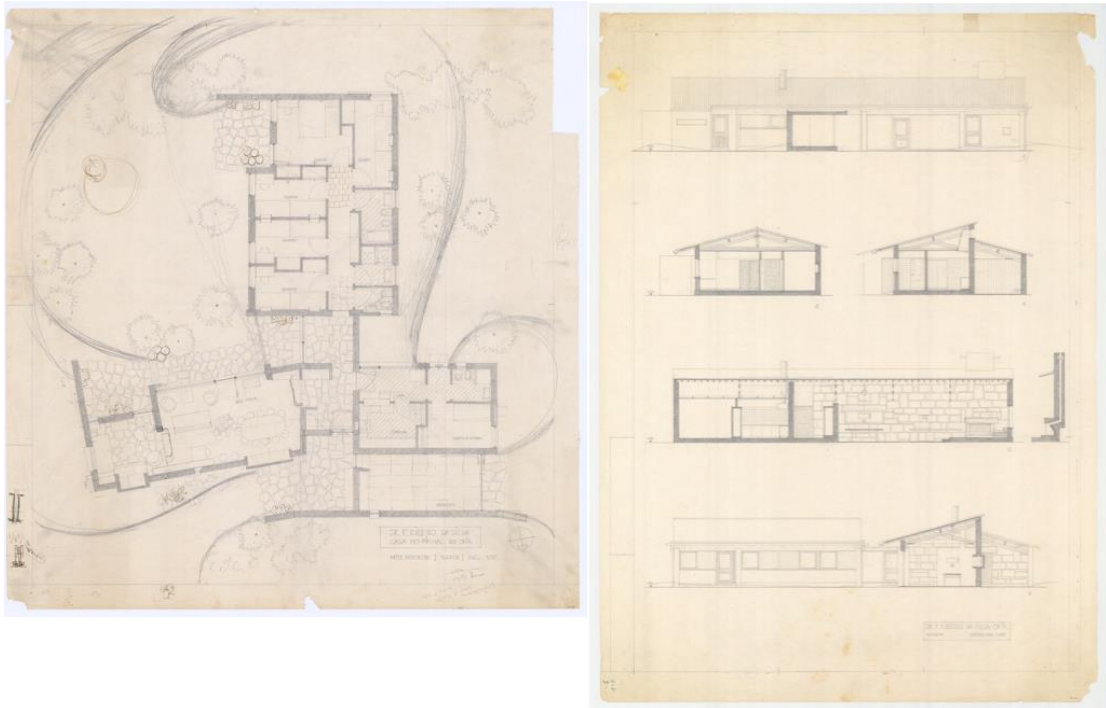


Ilustração 27 – Casa de Fão, Ofir (1956-1957). Estudos.



2.2. Da “síntese” ou da afirmação de uma condição de *Regionalidade*

As décadas de cinquenta e sessenta do século passado são, provavelmente, das mais ricas, em termos disciplinares, que a Arquitectura portuguesa contemporânea atravessou⁹²⁰. As circunstâncias da produção arquitectónica e as suas críticas – nessa época – remetem para a figura incontornável de Fernando Távora e para o impacto causado pela (sua), comumente intitulada “Casa de Ofir” (Ilustração 27). Contudo, a contribuição do projecto de Távora para uma Arquitectura ou possivelmente para a (re)invenção em continuidade de uma Arquitectura portuguesa – como ainda hoje ainda a podemos retratar – não se esgotou com a construção do texto anteriormente distinguido. Outras obras e edificações continuaram o seu projecto, nomeadamente os equipamentos colectivos e as habitações particulares. Mas não estava sozinho, nesse percurso. Naquele período, evidenciam-se muitos outros, entre os quais se destacam, Nuno Teotónio Pereira e na crítica na renovada “Arquitectura”⁹²¹, Nuno Rodrigo Martins Portas (1934-).

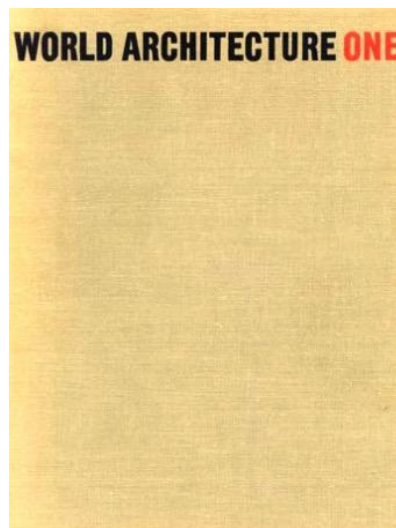
Voltando à Casa de Ofir, importa assinalar que a mesma instituiu um outro momento fundamental para o entendimento, que hoje, temos dessa Arquitectura portuguesa. É também nessa época que renasce a revista “Arquitectura” que através do olhar crítico e atento do seu novo corpo editorial⁹²² reconhece na práxis de Fernando Távora uma afinidade com os principais assuntos nacionais e internacionais em destaque no campo da Arquitectura. Das Arquitecturas

920 Cf., entre outros: TOSTÕES, Ana [1994] - *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1997.

921 Cf. Anexo. Entrevistas. e. Carlos Duarte, nomeadamente.

922 Cf. Anexo. Entrevistas. e. Carlos Duarte, nomeadamente. Considere-se, nesse contexto que “[g]anha importância, com a publicação deste e dos seguintes números, um conjunto de obras cuja primeira característica comum consiste em serem os seus autores arquitectos recém-chegados à actividade profissional num período em que, enquanto o conceito de «modernidade», desbravado pelas duas gerações anteriores, se vai tomando, sociologicamente, um pouco possível, a discussão tende já a estabelecer-se num plano de maturação: o do conteúdo e significação do próprio espírito moderno. Pensamos que uma importante contribuição para esse debate - que constitui uma das preocupações centrais da revista - seria precisamente o interrogar de uma novíssima geração, não só nas suas ideias e intenções mas sobretudo nas suas obras. Porque há uma contribuição a esperar desta nova leva de profissionais: a de assumir as tentativas dispersas de pensamento e actuação que se tem tentado nos últimos anos, conferindo-lhes uma estrutura, um certo grau de síntese e de eficácia operativa. A responsabilidade deste momento é, com efeito, duplamente grave: no conjunto dos problemas do movimento moderno no Mundo, ou, pelo menos, na Europa e na situação particular que se mostra entre nós. Cremos que mais uma vez ainda o primeiro aspecto nos determinará substancialmente.” PORTAS, Nuno - A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal. In: *Arquitectura*, 3ª série, n.º 66, Nov./Dez. 1959, p. 13.

Ilustração 28 – DONAT, John - *World Architecture One*. Londres: Studio Books, 1964 (capa).



distantes de F. L. Wright, de Alvar Aalto, de Mies Van der Rohe ou de Le Corbusier, Távora sobressaía a norte com os seus próximos e visitáveis ‘compostos’ nacionais que operavam como mediadores nacionais entre o particular e o universal. Da já mencionada publicação⁹²³ nacional, o “composto” de Távora ganha destaque internacional, a par de Januário Godinho (1910-1990), de Viana de Lima e de Siza Vieira na publicação inglesa “*World Architecture One*” (Ilustração 28) e também noutros países⁹²⁴, no artigo “*The search for an autentic architecture*” da autoria de Luiz Sarmiento Carvalho e Cunha (1933-)⁹²⁵. Gradualmente, apoiada numa crescente mediatização⁹²⁶, uma expressão da Arquitectura portuguesa, nomeadamente do Porto, emerge no cenário arquitectónico internacional. Mas, antes da efectivação desse reconhecimento internacional, em particular do associado à produção da vulgarmente dita “Escola do Porto”, importa reposicionar, novamente, a discussão acerca dos efeitos dos anos pós “Inquérito”.

923 Destaque-se, igualmente, entre outras publicações o destaque dado à obra de Távora em 1961 acompanhado por um texto crítico de PORTAS, Nuno - Arquitecto Fernando Távora: 12 Anos de Actividade Profissional. In: *Arquitectura*, 3ª Série, n.º 71, Jul. 1961, p. 12.

924 Alemanha, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos da América, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Hungria, Israel, Itália, Japão, México, Moçambique, Noruega, Polónia, Portugal, Suécia, Suíça e Venezuela.

925 Note-se que o primeiro volume da série “*World Architecture*”, Luiz Cunha destaca a Arquitectura do Norte de Portugal que, segundo o mesmo, deveria ter continuidade com exemplos da Arquitectura, nomeadamente, da zona de Lisboa. Note-se, igualmente, de acordo com Cunha que esta pode ter sido a primeira publicação internacional da obra de Siza Vieira. Cf. CUNHA, Luiz - *The search for an autentic architecture*. In: DONAT, John - *World Architecture One*. Londres: Studio Books, 1964, pp. 84-93.

926 Entre outras publicações, refira-se em 1967 revista “*Hogar y Arquitectura*” o destaque dado ao trabalho de Álvaro Siza Vieira – veja-se, nessa edição, o artigo de PORTAS, Nuno - Sobre la joven generacion de arquitectos portugueses. In: *Hogar y Arquitectura*, n.º 68, Madrid, 1967, p. 77. Destaque-se, já noutro período, a importância para o reconhecimento internacional da Arquitectura portuguesa a publicação com o tema “*Histoires et tendances de l’architecture portugaise. La passion d’Alvaro Siza*” da AAVV - *L’Architecture d’Aujourd’hui*, n.º 185, Maio/Jun. 1976.

Ilustração 29 – Revista *Arquitectura*, 3ª Série, n.º 71, Jul. 1961 (capa).



Távora e Keil do Amaral tiveram uma reconhecida importância no debate em torno da já (e) antiga Casa Portuguesa que começa a desaparecer com a instituição gradual das duas grandes alternativas para a Arquitectura de então. Neste âmbito, Alves Costa refere:

“... uma utiliza a arquitectura regional para refutar a codificação da «casa portuguesa» do fascismo ou melhor, de um estilo pretensamente nacional a impor como linguagem obrigatória e, simultaneamente justificar os «novos» códigos racionalistas que a nós iam chegando em esquemas simplificados pelos seus intérpretes brasileiros;
... outros estudam a arquitectura popular para, refutando também a codificação da «casa portuguesa», retirar as lições metodológicas, não codificáveis, que permitam uma futura resposta às verdadeiras necessidades da situação portuguesa, construída a partir do conhecimento da sua realidade.

São provavelmente pontos de vista tacticamente semelhantes, mas estrategicamente muito diferentes, ambos dizendo-se, talvez, neo-realistas, só os segundos o sendo na prática.”⁹²⁷

Porém, a “novíssima geração”⁹²⁸, enquadrada nas alternativas evidenciadas por Alves Costa, tem que intentar a procura de “um método comum de interpretação da ‘realidade’ complexa que a solicita, e abdicar de vocabulários feitos quando possam ser estes factores de abstracção formal”⁹²⁹. Reconhecendo que na “continuidade cultural [que] as gerações recentes advogaram, o mais ensaiado [e] sobretudo o mais falado, ainda que nem sempre com precisão, é sem dúvida o da

927 COSTA, Alexandre Alves [1980] - A Problemática, a Polémica e as Propostas da Casa Portuguesa. In: COSTA, Alexandre Alves [1995] - *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 2007, pp. 59-60.

928 PORTAS, Nuno - A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal. In: *Arquitectura*, 3ª série, n.º 66, Nov./Dez. 1959, pp. 13-14.

929 Ibidem, p. 13.

expressão portuguesa, ou regional ou mesmo local da obra nova que se faz.”⁹³⁰ É importante salientar que os pontos de referência dessa expressão podem ser historicamente diversos, mas são espacialmente justapostos⁹³¹. Por isso, advirta-se que “da tradição popular de que *Arquitectura Popular em Portugal* constitui notável base de estudo, mas também um perigoso “catálogo”, se como tal for folheado surge precisamente quando se tem de afastar a ideia tentadora e paternalista de compor para os utentes populares ao “gosto do povo”⁹³². A lucidez do texto de Portas alerta – antecipando já uma censura – para a possibilidade de uma generalização de uma hibridez morfotipológica, pitoresca e estereotipada que, na tentativa de uma aproximação possível a uma ‘realidade’ regional vernacular, obtivesse resultados arquitectónicos idênticos aos da Casa Portuguesa. A vulgarizada de “Arquitectura de barrote à vista” é o exemplo do retorno dos exercícios de citacionismo que, igualmente, alicerçadas na instrumentalidade primeira da Forma-do-Lugar, procuram outra familiarização. Verificado de novo um paradoxo, agora pertença da “nova Arquitectura”⁹³³, é necessário um pensamento projectual alicerçado num processo “seguro”⁹³⁴ a fim de instituir uma Arquitectura integrada. Este processo tem o propósito de “relacionar a expressão de uma casa com o condicionalismo concreto do *lugar* onde se insere e das pessoas a que se destina, abstraindo de um sistema formal preconcebido; pode portanto desdobrar-se em aspectos distintos: inserção harmónica numa paisagem natural; inserção num ambiente arquitectónico preexistente, popular ou erudito; acordo com os anteriores hábitos de vida e sobretudo de habitar, com a psicologia e valores culturais dos utentes.”⁹³⁵ Neste sentido, retenha-se que “uma tendência para *integração* formal será sempre suspeita se não aparecer como forma inevitável de comunicação de uma realidade que, sem demissão dos valores de cultura actuais, não recusa o diálogo com o

930 PORTAS, Nuno [1963] - *Arquitectura Integrada?* In: *Arquitectura(s) – História e Crítica, Ensino e Profissão*. Porto: FAUP Publicações, 2005, p. 25.

931 Ibidem, loc. cit.

932 “Volta-se, assim, perigosamente, a rondar confusões ideológicas que já afastaram, por mais de um período, a arquitectura contemporânea portuguesa do seu rumo inconformista: refiro-me à influente doutrinação de Raul Uno, cuja obra mais válida tem marca da cultura romântica germânica, mas que está na base do eclético *cocktail* do estilo oficial português. Quando muito, a vantagem da tentação presente estaria em que se conhece e se prefere a mais genuína arte popular, enquanto para os homens do “português suave” tudo era pombal e solar.” Ibidem, p. 29. Grifos no original.

933 Ibidem, loc. cit.

934 Ibidem, loc. cit.

935 Ibidem, p. 28. Grifos no original.

passado.”⁹³⁶ Perante o exposto, Portas termina o que tinha começado por questionar, com uma nova pergunta: “Mas, e a síntese?”⁹³⁷ Circunstancialmente a instituição dessa “síntese” foi, em grande parte, a responsável para que a dita “Arquitectura de barrote à vista” não tivesse o mesmo ‘sucesso’ que outras – igualmente apelidadas de Portuguesas – tiveram.

Embora a resposta à pergunta colocada por Portas já estivesse em construção com o “composto” de Távora, a mesma – “síntese” – só será respondida e ultimada pelo percurso profissional de Álvaro Siza Vieira. Da obra do autor, que em muito foi investigada e celebrizada, é importante evidenciar a competência de ser, *grosso modo*, essa “síntese” nos termos considerados por esta investigação. A terminante instituição de um competente pensamento e processo projectual mediador que, estabelecido auto-reflexivamente em continuidade – entre uma tradição e um ‘modernismo’ – revela uma singular dialéctica entre o particular e o universal. Assim considerado, importa revisitar concisamente uma práxis que é disso paradigmática e que, por coligir exercícios e acções da teoria-crítica do antes mencionado Regionalismo (ou Realismo), poderá igualmente auxiliar na clarificação das demais polémicas a ela associadas. Tendo bem presente as diferenças circunstanciais dos anos setenta e inícios de oitenta⁹³⁸ com as anteriores do século passado em Portugal, considere-se então uma possível “síntese”, entre muitas outras, celebrada quer à escala da casa quer à escala da cidade – talvez o último grande empreendimento de casas de habitação e não só à data realizado. O retorno⁹³⁹ à Malagueira de Siza Vieira permite enquadrar os

936 Ibidem, p. 31. Grifos no original.

937 Ibidem, loc. cit.

938 Veja-se acerca do período compreendido entre as décadas de sessenta e de oitenta do século passado, entre outros: FIGUEIRA, Jorge - *A periferia perfeita: pós-Modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60 - anos 80*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/10228>. Acesso em: 23 de Nov. 2011. Evidencie-se as novas solicitações e possibilidades – ocorridas em particular na sequência da Revolução de 1974, tais como o singular processo do SAAL (cf. BANDEIRINHA, José António - *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007) – à Arquitectura nacional nessas décadas. Refira-se, igualmente, acerca do acesso debate referente ao Pós-Modernismo de então as afirmações de Távora que, ao intuir que Arquitectura Moderna ia evoluir no sentido de uma variedade de soluções, ou seja, o resultado da consolidação efectiva das situações locais e regionais em conjunto com as ‘universais’, constata, utilizando o exemplo da “Coca-cola”, a afirmação novamente, embora de contornos diferentes, a imposição de uma solução universal, ou Pós-Moderna. Cf. TÁVORA, Fernando - Conversaciones en Oporto. In: *Arquitectura - Revista do Colegio Oficial dos Arquitectos de Madrid*, n.º 261, Jul/Ago. 1986, pp. 22-28. Por fim, como uma possível síntese desses anos, nomeadamente acerca da bipolaridade Lisboa-Porto, veja-se: Serpa, Luís (coord.) - *Depois do Modernismo*. 7 a 30 Jan. . Catálogo da exposição. Lisboa: Depois do Modernismo, 1983 e a ‘reposta’ *Onze arquitectos do Porto, Imagens recentes*. Catálogo da exposição. Porto: Leitura, 1983.

939 Cf. SEABRA, Nuno Miguel - *Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza*. Dissertação de Mestrado em Teoria de Arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2006.



Ilustração 30 - Zona destinada ao novo bairro – ‘caminhos de pé posto’ (1977).

itinerários, sintetizando-os, antes percorridos e, consequentemente, traçar respostas possíveis às hipóteses colocadas.

A história do Bairro da Malagueira é no mínimo longa, complexa e não concluída. No âmbito desta investigação, é também exemplo de um sincretismo e, consequentemente, uma meta-affirmação; uma operação crítica validada pela ‘desconstrução’ da ‘realidade’ ou da Forma-do-Lugar, tornando-se, assim, uma ‘reconstrução’ consciente e participada de uma outra. É, sem dúvida, uma Arquitectura resistente, por vezes ignorada e, por alguns, incompreendida. Nada é concebido ao acaso ou pela exaltação de uma hegemonia de cariz morfotipológica anacrónica, falsa e distante de uma ‘realidade’ específica. Siza Vieira afirma que “[o]s arquitectos nada inventam. Trabalham continuamente com modelos que transformam como resposta aos problemas que se lhes deparam”⁹⁴⁰. Nesse sentido, “[a]s referências são os instrumentos que o arquitecto possui, são toda a experiência que pode ser conhecida e utilizada. Não é uma posição crítica – é o uso mais inteligente possível num dado contexto.”⁹⁴¹ A breve descrição acerca do pensamento, o seu processo de projecto e a construção do dito bairro, evidencia nomeadamente a instrumentalidade da Forma-do-Lugar que se revela através dos contínuos exercícios, nomeadamente, de sincretismo próprios da técnica de desfamiliarização.

940 SIZA, Álvaro - «Interview», Plan Construction (PAN), 11e session, Maio 1980 apud TESTA, Peter - *A Arquitectura de Álvaro Siza*. Porto: Edições FAUP, 1988, p. 38.

941 SIZA, Álvaro - Entretien avec Álvaro Siza. In: *Architecture mouvement continuité (AMC)*, n.º 44, Paris, 1978, pp.31 a 43 apud ibidem, loc. cit.

No final da década de setenta do século passado, Évora vivia duas realidades distintas: a cidade velha intramuros e um conjunto de bairros clandestinos disseminados pelos seus arrabaldes. A fim de estancar o processo clandestino de ocupação do território, reclamava-se a implementação de um processo literalmente distinto, planeado, rigoroso e participado e foi nesse contexto que surgiu o Plano de Expansão Prioritário da Cidade, desenvolvido pela DGSU. A escolha da zona, a Oeste da cidade intramuros, para implementar o Plano Parcial de Expansão é feita ainda, em 1974. O dito Plano pautava-se por zonamentos ou manchas de ocupação, que dividia o território em parcelas de elevada, média e baixa densidade povoadas com edifícios multifamiliares de cinco a sete pisos de altura. Todavia, as pessoas nunca se identificaram com esta proposta de ocupação.

Nuno Portas, então Secretário de Estado para a Habitação e Urbanística, resolve abandonar o plano da DGSU e, em conjunto com o recém-formado executivo camarário, Portas desenvolve uma estratégia distinta da anterior.

Ambicionava-se a participação activa da população. Assim, as habitações deveriam ser de baixa altura e de custos controlados, respeitando os índices de ocupação do plano da DGSU. Apelidou-se, a esta nova estratégia, de Zona de Expansão Oeste, que compreendia os 27 hectares destinados ao novo Bairro da Malagueira. Escolheu-se Álvaro Siza Vieira e em 1977 surge o primeiro estudo para o novo bairro. Corroborando e respeitando todas as premissas, Siza propõe uma nova e distinta solução da proposta pelo plano da DGSU, ou seja, os diferentes zonamentos do anterior plano dão origem a manchas de interacção entre as várias condicionantes a cumprir, como partes de um todo – zona residencial, espaço público, equipamentos – determinando, desde logo, um tecido residencial compacto de grande densidade, para mil e duzentos fogos em habitações unifamiliares de dois pisos.

Ilustração 31 – Eixos. Diagrama síntese
(N. Miguel Seabra).



Uma assinalável sensibilidade topográfica, uma leitura eficaz da paisagem, uma ‘realidade’ própria de uma Forma-do-Lugar, encontra-se na génese do novo plano de Siza Vieira. Do sítio determinado ao Bairro da Malagueira destacavam-se os suaves declives, uma linha de água – Ribeira da Turgela – os ‘caminhos de pé posto’ e os bairros clandestinos de Santa Maria, Nossa Senhora da Glória e de Fontanas, que circunscreviam a área destinada ao novo bairro – onde imperava a rua axial que unia casas de baixa altura em banda com pequenos pátios enquadrados pelo perfil único da cidade velha. O “espaço vivido”, enquanto representação colectiva reveladora de práticas socioculturais – entre outras – revê-se nos bairros clandestinos que sugerem a Siza Vieira uma espontaneidade própria de um habitar vernáculo. É nesse encontro com a Forma-do-Lugar, e da ideia subadjacente, que o arquitecto esboça os primeiros conceitos do projecto. Como gesto primeiro, Siza Vieira vinca o território com um traçado cruciforme – o eixo Este/Oeste (Ilustração 31) – capaz de fundar cidade. Une os bairros clandestinos e procura o encontro com os acessos existentes à cidade de Évora.

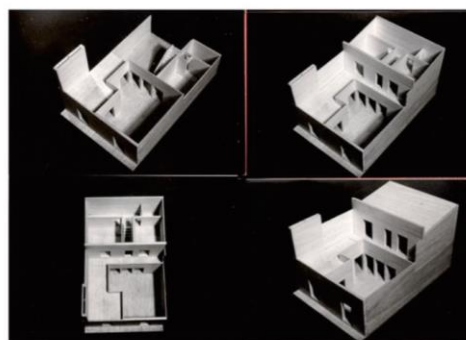
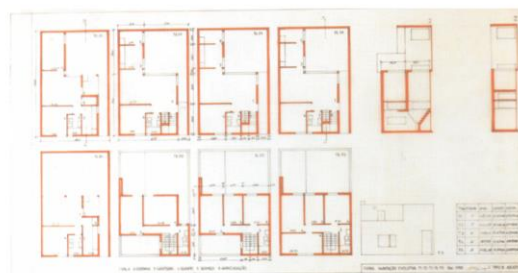
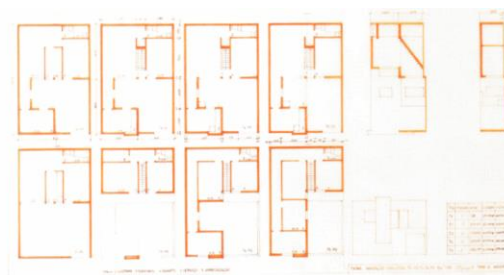
Siza Vieira e o seu colaborador Nuno Ribeiro Lopes (1954-) testemunham o início da obra em 29 de Maio de 1979. No terreno emanaram quatro quarteirões em fundação contínua, à mesma cota que permaneceram inalterados durante seis meses. Entre caboucos e arranques de muros ortogonais, começa a surgir um

novo sistema, uma “grelha”⁹⁴² que mais tarde, se constituirá em habitação, a génese do futuro tecido residencial. Entretanto, começam igualmente a surgir as primeiras casas da Cooperativa de Habitação Económica Boa Vontade e do FFH. Nos primeiros anos da década de oitenta constatou-se um enorme ímpeto de construção no novo bairro e na sua envolvente, com o erigir em definitivo dos primeiros programas de habitação, quer pelas cooperativas, quer pelo Estado ou mesmo pelos privados. A par desta ebulição, as primeiras casas revelam patologias e fraquezas construtivas. No meio de contendas sociais, boicotes e lutas políticas quase diárias, são sem dúvida os movimentos cooperativos os principais dinamizadores de todo o projecto que, em conjunto com Siza, irão renovar a validade do projecto. Firma-se a intensidade na relação directa entre o arquitecto e as pessoas, numa resiliência desmedida pela afirmação do novo bairro.

Para o tecido residencial, Siza Vieira concebe um lote base de oito por doze metros, com uma frente de rua vicinal de casas em banda. No seu conjunto, a tipologia habitacional supprime-se. Isto, por ser inserida numa repetição reiterada por todo o tecido, arrogando-se como um único volume paralelepípedo maciço, dissecado em dois, ceifado a eixo por uma rua estreita, certificando a lição retirada do “espaço vivido”. Esta inversão é proporcionada pelo muro que encerra um pátio na tipologia proposta. A frente de rua, anónima, ritmada, dura e simples, esconde apenas o imprescindível. Siza Vieira propõe somente uma tipologia habitacional, que mais uma vez, revela uma leitura consciente do sítio e da cidade intramuros, congregando o que a Forma-do-Lugar e o seu “espaço vivido” lhe sugeriam. O arquitecto remete a sua génese à espontaneidade vernacular presente nos bairros clandestinos contíguos ao plano. De um desenho base nascem duas tipologias – a ‘A’ e a ‘B’ (Ilustração 32) – que variam entre si, essencialmente, na disposição do pátio, sendo a ‘A’ a tipologia mais utilizada. Inerente às duas tipologias de base está a possibilidade das mesmas evoluírem. O desenho de 1977, permite passar de dois para cinco quartos, quer na tipologia ‘A’, quer na ‘B’. Perante as vicissitudes do decorrer da construção do bairro, Álvaro Siza é

942 Cf. Parte II. Por um modelo teórico-crítico, ponto 1.1. Da “grelha” e do “itinerário”.

Ilustração 32 – (sentido descendente) Tipologia A (1ª fase) – Casa evolutiva – tipologias T1, T2, T3, T4 e T5. Agosto de 1977. Note-se que o tipo T1 nunca foi construído; Tipologia B (1ª fase) – Casa evolutiva – tipologias T1, T2, T3, T4 e T5. Agosto de 1977. Note-se que o tipo T1 nunca foi construído; Tipologia A (1ª fase) – Casa evolutiva – modelo tridimensional 1977.



chamado a desenhar pequenos grupos de habitações, inseridas no denso tecido residencial, de premissas diferentes da evolutiva. Estas, não-evolutivas, pontuam o tecido residencial, em lugares híbridos ou de remate, no total de cinco conjuntos habitacionais. Em casos pontuais, fundidas no tecido, surgem outras tipologias pertença de particulares que optaram por projectos desenvolvidos por outros arquitectos. Os volumes destinados às garagens surgem, igualmente, em espaços híbridos ou sobrantes do plano. São blocos ou volumes lineares encerrados e cegos, que pontuam a paisagem com uma presença enigmática.

A “segunda escala” – assim denominada por Siza – forçosamente dependente dos financiamentos estatais e autárquicos, claudicou durante os anos de construção do novo bairro. Tal escala dividiu-se em dois grupos ou paisagens: a natural – a estrutura verde desenvolvida por João Gomes da Silva (1962-) e a

Ilustração 33 - O peaduto ou conduta na actualidade (N. Miguel Seabra).



construída – os edifícios do domínio público. João Gomes da Silva procurou firmar o tecido residencial consolidado e em construção, bem como qualificar os vazios existentes nesse tecido, mediando a densidade do conjunto construído. Por um lado, revela uma estrutura primária, com a ligação da paisagem preexistente de características rurais com a cidade intramuros, que solicita uma estrutura espacial contínua; por outro, contrária à anterior, pretende uma fragmentação da referida paisagem, traçando uma ‘tipologia’ fundada em lagos, pátios, praças e jardins. Os edifícios públicos complementam a hierarquização da nova paisagem – espaço público, quarteirão, rua, casa e vice-versa – fomentando uma escala distinta. As edificações de comércio e serviços estendem-se pelos percursos pedonais do porticado da conduta, rematando e ancorando as ruas e o casario.

O peaduto ou conduta (Ilustração 33) proporciona um meta-diálogo com a cidade velha que cruza e vinca o território, apoiando o sistema viário, suportando o casario e toda a vida do bairro, afirmando-se como um espaço canal. A cota superior engloba a maior parte das infra-estruturas. A inferior constrói um percurso único, compassado por pórticos – espaço mediador de duas realidades distintas, mas complementares – um exterior e um interior, vincando o eixo das

Ilustração 34 - O Bairro da Malagueira na actualidade (N. Miguel Seabra).



ruas vicinais. Procura o contraste com o maciço branco do casario do bairro, sintetizando e facultando uma identidade ao mesmo.

Embora Siza Vieira tenha continuado, até recentemente, a trabalhar no projecto do Bairro, a verdade é desde há muito tempo que pouco ou mesmo nada é construído. No entanto, não deixa de ser interessante verificar que uma outra construção, ainda hoje, continua. As, para alguns nocivas, construções clandestinas de origem particular (Ilustração 34), revelam provavelmente a ‘resistência’ da “síntese” de Siza que, enquanto reapropriações anónimas revelam, possivelmente, um citacionismo, uma menção de um conjunto de elementos provavelmente à procura de uma suposta identidade. Retomando o modelo teórico-crítico de observação considere-se que, sumariamente, a descrição do processo projectual do Bairro da Malagueira de Siza Vieira revela o que se pode denominar de técnica de desfamiliarização. Essa desfamiliarização não equacionada directamente (nos termos aqui considerados) por Siza Vieira no decorrer do processo (ainda inacabado) do Bairro, reaglutina e sintetiza, em particular, exercícios de sincretismo, que enquanto processo de fusão entre um particular e um universal revela uma “síntese” híbrida. Por outras palavras, uma acção sincrética contínua e inclusiva que, constituída por uma miscelânea crítica de citações dirigidas a uma tradição e a um ‘modernismo’, numa continuidade permanente entre um passado e um presente, constrói reflexivamente novos significados, sempre relacionais (Ilustração 35). Uma vez implícita e outras



Ilustração 35- Diagrama síntese: Forma-do-Lugar e desfamiliarização – Bairro da Malagueira (N. Miguel Seabra, 2014).

explicitamente, essa acção estabelece-se no pensamento projectual como fragmentos de meta-affirmações arquitectónicas, que constituem uma narrativa composta e permanentemente integrada, ou seja, uma narrativa de *Regionalidade*.

Actualmente é possível, embora sem a distância crítica desejável, verificar que o legado da “síntese” de Siza Vieira – e de outros, na continuidade do antes verificado – ainda, está bem presente nas novas gerações de arquitectos, igualmente em particular, no campo da Arquitectura doméstica. Porém, diante de uma mediatização da Arquitectura sem precedentes, nomeadamente a de uma prática vulgarmente dita de global, constata-se que a crítica nacional⁹⁴³ recente afirma que nos últimos trinta anos se tem vindo a verificar uma transformação de paradigma na Arquitectura Portuguesa. Esse novo paradigma é tido como uma

943 Entre outros, veja-se: GADANHO, Pedro (ed. e coord.) - *Habitar Portugal 2006 / 2008*. Lisboa: Caleidoscópio, 2009, p. 28; GADANHO Pedro, PEREIRA, Luís T. (coordenação) - *Influx: arquitectura portuguesa recente*. Lisboa: Civilização, 2003; GADANHO Pedro, PEREIRA, Luís T. (coordenação) - *Metaflux: duas gerações na arquitectura portuguesa recente*. Lisboa: Civilização, 2004.



Ilustração 36 –Bak Gordon Arquitectos: em cima, Casa em Boliqueime (2000-2002); em baixo, Casa em Quelfes (2003-2007).

descontinuidade, *grosso modo*, da condição de *Regionalidade* aqui afirmada. Reiterando a falta de distancia crítica, o antes dito não se revê – entre outros casos⁹⁴⁴ – em algumas das habitações unifamiliares desenhadas por Ricardo Bak Gordon (1967-) (Ilustração 36) ou os recentes projectos hoteleiros (recuperações de habitações unifamiliares) dos arquitectos Aires Mateus (Ilustração 37) que ainda revelam uma “unidade elaborada entre compromissos de estilo, numa hibridez inclusiva ensaiada durante todo o século XX que permite, sem ruptura, incorporar não só a nossa história, mas igualmente outras que conhece, usa e

⁹⁴⁴ Curiosamente, ao invés das décadas anteriores, evidenciam-se actualmente neste contexto mais os arquitectos do ‘sul’ do que os da zona do Porto.



Ilustração 37 – Aires Mateus e Associados: em cima, Casa na Areia, Comporta (2008-2010); em baixo, Casa do Tempo, Montemor-o-Novo (2012-2014).

adapta, assegurando continuidades de hábitos e soluções transmitidas na cultura ocidental.”⁹⁴⁵ Ou, por outras palavras,

“[n]o fundo o que utilizamos é o património que temos por aprendizagem, é a história da arquitectura. Vamos buscar aqui, ali, acolá e aplicamos; muitas vezes nem sabemos, porque no fundo é essa a nossa aprendizagem, vai sendo permanentemente acrescentada. Quanto mais vemos mais podemos dar resposta e vemos tanto, que não se trata de fazer ‘à maneira’, mas de termos um ‘lastro’ de experiências e de observação, de termos material para as respostas adequadas.”⁹⁴⁶

E, nesse sentido, ainda hoje, possivelmente, se possa reconhecer a condição singular, aqui nomeada de *Regionalidade*, numa entre muitas, expressões da Arquitectura portuguesa.

945 RAMOS, Rui J. G. - A formulação da descontinuidade na crítica de arquitectura contemporânea ou a transitoriedade da tradição. In: AAVV - *Actas dos Encontros do CEAA/7: APROPRIAÇÕES DO MOVIMENTO MODERNO*, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques, 23 a 25 de Jun., 2011. Porto: CEAA-Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2011, pp. 277-278. Sobre a possível continuidade ainda detectável numa expressão da Arquitectura portuguesa veja-se, igualmente: LEAL, João [2009] - Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. In: *Joelho n.º 2 – Revista de cultura arquitectónica (série II) – Intersecções: Antropologia e Arquitectura*. Coimbra: E/D/Arq. Coimbra, Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 68-83.

946 VIERA, Álvaro Siza (2010) - Entrevista com José Romano e João Afonso. In: *A21. Arquitectura 21- Sizaless*, n.º 9, Jan./Fev. 2010, p. 22.

Conclusões parciais

Por meio de uma redução ou excursão histórica, os itinerários antes percorridos intentaram, nos seus linguajares multidisciplinares, erigir uma explanação síntese dos demais relatos de uma considerável e complexa narrativa. A fim de responder às hipóteses e questões em estudo nesta investigação, um tempo longo foi dividido em dois, também eles extensos. Num primeiro tempo procurou-se evidenciar os episódios significativos à questão colocada: uma *Regionalidade* latente? Para tal, um primeiro ponto, iniciado nos anos de transição para novecentos, enquadrou o incessante conflito entre o de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’ e a reacção ou resposta regionalista que reflecte a gradual exaltação de uma ‘autenticidade’, condição legitimadora de uma identidade nacional. Salientadas as vocações identitárias articuladas em função da sublimação do local e da Região como resposta e contra-resposta sobretudo de índole ideológica-política, circunstanciaram-se matricialmente invariáveis para a afirmação de uma expressão da Arquitectura nacional. Num segundo ponto, essa expressão afirma-se gradualmente nacionalista. Estruturado em função dos quatro grandes momentos, propostos por João Leal, referentes ao debate ou movimento da Casa Portuguesa, os relatos coligidos fixaram uma vasta acção de familiarização na afirmação da dita expressão nacionalista de feição regionalista. Perspectivada e fundamentada na Região, essa Arquitectura nacionalista, patenteou um discurso associável ao Regionalismo como consequência de um movimento descendente de modo nacional, fundamentando-se e perspectivando-se nas demais valias de Região. Passível de ser nomeado como um Regionalismo de índole absolutista ou nacionalista, o que importa reter é, antes de mais, a instrumentalidade primeira da Forma-do-Lugar e, conseqüentemente, a aproximação ou etapa concernente à acção de familiarização, nomeadamente, o citacionismo. Em termos gerais, os continuados exercícios revelaram-se pela citação acrítica de entidades ou elementos arquitectónicos intencionalmente pitorescos ditos de ‘autênticos’. Sintetizando, a (re)utilização de tais elementos, supostamente, autênticos por associação e, por vezes, por redução, institui simulacros de uma ‘realidade’, transformando-a em cenográfica e

hiperfamiliarizada, ou seja, no campo disciplinar da Arquitectura, numa Casa Portuguesa.

Na continuidade do primeiro tempo, evidencia-se um segundo, que particulariza circunstancialmente o ano de 1945 como um renovado começo. Num primeiro ponto é questionada a possibilidade da invenção da Arquitectura Portuguesa (?), que se revê na contra-resposta à tal familiarização impositiva. Gradualmente declarada, no 1º Congresso Nacional, entre outras circunstâncias e possivelmente terminada com a experiência inédita do “Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal”, essa contra-resposta edifica no decorrer das décadas seguintes um “composto”, ou seja, uma mediação estabelecida no processo de projecto entre o de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’. Dos exercícios de citacionismo intrínsecos a uma “falsa Arquitectura”⁹⁴⁷ fixam-se sem rupturas, outros, de sincretismo que, estabelecidos auto-reflexivamente, patenteiam uma dialéctica entre o particular e o universal. Sem recusar a inclusão da história e, especificamente, a diversidade das tradições do particular, esse pensamento projectual alinha-se com as diversas – então em revisão – conjunturas do universal, nacionais e internacionais, partilhando o facto de se fundamentar e perspectivar nas demais valias de Região que, ao invés do primeiro, se estabelece num movimento ascendente. Já em tempos ditos Pós-Modernos, firma-se uma teoria-crítica advinda desse pensamento e processo projectual que se consagra na “síntese” de Álvaro Siza Vieira, evidenciada através do retorno ao Bairro da Malagueira em Évora, concluindo o segundo ponto da terceira e última parte, retomando a precedente. Cronologicamente coincidentes, a “síntese” confirma as demais etapas ou aproximações pertencentes ao modelo de observação que resulta da dita teoria-crítica, intitulada de Regionalismo Crítico ou, mais recentemente, de Realismo.

Acautelando novamente que o Regionalismo Crítico é aqui entendido como um conjunto de etapas e procedimentos críticos e não como mais um *-ismo* de catalogação de práticas individuais ou de Escolas de Arquitectura, importa referir que por ele desencadeado se procurou traçar uma narrativa a partir de uma

947 TÁVORA, Fernando - O Problema da Casa Portuguesa. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, n.º 5, série IV, ano IV. Lisboa 10 de Nov. de 1945, p. 10.

inquirição do seu lastro e da sua vitalidade num tempo longo e a sua permanência num tempo curto. Mais do que o aparato teórico-crítico, que só pode ser considerado num tempo curto e aplicado retrospectivamente, o que se pretendeu foi exaltar na linguagem própria da Arquitectura uma condição que, direccionada ao pensamento de projecto, foi estabelecida em continuidade sempre enquadrável nos nossos “valores permanentes”⁹⁴⁸. Portanto, para além da familiarização e o seu citacionismo, da desfamiliarização e do seu sincretismo, e sequentes hibridismos, dos demais *-ismos*, Modernismos e Pós-Modernismos, que ainda hoje subsistem, sobressai dos itinerários antes ‘reduzidos’ uma condição singular de um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa. Nomeada aqui de *Regionalidade*, essa condição possibilita – aceitando a sua especificidade – nos demais campos disciplinares a afirmação da nossa heterogénea individualidade “semiperiférica”⁹⁴⁹ diante de uma (ainda) predominante homogeneização global.

948 COSTA, Alexandre Alves - Valores Permanentes da Arquitectura Portuguesa. In: *Vértice. Revista de Cultura e Arte*, nº.19 Out., II Série, 1989, pp. 109-111.

949 SOUSA SANTOS, Boaventura de - O estado, as relações salariais e o bem-estar social na semiperiferia: o caso português. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de (org.) - *Portugal: Um retrato singular*. Porto: Afrontamento, 1993, pp. 17-56.

Considerações finais

Ainda uma Regionalidade?

O tema de partida para esta Tese de Doutoramento pressupôs a existência de um pensamento projectual em Arquitectura instituído na correlação com a especificidade de uma ‘realidade’ e seus constituintes – culturais, históricos, sociais, económicos e físicos, entre outros. Expressões como “determinado pelo sítio” ou “esclarecido pelo lugar” reflectem essa possibilidade se associadas com uma determinada produção recente de Arquitectura, onde também se inclui a portuguesa. A partir desse pressuposto formularam-se as perguntas de partida que orientam, em traços gerais, a presente investigação: qual o motivo dessa correlação com a ‘realidade’ para o estabelecimento do pensamento projectual em Arquitectura e, consequentemente, qual a sua contribuição para a compreensão de um pensamento e processo projectual contemporâneo português? Portanto, a verificação de uma expressão da Arquitectura contemporânea em Portugal instituída por uma correlação com a especificidade de uma ‘realidade’ evidenciou o problema de reconhecer onde e quando essa expressão se manifestou. E, se verificado esse reconhecimento, qual a sua pertinência numa contemporaneidade e, consequentemente, qual a sua vitalidade numa actualidade. Todavia, internacionalmente esse reconhecimento ocorreu desde a década de oitenta do século passado tendo sido integrado num conjunto de práticas internacionais associadas a um Regionalismo intitulado de Crítico. Considerado pelos autores desse *-ismo* como uma alternativa à tendência dominante nesse tempo, o Pós-Modernismo, o facto é que tal hipótese tornou-se rapidamente, em Portugal e não só, muito polémica. Embora hoje *quasi*-institucionalizado, pertencente inclusive ao léxico comum da Teoria e da Crítica da Arquitectura, ainda se constata uma considerável estigmatização associada a esse Regionalismo resultante de, em grande parte, muitos mal-entendidos derivados da sua interpretação. Independentemente das demais polémicas, tornou-se inevitável, por um lado empreender-se na interpretação da teoria-crítica inerente desse Regionalismo e, por outro, inquirir acerca da oportunidade dessa teoria-crítica para a verificação da hipótese considerada pela investigação.

1. Numa primeira parte estabeleceu-se um diálogo interdisciplinar que, sob a égide de Região, visou explicitar as expressões primeiras à clarificação das hipóteses em estudo. A interpelação e a circunscrição de Região e, nomeadamente, de Regionalismo revelou a existência de uma disparidade teórica e crítica multidisciplinar com inúmeros significados comuns e, entre eles, alguns equívocos. A necessidade de apreender Região e Regionalismo como conceitos operativos no campo disciplinar da Arquitectura reposicionou a problematização e, do diálogo entre ambos, emergiu o conceito de *Regionalidade*. O enfoque em *Regionalidade* revelou-se muito oportuno para precisar o conceito de Região e para determinar a vitalidade de Regionalismo para além do seu comum entendimento enquanto mais um *-ismo* de catalogação de práticas individuais ou de Escolas de Arquitectura. A partir do entendimento de que Região comporta uma competência generativa que inculca e constitui matrizes reconhecíveis em continuidade, a partir de dinâmicas espaço-temporais vividas e dos demais processos socioculturais a elas inerentes, torna-se possível afirmá-la como uma unidade aglutinadora de particularidades reconhecíveis e representativas de uma ‘realidade’, nas suas múltiplas significações. Em suma, Região difunde e fomenta a criação de ideias susceptíveis de serem parte integrante do processo do pensamento projectual em Arquitectura e ao funcionar como unidade mediadora de outras, engloba igualmente um incessante processo dialéctico, entre o particular e o universal. Consequentemente, entendido como um conjunto de etapas e de procedimentos críticos, o Regionalismo, por um lado, revela o potencial operativo de Região e, por outro, ao apreender-se as suas aptidões teórico-críticas, converte-se num modelo de observação apto a declarar a oportunidade de *Regionalidade* enquanto chave de interpretação de um pensamento projectual contemporâneo na Arquitectura portuguesa.

2. O modelo teórico-crítico de observação proposto para testar a hipótese acerca do lastro, da vitalidade e da oportunidade de *Regionalidade* para um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa estabelece-se a partir de uma (re)interpretação do discurso teórico-crítico recente acerca do Regionalismo. Intitulado de Crítico, a efectivação desse modelo necessitou

previamente de um esclarecimento dos fundamentos fundamentais desse Regionalismo numa segunda parte. A inquirição das suas duas grandes correntes expôs, por um lado, as investigações de cariz historiográfico – alicerçadas, sobretudo, nos contributos de Lewis Mumford – de Liane Lefaivre e de Alexander Tzonis e, por outro, o aparato característico do projecto teórico-crítico de Kenneth Frampton. Embora com matrizes diferentes, ambas as correntes são concordantes, *grosso modo*, na exaltação de uma expressão de Arquitectura que, fundamentada e perspectivada na Região, é apta a mediar dialecticamente as demais questões hodiernas, nomeadamente as advindas do ‘conflito’ permanente entre o particular e o universal. Porém, ambas correntes distinguem-se nos dispositivos instrumentais críticos em que matricialmente erigem as suas teses. Refira-se, antes de mais, que a dita inquirição revelou não uma receita e muito menos um método de classificação, taxionomia ou estilo associável com o Regionalismo Crítico. Ao invés dessa comum associação, a inquirição revelou, antes de mais, um processo a ele intrínseco com uma dinâmica própria, sempre mutável em função de uma ‘realidade’, ou seja, uma negociação constante estabelecida num movimento ascendente entre uma cultura local ou regional e uma civilização universal. Das demais etapas e procedimentos críticos, interessa sintetizar a sua condição auto-reflexiva, auto-referente, com mensagens explícitas e com meta-mensagens implícitas matricialmente erigido numa simbiose entre e do particular ao universal. Do projecto teórico-crítico de Kenneth Frampton retenha-se a resistência da Forma-do-Lugar resultante do processo intrínseco das oposições dialécticas por ele evidenciadas: Tradição-Moderno; Cultura-Civilização; Lugar-Espaço; Natural-Artificial; Arquitectónico-Cenográfico; Topografia-Tipologia; Táctil-Visual; Mito-Realidade. Constituída por dialécticas conceptuais e tácticas, a Forma-do-Lugar afirma-se como um receptáculo síntese que agrega os constituintes operantes que surgem das tensões originadas pelo dinamismo do processo entre esses pares dialécticos. Resistente e circunscrita, a Forma-do-Lugar é, em termos gerais, a síntese resultante do *quasi*-processo de justaposição entre ‘formas’ do universal e do particular. Em termos específicos, Forma-do-Lugar é a síntese consequente da dialéctica vivencial humana com uma envolvente resultante do processo de interlocução crítica entre as formas

particulares (próprias de Região) e as demais hodiernas formas universais. Consequentemente, para além de ser resistente e circunscrita é igualmente maleável e não circunscrita, pelo que é sempre distinta. Reforçando a sua condição reflexiva, Forma-do-Lugar é então variável, pois depende primeiramente dos constituintes em consideração de um particular e, sequencialmente, depende tal-qualmente dos constituintes actuais em consideração de cariz universal. *Grosso modo*, Forma-do-Lugar se apreendida como uma configuração mutável em função da ‘realidade’ a considerar, possibilita um renovado entendimento do aparato teórico-crítico do Regionalismo de Frampton. Consequentemente, a resistência da Forma-do-Lugar consolida-se em manifestações culturais limítrofes ou intersticiais, na periferia do denominado mundo desenvolvido por se verificar que tais lugares são a isso propícios por estarem continuamente num processo contínuo de negociação entre as suas culturas locais ou regionais com a civilização universal. Ao reunir o natural, o artificial, o particular, o universal, a história e a cultura, Forma-do-Lugar converte-se holisticamente num projecto de lugar revelado pela expressividade própria da Arquitectura. No entanto, reconhecida a instrumentalidade da Forma-do-Lugar, Frampton não especificou de que maneira é que ela se expressa no pensamento e, consequentemente, no processo projectual em Arquitectura. As investigações de Lefaivre e de Tzonis atestam a possibilidade de que tal acontece estranhamente em vez de um modo familiar. Tal possibilidade advem da técnica de interpretação modernista de singularização, estranhamento ou desfamiliarização oriunda da Literatura. Aceitando a sua viabilidade para a disciplina da Arquitectura, nomeadamente, por revelar o modo que a Forma-do-Lugar se expressa no processo de projecto, o procedimento de desfamiliarização promove, em traços gerais, uma distância crítica entre um objecto e um sujeito. Através desse procedimento, o sujeito refigura um objecto familiar, reconhecido e facilmente identificável, em algo não familiar, estranho ou distante e, subsequentemente, dificilmente identificável. Embora a técnica de desfamiliarização não contenha nem institua um conjunto fechado de procedimentos, a partir do seu entendimento crítico pode-se traçar aproximações ou mesmo etapas ao seu estabelecimento no processo de projecto em

Arquitectura. Porém, Lefaivre e Tzonis jamais determinaram qualquer tipo de procedimentos, lista, pontos ou mesmo taxionomias, mas no âmbito de outros estudos complementares ao seu Regionalismo Crítico, esboçaram três tipos de aproximações ou etapas à efectivação da desfamiliarização: o citacionismo, o sincretismo e o uso de fragmentos na meta-afirmação arquitectónica. De fácil leitura, o citacionismo revela-se, em termos gerais, pela menção acrítica de elementos ou motivos pitorescos ditos de ‘clássicos’ em estruturas arquitectónicas contemporâneas. Assim, a (re)utilização de tais elementos por associação e, por vezes, redução, torna os edifícios em meros simulacros de uma ‘realidade’, transformando-a em cenográfica sem qualquer correlação com um espaço e com um tempo, ou seja, hiperfamiliarizada. Ao invés do anterior, o sincretismo e o uso de fragmentos na meta-afirmação arquitectónica não estimulam ilusões ou familiarizações, sendo esta última conseguida pelo uso subtil de fragmentos conceptuais ou físicos – ambos pertença do particular – que totalizados e holisticamente integrados no projecto elevam-se a (meta)afirmações que provocam um diálogo crítico contínuo entre objecto e sujeito. Esses fragmentos (do particular) podem ser recombinaados com outros (do universal) e assim, por sincretismo, originarem outros, ou híbridos. Através de matrizes espaciais particulares, esses fragmentos podem ser transferidos, reapropriados ou reinterpretados no processo de projecto e ao deixarem o seu domínio primeiro provocam, no diálogo entre objecto e sujeito, um efeito de estranhamento. Resumindo, por um lado, o citar directamente e acriticamente elementos arquitectónicos familiares determina que o processo projectual não alcança uma função auto-reflexiva da ‘realidade’ onde se estabelece e, por outro, o sincretismo enquanto processo de fusão, troca e de restabelecimento de identidades, determina sínteses híbridas pela junção de coisas díspares a favor do que delas é semelhante. Assim, o citacionismo associa-se a um procedimento de familiarização e o sincretismo e o uso de fragmentos na meta-afirmação arquitectónica são etapas críticas intrínsecas ao procedimento de desfamiliarização. Das três aproximações ou etapas propostas por Lefaivre e por Tzonis a que mais se destaca, para testar a oportunidade de *Regionalidade* para um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa é o

sincretismo. Através da técnica de desfamiliarização torna-se possível revelar a efectiva presença e, principalmente, a autoridade da Forma-do-Lugar no processo de projecto enquanto instrumento de interpretação e de medição crítica apto a reconhecer a condição auto-reflexiva própria da singular dialéctica entre particular e universal de uma expressão da Arquitectura portuguesa. Em suma, o modelo de observação reúne as referidas etapas ou aproximações que pelos exercícios de citacionismo ou de sincretismo, permitirão revelar a pertinência da Forma-do-Lugar num processo projectual e, assim, discorrer acerca de *Regionalidade* enquanto condição de um incessante processo dialéctico, entre o particular e o universal.

3. A verificação das hipóteses em estudo reivindicou uma incursão nomeadamente de cariz historiográfico a um tempo distante e a um mais recente a fim de evidenciar as causas possíveis de *Regionalidade* enquanto condição singular de um pensamento projectual em Arquitectura português. Ao longo da terceira parte, constatou-se que, através da excursão ou redução história encetada na transição do século XIX para o XX, o Regionalismo permite agrupar a Arquitectura a outras disciplinas consideradas vitais para a compreensão desse tempo. A interpretação desse tempo longo revelou uma considerável e complexa narrativa multidisciplinar e interdisciplinar de ordem ideológica, política, social e cultural, pelo que a investigação de uma possível *Regionalidade* latente (?), reivindicou o modelo teórico-crítico advindo de Regionalismo como o guia diante da profundidade de campo da referida narrativa. Enquanto hipótese pertinente para uma interpretação e problematização na temporalidade considerada, considerando em particular a sua capacidade de declarar a dialéctica entre o particular e o universal no contexto português, a aplicação do modelo definiu circunstancialmente um primeiro intervalo temporal. Entre tensões do que nos é familiar e do que nos é estranho, o período compreendido entre os anos finisseculares e os meados da década de quarenta do século passado revelou-se fundamental à instituição de um modo particular de pensar e fazer Arquitectura (e não só) que em Portugal firmou os constituintes matriciais de *Regionalidade*. Como resposta ao estabelecimento de uma Arquitectura de cariz universal,

declarou-se o particular como via inevitável à instituição de valores nacionais, posteriormente nacionalistas, evidenciando um estreito processo de ressemantização desses particularismos em nacionalismos, firmado numa simulação remota e melancólica da (re)invenção das tradições, afirma-se gradualmente uma expressão distintiva, nomeadamente, no campo da Arquitectura doméstica. Promotora de um estilo pitoresco, numa hegemonia de cariz morfológico, essa expressão da Arquitectura resultou de um processo estático de familiarização construído por agentes eruditos, ancorado em algo supostamente familiar, ou seja, facilmente reconhecível. Entre complexas tensões e instabilidades, Portugal celebrou-se circunstancialmente, entre avanços e recuos constantes, oposições, revivalismos de cariz histórico e tendências progressistas de movimentos renovadores. Desse tempo recupera-se, primeiramente, o incessante conflito entre o de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’. Esse conflito – ou negociação incessante própria da Modernidade em Portugal – foi, em continuidade, parte integrante de outro mais profundo, herdado de oitocentos: a demanda erudita de uma identidade ou autenticidade nacional em Arquitectura e não só. O de ‘cá de dentro’ e o de ‘lá de fora’ são os alicerces de um processo contínuo, basilar à evidenciação da matriz, implícita ou explícita, de uma futura *Regionalidade*. Portanto, a dita negociação incessante foi, *per se*, catalisadora de uma resposta multidisciplinar regionalista, resultante da reacção do de ‘cá de dentro’ (particular) contra o que vem de ‘lá de fora’ (universal) alinhada com exaltação de uma ‘autenticidade’, condição legitimadora de uma identidade nacional. De difícil precisão, e com proveniências fora da disciplina da Arquitectura, a inquirição revelou, em termos gerais, um discurso associável a essa resposta regionalista, sobretudo ideológico e político de índole (gradualmente) absolutista. Embora perspectivado e fundamentado na vitalidade de Região, esse discurso fundado por agentes eruditos estabeleceu-se num movimento descendente instituindo-se por meio de uma acção de familiarização, através do uso ou da citação acrítica de um conjunto de elementos supostamente tradicionais e, assim, legitimadores de uma identidade nacional. Consequentemente, tais sentimentos identitários, transversais à sociedade erudita de então, favoreceram a celebração da terra, da língua e da história nacionais,

traçando gradualmente uma visão idílica do espaço rural regional português como matriz de um Portugal ancestral e autêntico. As consequências efectivas da demanda identitária para a Arquitectura foram, nos primeiros anos de noventa, manifestações de cariz opinativo na discussão, interpretação e orientação sobre uma expressão de Arquitectura que se ambicionava ‘portuguesa’. Consumadas por intelectuais de diferentes quadrantes da sociedade de então, sobressaiu o debate fundamentado na instilação de uma Arquitectura estrangeirada destruidora dos genuínos valores nacionais. Nesse âmbito, o debate em torno de uma Arquitectura que procura as suas raízes portuguesas torna-se gradualmente comum, exaltando-se o local e o regional como registos indispensáveis à afirmação de um patriotismo autêntico. É nesse contexto que emerge o comumente apelidado debate ou movimento da Casa Portuguesa. Dos quatro grandes momentos relativos a esse considerável movimento, retenha-se que tal se estabeleceu num debate bipartidarizado entre as incertezas da existência de uma casa de habitação ou de uma diversidade de casas de habitação portuguesas. A então resposta multidisciplinar de índole regionalista estabelecida na exaltação do de ‘cá de dentro’, ou do particular, face às contaminações do de ‘lá de fora’, ou universal, firma-se em definitivo nacionalista e tenderá circunstancialmente a desaparecer no final da década de cinquenta e início da década de sessenta com a chegada de uma nova geração de arquitectos. Recuperando o modelo de observação, a Casa Portuguesa fixa uma vasta e complexa acção de familiarização que, sem esquecer a instrumentalidade da Forma-do-Lugar, institui uma considerável e complexa acção de exercícios contínuos de citacionismo. Com assinaláveis cambiantes, predominou então a reutilização de um conjunto de elementos supostamente tradicionais, por associação ou por redução, ditos de portugueses configuraram uma expressão de Arquitectura nacionalista de feição regionalista. Perspectivado e fundamentado na Região, esse movimento em sentido descendente fixou matricialmente constantes que, na segunda metade do século XX, firmaram uma condição distintiva de um pensamento projectual nacional. A contra-resposta ou a resistência face ao estreito processo triádico de descontextualização, recontextualização e, novamente, de contextualização promovido pela Casa Portuguesa evidencia-se no marcante 1º Congresso

Nacional de Arquitectura em 1948. Em continuidade com as antes verificadas, as renovadas matrizes daí emergentes reafirmam gradualmente outra expressão de índole regionalista. Ao invés do anterior movimento descendente, estabelece-se um em sentido ascendente que da sua maturação advirá um pensamento projectual integrado e inclusivo que, estabelecido reflexivamente no particular, se perspectiva, em simultâneo, no universal. Com o novo cenário geopolítico internacional consequente do final da Segunda Guerra Mundial, a demanda firmada nas décadas anteriores, em prol de uma identidade nacional enfraquece e a retórica e acção do Estado Novo em Portugal altera-se. Por um lado, ainda sobre a égide da Casa Portuguesa e próprio das ideologias de vocação totalitária, permanecem as afirmações anacrónicas nacionalistas. Por outro, renova-se uma aproximação ao particular como modo de complementar um Estilo Internacional, ou seja, universal. Evidencia-se, assim, a pertinência de um renovado olhar para a capacidade catalisadora da cultura vernacular regional (nas suas diversas expressões) e da tradição que sempre aliadas à inovação, afirmaram em definitivo um pensamento e um processo projectual. Entre a via resultante do ideário da Casa Portuguesa e a via resultante do ideário universalista do *The International Style*, emerge gradualmente uma outra que se vulgarizou de ‘terceira via’. Porém, a instituição dessa terceira via ou processo de problematizar o projecto em Arquitectura exigirá ainda, a efectivação de uma iniciativa necessária, o “Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal”. O dito inquérito à Arquitectura de raiz vernacular portuguesa espoleta uma renovada relação da Arquitectura com o meio português regional rural, assistindo-se a uma gradual conceptualização de Região enquanto veículo de interpretação reflexivo de uma ‘realidade’ ou de um espaço vivido que, por comportar uma rede de fluxos própria, agrega sincreticamente factores da relação directa e indirecta entre o Homem e o (seu) espaço. Contudo e paradoxalmente, esse inquérito poderia ser igualmente um perigoso catálogo, idêntico a outros aos quais este combateu. A “Arquitectura de barrote à vista” é o exemplo do retorno dos exercícios de citacionismo que, igualmente, alicerçadas na instrumentalidade da Forma-do-Lugar, procuram uma outra familiarização. A experiência inédita do inquérito e das demais circunstâncias que nele gravitam e igualmente cessam, assume-se porventura

como um grau zero – no sentido de conclusão e, simultaneamente, de ponto de partida – no já duradouro debate acerca de uma Arquitectura dita de portuguesa. Circunstancialmente, desse fecho (e igualmente recomeço) simbolicamente considerado com o Inquérito advém uma revisão metodológica distinta que, conseqüente de um procedimento crítico ou composto, firma um processo de projecto instituído pelo diálogo reflexivo e sem ruptura, fundado num resumo eficaz da ‘realidade’ e nos demais acontecimentos culturais, históricos, sociais e físicos. Em suma, um processo de projecto evidenciado pela acção sincrética contínua e inclusa que constituída por uma miscelânea crítica de integradas citações de uma ‘realidade’, numa continuidade permanente entre um passado e um presente, constrói reflexivamente uma narrativa composta e permanentemente integrada. Apesar das diferenças circunstanciais dos anos setenta e inícios de oitenta com as anteriores do século passado em Portugal, o retorno ao Bairro da Malagueira de Siza Vieira revela uma ambicionada síntese que, entre muitas outras, celebrada quer à escala da casa quer à escala da cidade, permite enquadrar os itinerários e, conseqüentemente, traçar respostas possíveis às hipóteses colocadas. Talvez o último grande empreendimento de casas de habitação (e não só) à data parcialmente realizado, o Bairro da Malagueira é uma síntese que encerra uma acção sincrética contínua e inclusa que, constituída por uma miscelânea crítica de citações dirigidas a uma tradição e a um ‘modernismo’, numa continuidade permanente entre um passado e um presente, constrói reflexivamente novos significados, sempre relacionais. Uma vez implícita e outras explicitamente, essa acção estabelece-se no pensamento projectual como fragmentos de meta-afirmações arquitectónicas, que constituem uma narrativa composta e permanentemente integrada, ou seja, uma narrativa de *Regionalidade*. A história do Bairro da Malagueira ainda não está encerrada e os itinerários desta investigação também não.

Actualmente é possível, embora sem a distância crítica desejável, verificar que o legado dessa síntese está ainda bem presente nas novas gerações de arquitectos. Porém, segundo a crítica recente, nas últimas décadas tem-se vindo a verificar uma transformação de paradigma na Arquitectura Portuguesa. Se tal transformação já aconteceu, a nosso ver esse ‘novo’ paradigma é em muito

‘velho’, ou seja, é estabelecido em continuidade na exacta medida que medeia o novo e o velho e, por isso, em muito enraizado numa considerável narrativa de *Regionalidade*.

4. Por fim, questione-se: ainda uma *Regionalidade*?

Circunstancialmente, já num novo século e milénio, a discussão em torno da identidade e da autenticidade renovou-se. Distinta das verificáveis noutros períodos históricos, essa discussão possui, no entanto, traços comuns. Desses traços, destacam-se novamente a afirmação das culturas locais, regionais ou mesmo nacionais que, divergentes das suas antecessoras (principalmente por serem conciliadoras e não despóticas) competem com a tendência generalizada da Globalização e com a sua concomitante homogeneidade. Assim, no mundo cada vez mais global, *Regionalidade* torna-se uma condição oportuna face a questões e temas muito pertinentes tais como o da sustentabilidade nas suas demais vertentes, económica, ambiental, energética, social e, entre outras, cultural. Embora ultrapasse o âmbito deste trabalho, a formulação de uma resposta possível à pergunta antes colocada exige que, por breves instantes, se retome o início desta investigação a fim de se reiterar o que poderá contribuir como material de reflexão para na efectivação dessa formulação colocar ainda outras perguntas passíveis de serem respondidas em futuras investigações.

O Regionalismo, no qual se inclui o Crítico, tem uma longa história e é parte integrante de um vasto e complexo todo da Modernidade declarado, nomeadamente, pela negociação entre o particular e o universal. O Regionalismo Crítico é essencialmente um conjunto de etapas e de procedimentos críticos e não mais um *-ismo* de catalogação de práticas individuais ou de Escolas de Arquitectura. O Regionalismo (Crítico) considerado como modelo teórico-crítico de observação permite revelar a instrumentalidade da Forma-do-Lugar – exercitada de modo ascendentemente ou descendentemente –, pelos exercícios de citacionismo próprios de uma familiarização e pelos exercícios de sincretismo próprios de uma desfamiliarização, para um pensamento e o seu processo projectual. O modelo teórico-crítico devidamente interpretado na análise directa com expressões e manifestações arquitectónicas, permite verificar uma condição

de um incessante processo dialéctico entre o particular e o universal, ou seja, de *Regionalidade*. Dialecticamente indissociável de Universalidade (totalidade), *Regionalidade* (diversidade) entendida como carácter, domínio ou qualidade de ser regional, assume-se como chave de interpretação, num tempo distante e num mais recente, de um pensamento projectual em Arquitectura português.

Aceitando a oportunidade de *Regionalidade*, torna-se possível amenizar os contrastes entre o centro e a periferia, permitindo a inclusão e a não exclusão das heterogeneidades regionais e nacionais (do particular) num debate agonístico de afirmação de uma Arquitectura dentro de uma homogeneidade (do universal). Quando entendida como marca distintiva ou até marca certificada de qualidade e se considerada como condição singular de um pensamento projectual, *Regionalidade* perante os demais desafios da presente sociedade, dos quais não é alheia a práxis da Arquitectura portuguesa, permitirá projectar um futuro que se reflecte num presente através do apreendido num passado.

Bibliografia e outros recursos

Espólios e arquivos

Arquivo Álvaro Siza Vieira.

Arquivo Bak Gordon Arquitectos.

Arquivo Fernando Távora - Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (FIMS).

Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP).

Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Espólios de Cristino da Silva e de Raul Lino. Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte.

<http://www.biblar tepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1XM59542J6615.1433191&profile=ba&menu=tab13&submenu=subtab86&ts=1275954228599 - focus>.

Espólio Dimitros Pikionis. Museu Benaki, Atenas.

<http://www.benaki.gr/index.asp?id=1020405&lang=en>

Hemeroteca Municipal de Lisboa.

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>

Artigos, ensaios e monografias internacionais

AAVV - What Is Happening to Modern Architecture? A Symposium at the Museum of Modern Art. In: *The Bulletin of the New York Museum of Modern Art*, vol. XV, nº. 3 (Spring), 1948.

ALEXANDER, Christopher, ISHIKAWA, Sara, SILVERSTEIN, Murray - *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1977.

ALOFSIN, Anthony - Constructive Regionalism. In: CANIZARO, Vincent B. (editor) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition* Princeton: Princeton Architectural Press, 2007, p. 368-372.

ALOFSIN, Anthony, LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Die Frage des Regionalismus. In: ANDRITZKY, Michael, BURCKHARDT, Lucius, HOFFMANN, Ot (editores) - *Fur eine andere Architektur: Bauen mit der Natur und in der Region*, vol. 1. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1981, pp. 121-134.

AMOURGIS, Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991.

ARENDT, Hannah - *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press, 1958.

ARNHEIM, Rudolf [1954] - *Arte e Percepção Visual, uma Psicologia da Visão Criadora, nova versão* (tradução do inglês por Ivonne Terezinha de Faria). 8.^a edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

ASSOUN, Paul-Laurent - *A escola de Frankfurt*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

AUGÉ, Marc - *Non-lieux, Introduction à une Anthropologie de la Surmodernité*. Paris: La Librairie du XXe Siècle, Seuil, 1992.

BERGERS, Gerard (editor) - *Context and Modernity. A Post-Seminar Reading*. Delft: Stylos, 1991.

BEZZI, Meri L. - *Região: uma (re)visão historiográfica, da gênese aos novos paradigmas*. Santa Maria, RS: Editora Universidade Federal de Santa Maria, 2004.

BOURDIEU, Pierre - A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, Pierre [1980] - *O poder simbólico*. Difel, Lisboa, 1989, pp. 113-114.

BOURDIEU, Pierre - *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genebra: Droz, 1972.

BOURDIEU, Pierre [1989] - *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1994.

BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Loïc - *Réponses : pour une anthropologie réflexive*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

BURKE, Peter - *Popular Culture In Early Modern Europe*. Burlington: Ashgate Publishing Co., 1978.

BUTTNER, Anne - Geography, humanism, and global concern. In: *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 80, nº. 1. Oxford: Taylor & Francis, Ltd. Março, 1990, pp. 1-33.

CANCLINI, García N. - Cultura transnacional y cultura popular. In: CANCLINI, García N., RONCAGLIOLO, R. (eds.) - *Cultura transnacional y culturas populares*. Lima: IPAL, 1988, pp. 19-69.

CANCLINI, García N. - *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Cidade do México: Grijalbo, 1989.

CANCLINI, García N. - *Las culturas populares en el capitalism*. Cidade do México: Nueva Imagen, 1982.

CANIZARO, Vincent B. (ed) - *Architectural Regionalism - Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press, 2007.

CARVALHO, Gisélia - Região: a evolução de uma categoria de análise da geografia. In: *Boletim Goiano de Geografia. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/Geografia*, volume 22, nº 01, jan./jun. 2002, pp. 135-153.

CASEY, Edward S. - *The Fate of Place*. Califórnia: University of California Press, 1998.

CASTELLS, Manuel - *La question urbaine*. Paris: Maspero, 1972.

CASTELLS, Manuel [1996] - *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CASTELLS, Manuel [1997] - *The power of identity: Second edition with a new preface*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010.

CHERMAYEFF, Serge, ALEXANDER, Christopher - *Community and privacy: toward a new architecture of humanism*. Nova Iorque: Doubleday Books, 1963.

CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico (eds.) - *Álvaro Siza, Casas 1954-2004*. Barcelona: Gustavo Gili, 2004.

COFANO, Paola, KONSTANTINIDIS, Dimitri (eds.) - *Aris Konstantinidis: 1913-1993*. Milão: Electa, 2010.

COLQUHOUN, Alan - Critique of Regionalism. In: *Casabella. Rivista internazionale di architettura*, nº. 630/631, Jan./Fev. de 1996, pp. 50-55.

COLQUHOUN, Alan - Regionalism and Technology. In: *Casabella. Rivista internazionale di architettura*, nº. 491, Maio de 1983, pp. 24-25.

COLQUHOUN, Alan - The concept of Regionalism. In: NALBANTOGLU, Gülsüm, WONG, Chong Thai (eds.) - *Postcolonial Space(s)*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1997, pp. 13-23.

COLQUHOUN, Alan [1981] - *Essays in Architectural Criticism – Modern Architecture and Historical Change*. Oppositions Books. Nova Iorque: Columbia Books of Architecture, 1995.

COLQUHOUN, Alan [2002] - *La Arquitectura Moderna. Una visión desapasionada*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005

KONSTANTINIDIS, Aris - *Elements for Self-knowledge: Towards a True Architecture*. Atenas: Konstantinidis, 1975.

CROSBY, Theo (Ed.) - Alison e Peter Smithson. *Studies of Association, Identity, Patterns of Growth, Cluster, Mobility*. In: *Uppercase 3*. Londres: Whitefriars Press, 1960.

CUCHE, Denis [1996] - *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. 3ª edição. Lisboa: Fim de Século Editora, 2006

CURTIS, William J. R. - Towards an Authentic Regionalism. In: KHAN, Hasan-Uddin (ed.) - *Mimar 19: Architecture in Development*. Singapura: Concept Media Ltd., 1986, pp. 24-31.

EGGENER, Keith - Placing Resistance: A Critique of Critical Regionalism. In: *Journal of Architectural Education*, 55, n.º 4, Maio, 2002, pp. 228-237.

ELIOT, T. S. [1948] - *Notas para uma definição de cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998, p. 70.

ESPOSITO, António, LEONI, Giovanni (eds.) - *Fernando Távora, opera completa*. Milão: Electa, 2005.

FARIAS, Victor - *Heidegger et le nazisme*. Paris: Editions Verdier, 1987.

FERNANDEZ-GALIANO, Luiz (ed.) - *Spain Builds; Arquitectura en Espana 1975-2005*. Madrid: Arquitectura Viva SL, 2006.

FLECK, Brigitte (ed.) - *City Sketches*. Basileia, Birkhauser Verlag, 1994.

FOSTER, Hal - *The Return of the Real – the Avant-garde at the end of the Century*. Cambridge: MIT Press, 1996.

FOSTER, Hal (ed.), *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*. Port Townsend: Bay Press, 1983.

FRAMPTON, Kenneth - *Álvaro Siza: Profissão Poética*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

FRAMPTON, Kenneth - El regionalismo crítico : arquitectura moderna e identidad cultural. In: *AV Monografías*, n.º. 3, 1986, pp. 20-25.

FRAMPTON, Kenneth - En busca de una línea lacónica. Notas sobre la Escuela de Oporto. In: *A&V*, n.º 47, Maio/Junho de 1994, pp. 26-33.

FRAMPTON, Kenneth - For Dimitris Pikionis. In: JOHNSTON, Pamela (ed.) - *Dimitris Pikionis, architect 1887-1968: a sentimental topography* [Catálogo de exposição com o mesmo nome na *Architectural Association*, de 6 Junho a 4 Julho de 1989]. Londres: Architectural Association, 1989, pp. 6-9.

FRAMPTON, Kenneth - Greek Regionalism and the Modern Project: A Collective Endeavour. In: FRAMPTON, Kenneth (ed.) - *Atelier 66 : the architecture of Dimitris and Suzana Antonakakis*. Nova Iorque: Rizzoli, 1985, pp. 4-5.

FRAMPTON, Kenneth - Isms of Contemporary Architecture . In: PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (ed. convidado) - Modern architecture and the critical present. In: *A.D., Architectural Design*, volume 52, mês 7/8, 1982, pp. 60-83.

FRAMPTON, Kenneth - La Arquitectura como Transformación Crítica. In: *Álvaro Siza Obra Completa*, Frampton, Kenneth (ed), Barcelona, Gustavo Gili, 2000, pp. 13-67.

FRAMPTON, Kenneth - *Labour, Work and Architecture, collected essays on architecture and design*. New Cork: Phaidon Press Limited, 2002.

FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. Londres: Thames & Hudson, 1980.

FRAMPTON, Kenneth - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição Londres: Thames & Hudson, 1985.

FRAMPTON, Kenneth - *Modern History: A Critical History*. 3ª edição. Londres, Thames & Hudson Ltd, 1992.

FRAMPTON, Kenneth - *Modern History: A Critical History*. 4ª edição. Londres, Thames & Hudson Ltd, 2007.

FRAMPTON, Kenneth - On Reading Heidegger (editorial). In: *Oppositions, a journal for ideas and criticism in architecture*, nº.4, Nova Iorque: Wittenborn Art Books, Outubro de 1974, s/p.

FRAMPTON, Kenneth - Place-Form and Cultural Identity. In: THAKARA, John (editor) - *Design After Modernism*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1988, p. 51-66.

FRAMPTON, Kenneth - Prospects for a Critical Regionalism. In: *Perspecta*, Vol. 20, 1983, pp. 147-162.

FRAMPTON, Kenneth - Rappel a l'ordre: The Case for the Tectonic. In: *A.D., Architectural Design*, volume 60, n.º 3, 1990, pp. 19-25

FRAMPTON, Kenneth - Some Reflections on Postmodernism and Architecture. In APPIGNANESI, Lisa [1986] (ed.) – *Postmodernism. ICA documents*. Londres:Free Association Books, 1989, pp. 75-87.

FRAMPTON, Kenneth - Some Reflections on Postmodernism and Architecture. In APPIGNANESI, Lisa [1986] (ed.) – *Postmodernism. ICA documents*. Londres: Free Association Books, 1989, pp. 77-79.

FRAMPTON, Kenneth - *Studies in Tectonic Culture*. Cambridge: MIT Press,1995.

FRAMPTON, Kenneth - Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic. In: AAVV - *Center, Center for the Study of American*

Architecture (The University of Texas, Austin) New Regionalism, vol. 3. Nova Iorque: Rizzoli International Publications, 1987, pp. 20-27.

FRAMPTON, Kenneth - *The evolution of 20th century architecture*. Londres: Springer, 2007.

FRAMPTON, Kenneth - Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. FOSTER, Hal (ed.), *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*. Port Townsend: Bay Press, 1983, pp. 16-30.

FRAMPTON, Kenneth - Towards An Agonistic Architecture. In: *Domus*, nº. 972, Setembro. Milão: Editoriale Domus, 2013, pp. 3-8.

FRAMPTON, Kenneth (ed.) - *Álvaro Siza Complete Works*. Londres: Phaidon, 2000.

FRAMPTON, Kenneth (ed.) - *Álvaro Siza Complete Works*. Milão: Electa, 1999.

FRAMPTON, Kenneth (ed.) - *Álvaro Siza Obra Completa*. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.

FRAMPTON, Kenneth (ed.) - *Álvaro Siza, tutte le opere*. Milão: Electa, 1999.

FRAMPTON, Kenneth (ed.) - *The Architecture of Dimitris and Suzana Antonakakis*. Nova Iorque: Rizzoli Publications, 1985.

FRAMPTON, Kenneth [1980] - *Modern Architecture: A Critical History*. 2ª edição. Londres: Thames & Hudson, 1985.

FRAMPTON, Kenneth [1987] - Ten Points on an architecture of Regionalism: A Provisional Polemic. In: CANIZARO, Vincent B. (editor) - *Architectural Regionalism – Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*, Princeton, Princeton Architectural Press, 2007, pp. 374-385.

FRAMPTON, Kenneth, - Prospects for a Critical Regionalism. In: *Perspecta. The Yale Architecture Journal*, Vol. 20, 1983, pp. 147-162

FRAMPTON, Kenneth, La Arquitectura como Transformación Crítica. In: FRAMPTON, Kenneth (ed.) - *Álvaro Siza Obra Completa*. Barcelona: Gustavo Gili, 2000, pp. 13-67.

FREITAG, Michel [1992] - *Arquitectura e Sociedade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.

FRÉMONT, Armand [1976] - *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.

FRIEDMAN, Susan - Definitional excursus: the meanings of modern/modernity/modernism. In: *Modernism/Modernity. Revista da Modernist*

Studies Association, vol. 8, nº. 3 (Setembro). Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001, pp. 493-513.

GEDDES, Patrick - *Cities in evolution : an introduction to the town planning movement and to the study of civics*. Londres: Williams & Norgate, 1915;

GIDDENS, A., BECK, U., LASH, S. [1994] - *Modernização reflexiva*. São Paulo: UNESP, 1995.

GIDDENS, Anthony - *O mundo na era da Globalização*, Lisboa, Editorial Presença, 2000.

GIDDENS, Anthony - *The Consequences of Modernity*, Stanford, Stanford University Press, 1990.

GIEDION, Sigfried - The New Regionalism [1954]. In: *Architecture, you and me: the diary of a development*. Michigan: Harvard University Press, 1958, pp. 138-151;

GILI, Mónica (ed.) - *Arquitectura Portuguesa*. Revista 2G, n.º 20. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

GLIKSON, Arthur - *Physical regional planning*. Jerusalém: Ketter Publishing House, 1970.

GLIKSON, Arthur - *Regional planning and development*. Leiden: A. W. Sijthoff, 1955.

GLIKSON, Arthur, MUMFORD, Lewis (ed.) - *THE ECOLOGICAL BASIS OF PLANNING*. Haia: Martinus Nijhoff, 1971.

GOODWIN, Philip L. - *Brazil Builds Architecture New And Old 1962-1942*. Nova Iorque: The Museum Of Modern Art, 1943.

GOTTMANN, Jean - *Megalopolis*. Cambridge: MIT Press, 1961.

GOVERS, Robert, GO, Frank - *Place Branding: Glocal, Virtual and Physical Identities, Constructed, Imagined and Experienced*. Londres: Palgrave Macmillan, 2009.

GREGOTTI, Vittorio - *L'architettura del realismo critico*. Milão: Feltrinelli, 1966.

GROAT, Linda, WANG, David - *Architectural Research Methods*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, Inc., 2002.

HABERMAS, Jürgen - *Modernity - an Incomplete Project*. In: FOSTER, Hal (ed.) - *The Anti Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*. Washington: Bay Press, 1983, pp. 3-15.

HAESBAERT, Rogério - Região, diversidade territorial e globalização. In: *GEOgraphia - Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, ano I, nº. 1, Niterói, 1999, pp. 15-39.

HARRIS, Harwell H. – Regionalism and Nationalism in Architecture. In: RANSOM, Harry H. (editor) - *Texas Quarterly*, vol. 1, Fevereiro. Austin: The University of Texas Press, 1958, pp. 115-124.

HARRIS, Harwell Hamilton - Regionalism. In: *North Carolina Architect, January-February*. Raleigh: North Carolina American Institute of Architects (AIA), 1978, pp. 10-11.

HAUPT, K. Albrecht - *Die Baukunst der Renaissance in Portugal von den Emmanuel's dis glucklichen bis zu dem schlusse spanischen herrschaft*, 2º vol.: Das land. Frankfurt: Henrich Keller, 1895.

HAUPT, K. Albrecht - *A Arquitectura da Renascença em Portugal*. Lisboa: J. Rodrigues, 1910.

HAUPT, K. Albrecht - *Die Baukunst der Renaissance in Portugal von den Emmanuel's dis glucklichen bis zu dem schlusse spanischen herrschaft*, 1º vol.: Lissabon und Umgegend. Frankfurt: Henrich Keller, 1890.

HAYS, K. Michael (ed.) - *Architecture Theory since 1968*. Nova Iorque: Columbia Books of Architecture, 1998.

HEIDEGGER, Martin [1951] - Bauen, Wohnen, Denken (Construir, Habitar, Pensar). In: HEIDEGGER, Martin - *Ensaio e Conferências* (tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis: Editora Vozes, 2002, , pp. 125-142.

HEREU Pere, MONTANER, Josep Maria, OLIVERAS, Jordi (eds.) [1994] - *Textos de Arquitectura de la Modernidad*. 2ª edição. Madrid: Nerea, 1999.

HITCHCOCK, Henry-Russell, JOHNSON, Philip - *The International Style: Architecture since 1922*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1932.

IBELINGS, Hans - *Supermodernismo, Arquitectura en la era de la Globalización*. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

JAMESON, Fredric - *A Singular Modernity: Essay on the Ontology of the Present*. Londres: Verso, 2002.

JAMESON, Fredric - *Brecht and Method*. Nova Iorque: Verso, 1998.

JAMESON, Fredric - The Constraints of Postmodernism (Extract). In LEACH, Neil (editor) - *Rethinking Architecture: A Reader in Cultural Theory*, Londres e Nova Iorque: Routledge, 1997, pp. 234-242.

JAMESON, Fredric - *The Seed of Time*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1994.

KUBLER, George [1972] - *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes. 1521-1706*. Lisboa: Vega, 1988.

LEACH, Neil - *A Anestética da Arquitectura*. Lisboa: Antígona, 1999.

LEATHERBARROW, David - *Topographical Stories: Studies in landscape and architecture*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2004, p. 1.

LEATHERBARROW, David - *Uncommon Ground: Architecture, technology and topography*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

LEFAIVRE Liane, TZONIS, Alexander - *Classical Architecture, The Poetics of Order*. Cambridge: Massachusetts: The MIT Press, 1986.

LEFAIVRE Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*. Nova Iorque: Prestel, 2003.

LEFAIVRE Liane, TZONIS, Alexander - Critical Regionalism. In: Spyros (ed.) - *Critical Regionalism: The Pomona Meeting Proceedings*. Pomona: College of Environmental Design, California State Polytechnic University, 1991, pp. 3-23.

LEFAIVRE, Liane - Critical Regionalism: A Facet of Modern Architecture since 1945. In: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Critical Regionalism, Architecture and Identity in a Globalized World*. Munique: Prestel Verlag, 2003, pp. 22-55.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - An architecture of realism. In: *UIA Beijing Charter, The future of architecture*, Jul. 2002, pp.11-14.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture in Europe since 1968: memory and invention*. Londres : Thames and Hudson, 1997.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *Architecture of regionalism in the age of globalization: peaks and valleys in the flat world*. Abingdon: Oxon, Routledge, 2012.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Dimitris Pikionis. Regionaliste des années 50. In: *Le Moniteur Architecture*. Architecture - Mouvement - Continuité (AMC), n°. 99, Junho-julho de 1999, pp. 60-69.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - El regionalismo crítico y la arquitectura española actual. In: *AV Monografías*, n°. 3, 1986, pp. 4-19.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - El tiempo de la transición; time of transition. In: FERNANDEZ-GALIANO, Luis (ed.) - *Spain Builds; Arquitectura en España 1975-2005*. Madrid: Arquitectura Viva SL, 2006, pp. 52-63.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Il rigorismo epidermico : un nuovo non-stile internazionale. Skin rigorism : a new international non-style.

In: *Casabella. Rivista internazionale di architettura*, nº. 630/631, Jan./Fev. 1996, pp. 128-135.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - *The Emergence of Modern Architecture. A Documentary History, from 1000 to 1800*. Londres: Routledge , 2004.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - The Grid and the Pathway. An Introduction to the Work of Dimitris and Susana Antonakakis. With Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. In: *Architecture in Greece*, n.º 15, 1981, pp.164-178.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - The Mediterranean Landscape. Representation, Design and Identity. In: *Architecture of Israel* 31, 1997, pp.75-90.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Tropical critical regionalism: introductory comments. In: LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander, STAGNO, Bruno (eds.) - *Tropical architecture / Critical regionalism in the age of globalization*. Londres: Wiley-Academy, 2001, pp. 1-58.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Why Critical Regionalism Today?. In: NESBIT, Kate (ed.) - *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory, 1965-1995*, Princeton: Princeton Architectural Press, 1996, pp. 484-492.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Why Critical Regionalism Today?. In: *A & U*. no.5 (236), Maio, 1990, pp. 23-33.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander, STAGNO, Bruno (eds.) - *Architecture: Critical Regionalism in the Age of Globalization*, Londres, Wiley-Academy, 2001.

LEJEUNE, Jean-François; SABATINO, Michelangelo (eds.) - *Modern architecture and the Mediterranean: vernacular dialogues and contested identities*. Nova Iorque: Routledge, 2010.

LOWE, Donald M. - *History of Bourgeois Perception*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

LUCCARELLI, Mark - *Lewis Mumford and the Ecological Region: The Politics of Planning*. Nova Iorque: Guilford Press, 1995.

MANGADA, Eduardo - Regionalismo arquitectónico y políticas autonómicas. In: *AV Monografías*, nº. 3, 1986, pp. 98-99

MERCADAL, Fernando García - *La casa popular en España*. Barcelona: Editorial Espasa-Calpe, S.A, 1930.

MOCK, Elizabeth B. (Curador) - Tomorrow's Small House: Models and Plans. In: *The Bulletin of the New York Museum of Modern Art*, Vol. XII, n.º 5 (Spring), 1945, pp. 3-19.

MONEO, Rafael - "Paradigmas fin de siglo: Los noventa, entre fragmentación y la compacidad". In: *Arquitectura Viva*, no 66, 1999, pp. 17-24.

MONTANER, Josep Maria - *La modernidad superada. Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.

MONTANER, Josep Maria [1997] - *Después del Movimiento Moderno – arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*. 3ª edição. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

MONTANER, Josep Maria [1999] - *Arquitectura y Crítica*. 3ª edição. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

MORENO TORRES, José Ramón - La vivienda andaluza ante el regionalismo. In: *AV Monografías*, n.º. 3, 1986, pp. 44-45.

MORRISON, Hugh S. - After the International Style – What? In: *The Architectural Fórum* 72, n.º 4, Maio, 1940, pp. 345-347.

MUMFORD, Lewis - Regionalism and Irregionalism. In: *The Sociological Review*, Vol. 19, Outubro, 1927, pp. 277-288.

MUMFORD, Lewis - *Sticks and Stones. A Study of American Architecture and Civilisation*. Nova Iorque: Boni and Liveright, 1924.

MUMFORD, Lewis - *Technics and Civilization*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co., 1934.

MUMFORD, Lewis - The Architecture of the Bay Region. In: AAVV, *Domestic Architecture of the San Francisco Bay Region. The San Francisco Museum of Art* (catálogo de exposição): São Francisco: The San Francisco Museum of Art, 1949, s./p.

MUMFORD, Lewis - *The Brown Decades. A Study of the Arts in America, 1865-1895*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co, 1931.

MUMFORD, Lewis - *The City in History: Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & World, 1961, p. 79.

MUMFORD, Lewis - *The Condition of Man*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co., 1944.

MUMFORD, Lewis - *The Conduct of Life*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co., 1951.

MUMFORD, Lewis - *The Culture of Cities*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & Co., 1938.

MUMFORD, Lewis - The Sky Line. *Status Quo*. In: *The New Yorker*, 23 (10 de Outubro), 1947, pp. 104-110;

MUMFORD, Lewis - *The South in Architecture*. New York: Harcourt, Brace & Co, 1941.

MUMFORD, Lewis - *The Story of Utopias*. Nova Iorque: Boni and Liveright, 1922.

MUMFORD, Lewis - The Theory and Practice of Regionalism. (continued). In: *The Sociological Review*, Vol. 20, Abril, 1928, pp. 131-141.

MUMFORD, Lewis - The Theory and Practice of Regionalism. In: *The Sociological Review*, Vol. 20, Janeiro, 1928, pp. 18-33.

MUMFORD, Lewis, DAVEM, Jeanne M. (ed.) - *Architecture as a home for man: essays for Architectural Record*. Nova Iorque: Architectural Record Books, 1975.

MUMFORD, Lewis, GEDDES, Patrick - *Lewis Mumford and Patrick Geddes: the correspondence* (NOVAK, Frank G., editor). Nova Iorque: Routledge, 1995.

MUNTAÑOLA, Josep - *La arquitectura como Lugar*. Barcelona: Edicions UPC, 1996.

MUNTAÑOLA, Josep - *Poética y Arquitectura – una lectura de la arquitectura postmoderna*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1981.

MUNTAÑOLA, Josep - Topogénesis – Fundamentos de una nueva arquitectura. In: *Arquitext*, n.º11. Barcelona: Edicions UPC, 2000.

MUNTAÑOLA, Josep (ed.) - *Arquitectonics 3*. Arquitectura en Portugal. Barcelona: Editora Univ. Politèc. de Catalunya, 2004.

MUNTAÑOLA, Josep (ed.) – *Arquitectonics 9*. Arquitectura y Contexto. Barcelona: Editora Univ. Politèc. de Catalunya, 2004

NAVASCUÉS PALACIO, Pedro - Regionalismo y arquitectura en España 1900-1930. In: *AV Monografías*, n.º. 3, 1986, pp. 28-35.

NESBITT, Kate (ed.) - *Theorizing a new agenda for architecture, an anthology of architectural theory 1965-1995*. New York: Princeton Architectural Press, 1996.

NEUTRA, Richard J. - Regionalism in Architecture. In: *Plus 2: Orientations of contemporary architecture – the architectural forum*. Filadelfia: Fevereiro de 1939, pp. 22-23.

NORBERG-SCHULZ, Christian [1979] - *Arquitectura Occidental*. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

NORBERG-SCHULZ, Christian - *Architecture: Presence, Language, Place*. Milão: Edições Skira, 2000.

NORBERG-SCHULZ, Christian - *Existence, Space & Architecture*. London: Studio Vista, 1971;

NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci, Paesaggio Ambiente Architettura*. Milão: Electa, 1979.

NORBERG-SCHULZ, Christian - Heidegger's Thinking on Architecture. In: *Perspecta. The Yale Architecture Journal*, Vol. 20, 1983, pp. 61-68.

NORBERG-SCHULZ, Christian - Towards an Authentic Architecture. In: PORTOGHESI, Paolo, et al. - *The Presence of the Past: The First International Exhibition of Architecture - Venice Biennale*. Londres: Academy Editions, 1980, pp. 21-29.

OCKMAN, Joan - *Architecture Culture 1943-1968 – A Documentary Anthology*. Nova Iorque: Columbia Books of Architecture; Rizzoli, 1993.

PAGANO, Giuseppe - Documenti di Architettura Rurale. In: *Casabella. Rivista internazionale di architettura*, n.º 95, Nov. 1935, pp. 18-25

PALLASMAA, Juhani - Tradition and Modernity: The Feasibility of Regional Architecture in PostModern Society. In: *The Architectural Review*, Maio de 1988, pp. 26-34.

PAPADAKIS, Andrea C. (ed.), FRAMPTON, Kenneth (ed. convidado) - Modern architecture and the critical present. In: *A.D., Architectural Design*, volume 52, mês 7/8, 1982.

PFEIFFER, Bruce B., WOJTOWICZ, Robert (editores) - *Frank Lloyd Wright & Lewis Mumford: Thirty Years of Correspondence*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2001.

PIGAFETTA, G., ABBONDANDOLO, I. - *La arquitectura tradicionalista, teorías, obras y proyectos*. Madrid: Celeste ediciones, 2002.

POLLIO, Marcus Vitruvius [circa 32-22 a.C.] - *De Architectura Libri Decem. Tratado de arquitectura*. Lisboa: IST Press (tradução do Latim por Manuel Justino Maciel), 2006, p. 41.

PORTOGHESI, Paolo [1980] - *Depois da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Edições 70, 1985.

PORTOGHESI, Paolo, et al. - *The Presence of the Past. First International Exhibition of Architecture-Venice Biennale 80*. Londres: Academy Editions, 1980.

POZENATO, José Clemente - *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Educus – Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2003.

POZENATO, José Clemente - *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

REYES, Graciela - *Polifonia textual: la citación em el relato literario*. Madrid: Gredos, 1984.

RICOEUR, Paul - Civilisation universelle et cultures nationales. In: *Esprit - De L'assistance a la Solidarite*, nº 10, Outubro, 1961, pp. 439-453.

RICOEUR, Paul - *Universal Civilization and National Cultures. History and Truth*. Evanston: Northwestern University Press, 1965.

RICOEUR, Paul [1965] - Universal Civilization and National Cultures. In: Canizaro, Vincent B. (ed) - *Architectural Regionalism- Collected writings on place, Identity, Modernity, and Tradition*. Princeton: Princeton Architectural Press 2007, pp. 43-53.

RONCAYOLO, Marcel - Região. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997. p. 161-189.

ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001.

RUDOLFSKY, Bernard [1964] - *Architecture Without Architects – A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

SANTOS, Milton - Região: globalização e identidade. In: LIMA, L. C. (Org.). *Conhecimento e reconhecimento: uma homenagem ao geógrafo cidadão do mundo*. Fortaleza: Eduece/LCR, 2003, pp. 53-64.

SANTOS, Milton - Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. In: *Revista Território*, Ano IV, nº. 6, Jan./Jun. de 1999, Rio de Janeiro: UFRJ/Garamond, pp. 5-20.

SANTOS, Milton [1996] - *A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Rafael José dos - Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. In: *Antares, Letras e Humanidades, Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul*, nº2, jul-dez 2009, pp. 2-26.

SCHÖN, D. - *Educating the Reflective Practitioner*. São Francisco: Jossey-Bass, 1987.

SHKLOVSKY, Victor - A arte como processo. In: AAVV - *Teoria da Literatura - Textos de Formalistas Russos*, Volume 1. Lisboa: Edições 70, 1999, pp. 75-95.

SHKLOVSKY, Viktor - *Art as Device, Theory of Prose*, Dalkey Archive Press, Illinois, 1990.

SMITH, Anthony D. - *National Identity*. Londres: Penguin, 1991.

SMITH, Anthony D. - *Nationalism and Modernism*. Londres, Routledge, 1998.

SMITH, Anthony D. - *The Nation in History*. Cambridge: Polity Press, 2000.

SMITHSON, Alison M. (ed.) [1962] - *Team 10 Primer*. Cambridge: MIT Press, 1974.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de - *Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea*. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

SPIRO, K. - *Historia de la Arquitectura*. Madrid: Alianza Forma, 1988.

STAMBAUGH, Joan - *Being and Time: A Translation of Sein Und Zeit*. Nova Iorque: Wiley, John & Sons, Inc., 1996.

STEPHEN, Walter, et al. - *Think Global, Act Local. The Life and Legacy of Patrick Geddes*. Edimburgo: Luath Press, 2004.

STIRLING, James - Regionalism and Modern Architecture. In: *Architects Year Book 7*. Londres: RIBA, 1957, pp. 62-68.

SUBIRATS, Eduardo - Regionalismo y cultura universal / Eduardo Subirats. In: *AV Monografías*, nº. 3, 1986, p. 26-27.

SUBIRATS, Eduardo - Regionalismo y cultura universal. In: *AV Monografías*, nº. 3, 1986, p. 26-27.

TAFURI, Manfredo - *Teorias e História da Arquitectura*. Lisboa: Presença, 1988.

TESTA, Peter - *Álvaro Siza: Obras y Proyectos 1954 -1992*. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

TOURNIKIOTIS, Panayotis - *La historiografía de la arquitectura moderna*. Madrid: Maira / Celeste, 2001.

TZONIS, Alexander - Píxionis and Transvisibility. In: *Thresholds*, vol. 19, 1999, pp. 15-21.

TZONIS, Alexander - *Towards a Non-Oppressive Environment*. Boston: i Press, 1972.

VENTURI, Robert - *Complejidad y contradicción en la arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

VENTURI, Robert - *Complexity and Contradiction in Architecture*. New York: The Museum of Modern Art, 1966.

VIGATO, Jean-Claude - *L'architecture régionaliste: France 1890-1950*. Paris, Éditions Norma, 1994.

WALLERSTEIN, Immanuel [1975] - Semi-Peripheral Countries and the Contemporary World Crisis. In: *Theory and Society*, vol. 3, n.º 4 (Winter), 1976, pp. 461–483;

WITTGENSTEIN, Ludwig - *The Blue and Brown Books*. Oxford: Basil Blackwell, 1958, p.87.

WELTER, Volker M. - *Biopolis. Patrick Geddes and the City of Life*. Cambridge: MIT Press, 2002, pp. 31-32.

WOJTOWICZ, Robert (editor) - *Sidewalk Critic: Lewis Mumford's Writings on New York*. Princeton: Princeton Architectural Press, 1998.

ZARZAR, Karina Moraes, GUNEY, Ali (eds.) - *Understanding Meaningful Environments: Architectural Precedents and the Question of Identity in Creative Design*. Amesterdão: IOS Press, 2008.

ZEVI, Bruno - *História da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Arcádia, 1973.

Artigos, ensaios e monografias nacionais

[AAVV] - *Quinze anos de obras públicas: 1932-1947*. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras Públicas, 1949.

AAVV - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1948.

AAVV - Álvaro Siza Vieira 1958/2000. In: *El Croquis*, n.º 68/69/95. Madrid: El Croquis Editorial, 2000.

AAVV - *Arquitectura Popular em Portugal*. 4ª edição. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses, 2004.

AAVV - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.

AAVV - *Conselho Nacional do SAAL. Livro Branco do SAAL*. Lisboa: FFH, 1976.

AAVV - *IAP XX Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa: OA-CDN, 2006.

AAVV - *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n.º 185, Maio/Jun. 1976.

AAVV - *Páginas Brancas [I] - (Arquitectura de Docentes do curso de Arquitectura da ESBAP)*. Porto: ESBAP, 1986.

AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso. [Edição fac-similada]*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008.

ACCIAIUOLI, Margarida - *Exposições do Estado Novo – 1934-1940*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

AGAREZ, Ricardo Costa - *O Moderno Revisitado. Habitação multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2009.

AGOAS, Frederico - Obras de regime a propósito da arquitectura popular em Portugal. In: *J-A. Jornal Arquitectos*, nº. 232, Jul./Set. 2008, p. 54.

ALBERGARIA, Isabel Soares de - «Arquitectura Regional». Debates e propostas em torno da casa açoriana na I República. In: *Actas do Colóquio Internacional Os Açores, a 1ª Guerra Mundial e a República Portuguesa no contexto internacional*. Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura, 2011, pp. 175-205.

ALMEIDA, Pedro Vieira - *Apontamentos Para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - *A arquitectura no Estado Novo – uma leitura crítica*, Lisboa: Livros Horizonte, 2002.n

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Arquitectura e Poder. Representação Nacional. In: A. Becker, A. Tostões, W. Wang (org.), *Portugal: Arquitectura do século XX*, Prestel, 1997, pp. 93-97.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Ensaio sobre o espaço da arquitectura (1). In: *Arquitectura*, nº. 79, Jul. 1963, pp. 15-21.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Ensaio sobre o espaço da arquitectura (2). In: *Arquitectura*, nº. 80, Dez. 1963, pp. 3-14.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Identidade e arquitectura. In: *Vinte e Um por Vinte e Um*, nº. 2, Porto, Revista da Escola Superior Artística do Porto, 2006, pp. 138-143.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Modelo progressista, modelo culturalista. In: PEREIRA, Paulo (director) - *História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna*, vol. XIV. Lisboa: Alfa, 1986, pp. 72-89.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Prefácio à edição de 1985. In: FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *Da Função Social do Arquitecto. Para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada* (2ª edição). Porto: ESBAP, 1985, pp. 1-5.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Raul Lino, Arquitecto Moderno. In: *Raul Lino. Exposição Retrospectiva da sua Obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, pp. 115-188.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Regionalismo Crítico, Internacionalismo Crítico. In: ALMEIDA, Pedro Vieira de - *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, p. 83-89.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Sociedade e identidade nacionais. In: PEREIRA, Paulo (director) - *História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna*, vol. XIV. Lisboa: Alfa, 1986, pp. 34-59.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Uma análise da obra de Siza Vieira. In: *Arquitectura*, n.º 96, Mar./Abr. de 1967, pp. 64-68.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Ventura Terra. In: ALMEIDA, Pedro Vieira de - *Apontamentos Para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, pp. 121-125.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Raul Lino I. In: ALMEIDA, Pedro Vieira de - *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, pp. 127-131.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Raul Lino II (2000). In: ALMEIDA, Pedro Vieira de - *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, pp. 132-136.

ALMEIDA, Pedro Vieira de, FERNANDES, Manuel - A charneira 1900. In: PEREIRA, Paulo (director) - *História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna*, vol. XIV. Lisboa: Alfa, 1986, pp. 9-23.

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel - O período de 1974 a 1990. In: PEREIRA, Paulo (director) - *História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna*, vol. XIV. Lisboa: Alfa, 1986, pp. 159-167.

ALVES, Vera Marques - Os Etnógrafos Locais e o Secretariado da Propaganda Nacional: Um Estudo de Caso. In: *Etnográfica, Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. I (2). Lisboa: ISCTE, pp. 238-239.

ALVES, Vera Marques, - «A poesia dos simples»: arte popular e nação no Estado Novo. In: *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. 11, no 1, 2007 pp. 63-89.

AMARAL, Francisco Keil do - *A arquitectura e a vida*. Lisboa: Cosmos, 1942.

AMARAL, Francisco Keil do - *A Moderna Arquitectura Holandesa*. Lisboa: Edições Seara Nova, 1943.

AMARAL, Francisco Keil do - Uma iniciativa necessária. In: *Arquitectura, Revista de arte e construção*, 2ª série, n.º 14, Abril 1947, pp. 12-13.

AMARAL, Francisco Pires Keil do - Croniquetas da província : arquitectura popular e arquitectura pimba / A Ovelha do Restolho. In: *J-A. Jornal Arquitectos*, n.º. 190, Mai., 1999), pp. 56-57.

ARAÚJO, Arnaldo - *Formas do Habitat Rural, Norte de Bragança. Contribuição para a estrutura da Comunidade* – CODA, n.º. 158 no Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto: ESBAP, 1957.

ARENGA, Nuno (ed.) - *Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso*. Porto: Circo de Ideias, 2012.

ASCENSÃO, Leão R. - *O Integralismo Lusitano*. Lisboa: Edições Gama, 1943.

BANDEIRINHA, José António - Fernando Távora Modernidade Permanente. In: BANDEIRINHA, José António (ed.) - *Fernando Távora Modernidade Permanente*. Catálogo da exposição. Porto: CASA DA ARQUITECTURA, 2012, pp. 10-25.

BANDEIRINHA, José António - *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007.

BANDEIRINHA, José António (coord. científica) - *Keil do Amaral : obras de arquitectura na Beira. Regionalismo e modernidade*. Lisboa : Argumentum, 2010.

BANDEIRINHA, José António [1993] - *Quinas Vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40*. Porto: FAUP Publicações, 1996.

BARATA, André M. (tradução), BARATA, Paulo M. (prefácio), FRAMPTON, Kenneth - *Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses; Matosinhos: Contemporânea Editora, 1998.

BARBOSA, Cassiano (compilação) - *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos do Porto, 1947-1952*. Porto: Edições ASA, 1972.

BARREIRA, Cecília - Três nótuas sobre o integralismo lusitano: evolução, descontinuidade, ideologia, nas páginas da «Nação Portuguesa», 1914-26. In: *Análise Social - Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, vol. XVIII (72/73/74), 1982, pp. 1421-1429.

BARREIRA, João - A Habitação em Portugal. In: TEIXEIRA JUDICE, António, ARROYO, António (eds.) - *Notas sobre Portugal, Exposição Nacional*

do Rio de Janeiro em 1908. Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 1909, pp. 147-178.

BARROS, Henrique de (ed.) - *Inquérito à Habitação Rural. II Volume. A Habitação Rural nas Províncias da Beira (Beira Litoral, Beira Alta e Beira Baixa)*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1947.

BASTO, Eduardo Alberto Lima, BARROS, Henrique de (eds.) - *Inquérito à Habitação Rural. I Volume. A Habitação Rural no Norte de Portugal (Minho, Douro-Litoral, Trás-os-Montes e Alto-Douro)*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1943.

BONITO, Mário [1948] - Regionalismo e Tradição. In: TOSTÕES, Ana (coord. científica) - *1º Congresso Nacional de Arquitectura* (edição fac-similada). Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 42-53.

BOTELHO, Abel - A Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada*, n.º 92. Lisboa, 1903, pp. 59-61.

BOTELHO, Abel - A Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada*, no 94. Lisboa, 1903, pp. 75-76.

BOTELHO, Abel - Chronica: A Casa Portuguesa. In: *O Dia*, 12 de Março, 1903, p. 2.

BOTELHO, Afonso - *Da Saudade ao Saudosismo*. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990.

BOTELHO, Manuel - Os anos 40: A ética da estética e a estética da ética. In: *ra, revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, número 0, Out. de 1987, pp. 7-10.

BRITO, Joaquim Pais de - Etnografia, Etnógrafos e Configurações da Identidade. In: HENRIQUES, Ana de Castro (coord.) - *Primitivos Portugueses, 1450-1550. O Século de Nuno Gonçalves*. Lisboa: Babel, 2011, pp. 42-51.

BRITO, Joaquim Pais de - O Estado Novo e a Aldeia mais Portuguesa de Portugal. In: PINTO, António Costa (org.) - *O Fascismo em Portugal. Actas do colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa: A Regra de Jogo, 1980pp. 511-532.

CALDAS, João Vieira - Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo. In: A. Becker, A. Tostões, W. Wang (org.), *Portugal: Arquitectura do século XX*, Prestel, 1997, p. 23-31.

CALDAS, João Vieira (ed.) - *A Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.

CALDAS, João Vieira, - *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*. Porto: FAUP Publicações, 1999.

CAPELA, José - Regionalismo: crítico. In: *J-A, Jornal Arquitectos*, nº. 207, Set./Out., 2002, pp. 85-91.

CARAPINHA, Aurora – Paisagem: vínculo relacional. In: AAVV - *IAP XX Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa: OA-CDN, 2006, pp. 65-66.

CARDOSO, Mário - Entrevista a Fernando Távora. In: *Arquitectura*, nº. 123 (4ª série,) Set./Out., 1971), pp. 150-154.

CARVALHO, J., *Évora*, Administração Urbanística. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1990.

CASTELO-BRANCO, Salwa E., BRANCO, Jorge F. (eds.) - *Vozes do povo: a folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 2003.

CHAVES, Luis - A estilização da casa portuguesa. In: *Ocidente. Revista Portuguesa de Cultura*, Vol. V, n.ºs 12 e 13, Abr./Mai. 1939, p. 439.

COELHO, Jacinto do Prado (direcção) [1960] - *Dicionário de Literatura portuguesa, brasileira, galega e estilística literária*. Porto: Edição Livraria Figueirinhas, 5 volumes, 3ª edição, 1978.

CORDEIRO, José M. - Nação Portuguesa (1914-1916) – Que Integralismo Lusitano?. In: ANDRADE, Luís (direcção) - *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. 26, 2009, pp. 139-154.

COSTA, Alexandre Alves - Algumas hipóteses para uma caracterização da Arquitectura Portuguesa e do interesse da sua relação com o património construído no mundo. In: COSTA, Alexandre Alves - *Textos Datados*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 27-31.

COSTA, Alexandre Alves - Arquitectura do Porto. In: COSTA, Alexandre Alves - *Textos Datados*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 229-244.

COSTA, Alexandre Alves - Learning from Coimbra. Oito pontos estruturais para a construção de uma didáctica activa. In: COSTA, Alexandre Alves - *Textos Datados*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 269-271.

COSTA, Alexandre Alves - Reconhecer e dizer [1990]. In: *Textos Datados*. Coimbra: E/D/Arq. Coimbra, Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 89-93.

COSTA, Alexandre Alves - Valores Permanentes da Arquitectura Portuguesa. In: *Vértice. Revista de Cultura e Arte*, nº.19 Out., II Série, 1989, pp. 109-111.

COSTA, Alexandre Alves – A propósito de um percurso. In: FERNANDEZ, Sergio [1985] - *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1988, pp. 3-7.

COSTA, Alexandre Alves [1980] - A Problemática, a Polémica e as Propostas da Casa Portuguesa. In: COSTA, Alexandre Alves [1995] - *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 2007, pp. 55-72.

COSTA, Alexandre Alves [1990] - Reconhecer e dizer. In: COSTA, Alexandre Alves - *Textos Datados*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 89-93.

COSTA, Alexandre Alves [1995] - *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 2007.

COSTA, Alexandre Alves, - Arquitectura Portuguesa. In: *Vértice. Revista de Cultura e Arte*, n.º 8, Lisboa, 1988, pp. 105-107.

COSTA, Alexandre Alves, MOTA, Nelson - Nem neo-garrettianos nem Vencidos da Vida Uma Pastoral Transmontana. In: *Monumentos*, n.º 32, 2012, pp. 72-81.

COSTA, Francisco (dir. e ed.) - “Casas para todos”. In: *Arquitectura*, Ano III/Vol. II, n.º 17, Nov. de 1929, p. 15.

CRUZ, Valdemar - Távora por Siza . In: *Arquitectura e Construção*, n.º. 34, Jan., 2006, pp. 94-99.

CUNHA, Luís - *A Nação nas Malhas da sua Identidade - O Estado Novo e a construção da identidade nacional*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

CUNHA, Luiz - The search for an autentic architecture. In: DONAT, John - *World Architecture One*. Londres: Studio Books, 1964, pp. 84-93.

CUNHA, Luiz - The search for an autentic architecture. In: DONAT, John - *World Architecture One*. Londres: Studio Books, 1964, pp. 84-93.

D' ALMEIDA, José Fialho - *Á esquina (Jornal d'um Vagabundo)*. Coimbra: F. França Amado (ed.), 1903.

DAMASCENO, Joana - *Museus para o Povo Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

DIAS, Francisco da Silva – Notas sobre o 1º Congresso. In: AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 35-42.

DOMIGUES, Álvaro - *A geografia regional «vidaliana». Enquadramento teórico-metodológico e ideológico*. (Relatório apresentado à Faculdade de Letras

da Universidade do Porto como prova de aptidão pedagógica para passagem a assistente). In: *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, I Série, Vol. I, Porto. 1985, pp. 113-134.

ELIOT, T. S. [1948] - *Notas para uma definição de cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

ESTEVES, Philip José Rodrigues - Três conversas: a partir de uma conversa com o arquitecto Silva Dias a propósito do inquerito à arquitectura regional portuguesa. In: *J-A. Jornal Arquitectos*, nº 59, Jul. 1987, pp. 22-23.

FERNANDES, Manuel Correia - *ESBAP: Arquitectura Anos 60-70*. Porto: FAUP Publicações, 1988.

FERNANDES, Fátima, CANATÀ, Michele - *Arquitectura portuguesa contemporânea, 1991-2001*. Porto : Edições ASA, 2001.

FERNANDES, Fátima, CANNATÁ, Michele - *Guia da Arquitectura Moderna, Porto*, Porto: ASA, 2002.

FERNANDES, Fátima; CANNATÁ, Michele - *Moderno Escondido. Arquitectura das Centrais Hidroeléctricas do Douro, 1953-1964*. Porto: FAUP Publicações, 1997.

FERNANDES, José Manuel - *Arquitectos do Século XX – Da Tradição à Modernidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2006.

FERNANDES, José Manuel - Arquitectura regional – e agora? In: *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano I, nº5, 28 Abril/11 Maio de 1981, p. 34.

FERNANDES, José Manuel - Para o estudo da arquitectura modernista em Portugal. Evolução estilística (I). In: *Arquitectura*, nº132, (4ª série) Fev./Mar., 1979, pp. 54-65.

FERNANDES, José Manuel - Para o estudo da arquitectura modernista em Portugal. Evolução estilística (II). In: *Arquitectura*, nº133, (4ª série) Abr./Maio, 1979, pp. 38-47.

FERNANDES, José Manuel - Para o estudo da arquitectura modernista em Portugal. Evolução estilística (III), *Arquitectura*, nº.137, (4ª série) Jul./Agos., 1980, pp. 16-25.

FERNANDES, José Manuel - Para o estudo da arquitectura modernista em Portugal. Evolução estilística (IV). In: *Arquitectura*, nº.138, (4ª série) Set./Out., 1980, pp. 64-73.

FERNANDES, José Manuel - *Português Suave – Arquitecturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR, 2003.

FERNANDES, José Manuel [1993] - *Arquitectura Modernista em Portugal*. 2ª edição. Lisboa: Gradiva, 2005.

FERNANDES, Manuel Correia - *A Estrutura de Suporte. Construir a Arquitectura: Um Programa Para a Disciplina de Projecto*. Porto, FAUP Publicações, 1995.

FERNANDEZ, Sergio - *Recuperação de Aldeias em Rio de Onor*, Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto – CODA, n.º. 284 no Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto: ESBAP, 1964.

FERNANDEZ, Sergio [1985] - *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1988.

FERNANDEZ, Sergio, - *Arquitectura portuguesa, 1961-1974*. In: BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, WANG Wilfried (organização) - *Portugal: arquitectura do século XX*. Munique: Prestel, 1997, p. 55.

FERNANDEZ, Sergio, 2011 - *Rio de Onor 1963-1965*. In: *Joelho – Revista de cultura arquitectónica (série II) – Intersecções: Antropologia e Arquitectura*, n.º 2. Coimbra: E/D/Arq. Coimbra, Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 38-49.

FERRO, António - *Museu de Arte Popular*. Lisboa: Edições SNI, 1948.

FIGUEIRA, Jorge - *Escola do Porto – Um Mapa Crítico*. Coimbra: eIdIarq, Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2002.

FIGUEIRA, Jorge - *O Arquitecto Azul*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

FIGUEIRA, Jorge - *Reescrever o Pós-Moderno. Sete Entrevistas*. Porto: Dafne Editora, 2011.

FIGUEIREDO, José de - *Portugal na Exposição de Paris*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1901.

FIGUEIREDO, Rute - *Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)*. Lisboa, Colibri, 2007.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *Da função social do arquitecto, para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. In: *Arquitectura*, n.º 75, Jun. 1962, pp. 46-50.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa [1962] - *Da Função Social do Arquitecto. Para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. 2ª edição. Porto: ESBAP, 1985.

FOVILLE, M. Alfred de (prefácio) - *Enquête sur les conditions de l'habitation en France. Les maisons-types*. Paris: Ernest Leroux (ed.), 1894 (Tomo I), 1899 (Tomo II).

FRAMPTON, Kenneth - Nada numa mão, nada na outra. In: TRIGUEIROS, Luiz (ed.) *Álvaro Siza, 1954-76*. Lisboa: Editorial Blau, 1997, pp. 7-8.

FRANÇA, José-Augusto - 1940: Exposição do Mundo Português. In: *Colóquio artes - revista trimestral de artes visuais, música e bailado*, n.º 45, 2ª série, Jun.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980, pp. 34-47

FRANÇA, José-Augusto - 1940: Exposição do Mundo Português. In: *Colóquio Artes*, n.º 45, Jun. 1980, pp. 34-47.

FRANÇA, José-Augusto - A «Casa Portuguesa» e o «Neo-Românico», no princípio de noventa. In: *Arquitectura*, 3ª Série, n.º 95, Jan.-Fev. 1967, pp. 30-34.

FRANÇA, José-Augusto - *A arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Bertrand Editora, 1991, pp. 225-260.

FRANÇA, José-Augusto - O I Congresso Nacional de Arquitectura. In: AZEVEDO Fernando (comissário) - *Os anos 40 na Arte Portuguesa*, vol. 1, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 132-133.

FRANÇA, José-Augusto - *Os Anos Vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

FRANÇA, José-Augusto - Raul Lino, Arquitecto da Geração de 90. In: AAVV - *Raul Lino: Exposição Retrospectiva da sua Obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, pp. 73-114.

FRANÇA, José-Augusto [1972] - *A arte e a sociedade Portuguesa no século XX (1910 a 1980)*. 2ª edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

FRANÇA, José-Augusto [1972] - *A arte e a sociedade Portuguesa no século XX (1910-2000)*. 4ª edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

FRANÇA, José-Augusto [1974] - *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*. 2ª edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1984.

FRANÇA, José-Augusto [1979] - *A Arte Portuguesa de Oitocentos*. Lisboa: Biblioteca Breve. Instituto de Cultura Portuguesa, 1992.

FRANÇA, José-Augusto, ALMEIDA, Pedro Vieira de - Ainda «O caso Raul Lino»: José- -Augusto França e Pedro Vieira de Almeida respondem a F. Silva Dias. In: *Arquitectura*, n.º 116, 1970, pp. 139-140.

FREITAS, António - Tradicionalismo e Evolução. In: *Arquitectura*, n.º 66, Nov./Dez. 1959, pp. 30-37.

GADANHO Pedro, PEREIRA, Luís T. (coordenação) - *Influx: arquitectura portuguesa recente*. Lisboa: Civilização, 2003.

GADANHO Pedro, PEREIRA, Luís T. (coordenação) - *Metaflux: duas gerações na arquitectura portuguesa recente*. Lisboa: Civilização, 2004.

GADANHO, Pedro - *Arquitectura em Público. 15 anos de expansão mediática nas páginas de um jornal português*. Porto: Dafne Editora, 2011.

GADANHO, Pedro - Escassez & Deslocação. In: GADANHO, Pedro, PEREIRA, Luís Tavares (coord.), *Influx: arquitectura portuguesa recente*. Lisboa: Civilização, 2003, p. 148-155.

GADANHO, Pedro - X vs. Y - not = Diversidade. Equações de identidade na arquitectura portuguesa recente. In: GADANHO, Pedro, PEREIRA, Luís Tavares (coord.) - *Influx: arquitectura portuguesa recente*. Lisboa: Civilização, 2003, p. 33-47.

GADANHO, Pedro (ed. e coord.) - *Habitar Portugal 2006 / 2008*. Lisboa: Caleidoscópio, 2009.

GIL, José - *Portugal, Hoje. O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d' Água, 2004.

GOMES, Paulo Varela - O último erro de Raul Lino. In: *Expresso* (Revista), 23 de Janeiro, 1993, pp. 42-43.

GOMES, Paulo Varela - Teoria da Arquitectura Portugal 1915-1945: O Modernismo de Raul Lino. In: *Vértice. Revista de Cultura e Arte*, nº.19 Out., II Série, n.º 11, 1989, pp. 67-79.

GOMES, Paulo Varela, FIGUEIRA, Jorge - *Anos 1980*. Porto: Circo de Ideias, 2012.

GOMES, Pinharanda - *A "Renascença Portuguesa" – Teixeira Rego*. Biblioteca Breve, vol. 87. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

GOMES, Varela Paulo - Quatre Batailles en faveur d'une architecture portugaise. In: AAVV - *Points de Repère: Architectures du Portugal/Referentiepunten: Bouwen in Portugal, Europalia 91, Portugal*. Bruxelas: Fondation pour L'Architecture, 1991, pp. 21-63.

GRANDE, Nuno - *Arquitectura & Não*. Lisboa: Caleidoscópio, 2005.

GRANDE, Nuno - Arquitecturas no Porto: Escolástica e contaminação. In: GADANHO, Pedro (ed. e coord.) - *Habitar Portugal 2006 / 2008*. Lisboa: Caleidoscópio, 2009, pp. 62-63.

GRANDE, Nuno - Campo magnético: polaridades e tensões na arquitectura portuguesa do século XX. In: AAVV - *IAP XX Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa : OA-CDN, 2006, pp. 61-66.

GRANDE, Nuno - Portugal: território, cidade e arquitectura. Da Nação-navio ao País-arquipélago. In: E. Souto de Moura, J. Figueira, et al. (comissários) - *Descontinuidade: arquitectura contemporânea*, Norte de Portugal. Porto: Civilização, 2005, pp. 30-47.

GUERREIRO, António - *Exposições Universais: Paris 1900*. Lisboa: Expo 98, 1995.

IGNOTUS - Casa do Ex.^{mo} Sr. Manoel OTTOLINI no Bairro Herédia (Estrada de Bemfica). In: *A Architectura Portuguesa*, ano VI, n.º 11, Nov. de 1913, p. 41-44.

LEAL, João - *Antropologia em Portugal: mestres, percursos, transições*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

LEAL, João - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

LEAL, João - Metamorfoses da arte popular: Joaquim de Vasconcelos, Vergílio Correia e Ernesto de Sousa. In: *Etnográfica*, vol. VI (2), 2002, pp. 251-280.

LEAL, João - Usos da cultura popular. In: NEVES, José (coord.) - *Como se faz um povo: Ensaio em História Contemporânea de Portugal*. Lisboa: Fundação EDP, Edições Tinta-da-China, 2010, pp. 125-137.

LEAL, João [2008] - *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português* (Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008). Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2009.

LEAL, João [2009] - Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. In: *Joelho n.º 2 - Revista de cultura arquitectónica (série II) – Intersecções: Antropologia e Arquitectura*. Coimbra: E/D/Arq. Coimbra, Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 68-83.

LIMA, Viana de, et al. - Tese ao X Congresso do CIAM, Dubrovnik, Jugoslávia, Agosto 1956 In: *Arquitectura*, 3ª Série, nº. 64, Jan./Fev., 1959, pp. 21-28.

LINO, Raul - *A Casa Portuguesa. Edição do Comissariado-Geral da Exposição de Sevilha*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1929.

LINO, Raul - *A nossa casa. Apointamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. Lisboa: Edição da Atlantida, 1918.

LINO, Raul - Afinal de contas. In: *Diário de Notícias*, 21 de Nov. de 1969, p. 18.

LINO, Raul - Ainda as Casas Portuguesas. In: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, Ano. 1, n.º 4, Lisboa 4 Set. 1941, pp. 8-10.

LINO, Raul - *Auriverde Jornada. Recordações de uma viagem ao Brasil*. Lisboa: Ed. Valentim de Carvalho, 1937.

LINO, Raul - *L'évolution de l'architecture domestique au Portugal: Essai*. Lisboa: Institut Francais au Portugal, 1937.

LINO, Raul - O Romantismo e a «Casa Portuguesa». In: NEMÉSIO, Vitorino - *Estética do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Grémio Literário, 1974, pp. 205-210

LINO, Raul – A Casa Portuguesa. In: *Ilustração*, Ano I, n.º 1, Lisboa 1929, p. 24.

LINO, Raul – Ainda as Casas Portuguesas. In: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, Ano. 1, n.º 4, Lisboa 4 Set. 1941, pp. 9-10.

LINO, Raul [1933] - *Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*. 8ª edição. Lisboa: Edições Cotovia, 1992.

LOBO, Susana - *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

LOPES, Carlos da Silva - A tradição na Arquitectura e o ambiente regional: Os três estilos, pobre, mediano e rico, característicos da nossa casa solarenga, em cujo pitoresco sóbrio e em cuja austera simplicidade deve inspirar-se o moderno. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, nº. 5, Série IV, Ano IV, Out. de 1945, pp. 8-9.

LOURENÇO, Eduardo [1978] - *O Labirinto da Saudade*. 2ª edição. Lisboa: Gradiva, 2001.

MANOEL, Bernardo d'Orey - *Fundamentos da arquitectura em Raul Lino*. Lisboa : Universidade Lusíada, 2012.

MARNOTO, Rita (ed.) - *Fernando Távora, Diário de “Bordo”, 1960*. Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012 (2 volumes).

MARTINS, João Paulo - Arquitectura Moderna em Portugal: a Difícil Internacionalização. Cronologia. In: TOSTÕES, Ana, COSTA, Sandra Vaz (eds) - *Arquitectura Moderna Portuguesa. 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004, pp. 156-171.

MARTINS, João Paulo - Portuguesismo: nacionalismos e regionalismos na acção da DGEMN: complexidade e algumas contradições na arquitectura portuguesa. In: *Caminhos do património: 1929-1999/Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, DGEMN*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, pp. 115-132.

MATOS, Madalena Cunha, RAMOS, Tânia Beisl - Um Encontro, Um Desencontro. Lúcio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos. In: AAVV - *O Moderno já Passado. O Passado no Moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitectura*. Anais do 7o seminário do do.co.mo.mo – Brasil, Porto Alegre: 22 a 24 Outubro, 2007.

MATTA, José Caeiro da - *Habitações Populares. Estudos Económicos e Financeiros III*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1909.

MATTOS, Mello de - A casa portuguesa. Outro depoimento. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada*, Ano IV nº. 93, 20 Abr. 1903, pp. 67-69

MATTOSO José, DAVEAU Suzanne, BELO, Duarte – *Portugal – O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa: Temas e Debates, 2011.

MATTOSO, José [1998] - *A Identidade Nacional*. 4ª edição. Lisboa: Fundação Mário Soares/Gradiva, 2008.

MELO, Daniel - *A cultura popular no Estado Novo*. Coimbra: Angelus Novus, 2010.

MELO, Daniel - *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais (ICS), 2001.

MENDES, Manuel - 'Escola' ou 'generalismo' — ecleticismo ou tradição, uma opção inevitável. In: AAVV - *Páginas Brancas [I], (Arquitectura de Docentes do curso de Arquitectura da ESBAP)*. Porto: ESBAP, 1986, s.p. .

MENDES, Manuel - *(In)formar a modernidade. Arquitecturas Portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. Porto: FAUP publicações, 2001.

MENDES, Manuel - *Arquitectura Portuguesa Anos 50. Anos 80, isolamento experimentalismo revelação*. In: *Cadernos Politika*, 1990, s.p.

MENDES, Manuel - Atmosfera doméstica. Porto, uma «melancolia pré-trágica». In: *Revista Unidade # 4*. Porto: AEFAUP, 1994, p. 28.

MENDES, Manuel - Auto biografias: circularidades subjectivas: secções nómadas . In: FERNANDES, Fátima, CANATÀ, Michele - *Arquitectura portuguesa contemporânea, 1991-2001*. Porto: Edições ASA, 2001, pp. 47-53.

MENDES, Manuel - Exposição nacional de Arquitectura. In: *J-A, publicação bimestral da Ordem dos Arquitectos*, nº. 51-52, Nov.-Dez. 1986, pp. 4-5.

MENDES, Manuel - Ir ao sítio com o nascer do dia: modelo e invenção na arquitectura de Gonçalo Byrne. In: *ArChitécti*, nº. 2, Mai. 1989, pp. 44-53.

MENDES, Manuel - O lugar da Presente Arquitectura Portuguesa. In: *Via Latina*, Coimbra: D.G.A.A.C, Inverno, 1989, pp.129-133.

MENDES, Manuel - O meu caso. In: BANDEIRINHA, José António (ed.) - *Fernando Távora Modernidade Permanente*. Catálogo da exposição. Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012, pp. 54-79.

MENDES, Manuel - Porto, Ecole et Projects 1940-1986. In: *Opus Incertum (conçu et réalisé) Architectures à Porto*. Liège: Pierre Mardaga Editeur, 1990, pp.42-84.

MENDES, Manuel - Terra quanto a vejas, casa quanto baste. In: TAVARES, André, BANDEIRA, Pedro (eds.) - *Só nós e Santa Tecla*. Porto: Dafne, 2008, pp. 101-148.

MENDES, Manuel – O meu caso. In: BANDEIRINHA, José António (ed.) - *Fernando Távora Modernidade Permanente*. Catálogo da exposição. Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012, pp. 54-79.

MENDES, Manuel (coord. editorial) - *Fernando Távora, Minha Casa / Prólogo*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva. Faculdade de Arquitectura. Reitoria Universidade do Porto, 2013.

MENDES, Manuel (coord. editorial) - *Fernando Távora, Minha Casa. Uma porta pode ser um romance*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva. Faculdade de Arquitectura. Reitoria Universidade do Porto, 2013.

MENDES, Manuel [1986] - *Exposição Nacional de Arquitectura*. In: FIGUEIRA, Jorge, et al. (eds.) - *Antologia 1981-2004, JA-Jornal Arquitectos*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004, pp. 54-59.

MENDES, Manuel, - Os anos 50 (Entre a autonomia criativa do «novo» e a crítica ao espaço indiferenciado, ao modelo transferível – os compromissos realistas do «estilo internacional»). In: *rA, revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, número 0, Out. de 1987, pp. 25-54.

MENDES, Manuel, PORTAS, Nuno - *Arquitectura portuguesa contemporânea, Anos sessenta/Anos oitenta*. Porto: Fundação de Serralves, 1991.

MENDES, Manuel, PORTAS, Nuno - *Tendenze dell'Architettura Contemporanea - Portogallo: Architettura gli Ultimi Vent'Anni*. Milão: Electa, 1991.

MENÉRES, António - *Dos anos do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*. Porto. Edições FAUP, 2006.

MESQUITA, Marieta Dá - Fontes para a história da arquitectura contemporânea portuguesa. Um primeiro olhar sobre A Construção Moderna. In: *GEHA - Revista de História, Estética e Fenomenologia da Arquitectura e do Urbanismo*, nº. 2/3, Ano 2, Mar./Out. 1999, pp. 105-118.

MESTRE, Victor - *Arquitectura Popular da Madeira*. Lisboa: Argumentum, 2002.

MIGUEL, Patrícia - O Corporema da Casa Portuguesa ou repensar O Problema da Casa Portuguesa de Fernando Távora. In: *Joelho, n.º 3 – Revista de cultura arquitectónica (série II) - Viagem-Memória: Aprendizagens de Arquitectura*. Coimbra: E/D/Arq. Coimbra, Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2012, pp. 167-179.

MILHEIRO, Ana Vaz - Entre o "português suave" e o modernismo. In: *J-A. Jornal Arquitectos*, n.º 186, Set. 1998, pp. 42-43.

MILHEIRO, Ana Vaz - *Nos Trópicos Sem Le Corbusier. Arquitectura Luso-Africana no Estado Novo*. Lisboa: Relógio D' Água, 2012.

MÓNICA, Maria Filomena - *A Queda da Monarquia: Portugal na Viragem do Século*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

MONTEIRO, Emídio de Brito [SINCERO, João] - CASA PORTUGUEZA. Renovação na Architectura Nacional. In: *Serões - Revista Mensal Ilustrada*, n.º. 10 Março, vol.II. Lisboa: Thomaz Rodrigues Mathias (ed.), 1902, pp. 209-216.

MONTEIRO, Nuno G., PINTO, António Costa - A identidade nacional portuguesa. In: PINTO, António Costa (coord.) - *Portugal contemporâneo*, Lisboa, Dom Quixote, 2005, pp. 51-65.

MORAIS, Carlos Campos (ed.) - *01 textos: Álvaro Siza*. Porto: Civilização Editora, 2009.

MOREIRA, Cristiano [1979] - *Reflexões sobre o método*. 2.^a edição. Porto: FAUP Edições, 1994.

MOURA, Eduardo Souto - A «Arte de Ser Português». In: TRIGUEIROS, Luiz (ed.) - *Fernando Távora*. Lisboa: Editorial Blau, 1993, pág. 71-72.

NEVES, Henrique das - *A Cava de Viriato. Notícia Descritiva e Crítico-Histórica: com um appendice a proposito dos Moinhos do Pintor, subsídio para a questão da existência de Grão Vasco*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana, 1893.

NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Architectura Portuguesa: revista mensal de arte architectural antiga e moderna*, Ano VIII, n.º. 9, Setembro. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1915, pp. 37-38.

NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada*, Ano IV, n.º. 160. Lisboa, 1905, pp. 26-27.

NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada*, Ano IV, n.º. 161. Lisboa, 1905, pp. 34-35.

NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada*, Ano IV, n.º. 162. Lisboa, 1905, pp. 42-43.

NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Arte Portuguesa - Revista de archeologia e arte moderna*. Ano I, nº.1. Lisboa, 1895, pp. 21-22.

NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada*, Ano IV, nº. 157. Lisboa, 1905, pp. 3-4.

NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada*, Ano IV, nº. 158. Lisboa, 1905, pp. 11-12.

NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *A Construção Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada*, Ano IV, nº. 159. Lisboa, 1905, pp. 18-19.

NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, 19º ano, vol. XIX, nº. 625, 5 de Maio. Lisboa, 1896, p. 102.

NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, 19º ano, vol. XIX, nº. 626, 15 de Maio. Lisboa, 1896, pp. 109-110.

NEVES, Manuel das (coord.) - *Manuel Tainha – Projectos: 1954-2002*. Porto: ASA Editores, 2003.

NEVES, Vítor - A crítica do espaço. A nova arquitectura portuguesa. In: *A – Jornal Arquitectos*, n.º 73, Dez., 1988, p. 8.

NOVAIS Mário - *Exposição do Mundo Português – 1940* (catálogo). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes.

Ó, Jorge Ramos do - Modernidade e tradição: algumas reflexões em torno da exposição do Mundo Português. In: PINTO, António Costa, et. al. (org.) - *O Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959*. vol. 2. Lisboa: Estampa, 1987, pp. 177-185.

Ó, Jorge Ramos do - *Os anos de Ferro – O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” – 1933-1949 – Ideologia, instituições, agentes e práticas*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

OLIVEIRA, Arantes e, TAÍNHA, Manuel - *Carta dirigida a Fernando Távora acerca da conclusão do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa, 2 de Mar. 1962. FIMS_FT_05002 - Arquivo Fernando Távora © Fundação Instituto Marques da Silva.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim [1969] - *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga, GALHANO, Fernando - *Portugal de perto. Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.

ORTIGÃO, Ramalho - *O Culto da Arte em Portugal*. Lisboa: António Maria Pereira (Livreiro-Editor), 1896.

PALLA, Victor - Lugar da tradição. In: *Arquitectura. Revista de arte e construção*, 2ª série, nº. 28, Jan. 1949, pp. 4-5.

PEDREIRINHO, José Manuel - *Dicionário dos Arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

PEIXOTO, Rocha - A casa do engenheiro, Ex.^{mo} Sr. Ricardo Severo na Rua do Conde, no Porto. In: *A Arquitectura Portuguesa*, ano XIX, n.º 8 (Ago), Lisboa 1916, pp. 29-32.

PEIXOTO, Rocha - A casa portuguesa, primeira parte. In: *Serões. Revista mensal ilustrada*, vol. 1, n.º 2, 2.ª Série, Ago. 1905, pp. 106-110.

PEIXOTO, Rocha - A casa portuguesa, segunda parte. In: *Serões. Revista mensal ilustrada*, vol. 1, n.º 3, 2.ª Série, Set. 1905, pp. 209-214.

PEIXOTO, Rocha - A casa portuguesa, terceira parte. In: *Serões. Revista mensal ilustrada*, vol. 1, n.º 4, 2.ª Série, Out. 1905, pp. 319-322.

PEIXOTO, Rocha [1904] - *A Casa Portuguesa, Obras. Vol. I. Estudos de Etnografia e Arqueologia*. Póvoa do Varzim: Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, 1967, pp. 153-165.

PEREIRA, Gabriel - Casa portuguesa (S. Pedro do Sul). In: *Arte portuguesa. Revista ilustrada de archeologia e arte moderna*, n.º 6, Ano I, Jun. 1895, pp. 141-142.

PEREIRA, Gabriel - Casa portuguesa. In: *Arte portuguesa. Revista ilustrada de archeologia e arte moderna*, n.º 1, Ano I, Jan. 1895, pp. 21-22.

PEREIRA, Gabriel - Estética portuguesa. In: *Arte portuguesa. Revista ilustrada de archeologia e arte moderna*, n.º 2, Ano I, Fev. 1895, pp. 25-26.

PEREIRA, Gabriel, NEVES, Henrique das - Casa Portuguesa. In: *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, 19º ano, vol. XIX, n.º. 629, 15 de Junho. Lisboa, 1896, p. 132.

PEREIRA, Luís Tavares - Coluna dorsal. In: GADANHO, Pedro, PEREIRA, Luís Tavares (coord.) - *Influx: arquitectura portuguesa recente*. Lisboa: Civilização, 2003, p. 153-167.

PEREIRA, Nuno Teotónio - [Sobre] A Arquitectura Moderna em Portugal. In: *Ler, Jornal de Letras, Artes e Ciências*, n.º 12, Ano I, Mar. 1953, p. 15.

PEREIRA, Nuno Teotónio - Encontro Nacional de Arquitectos. Dezembro 1969. In: *Arquitectura*, n.º 110, Jul./Ag., 1969, pp. 202-203

PEREIRA, Nuno Teotónio - *Escritos (1947-1996, selecção)*. Porto: FAUP Publicações, 1996.

PEREIRA, Nuno Teotónio - Prefácio à 3ª edição da *Arquitectura Popular em Portugal*. In: *J-A. Jornal Arquitectos*, n.º. 73, Dez. 1988, p.23

PEREIRA, Nuno Teotónio - Reflexos culturais do inquérito à arquitectura regional / Nuno Teotónio Pereira. In: *J-A. Jornal Arquitectos*, n.º 195, Mar./Abr. 2000, pp.69-71

PEREIRA, Nuno Teotónio – O que fazer com estes 50 anos? In: AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 43-50.

PEREIRA, Nuno Teotónio, FERNANDES, José Manuel - A Arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959. In: PINTO, António Costa, et. al. (org.) - *O Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959*. vol. 2. Lisboa: Estampa, 1987, pp. 323-357.

PEREIRA, Nuno Teotónio, FERNANDES, José Manuel - A Arquitectura do Fascismo em Portugal. In: AAVV - *O Fascismo em Portugal : Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1982, pp. 533-551.

PEREIRA, Paulo - *2000 anos de arte em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates e Autores, 1999.

PESSANHA, José - Fachadas de estylisação tradicionalista. Architecto, sr. Raul Lino. In: *A Construcção Moderna*, ano IV, n.º102, 20 Jul. 1903, pp. 139-140.

PESSANHA, José - Raul Lino. In: *A Construcção Moderna*, ano III, n.º 56 Lisboa, 10 Abr. 1902, pp. XIX-XXI.

PINTO, António Costa, et. al. (org.) - *O Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959*. Lisboa: Estampa, 1987 (2 volumes).

PORTAS, Nuno - *A Arquitectura para Hoje*. Lisboa: Sá da Costa, 1964.

PORTAS, Nuno - *A Cidade como Arquitectura: Apontamentos de método e crítica*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.

PORTAS, Nuno - A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação. In: ZEVI, Bruno [1970] - *História da Arquitectura Moderna*, vol. II, Lisboa: Arcádia, 1978, p. 687-746.

PORTAS, Nuno - *A Habitação social: Proposta para a metodologia da sua Arquitectura*. Porto: FAUP Publicações, 2004.

PORTAS, Nuno - A oportunidade do IAP XX e uma interpretação dos anos 40 / In: AAVV - *IAP XX Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa : OA-CDN, 2006, pp. 51-60.

PORTAS, Nuno - A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal. In: *Arquitectura*, 3ª série, n.º 66, Nov./Dez. 1959, p. 13-14.

PORTAS, Nuno - Arquitecto Fernando Távora . In: *Arquitectura*, n.º 71. Jul. 1961, pp. 11-34.

PORTAS, Nuno - Arquitecto Fernando Távora: 12 Anos de Actividade Profissional. In: *Arquitectura*, 3ª Série, n.º 71, Jul. 1961, p. 12.

PORTAS, Nuno - Arquitectura Integrada? In: *Jornal de Letras e Artes*. Ano II, n.º 84, 8 de Maio, 1963, p.8-9, 15.

PORTAS, Nuno - *Arquitectura(s) - História e Crítica, Ensino e Profissão*. Porto: FAUP Publicações, 2005.

PORTAS, Nuno - *Arquitectura(s) - Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*. Porto: FAUP Publicações, 2005.

PORTAS, Nuno - Das casas às pessoas e vice-versa. In: TAVARES, André, BANDEIRA, Pedro (eds.) - *Só nós e Santa Tecla*. Porto: Dafne, 2008, pp. 49-55.

PORTAS, Nuno - Meia dúzia de questões sobre uma certa arquitectura, a melhor, do Porto. In: *Onze arquitectos do Porto, Imagens recentes*. Catálogo da exposição. Porto: Leitura, 1983, s.p. .

PORTAS, Nuno - Pioneiros de uma renovação II. Os anos difíceis. In: *Jornal de Letras e Artes*, n.º 17, Ano I, 24 Jan. 1962, pp. 11-12.

PORTAS, Nuno - Sobre la joven generacion de arquitectos portugueses. In: *Hogar y Arquitectura*, n.º 68, Madrid, 1967, pp. 77-84.

PORTAS, Nuno – *Prefácio*. In: AAVV - *Páginas Brancas* [I], (Arquitectura de Docentes do curso de Arquitectura da ESBAP). Porto: ESBAP. 1986, s.p. .

PORTAS, Nuno (ed.) - *Architetture e città: una interpretazione portoghese*. In: *Casabella. Rivista internazionale di architettura*, n.º 579, Maio 1991.

PORTAS, Nuno [1963] - Arquitectura Integrada? In: *Arquitectura(s) – História e Crítica, Ensino e Profissão*. Porto: FAUP Publicações, 2005, pp. 25-31.

PORTAS, Nuno [1970] - Raúl Lino. Uma Interpretação Crítica da sua Obra de Arquitecto e Doutrinador. In: PORTAS, Nuno - PORTAS, Nuno -

Arquitectura(s) – História e Crítica, Ensino e Profissão. Porto: FAUP Publicações, 2005, pp. 276-287.

PORTAS, Nuno, MENDES, Manuel - *Arquitecturas. História e Crítica, Ensino e Profissão*. Porto: FAUP Publicações, 2005.

PORTAS, Nuno, MENDES, Manuel (eds.) - *Portugal architecture 1965-1990*. Paris: Editions Moniteur, 1992.

PORTAS, Nuno, MENDES, Manuel. (eds.) - *Portugal Architecture 1965-1990*. Milão: Electa, 1991.

QUINTAS, José M. - *Filhos de Ramires: As origens do Integralismo Lusitano*. Lisboa: Editorial Nova Ática, Lisboa, 2004.

RAMALHO, Pedro [1980] - *Itinerário*. Porto: FAUP Publicações, 1989.

RAMOS, Rui J. G. - *A Casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*. Porto: Faculdade de Arquitectura Universidade do Porto (FAUP) Publicações, 2010.

RAMOS, Rui J. G. - A formulação da descontinuidade na crítica de arquitectura contemporânea ou a transitoriedade da tradição. In: AAVV - *Actas dos Encontros do CEAA/7: Apropriações do Movimento Moderno*, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques, 23 a 25 de Jun., 2011. Porto: CEAA-Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2011, pp. 258-278.

RAMOS, Rui J. G. - A perspectiva das coisas. Raul Lino em Cascais. In: *Monumentos. Cidades / Patrimónios / Reabilitação*, 31. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2011, pp. 106-121.

RAMOS, Rui Jorge Garcia - «Produções correntes» em arquitectura: a porta para uma diferente gramática do projecto do início do século XX. In: *NW noroeste. Revista de História*, no 1, 2005, pp. 53-80.

RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A Casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade século XX português*. Porto: FAUP Publicações, 2010.

RAMOS, Rui Jorge Garcia - Disponibilidade moderna na arquitectura doméstica de Raul Lino e Ventura Terra na abertura do século XX. In: MESQUITA, Marieta Dá (coord.) - *Revistas de Arquitectura: Arquivo(s) da Modernidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2011, pp. 78-111.

RAMOS, Rui Jorge Garcia - Ser moderno em 1900: a arquitectura de Ventura Terra e Raul Lino. In: *Actas do Colóquio Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, o Edifício Chiado em Coimbra*. 22 a 23 de Outubro de 2009]. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2010, pp. 15-31.

RAMOS, Rui, 1993 - A invenção de Portugal. In: MATTOSO, José (dir.) - *História de Portugal*. A Segunda Fundação 1890-1926, vol. 6. Lisboa: Estampa, pp. 565-595.

REAL, Miguel - *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011.

RIBEIRO, Ana Isabel de Melo - *Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953*. Porto: FAUP, 2002.

RIBEIRO, Irene - Raul Lino – Nacionalismo e Pedagogia. In: *Revista da Faculdade de Letras (ISPA)*, Vol.11, 1994, pp. 341-351.

RIBEIRO, Irene - *Raul Lino. Pensador Nacionalista da Arquitectura*. Porto: FAUP Publicações, 1994.

RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Coimbra Editora, 1945.

RIBEIRO, Orlando [1961] - *Geografia e Civilização*. Temas Portugueses. 4ª edição. Letra Livre, 2013.

RODEIA, João Belo - Património arquitectónico contemporâneo na construção da paisagem. In: AAVV - *IAP XX Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa : OA-CDN, 2006, p. 67-68.

RODOLFO, João de Sousa - *Luís Cristino da Silva e a Arquitectura Moderna em Portugal*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

RODRIGUES, António Jacinto - *Teoria da Arquitectura: o Projecto como Processo Integral na Arquitectura de Álvaro Siza*. Porto: FAUP Publicações, 1996.

RODRIGUES, António Jacinto - *Álvaro Siza: Obra e Método*. Porto: Civilização, 1992.

RODRIGUES, José Manuel (coord.) - *Teoria e Critica de Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Caleidoscópio, 2010.

RODRIGUES, José Miguel - *O mundo ordenado e acessível das formas da Arquitectura. Tradição Clássica e Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa: dois exemplos*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva | Edições Afrontamento, 2013.

ROSAS, Fernando - O Estado Novo (1926-1974). In: MATTOSO, José (direcção) - *História de Portugal*, vol. 7. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

ROSAS, Fernando - O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. In: *Análise Social – Revista do Instituto de*

Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, vol. XXXV (157), 2001, pp.1031-1054.

ROSAS, Fernando, BRITO, J. M. Brandão de (direcção) - *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa: Bertrand Editora, 1996 (2 volumes).

ROSETA, Helena - Em busca da Arquitectura Portuguesa do Século XX. In: AAVV - *IAP XX Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa : OA-CDN, 2006, p. 11-15

SAFRAN, Yehuda - Connoisseurs do Caos: Notas sobre a geração emergente de arquitectos em Portugal. In: GADANHO, Pedro, PEREIRA, Luís Tavares (coord.) - *Influx: arquitectura portuguesa recente*. Lisboa: Civilização, 2003, p. 12-14.

SANTOS, Alfredo R. - *A Renascença Portuguesa: um Movimento Cultural Portuense*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 1990.

SEABRA, N. Miguel - A reflexividade da ‘realidade’: itinerários para uma aprendizagem pelo projecto. In: AAVV - *Joelho, n.º 4 – Revista de cultura arquitectónica (série II) – Ensinar pelo Projeto / Teaching through Design*. Coimbra: E/D/Arq. Coimbra, Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2013, pp. 56-59.

SEABRA, N. Miguel - Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza. In: AAVV - *Sebentas d’Arquitectura. Revista do Dep. de Arq. da Univ. Lusíada de Lisboa*, nº. 6 – A Cidade. Lisboa: Editora Universidade Lusíada, 2011, pp. 107-116.

SEABRA, N. Miguel - *Itinerários de um pensamento projetual ‘composto’ na contemporaneidade portuguesa: da reflexividade de uma ‘realidade’*. In: Actas do Colóquio Internacional Arquitetura Popular. Conceitos e expressões. Valores culturais, sociais e económicos’. Casa das Artes, Arcos de Valdevez, de 3 a 6 Abr. de 2013, pp. 102-103.

SEABRA, N. Miguel, SPENCER, Jorge - Context, Identity and Architectural Design Thinking. Álvaro Siza’s ‘Bairro da Malagueira. In: CASAKIN, Hernan, BERNARDO, Fátima (eds.) - *The Role of Place Identity in the Perception, Understanding, and Design of Built Environments* (eBook), Bentham Science Publishers, 2012, pp. 194-208.

SILVA, Agostinho da - *Vida Conversável*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1994.

SILVA, Augusto Santos - *Tempos Cruzados. Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

SILVA, Luiz Cristino da - O regionalismo e a arquitectura: Casa do Exmo. Sr. Joaquim Paulo Rodrigues. In: *Arquitectura*, Ano I, n.º 5, Lisboa Mai. 1927, pp. 66-67.

SINCERO, João - Casa Portuguesa. Renovação na Architectura Nacional. In: *Serões - Revista Mensal Ilustrada*, vol. 11, nº. 10, 1.^a Série, Mar. 1902, pp. 209-216.

SIZA, Álvaro - Entretien avec Alvaro Siza. In: *Architecture mouvement continuité (AMC)*, n.º 44, Paris, 1978, pp. 31-43.

SIZA, Álvaro, CASTANHEIRA, Carlos - *As cidades de Álvaro Siza*. Lisboa: Figueirinhas, 2001.

SOBRAL, José Manuel - A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos e o caso português. In: *Análise Social*, nº. XXXVII (165), 2002, pp. 1093-1126.

SOBRAL, José Manuel - Da casa à nação: passado, memória, identidade", In: *Etnográfica*, vol. III (1), 1999, pp. 71-86.

SOBRAL, José Manuel - O Norte, o Sul, a raça, a nação: representações da identidade nacional portuguesa (séculos XIX-XX). In: *Análise Social*, vol. XXXIX, 171, 2004, pp. 255-284.

SOUSA SANTOS, Boaventura de - O estado, as relações salariais e o bem-estar social na semiperiferia: o caso português. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de (org.) - *Portugal: Um retrato singular*. Porto: Afrontamento, 1993, pp. 17-56.

SOUTO, Maria H. - *Portugal nas Exposições Universais 1851-1900*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

TAINHA, Manuel - *Textos do Arquitecto*. Lisboa: Estar Editora, 2000.

TAMEN, Pedro, et al. - *Mário Novais. Exposição do Mundo Português 1940*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

TAVARES, André - O salto. In: TAVARES, André, BANDEIRA, Pedro (eds.) - *Só nós e Santa Tecla*. Porto: Dafne, 2008, pp. 35-48.

TAVARES, André, BANDEIRA, Pedro (eds.) - *Só nós e Santa Tecla*. Porto: Dafne, 2008.

TAVARES, Domingos - *Da Rua Formosa à Firmeza*. Porto: FAUP publicações, 1985.

TÁVORA, Fernando - As raízes e os frutos (entrevista de Lurdes Féria). In: *Diário de Lisboa*, 3 de Julho de 1986, pp. 12-13.

TÁVORA, Fernando - Casa em Ofir. In: *Arquitectura*, 3.^a série, nº. 59, jul. de 1957, p. 10-13.

TÁVORA, Fernando - Conversaciones en Oporto. In: *Arquitectura - Revista do Colegio Oficial dos Arquitectos de Madrid*, n.º 261, Jul/Ago. 1986, pp. 22-28.

TÁVORA, Fernando - Homenagem a Siza Vieira. In: *J-A. Jornal Arquitectos*, nº. 112-113, Jun./Jul. 1992, p. 34.

TÁVORA, Fernando - O Encontro de Royaumont. In: *Arquitectura*, 3ª Série, nº. 79, Jul. 1963, p. 1.

TÁVORA, Fernando - *O problema da casa portuguesa*. Cadernos de Arquitectura n.º 1. Lisboa: Editorial Organizações, L.da, 1947.

TÁVORA, Fernando - O Problema da Casa Portuguesa. In: *ALEO. Boletim das Edições Gama*, n.º 5, série IV, ano IV. Lisboa 10 de Nov. de 1945, p. 10.

TÁVORA, Fernando - Ofir [1957]. In: TRIGUEIROS, Luiz - *Casa de Férias em Ofir*. Lisboa: Editorial Blau, 1992, pp. 2-5.

TÁVORA, Fernando - Pensieri sull'architettura raccolti da Giovanni Leoni con Antonio Esposito. In: *Casabella. Rivista internazionale di architettura*, n.º 678, Maio 2000, pp. 14-17.

TÁVORA, Fernando - Que pensa sobre o desenvolvimento actual da arquitectura no nosso país? In: *A Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação*, ano XLVI, 4ª série, nº. 3-4 de Abr. 1953, pág. 70-71.

TÁVORA, Fernando - *Uma casa sobre o Mar*. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto – CODA, nº. 104 no Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto: ESBAP, 1964.

TÁVORA, Fernando [1962] - *Da Organização do Espaço*. 3ª edição. Porto, FAUP Publicações, 1996.

TÁVORA, Fernando [1993] - Prefácio. In: RIBEIRO, Irene - *Raul Lino. Pensador Nacionalista da Arquitectura*. Porto: FAUP Publicações, 1994, pp. 5-6.

TEIXEIRA JUDICE, António, ARROYO, António (eds.) - *Notas sobre Portugal, Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908*. Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 1909.

TELMO, Cottinelli - Arquitectura Nacional-Arquitectura Internacional. In: AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 61-65.

TELMO, Cottinelli, SILVA, Luís Cristino da - O regionalismo e a arquitectura: Casa do Exmo. Sr. Joaquim Paulo Rodrigues. In: *Arquitectura*: revista mensal, Ano 1, nº. 5, Mai. 1927, pp. 66-69.

TESTA, Peter [1984] - *A Arquitectura de Álvaro Siza*. Porto: FAUP Publicações, 1988.

TORGA, Miguel [1955] - *Traço de União*. 2ª. edição. Coimbra, Coimbra Editora, 1969.

TOSTÕES, Ana - A Ruptura Moderna. In: PEREIRA, Paulo (direcção) - *História da Arte Portuguesa*, 3º vol.. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997, pp. 528-547.

TOSTÕES, Ana - Ecletismo, Revivalismo e a «Casa portuguesa». In: PEREIRA, Paulo (direcção) - *História da Arte Portuguesa*, 3º vol.. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997, p. 507-517.

TOSTÕES, Ana - Modernismo e Arquitectura de Regime. In: PEREIRA, Paulo (direcção) - *História da Arte Portuguesa*, 3º vol.. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997, pp. 517-528.

TOSTÕES, Ana - O Congresso e os “verdes anos” 50. In: AAVV [1948] - *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. [Edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008, pp. 11-22.

TOSTÕES, Ana - Portugal: arquitectura do século XX. In: J-A. *Jornal Arquitectos*, nº. 185, Ago. 1998), pp.12-21.

TOSTÕES, Ana - Sob o signo do inquérito. In: AAVV - *IAP XX Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa : OA-CDN, 2006, pp. 17-36.

TOSTÕES, Ana - Tradição e modernidade ou uma tradição moderna. In: FERNANDES, Fátima; CANATA, Michele (eds.) - *Arquitectura portuguesa contemporânea, 1991-2001*. Porto: Edições ASA, 2001, p. 27-29.

TOSTÕES, Ana - Tradição e modernidade, vanguarda e regionalismo. Keil, Távora e Siza: os protagonistas de 3 gerações ao longo dos anos 50. In: *Colóquio Artes*, nº. 106, Set. 1995, p. 29.

TOSTÕES, Ana - Um composto e uma mistura: homenagem a Fernando Távora. In: J-A. *Jornal Arquitectos*, nº. 220-221, Jul/Dez. 2005), pp. 48-51.

TOSTÕES, Ana (comissária) - *Portugal. Arquitectura do século XX*. Portugal-Frankfurt 97. Frankfurt: Prestel, Deuschest Architektur-Museum. Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1997.

TOSTÕES, Ana (coord. científica) - *1º Congresso Nacional de Arquitectura* (edição fac-similada). Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008.

TOSTÕES, Ana [1994] - *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1997.

TOSTÕES, Ana, - Modernização e regionalismo, 1948-1961. In: BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, WANG Wilfried (organização) - *Portugal: arquitectura do século XX*. Munique: Prestel, 1997, p. 41.

TRIGUEIROS, Luiz (ed.) - *Álvaro Siza, 1954-76*. Lisboa: Editorial Blau, 1997.

TRIGUEIROS, Luiz (ed.) - *Álvaro Siza, 1986-95*. Lisboa: Editorial Blau, 1995.

TRIGUEIROS, Luiz (ed.) - *Casa de Chá da Boa Nova*. Lisboa: Editorial Blau, 1992.

TRIGUEIROS, Luiz (ed.) - *Casa de Férias em Ofir*. Lisboa: Editorial Blau, 1992.

TRIGUEIROS, Luiz (ed.) - *Eduardo Souto Moura*. Lisboa: Editorial Blau, 1996.

TRIGUEIROS, Luiz (ed.) - *Fernando Távora*. Lisboa: Editorial Blau, 1993.

TRIGUEIROS, Luiz (ed.) - *Raul Lino*. Lisboa: Editorial Blau, 2003.

VASCONCELOS, Joaquim de - Arte Decorativa Portuguesa. In: TEIXEIRA JUDICE, António, ARROYO, António (eds.) - *Notas sobre Portugal, Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908*. Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 1909, pp. 179-208.

VASCONCELOS, Joaquim de - Arte Decorativa Portuguesa. In: TEIXEIRA JUDICE, António, ARROYO, António (eds.) - *Notas sobre Portugal, Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908*. Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 1909, pp. 179-208.

VIEIRA, Álvaro Siza - Arquitectura em debate – Aveiro 79. In: *Arquitectura*, n.º133, (4ª série) Jun./Jul., 1979, p. 51.

VIEIRA, Álvaro Siza - Depoimento/2. In: *ArChitécti*, n.º. 1, Fev. 1989, pp. 26-31.

VIEIRA, Álvaro Siza - Entretien avec Álvaro Siza. In: *Architecture mouvement continuité (AMC)*, n.º 44, 1978, pp. 31-43.

VIEIRA, Álvaro Siza - *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000.

VIEIRA, Álvaro Siza - Plano de Pormenor para a Zona da Malagueira – Évora. In: *Arquitectura*, n.º.132, 4ª série, Fev./Mar. 1979, pp. 34-49

VIEIRA, Álvaro Siza - Um arquitecto foi chamado. In: MURO, Carles (ed.) - *Álvaro Siza. Escrits. Aula d'Arquitectura 07*. Barcelona: Edicions Universitat Politècnica de Catalunya (UPC), 1995, p. 17.

VIEIRA, Aníbal S. A. - Criação na tradição. In: *Binário*, n.º. 43, Abr. 1962, p. 244

VIERA, Álvaro Siza – Entrevista com José Romano e João Afonso. In: *A21. Arquitectura 21- Sizaless*, nº. 9, Jan./Fev. 2010, pp. 20-27.

VILLANOVA, Roselyn de, LEITE, Carolina, RAPOSO, Isabel - *Casas de Sonhos. Emigrantes Construtores no Norte de Portugal*. Lisboa: Edições Salamandra, 1995.

VITERBO, Sousa [1899] - A casa portuguesa: anotações artísticas e archeologicas. In: *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes*. Lisboa: Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. Ano/vol. XII, n.º 12, 5.ª Série, Out.-Dez. 1912, pp. 567.

WANG, Wilfried - A arquitectura do século XX em Portugal: a modernidade como fonte de orgulho e melancolia. In: AAVV - *IAP XX Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa : OA-CDN, 2006, p. 39-50.

Catálogos

3ª Trienal Arquitectura - *A Arquitectura e paisagem*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1998.

AAVV - *Lugares da Arquitectura Europeia*. Catálogo da exposição. Roma: Carte Segrete, 1989.

AAVV - *Onze architectos do Porto, Imagens recentes*. Catálogo da exposição. Lisboa/SNBA 15 a 30 de Abr., Porto/Árvore 6 a 18 de Maio. Porto: Livraria Leitura, 1983.

Álvaro Siza, *Obras e Projectos*. Centro Galego de Arte Contemporânea e Fundação das Descobertas. Lisboa: Centro Cultural de Belém / Electa, 1996.

Architecture of the San Francisco Bay Region. The San Francisco Museum of Art. Catálogo de exposição. São Francisco: The San Francisco Museum of Art, 1949.

BANDEIRINHA, José António (ed.) - *Fernando Távora Modernidade Permanente*. Catálogo da exposição. Porto: CASA DA ARQUITECTURA, 2012.

BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried (org.) - *Portugal - Arquitectura do Século XX*. Frankfurt: Deutsches Architektur-Museum, Prestel, 1997

Carlos Ramos. *Exposição retrospectiva da sua obra*. Catálogo da exposição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

CREMASCOLI, Roberto (curadoria) - *Porto Poetic*. Catálogo da exposição. Porto: Ordem dos Architectos. Secção Regional Norte, 2013.

DIAS, Ana Silva (c ordenação) - *2ª Exposição Nacional de Arquitectura Anos 80*. Associação dos Arquitectos Portugueses, Sociedade Nacional de Belas-artes Abril 1989, Lisboa: Organização Conselho Directivo Regional Sul – AAP, 1989.

DIAS, Ana Silva, et al. (c ordenação) - *Terceira Exposição Nacional de Arquitectura. 1985-1992*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1992.

DUARTE, Carlos (comissário) - *Tendências da Arquitectura Portuguesa*. Catálogo da exposição. Lisboa: Trama, 1989.

FERNANDES, José Manuel (comissário) - *Anos 60, Anos de Ruptura – Arquitectura Portuguesa nos Anos Sessenta*. Catálogo da exposição. Lisboa: Sala do Risco, Capital Europeia da Cultura, Livros Horizonte, 1994.

GADANHO, Pedro (ed.) - *Habitar Portugal 2006/2008*. Lisboa: Editora Caleidoscópio, 2009.

HITCHCOCK, Henry-Russell, JOHNSON, Philip (organização) - *Modern Architecture International Exhibition*, New York Feb. 10 To March 23. Catálogo da exposição. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1932.

JOHNSTON, Pamela (ed.) - *Dimitris Pikionis, architect 1887-1968: a sentimental topography*. Catálogo de exposição (com o mesmo nome na *Architectural Association*, de 6 Junho a 4 Julho de 1989). Londres: Architectural Association, 1989.

MENDES, Manuel, PORTAS, Nuno - *Arquitectura Portuguesa Contemporânea. Anos Sessenta - Anos Oitenta*. Porto: Fundação de Serralves, 1991.

MILHEIRO, Ana Vaz (coord.) - *Habitar Portugal 2003/2005*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006.

Onze arquitectos do Porto, Imagens recentes. Catálogo da exposição. Porto: Leitura, 1983.

PEREIRA, Michel Toussaint Alves, et al. (c ordenação) - *Quarta Exposição Nacional de Arquitectura*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1997.

Points de Repère: Architectures du Portugal/Referentiepunten: Bouwen in Portugal, Eurolia 91. Portugal. Catálogo da exposição. Bruxelas: Fondation pour L'Architecture, 1991.

QUEIROZ, Manuel, et al. (organização) - *1ª exposição Nacional de Arquitectura 1975-1985*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1986.

Raul Lino: Exposição Retrospectiva da sua Obra. Catálogo da exposição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

Serpa, Luís (coord.) - *Depois do Modernismo*. 7 a 30 Jan. Catálogo da exposição. Lisboa: Depois do Modernismo, 1983.

Trienal Arquitectura – *A Arquitectura em Manifesto*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1990.

Dicionários

ABBAGNANO, Nicola [1971] - *Dicionário de Filosofia*. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAUD, Pascal, et al. [1997] - *Dicionário de Geografia*. Lisboa: Edições Plátano, 1999.

COELHO, Jacinto do Prado (direcção) [1960] - *Dicionário de Literatura portuguesa, brasileira, galega e estilística literária*. 3ª edição. Porto: Edição Livraria Figueirinhas, 1978 (5 volumes).

HOUAISS, António, VILLAR, Mauro de Sales, FRANCO, Francisco - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002 (6 volumes).

Dissertações

ALVES, Vera Marques - «*Camponeses Estetas*» no Estado Novo: *Arte Popular e Nação na Política Folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional*. Tese de Doutoramento em Antropologia [texto policopiado] Lisboa: Departamento de Antropologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2007.

BELCHIOR, Lucília dos Santos - *Karl Albrecht Haupt (1852-1932) e o 'Desenho de Viagem'. O Registo dos Monumentos Nacionais: Compreensão Arquitectónica e Fruição Estética*. Tese de Doutoramento em História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3192>. Acesso em: 11 de Agos. 2012.

CALADO, Maria, – *A cultura arquitectónica em Portugal 1880-1920: tradição e inovação*. Tese de Doutoramento [texto policopiado]. Lisboa: Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, 2003.

DUARTE, José Pinto - *Customizing Mass Housing: A Discursive Grammar for Siza's Malagueira houses*. Ph.D. Thesis [texto policopiado]. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology (MIT), Cambridge, 2001.

FARIAS, Hugo José - *La Casa : Experimento y matriz : La Casa de Ofir (1958), de Fernando Távora, y la Casa de Vila Viçosa (1962), de Nuno Portas y Nuno Teotónio Pereira, en el proceso de revisión crítica de la arquitectura moderna en Portugal*. Tese de Doutoramento em Arquitectura. Madrid: E.T.S.

Arquitectura. Universidad Politécnica de Madrid, 2011. Disponível em: <http://oa.upm.es/10428/>. Acesso em: 4 de Jun. 2012.

FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral Santos - *A escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de escola*. Tese doutoramento em Arquitectura, Área de conhecimento em Teoria e Projecto. [texto policopiado]. Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2011.

FIGUEIRA, Jorge - *A periferia perfeita: pós-Modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60 - anos 80*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/10228>. Acesso em: 23 de Nov. 2011.

FU, Chao-Ching - *REGIONAL HERITAGE AND ARCHITECTURE – a critical regionalist approach to a new architecture for Taiwan*. Ph.D. Thesis Edimburgo: University of Edimburgo, 1990. Disponível em: <https://www.era.lib.ed.ac.uk/handle/1842/8372> Acesso em: 23 de Out. 2012.

GALVÃO, Andreia - *A Caminho da Modernidade: a travessia portuguesa, ou o caso da obra de Jorge Segurado como exemplo de complexidade e contradição (1920-1940)*. Tese de doutoramento [texto policopiado]. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2003.

HIPÓLITO, Fernando - *Atmosferas. El Sitio y el Proyecto de Arquitectura: 5 Obras en Portugal, Lectura Según una Teoría de la Sensibilidad*. Tese de Doutoramento em Arquitectura [texto policopiado]. Barcelona: Escuela Técnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, 2003.

MACHADO, Carlos Manuel de Castro Cabral – *Anonimato e Banalidade: Arquitectura popular e arquitectura erudita na segunda metade do século XX em Portugal*. Tese de Doutoramento [texto policopiado]. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 2006.

MONIZ, Gonçalo Canto - *O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas Artes em Portugal (1931-69)*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18438/1/GCM-V1-20120301.pdf>. Acesso em: 23 de Jun. 2012.

OLLERO, Rodrigo - Letter to Raul Lino. Cultural identity in portuguese architecture. The "inquérito" and the architecture of the protagonists in the 1960's. Ph.D. Thesis [texto policopiado]. Salford: School of Construction and Property Management, University of Salford, 2001. Disponível em: <http://usir.salford.ac.uk/2165/>. Acesso em: 18 de Agosto 2012.

PEDROSA, Patrícia Santos - *Habitar em Portugal nos anos 1960: ruptura e antecedentes. Um caminho pelo interior do discurso*. Tese de Doutoramento em Projects Architectònics [texto policopiado]. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2010.

PEREIRA, Michel Toussaint Alves - *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*. Dissertação de Doutoramento em Teoria da Arquitectura. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/1411>. Acesso em: 4 de Jun. 2012.

PRISTA, Marta - *Discursos sobre o passado: Investimentos patrimoniais nas Pousadas de Portugal*. Tese de doutoramento em Antropologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/6263>. Acesso em: 7 de fev. 2013.

RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa: mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. Tese de Doutoramento em Arquitectura [texto policopiado]. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004.

SEABRA, Nuno Miguel - *Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza*. Dissertação de Mestrado em Teoria de Arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2006.

SILVA, Maria T. M. Madeira da - *O Lugar arquitectónico: um modelo teórico de interpretação*. Tese de Doutoramento em Arquitectura [texto policopiado]. Lisboa: Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2008.

ZÚQUETE, Ricardo - *Ensaio sobre Habitação Social, Portugal 50/80. Uma análise dialógica*. Tese de Doutoramento em Arquitectura [texto policopiado]. Barcelona: Universidad Politécnica de Cataluña (UPC), 2000.

NEVES, Victor - *Espacio y poética en la arquitectura portuguesa contemporánea de los años 70 a 90*. Tese de Doutoramento em Arquitectura [texto policopiado]. Barcelona: Universidad Politécnica de Cataluña (UPC), 1999.

ROSA, Edite Maria Figueiredo e - *ODAM: Valores Modernos e a Confrontação com a Realidade Produtiva*. Tese de Doutoramento. Barcelona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, 2005. Disponível em: <http://www.tesisenred.net/handle/10803/6819>. Acesso em: 13 de Jun. 2011.

Recursos electrónicos

AGAREZ, Ricardo, MOTA, Nelson - *Regionalism redivivus: um outro olhar sobre um tema persistente*. In: *Arte Capital – Magazine Online*, 2012.10.29.

Disponível em:

http://www.artecapital.net/arq_des-90--regionalism-redivivus-um-outro-olhar-sobre-um-tema-persistente

ALMEIDA, Pedro Vieira de, MAIA, Maria Helena (investigadores responsáveis) - *A "Arquitectura Popular em Portugal". Uma Leitura Crítica*. Grupo de Investigação (FCT: PTDC/AUR-AQI/099063/2008 – COMPETE: FCOMP-01-0124-FEDER-008832). CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo.

Disponível em:

<http://www.ceaa.pt/a-arquitectura-popular-em-portugal-uma-leitura-critica/>

Acesso em: 18 de Agosto 2012.

BAUDRILLARD, Jean - THE GLOBAL AND THE UNIVERSAL.

Disponível em:

<http://www.egs.edu/faculty/jean-baudrillard/articles/the-global-and-the-universal/>. Acesso em: 12 Out. 2012.

BRITO, Thiago - A metamorfose do conceito de região: leituras de Milton Santos. In: *GEOgraphia - Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, volume 10, nº. 20, Niterói, 2008.

Disponível

em:

<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/268>

Acesso em: 28 Out. 2012

Comité des travaux historiques et scientifiques. Section des sciences économiques et sociales (ed. científico), FOVILLE, M. Alfred de (prefácio) - *Enquête sur les conditions de l'habitation en France. Les maisons-types*. Paris: Ernest Leroux (ed.), 1894 (Tomo I), 1899 (Tomo II).

Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k753202>

Acesso: 21 Out. 2012.

COSTA, Alexandre Alves - *A obra de Fernando Távora, Um caso de coerência conceptual e pedagogia*. Coimbra: Rua Larga, no 20. FCTUC.

Disponível em:

http://www.uc.pt/fctuc/deec/rualarga/anteriores/RL20/20_07/print

Acesso em: 14 Janeiro 2013.

FAÉ, Geneviève - Regionalidade em Simões Lopes Neto: fortuna crítica. In: *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), s. 2, ano 8, nº. 8, 2011, p. 10.

Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3691>

Acesso em: 19 Out. 2012.

FERNANDES, José Manuel – *A Arquitectura em Portugal nos anos 1930-40: Do "Modernismo" ao "Estado Novo": Heranças, Conflitos, Contextos*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2005.

Disponível em: <http://upcommons.upc.edu/revistes/handle/2099/2364>

Acesso em: 1 de Junho 2013.

FIGUEIREDO, Ricardo - *Exposição do Mundo Português 3*.

Disponível em: <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/05/exposicao-do-mundo-portugues-3.html>. Acesso em: 14 Abr. 2012.

GONÇALVES, José Fernando – A viagem na Arquitectura Portuguesa do século XX.

Disponível em: <http://resdomus.blogspot.pt/2011/05/viagem-na-arquitectura-portuguesa-do.html>. Acesso em: 1 de Junho 2013.

LEAL, João - Da arte popular às culturas populares híbridas. In: *Resdomus*. Porto: Grupo de Investigação Atlas da Casa, Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da FAUP, 2009.

Disponível em: <http://resdomus.blogspot.com/2009/09/da-arte-popular-as-culturas-populares.html>. Acesso: 12 Fev. 2012.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - LEWIS MUMFORD'S REGIONALISM. In: *Design Book Review*, nº. 19, Inverno de 1991, pp. 20-25.

Disponível em: <http://www.tzonis.com/dks/dks/publications/onlinepublications/1991-d...> Acesso em: 10 Jun. 2012.

LEFAIVRE, Liane, TZONIS, Alexander - Syncretism and the Critical Outlook in Le Corbusier's Work.

Disponível em: <http://tzonis.com/dks/dks/publications/onlinepublications/1985-ad-intro-syncretism.htm>. Acesso em: 2 Out. 2012.

HAESBAERT, Rogério - *Região: trajetos e perspectivas*. Primeira Jornada de Economia Regional Comparada, FEE-RS, Porto Alegre, 4.10.2005, p. 2.

Disponível em: <http://www.fee.tcche.br/sitefee/download/jornadas/2/e4-11.pdf>
Acesso em: 25 Out. de 2011.

HAESBAERT, Rogério - Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. In: *Antares, Letras e Humanidades, Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul*, nº. 3 - Jan/Jun 2010.

Disponível em:
<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/416/360>
Acesso em: 23 Out. 2012.

KHONDKER, Habibul Haque - Glocalization as Globalization: Evolution of a Sociological Concept. In: *Bangladesh e-Journal of Sociology*. Vol. 1, nº. 2, Jul., 2004.

Disponível em:
<http://web.archive.org/web/20051210071702/http://www.bangladeshsociology.org/Habib%20-%20Glocalization.htm>. Acesso em: 25 Abr. 2012.

KRIER, Léon - *Tradition -- Modernity -- Modernism: some necessary explanations*.

Disponível em: <http://zakuski.utsa.edu/krier/tradition.html>. Acesso em: 28 Out. 2012.

MAIA, Maria H.; CARDOSO, Alexandra - *O Inquérito a Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal*.

Disponível em:

http://www.academia.edu/2224820/O_Inquerito_a_Arquitectura_Regional_contributo_para_uma_historiografia_critica_do_Movimento_Moderno_em_Portugal

Acesso em: 16 de Maio 2012.

MATOS, Madalena Cunha, RAMOS, Tânia Beisl - Um Encontro, Um Desencontro. Lúcio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos. In: AAVV - *O Moderno já Passado. O Passado no Moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitectura*. Anais do 7o seminário do do.co.mo.mo – Brasil, Porto Alegre: 22 a 24 Outubro, 2007.

Disponível em:

<http://www.docomomo.org.br/seminario%207%20pdfs/034.pdf>

Acesso em: 7 Abr. 2012.

MILHEIRO, Ana Vaz - *Prefácio em Habitar em Colectivo: Arquitectura Portuguesa antes do S.A.A.L.* Lisboa: Departamento de Arquitectura e Urbanismo, ISCTE I IUL, 2009.

Disponível em:

http://www1.ci.uc.pt/cd25a/media/Pdf/catalogo_habitar_em_colectivo.pdf

Acesso em 16 Maio 2012.

MOTA, Nelson - Quando o mito da Intocável Virgem Branca se desfez. In: *Vitruvius*, n.º 13, Junho 2012.

Disponível em:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.145%20/4382>

Acesso em: 11 Janeiro 2013.

PINTO, Paulo Tormenta - *Habitar em Colectivo: Arquitectura Portuguesa antes do SAAL*. Lisboa: Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE | IUL, 2009.

Disponível em:

http://www1.ci.uc.pt/cd25a/media/Pdf/catalogo_habitar_em_colectivo.pdf

Acesso em: 16 Maio 2012.

POZENATO, José Clemente - *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Educs – Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2003, p. 4.

Disponível em: http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/artigo_pozenato.pdf

Acesso em: 19 Out. 2012.

RAMOS, Rui Jorge Garcia - *Identidade e arquitetura: uma leitura da questão habitacional na primeira metade do século XX português*. Aula integrada na unidade curricular Cultura e Habitar do curso de doutoramento do Programa de Doutoramento em Arquitetura, Terceiro Ciclo de Estudos, da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (conforme previsto no Decreto-Lei no

239/2007 de 19 de Junho para a atribuição do título académico de agregado no ramo do conhecimento de Arquitectura pela Universidade do Porto).

Disponível em: <http://tinyurl.com/mb8tt9m>. Acesso em: 28 Jul. 2013.

BRITO, Thiago - A metamorfose do conceito de região: leituras de Milton Santos. In: *GEOgraphia - Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, volume 10, nº. 20, Niterói, 2008.

Disponível em:

<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/268>.

Acesso em: 28 Out. 2012.

SANTOS, Rafael José dos - Regionalidade, literatura e pensamento social. In: *Cenários*. Porto Alegre, volume 1, nº. 3, 1º semestre, 2011.

Disponível em:

<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/viewFile/320/201>

Acesso em: 23 Out. 2012.

SANTOS, Rafael José dos - Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. In: *Antares, Letras e Humanidades, Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul*, nº2, jul-dez 2009, pp. 2-26.

Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/399/328>

Acesso em: 23 Out. 2012.

TAVARES, Maria - *Uma perspectiva estratégica [nos anos 50 e 60 em Portugal]*. Porto: FAUP, 2010.

Disponível em:

<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56330/2/2865.pdf>

Acesso em: 10 de Maio 2012.

TORMENTA, Paulo - *Fernando Távora: Do problema da casa portuguesa à casa de Ofir*.

Disponível em:

<http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCkQFjA>

[A&url=http%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F4019373.pdf&ei=ER3kUeSSBIXT7Abok4GADQ&usg=AFQjCNHNoe-VAGcdZLqOSSCGbOUr7O_NcA&sig2=nYJUJ2e3MpLCsvkAT4ZvPw&bvm=bv.48705608,d.ZGU](http://www.dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=737373&url=http%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F4019373.pdf&ei=ER3kUeSSBIXT7Abok4GADQ&usg=AFQjCNHNoe-VAGcdZLqOSSCGbOUr7O_NcA&sig2=nYJUJ2e3MpLCsvkAT4ZvPw&bvm=bv.48705608,d.ZGU). Acesso em: 1 Fev. 2012.

VASCONCELOS, José Leite de - *Historia do museu etnologico português*. Lisboa, Imprensa nacional, 1915.

Disponível em: <http://www.archive.org/details/historiadomuseue00vasc>

Acesso em: 20 Set. 2012.

WELTER, Volker M. - CIAM, Team X, and the Influence of Patrick Geddes. Five Annotations. In: *The English Crucible - CIAM Team 10, the English context*. (Papers from a report on the expert meeting, Faculty of Architecture, TU Delft, November 5th 2001).

Disponível em: <http://www.team10online.org/research/papers/delft1/welter.pdf>
Acesso em: 01 Out. 2011.

RAMOS, Rui Jorge Garcia - Casa Portuguesa. Porto, 2011.

Disponível em:

http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CC0QFjAC&url=http%3A%2F%2Fsigarra.up.pt%2Ffaup%2Fpt%2Fpubls_pesquisa.show_publ_file%3Fpct_gdoc_id%3D3216&ei=ezC5VKC3BYK0UbjqgYgP&usg=AFQjCNGW6xRQPmGB00pesk JrV__Gam-e7A&bvm=bv.83829542,d.d24. Acesso em: 23 Out. 2012.

OLIVEIRA, A. Paulo Dias - Leão Ramos Ascensão e o Integralismo Lusitano. In: *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. 29, 2012.

Disponível em: <http://cultura.revues.org/1154> ; DOI : 10.4000/cultura.1154
Acesso em: 23 Nov. 2013.

Ministério das Obras Publicas. Gabinete do Ministro. Decreto-Lei nº 40.349 de 19 de Outubro de 1955.

Disponível em:

<https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1955/10/22700/09030904.pdf>
Acesso em: 23 Nov. 2012.

Índice onomástico

A

Aalto

Alvar, 116, 238, 366

Aires Mateus, 251

Almeida,

Pedro Vieira de, 25, 167, 363, 375

Alofsin

Anthony, 79, 80, 81, 102, 124

Amaral

Francisco Keil do, 220, 229, 239, 351, 357, 377, 383

Antonakakis

Dimitris, 71, 83, 85, 85, 94, 95, 118

Susana, 71, 83, 84, 85, 86, 94, 95, 118

Araújo

Arnaldo, 230

Arendt,

Hannah, 139

Aristóteles, 154

B

Barr Jr.

Alfred H. Barr Jr, 115

Barragán

Luis, 125, 141

Barreira

João Baptista, 191, 192

Blake

Peter, 116

Bonito

Mário, 220, 221, 226

Botelho

Abel Acácio de Almeida, 189

Botta

Mario, 125

Bourdieu

Pierre, 44, 47, 49, 58

Branco

Cassiano Viriato, 216

Brecht

Bertolt, 153

Breuer

Marcel, 116

Burckhardt

Lucius, 81, 82

C

Camões

Luís Vaz de, 171

Canclini

Néstor García, 124

Canizaro

Vicent, 63, 64, 65

Certeau

Michel de, 57

Colquhoun

Alan, 64, 118

Constantinidis

Aris, 92,94

Cordech

José Antonio, 91

Costa

Alexandre Alves, 23, 24, 239

Ricardo Severo da, 189, 190, 191, 192

Cunha

Luiz Sarmiento Carvalho e, 238, 365

D

D'Almeida

José Fialho, 193, 194, 195,196

Dias

Carlos Alberto Carvalho, 231

José Joaquim, 230

Duarte

Carlos, 373

E

Eyck

Aldo van, 91

F

Fernandez

Sérgio, 218, 230, 342, 344

Ferro

António, 211, 217

Figueiredo

José de, 176, 178, 179, 180, 188, 278, 341, 367

Filgueiras

Octávio Lixa, 230

Frampton

Kenneth, 24, 25, 71, 94, 95, 97, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 149, 150, 154, 258, 259, 342, 353, 391

Frémont

Armand, 44

G

Geddes

- Patrick, 108, 110, 111
- Godinho
- Januário, 238
- Gordon
- Ricardo Bak, 251
- Goussi-Desylla
- Eleni, 86
- Gropius
- Walter, 115
- Gutheim
- Frederick, 116
- H**
- Haesbaert
- Rogerio, 44, 52, 56
- Hamlin
- Talbot, 116
- Harris
- Harwell Hamilton, 52, 117, 188
- Hartshorne
- Richard, 44
- Haupt
- Karl Albrecht, 180
- Heidegger
- Marrin, 128, 135, 136, 137, 138, 139, 140
- Hitchcock
- Henry-Russell, 115
- Husserl
- Edmund, 96
- I**
- Ignotus, 197
- J**
- Jameson
- Frederic, 122
- K**
- Kallmann
- Gerhard, 116
- Kluber
- George, 23
- Koch
- Carl, 116
- L**
- Le Corbusier, 116, 238, 338
- Leal
- João, 172, 174, 219
- Lefaivre
- Liane, 24, 63, 68, 71, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 102, 118, 121, 124, 129, 131, 141, 144, 151, 153, 154, 157, 163, 167, 258, 259, 260, 261, 340, 343
- Lima

- Alfredo Viana da, 231, 238
- Lino
- Raul, 180, 181, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 216, 356, 365
- Lopes
- Nuno Ribeiro, 246
- Lowe
- Donald M., 128
- M**
- Martins
- Raúl, 24
- Moles
- Abraham, 124
- Moneo
- Rafael, 118
- Monteiro
- Emídio de Brito, 186
- Mumford
- Lewis, 70, 79, 80 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 144, 221, 226, 258
- Nelson
- George, 115
- Neves
- Alberto, 231
- Henrique José das, 182, 183, 185, 192, 194, 197
- Nunes
- Adelino, 202
- O**
- Oliveira
- Ernesto Veiga de, 228
- Francisco de Paula e, 182
- Ortigão
- Ramalho, 162, 199
- P**
- Pacheco
- Duarte José, 217
- Papadakis
- Andrea Constantine, 118
- Peixoto
- António Augusto da Rocha, 189, 190, 191
- Pereira
- Gabriel Victor do Monte, 186, 188, 194
- Nuno Teotónio, 209, 225, 351
- Pikionis
- Dimitris, 90, 91, 92, 93, 94
- Pinheiro
- Raphael Bordalo, 193
- Portas
- Nuno, 240, 241, 243

R

Ramos

Carlos, 202, 360

Regaleira

Vasco de Moraes Palmeiro, 202

Ribeiro

Orlando, 228

Richardson

Henry Hobson, 103, 105

Ricoeur

Paul, 121, 122, 133, 145

Rohe

Mies van der, 238

Roncayolo

Marcel, 44, 45, 46

Rosa

Fernando Baeta Bissaya Barreto, 216

S

Santos

Milton, 44, 50

Severo

Ricardo, 197

Shklovsky

Victor, 153, 154

Silva

Fernando Ribeiro da, 33

João Gomes da, 248

Luís Cristino da, 202, 355, 356, 360, 361, 373, 374

Sincero

João, 186, 187, 188

T

Taíinha

Manuel Mendes, 230

Távora

Fernando, 91, 220, 224, 225, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 333, 334, 338, 352, 353, 357, 365, 373

Telmo

Cottinelli, 220

Terra

Miguel Ventura, 179

Tunnard

Christopher, 115

Tzonis

Alexander, 24, 63, 68, 71, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 118, 121, 124, 129, 131, 144, 151, 153, 154, 157, 163, 167, 258, 259, 260, 261, 340, 343, 354

U

Utzon

Jørn, 125, 132, 141

V

Vasconcelos

Joaquim António de, 191, 192

Vidal de la Blache

Paul, 44, 45, 46

Vieira

Álvaro Siza, 24, 25, 34, 123, 125, 141, 238, 241, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251,
265, 333, 340, 342, 353, 366

Villas-Boas

Fernando Perfeito de Magalhães e Menezes de, 202

W

Walker

Ralph T., 115

Wittgenstein

Ludwig, 97, 98

Wright

Frank Lloyd, 103, 104, 116, 238

Wurster

William Wilson, 79

Z

Zevi

Bruno, 118

Anexo Entrevistas

Sempre que possível, as conversas e/ou entrevistas foram realizadas junto dos arquitectos participantes, num tempo recente, na ‘realidade’ em estudo. Nesse âmbito, foram divididas em dois grupos: as internacionais e as nacionais.

Desses encontros realizados com os arquitectos portugueses são apresentadas sínteses das mesmas, cronologicamente de acordo com a ordem com que foram efectuadas; a entrevista do arquitecto estrangeiro foi gravada em áudio e vídeo⁹⁵⁰.

As perguntas efectuadas intentaram ser amplas e abertas numa conversa para possibilitar que os arquitectos expressassem a sua opinião e esclarecimentos complementares acerca da problemática da investigação. Antes da realização das conversas/entrevistas, foram explicados os objectivos da investigação e assegurado que o conteúdo das mesmas se destina a fins meramente académicos.

⁹⁵⁰ Cf. *Digital Versatile Disc* (DVD) em anexo com a gravação da entrevista a Sir Kenneth Frampton realizada na *Graduate School of Architecture, Planning and Preservation, Avery 403, Columbia University* em Nova Iorque no dia 9 Abr. de 2013.

a. Álvaro Siza Vieira

Atelier Álvaro Siza Vieira

24.07.2012

Porto

N. Miguel Seabra (**NMS**): O que nos traz cá é para si, certamente, um ‘lugar-comum’. Como é que nós, arquitectos, pensamos o projecto? Tomemos como exemplo o texto sobre as ‘mixórdias’, o texto de Távora para a Casa de Ofir. De facto, há ali um reconhecimento de uma forma diferente de estar no pensamento projectual: uns chamam-lhe ‘terceira via’, outros chamam-lhe uma ‘mestiçagem’, mas o que nos interessa é ouvir a sua opinião. Hoje, olhando para trás, consegue de alguma maneira entender uma identidade fundada a partir desse confronto? Por exemplo, com o final dos CIAM, com o “Inquérito”? Todo esse universo de descoberta foi quando o Arquitecto acabou por sair da faculdade, para iniciar a sua actividade profissional. Relativamente a todas essas ‘mestiçagens’, interessa-nos perceber se, hoje em dia, há de facto uma metodologia projectual singular ou um mote de fazer projecto singular? Que, fundado, mais ou menos, com os ensinamentos do Professor Távora, com a sua influência, que é muito pertinente, se criou ou não uma entidade qualquer de olhar para uma ‘realidade’, para um contexto? Obviamente existem, entre outras, as questões relacionadas com sítio, as topografias, o clima e depois o lado mais cultural, ou seja, qual é a diferença de projectar aqui no Porto e na Coreia, onde o Arquitecto recentemente trabalhou. Basicamente pretendemos perceber se o Arquitecto entende isto não apenas como ‘cinco pontos para fazer projecto’, mas se reconhece uma identidade neste modo de estar no projecto? Ou todo este lastro que depois alguns chamaram de Regionalismos Críticos e afins. Sei que, também, é um tema algo fora da actualidade, porque hoje a ‘realidade’, o regional, não é o vernacular e todas estas influências parece que estão algo esquecidas, talvez devido ao global, à globalização.

Álvaro Siza Vieira (**ASV**): Eu reconheço, mas não me particularizo. Acho que não é apanágio de um grupo, é muito mais vasto do que isso e lembro que, por exemplo, a Casa de Ofir, naturalmente que deve ao acontecimento que foi, à experiência que foi o “Inquérito” à Arquitectura vernacular, mas havia um passado para isso. O próprio Távora escreve, uns anos antes, “O Problema da Casa Portuguesa” e toca assuntos, que no fundo eram assuntos. E também encontrou no CIAM, temas como, a importância da história, como o contexto da região e tem a ver com isso. São temas que surgem ou pelo menos ganham especial importância no interior do CIAM e que certamente têm a ver com um período de aplicação de um certo número de princípios indispensáveis, quase uma exigência da necessidade da rápida recuperação depois da guerra. Podemos juntar a isso e ao sucesso que foi, também um certo desgosto com os resultados atingidos. É muito importante no interior do CIAM, onde todos esses temas são tratados de novo e levam a uma renovação muito importante do pensamento arquitectónico e até ao fim do CIAM, que é já um resultado da não operacionalidade dos pressupostos em que assentava, como a saída do Le Corbusier com a famosa

“Carta”. Portanto, é muito mais um tema relativo a um a período histórico, sobretudo na Europa, mas extensivo a todos os países que haviam saído da guerra e mesmo outros, como o nosso que saiu de uma forma diferente do combate. Mas é preciso não esquecer, por exemplo, o que foi o retomar da actividade da publicação, um retomar das revistas que focavam esses temas muito italianos, um Neo-Realismo de influência onde haviam certos ramos desse movimento italiano. Havia um apoio no vernacular, mas também um apoio nos problemas, uma preocupação grande com os problemas de habitação social e os programas das novas escolas em Inglaterra que tinham muito a ver com as comunidades, com a formação de comunidades equilibradas. Portanto, há toda uma movimentação nessa época muito rica e muito complexa e o caso português insere-se nisso e não vou particularizar, nem acho que seja uma coisa local ou regional. Regionalismo sim, mas atenção que há uma interpretação do pensamento desenvolvido pelo Frampton a que chamou Regionalismo Crítico, que eu acho que dá em si, para muita gente ou para muitas interpretações, foi distorcido. O Regionalismo tornou-se numa palavra maldita, mas o que foca o Frampton na sua atenção alargada não só aos grandes centros como são, mas no geral, não são as visitas que faz aos países Escandinavos, aos países da Europa do Leste, a Portugal e a Espanha. Realmente, não tem a ver com a interpretação, que muitas vezes é dada ao Regionalismo em oposição ao Modernismo. No fundo é a sobrevivência de uma permanente polémica anterior à guerra e podemos falar disso, dessa oposição Regionalismo *versus* Modernismo, na Alemanha e na Holanda, antes da guerra. Lembro-me que, ainda, há pouco tempo na Holanda, alguma gente com quem contactei continuava a partilhar aquele sentimento de posição entre Tradicionalismo e Modernismo e de todos os grandes protagonistas da Arquitectura Holandesa dos anos 30 e 40. Falou no caso do Távora, no exemplo da Casa de Ofir. A Casa de Ofir tem um peso da experiência da Arquitectura do “Inquérito à Arquitectura Popular”, mas não se deve esquecer que a Casa de Ofir tem uma organização espacial claramente moderna. Não há uma luta entre duas tendências, uma Tradicionalista conservadora e outra Modernista, mas uma fusão. Há um ‘alargamento’ do material da Arquitectura.

NMS: Muito interessante: ‘alargamento’...

ASV: Já não há preconceito em relação ao que é e ao que não é Moderno. O ‘alargamento’ depois prossegue e vemos citados outros aspectos que surgem, também, praticamente nessa altura. Para ir a grandes protagonistas... a obra do Le Corbusier deixa um pouco desorientados os mais fieis com as influências no Norte de África ou do Louis Kahn com influência dos grandes temas da Arquitectura da Ásia. Portanto, o que me parece que trás aquilo àquele período ‘da guerra’ é uma grande ânsia da resposta aos problemas reais e nessa grande ânsia também há uma intenção de apagar o trauma provocado pela guerra. Portanto, aí há dois aspectos em tensão, sobretudo na Europa: por um lado, uma maior inclusão de todos os temas e ferramentas da Arquitectura; e por outro, a saída de um trauma muito forte e, portanto, um desejo de modernização, de uma sociedade nova, de um homem novo. Estas duas preocupações e intenções seguem a par e têm respostas muito mais complexas.

NMS: O Arquitecto acha que, no meio disto tudo, a sua prática profissional é influenciada por tais factos?

ASV: É, na altura em que eu estou a meio do curso de Arquitectura que há uma renovação muito forte, com a entrada do novo corpo docente. E acontecem outras coisas, entre as quais a introdução de novas disciplinas: a História, a Sociologia, a Geografia e outras. Portanto, é um período muito rico, é um período fundador que se segue a um período de suspensão. Para muitos, foi também um período de reflexão e que se traduziu numa rápida resposta aos problemas e depois à constatação de que a resposta foi brilhante em muitos aspectos.

NMS: Arquitecto, voltando a um tema que me é muito caro e sei que a si também: a Malagueira? Como é que está Malagueira?

ASV: Eu fui afastado de tudo quanto seja a Malagueira.

NMS: Continuamos a acreditar muito na experiência projectual do Arquitecto na Malagueira, até porque é um laboratório que, como nós falámos há uns anos atrás, está em aberto e vivo, não é? Nós lembramo-nos que quando cá estivemos, o Arquitecto tinha ainda uma série de projectos, para lá, que nunca se fizeram?

ASV: Tinha vários projectos que nunca se fizeram. Eu lembro-me que houve a intenção em determinada altura de transformar o chamado ‘Eixo Este-Oeste’ em via de penetração na cidade. O que aconteceu foi que nunca se fez nada e há uma quantidade de projectos realizados.

NMS: Desde o projecto de turismo, um *Aparthotel*... O último que o Arquitecto me mostrou foi um projecto lindíssimo, delicioso que era a sede da ‘Giraldo Sem Pavor’ ou da ‘Boa Vontade’ e que nunca avançou.

ASV: Havia a sede da ‘Giraldo Sem Pavor’ e depois havia coisas que eram fundamentais para uma vida normal no bairro: uma clínica, uma escola primária, um restaurante, uma igreja e outros. Não me lembro agora de todos, mas realmente foi uma grande... e também o centro ‘Semi-Cúpula’, que era, enfim, um pouco o *meeting point* da zona.

NMS: A ‘Semi-Cúpula’ era fundamental e que continua a existir e funciona sem lá estar, mas que acaba por funcionar.

ASV: Sobretudo, a intenção do plano foi não fazer um centro comercial concentrado, mas sim distribuir os equipamentos pela zona onde foi considerado conveniente em relação a problemas de lotes de terreno, problemas de percursos e é, claramente, um golpe muito forte. No entanto, o facto de as habitações serem todas habitáveis levou a uma certa consolidação do plano. E as alterações que há e que já havia uma certa abertura para elas e, como em toda a parte evidentemente, há algumas que me parecem disparatadas, mas de um modo geral consolidou-se e enriqueceu-se com o tempo e com as intervenções. Não se concretizou essa intenção de fazer atravessar uma via de penetração na cidade e inclusivamente há um facto que aparece, e que agora deve estar em crise como tudo. Começou a existir uma movimentação, uma mobilidade, gente que saiu dali e gente nova que entrou e portanto uma certa

mobilidade que é característica de uma cidade plena. E pronto é isto. Agora é evidente que é uma experiência.

NMS: A experiência que recebi da Malagueira marcou-me quer enquanto arquitecto, quer como docente, desde as nossas conversas, as conversas com o Nuno e principalmente com as pessoas. Há aqui uma série de mitos em torno destas coisas todas e falávamos há pouco do Regionalismo. São temas que para nós, são gavetas nas quais não toco, porque achamos que é muito fácil, ou torna-se fácil rotular as coisas assim ou mitificar a Malagueira.

ASV: A Malagueira é um tema muito divertido. Nas várias publicações que houve e há ainda sobre a Malagueira, já tenho visto interpretações fortemente influenciadas pelo vernacular ou de raiz neo-racionalista e raiz expressionista. E realmente está tudo lá, como em qualquer trabalho de uma certa escala e que são fontes da evolução arquitectónica.

NMS: Aproveitando essa deixa, porque é aí que eu de alguma maneira quero chegar, há uma coisa que aprendemos muito com o seu trabalho, que nos influenciou e acabamos por passar esse ensinamento, que é esse confronto directo com essa ‘realidade’. Como lhe disse há pouco, é algo que obviamente não se pode generalizar, é algo que de facto sentimos muito na Malagueira e achamos que o acompanha muito na sua obra. Permita-nos perceber, esse confronto com o concreto e com a ‘realidade’, quais é que eram as reais dimensões? Esta conversa, nós tivemos-la sobre a história da tipologia A e da tipologia B, em que inverteu o pátio porque a senhora ou o homem não queria ver a roupa da esposa estendida. Há uma série de histórias engraçadas que são fruto de muitos anos de um confronto directo com as populações e com o cliente.

ASV: E com as condições de realização e financeiras.

NMS: Exactamente, o Nuno [Lopes] contava qualquer coisa que dizia respeito “ao ondular do terreno, mas tinha sido um erro de implantação”. Depois há aqui toda uma série de mitificações, estou a falar da conduta, algures numa zona na Avenida da Malagueira que, de facto, notámos. Recordo os seus escritos em que referia que “os arquitectos não inventam nada, está lá tudo”. Portanto, é só uma questão de saber ler, saber ver e ter uma atitude crítica e atenta, mas na verdade, apercebemo-nos que esse ‘lugar-comum’ pode ser mais esmiuçado. Obviamente, que não estamos aqui à procura de uma cartilha de como fazer projecto.

ASV: De qualquer maneira há momentos muito especiais no trabalho, na actividade do arquitecto. É preciso não esquecer que a Malagueira deve ou explica muito do que é, ao facto de ser o retomar de outra dimensão mais pequena de programa, de ter tido uma maioria de esquerda com um Presidente com muita qualidade e de corresponder também a uma revisão do que era Évora e do havia para lá fazer. Na altura fez-se um Plano Director que travou o anterior, particularmente na Malagueira e, portanto, há um clima muito especial que é preciso não esquecer. As respostas que se encontram do tão vasto panorama da Arquitectura têm muito a ver com as possibilidades. Voltando à Holanda. Eu fui chamado para esse trabalho, muito com esse carimbo da participação. Evidentemente que as respostas tinham de ser

muito diferentes, porque o ambiente era muito diferente, moviam transformação. A razão política número um daquele trabalho foi o facto de passar ou estarem nas vésperas de passar o ‘votar’ às populações de emigrantes na cidade. Por isso é que houve a execução daquele plano e toda a organização dos contactos com a população foi feita de uma forma muito diferente, muito mais conduzida e favorecida, do que espontânea e de luta por direitos. Na Alemanha também é a mesma coisa com a complicação dos movimentos anti-emigração. É preciso não esquecer que existe um mundo de respostas, uma ferramenta muito larga, mas que não pode ser utilizada indiscriminadamente e é por isso que não pode haver uma regra para métodos de Arquitectura, os contextos são muito diferentes. Em relação a Portugal, este negócio da globalização é um aspecto muito antigo e que se está agora a retomar no meio crise, porque Portugal sempre viveu de relações mais ladeadas, quer do ponto de vista da economia, quer do ponto de vista cultural. Portanto, eu acho natural que todo esse mundo das influências, da conotação e das relações a estabelecer é quase uma tradição portuguesa. Provavelmente é uma coisa que se nota naquilo que se passou, será uma constante.

NMS: Daí o nosso interesse por algo mais contemporâneo. Também concordamos consigo de que, de facto, há aqui no mínimo, uma sensibilidade particular de conseguirmos quase aglutinar e de fazer a síntese.

ASV: É quase um hábito e também uma necessidade. O que se passa de mais recente, não é só essa globalização mais mediática, no sentido mais publicitado nas revistas de Arquitectura, em que temas como o contexto são malditos. Por exemplo, nos países nórdicos, eu vi que muito do que se faz – e mais recentemente em Inglaterra – já não tem a ver com a saída da imagem do Pós-Modernismo, mas pelo contrário, tem a ver com as raízes e também com o encarar a globalização enquanto multiplicação de intercâmbios. Na Holanda, o que se passa não é só o projecto espampanante, passa-se muito mais do que isso e em Espanha também. E depois temos a América do Sul que também tem sido para Espanha e para os arquitectos espanhóis quase que a única saída. Se pensarmos o que são as relações, a inspiração e a criação do SAAL, verificamos que vêm da sua experiência prévia com a América do Sul. De início o SAAL pretendia lançar um programa muito baseado na autoconstrução, que não pegou a não ser no Sul, no Algarve, por razões facilmente explicáveis. Durante o período em que eu estudava, que me formava, sempre houve, não só em Portugal, mas em toda a Europa a invasão do Brasil, do México, da Argentina, enfim da América do Sul em geral. Portanto, há aí uma corrente que tem uma raiz histórica. Não é bem avaliada pelo vernacular, pelo lado da tradição e do Conservadorismo, porque no século XVIII ou XIX português, o brasileiro retorna a viagem. Há uma grande movimentação, mas há outros pontos, como na Austrália – com aquele arquitecto que foi o *Pritzker* [Glenn Murcutt], não me lembro do nome – em que tudo tem a ver com o movimento ecologista e depois também adquire um estatuto de sustentabilidade. Já passou pela casa inteligente e agora é a casa sustentável.

NMS: Arquitecto, acha que no meio disto tudo, esta questão – e não lhe chamemos nada porque, mais uma vez, não sabemos como lhe chamar – não é algo que acaba por ficar ou que permanece a todas essas tendências? Na verdade, a sua Arquitectura e o seu modo de estar na Arquitectura tem uma influência em todos nós, isso é inegável.

ASV: Por isso é que nós aprendemos, é a nossa formação.

NMS: Muito bem. Mas achamos que tudo isto acaba, não sabemos se já acabou, porque já se escreve que já acabou, esta influência de todo este modo de estar que advém, um pouco, do Professor Távora. Não sabemos se acabou, ou se já começou, ou se vai começar. Não sabemos muito bem o que é, mas o que nos parece mais interessante é que de facto deixou a sua marca.

ASV: É claro que não acabou. O problema das raízes já não é idiosincrasia, é história na formação de gerações e gerações, muito mais longo que isso. Falei há bocado acerca de Ronchamp... Para ele [Le Corbusier] as suas raízes não se perdem, alargam-se.

NMS: ‘Alargam-se’ – é um tema muito interessante que levo desta nossa conversa. Confessamos-lhe que o retomar deste tema advém muito da experiência e do estudo da Malagueira. Obviamente, que estas coisas do lugar são consideradas um tema maldito. Será que hoje ninguém quer saber do lugar, da Região?

ASV: Depende das circunstâncias. Houve uma coisa que achei curiosa, quando o Koolhaas fez aqui a Casa da Música tem aquela teoria de que o ‘contexto’ é uma coisa que acabou, que não interessa nada, porque é o fazer obras potentes que desencadeia a transformação. Quando fez aqui a Casa da Música, eu reparei que (a desenhar) está aqui a rotunda, a Avenida da Boavista e aqui há esta sequência de quarteirões. Nesta zona, que agora está a ser transformada, existiam boas casas do século XIX e jardins. Acho que o Koolhaas, que vem cá bastantes vezes, viveu muito esta obra e ficou muito impressionado quando descobre este eixo através dos jardins e vê lá ao fundo o mar e é isso que justifica aqui uma grande abertura. Eu pensei: “Afinal este homem preocupa-se com o contexto”. O problema é que ele atribui isso, ao facto de ter vivido muito esta obra. Até porque a execução da obra foi muito cuidada, com bons colaboradores em Arquitectura e um bom engenheiro. A obra correu muito bem e ele várias vezes se manifestou encantado com a maneira como tinha sido executada.

NMS: O Arquitecto rematou ou desatou aqui um nó de uma maneira incrível que é esta coisa do ‘alargamento’, que como disse e muito bem, é uma coisa muito portuguesa. Esta nossa necessidade de irmos lá fora, que acaba por se repetir e que sem dúvida achamos que é aí que, também, marcamos pela diferença.

ASV: Quando se fala às vezes na capacidade de adaptação dos emigrantes portugueses tem a ver com isso.

NMS: E dos arquitectos portugueses que vão lá para fora e continuam a dar as suas cartas.

ASV: Sim. Eu lembro-me de há muitos anos atrás, estar em seminários de estudantes e, de facto, os estudantes portugueses eram sempre os melhores. É que eram mesmo.

NMS: De facto temos uma grande ‘capacidade de encaixe’, é uma coisa que nos corre nas veias, algo que nos acompanha.

ASV: É resultado da situação geográfica, dos vai e vem da história. Tem a ver com isso, mas não só com isso, são coisas muito fundas e que não desaparecem.

NMS: Acredita, então, que este modo de estar ainda não morreu? Isto é uma provocação. O Arquitecto, obviamente, percebe estas coisas e depois, hoje em dia, também vivemos muito das provocações contínuas.

ASV: Por toda a Europa e por todo Mundo, permanece essa abrangência da Arquitectura, que nem sempre é a mais mediática e portanto, não será tão evidente. Se aparece um trabalho da Zaha Hadid, que pela sua própria natureza são trabalhos emergentes, independentemente de eu os achar bons ou não. Não há nada que substitua a força interior de um projecto. Os projectos são mais ou menos transformadores, conforme as razões que os trazem a lume, a intensidade, o desejo que está por trás deles e da capacidade.

NMS: Estamos cada vez mais fascinados pelo silêncio e não tanto pelo ruído. De facto, temos uma história muito própria na Arquitectura. Estávamos a ouvi-lo quando fizemos a investigação para o projecto de tese. Obviamente que o nosso estado da arte foi, enfim, aos tempos daquele senhor chamado Vitruvius e afins, que logo nos seus textos identifica a necessidade que a Arquitectura tem de se adaptar a uma certa ‘realidade’, a uma certa Região. De facto, isto é um tema recorrente, um tema que não é de hoje. Agora, sem dúvida alguma, há aqui uma série de boicotes, muito em torno do ‘rótulo’ do Frampton, que foi muito mal interpretado e continua a ser e que interessa a todos nós desmistificar, para a nossa consciência. Para já, temos que ir um pouco antes e perceber que o Tzonis e a Lefaivre é que lançaram o Regionalismo Crítico, que é uma ferramenta crítica e não é nenhum ‘rótulo’. Portanto, é por aqui que o vamos usar na nossa investigação. Por outro lado, o período do “Inquérito” está a conquistar um interesse cada vez maior.

ASV: Mas na Europa e também em Portugal o que está a emergir como campo de trabalho é a recuperação. Embora apareça aí muita coisa, onde não se resiste em deixar a assinatura e a marca do Moderno, não tem que ser assim tão evidente e muitas vezes isso acontece. Acho que há uma tendência diferente e muito forte, já em debate, que começa a aparecer e que está longe dessa ânsia mediática.

NMS: A sua carreira está marcada por estes temas, esta questão poética que todos os teóricos e críticos o caracterizaram, desde o Frampton que acabou por ser um grande dinamizador da sua obra. Mas no meio disto tudo, se analisarmos a sua obra friamente conseguimos identificar sempre este modo de estar quase que permanente, ou seja, há sempre um modo de estar muito preciso. Identificamo-lo sempre com um modo de estar, obviamente muito seu, por mais ridículo que isto possa soar, obviamente que é o Arquitecto a pensar e a projectar. É e aqui que entra de facto esse

‘lugar-comum’, quando se fala de Álvaro Siza Vieira, fala-se sempre destes temas. Mas de alguma maneira, parece-nos tudo sempre assim um pouco nebuloso, quer dizer, nunca há, para além daquelas suas coisas, das suas identificações com o lugar.

ASV: Tem que perceber uma coisa, a maior parte do que eu projectei não se construiu e por isso, normalmente a apreciação do significado do meu trabalho é feita sobre a obra construída. A obra construída não chegará a 30% do que projectei, portanto há muito trabalho que contrariaria essa visão. Onde é que está essa directa ligação à Arquitectura tradicional como está em Haia, que é habitação económica. Uma coisa é uma grande área de habitação económica que inclui recuperações e outra coisa é ter um museu. O museu tem a ver com toda a cidade e com todos os cidadãos, um projecto naturalmente emergente ou mesmo Santiago de Compostela. No trabalho de um arquitecto, acredito que haja sempre qualquer coisa que permite a leitura da autoria, mas não é do ponto de vista da linguagem e da expressão arquitectónica. É difícil definir de uma forma universal o que é o trabalho de um arquitecto. Muito difícil, senão mesmo impossível.

NMS: Esse tem sido um dos grandes problemas quando lançámos este nosso interesse – será que existe ou não uma identidade projectual de fazer projecto em Portugal? – e as grandes questões que ainda não estão totalmente claras são de facto: que projectos, que autores, que casos de estudo? Porque isto é tudo um pouco difícil de aferir com essa universalidade, nada disto é quantificável.

ASV: Em relação a Portugal o que vejo de comum e não é comum enquanto realização, mas comum enquanto condições de trabalho, é a necessidade de emigração, que é histórica. O estabelecimento de contactos mais diversificados, a relação com a Europa sempre mediada, que noutros séculos, era por mar, pela Holanda. Há uma série de factores, que têm muito a ver com a geografia e que de certa maneira moldam uma resposta, uma capacidade de resposta no sentido da atitude, mas que não se traduzem depois na definição. Há diferentes reacções, há diferentes intercâmbios e oportunidades.

NMS: Sempre dissemos que era uma prática arquitectónica em Portugal e não toda a prática arquitectónica, sem dúvida.

b. Luiz Cunha

Atelier Luís Cunha
15.03.2013
Lisboa

N. Miguel Seabra (NMS): Salvo erro, o Arquitecto formou-se em 1958.

Luís Cunha (LC): Formei-me em 57, no Porto.

NMS: E apanha literalmente o *boom* do “Inquérito” da Arquitectura Regional.

LC: Sim, quer dizer, eu suponho que já tinha acabado o curso, quando se fez o “Inquérito” e se organizaram as equipas. Nunca fiz parte das equipas, mas colaborei em alguns desenhos quando se tratou de fazer a publicação dos trabalhos. De qualquer maneira as pessoas, por exemplo, o Arquitecto Fernando Távora, que foi o responsável por uma das equipas mais interessantes, trabalhou na zona do Minho. O Fernando Távora foi assistente no tempo em que eu era aluno e ainda trabalhámos juntos num museu.

NMS: Sem dúvida que o “Inquérito” deve ter sido uma grande festa, um pouco a reboque da “Casa Portuguesa”.

LC: A “Casa Portuguesa” não teve muita influência, havia era uma consciência de que existia uma arquitectura genuinamente popular, que estava até em certo modo em contradição com aquela idealização que o Raul Lino fazia da “Casa Portuguesa”. E não há dúvida que houve dois territórios muito importantes, o Minho e o Alentejo. Foram os que deram um contributo mais vivo e estimulante. O Távora encontrou uma linguagem que era simultaneamente contemporânea, mas muito ligada, e o Siza que avançou para situações mais independentes.

NMS: O Távora sem dúvida alguma está muito ligado a essas questões, muito enraizadas nos materiais, e o Siza faz ali quase como um sincretismo, funde uma série de coisas mais assumidamente.

LC: O Siza que também trabalhou com o Távora e que durante o curso não se salientou assim de uma maneira nítida, mas que foi uma surpresa quando começou a trabalhar cá fora. Foi uma surpresa que nos apanhou a todos.

NMS: Principalmente com a Casa de Chá, com a Boa Nova.

LC: E com aquelas casinhas de Matosinhos.

NMS: Casas muito ‘duras’, muito fechadas sem dúvida alguma. Arquitecto, o Minho foi...

LC: O Minho era um prolongamento da Galiza e realmente apareceram obras que nós próprios não conhecíamos, uma epifania.

NMS: É porque eu tenho percebido que a relação a Norte com o “Inquérito” e a relação a Sul (Lisboa) foi completamente diferente. Recorda-se um pouco disso?

Obviamente Lisboa era mais politizada e o Norte... No texto que escreveu para a “*World Architecture*” acaba por ser um pouco isso mesmo, o Norte.

LC: Nesse texto salientava obras do Siza, Távora e do Januário Godinho. Também fui colaborador do Januário durante um tempo e foi um homem que eu sempre admirei muito. E sentia que aquele homem se tivesse vivido num país do centro da Europa tinha sido um dos grandes mestres, à maneira do Aalto. Era um homem realmente notável e tinha uma visão ampla das coisas.

NMS: Na altura, o Arquitecto sai da escola, forma-se e trabalha com estas personagens. Sente de alguma maneira que havia o efeito do “Inquérito”? Sentia-se nos *ateliers*? Moldou de alguma maneira a prática do projecto?

LC: Sentia-se, não digo em todos, mas em três ou quatro era nítido. Eu joguei sempre um bocadinho fora do coro, como eu tinha um passado ligado às relações do meu pai com os pintores da época. Quando estava na escola já tinha uma visão bastante segura do que gostava de fazer. Depois acabei por me relacionar com um arquitecto cá de Lisboa, que era o arquitecto Carlos Ramos. Acabei por ganhar um gosto pelo trabalho, que vem sobretudo do arquitecto Carlos Ramos, pela liberdade que ele me concedeu, aliás não foi só a mim, porque também o facto de terem começado a trabalhar na escola com aqueles quatro assistentes que o arquitecto Carlos Ramos convidou: o Távora, o Loureiro, o Mário Bonito e o Agostinho Rica. Esses quatro homens deram à Escola do Porto um ar muito mais desanuviado e a escola modificou-se por causa disso.

NMS: Essa é uma questão muito importante, porque obviamente por trás dessa conjuntura, fala-se e funda-se este mito sobre a Escola do Porto.

LC: Mas a Escola do Porto de que se fala hoje, é sobretudo a escola do Siza. Quando o Siza começou a ter este êxito internacional, é evidente que polarizou muita gente à volta dele, e o nome da Escola do Porto, é sobretudo fruto do êxito do Siza. O Távora era um homem notável, mas o Mário Bonito também era. O Loureiro teve uma obra muito grande no Porto, realizou no Porto aquilo que o Taveira veio a fazer aqui em Lisboa. O Mário Bonito era muito bom arquitecto, mas faleceu muito novo.

NMS: E retomando um pouco esse tempo, já li algures que lhe atribuem um pouco, contemporaneamente, o lançamento destes temas lá para fora. Recorda-se?

LC: Muito cedo comecei a ter informação através de revistas. E com isso vinha-me uma informação diferente, mas por outro lado, também, tinha na retaguarda a geração do meu pai, que eram sobretudo pintores, mas também um arquitecto. Falta alguém que pegue na obra deste senhor, o arquitecto Teixeira Lopes, que era sobrinho do escultor Teixeira Lopes.

NMS: Acha que o seu texto marcou ou abriu portas ao reconhecimento desse estar diferente em Portugal?

LC: A primeira obra do Siza que se publicou foi nesse texto, foi anterior ao trabalho que fez o Portas na “Arquitectura”.

NMS: É muito interessante o que diz e se há uma coisa que marca esta contemporaneidade em Portugal é essa crítica do Portas e da revista “Arquitectura”, porque ele lança o Távora também, obviamente que depois daí vem o Siza com uma grande ênfase.

LC: O Siza foi uma surpresa espantosa. E o resto estava tudo esgotado, quer dizer, aparecia o Aalto, mas estava lá para os nortes e não dizia nada às pessoas e aquilo que era a grande corrente de origem francesa estava nas lonas. E o Siza acabou por mostrar que afinal também podia haver uma certa frescura e portanto foi uma surpresa.

NMS: Também muito agarrado a estas críticas e a este entusiasmo que gerou, um pouco nessa revisão dos paradigmas do moderno, o Portas chamava ‘terceira via’, fundia o movimento moderno com questões locais ou tradicionais. E depois acho que muito responsável por isso foi, também, o Kenneth Frampton, que lança o Regionalismo Crítico em torno da figura do Siza. Recorda-se desse tempo? Como é que receberam esta coisa do Regionalismo Crítico? O Arquitecto já estava numa via muito sua, já estava a desenvolver uma estratégia muito sua, mas recorda-se desse embate?

LC: O que é que lhe posso dizer? No fundo eu avaliava as coisas, se elas me estimulavam ou não, ou se correspondiam ou não àquilo que eu próprio ia sentindo. Talvez porque o Porto era uma cidade mais pequena em que era possível ter mais conhecimento. E há outra coisa para mim importante, o facto de eu vir de uma família católica, deu-me desde muito novo uma familiaridade com edifícios que não eram nada convencionais. Aqui na região do Porto, quer na província, quer à volta do Porto, a espacialidade interior desses edifícios para mim não é surpresa.

NMS: Mas o Arquitecto depois desloca-se para Lisboa, não é?

LC: Sim, depois de casar. Eu com 33 anos saí da câmara, um mês depois de casar. Foi um risco. Depois ainda vivi dois anos no Porto. A minha mulher tinha uma irmã que vivia na Praça de Londres. Ela arranjou-nos uma casa e ainda hoje lá estamos. Foi uma aventura, porque continuei a ir ao Porto, Braga e a fazer obras. E foi assim a passagem.

NMS: E lembra-se da diferença em termos arquitectónicos ou de estar na Arquitectura, entre o Porto e Lisboa?

LC: Eu mantinha bastantes relações aqui em Lisboa, mesmo na altura em que vivia no Porto. O Carlos Ramos, que era a minha relação mais forte e também com o Teotónio Pereira e o Bartolomeu da Costa Cabral.

NMS: O António Leal... há um desdobrável vosso, agora falando do movimento, que é muito interessante. É um desdobrável que eu vi a algures na Gulbenkian. Vocês diziam “esta Arquitectura não é nossa, esta é nossa”, não sei se se recorda disso. Era assim tipo um de panfleto do movimento MRAR.

LC: Seria do MRAR?

NMS: Era uma coisa azul e encarnada que tinha qualquer coisa a meio.

LC: Mas olhe que isso não era do MRAR.

NMS: Mas está a ver o que é que eu estou a falar? Eu pelo menos vi essa fonte como sendo do MRAR.

LC: Julgo que sim. Isso foi feito por um arquitecto açoriano e foi a respeito da construção da cidade de Ponta Delgada.

NMS: Mas então porque é que isto aparece com referência a vocês?

LC: Porque esse arquitecto também fazia parte do MRAR, mas essa publicação não é do MRAR. É uma publicação muito engraçada. A cidade de Ponta Delgada tinha um núcleo antigo, histórico, junto ao porto, que era uma coisa muito bonita. A cidade desenvolveu-se e foi necessário reorganizar aquela zona em volta do porto, e então, um arquitecto de lá, fez um projecto de uma mini Praça do Comércio, aqui como a nossa de Lisboa. E isso exasperou muito os arquitectos, nomeadamente esse arquitecto açoriano e ele que trabalhava com o Nuno Teotónio Pereira, fez esses panfletos. E esse rapaz era muito interessante e tem obras muito bonitas em Ponta Delgada.

NMS: E falando da sua prática. O movimento foi ali uma conjuntura, em que se juntaram uma série de pessoas com os mesmos interesses. E obviamente que há marcos quer seus, quer do Teotónio que marcaram muito. Como é que o Estado intervinha ou não em Lisboa? Sentia-se essa pressão?

LC: Com a morte do Ministro Duarte Pacheco perdeu-se um apoiante influente, mas um apoiante da linguagem contemporânea. E por outro lado o Salazar tinha aquela ideia de que para bem do país, ele não devia destruir a ruralidade do território. E claro, era uma autoridade que tinha força e capacidade para impor os seus gostos. E os arquitectos também acabavam por ir por outro lado. Na Itália também se estava a dar um movimento semelhante, com o fascismo. E entre essa gente havia pessoas muito competentes, que estudavam, embora fosse uma modernidade diferente. Há autores que só viemos a conhecer mais tarde. A Arquitectura modernista internacional, com uma tecnologia avançada, baseada numa figuração abstracta, dominava o centro da Europa.

NMS: Já tocámos numa série de questões. Havia algum trânsito de influências dos Estados Unidos da América?

LC: Eu acho que não e mesmo nos Açores onde havia uma colónia muito grande, eu acho que em termos arquitectónicos não havia. O que houve depois foi a grande influência do Brasil.

NMS: Portanto, a influência vinha mais de França?

LC: Um pouco de Inglaterra.

NMS: Voltando aos seus trabalhos. O Arquitecto acabou por seguir um pouco esse filão da casa religiosa. Chegou a acabar o projecto do Santuário do Cristo Rei?

LC: Aquele projecto que lá está, teve uma vida muito difícil porque faliu o empreiteiro, depois os acabamentos foram feitos à tarefa e feitos por pessoal com

pouca experiência. Depois passou da Diocese de Lisboa para a de Setúbal e o projecto ainda está incompleto. Agora o que eu tenho feito é uma revisão do plano geral. Eu faço os trabalhos, depois fazem-se umas maquetes. Ele tem uma colecção de coisas feitas por mim, uma nova capela para o culto a Nossa Senhora de Fátima, um altar campal para uma esplanada.

NMS: Quando o Arquitecto olha um pouco para trás, para estes tempos, para a sua prática que é muito específica e singular e depois de todos os efeitos Siza. Reconhece a permanência de algumas questões? Começando pelo seu caso.

LC: Eu sempre tive como objectivo não criar rupturas tão fortes com a tradição e melhor ou pior eu consigo isso. Era uma preocupação minha não criar uma linguagem de ruptura. Tentar, na medida do possível, adequar-me a contextos particulares e utilizar soluções que, na minha perspectiva pudessem conviver em paz com os ambientes anteriores.

NMS: Essa questão da tradição é bastante pertinente. Quando o Arquitecto fala de tradição fala de práticas do espaço, da aplicação dos materiais.

LC: De um certo decorativismo. Uma das coisas graves é que se tem destruído o artesanato da construção civil. Quando eu comecei a trabalhar, havia serralheiros, carpinteiros, pedreiros, havia toda uma panóplia de sabedoria artesanal que hoje não existe. E eu tentava através disso utilizar os meios que estavam disponíveis. Hoje, através de uma extroversão das expressões técnicas tento ganhar essa complexidade, que eu acho que é interessante que subsista na construção. Aquelas grandes superfícies, eu evito-as fazendo uma espécie de radiografias do processo de construção, de maneira que os processos executivos acabem por ganhar uma expressão própria e figurativa no próprio edifício.

NMS: O que me está a reforçar é que, especulando assim de uma maneira muito simplista, obviamente se tivesse que fazer uma obra no Porto e outra em Lisboa, teriam essas consequências. Ainda há, mesmo na sua prática de projecto, essa consciência do lugar, que se revê muito no uso das matérias.

LC: Exactamente.

NMS: Mesmo o Arquitecto tendo uma linguagem muito própria acaba por haver um modo de estar. Perceber o que vem muito desse encontro com o “Inquérito” com a ‘realidade’ portuguesa, que nos distingue um pouco, por exemplo dos holandeses. Percebe onde eu quero chegar? Há aqui um lado quase matricial.

LC: Tenho trabalhado e, inconscientemente, vou sempre procurar alguma coisa que me ligue ao local, ou pela cor.

NMS: Nem que seja pelo tijolo que está ali quase subliminarmente colocado e há uma brincadeira da percepção e isso é muito interessante. Acha que a sua geração ou esta geração toda, de alguma maneira também trabalhava assim? Com todas as diferenciações e todos os eclectismos?

LC: Eu acho que no Porto isso era frequente, mas na gente aqui de Lisboa era menos notado. Mas no Porto os programas eram sempre mais modestos em termos de

dimensão, mas as pessoas estavam atentas a uma cor local que procuravam incorporar nos seus trabalhos.

NMS: Sentia-se de facto esse modo de estar. E porque não em Lisboa?

LC: Eu não sei. Onde chove mais, constrói-se melhor, onde chove menos as pessoas têm tendência a descurar um bocado aqueles cuidados. E eu tenho impressão que nestes países, quanto mais para Sul, quanto mais sol têm, mais se desleixam esses aspectos de defesa da construção e isso leva a umas simplificações, a uma atitude mais superficial.

NMS: É muito interessante porque eu tenho feito esta pergunta, que é uma pergunta também difícil e esta sua posição é interessante. E há outra que corrobora um pouco com essa, é que no Porto e na Região do Norte, há a pedra, o granito. Há ali uma relação completamente diferente com os lugares que nós temos aqui em baixo. Eu ainda sinto nas gerações mais novas, o retomar destes temas, do lugar, das economias de meios... O Arquitecto foi professor no ISCTE, como é que lidava com os jovens arquitectos?

LC: Eu tentei imaginar um processo de conciliar a prática do *atelier* com as aulas. A minha atitude era fazer a crítica dos trabalhos, dialogar com os alunos e tentar orientá-los, respeitando sempre a directriz que eles tinham dado ao estudo. Mas muito próximo do fim eu dizia-lhes: “eu vou fazer o meu projecto também aqui” e eles viam-me a trabalhar. E eu estava ali como se fosse um cliente, um arquitecto e um colega. Já não havia o efeito de os estar a influenciar porque eles já estavam encaminhados e eles confrontavam-me como se tivéssemos num grande *atelier* e foi este o método que eu adoptei.

c. Carlos Duarte

Residência do Arquitecto
16.03.2013
Lisboa

Carlos Duarte (**CD**): Então qual é a primeira pergunta?

N. Miguel Seabra (**NMS**): Arquitecto, o que lhe pedimos é que viaje um pouco no tempo. Há um momento de charneira que é esta figura do Távora. Aquilo que nos interessa é perceber o que é a publicação que ele faz no ALEO sobre o “Problema da Casa Portuguesa” e depois mais tarde nos “Cadernos de Arquitectura” em 47, em que ele lança um pouco, ou retoma, o tema contra a tal casa à antiga portuguesa em tempos do pós-guerra. Recorda-se disso?

CD: Muito bem. Conheci o Távora muito bem, fui amigo dele, embora raramente nos encontrássemos. Naquela altura, no tempo da revista “Arquitectura”, nós precisávamos de mais dois ou três, nomeadamente o Nuno Portas, que trabalhava mais comigo, precisávamos de ir ao Porto, porque no Porto aconteciam coisas e eram coisas muito diferentes das de Lisboa. Acho o tema muito interessante, mas talvez seja necessário, embora muito rapidamente, fazer um pouco a história do que se passava, do Távora, do movimento. Digamos que as coisas podiam partir de 1948. Ora 1948, foi o ano do primeiro Congresso de Arquitectura. Naquela altura tínhamos uma vaga noção do que é isso, porque estávamos muito condicionados, os arquitectos estavam muito condicionados. Havia o factor político e o factor político que era determinante naquilo que se fazia e principalmente naquilo que se podia fazer. Esse factor político de influência do Estado Novo, nomeadamente o Ministro Duarte Pacheco e do Ferro, Director do Secretariado Nacional de Propaganda fazia com que os arquitectos sentissem um grande peso sobre si, que era o peso das exigências oficiais. Tanto maiores quanto a grande massa de trabalho que se conhecia na altura e que vinha de fontes oficiais, das Câmaras ou do próprio Estado. Obviamente que havia encomendas importantes, no caso do Técnico, por exemplo, e havia que dar resposta a essas encomendas a uma classe que era pequena. Havia poucos arquitectos e uma experiência limitada, limitada pelas próprias condições económicas do país. De qualquer maneira havia uma forte consciência que a Arquitectura que se fazia não correspondia às necessidades do país, nem às ansiedades e convicções de uma classe inteira. A classe não era grande, mas reunia algumas pessoas de talento que hoje em dia são encarados com respeito, Cassiano Branco, Pardal Monteiro, Cristino da Silva, etc. Houve a consciência que era necessário responder a certas prepotências do poder. O Congresso de 48, evidentemente que é uma afirmação de convicções de carácter profissional e estéticas, mas também é uma resposta à situação concreta que os arquitectos viviam e às limitações que não aceitavam. A figura fundamental do congresso foi o Keil do Amaral, era um homem que trabalhava na Câmara Municipal de Lisboa, mas enfim, era um homem de esquerda, democrata e que conseguia reunir

à volta dele um número muito grande de colegas, que tinham muito respeito por ele. Era uma figura muito respeitada, conheci-o pessoalmente, homem com um estilo muito peculiar. Portanto, resultou uma afirmação de vitalidade e, evidentemente, uma afirmação de modernidade. A classe era francamente, quase na sua totalidade, aderente aos princípios da modernidade arquitectónica, que era influenciada por um conjunto de factores que, aliás, era encarada de uma maneira superficial. De qualquer maneira era Moderna, porque conhecia Bauhaus, porque se falava do Le Corbusier e a partir de certa altura de Niemeyer, que também teve muita influência. Enfim, isso tudo junto dava efectivamente um corpo profissional consciente dos seus direitos, consciente das suas convicções, desejoso de afirmá-las e afirmou-as com um certo brilho nesse Congresso. Essa geração que surge em 48 é a geração que vai tomar o lugar da geração anterior, onde efectivamente quem pontificava eram os arquitectos que andavam à volta do poder, nomeadamente o Pardal Monteiro, o Cristino da Silva, o Segurado e o Cottinelli Telmo. Essa gente foi o momento da substituição da geração anterior, da geração que vinha do Modernismo, dos anos 30. Aconteceu uma coisa curiosa, assim como essa geração do Keil do Amaral, a geração de 40 substituíu, tomava o lugar da geração anterior, a geração do Modernismo e também das concessões ao Regime, ao Estado. Acontecia simultaneamente uma coisa curiosa, surgiam arquitectos mais novos, alguns dos quais já participavam como arquitectos no próprio Congresso, como era o caso do Teotónio Pereira, do Tainha e do Victor Palla, que já tinham convicções um bocado diferentes das dos elementos dominantes do Congresso, nomeadamente do próprio Keil do Amaral. Esboçava-se já o ultrapassar daquele corpo de doutrina que constituía o Modernismo na altura. Para isto contribuía também a situação internacional, estávamos em 48, já em rescaldo da Segunda Guerra Mundial e já se verificava em muitos países, nomeadamente na Alemanha, na Itália e em França, um grande surto de construção, para reconstruir as cidades destruídas. Efectivamente, começaram aí as desilusões. A aplicação *in loco* dos conceitos do urbanismo da “Carta de Atenas” e começámos a ficar desiludidos com falta de imaginação, um conjunto de repetições que chocavam as pessoas. Era curioso como a vitória dos princípios da Arquitectura Moderna, naquela altura, não foi vitória nenhuma. Enfim, mas verificava-se o aparecimento de uma nova geração, geração que viria a surgir cerca de dez anos depois, com um corpo de doutrina diferente, francamente diferente. Eu e mais um grupo de pessoas tomávamos conta da revista “Arquitectura” em 57.

NMS: Compraram a revista?

CD: Por um escudo. Tínhamos um conjunto de ideias, mas eram ideias originais, nós íamos na onda dos tempos que corriam. Quais eram esses tempos? Eram os tempos de um primeiro movimento já mais estruturado que surge em Itália, muito à volta de uma figura muito carismática que era o Bruno Zevi, o historiador que escreveu a “História da Arquitectura Moderna”, uma história que vem revolucionar completamente a nossa percepção da Arquitectura. Nós estávamos muito influenciados pelas leituras das temáticas racionalistas, mas o pôr em causa o esquematismo de muitas soluções, o carácter de vazio e, por vezes, simplório das soluções que vinham do Movimento Moderno, foi obra, em grande parte, do Zevi e

mais alguns. É uma obra muito italiana. E outros arquitectos que já conhecíamos, na América, o Frank Lloyd Wright e o Aalto que foi um arquitecto muito influente. Havia muitas coisas mais, havia no país duas escolas de Arquitectura com uma presença muito diferente, de direcções e orientações muito diferentes. A do Porto era particularmente admirada, estava lá o Mestre Carlos Ramos e tinha uma orientação francamente Moderna, enquanto a de Lisboa era ecléctica. Tudo isto prosseguiu, havia o Raul Lino e a “Casa Portuguesa” e estávamos ainda a caminhar para uma coisa nova que surgiu a partir de finais dos anos 50. Já durante os anos 50, por exemplo, a Escola do Cedro, o Mercado da Vila da Feira, a própria Igreja em Águas do Teotónio Pereira, havia um conjunto de obras que indicavam já um certo caminho. Esse caminho entre outras coisas pretendia recuperar os valores perdidos da Arquitectura, pretendia ser menos universal e mais regional, no sentido de entender mais as características da Arquitectura e as necessidades dos habitantes do que anteriormente. Determinadas fórmulas, nomeadamente as fórmulas do Le Corbusier eram postas em causa pela sua aplicação a populações que não percebiam e nem queriam certas soluções. Mas este Revivalismo não era, de maneira alguma, contrário à afirmação do Moderno. E há uma coisa extremamente importante, porque naquela altura o Teotónio Pereira e o Távora não eram Modernos, eram homens do seu tempo com as suas convicções que tinham feito uma análise crítica, como muitos outros, aos congressos da CIAM. Havia um conjunto de circunstâncias e de ideias que modelaram as nossas convicções, a nossa acção. A revista “Arquitectura” foi extremamente importante porque era o veículo de tendências do que se passava.

NMS: Havia uma sistematização bimensal.

CD: Quer dizer, nunca foi muito regular, fazíamos entre 8 e 10 números por ano e já era uma grande aventura. Quer dizer foi, de facto, o veículo das ideias, como na fase anterior tinha sido o veículo da Arquitectura Moderna, do Funcionalismo, digamos assim. Como é que surgiu? Surgiu em Lisboa, com grande modéstia. Quem é que escrevia na revista? Escrevia eu, escrevia o Nuno Portas, escrevia o Nunes da Silva e mais tarde o Pedro Vieira de Almeida. Éramos um grupo pequeno, mas escrevíamos que nos desunhávamos.

NMS: Eram textos muito assertivos e muito científicos, com grande precisão.

CD: Fazia-se naquela altura. Enfim, não tanto como desejaria. De qualquer maneira havia um grande esforço e uma grande paixão. Naquela altura, há uma coisa que não sei se continua a existir com a mesma força, a Arquitectura para nós era um amor, uma paixão. Às vezes ficava até altas horas, com o director na altura antes de mim, que foi o Filipe Santana e mais o Portas, ficávamos os três a conversar à esquina da minha casa e chegávamos a ir às duas, três da manhã para casa no meio de discussões medonhas. Havia uma coisa que era uma espécie de *star system* na altura e efectivamente na altura as grandes estrelas eram o Wright, o Aalto e talvez o Le Corbusier que todos admirávamos e o Mies Van der Rohe, esses quatro arquitectos. Nós discutíamos efectivamente as virtudes e os defeitos de cada um desses arquitectos, porque todos nós temos as nossas paixões. O Mies Van der Rohe era aquele que nos despertava mais paixões.

NMS: Estava a falar de uma coisa muito interessante que era, um pouco, esse entrar pela revista e como é que a revista formou o lugar que não existia.

CD: A revista apresentou-se desde o princípio como aderente a uma tendência dita orgânica, enfim, muito inspirada pelo Frank Lloyd Wright, mas não apenas. Essa discussão crítica e tentativas teóricas não estavam no ar, havia efectivamente o apoio de alguns arquitectos e de algumas obras que iam aparecendo. A Igreja em Águas, as obras do Távora que muito admirávamos e que visitávamos regularmente.

NMS: Mais tarde o Siza, um pouco depois.

CD: O Siza uns anitos depois. Depois uma obra importante que foi aqui em Lisboa, o imóvel das Águas Livres, o bloco das Águas Livres que teve grande influência. Foi uma obra decisiva, até porque em Lisboa nós precisávamos disso. Enquanto no Porto havia já uma acção arquitectónica muito importante com o Rogério de Azevedo, com aquela garagem do Comércio do Porto e as obras do Viana de Lima. Havia outra coisa que era um grupo – o ODAM – que estava muito ligado ao CIAM e que era uma organização muito interessante e fundamental naquela altura. Estavam muito ligados ao CIAM, com motivos permanentes como foi inicialmente o Viana de Lima e mais tarde o Fernando Távora. Quer dizer, em Lisboa havia uma paixão política – que não digo que fosse inferior no Porto – que dominava completamente as preocupações das pessoas. Ir ao Sindicato dos Arquitectos, em qualquer altura, e eles recebiam-nos muito bem. Era uma coisa curiosa, eu falava mais de política do que propriamente de Arquitectura. No Porto eles desenvolveram um pensamento arquitectónico mais cedo que nós, talvez por influência do Ramos e da Escola, mas realmente falava com o Filgueiras, com o Arnaldo Araújo e realmente as conversas centravam-se sobre a Arquitectura que se fazia. Havia muita gente a funcionar já com muita qualidade e uma Arquitectura média superior a Lisboa. Bem tudo isso é verdade, mas foi mesmo em Lisboa que iniciámos esta campanha, que foi uma autêntica campanha, de afirmação de um certo número de ideias. Quando saiu o primeiro número da revista, recordo-me que fiz um artigo sobre o Mário Ridolfi. Tinha visto, em Roma, algumas coisas do Ridolfi e tinha ficado entusiasmado. O Ridolfi introduzia já, nas suas obras, nos arredores de... naquelas terras, não me recordo o nome. Numa outra terra onde ele tinha uma série de coisas construídas, elementos francos de Arquitectura Popular Italiana, com soluções tradicionais e utilização de materiais tradicionais. E, efectivamente, isso não estava dentro dos cânones da Arquitectura Moderna, que era aceite pelos nossos modernistas em Lisboa e realmente isso foi mal recebido. Havia uma coisa que nos animava, que no fundo fazia com que tudo isto acabasse em conversa, que era o nosso decidir de oposição ao regime. Isso é que era, evidentemente, o fundamental. Portanto, havia realmente uma posição política idêntica à deles. O essencial, claro! E divergíamos nalguns aspectos da Arquitectura e da sua evolução.

NMS: O que me parece interessante e há aqui vários aspectos que são curiosos. Por um lado, de facto estas coisas sentem-se mais a Norte, por várias questões, porque também a escala era pequena e estavam mais afastados de Lisboa. Esse apelo, esse lado mais social. O Filgueiras, que até escreve um livro sobre essas questões e,

depois, o Távora, obviamente. Mas por outro lado, depois há o Keil do Amaral, que agora acabou de me dizer que, quando escreve exactamente essa aproximação de um erudito, a essa cultura popular que, supostamente, onde estaria a autenticidade das coisas. De repente, alguém supostamente, um dos mentores do “Inquérito” da Arquitectura Popular, reage dessa maneira. O que é interessante.

CD: É curioso. Pois, isso é uma verdade, mas o “Inquérito” foi em 55.

NMS: De 55 até 61.

CD: Pois, mas já nessa altura estava em curso. Ele começou em 55 ou foi publicado?

NMS: Em 61 é publicado, 55-60. E depois publicado ao longo de 61.

CD: E mobilizou um número apreciado. Eu não estive lá, mas mobilizou muita gente, o “Inquérito”.

NMS: Qual é a sua leitura efectiva, pegando um pouco nisso que me disse do Keil. O “Inquérito” porque é sobre isso que a minha teoria, actualmente, se baseia e é nisso que eu tenho andado a trabalhar. É que o “Inquérito” acaba por fechar uma série de questões e ao mesmo tempo também abre. Mas, será que aquele conhecimento foi aplicado ou era um ‘catálogo’?

CD: O “Inquérito” tem sido muito exaltado e ninguém nega o valor do “Inquérito”, mas tinha os seus pontos fracos. E, nomeadamente, na abertura do “Inquérito”, não foi definida uma metodologia. Cada equipa e havia equipas conforme as regiões do país, tinha os seus métodos e até, inclusivamente, os seus objectivos. Embora o objectivo geral fosse estudar a fundo a origem e as várias fases por que tinha passado a Arquitectura Popular em Portugal. Mas, efectivamente, nunca foi definida, com muito rigor, uma metodologia global a aplicar em todas as equipas. Daí que pessoas como Arnaldo Araújo, lá em cima, o Filipe Jorge, cá em baixo, tivesse, por vezes, uma noção diferente do que se fazia. Basta folhear o livro, os dois livros, para perceber que há quem acredite muito mais na fotografia do que no texto, porque é notória a diferença de critérios. Bem, de qualquer maneira, com essas fraquezas ou não, foi uma obra importante. O Salazar foi convidado a ir ver uma exposição feita na Sociedade Nacional de Belas-Artes, e era engraçado – eu não estive lá, mas depois contaram-me – ver aquele homem, enfim, com as suas confissões a folhear aquilo e ver aquilo tudo ao contrário. Porque, efectivamente estávamos em rescaldo da guerra e do antes da guerra. Eu não me lembro, mas só em fins dos anos 30 é que começou a ser mais visível a influência daquela famosa visita do Pardo Monteiro com o Duarte Pacheco a Roma, onde ele foi ver as coisas do Piacentini e uma série de figurões que, naquela altura, dominavam a Arquitectura Italiana. A Arquitectura Italiana da época era dominada, como aliás a alemã, por duas visões diferentes: a Arquitectura monumental, neoclássica, aplicada aos edifícios de prestígio estatal e a Arquitectura habitacional que se ocupava do *habitat* normal/corrente e que era dominado por uma visão idílica da vida do campo e das origens da Arquitectura. Bem, basta ver, era quase tudo, nós tivemos os bairros sociais. Aqueles bairros feitos pelo Estado Novo, como o de Madredeus, o do Alvito e outros. Uma organização feita durante a guerra,

40 e tal, e que efectivamente quebra ou interrompe aquele processo de construção de bairros sociais, que nós tínhamos aqui em Lisboa e noutros sítios, mas principalmente em Lisboa. No tempo do Salazarismo, havia Lisboa e o resto.

NMS: Pois essa é uma grande questão, sem dúvida alguma. E exactamente pegando por aí, a pergunta que faço e à partida sei a resposta, mas que ao mesmo tempo também não sei. É o porquê de certas coisas vingarem no Porto e não vingarem em Lisboa. Eu tenho aquela resposta óbvia: porque estava mais distante do poder, que era aquilo que eu lhe dizia, escalas diferentes.

CD: Escalas diferentes e depois Lisboa era uma montra. Eu, aliás, sei isso porque conheci pessoas do regime que diziam o mesmo: “Lisboa é uma montra”. Mas havia outro factor muito importante, é que a concentração de obras públicas fazia-se em Lisboa, como os hospitais, por exemplo. Tudo o que era grande era feito cá e era uma coisa ou outra. Claro que, também, há o hospital do Porto, mas eram sempre obras secundárias, porque a massa principal fazia-se, de facto, em Lisboa. Moral da história: os arquitectos do Porto não tinham trabalho oficial, trabalhavam para a iniciativa privada e trabalhavam aqui e ali para um banco ou outra coisa qualquer.

NMS: Quer dizer, então, que o risco era outro.

CD: É e a Arquitectura daquela altura, no Porto, é muito dominada pelo prédio de rendimento e pela moradia. É o que domina, embora haja uma ou outra coisa, como por exemplo, o edificio do Banco Português do Atlântico e mais umas tantas coisas. Efectivamente, a grande massa são obras de carácter menor e, realmente, isso indicava logo uma tendência e conduzia a várias coisas.

NMS: De facto há aqui uma conjuntura, há aqui vários temas...mas de facto: “Lisboa é uma montra”, resume muito.

CD: E, nomeadamente, os arquitectos de Lisboa são dependentes do Estado que é uma coisa muitíssimo importante. Só houve um, o maior de todos, que não foi dependente do Estado, que foi o Cassiano Branco.

NMS: Como assim, dependentes do Estado? Eram obrigados a trabalhar?

CD: Não, mas era onde havia trabalhos a realizar. Os grandes trabalhos: as estações dos correios, as escolas, os tribunais e tudo isso por aí fora. Quer dizer, realmente todas as grandes obras eram realizadas em Lisboa.

NMS: E agora retomando, outra vez, o marco incontornável da revista “Arquitectura”, dessa segunda série, salvo erro.

CD: É a terceira, aliás.

NMS: A terceira, eu bem me parecia que estava a dizer mal. De repente, os vossos textos e estou lembrar-me perfeitamente do Rudofski e de outros, que eu tenho estado a trabalhar agora, como “A responsabilidade de uma novíssima geração”, do Portas e ‘Arquitectura Integrada’ que vinha muito já neste eixo do Távora.

CD: De quem?

NMS: Do Távora, no livrinho “A Casa Portuguesa”. Portanto, há aqui uma tomada de consciência desta ‘segunda/terceira via’, deste segundo modernismo ou dessa revisão do modernismo que, de facto, se começa a afirmar muito.

CD: Olhe, veio de muitas maneiras. Quer dizer, não se tratava unicamente de uma estética, aliás...

NMS: Não, não, exactamente. Deixe-me fazer aqui uma ressalva: é uma das...

CD: De certo modo resultava do aprofundar de coisas que tinham sido tratadas de forma – pensávamos nós – um bocado esquemática, numa primeira fase do movimento moderno. Nomeadamente, o problema do *habitat* e uma das coisas que na altura nós descobrimos é que havia o sociólogo da habitação.

NMS: Exactamente! Entram outras disciplinas, não é?

CD: Exactamente! Das contribuições de outras disciplinas, a sociologia urbana foi outra, de máxima importância, a área da sociologia, tanto habitacional como urbana, tinha muita coisa para nos ensinar. A urbana, principalmente, na América. Na América havia muita coisa escrita sobre essa matéria e os ingleses também tinham. Eu na altura tive um estágio no LCC, no *Leonard County*, não era bem na altura, foi em 63 salvo erro. E, efectivamente, uma coisa que eu observava era a participação activíssima de outros especialistas. Alguns, de nós aqui nem imaginávamos, como é o caso dos arquitectos paisagistas e ainda o Cabral não tinha despachado os seus alunos, de maneira que nós não tínhamos, praticamente, paisagistas. Mas havia sociólogos, havia especialistas de muita matéria.

NMS: Antropólogos, certamente.

CD: E até psicólogos. Eu estava no *School Department* e naquelas salas de trabalho havia gente, professores também, evidentemente, muita gente que participava e esse diálogo com as outras profissões era uma coisa fundamental. Havia outro sector também muito importante, que era o da construção pesada: a prefabricação. A prefabricação veio para cá por nossa iniciativa. Agora, não me recordo do nome, mas houve alguém que fez uma notável prelecção sobre os aspectos sociais da habitação e veio outro tipo chamado Turim que era um engenheiro italiano. Vieram de Milão, salvo erro, apareceu cá e fez uma comunicação, quer dizer, uma entrevista. Foi o Portas que tratou disso, porque o Portas ia muito a Itália e, naquela altura, já conhecia o Bruno Zevi. O Turim veio cá e fez uma conferência muito importante sobre prefabricação. Essas coisas surgiam como completa novidade porque embora se falasse vagamente disso no 1º Congresso de Arquitectura, a verdade é que não havia nada onde nos pudéssemos agarrar. A construção, no essencial, continua a ser feita em betão armado, tijolo e pedra, as coisas tradicionais, mas por vezes, já com uma expressão moderna, o que, aliás, criava também alguns equívocos, diga-se de passagem. Bem, seja como for, naquela altura, houve uma tentativa séria da nossa parte, de ligar a nós outras pessoas. A certa altura, quando eu tomei conta da revista, quando o Frederico Santana morreu, salvo erro em 58, 59. Eu tomei conta da revista e criei uma pequena equipa que incluía o José Augusto França que tratava das artes plásticas. Eu criei dentro do próprio concelho de redacção e tratava da relação com a

Arquitectura. Incluía o Gonçalo Ribeiro Teles que era o meu homem da energia e do paisagismo, incluía um tipo, que agora não me lembro o nome, que era um engenheiro e que tratava dos aspectos técnicos da construção – coitado do homem morreu muito cedo – e incluía o Teotónio Pereira, que tratava da habitação social. Havia poucos arquitectos e os que havia disputavam os *ateliers* onde iam trabalhar. O mais disputado em Lisboa era, de facto, o do Teotónio Pereira que era onde os arquitectos tinham mais trabalho e também mais prestígio. Portanto, as pessoas que queriam aprender qualquer coisa, iam para esses poucos *ateliers* que tinham, de facto, um carácter inovador e culturalmente mais avançado.

NMS: Funcionavam como escolas.

CD: E realmente o Teotónio foi uma pessoa de uma extraordinária importância por todos os motivos. Não só pela obra que deixou, que deixou porque ele também já não trabalha, a verdade é essa, mas também porque era um homem tolerante, democrata nas suas relações e que abria as portas a uma grande discussão. Apesar de nunca lá ter trabalhado, sei que as obras dele eram fruto de um grande diálogo.

NMS: Exactamente e há aí também um eclectismo qualquer, uma abertura.

CD: Coisas como a igreja.

NMS: Exacto e depois o ‘franjinhas’, por exemplo, e outras coisas.

CD: Eu sei que eram obras extremamente discutidas. E ele foi realmente um elemento de extrema importância aqui em Portugal.

NMS: É muito central e, ao mesmo tempo, também muito desviante, porque dentro desse panorama, ele assume esse protagonismo em Lisboa, sem dúvida alguma. Mas o que eu quero dizer é: quando se pensa no ‘lugar-comum’ da Arquitectura Portuguesa contemporânea, pensa-se no Porto. E o Teotónio parece assim um pouco, não sei muito bem, fora desse filão. Eu não sei bem onde o enquadrar porque, se calhar, não é enquadrável. Porque as influências eram muitas.

CD: Eu acho que, de certo modo, o Teotónio é vítima do seu próprio espírito democrático, assim como o Pedro de Almeida, que é uma personagem muito forte, como o Nuno Portas, o Vítor Figueiredo e outros. Tudo arquitectos que, mais tarde, têm uma obra própria muito importante e que são pessoas de uma grande presença, de uma grande força. O Manuel Vicente que suponho que também lá trabalhou. Essas pessoas, evidentemente, deixaram marca e ele deixou que deixassem. Pois, é isso, é um espírito aberto!

NMS: Nessa sistematização crítica que era inovadora e foi, de facto, marcante e mais uma vez voltando aos seus textos, aos textos do Portas, da revista. Acha que isso, de alguma maneira, teve impacto na classe?

CD: De facto, a primeira revista era lida, praticamente, por quase toda a classe, senão toda, quase toda. Nós tínhamos uma tiragem, que já não me lembro qual era, mas era uma tiragem elevada, para o meio em que vivíamos. Também vendíamos alguma coisa, não muito, para países como o Brasil, Cuba e mais não sei o quê. Mas, realmente, o grosso da venda era feito em Portugal. E, realmente, a revista chegava a

toda a parte, porque era única. A certa altura houve outra, que era a “Binário”, do Tainha, mas que não chegou a instalar-se, teve uma vida curta. Nós, realmente, mantivemos a revista durante muito tempo, 20 e tal anos e depois continuámos com a “Arquitectura Portuguesa”, já noutra fase, depois do 25 de Abril. O que tínhamos era grandes dificuldades financeiras, como é óbvio, não é? Mas, quanto ao impacto, não duvido nada porque efectivamente publicámos os projectos que achámos mais interessantes e fazíamos, normalmente, a crítica desses projectos. Abordávamos temas muito variados, nomeadamente temas de habitação social e de urbanismo que, também, eram muito tratados e aprendi alguma coisa. A minha geração, que acabou o curso nos anos 50, essa geração tinha a paixão do urbanismo e da habitação. É uma questão ideológica. Tinha muito que ver com a nossa formação e as nossas convicções políticas e a nossa ideologia. De qualquer forma, tínhamos realmente essa paixão. Um grande número de arquitectos daquela altura, eu fui um caso, mas havia muitos mais que ingressaram em organismos públicos, simplesmente porque era nesses organismos que podíamos trabalhar naquilo que nos interessava. Eu fui para o GTH - Gabinete Técnico da Habitação, porque estavam lá a fazer os Olivais. Outros foram para as Câmaras de Lisboa e do Porto e, também, para as habitações sociais do Ministério da Previdência Social. Mas fomos muitos, não foram alguns, muitos mesmo, dezenas de arquitectos. Na altura que projectei Olivais com o Rafael Botelho, tínhamos cerca de 100 arquitectos fora do GTH a trabalhar para o Olivais Sul.

NMS: O que é um número bastante considerável para a data.

CD: Considerável, em relação aos arquitectos que existiam. Abrangia, não só, os mais novos, que também lá estavam em força, como também os mais velhos que realmente participaram naquilo. E quer dizer, era a paixão da altura, a grande paixão da altura. Portanto, isso tinha muito que ver com as necessidades do país, porque havia um grande défice habitacional, portanto justificava aquele famoso Decreto nº 42454 – ainda me lembro do número – mas também tinha a ver com os nossos próprios desejos, desejos de classe. Acontece uma coisa, é que o esforço principal nesta área e verificou-se com as novas directrizes que permitiam habitações colectivas, manifesta-se a partir dos anos 60. Já antes se tinha feito Olivais Norte, mas que apesar de tudo não é um empreendimento tão grande. A dimensão não era a mesma, mas de qualquer maneira, já tinham feito qualquer coisa. E, a partir dos anos 60, aliás 59, quando começa a acção do GTH e nós somos, então, entregues a uma cidade com 50.000 habitantes, acabou por ser muito mais, como é óbvio, ali em Olivais. Portanto, isso já prometia. E o Fernando Álvaro Reis, que era o arquitecto que dirigia aquele grupo de arquitectos das habitações do Ministério, com a sua equipa das habitações económicas, efectivamente também teve uma acção enorme em todo o país. Ao contrário de nós, que estávamos instalados em Lisboa, ele tinha, realmente, uma acção e cobriu o país com núcleos de habitação aqui, ali e acolá. Além de ter feito um belíssimo projecto para o Olivais Norte. Portanto, essa era a paixão da altura, mas que começou a esmorecer porque, entretanto, havia uma coisa exterior a nós, que era a guerra das colónias, ex-colónias. Essa guerra das colónias veio, de certo modo, atrasar todos os programas. O Estado ou o governo, não tinha dinheiro para acudir à guerra e às necessidades dos portugueses ao mesmo tempo. De

maneira que, quem sofria, obviamente, eram as necessidades dos portugueses aqui na metrópole. Para já porque os programas não eram tão ambiciosos, eram mais pequenos e porque, simultaneamente, se iniciou um processo que nunca mais parou, que foi o processo de especulação sobre os terrenos urbanos e que deu origem a uma modificação considerável, nomeadamente, na cidade de Lisboa. No Porto não foi tão grave, porque mais uma vez, os tipos do Porto tiveram um destino diferente.

NMS: No melhor e no pior dos sentidos.

CD: Para mim tem coisas negativas e positivas. Negativas são estas que, realmente, todo o processo imobiliário que foi catastrófico para a cidade, como sabemos. Mas havia, por outro lado, também muita gente competente a trabalhar nas câmaras. Houve um francês que foi para a Câmara do Porto e havia outro que eu agora não me lembro. O Plano Director de Lisboa, naquela altura, era do... bem, é fácil de saber. De qualquer modo, havia também grupos de trabalho que faziam os planos directores das cidades, o que era uma grande conquista. Havia também já coisas feitas com técnicos estrangeiros qualificados, dentro da influência francesa que era o que dominava. Aí há um aspecto engraçado, quando fomos para o Olivais Sul eu estava muito influenciado pelas *New Towns*, que eu já conhecia de visitas e tal. A experiência inglesa, o Plano Director de Londres, aquelas coisas todas que, na altura, eram coisas escaldantes, mas que eram permitidas por muitas vias, nomeadamente, pela revista "*L'urbanística*", do Giuseppe Samoná. Grande revista e que hoje está esquecida, mas que tem uma visão extraordinária sobre o que se passava em termos de urbanismo em todo o mundo. Eu fui a Estocolmo, de propósito, para falar com o urbanista do novo plano de Estocolmo que era, na altura, uma referência técnica muito importante. Mas, quer dizer, aí as coisas começaram-se a complicar e a enriquecer, simultaneamente. Paralelamente a isso era mesmo no Porto que vinha a surgir com uma grande surpresa - o Siza Vieira, claro. O Siza Vieira, aluno do Távora, que o convidou para fazer uma Casa de Chá, em Matosinhos, sobre o mar. Naquela altura nós, eu e o Nuno Portas, íamos com alguma frequência ao Porto. Conhecíamos o Távora e eu passei a conhecer o Siza num jantar lá em casa dele (Távora). Fui ao *atelier* dele, mesmo antes de ver as coisas importantes dele, vi uma série de desenhos dele, um deles da Avenida dos Aliados e que nunca se realizaram. E fomos ver, eu e o Nuno, fomos ver a Casa de Chá e ficámos assombrados! A verdade é que tudo aquilo por que nós lutávamos, entre aspas, todas aquelas ideias que nós tínhamos querido afirmar estavam ali pegadas. Influência do Alvar Aalto, evidentemente e talvez, longinquamente do Wright, é possível. Mas realmente uma tremenda capacidade, a piscina... E antes disso, vimos três ou quatro moradias que ele fez. Feitas à mão, como se fosse gesso, assim com as mãos, atira aquela moradia para ali, mas com um controle de ambientes, especialmente da luz interior, um controle extraordinário.

NMS: Com uma urgência espacial muito grande.

CD: Ele fez para a família. Bem, por aí em diante, ficamos abismados. Ele é arquitecto, foi uma coisa que nós os dois dissemos. E pronto estávamos muito satisfeitos. Falámos uns com os outros, o Losa, tem coisas interessantes,

nomeadamente um conjunto de casas operárias muito interessantes. Quer dizer, andávamos ali a vasculhar o que se passava e a conversar. Passámos horas no *Magestic*, a discutir com o Arnaldo Araújo – que era muito inteligente – com o Gigante e com os outros, uma série deles e lá andámos naquelas vidas. E em Lisboa, na Brasileira, as coisas também animavam, no café e noutros sítios. E eis senão, quando somos apanhados com raras coisas, como o aparecimento das casas urbanas naquela exploração imobiliária. As demolições de coisas preciosas, o desaparecimento, quase total, das Avenidas Novas, todo este processo lamentável a que nós assistimos na altura. E as coisas são o que são! Ao mesmo tempo, surgia um novo factor, uma coisa nova que era o Algarve. O Algarve tinha um plano de urbanização, primeiro do Keil do Amaral, depois do Dodi, o arquitecto italiano que fez o plano do Algarve, mas ninguém ligava nenhuma aos planos, as câmaras queriam era ganhar dinheiro. De qualquer forma, foi um momento triste porque, realmente, viemos a assistir no Algarve a uma coisa que nunca se tinha visto que era o surgir, em simultâneo, dos mais fantasiosos estios que se possa imaginar. Os que vinham do Japão ou da América fazer o rural português. Eles faziam brutalismos algarvios, as maiores loucuras que ainda hoje lá estão, infelizmente. Mas eram, realmente, as fontes de rendimento mais apetecíveis na altura e, outra coisa, que eram os edifícios de escritórios em Lisboa. Muitos, muitos, Lisboa está cheia destas coisas. Bem, e outra coisa que surgiu, também, numa vertigem, foi o arranjo de lojas ou lojas novas. Houve primeiro o Keil que fez bastantes coisas e, depois, há um tipo de grande talento, que fez lojas lindíssimas, que foi o Victor Palla. O ‘Noite e Dia’, que já desapareceu, era uma loja muito bonita, como muitas outras que ele faz. Mas, ainda, há uma na Avenida da República, o snack-bar, aquele grande, é uma das poucas que ainda resiste e há, também, o ‘Tic-Tac’. Houve novas fontes de trabalho, mas nestas coisas há sempre coisas boas e coisas más. Também surgiu, por parte da Câmara Municipal de Lisboa, no tempo do Álvaro Barreto, surgiu a consciência da necessidade de fazer qualquer coisa de diferente, com gente diferente. E a gente diferente foi mesmo a geração de esquerda, do racionalismo, que foi convidada a fazer uma série de conjuntos habitacionais em Lisboa. Um aqui em baixo, do João Belmati e do outro que foi professor, aquele da Avenida dos Estados Unidos da América. E antes disso, talvez o melhor de todos e o mais arrojado, e aquele que fez arrancar tudo, que foi o Bairro das Estacas. O Ruy d'Athouguia, um grande arquitecto, diga-se de passagem. Um grande arquitecto, que nunca foi avaliado, penso eu, na dimensão que ele teve.

NMS: Mas o que é interessante é que, no Porto, eles mantêm esta lógica de continuidade, até nas pessoas que se sucedem uns aos outros. Estava a reler o “Problema da Casa Portuguesa” do Távora, e de repente, anos antes há um texto de Mumford, que não sei se lhe diz alguma coisa...

CD: Você está a falar num nome sagrado.

NMS: E, diga-me uma coisa: “*The South of Architecture*”?

CD: Pois, o Mumford foi extremamente importante. Justamente para as nossas teses e para as nossas convicções na altura. O Mumford, até certo ponto, era um

homem pensador, um sociólogo e fez um trabalho muito interessante a vários níveis, nomeadamente, sobre a evolução das tecnologias, através do tempo. Era revivalista, tinha muito os olhos postos na idade média. Era um grande admirador dos homens do movimento *Arts and Crafts*, em Inglaterra, o Ruskin e outros. Falava daquela Arquitectura da época. Ele e outro homem muito importante na altura, que foi o Pevsner, Nikolaus Pevsner. Esses tipos, de certo modo, foram os pré-rafaelitas. A Inglaterra sempre foi um país com uma grande influência nestas coisas da Arquitectura, principalmente por causa do plano de Beveridge, do plano social e económico, que também foi feito durante a guerra – diga-se de passagem – para Londres. Todos nós íamos a Londres, íamos beber as ideias daqueles tipos, que, de facto, não eram tão brilhantes como alguns arquitectos do continente, como eles diziam. Mas que tinham uma visão mais pragmática e também científica das coisas, por isso é que nós bebíamos. Na altura o urbanismo inglês era de vanguarda, mas não era único, porque na América também já havia, muito importante, mas de qualquer forma, os ingleses, de facto, para nós eram gente, enfim eram referências. O Gibberd e uma série de indivíduos que trabalharam nessa altura fizeram coisas notáveis. Eu visitei aquelas cidades novas quase religiosamente. Saí de Portugal e fui visitar as *New Towns*. Não fiquei desiludido, mas fiquei à beira da desilusão. Quando estava no LCC, mostrei o meu entusiasmo pelas novas cidades e foi com grande espanto que vi uns senhores, uns arquitectos ingleses a torcerem o nariz. E eu perguntei: “Porquê?” e eles disseram: “Você sabe o que é que aconteceu nas novas cidades? Aquela malta que foi do *East End*, o *East End* foi esmagado durante a guerra” – milhares de pessoas que viviam miseravelmente no *East End* de Londres foram transferidas para as novas cidades – “Pois sabe o que é que está a acontecer? Os tipos estão a voltar para os antigos sítios, para as antigas casas”. E então perguntei: “Mas porquê?” ao que me responderam: “É simples. É o sítio onde eles têm os amigos, onde tradicionalmente vivem, onde sempre viveram, onde querem viver. É o ambiente deles. E aquilo é um ambiente frio, exterior a eles e não sei quê”. E de facto, os sociólogos ingleses, naquela altura, eram tipos muito importantes. Eu tenho vários livros dessa malta. Realmente estudaram esses problemas e o problema da permanência e do hábito, do viver longos tempos num sítio, dos laços de vizinhança, essas coisas todas, eram coisas de uma extraordinária importância. E todos eles, enfim, sublinhavam esse factor. Nos Olivais, bem, Olivais foi uma coisa muito importante, porque foi um banco de ensaio para muitas coisas. Deliberadamente, nós nos Olivais, tanto eu como o Rafael Botelho, abdicámos de um certo brilho formal. Mas Olivais tem um defeito, se é que isso é defeito, é que não tem unidade estilística, nem sequer ambiental, porque aquilo está metido em células e aquelas células foram dirigidas por pessoas diferentes. Para além do plano geral, com o Botelho, fiz umas células, que foram as células C. Mas, por exemplo, as células B, que eram responsabilidade do António Freitas, que era um homem de convicções racionalistas fortes e por isso têm um carácter completamente diferente e os arquitectos que ele convidou eram outros. A minha equipa era constituída, na parte propriamente da categoria 1, que era a mais importante, pelo Nuno Portas e pelo Bartolomeu Costa Cabral. Dois tipos de uma formação já próxima, próxima não, no fundo era a nossa. Portanto, isso dá logo a

ideia a uma diversidade de situações e de soluções, soluções muito diferentes. Portanto, foi deliberadamente um banco de ensaios. E não só não há paredes nas escadas, mas principalmente na solução do *habitat*, da vivência das casas. E isso foi uma coisa que nós fizemos de forma deliberada porque, realmente, pensámos que era necessário fazer. Porque, simultaneamente, Olivais foi uma coisa única em Portugal, penso eu, nunca mais se fez nada assim. E o gabinete de estudo, esse gabinete de estudo ia estudando o que se passava. Tínhamos sociólogos...

NMS: Essa questão que me falou, há pouco, dessa interacção com outras disciplinas é que me parece muito importante.

CD: Exactamente. E, quer dizer, essa gente bem especializada naquelas coisas, escapa-me o nome, mas havia também uma equipa de raparigas que faziam inquéritos e esses inquéritos iam dando indicações. Lembro-me de um inglês, mas efectivamente as soluções que ele apresentou e que foram aprovadas por nós, mas acho que não deviam ter sido, eram soluções britânicas, matérias da época. Só dou um exemplo: as casas de jantar eram iluminadas, porque as pessoas comiam na cozinha e as cozinhas tinham um espaço com uma mesa, para poderem comer numa cozinha. Sabe o que é que aconteceu? O que nos comunicaram as assistentes sociais? É que praticamente toda a gente fez uma coisa: mandou fazer com tijolo ou mesmo com cartão, uma divisória para dividir a parte da área das refeições da cozinha. Para ele aquilo era quase uma humilhação, uma desconsideração: “Eu comer na cozinha?”. Queriam a sua sala de jantar. Isto era um exemplo ao acaso, porque havia muitas coisas deste tipo e o que nós verificamos é que os arquitectos, muitas vezes, não tinham grande preparação para aquelas aventuras.

NMS: Falava-me do Mumford. Acha que o Mumford chegou, por acaso, ao conhecimento do Távora?

CD: Chegou, de certeza.

NMS: E em que anos?

CD: Quer dizer, isto passava-se nos anos 40. Havia uma livraria, ali ao pé do Saldanha, que tinha essas coisas todas. Era uma livraria onde nós nos íamos abastecer de livros americanos, ingleses e italianos, havia de tudo. É evidente, que há uma influência, porque todos nós comunicávamos, não é? Portanto, as influências saltavam, até saltavam do Atlântico para aqui. Eram do Atlântico e vinham para cá.

NMS: Pois, existia. Porque há aqui uma mitificação de que éramos todos muito pequeninos.

CD: Sim, sim. O Mumford foi um autor muito importante, mas nós descobrimos, na altura, muitas coisas que nos entusiasmavam. Por exemplo, a Escola de Chicago, o Sullivan, nesta altura, era um ídolo. Eu tenho um livro com textos do Sullivan, aí algures, todo sublinhado. Dizíamos frases do Sullivan: “*form follows function*”; era uma coisa extraordinária, que falávamos com muito entusiasmo. Mas realmente tem razão numa coisa é que havia bases comunicantes e existiam, pelo menos através de mim e do Portas, que era quem ia, de facto, ao Porto, os outros não iam. Mas eu e ele

íamos muito lá e os nossos contactos eram, fundamentalmente, o Távora, o primeiro. O Távora era um arquitecto espantoso e eu gostava muito do Távora.

NMS: Mas, de facto, ele viajava muito. Portanto, era uma pessoa cultíssima, certamente.

CD: O Távora não gostava de viajar e houve uma altura em que ele teve uma bolsa de estudo e foi até à América, onde conheceu o Gropius. Acho que foi em Harvard ou em Yale, já não me lembro. Então foi lá à escola, falar com ele algures pela hora do almoço, e eu acho que o Gropius puxou de uma sandes e disse: “Olhe, você não quer almoçar?”. Ficou aterrado: “O Gropius...”. O Távora era um portista, era um nortenho: um tipo formidável.

NMS: Voltando atrás, para fecharmos aqui esta nossa conversa. E o “Inquérito”?

CD: Não, eu não participei. Tem muita importância, mas eu não participei, porque também as bases científicas do “Inquérito” não foram muito ao meu gosto.

NMS: Que é o que o Portas escreve: “Cuidado que aquilo pode ser um catálogo perigoso”, não é?

CD: Ele descobriu isso, com toda a razão. Era um catálogo perigoso. E tão perigoso era, que, inclusivamente, os próprios tipos do regime do Estado Novo gostaram da exposição, acharam aquilo formidável. Eles estavam a pensar em fachadas, em objectos decorativos nas fachadas, era o que eles pensavam. Mas olhe que foi importante.

NMS: E acha que de alguma maneira, hoje ao olhar para estes últimos 50/60 anos, consegue descobrir alguma identidade no meio disto tudo? Muito, se calhar, a reboque de uma série de protagonistas.

CD: Eu acho que uma identidade não é fácil de dizer, mas identidades, isso sim. Repare só, nós fomos sempre muito permeáveis às influências que vêm de fora. E, realmente, essas influências foram marcantes, marcaram um bocado a Arquitectura. Nós temos um período racionalista em que há alguns prédios feitos em Lisboa que podiam ter sido feitos em Paris ou noutro sítio qualquer. E, de facto, essa influência foi sempre fácil. Fomos muito influenciados por uma Arquitectura mais próxima de nós, próxima e distante, simultaneamente. A Arquitectura Brasileira, a influência do Niemeyer, do Lúcio Costa e desses arquitectos brilhantes, nos anos 50/60, foi importante. Falavam a mesma língua, eram próximos e aliás, houve outros tipos, o Mário não-sei-quê, um tipo mexicano, que também foi muito importante aqui. Quer dizer, sempre fomos um país muito aberto. Nós damo-nos bem com toda a gente.

NMS: Há aqui uma ‘mestiçagem’ de uma série de coisas.

CD: Há, efectivamente, uma ‘mestiçagem’ e isso revela-se também na Arquitectura. Se uma pessoa chegar aqui, começa a andar atrapalhado a tentar responder a essa pergunta. O que lhe diz, provavelmente é o que eu lhe digo: há várias tendências visíveis ao longo dos últimos 50 anos e algumas mais evidentes do que outras. Mas isso sempre esteve muito ligado, ou dependente, da situação política e ideológica do país. No Estado moderno nós fomos influenciados, principalmente,

pelos revivalismos das câmaras. Depois, libertámo-nos disso, mas deixámo-nos vencer pelas leis do mercado, pelo seu pior aspecto e a certa altura começámos a ter uma Arquitectura comercial ou mercantil. Uma Arquitectura que, pura e simplesmente, respondia às necessidades do mercado, e como você sabe, o mercado exige novidades, não podemos parar. As coisas mais esquisitas, deste mundo, que surgiam na América ou na Europa, aqui e ali, caíam aqui também, eram absorvidas. E também há que dizer que a maior parte dos arquitectos saía das escolas com pouca consciência do que é a Arquitectura. Com pouca cultura arquitectónica. O Gropius é que dizia que a história da Arquitectura só se devia dar no último ano.

NMS: Ele sabia o que dizia...

CD: Exacto, ele sabia o que dizia, a pensar no *design*, evidentemente. Era uma ciência, uma técnica que aprendia na escola e, portanto, não queria ver essa aprendizagem manual, da prática, da *práxis*, não a queria ver deformada pelo ensino teórico. É uma posição mais do que discutível e eu penso que foi rapidamente ultrapassada, mas está bem, era a posição dele. Mas cá, antes de mais nada, é realmente, um problema de cultura.

NMS: E é por aí que eu tenho andado. É, de facto, a definição de cultura.

CD: Realmente, muitos dos nossos arquitectos têm uma formação teórica débil e já foi pior. No tempo do Pardal Monteiro era ainda mais frágil.

NMS: Por isso e que eu acho que o vosso trabalho da revista foi um auge.

CD: O Modernismo é um equívoco e em Portugal nunca foi uma teoria, nem um conceito, nem conjunto de ideias. Mas, no meio desta mescla enorme, deste *patch work*, que é a Arquitectura em Portugal, provavelmente é tudo. Mas deste '*patch workzinho*', talvez haja algumas linhas que eu, sinceramente, não descortino. Há problemas de escala, é verdade, a nossa escala não é grandiosa, nós somos dados a um discurso mais calmo, mais baixo. Mas tirando isso, é possível uma pessoa olhar para uma obra aqui em Lisboa e detectar as várias influências. Provavelmente é essa mesma a característica mais importante da nossa Arquitectura.

NMS: Concorro, sem dúvida alguma. Porque depois há aqui outras coisas, como o Siza e outras personagens, que fundaram esta leitura exterior e interior. O Siza, para nós, continua a ser uma referência nas aulas. Há aqui este filão que, depois, durou e perdurou até aos dias de hoje. Mas acho que há aqui outra coisa curiosa, é que há aqui algumas questões de espaço, quase matriciais, que ainda hoje perduram. E mais estilo, menos estilo, as pessoas conseguem identificar algumas coisas que, se calhar, sejam nossas, não sei muito bem-quais. Se calhar nos Olivais também há o pátio.

CD: Quer dizer, no fundo isso nós podemos ver com a expressão da nossa Arquitectura. Evidentemente podemos recorrer ao "Inquérito". Obviamente que o "Inquérito" está cheio de ensinamentos, mas o "Inquérito" está de acordo com a ideia do Orlando Ribeiro, de que Portugal é um pequeno país com muitos países. Somos muitos países. Quem é que vai comparar o Algarve e o Alentejo com o Minho e Trás-os-Montes?

NMS: Não se pode...

CD: É fantástico, mas é um país com uma diversidade assombrosa. Esta diversidade manifesta-se em tudo, nomeadamente na Arquitectura. Há razões da mais variada espécie para isso e uma delas é o acesso aos materiais, por exemplo, não há granito em todo o país. Mas, de facto, talvez seja a nossa mentalidade, a nossa maneira de ser. Essa adaptação, esse apanhar de tudo o que vem de fora. Talvez uma certa modéstia e até, talvez, como diria o Salazar, uma certa humildade. Apanhamos tudo e mais alguma coisa.

NMS: E, de alguma foma, houve aqui uma recontextualização e que depois, de alguma maneira, é nosso. É à nossa escala, é pequenino, é atarracado. É, por exemplo, o caso, *grosso modo*, da Arquitectura Chã...

CD: E cada um, no Porto, em Vila Real ou em Tavira, faz a sua síntese.

NMS: Não é que eu queira dizer que há uma Arquitectura Portuguesa, nem nada que se pareça, mas sei que, à partida, é uma pergunta à qual eu já tenho uma resposta. E, basicamente, eu acho que tudo isto cai muito em lugares-comuns. Sem dúvida, que o “Inquérito” teve importância e o Congresso também. Mas há outra coisa e é isso que eu ando à procura, nesta relação mais directa com os intervenientes, que é o lado vivencial disto tudo e que, se calhar, se mitificou muito.

CD: Pois, por aí também somos variados, porque o que passou por Portugal, pelos árabes, de certo modo, modificou o quadro geral. Na verdade, não se instalaram em toda a parte e, realmente tornaram o Sul diferente do Norte, não há dúvidas. Começa logo aí, para lá do Tejo. Acima do Tejo e para baixo do Tejo somos gente diferente, de facto, somos diferentes. Curiosamente, embora falemos a mesma língua, não há dúvidas que há determinadas características, como a religiosidade, por exemplo, a forma de viver a religião não tem nada a ver uma coisa com a outra, entre o Algarve e o Minho. Há mil factores, é um país com muita gente, gente como dizia aquele inglês, que não se governa nem se deixa governar e é um pouco isso. Eu gosto muito de Portugal e sinceramente, e agora digo sem que pareça má vontade, mas eu realmente não conseguia viver noutro país, nem desejaria sair do país e há países que eu gosto muito. Gosto muito da França, toda a França e não só Paris, eu adoro França. Da Itália, com algumas reticências. Evidentemente, uma pessoa, no fundo, adaptava-se a qualquer sítio. Só estou a dizer isto, mas se fosse necessário moldávamo-nos e vivíamos em Nova Iorque muito bem.

NMS: Só para terminarmos, lembra-se do impacto do chavão Regionalismo Crítico? Recorda-se disso?

CD: Não, não teve impacto. Quer dizer, aquilo que eu saiba nunca foi. O Regionalismo Crítico? Não, a não ser, evidentemente, a eterna luta entre Lisboa e o Porto. Actualmente, eu tive alguns alunos, por exemplo, o Belém Lima que foi viver para Vila Real, era de lá. E alguns são de lá, o Graça Dias é de Trás-os-Montes. Mas, quer dizer, confesso que nunca acompanhei muito bem o que se passava pela província fora. O nosso diálogo foi sempre com o Porto, porque no Porto é que eles estavam. Claro que há arquitectos perdidos, aqui e ali, mas sofrem muitas vezes do

isolamento. Uma coisa que eu senti em muito arquitectos que fui conhecendo nas câmaras, pelo país fora, é que eram tipos que, mesmo quando eram de Lisboa ou do Porto, estavam limitados pela ausência de horizontes. Tipos que eu conheci, por exemplo, em Viseu, na Covilhã, aqui e ali. Gente que eu ia conhecendo, por várias razões, inclusivamente até por trabalhos no *atelier* que eu tinha aqui em baixo e que felizmente já não tenho.

d. Kenneth Frampton

Avery 403
Graduate School of Architecture, Planning and Preservation
Columbia University
29.04.2013

